

James Potter

E
A ENCRUZILHADA
DOS ANÇÕES



G. NORMAN LIPPERT

Baseado nas personagens e universos criados por J. K. Rowling

JAMES POTTER

E A ENCRUZILHADA DOS ANCIÕES



George Norman Lippert

Baseado nas personagens e universos criados por J. K. Rowling

Traduzido e editado para português por LLL



Composta por:

. mafia dos livros .

Armada Tradutora — Brasil

LLL — Hispanoamérica e Espanha

HPIImagens e PotterNews — Portugal

James Potter e a Encruzilhada dos Anciões (a “Obra”) é uma Fan Fiction da série Harry Potter e não foi criado pela autora original da história, J.K. Rowling, nem obedece aos seus patrocinadores. Nos casos em que a marca registrada da série (os “Direitos do Autor”) são usadas na Obra, tal uso é eventual e não contém propósitos de indicação de fonte. Estes tipos de marcas comerciais são e continuarão a ser propriedade da Mrs. Rowling e dos seus agentes. Pelo presente, o autor renuncia a qualquer interesse de ditos Direitos de Propriedade. A obra criada por G. Norman Lippert © 2007, traduzida pela equipa LLL Divisão Luso-Brasileira © 2008.

Como se sente por ser o filho do mago mais famoso de todos os tempos?

James Potter pensa saber, mas quando começa a sua própria aventura na Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts, descobre que é um grande desafio estar à altura do lendário Harry Potter.

Como se não fosse suficiente ter que tratar com os notáveis delegados da Escola de Feitiçaria Americana e lidar com os misteriosamente corteses Slytherins, James e os seus novos amigos, Ralph e Zane descobrem um complot secreto que poderia colocar os mundos mágico e muggle em guerra total.

Agora, com a ajuda de Ted Lupin e o seu bando de alegres agentes do alvoroço (os Gremlins), James revela o terrível objectivo da “Conspiração Merlin”, correndo contra o relógio para deter uma guerra que poderia mudar o mundo para sempre. Mas como saber se os seus esforços estão a ajudar a causa ou a facilitar os planos dos seus inimigos? Antes que James tenha a certeza, terá que aprender a diferença entre ser um herói e ser o filho de um herói.



ÍNDICE

PRÓLOGO

1. A SOMBRA DE UMA LENDA
2. A CHEGADA DE ALMA ALERON
3. O FANTASMA E O INTRUSO
4. O ELEMENTO PROGRESSIVO
5. O LIVRO DE AUSTRAMADDUX
6. O ENCONTRO DE HARRY DA MEIA-NOITE
7. LEALDADE QUEBRADA
8. A FORTALEZA DA GRUTA
9. TRAIÇÃO NO DEBATE
10. FÉRIAS EM GRIMMAULD PLACE
11. AS TRÊS RELÍQUIAS
12. VISUM-INEPTIO
13. A REVELAÇÃO DO MANTO
14. A ENCRUZILHADA DOS ANCIÕES
15. O ESPIÃO MUGGLE
16. O DESASTRE DO BASTÃO DE MERLIN
17. A NOITE DO REGRESSO
18. A ASSEMBLEIA DA TORRE
19. SEGREDOS REVELADOS
20. A HISTÓRIA DO TRAIADOR
21. O PRESENTE DA CAIXA VERDE

NOTA DO AUTOR

CONSIDERAÇÕES DOS EDITORES

*E então eu tenho uma cadeira alta de marfim para me sentar,
Quase como a de meu pai, que é um trono de marfim;
Ali eu me sento erguido e erecto, ali eu me sento sozinho.*

— Christina Rossetti

Prólogo

O Mr. Cinzento apareceu pela esquina e contemplou o corredor que se estendia para o ténue infinito, salpicado com balões flutuantes de luz prateada. Tinha percebido que os balões eram pântanos de fogo, presos num encantamento de espiral de tempo de forma a que fossem inextinguíveis. Nunca tinha ouvido falar de um pântano de fogo, e muito menos de um encantamento de espiral de tempo, mas de igual modo o Mr. Cinzento nunca tinha estado num lugar parecido com o Corredor dos Mistérios. Estremeceu.

— Não vejo ninguém — sussurrou para as duas figuras atrás dele. — Não há portas nem fechaduras, nada. Vocês acham que, talvez, eles tenham usado barreiras invisíveis ou algo do género?

— Não — respondeu gravemente uma voz. — Disseram-nos exactamente onde estavam os dispositivos de segurança, certo? Esta secção está limpa. A sentinela é a única coisa com que nos deveríamos preocupar. Se não vêem nada, continuem.

O Mr. Cinzento arrastou os pés.

— Eu sei o que nos disseram, mas tenho um mau pressentimento, Bistle. Eu tenho um sexto sentido para estas coisas. A minha mãe sempre mo disse.

— Não me chames de Bistle, seu parvalhão — disse a voz grave, que pertencia a um estranho goblin cinzento com camisa e calças pretas. — Quando estamos a trabalhar sou o Mr. Amarelo. Estou-me a lixar para o teu sexto sentido. Tu é que és um grande covarde quando estás num lugar desconhecido. Quanto mais cedo terminarmos, mais cedo voltaremos à cabana para comemorar.

A terceira figura, um homem alto e velho, com uma pontuda e branca barbicha de bode, caminhou e passou pelo Mr. Amarelo e avançou com indiferença corredor abaixo, examinando as portas.

— Vês como faz o Mr. Rosa? — disse o Mr. Amarelo, seguindo-o de perto e olhando em redor. — Sabe confiar na sua informação, se sabe. Sem sentinelas, sem problemas. Certo, Mr. Rosa?

O Mr. Cinzento seguiu o Mr. Amarelo, franzindo a testa amplamente e observando as portas misteriosas. Havia centenas, talvez milhares delas ao longo do interminável corredor. Nenhuma possuía nomes ou marcas de qualquer género. À frente, o Mr. Rosa podia ser ouvido a contar baixinho.

— Porque é que tenho que ser eu o Mr. Cinzento? — disse o Mr. Cinzento petulantemente. — Ninguém gosta de cinzento. Quase que não é uma cor.

O goblin ignorou-o. Depois de vários minutos, o Mr. Rosa deixou de andar. Os Mrs. Amarelo e Cinzento pararam atrás dele, olhando em redor com as sobrancelhas franzidas.

— Este não pode ser o lugar, Mr. Rosa — disse o goblin. — Não existem portas nesta secção. Tem a certeza que contou bem?

— contei bem — disse o Mr. Rosa. Olhou fixamente para o chão, e em seguida, arranhou uma secção de lajes de mármore com o pé. Uma delas tinha uma lasca no canto. O Mr. Rosa grunhiu e ajoelhou-se. Sondou o canto partido com um dedo. Assentiu para si mesmo, depois enganchou o dedo no buraco e deu um puxão. Uma parte rectangular do chão de azulejos ergueu-se, abrindo-se com o puxão do dedo do Mr. Rosa. Ele fez força e o bloco rectangular do chão deslizou para cima, como uma longa gaveta vertical, erguendo-se com um barulho irritante até que tocou no tecto. O bloco estremeceu. Era tão alto e largo como uma porta, mas apenas alguns centímetros mais espesso. O Mr. Cinzento olhou em volta e podia ver o interminável corredor do Departamento dos Mistérios expandindo-se atrás dele.

— Como sabias que estava aí? — exigiu o Mr. Amarelo, cruzando o olhar com o Mr. Rosa.

— Ela disse-mo — respondeu o Mr. Rosa, encolhendo os ombros.

— Com que então ela disse-te? Há mais alguma coisa que saibas e ainda não nos tenhas contado?

— Só o suficiente para nos tirar daqui — replicou o Mr. Rosa. — Tu és o especialista em fechaduras, o Mr. Cinzento é a força bruta e eu sou o guia. Todos nós sabemos o que precisamos saber, nada mais.

— Certo, certo, eu lembro-me — resmungou o goblin. — Então posso continuar com isto, sim?

O Mr. Rosa ficou a um lado enquanto o Mr. Amarelo se aproximava mais da misteriosa laje de pedra. Estudou-a cuidadosamente, entortando os olhos e murmurando. Encostou uma das suas enormes orelhas à pedra e bateu aqui e ali. Por último, procurou no bolso da sua camisa preta e tirou um complicado aparelho feito de dezenas de voltas de latão. Desdobrou uma e observou através dela a laje de pedra.

— Dificilmente vale o esforço, realmente — murmurou. — É uma fechadura *homunculus*. Só se abre quando ocorre um conjunto predefinido de circunstâncias. Poderia abrir-se apenas quando uma jovem ruiva cantar o hino nacional de Atlântida às três em ponto de uma quinta-feira. Ou quando a luz do sol é reflectida num espelho rachado no olho duma cabra. Ou quando o Mr. Cinzento vender um fantasma a uma salamandra roxa. Vi uns bons factores *homunculus* nos meus tempos, se vi.

— Esta é boa, então? — perguntou o Mr. Cinza com optimismo.

O goblin sorriu abertamente, mostrando uma grande quantidade de minúsculos dentes pontiagudos.

— É como diz o Mr. Rosa, não? Todos nós sabemos o que precisamos de saber para completar o trabalho. — Procurou noutro bolso e tirou para fora um frasco minúsculo de cristal cheio de um pó vermelho. Cuidadosamente, o goblin abriu o frasco e derramou o conteúdo no chão diante da placa de pedra. O pó fez um remoinho enquanto caía, de maneira que quando tocou no chão formou um padrão regular não natural. O Mr. Cinzento baixou os olhos e viu que tinha tomado a forma de uma mão esquelética com um dedo apontando para a placa.

O Mr. Amarelo tirou uma pequena ferramenta de latão e murmurou:

— *Acculumos*. — Um estreito feixe de luz verde saiu a brilhar do extremo do aparelho. O goblin agachou-se e colocou cuidadosamente a ferramenta na mão óssea, de modo que a luz apontou no ângulo exacto que apontava o dedo esquelético.

O Mr. Cinzento ofegou e deu um passo para trás. Viu que a luz cuidadosamente disposta do instrumento do Mr. Amarelo, não tinha sido colocada de forma aleatória sobre a superfície áspera de pedra da placa. O jogo de luzes e sombras revelou uma gravura decorada de um esqueleto sorridente rodeado por formas de pequenos demónios que dançavam. A mão direita do esqueleto estava estendida, formando algo parecido com a maçaneta de uma porta. A mão esquerda estava em falta, e o Mr. Rosa estremeceu novamente, consciente de que essa mão era a formada pelo pó vermelho no chão.

— É uma dança macabra — disse o Mr. Amarelo estudando a gravura. — Uma dança da morte. Revelada com pó de sangue de dragão e luz de caverna. Sim, isto é bom, Cinzento.

— Dá para abrir, então? — perguntou o Mr. Rosa ligeiramente.

— Nunca esteve trancada — respondeu o goblin. — Simplesmente tínhamos que saber por onde puxar. Sinta-se à vontade para fazer as honras, Mr. Rosa.

O homem alto e barbudo aproximou-se da laje, com cuidado para não bloquear a luz verde. Estendeu a mão e fechou-a ao redor do punho esquelético estendido da gravura esquelética. Girou-o, produzindo um click irritante. A forma gravada da porta abriu-se para dentro, revelando um grande espaço escuro e um som de água que gotejava distante. Um ar frio saiu pela abertura, enchendo o corredor e fazendo ondular a camisa preta do Mr. Amarelo. O Mr. Cinzento tremeu quando o suor na sua testa arrefeceu.

— Onde levas isso? Este lugar nem sequer é aqui, se é que vocês me entendem.

— Claro que não é — respondeu objectivamente o Mr. Amarelo, que também estava claramente abalado. — É o depósito oculto. Falaram-nos dele, como de tudo o resto. Aí é onde está o cofre. Vamos agora, não temos muito tempo.

O Mr. Rosa conduziu-os através da entrada da porta, agachando-se para passar por ela. Tornou-se evidente pelo cheiro e pelo eco de seus passos que estavam numa profunda caverna. O Mr. Rosa sacou da sua varinha e acendeu-a, mas isso revelou pouco mais do que a brilhante e húmida rocha sob os seus pés. A escuridão absorvia a

luz, e o Mr. Cinzento tinha a sensação de que se encontravam num lugar tão profundo que nunca tinha visto a luz do sol. Um frio cru e com cheiro a mofo pressionava as suas peles, fazendo-os tremer depois do calor no corredor. O Mr. Cinzento olhou para trás uma vez e pôde ver apenas a forma da porta que tinham deixado. Brilhava intensamente como uma coluna de luz prateada, como se fosse uma miragem.

— O-onde acham que estamos? — perguntou.

— Num bolso de ar numa caverna por baixo do oceano Atlântico — respondeu o Mr. Rosa, ainda caminhando.

— Por baixo... — disse debilmente o Mr. Cinzento, então engoliu em seco. — Tenho um mau pressentimento sobre isto. Realmente mau. Quero voltar, Bistle.

— Não me chames de Bistle, — disse o goblin automaticamente.

— Em todo caso, o que há nesse cofre? — gemeu o Mr. Cinzento. — É bom que tenha muito valor. Não consigo pensar em qualquer coisa pela qual valha a pena vir a um lugar como este.

— Nunca te importaste com isso. — disse o Mr. Amarelo de forma grosseira. — É mais do que alguma vez sonhaste. Nunca mais teremos de trabalhar assim novamente. Sem mais crimes insignificantes nem assaltos à meia noite. Uma vez que tivermos o cofre, estaremos feitos para sempre.

— Mas o que há nele? — insistiu o Mr. Cinzento. — O que há dentro do cofre?

— Bem, vamos ter de esperar para ver, não é?

O Mr. Cinzento parou de andar.

— Tu não sabes, pois não?

O Mr. Amarelo cuspiu.

— Não importa o que seja, seu estúpido. Contaram-nos que era mais do que alguma vez poderíamos sonhar, não contaram? Tudo o que temos que fazer é roubar a caixa e dar os vinte por cento ao nosso informante interno. Não nos ajudariam a invadir o Ministério da Magia se não considerassem que a sua parte valia a pena, não? Além disso, o Mr. Rosa sabe o que é. Por que não lhe perguntas a ele?

— Eu também não sei — disse o Mr. Rosa pensativamente.

Houve um longo momento de silêncio. O Mr. Cinzento podia ouvir o constante gotejo da água a ressoar na escuridão.

Finalmente o Mr. Amarelo falou:

— Também não sabes?

O Mr. Rosa sacudiu a sua cabeça lentamente, pouco visível à luz da sua própria varinha.

O goblin franziu as sobrancelhas.

— Cada um de nós sabe o que precisa saber, não é?

— Tudo o que precisamos saber é onde ir — disse o Mr. Rosa. — Quando chegarmos lá, saberemos o que fazer.

O goblin assentiu, lembrando-se.

— Tudo bem então. Vamos, Mr. Rosa. És o nosso guia.

— Já chegamos — replicou o Mr. Rosa. — A partir daqui é trabalho do Mr. Cinzento. — Virou-se e fez brilhar a sua varinha acima deles. Um rosto horrível e monstruoso apareceu na escuridão, iluminado com a débil luz prateada da varinha. Os joelhos do Mr. Cinzento tremeram.

— É só uma estátua, seu tolo — grunhiu o Mr. Amarelo. — É a cabeça de dragão da qual nos falaram. Vamos, abre. Faz a tua parte, Mr. Cinzento.

— Odeio esse nome, — disse o Mr. Cinzento, avançando para a cabeça de dragão. Era mais alta do que ele, curiosamente formado pelas estalactites e estalagmites da parede da caverna. — Eu queria ser o Mr. Roxo. Eu gosto de roxo.

Agachou-se e deslizou as mãos entre os escorregadios dentes da mandíbula superior do dragão. O Mr. Cinzento possuía uma força incomum, mas erguer a mandíbula do dragão necessitou de cada grama da sua imponente energia. O suor deslizou pelo seu rosto e pescoço enquanto se esforçava, mas a estátua não se movia. Finalmente, exactamente quando o Mr. Cinzento tinha a certeza de que os seus músculos rasgariam e se soltariam dos ossos, ouviu-se um som como o de cristal a ser destróçado e a mandíbula soltou-se. As estalactites que formavam as dobradiças da mandíbula partiram-se. O Mr. Cinzento levantou a mandíbula até ficar alta o suficiente para que os outros dois a atravessassem.

— Depressa! — ordenou através dos dentes cerrados.

— Não soltes é essa maldita coisa sobre nós — gemeu o Mr. Amarelo enquanto ele e o Mr. Rosa mergulhavam para o interior da mandíbula escancarada do dragão.

A passagem após a cabeça do dragão era baixa e quase perfeitamente redonda. Estalactites e estalagmites rodeavam o espaço como pilares, suportando um tecto plano e em forma de abóbada. O chão de pedra formava diferentes níveis que desciam para o centro, onde uma estranha forma se acomodava na escuridão.

— Isto não é um cofre — afirmou o Mr. Rosa, sem rodeios.

— Não — concordou o Mr. Amarelão. — Mas é a única coisa aqui, não é? Achas que nós os dois o conseguimos carregar?

O Mr. Rosa desceu os terraços, deixando o goblin para trás. Estudaram o objecto por um momento e, em seguida, o Mr. Rosa colocou a sua varinha entre os dentes. Inclinou-se, agarrando o objecto, e fez um sinal com a cabeça para o goblin agarrar do outro lado. Era surpreendentemente leve, apesar de estar coberto de cálcio e outros minerais. De forma desajeitada, eles carregaram o objecto pelos terraços. A luz da varinha do Mr. Rosa balançava e sacudia, fazendo com que as suas sombras saltassem freneticamente nas paredes sustentadas pelos pilares.

Finalmente, empurraram o objecto através da mandíbula aberta da estátua de cabeça de dragão. O Mr. Cinzento suava abundantemente e os seus joelhos tremiam. Quando viu que os seus colegas tinham passado, soltou a mandíbula superior que se fechou subitamente e se estilhaçou, produzindo uma nuvem de pó arenoso e um

barulho ensurdecedor. O Mr. Cinzento caiu de costas sobre o chão de pedra da caverna, cansado do esforço.

— Então o que é isso? — perguntou o Mr. Amarelo, ignorando a pesada respiração do Mr. Cinzento. — Não parece valer uma fortuna.

— Eu nunca disse que valia uma fortuna — disse uma voz na escuridão por trás deles. — Simplesmente disse que era suficiente para que não tivessem que se preocupar durante o resto das vossas vidas. Engraçado como uma frase como esta pode ter tantos significados, não é?

O Mr. Amarelo virou-se, procurando a fonte da voz, mas o Mr. Rosa virou-se lentamente, quase como se estivesse à espera. Uma figura formou-se na escuridão. Estava vestida com roupas negras. O rosto estava escondido atrás de uma horrível máscara cintilante. Mais duas figuras vestidas de forma parecida surgiram da escuridão.

— Reconheço a sua voz — disse o Mr. Rosa. — Eu deveria saber.

— Sim, — concordou a voz. — deverias saber, Mr. Fletcher, mas não sabias. Os teus anos de experiência não podem competir com a tua inata cobiça. E agora é tarde demais.

— Espere — chorou Amarelo, atirando as mãos para o alto. — Tínhamos um acordo! Não pode fazer isso! Tínhamos um acordo!

— Sim, nós tínhamos, meu amigo goblin. Muito obrigado pelos teus serviços. Aqui está o teu pagamento.

Um lampejo de luz laranja emergiu duma das figuras mascaradas, golpeando o Mr. Amarelo no rosto. Ele tropeçou e agarrou a garganta com força, deixando escapar sons de asfixia. Caiu para trás, ainda a retorcer-se.

O Mr. Cinzento ficou de pé, trémulo.

— Isto não está certo. Não deveria ter feito isso com o Bistle. Ele só fez o que pediu.

— E nós apenas estamos a fazer o que prometemos — disse gentilmente a voz por de trás da máscara. Houve outro lampejo de luz laranja e o Mr. Cinzento caiu pesadamente.

As três figuras mascaradas aproximaram-se, rodeando o Mr. Rosa. Ele olhou-os desesperadamente.

— Pelo menos digam-e o que é — ele disse. — Contem-me o que é esta coisa que nós conseguirmos para vocês, e porque nos mandou apanhá-la em vez de vocês mesmos fazerem isso.

— A tua última pergunta, receio, não é da tua conta, Mr. Fletcher — disse a voz, girando à sua volta. — É como dizem: se to contássemos, teríamos que te matar. Se fizéssemos assim não estaríamos a cumprir com o nosso acordo. Prometemos cuidar de ti durante o resto da tua vida e temos a intenção de cumprir essa promessa. Pode ser que não seja uma grande vida, com certeza, mas os mendigos não podem escolher.

Uma varinha apareceu, apontando para a cara do Mr. Rosa. Não utilizava o nome Fletcher há anos. Desistiu dele quando desistiu de ser um vigarista. Tinha tentado duramente ser bom e honesto. Mas então tinham-no contatado para realizar este trabalho: um trabalho dentro do Ministério de Magia, um trabalho tão perfeito, com um pagamento tão grande, que simplesmente não era capaz de recusar. Naturalmente, decepcionaria todos os seus velhos amigos da Ordem, mas, de qualquer forma, a maioria deles já estava morta. Mais ninguém sequer sabia o seu verdadeiro nome. Ou pelo menos assim pensava. Aparentemente, estas pessoas sabiam quem ele era o tempo todo. Usaram-no, e agora iam desfazer-se dele. De certa forma, isso encaixava-se. Ele suspirou.

A voz continuou.

— Quanto à primeira pergunta, entretanto, espero que possamos responder. Parece justo. E depois de hoje, a quem irias contar? Vieste em busca de um cofre de riquezas porque és um homem pequeno com objectivos pequenos. Nós não somos pequenos, Mr. Fletcher. Os nossos objectivos são grandes. E graças a ti e aos teus parceiros, agora temos tudo o que precisamos para conseguir esses objectivos. A nossa meta é o poder, e o que vês aqui são os meios para esse poder. O que vês aqui, Mr. Fletcher... é simplesmente o fim do teu mundo.

O desespero invadiu Mundungus Fletcher e ele caiu de joelhos. Quando o feixe de luz laranja o golpeou, sufocando-o, cobriu-o de escuridão. Ele recebeu-a com prazer. Abraçou-a.

— CAPÍTULO 1 —

A Sombra de uma Lenda



James Potter movimentava-se vagorosamente pelo corredor do comboio, olhando tão friamente quanto o possível para dentro de cada compartimento. Para quem estivesse lá dentro, provavelmente pareceria que ele estava à procura de alguém, algum amigo ou um grupo de conhecidos com quem passasse o tempo durante a viagem, e isso era intencional. A última coisa que James queria que todos soubessem era que, apesar da confiança que recentemente mostrara ao seu irmão mais novo, Albus, na plataforma, ele estava nervoso. O seu estômago revirou-se e fez barulho como se ele tivesse dado uma mordida e meia numa das pastilhas Easyvômito dos seus tios Ron e George. Abriu a porta dobradiça no fim do vagão e passou cuidadosamente pela passagem para entrar no próximo. O primeiro compartimento estava cheio de raparigas. Elas conversavam animadas umas com as outras, já como melhores amigas, apesar do facto de que, provavelmente a maioria, tinha acabado de se conhecer. Uma delas virou-se e viu-o observando-as. Ele rapidamente desviou o olhar, fingindo estar a olhar pela janela para a estação apinhada de gente. Sentindo o seu rosto corar, continuou o caminho pelo corredor. Se ao menos Rose fosse um ano mais velha, ela estaria ali com ele. Era uma rapariga, mas era sua prima e tinham crescido juntos. Teria sido bom ter pelo menos um rosto familiar ali com ele.

Obviamente, Ted e Victoire também estavam no comboio. Ted, um aluno do sétimo ano, tinha sido tão rapidamente absorvido por um grupo de amigos e colegas de turma que mal teve tempo de acenar e piscar o olho para James antes de desaparecer dentro de um compartimento lotado de onde saía uma batida de música de um novo portátil. Victoire, cinco anos mais velha que ele, convidara-o para se sentar com ela durante a viagem, mas ele não era tão chegado a ela como era de Rose, e não lhe agradava a ideia de a ouvir tagarelar com as quatro amigas no compartimento sobre *blushes* de pó de pixie e feitiços para cabelos. Sendo metade *veela*, Victoire nunca tivera problemas para fazer amigos de ambos os sexos, rapidamente e sem esforço algum. Além do mais, alguma coisa em James dizia que ele precisava de começar a desenrascar-se por conta própria, mesmo que esse pensamento o fizesse sentir nervoso e sozinho.

Não é que ele estivesse nervoso por estar a ir para Hogwarts, exactamente. Ele esperara por esse dia a maior parte da sua vida, desde quando era crescido o suficiente para entender o que era ser um feiticeiro, desde que a sua mãe lhe contara sobre a escola que um dia ele frequentaria, a escola secreta onde jovens bruxas e feiticeiros aprendiam magia. Estava positivamente ansioso pela sua primeira aula, por aprender a usar a varinha nova em folha que carregava orgulhosamente na mochila. Mais do que qualquer coisa, ele estava à espera do Quidditch no campo de Hogwarts, montar a sua primeira vassoura de verdade, fazer os testes para a equipa, talvez, apenas talvez...

Mas era aí que a sua excitação se tornava uma ansiedade gelada. O seu pai tinha sido o seeker de Gryffindor, o mais novo da história de Hogwarts. O máximo que ele, James, podia esperar era que alcançasse aquele recorde. Era isso que todos esperariam dele, o filho primogénito de um herói famoso. Ele lembrava-se da história, contada dezenas de vezes (embora nunca pelo seu próprio pai) de como o jovem Harry Potter ganhara a sua primeira snitch dourada a saltar praticamente da vassoura, capturando a esfera de ouro com a boca e quase a engolindo. Os que contavam a história sempre se riam abertamente, com alegria, e se o seu pai estivesse lá, sorriria com vergonha enquanto lhe davam palmadas nas costas. Quando James tinha quatro anos, encontrou aquela famosa snitch dourada numa caixa no fundo de um armário da sala de jantar. A sua mãe disse-lhe que fora um presente do antigo director da escola para o seu pai. As pequenas asas já não funcionavam, e a esfera de ouro estava desbotado e tinha uma pequena camada de poeira, mas James estava hipnotizado com ela. Era a primeira snitch que ele via de perto. Pareceu-lhe ao mesmo tempo menor e mais larga do que imaginara, e o peso na sua mão surpreendia-o. “*Esta é a famosa Snitch*”, James tinha pensado com admiração, “*aquele da história, capturada pelo meu pai*”. Pediu ao seu pai se podia ficar com ela, guardada na caixa quando não estivesse a brincar com ele, no seu quarto. O seu pai concordou facilmente e com alegria, e James levou a caixa do fundo armário para um espaço por baixo da cabeceira da sua cama, ao lado da sua vassoura de brincar. Fazia de conta que aquele espaço era o seu armário de Quidditch. Ficava mais de uma hora a fingir sobrevoar o campo de Quidditch, perseguindo a snitch imaginária,

no fim sempre a capturando numa fantástica queda, extasiado, exibindo a velha snitch dourada do seu pai para uma multidão de gritos imaginários.

Mas e se James não pudesse capturar a snitch, como o seu pai tinha feito? E se ele não fosse tão bom sobre a vassoura? O tio Ron dissera que pilotar uma vassoura estava no sangue dos Potter tão certo quanto os dragões cuspirem fogo, mas e se James provasse que ele estava errado? E se ele fosse lento, desajeitado ou caísse? E se ele nem sequer entrasse para a equipa? Para os outros primeiros anos, seria apenas um pequeno desapontamento. Mesmo com as regras alteradas para os admitirem, pouquíssimos primeiros anos tinham entrado para as equipas. Para James, no entanto, significaria que ele não alcançava as expectativas. Já teria falhado em ser tão bom quanto o grande Harry Potter. E se ele não pudesse ao menos igualar-se ao seu pai em algo tão simples como o Quidditch, como poderia esperar que se sobrepusse à lenda do rapaz que derrotara o basilisco, ganhara a Taça dos Três Feiticeiros, reunira os Talismãs da Morte, e, ah sim, enterrara Lord Voldemort, o pior e mais perigoso feiticeiro das trevas de todos os tempos, para sempre?

O comboio deu uma longa e barulhenta guinada. Lá fora, a voz do maquinista ordenava que as portas fossem fechadas. James parou no corredor, atacado de repente por uma fria certeza de que o pior já tinha acontecido, falhara miseravelmente mesmo antes de começar a tentar. Sentiu uma profunda e repentina pontada de saudades de casa e segurou as lágrimas, olhando rapidamente dentro do próximo compartimento. Estavam dois rapazes lá dentro, calados, ambos a olhar pela janela enquanto a plataforma nove e três quartos ia lentamente ficando para trás. James abriu a porta e entrou rapidamente, esperando ver a sua família lá fora, sentindo uma enorme necessidade de olhá-los nos olhos uma última vez antes que fosse tarde demais. O seu próprio reflexo no vidro, iluminado pela luz do sol, borrava a visão da multidão lá fora. Estavam lá demasiadas pessoas, ele nunca os encontraria no meio daquele aglomerado. Ainda assim, procurou desesperado. E então ali estavam eles. Estavam exactamente onde os deixara, um pequeno grupo de pessoas paradas da mesma forma, como pedras num riacho. Eles não o viram, não sabiam em que parte do comboio ele estava. O tio Bill e a tia Fleur estavam a acenar para alguma parte mais à frente no comboio, aparentemente despedindo-se de Victoire. O pai e a mãe sorriam saudosamente para algo no comboio, olhando para as janelas. Albus estava ao lado do pai, e Lily segurava a mão da mãe, silenciados pela gigante máquina vermelha quando começou a soltar baforadas de vapor, assobiou e partiu, ganhando velocidade. E então os olhos da mãe encontraram James e o rosto dela iluminou-se. Ela disse alguma coisa, e o pai virou-se, olhou e encontrou-o também. Os dois acenaram, sorrindo orgulhosamente. A mãe secou os olhos com uma das mãos, segurando a de Lily com a outra e acenou. James não acenou de volta, mas observou-os e sentiu-se melhor de alguma forma. Eles foram ficando para trás como se estivessem numa passadeira rolante, mais rostos, mais mãos a acenar e pessoas na multidão. James observou-os até desaparecerem atrás de uma

parede ao fim da plataforma, então suspirou, largou a sua mochila no chão e sentou-se num banco.

Vários minutos passaram enquanto James olhava pela janela e via Londres a ser deixada para trás. A cidade transformou-se em subúrbios lotados e áreas industriais, tudo parecendo ocupado e determinado sob a luz do sol da manhã. Ele ficou a imaginar, como fazia algumas vezes, como era a vida de uma pessoa não mágica, e por um momento sentiu inveja deles, a ir para as suas não mágicas e menos intimidantes (ou pelo menos assim ele achava) escolas e trabalhos. Por fim, voltou a sua atenção para os dois rapazes que dividiam o compartimento. Um estava sentado do mesmo lado que ele, mais próximo da porta. Era grande, com uma cabeça quadrada, cabelos pretos e curtos. Folheava um livro ilustrado titulado *“Fundamentos em Magia: O que os novos Feiticeiros e Bruxas precisam saber”*. James tinha visto cópias desse livro a ser vendidas numa pequena barraca na plataforma. Na capa, um simpático jovem feiticeiro com mantos de escola piscava enquanto conjugava uma série de objectos de dentro de um malão. Ele tinha acabado de exibir uma grande árvore com cheeseburgers em vez de frutas quando o rapaz dobrou a capa para trás e começou a ler um dos artigos. James olhou então para o rapaz sentado à sua frente que o olhava de um jeito descontraído, a sorrir.

— Eu tenho um gato. — disse ele inesperadamente. James piscou e então reparou na caixa ao lado do rapaz. Tinha uma rede pendurada como porta e um pequeno gato preto e branco podia ser visto lá dentro, espreguiçando-se e a lamber as suas patas dianteiras. — Tu não és alérgico a gatos, ou és? — perguntou seriamente.

— Ah, não. — James respondeu. — Acho que não. A minha família tem um cão, mas a minha tia Hermione tem um grande e velho tapete dum gato. Nunca tive problemas com ele.

— Isso é bom. — o rapaz respondeu casualmente. Ele tinha um sotaque americano que James achava um pouco irritante. — A minha mãe e o meu pai são alérgicos então nós nunca pudemos ter um, mas eu gosto de gatos. Quando eu vi que podia trazer um, soube que era o que eu queria. Este é o Thumbs¹. Ele tem dedos extra, estás a ver? Um a mais em cada pata. Não é particularmente mágico, eu acho, mas torna-o interessante. E tu, o que trouxeste?

— Uma coruja. Está na família há alguns anos. Uma grande coruja de celeiro com muitas viagens nas costas. Eu queria um sapo, mas o meu pai disse que um rapaz deve começar a escola com uma coruja. Ele disse que não há outro animal tão útil para um primeiro ano, mas eu acho que ele só queria que eu tivesse uma porque ele teve.

O rapaz sorriu alegremente.

¹ Thumbs, em inglês, significa polegares.

— Então o teu pai também é um feiticeiro? O meu não é. Nem a minha mãe. Sou o primeiro na família. Ficamos a saber do mundo dos feiticeiros no ano passado. Eu mal pude acreditar! Eu sempre achei que a magia era o tipo de coisa que acontece nas festas das crianças. Pessoas com uma cartola na cabeça a tirar moedas de trás da tua orelha. Coisas desse género. Wow! Tu sempre soubeste que eras feiticeiro?

— Basicamente. É difícil não perceberes quando as tuas primeiras memórias são dos teus avós a chegar pela lareira na manhã de Natal. — James respondeu, vendo os olhos do rapaz arregalados. — É claro que nunca me pareceu estranho, percebes. Era normal, era minha vida.

O rapaz assobiou com reconhecimento.

— Isso é espantoso e louco! Que sortudo! De qualquer forma, o meu nome é Zane Walker. Sou dos Estados Unidos, se ainda não percebeste. O meu pai está a trabalhar em Inglaterra este ano, porém. Ele trabalha com filmes, o que não é tão excitante quanto parece. Eu provavelmente irei para escola de feitiçaria na América para o ano que vem, mas parece que é Hogwarts este ano, o que está bom para mim, apesar de que se me derem mais rim ou peixe ao pequeno almoço acho que vou explodir. É bom conhecer-te. — Ele terminou rapidamente, e cruzou o compartimento para apertar a mão de James com um gesto tão sincero e automático que James quase gargalhou. Ele balançou a mão de Zane alegremente, aliviado por ter feito um amigo tão rápido.

— Estou feliz por te conhecer também, Zane. O meu nome é Potter, James Potter. Zane sentou-se e olhou para James, inclinando a cabeça curiosamente.

— Potter, James Potter? — ele repetiu. James sentiu uma pequena e familiar onda de orgulho e satisfação. Estava acostumado a ser reconhecido, mesmo que fingisse não gostar disso sempre.

Zane meio que franziu a sobrancelha, meio que sorriu.

— Onde está o Q, 007?

James balbuciou.

— O quê?

— O quê? Ah, desculpa. — disse Zane, confuso. — Pensei que estivesses a fazer uma piada sobre James Bond. É difícil de perceber, com esse sotaque.

— James quem? — disse James, sentindo que a conversa estava a ir por um caminho que ele não conhecia. — E que sotaque? Tu é que tens sotaque!

— O teu sobrenome é Potter? — a pergunta veio do terceiro rapaz no compartimento. Ele tinha baixado seu livro um pouco.

— Sim. James Potter.

— Potter! — Zane falou numa correcta e ridícula imitação do sotaque inglês. — James Potter! — ele ergueu a mão fechada à frente do rosto, o dedo indicador apontando para o tecto como uma pistola.

— És parente desse rapaz Harry Potter? — disse o rapaz mais alto, ignorando Zane. — Li sobre ele aqui neste artigo, ‘Um resumo da história da magia’. Parece que ele era importante.

— Ele já não é um miúdo. — James riu. — Ele é o meu pai. Ele é menos importante quando o vemos a comer cereais ao pequeno almoço de boxers. — Tecnicamente não era verdade, mas sempre ajudava a fazer as pessoas pensarem que tinham um vislumbre do grande Harry Potter num momento íntimo. O rapaz ergueu as sobrancelhas, franzindo ligeiramente a testa.

— Wow! Altamente! Diz aqui que ele derrotou o mais perigoso feiticeiro das trevas de todos os tempos. Um tal de, hã... — Ele olhou para o livro, procurando. — Está aqui em algum lugar. Vold-alguma-coisa.

— Sim, é verdade. — disse James. — Mas, a sério, agora ele é apenas meu pai. Isso foi há muito tempo. — Mas o rapaz tinha voltado a sua atenção para Zane.

— Tu também és nascido muggle? — ele perguntou. Zane pareceu desconsertado por um momento.

— O quê? Eu sou nascido o quê?

— Tens pais não bruxos. Como eu. — falou o rapaz com seriedade. — Estou a tentar aprender a linguagem. O meu pai diz que é importante aprender o básico imediatamente. Ele é muggle, mas já leu *Hogwarts: uma história* de capa a capa. Fez-me perguntas sobre tudo. Podem-me perguntar alguma coisa. Qualquer coisa. — Ele encarou os dois.

James ergueu as sobrancelhas para Zane, que franziu a testa e balançou a cabeça.

— Hmm. Quanto é sete vezes quarenta e três?

O rapaz rolou os olhos e baixou-se no banco.

— Eu *quis dizer* sobre Hogwarts e o mundo dos feiticeiros.

— Eu tenho uma varinha nova. — disse Zane, esquecendo o rapaz e mexendo na sua mochila. — É feita de bétula, com um fio de cauda de unicórnio. Não consigo usá-la ainda. Não por falta de esforço, eu garanto. — Ele virou-se, sacudindo a varinha, que estava enrolada num tecido amarelo.

— Sou o Ralph, aliás. — disse o rapaz mais alto, colocando o livro de lado. — Ralph Deedle. Comprei a minha varinha ontem. É feita de salgueiro, com um pêlo de bigode de Iéti dos Himalaias no núcleo.

James encarou-o.

— Um quê?

— Um pêlo de bigode de Iéti dos Himalaias. Bastante raro, de acordo com o homem a quem comprei. Custou vinte galeões ao meu pai. O que equivale a um bom dinheiro, eu acho. — Ele estudou as expressões de Zane e James por um momento. — Er... porquê?

James levantou o sobrolho.

— É que eu nunca tinha ouvido dum iéti do Himalaia antes.

Ralph mexeu-se no banco e curvou-se seriamente.

— É claro! Sabes o que eles são. Algumas pessoas chamam-nos de abomináveis homens das neves. Eu sempre achei que fossem imaginários, sabes. Mas, então, no meu aniversário eu e meu pai descobrimos que eu era um feiticeiro, e sempre pensei que os feiticeiros fossem imaginários, também! Bem, agora estou a aprender sobre diversas coisas que eu acreditava que eram imaginárias e estão a revelar-se verdadeiras. — Ele pegou no livro novamente e folheou-o com uma mão, gesticulando vagamente com a outra.

— Só por curiosidade, — disse James cuidadosamente. — onde compraste a tua varinha?

Ralph sorriu.

— Bem, nós achamos que essa seria a parte mais difícil, não? Quer dizer, de onde eu vim, Surrey, não há vendedores de varinhas a cada esquina. Então nós viemos até à cidade cedo, e seguimos as direcções para a tal Diagon-al. Nenhum problema! Estava um homem na esquina com uma pequena barraca.

Zane observava Ralph com interesse.

— Uma pequena barraca. — James arriscou.

— Sim! Obviamente, ele não tinha as varinhas ali, expostas. Ele estava a vender mapas. O meu pai comprou um e pediu direcções para o melhor artesão de varinhas da cidade. O meu pai desenvolve programas de segurança. Para computadores. Já vos tinha dito? De qualquer forma, ele perguntou pelo melhor artesão. Acontece que o homem era um mestre em varinhas. Poucas são feitas por ano, mas ele guarda-as especialmente para pessoas que realmente saibam do que estão à procura. Então o meu pai comprou a melhor que ele tinha.

James tentava manter o rosto sério.

— A melhor que ele tinha. — ele disse.

— Sim. — Ralph confirmou. Ele remexeu a sua mochila e tirou dela algo mais ou menos do tamanho de um rolo da massa, embrulhada em papel castanho.

— Com núcleo do pêlo de iéti. — confirmou James.

Ralph encarou-o de repente, a meio caminho de abrir o pacote que ele tinha tirado da sua mochila.

— Sabes, soa um pouco estúpido quando eu conto, não é? — ele perguntou um pouco descabido. — Ah, vagabundo.

Ele tirou o papel marrom. A varinha media aproximadamente quarenta e cinco centímetros e era tão grossa quanto um cabo de vassoura. A ponta tinha sido descascada para ter destaque e pintada de verde. Todos a fitaram. Depois de um momento, Ralph olhou um pouco desesperado para James.

— Não é boa para qualquer tipo de magia, é?

James balançou a cabeça.

— Bem, seria uma boa armadilha para vampiros, eu acho.

— É? — Ralph descontraiu-se.

Zane endireitou-se e apontou para a porta do compartimento.

— Vinde! Comida! James, tens algum daquele dinheiro estranho dos feiticeiros? Estou faminto.

A velha bruxa que empurrava o carrinho de comidas olhou para o compartimento através da porta aberta.

— Desejam alguma coisa, queridos?

Zane tinha-se levantado e estava a olhar avidamente para a comida e as guloseimas, examinando-a séria e criticamente. Ele olhou para James, esperançoso.

— Vamos, Potter, agora é tua chance de receber os nascidos muggles com uma pequena generosidade feiticeira. Tudo o que eu tenho é uma nota de dez dólares americanos. — Ele voltou-se para a bruxa. — Não aceitas as verdinhas, né?

Ela hesitou e olhou levemente assustada.

— As verdinhas? Escusa-me?

— Merda. Foi o que eu pensei. — Zane disse, agora balançando a sua mão já levantada na direcção de James.

James enfiou a mão no bolso da calças, confuso e impressionado com a audácia do rapaz.

— O dinheiro dos feiticeiros não é igual a esse dinheiro comum, sabes. — disse de forma repreendedora, mas havia um tom de riso em sua voz.

Ralph olhou por cima de seu livro novamente, vacilante.

— Ele disse ‘merda’?

— Oh, olha para isto! — Zane gritou, feliz. — Bolos de caldeirão! E Varinhas de Alcaçuz! Vocês feiticeiros levam as metáforas realmente a sério. *Nós* feiticeiros, quero dizer.

James pagou à bruxa e Zane voltou a correr para o banco, abrindo uma caixa de Varinhas de Alcaçuz. Varinhas de diversas cores estavam dispostas em compartimentos de forma organizada. Zane tirou uma vermelha, brandiu-a e apontou para Ralph. Houve um estampido e uma chuva de delicadas flores púrpuras caiu sobre a parte da frente da camisa de Ralph. Ralph lançou um olhar para elas.

— Melhor do que o que eu já consegui com a minha própria varinha. — disse Zane, mordendo a ponta da varinha com gosto.

James surpreendeu-se e ficou satisfeito em pensar que já não estava nervoso, ou pelo menos não tanto quanto antes. Abriu uma caixa que continha um sapo de chocolate, apanhou-o no ar quando tinha acabado de saltar, e arrancou a sua cabeça fora com uma mordidela. Observou o fundo da caixa e viu o rosto do seu pai a olhar de volta para ele. “Harry Potter, o Rapaz que Sobreviveu”, dizia o título da figurinha. Ele pegou a figurinha e entregou-a a Ralph.

— Toma. Um pequeno presente para o meu novo amigo nascido muggle. — disse, enquanto Ralph pegava a figurinha. Ralph mal notou o que era. Ele estava a

mastigar, segurando uma das delicadas flores púrpuras. — Não tenho a certeza, — falou, olhando para a flor. — mas acho que são feitas de suspiro.



Depois da excitação e ansiedade iniciais, e de fazer as tumultuosas novas amizades, o resto do caminho pareceu-lhe consideravelmente mundano. James ora se via actuando como um guia turístico para os seus dois novos amigos, ora tendo conversas explicativas sempre que o assunto era centrado no modo de vida dos muggles. Achou incrível que eles tivessem passado uma grande parte de suas vidas a ver televisão. Quando não o faziam, parecia que eles e os seus amigos jogavam, a fingir que estavam a conduzir carros de corrida, a entrar em aventuras ou a praticar desportos. James, claro, tinha ouvido falar da televisão e dos GameDecks, mas, tendo como maioria amigos feiticeiros, supôs que as crianças muggles apenas participavam em tais actividades quanto não tinham absolutamente nada melhor para fazer. Quando perguntou ao Ralph porque ele tinha passado tanto tempo a jogar desportos na televisão em vez de jogá-los na vida real, Ralph simplesmente revirou os olhos, exprimiu um som irritado, e olhou para Zane à procura de ajuda. Zane deu uma palmada nas costas de James e disse:

— James, companheiro, é uma coisa dos muggles. Não irias compreender.

James, pelo contrário, fez o melhor que pôde a explicar sobre Hogwarts e o mundo mágico. Contou-lhes sobre como o castelo não era localizável, ou seja, não poderia ser encontrado em nenhum mapa por alguém que não soubesse já a sua localização. Descreveu as equipas da escola e o sistema de pontos, o que os seus pais lhe tinham contado. Tentou ao máximo explicar o Quidditch, o que pareceu deixá-los confusos e, de forma frustrante, nada entusiasmados. Zane tinha ficado com a ideia ridícula de que as somente as bruxas usavam vassouras, aparentemente baseado num filme chamado “O Feiticeiro de Oz”. James tentou pacientemente explicar-lhe que ambos os feiticeiros e bruxas usavam vassouras, e que aquilo não era exactamente uma “coisa de raparigas”. Zane, percebendo o constrangimento que a conversa estava a causar, passou a insistir que todas as bruxas tinham pele verde e verrugas no nariz, o que definitivamente piorou a situação.

Exactamente quando a noite começava a transformar o céu numa pálida cor violeta e a marcar a silhueta das árvores além dos vidros do comboio, um rapaz alto e mais velho, com cabelos louros cuidadosamente aparados, bateu na porta do compartimento, severo.

— Estamos a chegar à Estação de Hogsmeade. — falou, num ar de ligeiro propósito. — Vocês vão querer vestir os vossos mantos.

Zane franziu as sobrancelhas para o rapaz.

— Nós vamos, é? — ele perguntou. — São quase sete horas. Tens a certeza? — disse, pronunciando as palavras com o seu ridículo sotaque inglês. A testa do rapaz mais velho tornou-se rígida.

— O meu nome é Steven Metzker. Quinto ano. Perfeito. E tu és...?

Zane levantou-se, estendendo a sua mão para o rapaz numa imitação do gesto que tinha feito para James no início da viagem.

— Walker. Zane Walker. Prazer em conhecê-lo, senhor Perfeito.

Steven deu uma olhada na mão oferecida, e decidiu apertá-la, com um enorme e visível esforço. Ele falou ao compartimento da forma mais abrangente possível.

— O jantar será servido no Salão Principal assim que vocês chegarem à escola. Os mantos são obrigatórios. Pelo seu sotaque, Mr. Walker, — falou, retirando a mão e encarando Zane. — presumo que vestir-se para o jantar é relativamente um novo conceito. Não tenho dúvidas de que logo se acostumará. — ele olhou para James, deu uma piscadela, e então desapareceu pelo corredor.

— Não tenho dúvidas de que sim! — Zane disse, alegremente.

James ajudou Ralph e Zane a vestir de forma correcta os seus mantos. Ralph tinha colocado os seus do avesso, fazendo-o parecer o clérigo mais jovem que James já tinha visto. Zane, apreciando o visual, virou as suas de propósito, proclamando que se ainda não era a moda, logo se tornaria. Somente quando James insistiu que isso seria desrespeitoso para com a escola e professores é que Zane concordou, relutantemente, em virar os seus mantos para o normal.

James tinha ouvido falar várias vezes e nos mínimos detalhes sobre o que aconteceria quando chegassem. Sabia da Estação de Hogsmeade, e até mesmo tinha estado lá algumas vezes quando era bem mais novo, embora não se lembrasse de nada. Sabia dos barcos que os levariam através de um lago, e já tinha visto inúmeras imagens do castelo. Mesmo assim, descobriu que nada disso o tinha preparado por completo para o seu esplendor e majestade. Enquanto os barquinhos deslizavam pelo lago, desenhando um rasto em forma de “V”s na água opaca, James maravilhou-se de uma forma que talvez fosse até mesmo maior do que a dos seus companheiros, que tinham vindo sem quaisquer expectativas. Impressionou-se com a completa grandeza do castelo, que parecia escalar o grande monte rochoso. Tinham sido levantadas pequenas torres de protecção, cada detalhe das suas estruturas iluminado de um lado pela aproximação azulada da noite, e do outro pelo sol poente, que se elevava num tom dourado. Uma galáxia de janelas pontilhava o castelo, um amarelo morno brilhando sobre os lados assombrados, reluzindo como fogo sob a luz do sol. A solidez e a sobrecarga do seu tamanho pareciam esmagar James com um temor satisfatório, indo

directo na sua direcção, cada vez mais baixo, até ao seu próprio reflexo profundo no espelho do lago.

Entretanto, havia um detalhe que ele não tinha esperado. Na metade do caminho trilhado no lago, assim que o murmúrio das conversas tinha surgido novamente entre os novos estudantes e eles começaram a assobiar animados e a chamar uns pelos outros, James notou outro barco no lago. Diferente daqueles que levavam os alunos do primeiro ano, este não era iluminado por uma lanterna, e nem sequer se estava a aproximar do castelo. Assinalado pela luzes de Hogwarts, era maior que os outros barcos, mas suficientemente pequeno para quase se perder nas sombras turvas da beira do lago. Estava uma pessoa nele, esbelta e fina, com uma aparência aracnídea. James achou que se parecia com uma mulher. No momento em que se ia virar e esquecer a visão definitivamente ordinária, a figura olhou para ele, repentinamente, como se soubesse da sua curiosidade. Por entre a escuridão, ele teve quase a certeza de que os seus olhares se encontraram, e uma frieza totalmente inesperada tomou conta do seu corpo. Era realmente uma mulher. A sua pele era escura, o seu rosto ossudo, rígido, com bochechas largas e um queixo pontiagudo. Um xaile estava enrolado na sua cabeça de forma organizada, escondendo a maior parte do seu cabelo. O olhar no seu rosto enquanto assistia o rapaz a espiar não era um olhar amedrontado, tão pouco irritado. Na verdade, o seu rosto parecia não ter nenhuma expressão. E então ela desapareceu. James piscou, surpreso, antes de perceber, segundos depois, que ela não tinha realmente desaparecido: tinha simplesmente sido ocultada por uma barreira de juncos e plantas enquanto os barcos avançavam. Ele balançou a cabeça, sorriu para si mesmo por ter se mostrado um aluno de primeiro ano tipicamente excitado, e então passou a contemplar a visão logo à sua frente.

O grupo de primeiros anos entrou no pátio conversando eufóricos e de forma apreciativa. James desviou-se e foi para o fundo do grupo quase inconscientemente, enquanto eles escalavam os degraus na direcção do corredor iluminado. Lá estava o Mr. Filch, que James reconheceu pelo seu cabelo, a expressão carrancuda e pela gata, Mrs. Norris, que ele aninhava nos seus braços. Lá estavam também as escadas enfeitadas, mesmo agora rangendo e chocando entre si, formando novas posições para o deleite e temor dos novos estudantes.

E ali, finalmente, encontravam-se as portas do Salão Principal, os seus painéis resplandecendo com brandura sob a luz dos candelabros. Enquanto os alunos se reuniam, o barulho da conversa diminuiu até o silêncio. Zane, lado a lado com Ralph, que era quase uma cabeça mais alto, virou-se e olhou para James sobre os seus ombros, levantando as sobrancelhas e rindo.

As portas rangeram e abriram para dentro, a luz e os sons escapando por entre elas enquanto revelavam o Salão Principal com todo o seu esplendor. As quatro longas mesas das equipas estavam cheias de estudantes, centenas de rostos a sorrir, às

gargalhadas, conversando e saltando alegres. James procurou por Ted, mas não pôde encontrá-lo no meio de tantas pessoas.

O professor alto e ligeiramente brincalhão que os conduziria pelas portas virou-se e encarou-os, sorrindo simpaticamente.

— Bem vindos a Hogwarts, primeiros anos! — ele falou sobrepondo-se ao barulho do salão. — Sou o Professor Longbottom. Vocês serão directamente seleccionados para as vossas equipas. Uma vez que isso esteja feito, vocês encontrarão as vossas mesas e o jantar será servido. Por favor, sigam-me.

Ele virou esvoaçando as suas vestes e prosseguiu rapidamente para o centro do salão. Nervosos, os primeiros anos começaram a seguir, primeiro arrastando os pés, depois caminhando rapidamente, tentando alcançar o professor. James viu as cabeças de Ralph e Zane inclinarem-se para trás, os seus queixos a apontar cada vez mais para o alto. Ele quase se esquecera do tecto encantado. Olhou para o alto, mas apenas um pouco, ele não queria demonstrar que estava *tão* impressionado. Quanto mais alto ele olhava, mais transparente o tecto ficava, revelando uma impressionante representação do tecto lá fora. Frias e frágeis estrelas reluziram como poeira de prata num veludo de jóias, e à direita, bem em cima da mesa de Gryffindor, a meia-Lua podia ser vista, parecendo ao mesmo tempo louca e alegre.

— Ele disse que o seu nome era *Longbottom*? — Zane perguntou a James pelo canto da boca.

— Sim. Neville Longbottom.

— Ena! — Zane suspirou. — Vocês britânicos realmente precisam de aprender algo sobre a subtilidade. Eu nem sequer sei onde começar com um nome desses. — Ralph silenciou-o e a multidão começou a acalmar-se, observando os primeiros anos a enfileirarem à frente do salão.

James correu os olhos por toda a mesa principal, tentando destacar os professores de que já tinha ouvido falar. Lá estava o Professor Slughorn, tão gordo e enfeitado quanto os seus pais o tinham descrito. Slughorn, James lembrou-se, viera como professor temporário no tempo dos seus pais, aparentemente com relutância, e então simplesmente nunca mais fora embora. Ao lado dele estava o fantasma do Professor Binns, e então a Professora Trelawney, piscando como uma coruja por detrás dos seus grandes óculos. Mais à frente na mesa, reconhecido pelo tamanho — James podia ver que ele se sentava sobre três enormes livros — estava o Professor Flitwick. Vários outros rostos que James não reconhecia estavam pela mesa, professores que tinham chegado depois dos tempos dos seus pais e eram então relativamente estranhos. Nenhum sinal de Hagrid, mas James soube que ele estava com Grawp e os gigantes outra vez, e não retornaria antes do dia seguinte. Finalmente, no centro da mesa, levantando os braços, estava Minerva McGonagall, a directora.

— Sejam bem vindos os estudantes que retornaram, assim como os novos — disse ela com uma voz aguda, quase trémula. — ao primeiro banquete deste novo ano na

Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts. — Os estudantes atrás de James saudaram, num feliz agradecimento. Ele olhou por cima do seu ombro, examinando a multidão. Viu Ted sentado na mesa dos Gryffindor, assobiando com as mãos na boca, e rodeado por um grupo de alunos mais velhos que pareciam bonitos demais para ser verdade. James tentou sorrir para ele, mas Ted não percebeu.

Assim que as aclamações diminuíram, a Professora McGonagall continuou.

— Estou feliz por ver que todos vocês estão animados por estarem aqui, assim como os professores e funcionários da escola. Esperemos que este espírito mútuo de acordo e união para com as nossas finalidades, nos acompanhe durante o ano lectivo. — Ela observou o grupo, prestando maior atenção em alguns indivíduos. James ouviu murmúrios espalhados e risadinhas culposas, ressaltadas no notável silêncio.

— E agora, — a directora continuou, virando-se para observar uma cadeira que fora colocada sobre o estrado por dois estudantes mais velhos. James percebeu que um deles era Steven Metzker, o perfeito que eles tinham encontrado no comboio. — Como manda a nossa orgulhosa tradição na ocasião do nosso primeiro encontro, vamos testemunhar a selecção dos novos estudantes para as suas respectivas equipas. Primeiros anos, por favor, aproximem-se da plataforma. Irei chamar os vossos nomes individualmente. Vocês irão aproximar-se da plataforma e sentar-se...

James não ouviu o resto. Conhecia bem esta cerimónia, uma vez que tinha perguntado aos seus pais sobre ela inúmeras vezes. Nos dias anteriores, esteve mais excitado sobre a Cerimónia de Selecção do que com qualquer outra coisa. Tinha percebido agora que a sua animação na verdade tinha mascarado um medo terrível e dormente. O Chapéu Seleccionador era o primeiro teste que deveria enfrentar para provar que era o homem que os seus pais esperavam que fosse, o homem de quem o mundo mágico já tinha começado a fazer pressuposições. Isso não o tinha incomodado até ler um artigo no *Profeta Diário* semanas atrás. Tinha sido um artigo fofo e feliz sobre “o que acontecera com antigas celebridades”, e que ainda impregnava um temor frio e furtivo sobre James. O artigo resumiu o andamento da biografia de Harry Potter, agora casado com a sua namorada da escola, Ginny Weasley, e anunciou que James, o primogénito do casal, estava prestes a ingressar no seu primeiro ano na escola de Hogwarts. James tinha ficado particularmente mal-assombrado com a última linha do texto. Ele poderia transcrevê-la palavra por palavra: *Nós do Profeta Diário, juntamente com o resto da comunidade feiticeira, desejamos ao jovem senhor Potter o melhor nas suas tentativas de satisfazer, e talvez até mesmo ultrapassar, as expectativas que qualquer um de nós poderia esperar do filho de uma figura tão amada e lendária.*

O que o Profeta Diário, ou o resto da comunidade feiticeira iria pensar se o filho da tão amada e lendária figura se sentasse naquela cadeira e se o Chapéu Seleccionador o mandasse para outra equipa que não fosse os Gryffindor? Atrás na Plataforma Nove e Três Quartos, James tinha confidenciado o seu grande medo ao pai.

— Não é mais mágico ser dos Gryffindor do que ser dos Hufflepuff, dos Ravenclaw, ou dos Slytherin, James. — Harry Potter tinha dito, curvando-se e colocando a mão sobre o ombro do rapaz. James tinha comprimido os lábios, sabendo que o seu pai iria dizer alguma coisa daquele género.

— Isso confortou-te quando te preparavas para te sentar na cadeira e colocar aquele chapéu na cabeça? — ele tinha perguntado numa voz baixa e séria.

O seu pai não lhe respondeu, apenas comprimiu os lábios, sorriu tristemente e balançou a cabeça.

— Mas eu estava desesperado, era um rapaz superficial e desprezível naquele tempo, James, meu filho. Tenta não ser como o teu pai, certo? Nós conhecemos grandes feiticeiros e bruxas de todas as equipas. Ficarei orgulhoso e honrado de ter o meu filho em qualquer uma delas.

James tinha acenado com a cabeça, mas não tinha funcionado. Sabia o que o seu pai realmente queria — e esperava — apesar da conversa. James deveria ser um Gryffindor, assim como os seus pais, como os seus tios e tia, assim como todos os heróis lendários de que ele ouviu falar desde que era um bebé, sempre retornando a Godric Gryffindor, o maior de todos os fundadores de Hogwarts.

E mesmo agora, enquanto permanecia parado, observando o Chapéu Seleccionador que era segurado no alto pelos braços ossudos da directora McGonagall, ele percebia que todos os seus medos e preocupações, de alguma forma, tinham ido embora. Tinha tido uma ideia nas últimas horas. Agora, ela estava totalmente completa na sua mente. Tinha pressuposto, durante todo este tempo, que não tinha escolha a não ser competir com o seu pai e tentar igualar os seus grandiosos actos. O terrível medo subsequente foi que não era apto para tal, que iria falhar. Mas, e se houvesse outra opção? E se simplesmente não tentasse?

James fitou a sua frente, sem realmente ver, enquanto os estudantes eram chamados para a cadeira e o chapéu era colocado sobre as suas cabeças, quase escondendo os seus olhos virados para cima e intensamente curiosos. Ele parecia uma estátua — uma estátua de um pequeno rapaz com os cabelos rebeldes do pai, o nariz da mãe, e lábios expressivos. E se simplesmente não tentasse viver sob a gigante sombra do seu pai? Não que não se fosse sair bem à sua maneira. Só que seria uma maneira diferente. Uma maneira decididamente, *intencionalmente* diferente. E se começasse ali? Logo ali, na plataforma, no primeiro dia, sendo mandado para... bem, outra equipa que não fosse os Gryffindor. Seria tudo o que importa. Menos...

— James Potter. — a voz da directora soou, com o seu distintivo e enrolado “R” no seu último nome. Ele assustou-se, olhando para ela como se se tivesse esquecido que estava lá. Ela pareceu ter cem metros de altura, em pé, na plataforma, os seus braços de varetas a segurar o Chapéu Seleccionador sobre a cadeira, formando uma sombra triangular. Quando ele se ia mover para subir os poucos degraus da plataforma, um barulho suri por trás dele. Aquilo o chocou e o preocupou por um momento. Ele estava,

irracionalmente, com medo de que os seus pensamentos tivessem escapado e traído-o, e que o barulho era a mesa dos Gryffindor levantada, dando vaia. Mas não era o som de vaia. Era um som de aplauso, comportado e prolongado, como resposta à proclamação do seu nome. James virou-se para a mesa dos Gryffindor, um sorriso de gratidão e felicidade já iluminando seu rosto. Mas não eram eles que aplaudiam. Eles estavam sentados, quase inexpressivos. A maioria das cabeças estava virada para a fonte do barulho. James seguiu seus olhares. Era a mesa dos Slytherin.

James sentiu-se preso ao chão. A mesa inteira estava a olhar para ele com olhares satisfeitos, todos abertos, contentes, aplaudindo. Uma das estudantes, uma rapariga alta e bastante atraente com cabelos negros e ondulados, e olhos largos e brilhantes, estava de pé. Ela aplaudia de forma calma, mas confiante, e sorria directamente para James. Finalmente, as outras mesas juntaram-se a eles, primeiro aos poucos, e então numa ovação longa e quase confusa.

— Sim, sim, obrigado. — a directora McGonagall chamou, em meio aos aplausos. — Isso é o suficiente. Nós todos estamos realmente, eh, felizes de termos o jovem senhor Potter aqui connosco este ano. Agora, por favor, voltem aos seus lugares... — James iniciou a sua subida dos degraus enquanto o som dos aplausos se extinguia. Assim que se virou e se sentou na cadeira, ouviu a directora murmurar, — ...para que nós possamos terminar isto e jantar antes do próximo equinócio. — James olhou para cima, mas somente viu o negro interior do Chapéu Seleccionador vindo na sua direcção. Fechou os olhos com força e sentiu a fria suavidade do chapéu cobrir a sua cabeça, e a escorregar sobre a sua testa.

Instantaneamente, todos os outros sons cessaram. James estava na mente do chapéu, ou talvez fosse o contrário. O chapéu falou, mas não para James.

— Potter, James, sim, eu estava à espera deste. O terceiro Potter que vem sob os meus tecidos. Sempre difíceis... — ele pensou consigo mesmo, como se se divertisse com o desafio. — Coragem, sim, como sempre, mas coragem é algo comum nos jovens. Ainda assim, óptimos atributos Gryffindor, como os que vieram antes.

O coração de James saltou. Lembrou-se dos pensamentos que teve enquanto esperava diante da plataforma, e tremeu. *Eu não tenho que jogar de acordo com as regras*, pensou. *Eu não tenho que ser um Gryffindor*. Ele pensou no aplauso, no rosto da bonita rapariga com longos cabelos negros e ondulados, em pé debaixo da bandeira verde e prata.

— Slytherin, ele acha! — o chapéu falou na sua cabeça, levando em consideração. — Sim, também há sempre essa possibilidade. Igual ao pai. Ele teria feito um grande Slytherin, mas não tinha determinação. Hum, este aqui é bem incerto sobre si mesmo, e isso é novidade para um Potter. Falta de certeza não é um atributo dos Gryffindor, tão pouco de Slytherin. Talvez Hufflepuff seja boa para ele...

Hufflepuff não, pensou James. Faces tomaram conta de sua mente: mãe e pai, o tio Ron, a tia Hermione, todos eles Gryffindors. Então eles desapareceram e ele viu a

rapariga na mesa de Slytherin, a sorrir, aplaudindo. Ele ouviu-se a si mesmo a pensar, como tinha feito há minutos atrás. *Eu posso sair-me bem duma maneira diferente; uma maneira intencionalmente diferente...*

— Hufflepuff não, hum? Talvez estejas certo. Sim, eu vejo agora... Confuso podes estar, mas incerto não. Os meus instintos iniciais estavam correctos, como sempre. — E então, em voz alta, o Chapéu Seleccionador anunciou o nome da sua equipa.

O chapéu foi retirado da sua cabeça, e James chegou a pensar ter ouvido o nome “Slytherin” ainda a ecoar através das paredes, chegou a olhar com um repentino terror na direcção da mesa verde e prata para os ver a aplaudir, quando percebeu que era a mesa debaixo do leão carmesim que saltava e aplaudia. A mesa dos Gryffindor festejou aos berros, e James descobriu o quanto mais ele tinha gostado desse do que o educado aplauso que tinha recebido anteriormente. Ele saltou da cadeira, desceu a correr os degraus, e foi envolvido pelas saudações. Mãos deram palmadas nas suas costas e foram estendidas para apertar a sua e cumprimentá-lo. Um lugar perto da frente abriu-se para ele e uma voz falou ao seu ouvido, enquanto os festejos finalmente se acalmavam.

— Não duvidei em nenhum minuto, meu. — a voz sussurrou contente. James virou-se para ver Ted a acenar-lhe confiante e uma palmada nas costas, antes de retornar ao seu lugar. Voltando-se para assistir ao resto da Cerimónia de Selecção, James sentiu-se tão repentina e perfeitamente feliz que achou que podia rachar ao meio. Não tinha que seguir exactamente os passos do seu pai, mas ele poderia começar a fazer coisas propositadamente diferentes amanhã. Agora, glorificava-se por pensar que os seus pais ficariam orgulhosos ao saberem que, como eles, tinha ido para os Gryffindor.

Quando o nome de Zane foi chamado, ele trotou sobre os degraus e desmontou-se na cadeira, como se achasse que estava a ir para uma montanha-russa. Ele riu enquanto a sombra do chapéu caía sobre ele, e mal o tinha feito, gritou “Ravenclaw!”. Zane levantou o sobrolho e balançou a cabeça para frente e para trás de um modo tão animadamente intrigante que houve um estrondo de risos da multidão mesmo enquanto os Ravenclaws o saudavam e o chamavam para a sua mesa.

Os primeiros anos restantes fizeram o trajecto até à plataforma e as mesas completaram-se apreciavelmente. Ralph Deedle foi um dos últimos a escalar os degraus e a sentar-se na cadeira. Ele pareceu encolher-se um pouco debaixo do chapéu durante um longo e surpreendente tempo. Então, com um floreio na voz, o chapéu anunciou, “Slytherin!”.

James estava abalado. Ele tinha certeza de que pelo menos um, senão dois dos seus novos amigos se iria sentar próximo dele na mesa dos Gryffindor. Nenhum deles se tinha juntado a ele, entretanto, e um deles, o que ele menos esperava, tinha ido para os Slytherin. Óbvio e convenientemente, esqueceu-se que ele mesmo quase se tinha sentado lá. Mas Ralph? Um nascido muggle, se é que alguma vez existira um? Ele virou-se e viu Ralph sentando à mesa do outro lado do salão, levando palmadas nas costas dos seus novos colegas. A rapariga de olhos brilhantes e cabelos negros e ondulados estava

a sorrir novamente, de modo satisfeito e convidativo. *Talvez a casa Slytherin tenha mudado*, pensou. *Os seus pais mal acreditar-lho-iam.*

Finalmente, a directora McGonagall retirou o Chapéu Seleccionador.

— Primeiros anos, — chamou ela. — a vossa nova equipa é o vosso lar, mas todos nós somos a vossa família. Vamos-nos divertir com competições onde quer que as encontremos, mas nunca nos devemos esquecer onde a nossa lealdade final reside. E agora, — ela empurrou os seus óculos no nariz e dirigiu-se aos alunos olhando por cima deles. — Avisos. Como sempre, a Floresta Proibida está fora dos limites dos alunos, em qualquer altura. Por favor, tenham certeza de que isto não é uma mera referência académica. Os primeiros anos podem perguntar para qualquer aluno mais velho — excepto Mr. Ted Lupin e Mr. Noah Metzker, cujos conselhos desejais evitar — o que eles podem esperar se estiverem determinados a ignorar essa regra.

James deixou que o resto dos avisos desse voltas na sua cabeça enquanto examinava os rostos da multidão. Victoire estava na mesa dos Hufflepuff, onde se encontrava sentada, contente, sussurrando algo com outra rapariga. Zane, na mesa dos Ravenclaw, tinha arrastado uma tigela de nozes para si e colocava toda a sua atenção nela. Do outro lado, Ralph encontrou o olhar de James e apontava, admirado, para si e para os seus colegas de equipa, parecendo perguntar a James se estava tudo bem. James encolheu os ombros e acenou de forma não comprometedora.

— E agora um último assunto a tratar. — disse a Directora finalmente, acompanhada por algumas risadas escandalosas. — Alguns de vocês devem ter notado que há um lugar vazio na mesa de professores. Asseguro que terão um novo professor de Defesa Contra as Artes das Trevas, e que é, de facto, uma pessoa unicamente qualificada e premiada, perito na matéria. Ele chegará amanhã de tarde, acompanhado de alguns professores, estudantes e associados, como parte de um intercâmbio de magia entre a escola deles e a nossa. Espero por todos vocês amanhã na entrada do castelo para a chegada de Alma Aleron e do Departamento de Administração da Magia dos Estados Unidos.

Sons de excitação e zombaria misturados irromperam pelo salão quando os estudantes começaram a conversar entre si sobre os novos eventos. James ouviu Ted dizer:

— O que é que um velho americano tem para nos ensinar sobre as artes das trevas? Em que canal é que as vamos assistir? — Houve um coro de risadas. James virou-se, procurando por Zane. Encontrou-o e apontou para ele, encolhendo os ombros. *Vocês estão a vir*, ele murmurou. Zane bateu uma mão no peito e saudou-o com a outra.

A meio do debate, o jantar apareceu nas longas mesas, e James, como todos os outros, mergulhou com fervor.



Era quase meia noite quando James fazia o caminho para o retrato da Dama Gorda que dava entrada para a sala comum dos Gryffindor.

— Senha. — ela disse quase cantando. James parou de repente, deixando a sua mochila verde escorregar do ombro e cair no chão. Ninguém lhe dissera nada sobre senha alguma.

— Eu não sei a senha ainda. Sou do primeiro ano. Sou um Gryffindor. — disse James.

— Podes ser um Gryffindor, — disse a Dama Gorda, olhando-o de cima para baixo com um olhar de paciência. — mas sem senha não entras.

— Talvez me possa dar uma dica desta vez? — disse James, tentando sorrir de forma vitoriosa.

A Dama Gorda encarou-o, incrédula.

— Pareces não entender exactamente o significado da palavra ‘senha’, meu querido.

Houve uma movimentação na escada movediça ali perto. Ela apareceu e fixou-se, recuando um pouco, no fim do corredor. Um grupo de estudantes mais velhos subiu no piso, rindo e fazendo gestos de silêncio uns aos outros. Ted estava entre eles.

— Ted. — James chamou aliviado. — Eu preciso da senha. Uma pequena ajuda?

Ted viu James quando ele e os outros se aproximaram.

— *Genisolaris*. — disse ele e então adicionou para uma das raparigas no grupo: — Rápido, Petra, e não deixes que o irmão do Noah te veja.

Ela confirmou e foi-se embora, esbarrando contra James quando o buraco do retrato se abriu, revelando o calor da lareira da sala comum. James começou a segui-la quando Ted o segurou pelo ombro, virando-o e trazendo-o de volta ao chão.

— Meu querido James, não achas que vamos deixar-te ir para a cama tão cedo, pois não? Existem tradições Gryffindor que deves respeitar, pelas barbas de Merlin!

— O quê? — James gaguejou. — É meia noite, sabes isso, certo?

— Comummente conhecida no mundo dos muggles como ‘A Hora das Bruxas’. — disse Ted de forma instrutiva. — Um nome impróprio, é claro, mas ‘A Hora das Bruxas e Feiticeiros a Pregar Partidas no Mundo dos Muggles’ é um pouco grande demais para as pessoas se lembrarem. Nós gostamos de chamá-la, simplesmente, de ‘Hora de erguer *Wocket*’

Ted levava James de volta às escadas, com mais três Gryffindors.

— O quê? — James perguntou, tentando acompanhar.

— O rapaz não sabe o que é o Wocket. — disse Ted tristemente para o resto do grupo. — E o pai dele é o dono do famoso Mapa do Salteador. Imaginem como seria muito mais fácil se colocássemos as nossas mãos *naquele* tipo de artefacto. James deixa-me apresentar-te aos *Gremlins*. Um grupo que tu sem dúvida desejarás entrar, dependendo de como as coisas correrem hoje à noite, é claro. Ted parou, virou-se e estendeu o braço, indicando os três outros infractores.

— O meu número um, Noah Metzker, cuja única falha é a sua relação estúpida com o seu irmão quintanista perfeito. — Noah curvou-se até a altura da cintura, sorrindo. — O nossa tesoureira, — Ted continuou. — se é que já nos cruzamos com alguma moeda, Sabrina Hildegard. — Uma rapariga simpática cheia de sardas e um palito de madeira a prender o seu cabelo vermelho e volumoso cumprimentou James com um aceno de cabeça. — O nosso bode expiatório, de quem certos serviços podem sempre ser requisitados, o jovem Damien Damascus. — Ted segurou o ombro de um rapaz robusto com grandes óculos e uma cara de abóbora que fez uma careta e rosnou. — E, finalmente, o meu álibi, o meu complemento perfeito, a favorita de todos, inclusive dos professores, senhorita Petra Morganstern. — Ted indicou afectivamente a rapariga que acabava de voltar pelo buraco do retrato, trazendo algo pequeno no seu bolso. James notou que todos, excepto ele, tinham tirado os mantos e vestido calças de ganga e t-shirts escuras.

— Está tudo certo para partirmos? — Ted perguntou assim que a rapariga se juntou a eles.

— Afirmativo. Todos os sistemas estão em ordem, capitão. — ela respondeu, e houve um riso contido de Damien. Todos se viraram e começaram a descer a escadaria, Ted levando James junto dele.

— Eu deveria ir-me trocar ou coisa do género? — perguntou, a voz tremendo ao descer os degraus.

Ted lançou-lhe um olhar avaliativo.

— Não, acho que não vai ser necessário no teu caso. Relaxa, meu. Vais sofrer uma mudança. Só para saberes. Salta aqui. Não vais querer pisar *aquele* degrau. Lembra-te. — James saltou, a mochila balançou nos seus ombros, sentindo-se de alguma forma afastado do entusiasmo do grupo, mais ainda por Ted estar a segurar o seu cotovelo. Caiu num longo corredor iluminado por tochas e tentou acompanhar os outros, tropeçando. No fim do corredor, o grupo encontrou mais três estudantes, todos parados por baixo da sombra da estátua de um feiticeiro gigante e corcunda usando um chapéu bastante alto.

— Boa noite, queridos Gremlins. — Ted murmurou quando todos se juntaram de baixo da sombra da estátua. — Apresento-vos James, filho do meu padrinho, um gajo chamado Harry Potter. — Ted disse, olhando os rostos dos três, demorando-se no terceiro rosto. — James, apresento-te a nossa parte Ravenclaw, Horace, Gennifer, e o

jovem *qualonome dele*. — ele se virou para Gennifer. — Qual é o nome dele? — indicando o rapaz da ponta.

— Zane. — disse Gennifer, passando um braço pelos ombros do rapaz mais pequeno, que sorriu e se deixou ser alegremente sacudido. — Conheci-o hoje à noite, mas ele tem alguma coisa que diz *Gremlin* para mim. Acho que tem algo travesso em alguma parte da sua linhagem.

— Nós vamos jogar caçar ao Wocket! — ele disse a James num murmúrio que se espalhou por todo o corredor. — Parece estranho, mas se nos vai tornar mais fixes, bem, acho que devemos fazê-lo! — James não sabia se Zane estava a brincar, mas então percebeu que não importava.

— *Erguer* o Wocket. — Noah corrigiu.

James decidiu que era hora de entrar na conversa.

— Então onde está esse Wocket? E por que é que nós estamos todos apertados atrás duma estátua?

— Esta não é só uma velha estátua. — disse Petra enquanto Ted se posicionava o mais distante possível da estátua e da parede, aparentemente procurando por algo. — Este é Lokimagus, o Perpetuamente Productivo. Nós só aprendemos a sua história no ano passado, e ela levou-nos a uma incrível descoberta.

— Levou-te, queres tu dizer. — disse Ted, sua voz abafada.

Petra considerou e confirmou.

— Verdade. — ela concordou casualmente.

— No tempo do teu pai, — disse Noah enquanto Ted arranhava atrás da estátua. — havia seis passagens para entrar e sair de Hogwarts. Mas isso foi antes da Batalha. Depois dela, muitas partes do castelo foram reconstruídas, e todas as antigas passagens secretas foram permanentemente fechadas. Há uma coisa engraçada sobre um castelo mágico, porém. Simplesmente parece que novas passagens secretas nasceram. Nós só encontramos duas, e por causa da Petra e dos nossos amigos Ravenclaw. Esta estátua é uma delas. Está bem aqui no seu letreiro.

Noah apontou para as letras gravadas na base da estátua: *Igitur Qui Moveo, Qui et Movea*.

Ted fez um ronco de triunfo e houve um pequeno estalo.

— Vocês nunca vão imaginar onde estava desta vez. — disse ele, saindo de trás da estátua. Com um barulho de pedra a mover-se, a estátua de Lokimagus ergueu-se o máximo que a sua coluna permitia, desceu cuidadosamente da sua base e atravessou o corredor, a andar devagar com as suas pernas compridas e arqueadas. Desapareceu pela porta à frente, que James notou ser um quarto de banho masculino.

— O que é que o letreiro significa? — James perguntou quando os Gremlins começaram-se a baixar e a passar rapidamente pela pequena porta atrás da base da estátua.

Noah sorriu e encolheu os ombros.

— *Quando tens que ir, tens que ir.*

A porta levou a uma pequena escadaria com degraus arredondados. Os Gremlins passaram ruidosamente pelos degraus, e então fizeram sinais de silêncio uns aos outros quando chegaram a uma porta. Ted abriu ligeiramente a porta, que rangeu um pouco, e espiou pela fresta. Um momento depois ele escancarou a porta e fez sinal para que os outros o seguissem.

A porta saía inexplicavelmente de um pequeno barracão perto do que James reconheceu ser o campo de Quidditch. O estádio parecia maior sob a luz do luar, frio e imponente no silêncio.

— A passagem só funciona numa direcção. — explicou Sabrina para James e Zane enquanto o grupo corria ligeiramente passando o campo de Quidditch em direcção às montanhas à frente. — Se fores até ela sem antes ter vindo pelo túnel do Lokimagus, apenas te encontrarás no barracão de equipamentos. Muito conveniente, pois assim, mesmo que sejamos apanhados, ninguém nos poderá seguir de volta pelo túnel.

— Vocês *já* foram apanhados? — James perguntou, respirando perto dela.

— Não, mas esta é a primeira vez que tentamos usá-la. Nós apenas a descobrimos no fim do último ano. Ela encolheu os ombros, como se quisesse dizer *veremos se vai dar certo, não é?*

A voz de Zane veio de trás de James, conversativa.

— E se a estátua do tal mágico voltar para o seu lugar antes de nós voltarmos pelo buraco? — James estremeceu com a mudança de assunto, mas admirou a sua lógica. Parecia uma questão valiosa de se fazer.

— Essa é definitivamente uma questão para um Ravenclaw. — disse Noah tão quieto quanto pôde, mas ninguém respondeu.

Após dez minutos contornando a orla de uma floresta desordenada e iluminada pela Lua, o grupo saltou sobre um muro para um campo. Ted tirou a sua varinha do bolso de trás enquanto se aproximava de um pátio com arbustos e árvores. James seguiu e viu que havia um pequeno celeiro escondido entre a plantação. Era desajeitado e enterrado em vinhas.

— *Alohomora* — disse Ted, apontando a sua varinha para o grande cadeado enferrujado pendurado na porta. Houve um lampejo de luz amarela. Saiu do cadeado, e então transformou-se num brilhante e fantasmagórico braço que se contorcia, preso ao buraco do cadeado. O braço terminava como um punho, o dedo indicador esticado no ar. O dedo balançou-se para lá e para cá negativamente por alguns segundos, e então desapareceu.

— O feitiço protector ainda funciona, então. — Ted anunciou animadamente. Virou-se para Petra, que veio na sua direcção tirando alguma coisa do bolso. James viu que era uma chave enferrujada em forma de esqueleto.

— Foi ideia da Gennifer. — Horace, o segundo Ravenclaw, disse orgulhosamente. — Embora quisesse que fosse algo diferente.

— Teria sido engraçado. — Zane concordou.

— Nós suposemos que qualquer coisa mágica que tentasse entrar aqui não pensaria em usar algo tão aborrecido quanto uma chave. — Noah explicou. — Nós colocamos Feitiços de Ilusão para manter os muggles afastados, mas eles não vêm aqui, de qualquer maneira. É abandonado.

Petra girou a chave e puxou o cadeado. As portas do velho celeiro moveram-se e abriram-se com um surpreendente silêncio.

— Portas barulhentas são para novatos. — Damien disse, orgulhosamente, erguendo a ponta do nariz.

James olhou para dentro. Havia algo grande nas sombras, o seu volume tapava toda a parte de trás do celeiro. Ele mal conseguia visualizar a sua forma.

— Porreiro! — Zane disse, animado, parecendo entender a situação. — Hora de erguer Wocket! Estás certo, James. Não há nada igual a isto n' *O Feiticeiro de Oz*.

— O Feiticeiro do quê? — Ted perguntou a James, pelos cantos da boca.

— É uma coisa de muggles. — James respondeu. — Nós não entenderíamos.



Frank Tottington despertou repentinamente, certo de que ouvira algo no jardim. Ele estava imediatamente alerta e furioso, lançando o cobertor para longe e colocando as pernas para fora da cama, como se estivesse à espera de tal aborrecimento.

— Hã? — a sua esposa gemeu, levantando a cabeça sonolenta.

— São aqueles pirralhos de merda no nosso jardim outra vez. — Frank disse irritadamente, calçando os seus chinelos xadrez. — Não te disse que eles estavam a entrar aqui à noite, a pisar as minhas begónias e a roubar os meus tomates? Pirralhos! — cuspiu ele. Vestiu um roupão surrado que alcançava as suas pernas enquanto descia as escadas e pegava de forma bruta na sua espingarda à soleira da porta.

A porta rangeu ao abrir-se e bateu contra o muro exterior, Frank movia-se de forma rápida.

— Tudo bem, seus vândalos! Larguem os tomates e vão para a luz, para que eu vos possa ver! — Ele levantou a arma com uma mão, apontando-a perigosamente para o céu polvilhado de estrelas.

Uma luz caiu sobre a sua cabeça, iluminando-o com um raio branco que o cegava e que parecia zumbir baixinho. Frank congelou, a sua arma ainda com o cano apontado para cima, na direcção do raio de luz. Lentamente, Frank ergueu a cabeça, entortando os olhos, o queixo barbudo produzindo uma longa sombra sobre a frente da sua roupa de

dormir. Estava algo a paira sobre ele. Era difícil de dizer o seu tamanho. Era simplesmente uma figura negra e redonda, com luzes turvas pontilhando o contorno. estava a virar-se devagar e parecia estar a baixar.

Frank arfou, vacilante, e quase deixou cair a arma. Recuperou-se e voltou-se rapidamente, sem tirar os olhos do objecto que zumbia delicadamente. O objecto baixou-se de forma lenta, como se tivesse sido amortecido pelo raio de luz, enquanto o zumbido aprofundado cessava, pulsando.

Frank estremeceu diante daquilo, os joelhos tortos curvaram-se numa forma de alerta de encolhimento. Ele mastigou a dentadura, nervoso.

Então, num estouro de vapor e assobios, a forma de uma porta apareceu num lado do objecto. Era delineada pela luz, que brilhou assim que a porta se abriu, formando uma pequena rampa. Uma figura estava parada, emoldurada na luz. Frank respirou e levantou a arma, apoiando-a no ombro. Houve uma explosão de luz avermelhada e Frank saltou. Tentou apertar o gatilho, mas nada aconteceu. O gatilho tinha mudado, transformando-se num pequeno botão em vez da confortante volta metálica. Ele olhou para a arma e segurou-a à sua frente, chocado. Já não era a sua arma. Era um guarda-chuva pequeno e com um falso cabo de madeira. Ele nunca tinha visto aquilo antes. Percebendo que estava na presença de algo verdadeiramente sobrenatural, Frank largou o guarda-chuva e caiu de joelhos.

A figura na porta era pequena e magra. A sua pele era de um verde purpúreo, ua cabeçorra era quase monótona, com olhos grandes e amendoados que mal eram vistos no brilho da luz através do postigo aberto. Ela começou a andar pela rampa na direcção de Frank, e os seus passos pareceram incomummente cautelosos, quase desajeitados. Baixou a cabeça levemente para passar pela porta, e então, repentinamente, a figura estacou na beira da saída. Avançou tropeçando, a rodar os braços, prestes a lançar-se em cima de Frank. Ele arrastou-se desesperadamente para trás, horrorizado. A pequena figura tombou para a frente, a sua cabeça desproporcionalmente grande aproximando-se na direcção de Frank, tapando a sua visão.

Um momento antes, Frank perdeu a consciência de que estava distraído somente pelo estranho facto de que a figura parecer estar a usar claramente uma mochila comum, verde-escura, sobre os ombros. Frank fraquejou com um olhar de preocupada confusão na sua face.



James acordou na manhã seguinte com o rosto remelento. Abriu os olhos, examinando as formas nada familiares daquilo que o cercava. Estava numa cama num quarto largo e circular com um tecto baixo. A luz solar atingia-o com júbilo, iluminando mais camas, na maior parte desarrumadas e vazias. Lentamente, como corujas pousando num poleiro, lembrou-se da noite passada: o Chapéu Seleccionador, quando estava parado em frente ao quadro da Dama Gorda sem saber a senha dos Gryffindor, quando encontrou Ted e o resto dos Gremlins.

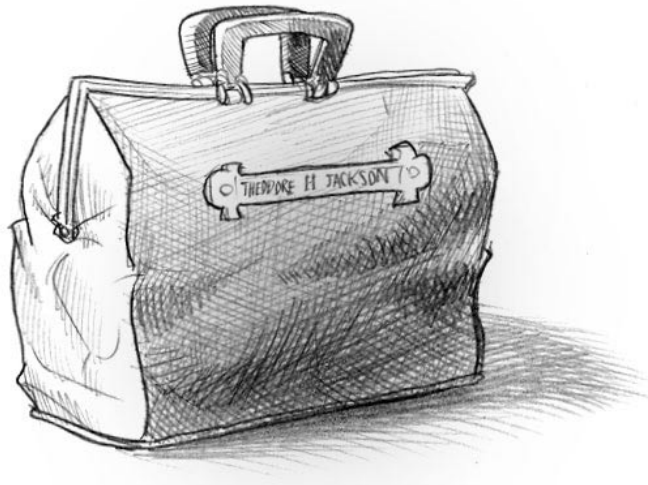
Sentou-se na cama de súbito, procurando pelo seu rosto. Tacteu as bochechas, testa, olhos, e então suspirou, aliviado. Tudo parecia ter voltado ao normal. Alguma coisa caiu sobre a sua cama, perto dele: um jornal que James não reconheceu. Estava aberto num artigo com o título: MORADOR LOCAL INSISTE EM TER VISTO FOGUETES A ROUBAR OS SEUS TOMATES. James ergueu os olhos. Noah Metzker estava parado ao pé da sua cama, um olhar irónico no seu rosto.

— Eles confundiram “Wocket” outra vez. — disse ele.



— CAPÍTULO 2 —

A Chegada de Alma Aleron



Quando James se acabou de vestir e desceu para o Salão Principal para tomar café, já eram quase dez horas. Menos do que doze alunos podiam ser vistos a mover-se desconsolados por entre os detritos da correria daquela manhã. Na ponta da mesa dos Slytherin, Zane sentou-se arqueado e a olhar pelo canto do olho para um raio de luz solar. Do outro lado dele estava Ralph, que viu James entrar e acenou para ele.

Enquanto James atravessava o Salão, quatro ou cinco elfos, cada um vestido com trapos de linho com o emblema de Hogwarts bordado neles, circularam as mesas, vagueando no que parecia, a princípio, ser uma trajectória aleatória. Ocasionalmente, um deles mergulhava por baixo de uma mesa, e então reaparecia momentos depois, despreocupadamente atirando um garfo perdido ou meio biscoito na confusão sobre a mesa. Quando James passou por um dos elfos, este encolheu-se, levantou os braços longos e esguios, e então baixou-os rapidamente. O conteúdo da mesa à frente dele redemoinhava, como se tivesse sido apanhado por um ciclone em miniatura. Com um grande barulho de loiças e artigos de prata, os bordos da toalha da mesa foram lançados para cima e giraram em volta da pilha de restos do pequeno almoço, criando uma grande bolsa que os retinha e flutuava sobre a mesa de madeira polida. O elfo doméstico saltou do chão para um banco, e para cima da mesa, e então saltou, girando no ar e pousando suavemente no topo da bolsa flutuante. Agarrou o topo da bolsa, usando o nó como se fossem rédeas, e virou a bolsa, conduzindo-a como se fosse um carrinho pelas

gigantes portas de serviço, ao canto do Salão. James baixou-se quando a bolsa girou sobre a sua cabeça.

— Ufa — murmurou Zane quando James se sentou perto dele e alcançou o último pedaço de torrada. — Estes vossos empregadecos podem parecer esquisitos e ser aborrecidos, mas eles sabem como fazer uma boa chávena de café!

— Eles não são empregados, são elfos domésticos. Li sobre eles ontem — disse Ralph, mordendo alegremente metade de uma salsicha. A outra metade estava pendurada na ponta do garfo. Ele usou-o como indicador, apontando os elfos. — Eles trabalham lá em baixo. São como os elfos naquela história infantil. Os que vinham à noite e faziam o trabalho todo para o sapateiro.

— O quê? — Zane perguntou por cima da sua chávena de café.

— O homem que faz sapatos. Ele tinha todos aqueles sapatos feitos até meio e espalhados à volta dele, e estava quase a desmaiar de tanto trabalho. Conhecês essa história, não? Então ele adormece, e no meio da noite todos esses pequenos elfos aparecem a tirar rapidamente os seus martelos e vão consertar todos os sapatos. O sapateiro acorda e *tcharam*, está tudo pronto — Ralph mordeu o resto da salsicha do garfo e mastigou-a, olhando em volta. — Mas eu nunca mos imaginei vestidos com fronhas.

— Ei, rapaz-ET, vejo que o teu rosto voltou ao normal — disse Zane, examinando o rosto de James minuciosamente.

— Já estava na hora, suponho — replicou James.

— Doe quando a Sabrina te atingiu?

— Não — disse James. — Senti-me estranho. *Realmente* estranho. Mas não doeu. Voltou ao normal durante a noite.

— Ela deve ser uma artista. Estavas óptimo. Pés de pato e tudo isso.

— Do que é que vocês os dois estavam a falar? — perguntou Ralph, olhando para os dois. Contaram-lhe tudo sobre a noite anterior, sobre erguer o Wocket, e o agricultor que desmaiara quando James, o pequeno alienígena, tropeçara e caíra bem em cima dele.

— Eu estava escondido no canto do jardim, perto da cabana, e estava quase a ter uma hérnia, a tentar não me rir quando o seguiu. O Ataque dos Marcianos Desastrados! — desfez-se de riso, e depois de um tempo, James juntou-se a ele.

— Onde é que eles conseguiram a nave? — perguntou Ralph, contornado o humor.

— É só um bocado de arame e papel — disse Zane, engolindo o resto do café e pousando a chávena sobre a mesa. Ergueu o braço e estalou os dedos duas vezes. — A Sabrina e o Horace fizeram a nave no ano passado como parte dum carro alegórico para um desfile de Natal em Hogsmeade. Costumava ser um caldeirão gigante. Agora, com a ajuda dum pouco de tinta e dum feitiço que Gennifer chamou de *Visum-ineptio*, é o R. M. S. Wocket.

Um elfo doméstico bem pequeno aproximou-se de Zane, olhando-o com desdém.

— Você... er... estalou, jovem mestre? — A voz do elfo era asperamente profunda, apesar do seu tamanho.

— Aqui tens, companheiro — disse Zane, entregando a chávena vazia ao elfo — Bom trabalho. Continua assim. Isto é para ti.

O elfo olhou para o pedaço de papel que Zane tinha acabado de lhe entregar. Ele ergueu os olhos novamente.

— Obrigado, jovem mestre. Hã, eh... Mais alguma coisa?

Zane acenou com a mão, dispensando-o.

— Não, obrigado. Vai dormir ou qualquer coisa. Pareces cansado.

O elfo olhou para Ralph e para James, que encolheu os ombros e tentou sorrir. Com um revirar de olhos difícil de perceber, o elfo enfiou a nota de cinco dólares nos seus trapos e desapareceu debaixo da mesa.

Zane parecia pensativo.

— Posso acostumar-me a isto.

— Eu não acho que deverias dar gorjetas aos elfos — disse Ralph, incerto.

— Não vejo porque não — disse Zane levemente, esticando-se. — O meu pai dá gorjetas a todo a gente, quando está a viajar. Ele diz que faz parte da economia local, e encoraja o bom serviço.

— E não podes simplesmente dizer a um elfo que vá descansar — disse James, percebendo de repente o que acontecera logo antes.

— E por que raio não?

— Porque é exactamente o que ele terá que fazer! — disse James, irritado. Ele estava a pensar no elfo doméstico da família Potter, um triste e pequeno projecto de elfo, cuja melancolia só era equiparada com a sua cruel determinação em fazer exactamente o que lhe era mandado. Não que James não gostasse de Kreacher. Só que era necessário aprender precisamente *como* lhe pedir as coisas — Os elfos domésticos têm que fazer tudo o que os seus mestres lhes pedem. É o tipo de seres que são. Ele provavelmente está agora mesmo a voltar para o seu armário, ou estante, ou seja lá onde for que ele dorme, e a tentar descobrir como vai conseguir dormir a meio da manhã — James balançou a cabeça, e então percebeu que era engraçado. Tentou não sorrir, o que apenas piorou a situação. Zane percebeu e apontou na direcção dele.

— Há, há! Também achas engraçado! — gargalhou ele.

— Não consigo imaginar que eles tenham que fazer tudo que *nós* pedimos — disse Ralph, com a testa enrugada — Somos apenas estudantes. Nem somos donos do lugar, nem nada. E somos apenas primeiros anos.

— Lembras-te do nome do feitiço que a Sabrina usou para fazer o Wocket parecer um foguete? — James perguntou, virando-se para Zane, impressionado.

— Visum-ineptio — Zane respondeu, saboreando o som que produzia — Significa algo como “*enganador do olhar*”. Se estudares latim, consegues descobrir isso. O Horace diz que ajuda as pessoas a ver o que eles acham que vão ver.

James franziu as sobrancelhas.

— Então quando aquele feixe de luz surgiu do céu sobre aquele agricultor, ele tipo, *estava à espera* de ver uma nave alienígena?

— Claro. *Toda a gente* sabe que um feixe de luz, à noite, no meio do nada, significa que os homensinhos verdes estão a chegar.

— Tu és um gajo estranho, Zane — disse Ralph de maneira depreciativa.

Só então James sentiu alguém posicionado atrás deles. Todos os três se viraram olhando para cima. Era a rapariga Slytherin da noite anterior, a que tinha liderado os aplausos para James antes da selecção. Ela olhava-o com uma expressão vagamente indulgente e agradável. Estava rodeada por dois outros Slytherins; um rapaz com feições elegantes e bastante astutas, cujo sorriso exibia uma terrível arcada dentária, e outra rapariga que não estava a sorrir. O calor espalhou-se rapidamente pelas bochechas de James, quando se lembrou de que estava sentado na mesa dos Slytherin. Antes que pudesse pensar, apressou-se a levantar-se, com um pedaço de torrada ainda para fora da boca.

— Não, não — disse a bela rapariga Slytherin, erguendo a sua mão à frente dele, parando-o quase como se usasse magia. — Não te levantes. Fico feliz em ver que te sentes confortável o suficiente para te sentares na mesa dos Slytherin connosco. Estes são tempos bem diferentes daqueles do teu pai. Demasiadamente diferentes. Mr. Deedle, serias gentil em apresentar-me ao teu amigo?

Ralph tossiu, limpando a garganta, embaraçado.

— Ah, este é o meu amigo James Potter. E este é o Zane. Esqueci-me do apelido dele. Foi mal — disse ele para Zane, que encolheu os ombros forçando o riso para Ralph, e saltou, ficando de pé e alcançando o outro lado da mesa para apertar a mão da rapariga Slytherin.

— Walker, Zane Walker. É um distinto e sincero prazer conhecê-la, senhorita...?

O sorriso da rapariga alargou-se um pouco e inclinou a cabeça, ainda a olhar para Ralph.

— Oh! — Ralph exclamou, meio que a saltar — Sim, esta é, uhm, Tabitha Corsica. Ela é perfeita dos Slytherin, uma sextanista, parece-me. Capitã da equipa de Quidditch. E do grupo de debate. E... uhm... ela tem uma vassoura bem porreira — tendo esgotado tudo de que se pôde lembrar de dizer sobre ela, ele desmoronou, como se estivesse exausto.

Tabitha finalmente aceitou a mão de Zane, segurando-a suavemente e soltando-a de seguida.

— Estou feliz em tê-lo conhecido oficialmente, Mr. Potter, ou posso chamá-lo de James? — disse a rapariga, virando-se para ele. A sua voz era como sinos prateados e de

veludo, ainda mais baixa do que a dele, porém especialmente formosa. Percebeu que ela lhe tinha feito uma pergunta e atrapalhou-se na resposta.

— Sim. Claro. James.

— E eu ficaria contente se me chamasse de Tabitha — disse ela, sorrindo como se este gesto de familiaridade a agradasse imensamente. — Apenas gostaria de dizer, em nome de toda a equipa dos Slytherin, que estamos felizes em tê-lo entre nós, e esperamos sinceramente que quaisquer... — ela ergueu os olhos, considerando — ... *preconceitos* remanescentes sejam deixados no passado, onde eles pertencem para sempre — E olhou para a esquerda e para a direita, para os dois Slytherins que a acompanhavam — Nós todos não temos nada além do mais alto respeito e, sim, gratidão por ti e pelo teu pai. Podemos, eu espero, ser todos amigos?

O rapaz à direita de Tabitha continuou a sorrir para James, enquanto a rapariga à sua esquerda estudava um ponto na mesa em algum lugar entre eles, sem expressão alguma.

— C-claro. Amigos. Claro. — James gaguejou. O silêncio do resto do salão parecia algo enorme. Ele baixou a sua voz de forma quase inaudível.

O sorriso de Tabitha empolgou-se ainda mais. Os seus olhos verdes cintilaram.

— E agora deixemos-te terminar o teu... er... pequeno almoço. Tom? Philia?

Os três viraram-se imediatamente e arrastaram-se pelo corredor.

— Com o que é que acabaste de concordar? — Ralph perguntou quando se levantavam e seguiam os Slytherin a uma distância cuidadosa.

— Acho que o James aqui ou fez uma maravilhosa amiga ou uma inimiga sufocante — disse Zane, enquanto observava os mantos de Tabitha drapejarem quando ela virou no corredor — Eu não sei dizer com certeza por qual me decidir.

James estava a pensar bastante. As coisas realmente tinham mudado desde a época do seu pai e da sua mãe. Apenas não conseguia dizer com certeza se tinham mudado, na verdade, para melhor.



Os três passaram o resto da manhã a explorar os terrenos da escola. Visitaram o campo de Quidditch, que parecia consideravelmente diferente para Zane e James à luz resplandecente do sol do que na escuridão. Zane ficou boquiaberto quando viu um grupo de veteranos a jogar uma partida de Quidditch de três contra três. Os jogadores lançavam-se para dentro e fora da formação, mal deixando escapar um ao outro, com jogadas e palavrões ocasionais.

— Animal! — Zane proclamou alegremente quando um dos jogadores acertou com uma bludger na cabeça de um jogador da equipa adversária, fazendo com que ele girasse à volta da sua vassoura. — E *eu já* fui a uma partida de *futebol americano*.

Eles passaram pela cabana de Hagrid, que parecia vazia e escura, sem qualquer fumo a sair pela chaminé e com a porta firmemente fechada. Logo depois, correram até Ted Lupin e Noah Metzker, que os guiaram para a orla da floresta proibida. Um salgueiro gigantesco e aparentemente antigo dominava a margem da clareira. Ted ergueu o braço e deteve Ralph, que seguia na direcção da árvore.

— Perto o suficiente, parceiro — disse — Vê isto.

Ted soltou a abertura de uma grande mochila de roupas sujas que trouxera carregando às costas. Retirou da mochila um objecto parecido com um animal quadrúpede, com asas e bico. Estava coberto com recortes de papéis multicoloridos cujas cores se moviam e flutuavam na brisa suave.

— Não! É uma piñata! — Zane exclamou — Na forma de... de... espera... não mo digas... Esfingeossauro!

— É um hipogrifo! — James disse, rindo.

— Gosto mais do nome dele — Ralph disse.

— Eu também — acrescentou Noah.

— Silêncio! — Ted levantou a sua mão. Ergueu a piñata com a outra, e então lançou-a com toda a força que pôde na cortina de galhos pendurados no salgueiro. Ela desapareceu entre a folhagem densa, e por um momento nada mais aconteceu. Então, houve um ruído entre os galhos que se entortaram como se algo enorme se estivesse a mover por entre eles. De repente, a árvore explodiu num movimento rápido de agitação de ar. Os galhos bateram violentamente, esbofeteando, rangendo e atritando. O barulho que fazia era como uma tempestade de vento concentrada. Após alguns segundos, a pinhata foi apanhada visivelmente nos galhos. A árvore envolveu-a em dezenas de chicotes bravos e agitados, e então todos os galhos se arrastaram de uma vez. Era como se a piñata tivesse sido posta num liquidificador. Pedacos de papéis coloridos e doces mágicos explodiram quando o feitiço de escudo da pinhata se rompeu. Confetis e doces polvilharam o salgueiro e a clareira que o cercava. A árvore moveu-se em aparente aborrecimento com a repentina bagunça colorida nos seus galhos, e então pareceu desistir, voltando à sua forma original.

Ted e Noah riram escandalosamente.

— Contemplem a morte do esfingeossauro! — Noah proclamou. James ouvira falar sobre o Salgueiro Zurzidor, mas ainda estava impressionado tanto pela sua violência quanto pela casualidade com que os outros Gryffindor lidavam com isso. Zane e Ralph simplesmente ficaram parados, boquiabertos. Sem olhar, Ralph tirou um feijão de todos os sabores do cabelo e levou-o à boca. Ele mastigou pensativo por alguns momentos e então olhou para James — Sabe a taco! Fixe!

James separou-se do grupo mais tarde e subiu as escadas para a área externa da sala comum de Gryffindor.

— A senha — cantarolou a Dama Gorda, quando ele se aproximou.

— *Genisolaris* — replicou, esperando que não tivesse sido mudada ainda.

— Prossigue — a pintura respondeu, girando e abrindo a passagem.

O salão estava vazio e a lareira estava fria. James subiu para o dormitório e foi directo para a sua cama. Já sentia um caloroso sentimento de que pertencia àquele lugar, mesmo no seu vazio de meio dia. As camas estavam impecavelmente arrumadas. Nobby, a coruja enorme e avermelhada de James, estava a dormir na sua gaiola com a cabeça encaixada por baixo da asa. O rapaz lançou-se na cama, puxou um pergaminho e uma pena e começou a escrever, com cuidado para não espirrar tinta nos cobertores.

Querida mãe e querido pai,

Cheguei ontem à noite sem problemas nenhuns. Até agora fiz alguns amigos porreiros. O Ralph acabou por se tornar um Slytherin, o que eu nunca poderia imaginar. O Zane está nos Ravenclaw, e é tão louco quanto o tio George. Eles são ambos nascidos muggles, então estou a aprender muito, embora as aulas ainda nem tenham começado. Com a ajuda deles, Estudo dos Muggles deve ser fácil. O Ted mostrou-nos o Salgueiro Zurzidor, mas não nos aproximamos demais, mãe. Há alguns professores novos cá. Vi o Neville ontem, mas não tive a oportunidade de lhe dar as tuas recordações. Ah! E uma delegação de feiticeiros americanos vai chegar mais tarde! Deve ser interessante, já que o Zane também é de lá. É uma longa história. Conto mais depois.

O vosso filho,

James

P.S.: Sou um GRYFFINDOR!

James sorriu orgulhosamente enquanto dobrava e selava a carta. Estivera a ponderar como anunciar ao pais em que equipa entrara (e ao resto do pessoal, também, já que eles saberiam através dos seus pais), e acabou por decidir que seria melhor apenas dizer de uma vez. Qualquer outra coisa teria parecido ou casual demais, ou desnecessariamente grandioso.

— Ei, Nobby — sussurrou James. A ave meio que ergueu a cabeça, revelando um enorme olho alaranjado. — Tenho uma mensagem para entregares. Que tal um ótimo voo até em casa, hum?

Nobby esticou-se, embaraçou as penas de modo que parecessem o dobro do tamanho por um momento, e então esticou uma perna; James abriu a gaiola de Nobby e prendeu a carta. A coruja moveu-se cuidadosamente até à janela, abriu as asas, encurvou-se, e então lançou-se facilmente para a luz resplandecente do dia além da janela. James, sentindo-se quase absurdamente feliz, observou Nobby até parecer uma mancha no azul distante entre os cumes da montanha. Assobiando, James virou-se e correu ruidosamente escadas abaixo.

Almoçou na mesa dos Gryffindor no Salão Principal e depois encontrou-se com Ralph e Zane quando o resto da escola se começou a reunir no pátio principal. Uma pequena orquestra de estudantes reunira-se para cantar o hino nacional americano durante a chegada da delegação dos Estados Unidos. A cacofonia enquanto eles afinavam os seus instrumentos era ensurdecadora. Zane comentou com convicção que era a primeira vez que ouvia a “Bandeira Estrelada” tocada em gaita de foles e acordeão. Estudantes corriam de um lado para o outro e juntavam-se, enchendo o pátio. Finalmente, o professor Longbottom e outro professor que James ainda não conhecia começaram a mover-se pela multidão, pressionando os alunos contra as paredes em arranjos ordenados. James, Zane e Ralph encontravam-se perto dos grandes portões da entrada, à espera da chegada dos americanos com crescente expectativa. James lembrou-se das histórias que ouvira dos seus pais sobre a chegada das delegações de Beauxbatons e Durmstrang quando o Torneio dos Três Feiticeiros tinha sido realizado em Hogwarts: os cavalos gigantes e a carruagem voadora de um, e o misterioso galeão submarino do outro. Não pôde evitar imaginar como os americanos chegariam.

A multidão reunida observou e esperou, as vozes acalmaram-se. A orquestra de estudantes esperava de pé numa tribuna alinhada, com os instrumentos a postos, vislumbrando com a luz solar da tarde. A Directora McGonagall e o resto dos professores olhavam para o céu, dispostos junto à entrada que conduzia ao Salão Principal.

Finalmente, alguém apontou e vozes gritaram. Todos os olhos se viraram, tensos. James deu uma olhadela pelo portão dourado, até aos picos das montanhas distantes. Um ponto separou-se, aumentando conforme se aproximava. Enquanto observava, viu dois outros pontos tornarem-se visíveis, seguindo o primeiro de perto. Sons tomaram o pátio, aparentemente vindos dos objectos que se aproximavam. James olhou para Zane, que encolheu os braços, obviamente impressionado. O som era um rugido baixo, aumentando de volume rapidamente. Os objectos deviam estar a mover-se a uma velocidade realmente alta, pois já estavam a descer e a tomar forma conforme chegavam mais perto do lugar. O som tornou-se mais baixo, vibrante, uma batida como a de asas de insectos gigantes. James assistiu-os a diminuir a velocidade apreciavelmente, baixando para encontrar as suas sombras no relvado do pátio.

— Fixe! — Zane gritou por cima do barulho. — São carros!

James ouvira sobre o seu avô Weasley e o seu Ford Anglia encantado, que tinha sido usado pelo seu pai e pelo tio Ron para voar até Hogwarts uma vez, onde tinha-se refugiado na Floresta Proibida e nunca mais foi visto. Estes não eram como aquele, não mesmo. Uma diferença era que, ao contrário do Ford que James vira em fotos, aqueles carros eram brilhantes e imaculados, com acentos de cromo lançando reflexos de luz solar por todo o pátio. Outra diferença que produzia suspiros de apreciação dos residentes em Hogwarts boquiabertos eram as asas que se desdobravam a partir do meio da parte traseira de cada carro. Eram exactamente como as asas de insectos

gigantes, batendo barulhentemente, capturando a luz do sol num leque borrado de cores do arco-íris.

— É um Dodge Hornet! — Zane disse, apontando para o primeiro carro enquanto este pousava. As suas rodas dianteiras tocaram no chão primeiro e giraram levemente para a frente, enquanto que o resto dos carros se arranjou atrás dele logo depois. Tinha duas portas e era de uma cor amarela feroz, com longas asas de vespas. O segundo, de acordo com Zane — que parecia ser um perito no assunto — era um Stuntz Dragonfly. Era verde-garrafa, baixo e longo, com pára-choques baixos, e canos de cromo enroscando-se a partir do seu capô estreito. As suas asas também eram longas e estreitas, fazendo um profundo e pulsante zumbido que James podia sentir no seu peito. Finalmente o último pousou, e James não precisava que Zane dissesse qual era aquele. Até mesmo ele sabia o que era um Carocha. O seu corpo volumoso sacudiu para frente e para trás quando o carro vermelho-fogo desceu, as suas asas curtas e grossas tamborilando debaixo de outras duas asas externas imóveis que se desdobravam a partir da traseira do carro, exactamente como um escaravelho. Ele acomodou-se sobre as rodas como se fosse um trem de aterragem, e as asas pararam de tamborilar, dobrando-se delicadamente e desaparecendo entre as asas paradas, que se fecharam sobre elas.

Os residentes de Hogwarts explodiram numa animação divertida e grandiosa, no mesmo momento em que a orquestra começou a tocar o hino. Atrás de James, uma voz feminina refilava, zombou por cima do barulho:

— Americanos e as suas máquinas.

Zane virou-se para ela.

— A última é alemã. Achei que saberiam isso — ele sorriu abertamente para ela e virou-se, aproveitando os aplausos.

As portas dos carros abriram-se enquanto a banda tocava o hino, e os americanos começaram a aparecer. Três feiticeiros adultos vestindo-se identicamente foram os primeiros a sair, um de cada carro. Usavam mantos verde-acinzentado à altura das coxas, vestes pretas sobre uma gola branca e calças cinza e largas, que terminavam pouco acima das peúgas e sapatos pretos e brilhantes. Ficaram parados durante meio minuto, pestanejando e franzindo a testa para todos, como se analisassem a multidão. Aparentemente satisfeitos com o nível de segurança do pátio, os homens saíram da frente das portas de cada veículo e assumiram posições de guarda perto deles. James podia ver um pouco do interior do carro mais próximo, o Carocha, e não estava surpreso pelo interior sumptuoso e desproporcionalmente largo. Figuras moviam-se dentro dele, e então a visão foi bloqueada e eles começaram a saltar do carro.

O número de pessoas que emergiram dos carros surpreendeu até mesmo James, que já acampara em cabanas mágicas em várias ocasiões, e sabia o quão flexível os espaços feiticeiros podiam ser. Carregadores com mantos cor de vinho produziram carrinhos, saíram de cada veículo, retirando pequenos carrinhos de carga e descarregando incontáveis malas e bolsas neles, formando pilhas. Jovens feiticeiros e

bruxas em trajes surpreendentemente causais, alguns usando até mesmo calças de ganga e óculos de sol, começaram a encher o centro do pátio. Adultos com aparência de oficiais mágicos seguiram-nos, com os seus leves mantos cinza e túnicas cor-de-carvão identificando-os como membros do Departamento Americano de Administração Mágica. Eles moveram-se sorridentes com as suas mãos erguidas na direcção da entrada, onde a Directora McGonagall e os funcionários estavam a descer para os encontrar.

Os últimos a surgir dos carros também eram adultos, embora a sua variedade de roupas e idades indicasse que não eram nem dos departamentos oficiais nem tão pouco estudantes. James deduziu que fossem os professores de *Alma Aleron*, a escola de magia e Feitiçaria Americana. Pareciam ser um para cada carro. O mais próximo, descendo do Carocha, era tão corpulento quanto um barril, tinha cabelos acinzentados e longos, partidos para emoldurar um rosto agradável e fechado. Usava óculos rectangulares minúsculos e sorria com um ar vago e de arrogante benevolência para com os residentes de Hogwarts. James viu que algo parecia familiar naquele homem, mas não conseguiu lembrar-se o quê. James virou-se, à procura do segundo professor, e encontrou-o a emergir do Stuntz Dragonfly. Era bem alto e de cabelos brancos, com um rosto longo, sério e severo, e estudava a multidão, com as sobranceiras escuras arqueadas no meio da testa como um par de lagartas. Um carregador apareceu próximo dele levando uma maleta preta de couro. Sem olhar, o professor alcançou as alças da maleta, com uma grande mão de articulações protuberantes, e moveu-se para a frente, aproximando-se da entrada como um navio de velas içadas.

— Acabei de tomar a minha decisão de ano novo em evitar ter alas com aquele tipo — Zane disse seriamente, e Ralph e James acenaram em concordância.

James localizou a terceira professora de Alma Aleron quando ela estava a deslocar-se autoritária e lentamente para fora do Dodge Hornet. Ela ficou de pé e levantou-se até à sua altura máxima, virando o seu rosto vagarosamente, de forma a analisar cada face na multidão. James arfou, e sem pensar, mergulhou para trás do corpo volumoso de Ralph quando o olhar dela se moveu pela multidão. Cuidadosamente, tocou no ombro de Ralph.

— O que estás a fazer? — Ralph perguntou, esticando-se para ver James fora do seu campo de visão.

James entortou os olhos através da multidão acima do ombro de Ralph. A mulher não estava a olhar para ele. Ela não parecia estar a olhar para nada, precisamente, apesar da expressão examinadora no seu rosto.

— Aquela mulher alta logo ali. A com o xaile amarrado na cabeça. Eu vi-a na outra noite, no lago!

Zane ficou nas pontas dos pés.

— Aquela ali que parece uma múmia egípcia?

— Sim — James disse de repente sentindo-se parvo. A mulher com o xaile parecia bem mais velha do que ele se lembrava. Os seus olhos eram cinza baço, o seu rosto sombrio era ossudo e marcado. O carregador entregou-lhe uma larga bengala de madeira que foi aceite com um aceno da sua cabeça. Ela começou a andar através do pátio cheio lentamente, batendo a bengala à sua frente, reconhecendo o caminho.

— Parece que ela é cega, como o famoso morcego — Zane disse duvidosamente — Talvez tivesse sido um jacaré que viste no lago, em vez dela. Seria um erro plausível.

— Vocês sabem quem é aquele outro professor? — Ralph interferiu de repente, com a voz baixa e apavorada, indicando o homem robusto de óculos rectangulares. — Ele é...! Ele é...! Ele é a de cinco ... Não! Espera, ele é a de cinquenta...! — balbuciou ele.

Zane olhou para a entrada, franzindo a testa.

— Aquele homenzinho com os óculos iguais aos do John Lennon e com um colarinho esquisito e amarrotado?

— Sim! — Ralph respondeu excitado, acenando para Zane como que tentando tirar o nome do homem de sua cabeça — Aquele é... é... ah! O que é que importa. Ele é dinheiro!

— Que surpreendente ouvir-te dizer isso, Ralph — Zane disse, dando palmadinhas nas costas de Ralph.

Então, a professora McGonagall tocou com a varinha na garganta e falou, aumentando a voz de modo a que ecoasse pelo pátio.

— Estudantes, professores e funcionários de Hogwarts, por favor, juntem-se a mim nas boas vindas para os representantes de Alma Aleron e do Departamento de Administração Mágica Americano.

Outra explosão de aplausos preencheu o pátio. Alguém na orquestra de alunos, confundindo o anúncio com um sinal, começou a tocar o hino americano novamente. Três ou quatro músicos juntaram-se a ele, tentando acompanhá-lo rapidamente, antes de serem silenciados pelo aceno de mãos furioso do professor Flitwick.

— Estimados visitantes de Hogwarts — a directora continuou a acenar para os recém chegados. — Obrigada por se juntarem a nós. Todos nós aguardamos um ano de aprendizagem mútua e troca de cultura com tantos leais e antigos aliados como os nossos amigos dos Estados Unidos. E agora, representantes de Alma Aleron, poderiam fazer a gentileza de se aproximar para que possamos apresentá-los para os seus novos pupilos?

James presumiu que o professor alto e com feições rígidas fosse o líder, mas não. O homem robusto com os óculos rectangulares aproximou-se da entrada e saudou galantemente a directora. Dirigiu-se ao público sem usar a varinha, a sua voz era clara e tenor, com habilidade de longo alcance, como se já ele já estivesse habituado a falar em público.

— Estudantes de Hogwarts, professores e amigos, muito obrigado por tão calorosa saudação. Não esperávamos nada menos, embora eu vos assegure que não

exigimos nada tão grandioso — ele sorriu e piscou para a multidão. — Estamos honrados em participar na vossa escola este ano, e asseguro-vos que a aprendizagem virá de ambas as direcções. Eu poderia, neste ponto, ficar aqui em pé ao sol e presentear-vos com infinitas anedotas impressionantes de variadas semelhanças e diferenças entre os mundos mágicos dos Europeus e dos Americanos, e eu prometo que tal crítica seria, claro, interminável... — novamente o sorriso e o sentimento de uma piada privada e mútua — Mas como eu sei que os estudantes da minha delegação estão ansiosos por se livrar da nossa administração o mais rápido possível para aproveitar a tarde, posso apenas presumir que o mesmo acontece com os amigos de Hogwarts. Assim, vou apenas fornecer as introduções necessárias para que vocês saibam quem dará a aula de quê, e então libertarei todos para as suas actividades.

— Eu já gostei deste tipo — James ouviu Ted a falar nalgum lugar atrás dele.

— Sem nenhuma ordem particular — o homem disse num tom alto — apresento-vos o Mr. Theodore Hirshall Jackson, professor de Tecnomância e Magia Aplicada. Ele é também um general de três estrelas da Milícia Livre de Salem-Dirgus, então eu aconselho-vos a todos chamarem-no de “sir” o máximo de vezes possíveis quando se dirigirem a ele.

A expressão do professor Jackson era impávida e rígida, como se já se tivesse tornado impenetrável às brincadeiras do seu companheiro. Fez uma saudação lenta e graciosa, com o queixo erguido e os seus olhos escuros pairavam em algum lugar na multidão.

— De seguida — o professor corpulento continuou gesticulando com um braço. — a Professora de Adivinhação, Encantamentos Avançados e Parapsicologia Remota, Desdemona Delacroix. Ela também faz uma sopa de hibisco mais do que, er... *assustadoramente* deliciosa, muito embora vocês se considerarão sortudos se forem, de facto, permitidos a prová-la.

A mulher sombria com o xaile sobre o cabelo sorriu para o homem que falava, e o sorriso transformou-a de uma velha esquelética para algo que lembrava uma dissecada mas agradavelmente perversa avó. Ela virou-se e os seus olhos cegos percorreram, sem foco, a multidão, enrugando-se quando sorria. James perguntava-se como podia ter pensado que aquela mulher cega, de visão turva, fosse a mesma que vira fitando-o na escuridão do lago na noite anterior. Além disso, ela acabara de chegar, pensou. Ela não poderia ter estado lá na noite anterior.

— E finalmente — o professor corpulento disse — último e provavelmente menos importante, permitam-me apresentar eu mesmo. O vosso novo professor de Defesa Contra as Artes das Trevas, líder do grupo de debate da Alma Aleron, e extra-oficial, mas propenso competidor de xadrez de feiticeiro, Benjamin Amadeus Franklyn, ao vosso dispor. — ele fez uma reverência profunda, com os braços abertos e os seus cabelos cinza pendurados.

— Era disso que eu me estava a tentar lembrar! — Ralph sussurrou de modo grosseiro. — Ele está no teu dinheiro, meu estúpido! — ele cotovelou Zane nas costas, quase desequilibrando o rapaz.



Minutos depois, James, Zane e Ralph estavam a subir as escadas para a sala comum dos Ravenclaw.

— Benjamin Franklyn? — Zane repetiu, sem acreditar — Ele não pode ser O Ben Franklyn original. Ele teria... — pensou por um momento, franzindo as sobrancelhas — Bem, eu não sei quantos anos ele teria, mas seria bem, bem velho. Incrivelmente velho. Mais velho até que a McGonagall. Não pode ser.

Ralph ofegou, tentando acompanhar.

— Estou-te a dizer, acho que estes tais feiticeiros, *nós* feiticeiros, temos as nossas maneiras de ficarmos por aí por um longo tempo. Não é tão surpreendente quando pensas nisso. Ben Franklyn quase parece um feiticeiro quando lês sobre ele nos livros de história muggle. Quero dizer, o gajo apanhou electricidade com uma chave amarrada num papagaio.

James estava pensativo.

— Eu lembro-me da minha tia Hermione me ter contando sobre um velho feiticeiro sobre quem eles aprenderam no primeiro ano. Nicholas Flammel ou algo assim. Ele fez um tipo de pedra que o faria viver para sempre, ou perto disso. Claro, era o tipo de coisa que parece sempre cair nas mãos erradas, então, no fim de contas, ele destruiu-a e acabou por morrer como toda a gente. Ainda assim, acho que há provavelmente muitas maneiras de feiticeiros e bruxas prolongarem a sua vida por um longo tempo, mesmo sem a pedra do Flammel.

— Talvez devesse arranjar o autógrafo dele numa das tuas notas de cem dólares — Ralph disse a Zane.

— Eu não tenho milhares. Dei os meus últimos cinco para aquele elfo porteiro lá em baixo. Era tudo que eu tinha.

— Ele não era um porteiro! — James tentou novamente convencer Zane.

— Não? Mas ele segurou a porta para nós — Zane disse tranquilamente.

— O Ralph mandou-o para trás quando ele a empurrou. Ele não estava a tentar abrir-lo *para* nós!

— Bem, estou sem dinheiro de qualquer forma. Apenas espero que a qualidade do serviço não sofra.

Zane parou na porta da sala comum dos Ravenclaw. A águia na porta disse numa voz alta e tremida.

— Qual o significado do chapéu no domínio mágico?

— Ah, fogo, essas eram para ser as fáceis — Zane reclamou.

— Tens a certeza de que está tudo bem em irmos lá dentro? — Ralph perguntou, arrastando os pés — Quais são as regras sobre ficar nas salas comuns que não as tuas?

— Não há regras para isso, que eu saiba — James respondeu — Eu só acho que as pessoas não fazem isso com frequência — o que não pareceu aliviar a mente de Ralph. Olhou para os lados do corredor nervosamente.

— O chapéu... O chapéu... — murmurava Zane, encarando os seus sapatos — Chapéu, chapéu, chapéu. Um coelho tirado do chapéu. Tiras coisas de chapéus. É provavelmente uma metáfora ou algo assim. Usas um chapéu na tua cabeça... O teu cérebro está na tua cabeça, por baixo do chapéu. Hummm...

Estalou os dedos e olhou para a águia na porta.

— Não podes tirar nada de um chapéu que já não tenhas posto na tua cabeça?

— Errado, mas perto o suficiente — a águia replicou. A porta produziu um ruído e escancarou-se.

— Wow! — James disse, seguindo Zane para dentro da sala comum — E os teus pais são muggles?

— Bem, como eu te disse, o meu pai faz filmes, e a minha mãe tem uma percepção extra de tudo o que tento esconder dela, então deduzo que estou estranhamente preparado para o mundo mágico — Zane disse gesticulando com a mão — Então esta é a sala comum dos Ravenclaw. Nenhuma luz eléctrica ou máquina de Coca-Cola à vista. Mas nós temos uma estátua bem porreira, e uma lareira falante. Vi o meu pai nela ontem à noite. Ele está a adaptar-se com tudo isto um pouco bem demais, se queres saber.

Zane guiou-os pelos aposentos dos Ravenclaw, aparentemente inventando detalhes quando não os conhecia. Ralph e Zane tentaram ensinar James a jogar *gin rummy*, um tipo de jogo de cartas, com um baralho muggle, mas James não ficou interessado nas cartas do Rei, Rainha e Valete já que eles não se atacavam um ao outro. Quando se aborreceram, Ralph levou-os para a sala comum dos Slytherin, guiando-os por um labirinto de passagens escuras, iluminadas por tochas. Pararam numa porta larga que dominava o fim de um corredor. No meio da porta estava a escultura de metal de uma cobra enrolada, a sua cabeça triangular sobressaindo ameaçadoramente, boquiaberta.

— Isto aqui — Ralph murmurou. Ergueu a manga, revelando um anel novo na mão direita. O anel possuía uma grande esmeralda verde, com a forma de um olho com a pupila em fenda. Ralph pressionou-o cuidadosamente dentro do encaixe de um dos olhos da cobra. O outro encaixe tornou-se vivo, emitindo um brilho verde.

— Quem pede passssagem? — disse a cabeça da cobra numa voz fina, quase um assobio.

— Eu. Ralph Deedle. Slytherin, primeiro ano.

O olho verde deu uma rápida olhada em James e Zane.

— E essssses?

— Meus amigos. Eu, eh, respondo por eles.

O olho brilhante estudou Zane e James por um tempo desconfortavelmente longo, e finalmente apagou-se. Uma série de complicados ruídos, cliques e estrondos foram emitidos da parte interna da porta, que se abriu pesadamente.

Os aposentos dos Slytherin ocupavam um gótico e enorme espaço cavado por baixo do lago. Janelas de vidros grossos e manchados no tecto acima davam para a profundidade do lago, fazendo a luz solar filtrada tremeluzir em verde nos retratos de vidro de Salazar Slytherin e dos seus descendentes. Até mesmo Ralph parecia excitado ao mostrar tudo para eles. Apenas um ou outro aluno estava na sala comum, sentados nos móveis com uma indolência extravagante. Seguiram Zane e James com os olhos, sorrindo criticamente, mas aparentemente sem malícia. Ralph rigorosamente resmungou cumprimentos.

Os dormitórios dos Slytherin pareciam para James como um lugar onde dormiria um capitão de navio pirata com muito bom gosto e cheio de saúde. O aposento era grande, com um chão submerso e tecto baixo com lanternas em forma de cabeças de gárgulas. As camas enormes eram de mogno com grandes pilares rectangulares em cada canto. O símbolo de Slytherin estava nas cortinas na ponta de cada cama. Os três rapazes subiram para a cama de Ralph, imaculadamente feita.

— Estes tipos são malta pesada — Ralph admitiu em voz baixa, indicando os donos das outras camas — Para dizer a verdade, sinto-me como se este não fosse o meu lugar. Gosto mais do dormitório dos Ravenclaw.

— Eu não sei — Zane disse, olhando em volta com admiração — Eles com certeza têm um óptimo gosto para a decoração. Apesar de que deve ser difícil dormir com todos estes animais empalhados nas paredes. Aquilo ali é um dragão?

— Sim — Ralph respondeu, com a voz tensa — Estes tipos trazem-nos de casa. Têm família que realmente vai caçar dragões.

James franziu as sobrancelhas.

— Pensava que caçar dragões era ilegal.

— Sim — Ralph sussurrou severamente — É mesmo isso, não? As famílias destes tipos têm reservas de caça, onde podem ir e simplesmente atirar em qualquer coisa! Aquilo ali é um esqueleto de unicórnio. Ainda tem o chifre nele, embora digam que não é o verdadeiro. O verdadeiro chifre é valioso demais no mundo mágico para o deixarem aí, pendurado na parede. E aquela coisa pendurada atrás da cama do Tom é a cabeça de um elfo doméstico! Eles colocam-nos na parede quando os abatem. E juro que ele olha

para mim às vezes! — Ralph estremeceu, e pareceu ter decidido que já dissera demais. Pressionou a sua boca numa pequena linha e olhou de James para Zane, e de volta.

— É, é bastante assustador — James decidiu-se a não contar a Ralph nenhuma das coisas que ouvira sobre como algumas das famílias dos Slytherin viviam — Ainda assim, acho que é mais para aparecer.

— O que é aquilo? — Zane disse de repente, apontando para frente na cama — Aquilo é um *GameDeck*? É sim! E tens o transmissor sem fios para competições em tempo real e isso tudo! — começou a explorar dentro de uma bolsa de desportista aos pés da cama de Ralph, retirando uma pequena caixa preta do tamanho e forma de um baralho de cartas como o que usaram mais cedo. Este tinha uma pequena tela localizada na frente, com um botões de controlo dispostos por baixo — Que jogos tens nele? Tens o *Armageddon Master Three*?

— Não! — Ralph respondeu rispidamente, tirando a pequena máquina de Zane — E não deixes mais ninguém ver isso! Eles gozam com este tipo de coisas!

Zane estava incrédulo.

— O quê? Por quê?

— Como é que eu vou saber? Qual é o problema dos feiticeiros com as coisas electrónicas? — Ralph dirigiu a pergunta para James, que franziu a testa e resmungou.

— Sei lá. Geralmente, não precisamos disso. Coisas electrónicas, como computadores e telefones, são coisas de muggles. Nós fazemos o que precisamos com a magia, acho que deve ser por isso.

Ralph estava a abanar a cabeça.

— Não é como estes tipos agem. Falaram como se eu tivesse trazido algo nojento para a escola comigo. Disseram que se quisesse ser um verdadeiro Slytherin, tinha que abandonar as minhas máquinas e tudo que é magia artificial.

— Magia artificial? — Zane perguntou, olhando rapidamente para James.

— Sim — ele suspirou — É isso que algumas famílias de feiticeiros pensam sobre máquinas e aparelhos electrónicos dos muggles. Dizem que estas coisas são apenas imitações baratas do que os feiticeiros fazem. Pensam que qualquer feiticeiro que use máquinas muggles é traidor da sua descendência mágica ou algo assim.

— É. É mais ou menos o que eles me disseram — concordou Ralph — São tipo, *obcecados* por isso! Escondi as minhas coisas na hora. Imagino que dar-lho-ei tudo ao meu pai nas próximas férias.

Zane emitiu um assobio baixo.

— Apostaria que os teus amigos feiticeiros ortodoxos não gostaram de ver os meus camaradas pousar hoje naqueles trambolhos de ferro andante. Não podes arranjar nada mais “maquinal” do que um Dodge Hornet.

James levou isso em consideração.

— Sim, eles podem não gostar muito disso, mas há uma diferença entre electrónica e economizar tempo. Eles pensam nos carros como um monte de

engrenagens e pistões. Eles não são considerados tanto falsa magia quanto estas coisas desnecessárias e complicadas. São os computadores e coisas assim que eles odeiam mesmo.

— Pois é — Ralph respirou fundo, olhando para o seu *GameDeck* e então colocando-o de volta na sua bolsa. Suspirou — Vamos sair daqui. O jantar vai ser servido e estou faminto.

— Tu nunca enches, Ralph? — Zane perguntou quando saltaram da cama.

— Tenho ossos grandes — Ralph disse automaticamente, como se já o tivesse dito muitas vezes antes. — É um problema glandular. Cala-te.

— Só estava a perguntar — Zane disse, erguendo as mãos — Francamente, por aqui, eu gosto da ideia de ter um amigo que é do tamanho de um caixote de lixo.

No jantar, os três sentaram-se juntos na mesa dos Gryffindor. James estava um pouco preocupado com isso até que Ted apareceu e cumprimentou Zane nas costas com afecto.

— O nosso pequeno travesso Ravenclaw. Como vai a vida na segunda melhor equipa do campus? — após isso, James percebeu que Zane e Ralph não eram os únicos estudantes a sentar-se nas mesas de outras equipas.

Após o jantar, discutiram os horários dos dias seguintes. Zane juntar-se-ia a James para a aula de Tecnomância com o professor Jackson, e Ralph estaria com James em Defesa Contra as Artes das Trevas. Os rapazes exploraram a biblioteca, rodeando a Secção Restrita até que a bibliotecária os expulsou com um severo aviso. Finalmente, despediram-se uns dos outros e seguiram caminhos diferentes.

— Vejo-te amanhã com o Professor Cara de Pedra! — Zane, que tinha uma predisposição única de dar alcunhas aos professores, brandou enquanto subia a escadaria para a sala comum dos Ravenclaw.

Entrando na sua própria sala comum, James viu Ted sentado no sofá com os braços erguidos casualmente à volta de Petra. Sabrina e Damien estavam numa mesa próxima, discutindo baixo sobre alguns papéis espalhados na mesa entre eles.

— Pronto para as aulas amanhã, Júnior? — bradou Ted quando James se juntou a ele.

— É. Acho que sim.

— Vais-te sair bem — Ted disse, de modo tranquilizador. — O primeiro ano é mais práticas manuais com a varinha e teoria. Espera até chegares ao quarto ano e apanhar a professora Trelawney.

— Pelo menos nós conseguimos diminuir o tempo com a Trelawney com aquele novo saco de ossos dos Estados Unidos — disse Petra.

James levantou o sobrolho.

— O que queres tu dizer?

Ted respondeu:

— Parece que elas vão dividir as aulas. O ano passado foram a Trelawney e o Firenze, o centauro, mas ele foi embora este ano, mudou-se de volta para aquele vale de centauros em Greyhaven. Então este ano é a Trelawney com a rainha do voodoo, Madame Delacroix.

— Imagino que elas serão as melhores amigas — Damien anunciou filosoficamente — Como duas ervilhas numa vagem. Como casca de ovo de dragão salpicada e seiva de mandrágora.

James pestanejou, mas antes que pudesse perguntar o que Damien queria dizer, Ted abanou a cabeça, sorrindo maldosamente.

— Usa a imaginação, parceiro.

Alguns minutos depois, James afastou-se do grupo e subiu para o dormitório. Sentiu uma mistura agradável de nervosismo e excitação em relação ao dia seguinte. Por um momento, apenas ficou parado de pé no quarto iluminado pela luz da Lua, imerso na honra de estar ali, de ser um Gryffindor, e de começar os seus estudos. Teve uma momentânea e estonteante sensação das aventuras e desafios que enfrentaria nos anos seguintes, e naquele momento, desejava seguir em frente e enfrentá-los a todos de uma vez.

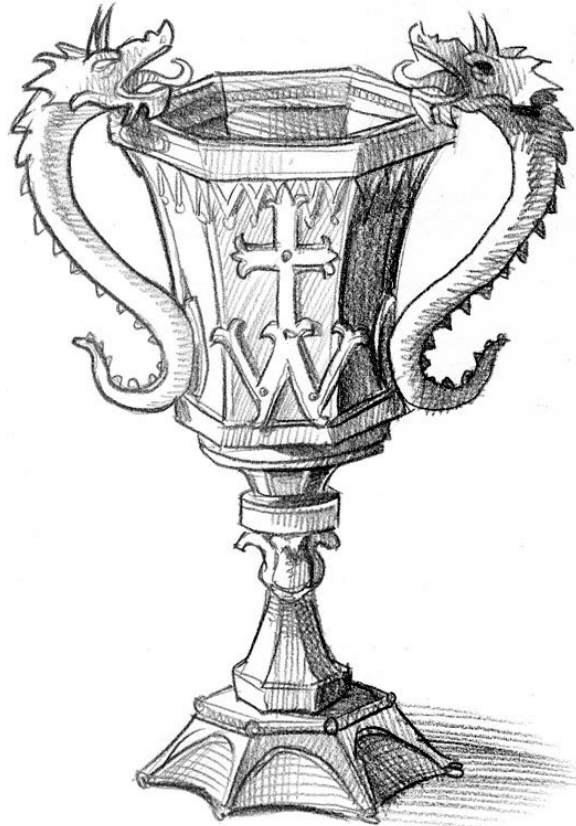
Noah apareceu saindo de dentro do quarto de banho minúsculo. Olhou para James antes de se lançar na sua calma.

— Todos nos sentimos assim, às vezes — ele disse, como se tivesse lido os pensamentos de James. — Espera até amanhã à noite, e voltarás ao normal. Uma boa dose de aulas e trabalhos de casa faz isso aos melhores de nós — e soprou a vela ao lado da sua cama.



— CAPÍTULO 3 —

O Fantasma e o Intruso



James acordou cedo. O dormitório encontrava-se silencioso, exceptuando o respirar dos seus companheiros dos Gryffindor e o ronco assobiador de Noah a algumas camas de distância. A iluminação no dormitório era apenas em matizes rosa pérola da noite anterior. James tentou voltar a adormecer, mas a sua mente estava cheia de desconhecimento que certamente iria experimentar nas próximas doze horas. Alguns minutos depois, lançou os seus pés para fora da cama e começou-se a vestir.

Os corredores de Hogwarts, apesar de relativamente vazios e silenciosos, pareciam inquietos de uma maneira diferente àquela hora da manhã. Uma frescura de orvalho e sombras madrugadoras preenchiam os espaços, mas havia uma ponta de agitação despercebida atrás de portas demarcadas e degraus estreitos. Enquanto James atravessava os corredores e passava por salas de aula vazias, que em breve estariam repletas de actividades, encontrou algumas pistas de qual seria a actividade dos elfos domésticos no que sucederia nas horas matinais: um balde e um esfregão, ainda a

gotejar, encostados à porta de um quarto de banho; o aroma de pão a assar e o bater de panelas e frigideiras flutuavam por um pequeno vão de escadas; uma fila de janelas com tapeçarias cuidadosamente abertas num convite à brisa.

James deambulou até o Salão Principal, mas encontrou-o vazio e tranquilo, o tecto emitindo um brilho rosa pálido à medida que o céu lá fora ia absorvendo a luz do amanhecer. James pestanejou e voltou a olhar. Algo se movia entre as vigas semitransparentes. Uma figura cinzenta esvoaçou, cantarolando uma pequena canção irritante. James observava-a, tentando entender do que se tratava. Parecia uma silhueta humana, pequena e gorda, com uma alegre expressão de concentração. Contra todas as possibilidades, a figura parecia balançar cuidadosamente pequenos objectos nas arestas de algumas das vigas. James percebeu que esses objectos estavam directamente acima das mesas das equipas, agrupados a intervalos e balançando tão delicadamente que caíam com a menor brisa.

— *Sniff!* — chorou a figura repentinamente, o que fez James saltar. Ele viu-o. Precipitou-se sobre James tão rapidamente que ele quase deixou cair os seus livros. — Quem espia o espião enquanto ele planeia os seus passatempos matinais?! — cantou, com aborrecimento e contentamento gravados na voz.

— Ah — disse James, com um suspiro. — Eu sei quem tu és. Os meus pais falaram-me de ti. Peeves.

— Sei quem és, pequeno diabrete! — anunciou Peeves alegremente, girando ao redor de James — O pequeno rapaz James Potter. Oooh! A dar uma escapada logo de manhã, ao contrário do papá! Aquele preferia a noite! Estás à procura de um lugar para o pequeno almoço? Ah, que pena, os elfinhos ainda estão a prepará-lo nas masmorras. A estas horas, Hogwarts pertence aqui ao Peeves. Em vez disso, que tal um feijãozinho de todos os sabores peruano?

Peeves lançou um braço em direcção ao rosto de James. Os pequenos objectos que enchiam a sua mão pareciam feijões secos e verdes.

— Não! Obrigado! Eu... Eu vou andando — James apontou o polegar por cima do ombro e começou a recuar.

— Tens a certeza? Mmm! Feijões, feijões, o fruto musical! — Peeves dispensou James e girou de volta às vigas. — Quantos mais plantares, mais crescerão! Pequenos feijões no sumo de abóbora do pequeno Potter, talvez! — disse com uma gargalhada desagradável.

James afastou-se até estar a uma boa distância de Peeves. Após alguns minutos encontrava-se num grande terraço com pilares e visão panorâmica para os terrenos da escola. Um nevoeiro erguia-se do lago numa grande nuvem dourada que brilhava ao sol. James debruçou-se sobre um parapeito, respirando a felicidade e entusiasmo de começar o seu primeiro dia.

Algo se moveu na tranquilidade. James observava. Fora na orla da floresta, perto da cabana de Hagrid. Talvez Hagrid tivesse voltado. James analisou a cabana. Ainda

não se via fumo algum na chaminé. O jardim estava descuidado e excessivamente crescido. James ergueu a sobrancelha ligeiramente. Por que razão Hagrid ainda não voltara? Ele sabia que o meio gigante tinha uma notória queda por animais e monstros, e preocupava-se, juntamente com os seus pais, que esse fosse, no fim de contas, a causa da sua destruição. Talvez a aliança com os gigantes se tivesse quebrado. Talvez tivessem atacado Hagrid e Grawp, ou, de alguma forma, feito deles prisioneiros. Talvez...

O movimento chamou a atenção de James novamente. Exactamente atrás da lenha próxima à cabana de Hagrid viu um tremeluzir de cor e um lampejo. James olhou atentamente, inclinando-se o tanto quanto pôde na balaustrada do terraço. E ali estava outra vez. Uma cabeça a espreitar por cima da pilha de lenha. À distância, James apenas conseguia perceber que se tratava de um homem, com mais ou menos a idade do seu pai. O rosto parecia estudar os terrenos, e então o homem levantou-se lentamente e ergueu a máquina fotográfica. Houve outro lampejo quando o homem tirou outra fotografia do castelo.

James estava prestes a ir à procura de alguém a quem pudesse contar sobre aquela estranha visão, um professor ou até mesmo um elfo doméstico, quando algo passou por ele a voar. James saltou, deixando cair os livros de vez. A figura era pálida, semitransparente e não falava. Passou rapidamente por ele e desceu para os terrenos, em direcção ao fotógrafo. A forma fantasmagórica era quase indistinta à luz do sol, mas o homem viu-a a aproximar-se, como se já estivesse à espera que ela o fizesse. O homem soltou um guincho abafado de medo, mas não fugiu, apesar de aparentemente grande parte dele querer fazê-lo. Apressadamente, ergueu novamente a máquina fotográfica e tirou mais umas fotos da figura, enquanto esta se aproximava cada vez mais. Finalmente, no momento em que a figura se preparava para cair sobre ele, girou sobre os calcanhares e correu de forma desajeitada de volta à floresta, desaparecendo na escuridão. O fantasma deteve-se na orla da floresta tal como um cão no limite da sua trela. Fitou o interior da floresta, e então sossegadamente, começou a mover-se para trás e para frente. Após um minuto, virou-se e começou a regressar ao castelo. À medida que James o observava, de alguma maneira, parecia adquirir uma forma mais sólida. Quando retornou ao terreno sob o terraço, tinha o aspecto de um jovem homem. Continuou a flutuar determinado, ainda que um pouco desanimado, com a cabeça baixa. Então, olhou para cima, viu James e parou. Houve um longo momento de perfeita inércia, no qual o homem olhava para James, o rosto transparente sem qualquer expressão. Então, sem aviso, evaporou-se rápida e completamente.

James estava fitando o local onde a figura tinha estado. Sabia que não lho tinha imaginado. Os fantasmas faziam parte de Hogwarts, tanto quanto as varinhas e os retratos que se moviam. Só no dia anterior, tinha visto o fantasma dos Ravenclaw, a Dama Cinzenta, a descer um corredor, parecendo um pouco taciturna. Estava ansioso para conhecer o fantasma dos Gryffindor, Nick Quase Sem Cabeça, pois não conhecia esse fantasma. Obviamente, os seus pais não lhe poderiam ter contado cada pequeno

detalhe da vida em Hogwarts. Grande parte dela era novidade para ele. Mesmo assim, não conseguia tirar da cabeça a imagem do fantasma, bem como a do homem com a máquina fotográfica, a espiar e tirar fotos. Poderia ele ser dos tablóides do mundo mágico? Sem dúvida, não era d'A Voz Delirante. James conhecia as pessoas por trás dessa publicação, e sabia que elas não estariam nem um pouco interessadas na vida matinal em Hogwarts. Pelo contrário, havia imensas publicações mágicas que estavam sempre interessadas nos supostos segredos "podres" de Hogwarts, do Ministério, ou mesmo do pai de James.

Assim que retornou à sala comum, onde esperava encontrar Ted ou um dos Gremlins antes do pequeno-almoço, James lembrou-se que ainda não tinha dado os cumprimentos dos seus pais ao Professor Longbottom. Determinado a fazê-lo durante o pequeno-almoço, poderia aproveitar para perguntar a Neville sobre o fantasma e sobre homem com a máquina fotográfica.

No entanto, não havia sinal de Neville no Salão Principal. As mesas compridas estavam agora apinhadas de estudantes nos seus mantos.

— Queres dizer que viste um homem a tirar fotos lá fora nos terrenos? — perguntou Ralph, comendo uma torrada — O que tem de mal nisso?

— Estou mais interessado no fantasma — disse Zane determinadamente — Pergunto-me como ele morreu. Será que os fantasmas só retornam quando são mortos de uma maneira má?

James encolheu os ombros.

— Não sei. Pergunta a alguém mais velho. Ou então, quanto a isso, pergunta ao Nick quando o vires.

— O Nick Quase Sem Cabeça? — perguntou Sabrina do fundo da mesa

— Sim. Sabes onde ele está? Temos uma pergunta para lhe fazer.

— Foi embora — respondeu Sabrina, abanando a cabeça, fazendo agitar a pena espetada no seu cabelo — Não está connosco desde o nosso primeiro ano. Conseguiu finalmente entrar no Clube dos Sem Cabeça depois de todos estes anos. Fizemos uma festa, e depois ele partiu. Nunca mais voltou. Devia ser a única coisa que o impedia de seguir em frente. Bom para ele. Mas mesmo assim...

— O Clube...? — duvidou Ralph, como se não estivesse certo de querer obter resposta.

— Nunca mais voltou? — repetiu James — Mas ele era o fantasma dos Gryffindor! E agora quem é o nosso fantasma?

Sabrina abanou a cabeça de novo.

— De momento não temos nenhum. Alguns de nós pensávamos que fosse o velho Dumbledore, mas sem sorte.

— Mas... — disse James, sem saber como continuar. Todas as equipas tinham um fantasma, certo? Pensou na forma enevoada que se tornara um jovem homem no relvado da frente.

— Correio! — exclamou Zane. Todos olharam para cima, enquanto as corujas desciam através das janelas altas. O ar estava agora preenchido por batimentos de asas e o som de cartas e pacotes a ser arremessados.

Os olhos de James arregalaram-se ao lembrar-se do estranho projecto matinal de Peeves. Antes que pudesse dizer alguma coisa, ouviu-se o primeiro grande estampido e o grito surpreso e furioso de uma rapariga. Ela levantou-se de uma mesa próxima, os mantos salpicados de amarelo.

— Os meus ovos explodiram! — exclamou ela.

Houve uma erupção de diversos estampidos por todo o Salão quando as corujas embateram nas vigas. Zane percorreu o Salão com o olhar, tentando ver o que estava a acontecer.

— Hora de ir, companheiros! — chamou James, tentando não se rir. Quando acabou de falar, um feijãozinho de todos os sabores peruano caiu de uma viga por cima deles e aterrou dentro de um copo meio cheio, fazendo-o explodir com um ruidoso estampido. O sumo irrompeu do copo como lava num minúsculo vulcão. Enquanto James, Zane e Ralph escapavam do caos, Peeves rodopiava e mergulhava no Salão Principal, rindo alegremente e cantando a sua música do fruto musical.



A aula de Tecnomância era leccionada numa das salas mais pequenas do primeiro andar. Tinha apenas uma janela imediatamente atrás da mesa do professor, e os raios de sol da manhã incidiam sobre a mesa, fazendo a cabeça do Professor Jackson parecer uma coroa de luz dourada. Ele estava inclinado sobre a mesa, a escrever num pergaminho com uma pena, no momento em que Zane e James chegaram. Eles encontraram lugares no silêncio desconfortável da sala, tentando não o quebrar com o arrastar das cadeiras. Lentamente, a sala preencheu-se, poucos se atreviam a falar, até que o único som audível era o arrastar da pena do professor. Finalmente, ele consultou o relógio de mesa e levantou-se, suavizando a frente da sua longa túnica negra.

— Bem-vindos alunos. O meu nome, como já devem saber, é Theodore Jackson. Este ano vou iniciar-vos para o estudo da Tecnomância. Dou muita importância à leitura, mas também à audição. Os dois serão feitos nas minhas aulas. — a sua voz era calma e calculada, mais refinada do que James pensara que fosse. O seu cabelo cinza aço era penteado de forma caprichosamente militar, as suas sobrancelhas negras e grossas formavam uma linha tão recta, que parecia uma régua na testa.

— Foi-vos dito — continuou Jackson, começando a mover-se lentamente pela sala — que não existem perguntas estúpidas. Não tenho dúvida que isso vos foi dito. As perguntas são, supostamente, sinais de uma mente curiosa — parou, observando-os criticamente. — Na minha opinião, pelo contrário, as perguntas são o mero sinal de que um aluno não está a prestar atenção.

Zane virou-se por cima do ombro para James. Este fitou-o, depois olhou para o seu pergaminho. Zane já tinha desenhado uma simples, mas extraordinária caricatura do professor.

James abafou uma gargalhada, tanto em relação ao desenho quanto à audácia de Zane.

Jackson continuou.

— Prestem atenção nas aulas. Façam anotações. Leiam os textos assinalados. Se o fizerem, não terão necessidade de fazer perguntas. Lembro-vos, eu não proíbo as perguntas. Estou apenas a avisar-vos que considerem qualquer pergunta que me obrigue a repetir. Se não o fizer, vou elogiar-vos. Se o fizer, eu... — fez uma pausa, permitindo que seu olhar percorresse toda a sala — *lembrar-vos-ei* desta conversa. — Jackson completara o seu circuito pela sala. Virou-se para o quadro de giz ao lado da janela. Tirou a varinha da bainha da manga e agitou-a em direcção ao quadro — Quem me pode dizer o que estuda a Tecnomância? — No quadro aparecia agora uma palavra escrita com uma letra curva, cuidada e ligeiramente inclinada. Houve uma longa e constrangedora pausa. Finalmente, uma rapariga ergueu a mão. Jackson apontou para ela. — Diga senhorita, er... Perdoe-me, aprenderei os vossos nomes com o tempo. Gallows, não é?

— Sir, — disse a rapariga em voz baixa, aparentemente pensando no conselho dado por Franklyn no dia anterior — A Tecnomância é, creio eu, o estudo da ciência da magia?

— Pertence aos Ravenclaw, Miss Gallows? — perguntou Jackson observando-a. Ela assentiu. — Cinco pontos para os Ravenclaw, embora, eu não aprove o termo “crer” nas minhas aulas. A crença e o conhecimento têm pouco, se é que têm algo, em comum. Nestas aulas iremos aplicar o conhecimento. Ciência. Factos. Se queres crenças, a aula de Madame Delacroix começará convenientemente ao fundo do corredor, daqui a uma hora — Apontou para a porta, e pela primeira vez havia algo parecido com humor no seu rosto de pedra. Alguns alunos atreveram-se a sorrir ou mesmo a rir baixinho. Jackson virou-se apontando a varinha ao quadro novamente.

— O estudo da ciência da magia, sim. É um comum e infeliz mal entendido que a magia é uma actividade mística ou contranatural. Aqueles que crêem — e aqui eu uso o termo “crêem” intencionalmente — aqueles que acreditam que a magia é apenas mística estão também dispostos a acreditar em coisas como o destino, a sorte, e a equipa de Quidditch americana. Resumindo, causas perdidas sem quaisquer provas empíricas que

as suportem. — Mais risos surgiram na sala. Obviamente o Professor Jackson não era o que parecera à primeira vista.

— A magia — continuou, enquanto o quadro negro rabiscava as suas anotações — não, eu repito, *não* quebra nenhuma das leis naturais da ciência. A magia *explora* essas leis utilizando métodos muito específicos e criativos. Mr. Walker — Zane saltou da cadeira, desviando o olhar do desenho no qual tinha trabalhado enquanto os outros tomavam notas. Jackson ainda estava de frente para o quadro, de costas para Zane.

— Preciso de um voluntário, Mr. Walker. Posso pedir o seu pergaminho? — não era um pedido. Enquanto falava, agitou a varinha e o pergaminho de Zane flutuou até à frente da sala. Jackson apanhou-o com uma mão. Virou-se, segurando-o firmemente, mas sem olhar para ele. A turma olhava silenciosamente para a razoável caricatura de Jackson que Zane desenhara. Zane começou a afundar-se no assento, como se quisesse derreter para baixo da mesa.

— É apenas a magia que faz com que o desenho de um feiticeiro verdadeiro ganhar vida? — perguntou Jackson. Ao falar o desenho no pergaminho moveu-se. A sua expressão mudou de severidade estática para uma raiva humorística de história de banda desenhada. A perspectiva alargou-se, e agora estava uma mesa à frente do boneco de Jackson. Uma minúscula versão de Zane surgiu sentada à mesa. A caricatura de Jackson puxou um quadro e nele desenhcou riscas vermelhas até formar as letras “N.P.F.” no topo. O desenho de Zane caiu de joelhos, suplicando à caricatura de Jackson, que abanava a cabeça imperativamente. O desenho de Zane começou a chorar, a sua boca em mágoa parecia um grande boomerang, enquanto que lágrimas cómicas brotavam dos seus olhos.

Enquanto toda a turma irrompia em gargalhadas, Jackson virou a cabeça e finalmente olhou para o pergaminho na sua mão. Esboçou um pequeno, mas genuíno sorriso.

— Infelizmente, Mr. Walker, acabou de perder cinco pontos da sua equipa, anulando os cinco anteriormente ganhos pela Miss Gallowes. Assim é a vida.

Recomeçou a passear pela sala, colocando o desenho novamente sobre mesa de Zane.

— Não, a magia não é, como já foi, apenas uma palavra mágica. Na realidade, o verdadeiro feiticeiro aprende a imprimir a sua própria personalidade no papel utilizando meios *para além* de uma pena. Nada de anormal ocorre. Ocorre apenas um diferente meio de expressão. A magia explora as leis naturais, mas não as quebra. Por outras palavras, a magia não é contranatural, mas sim *sobrenatural*. Ou seja, é *além* da natureza, mas não está fora dela. Outro exemplo. Mr.... Huum...

Jackson apontou para um rapaz ao seu lado, que se recostou subitamente na cadeira, olhando para o dedo apontado para ele.

— Murdock, sir. — disse o rapaz.

— Murdock. Está em idade para a Aparição. Estou certo?

— Ah. Sim, senhor — respondeu Murdock, parecendo aliviado.

— Importa-se de nos descrever a Aparição, por favor?

Murdock pareceu perplexo.

— É bastante simples, não é? Quer dizer, é uma questão de apenas arranjarmos um local bom e sólido na nossa mente, fechamos os olhos, e fazemos acontecer. E *bang*, estamos lá.

— *Bang*? Dizes assim? — perguntou Jackson, com uma expressão vaga.

Murdock corou.

— Bem. Sim, mais ou menos. Aparecemos lá. Sem mais nem menos.

— Então é instantâneo, o senhor diria.

— Sim, acho que diria isso.

Jackson franziu a sobancelha.

— Acha?

Murdock estava extremamente envergonhado, olhando para os colegas à sua volta, em busca de ajuda.

— Er, não. Quer dizer, sim. Decididamente. Instantaneamente. Como disse.

— Como *você* disse, Mr. Murdock — corrigiu Jackson delicadamente. Movia-se novamente retornando para a frente da sala. Enquanto passava tocou no ombro de outro aluno — Miss?

— Sabrina Hildegard, sir — respondeu Sabrina tão clara e educadamente quanto pôde.

— Podia ter a gentileza de nos fazer um pequeno favor, Miss Hildegard? Precisamos de duas ampolhetas de dez segundos da sala de poções do Professor Slughorn. Creio que é a segunda porta à esquerda. Obrigado.

Sabrina saiu apressadamente enquanto Jackson encarava a sala.

— Mr. Murdock, faz ideia do que acontece quando aparece?

Murdock parecia ter percebido que a alternativa mais segura era a completa ignorância. Balançou firmemente a cabeça. Jackson pareceu aceitar.

— Vamos analisar as coisas deste modo. Quem me sabe dizer o que acontece aos objectos que desaparecem?

Desta vez foi Petra Morganstern que levantou a mão.

— Sir. Os objectos desaparecidos não vão para lado algum, o que é o mesmo que dizer, que vão para todo o lado.

Jackson assentiu com a cabeça.

— Uma resposta de livro, Miss. Mas vazia. A matéria não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, nem estar em todo o lado e em lado nenhum. Vou poupar o meu tempo não questionando mais a ignorância desta turma. Esta é a parte em que eu falo e vocês escutam.

Por toda a sala, penas mergulharam e foram postas em posição. Jackson recomeçou a andar.

— A matéria, como sabem até agora, é feita inteiramente de nada. Átomos reunidos no espaço, formando uma forma que, da nossa perspectiva avantajada, parece sólida. Este castiçal — estendeu a mão ao castiçal de metal que se encontrava na sua mesa — parece-nos ser um único e sólido objecto, mas efectivamente, é formado por triliões de minúsculos átomos com distância suficiente entre eles para criarem forma e peso para a nossa desajeitada visão. Quando o fazemos desaparecer — Jackson agitou a varinha fazendo o castiçal desaparecer com um baixo estampido — Não estamos a mover o candelabro, nem a destruí-lo, nem sequer a obrigar a matéria a comprimi-lo até este deixar de existir. Ou estamos?

Os olhos cortantes de Jackson perscrutaram a sala, saltando de rosto em rosto, à medida que os alunos paravam de escrever à espera que o professor continuasse.

— Não. Em vez disso, temos alterado a distribuição do espaço entre esses átomos — disse eloquentemente. — Temos expandimos o espaço entre eles talvez mil vezes, talvez um milhão de vezes. A multiplicação destes espaços aumenta o castiçal até um ponto de dimensões quase planetárias. O resultado, é que podemos realmente passar através dele, através dos espaços entre os seus átomos, sem sequer percebermos. Em resumo, o castiçal ainda está aqui. Foi simplesmente tão expandido, tão esticado até a um nível quase efémero, e tornou-se assim fisicamente insubstancial. Está, no fim de contas, em todo o lado, e em lado nenhum.

Sabrina retornou com as ampulhetas, colocando-as em cima da mesa de Jackson.

— Ah, obrigado Miss Hildegard. Murdock.

Murdock deu outro salto, que causou um burburinho entre a turma.

— Sir.

— Não tenha medo, meu corajoso amigo. Gostaria que fizesse uma tarefa que eu espero que ache muito simples. Gostaria que desaparecesse para nós.

Murdock ficou chocado.

— Desaparecer? Mas... mas ninguém pode desaparecer nos territórios da escola, sir.

— É verdade. Uma curiosa e meramente simbólica proibição, mas no fim das contas, não deixa de ser uma proibição. Felizmente para nós, consegui uma permissão educacional temporária que lhe permitirá, Mr. Murdock, desaparecer aqui — Jackson deslocou-se até ao canto frontal da sala e apontou para o chão. — Aqui — Murdock ficou paralisado e balançava ligeiramente enquanto pensava na tarefa que o professor lhe pedira.

— Quer dizer que quer que eu desapareça desta sala... para esta sala?

— De onde está, para cá. Este canto, mais especificamente. Não previa que fosse tão difícil assim. Excepto, que eu gostaria que o fizesse carregando isto. — Jackson pegou numa das pequenas ampulhetas que Sabrina trouxera.

— Vire-a precisamente antes de desaparecer. Entendido?

Murdock assentiu aliviado.

— Sem problemas, sir. Consigo fazer isso de olhos vendados.

— Não me parece que isso seja necessário — disse Jackson, dando-lhe a ampulheta. Voltou à frente da sala, e pegou na segunda ampulheta.

— Aos três, Mr. Murdock. Um... Dois... Três!

Murdock e Jackson viraram ambas as ampulhetas. Um segundo depois, Murdock desapareceu com um forte estalo. Todos os olhares se concentraram no canto da frente. Jackson segurava a ampulheta, vendo a areia deslizar silenciosamente pelo vidro. Ele cantarolou um pouquinho. Debruçou-se ligeiramente sobre a mesa. E então, preguiçosamente, virou-se e olhou para o canto frontal da sala. Com um segundo estalo, Murdock reapareceu. Com um movimento extraordinariamente rápido, Jackson tirou-lhe a ampulheta da mão e pô-la, junto à dele, no centro da sua mesa. Recuou, analisando as duas ampulhetas. A areia da ampulheta de Jackson estava igualmente repartida entre os bolbos. A de Murdock ainda estava praticamente toda no topo.

— Receio, Mr. Murdock — afirmou Jackson, sem retirar os olhos das ampulhetas — Que a sua hipótese se tenha provado falsa. Volte ao seu lugar, e obrigado. — Jackson mirou a turma e apontou para as ampulhetas — Uma diferença de quatro segundos, com alguns décimos a mais ou a menos. Parece que, afinal, a Aparição não é instantânea. Mas, — e esta é a parte interessante — *é*, na realidade, para o Aparecedor. O que é que a Tecnomância nos pode dizer sobre isto? Esta é uma pergunta retórica. Eu irei responder.

Jackson recomeçou a andar de um lado para o outro, enquanto novas palavras apareciam no quadro. Por toda a sala, os alunos debruçaram-se sobre os pergaminhos.

— A aparição utiliza a mesma metodologia dos objectos desaparecidos. O aparecedor amplia os espaços entre os seus átomos, expandindo-os até a um ponto em que se tornam fisicamente insubstanciais, invisíveis, imensuráveis, efectivamente, em qualquer lugar. Alcançando a onnipresença, o aparecedor *reduz* automaticamente os espaços entre os seus átomos, mas com um novo ponto central determinado pelo ponto de referência mental imediatamente antes da Desaparição. Um feiticeiro em Londres, mentaliza o Ebbets Field, e desaparece — ao fazê-lo, atinge a onnipresença — e então reaparece com um novo ponto sólido no Ebbets Field. É essencial que o feiticeiro mentalize o destino antes da desaparição. Alguém consegue dizer-me, através da Tecnomância, porquê?

Silêncio. Então a rapariga chamada Gallows levantou a mão novamente.

— Porque o processo de Aparição é instantâneo para o feiticeiro?

— Crédito parcial, Miss — disse Jackson, perto da amabilidade — Dependendo das distâncias, a Aparição leva tempo, como já vimos, e o tempo não é, relativamente falando, flexível. Não, a razão pela qual o feiticeiro deve fixar o seu destino antes de desaparecer é que, enquanto está no estado de onnipresença, a sua mente está num perfeito estado de hibernação. O tempo que demora a Aparecer não é instantâneo, mas como a mente do bruxo está congelada durante este processo, parece ser. Já que o

feiticeiro não consegue pensar nem sentir durante o processo de Aparição, um feiticeiro que não tenha em mente o seu destino antes de desaparecer... não Reaparecerá novamente.

Jackson franziu as sobrancelhas e perscrutou a sala, procurando sinais de que os alunos tivessem compreendido a lição. Após alguns segundos, uma mão foi erguida lentamente. Era Murdock. O seu rosto contraído, aparentemente lutando por organizar estes radicais conceitos na sua mente. A sobrancelha negra e grossa de Jackson voltou a erguer-se.

— Sim, Mr. Murdock?

— Tenho uma dúvida. Desculpe. Onde... — tossiu, clareando a voz e lambendo os lábios — Onde fica o Ebbets Field?



James encontrou-se com Zane e Ralph depois do almoço, quando os três desfrutavam de um curto tempo livre. Com demasiado tempo para irem logo para as próximas aulas, mas também não longo o suficiente para se dirigirem às salas comuns, esforçavam-se absurdamente para andar pelos corredores lotados perto do pátio, tentando sair do caminho da multidão de alunos, e discutir as aulas da manhã.

— Eu digo-te, o Cara de Pedra tem um efeito estranho qualquer na passagem do tempo! — contou Zane a Ralph apaixonadamente — Eu juro que, a certa altura, vi o relógio andar para trás.

— Bem, eu gostei do meu professor. O Professor Flitwick. Já o viram por aí? — disse Ralph, mudando de assunto intencionalmente.

Zane conseguiu ser dissuadido

— O homem tem olhos debaixo da peruca ou assim. Quem é que iria pensar que uma escola de feitiçaria seria tão estranha?

— O Professor Flitwick ensina os feitiços básicos e os movimentos de varinha, não é? — perguntou James a Ralph.

— Sim. Foi mesmo excelente. Quer dizer, uma coisa é ler sobre fazer magia, mas vê-la acontecer é outra. Ele fez a cadeira levitar, com os livros e tudo!

— Livros? — perguntou Zane.

— Sim, aquela pilha de livros que ele tem em cima da cadeira para poder ver por cima da mesa. Deve pesar uns cem quilos. Ele levitou a cadeira com os livros em cima, usando só a varinha.

— E como te saíste? — perguntou Zane. James encolheu-se, pensando na ridícula varinha de Ralph.

— Nada mal — respondeu Ralph.

Houve uma pausa quando Zane e James pararam para olhar para ele.

— A sério. Nada mal mesmo — repetiu Ralph — Quer dizer, não estávamos propriamente a levitar cadeiras ou qualquer coisa do género. Eram só penas. O Flitwick disse-nos que não esperava que conseguíssemos à primeira vez. Mesmo assim, saí-me tão bem quanto os outros — Ralph parecia pensativo — Talvez até um pouco melhor. O Flitwick parecia muito contente comigo. Disse que eu tinha talento.

— Levitaste uma pena com aquele núcleo maluco de bigode de Homem das Neves? — perguntou Zane incrédulo.

Ralph olhou-o com desagrado.

— Sim. Para tua informação, o Flitwick diz que a varinha é uma mera ferramenta. É o feiticeiro que faz a magia. Talvez eu tenha simplesmente talento. Já te tinha ocorrido, Senhor Perito-Em-Varinhas?

— Certo, desculpa — murmurou Zane — Mas não aponte esse tronco louco de boneco de neve para mim. Quero manter o mesmo número de pernas e braços.

— Esquece isso — reconfortou-o James quando recomeçaram a andar — o Flitwick tem razão. O que importa de onde vem a varinha? Conseguiste mesmo levitar a pena?

Ralph sorriu com orgulho.

— Até ao tecto. Ainda está lá em cima. Ficou presa numa das vigas.

— Boa. — disse James apreciativamente.

Um rapaz mais velho com uma gravata verde esbarrou em James, empurrando-o do caminho para a relva do pátio. Empurrara igualmente Ralph, mas este era tão alto e largo quanto ele. Fê-lo apenas balançar, mas não o moveu do lugar.

— Desculpa — murmurou Ralph para o rapaz, quando este parou e o mirou furioso.

— Vejam por onde andam, primeiros anos — resmungou o rapaz, olhando de James para Ralph — E talvez devesses ter mais cuidado com as companhias, Deedle — E foi-se embora sem esperar resposta.

— *Esta* é a atitude Slytherin da qual me falaste no comboio. — disse Zane — Acabou o “espero que sejamos todos amigos”.

— Aquele era o Trent — disse Ralph com ar taciturno, vendo o rapaz afastar-se — Foi ele que disse que o meu *GameDeck* era um insulto ao sangue mágico. Embora eu não esperasse que ele o pedisse emprestado.

James não prestava atenção. Estava distraído com outra coisa, algo que o rapaz usava.

— O que dizia o distintivo dele?

— Ah, agora todos os usam. — respondeu Ralph — A Tabitha Corsica estava a distribuí-los de manhã na sala comum. Aqui... — Ralph vasculhou as suas vestes e retirou outro distintivo. — Esqueci-me de pôr o meu.

James observou o distintivo. No fundo azul-escuro, em letras brancas podia ler-se “*Feitiçaria Progressiva Contra a Falsa História*”. Uma cruz vermelha aparecia repetidamente sobre as palavras “*Falsa História*”, e depois desvanecia.

— Nem todos dizem isso — disse Ralph, voltando a guardar o distintivo — Alguns dizem “*Questiona os Vitoriosos*”. Outros tinham grandes citações que não faziam o mínimo sentido para mim. O que é um auror?

Zane pronunciou-se.

— O meu pai foi chamado uma vez à recruta de aurors. Mas foi-se embora porque tinha umas filmagens na Nova Zelândia. Ele diz que se os aurors fossem mais bem pagos talvez a Justiça melhorasse.

Ralph fitou-o desnorteado. James suspirou.

— Os aurors — disse ele, lenta e cuidadosamente — são um grupo de feiticeiros que procuram e capturam feiticeiros das trevas. São como uma polícia mágica, creio eu. O meu pai é um auror.

— Chefe do Departamento de Aurors, queres tu dizer — disse uma voz de um grupo vizinho. Tabitha Corsica era a porta-voz do grupo, observando James, enquanto percorriam o pátio — Perdoa a minha interrupção. — o restante dos membros do grupo fitava James com sorrisos indecifráveis. Todos usavam os distintivos azuis.

— Sim — respondeu James, em tom alto, mas um tanto incerto — Ele é.

— O teu pai é chefe dos policas da magia? — perguntou Zane, olhando dos partidários Slytherins para James.

James entristeceu-se e assentiu com a cabeça. Lera outro dos distintivos. Dizia: “*Diz Não à Política de Medo dos Aurors; Diz Sim à Liberdade de Expressão Mágica*”. James não compreendeu o seu significado, mas tinha um mau pressentimento.

Zane virou-se de repente e deu um toque com o cotovelo em Ralph.

— É melhor pões esse distintivo, companheiro, ou os teus amiguinhos de equipa vão pensar que tu és a favor da História Falsa e do Aurors Imperialistas, ou algo assim.

James pestanejou, percebendo-se finalmente o que Ralph dissera há um minuto atrás.

— Disseste que o teu colega levou emprestada aquela tua coisa, o *GameDeck*?

Ralph sorriu forçadamente.

— Bem, talvez não tenha sido ele. Mas alguém o fez. Não que muitos soubessem dele. A não ser que andassem a falar pelas minhas costas. Tudo o que sei é que dei pela falta dele logo depois de mostrar aos meus colegas. Suponho que tivessem apenas livrando a sala comum de qualquer tipo de magia falsificada — suspirou.

James não conseguia afastar a estranha sensação que sentia na barriga. Girava em torno daquela atitude antipática dos Slytherin, e dos seus distintivos. E agora, um deles roubara o estranho jogo muggle de Ralph. Porquê?

Estavam quase a passar pela vitrina dos troféus de Hogwarts quando Zane, que tinha se adiantado, parou e os chamou:

— Ei, fichas de inscrição para os clubes. Vamos fazer algo extracurricular — inclinou-se, examinando uma folha em particular — *Lê Runas! Prevê o teu futuro e o dos teus amigos! Aprende Linguagem das Estrelas. Blá, blá. O Clube de Astronomia. Reuniões às terças-feiras às onze horas na Torre Oeste.* Isto cheira-me a desculpa para ficar de pé até tarde. Estou nessa — agarrou a pena que estava presa a uma prateleira por um fio, mergulhou-a teatralmente e escreveu o seu nome na ficha.

James e Ralph viram-se para ele. Ralph inclinou-se para ler as fichas de inscrição em voz alta.

— Grupos de Debate, Clube de Xadrez de Feiticeiro, equipas de Quidditch das Equipas.

— O quê? Onde? — perguntou Zane, ainda a segurar a pena como se a quisesse espetar em alguma coisa. Encontrou a ficha para as provas das equipas de Quidditch dos Ravenclaw e começou a escrever o seu nome — Só tenho que estar em cima duma daquelas vassouras. O que achas das minhas oportunidades, James?

James tirou-lhe a pena, agitando a cabeça alegremente.

— Tudo é possível. O meu pai foi seeker dos Gryffindor no seu primeiro ano. O mais novo seeker da história da equipa. É a razão, em parte, pela qual eles mudaram as regras. Os primeiros anos normalmente não entravam nas equipas. Agora é autorizado, mas é muito, muito difícil — James assinou no fim da ficha da equipa de Quidditch dos Gryffindor. As provas, leu, eram no dia seguinte após as aulas.

— Ralph, não vais inscrever-te na equipa dos Slytherin? Vamos! Todos os teus amigos vão! — incentivou Zane.

— Não, nunca fui muito bom com os desportos.

— Tu? — bradou Zane, atirando um braço sobre o ombro de Ralph — És uma parede de tijolo. Só tens de ficar em frente ao aro e a defesa está assegurada! Eles só têm de arranjar uma vassoura que aguento contigo.

— Cala-te! — exclamou Ralph, livrando-se do braço de Zane, mas sorrindo, corado. — Na verdade, estava a pensar em inscrever-me no grupo de debate. A Tabitha diz que eu seria bom nisso.

James pestanejou.

— A Tabitha Corsica disse-te para te inscreveres no grupo de debate dos Slytherin?

— Na realidade — disse Zane, observando as fichas de inscrição dos grupos de debate — os grupos de debate não são divididos pelas equipas. São grupos aleatórios A

e B. Vejam, pessoas de todas as quipas podem ficar no mesmo grupo. Aqui estão até alguns dos visitantes de Alma Aleron.

— Porque não arriskas inscrever-te, Ralph? — perguntou James. Era óbvio que Ralph queria.

— Não sei...

— Ah, olha, a Petra está no grupo A — disse Zane, começando a assinar a folha. James ergueu o cenho.

— Vais para os grupos de debate só porque a Petra Morganstern também está?

— Consegues pensar num motivo melhor?

— Sabes — disse James, rindo — Acho que a Petra anda a sair com o Ted.

— O meu pai diz que as raparigas não sabem se gostam de gelado até terem provado todos os sabores — disse Zane sabiamente, colocando a pena no seu local original.

Ralph franziu a sobrancelha.

— O que é que isso quer dizer?

— Significa que o Zane aqui acha que consegue afastar o Ted pela sua habilidade no departamento de romance — gozou James. Ambos estavam admirados e preocupados pela falta de inibição de Zane.

— Quero dizer — afirmou Zane — que a Petra não saberá o que deseja num homem até ter conhecido o maior número de homens possível. Estou a pensar apenas nos seus melhores interesses.

Ralph estudou Zane por um momento.

— Tes noção que só tens onze anos, certo?

James não se moveu quando Zane e Ralph recomeçaram a andar. Uma fotografia dentro da vitrina atraía a sua atenção. Debruçou-se, colocando as mãos em forma de concha em volta do rosto, bloqueando o reflexo do sol. Era uma fotografia a preto e branco, movendo-se, tal como todas as fotografias ali faziam. Era o seu pai, mais jovem, mais magro, o seu cabelo rebelde e revoltado caído sobre a tão famosa cicatriz. Sorria desconfortavelmente para a máquina fotográfica, movendo os olhos, como se estivesse a evitar o contacto visual com alguém ou algo fora da visão da máquina. Ao lado da foto emoldurada estava um grande troféu de prata com uma espécie de cristal azul que emitia uma luz viva e serpeante. James leu a placa por baixo do troféu.

A TAÇA DOS TRÊS FEITICEIROS

Obtida em conjunto por Harry Potter e Cedric Diggory, alunos de Hogwarts das Equipas de Gryffindor e Hufflepuff, respectivamente, por vencerem o Torneio dos Três Feiticeiros, realizado nestes territórios com a cooperação dos representantes do Instituto de Durmstrang e Academia de Magia de Beauxbatons.

Havia mais coisas, mas James não leu. Ele conhecia a história. O nome de Harry Potter fora tido como o de um participante fraudulento, tendo sido inscrito na competição por um feiticeiro das trevas chamado Crouch, que levava Harry e Diggory através de um Botão de Transporte ao covil de Voldemort, resultando no retorno do maquiavélico feiticeiro à sua forma corpórea. Não admirava que o seu pai estivesse desconfortável na fotografia. Não tinha sequer a idade legal para participar no torneio, e tornara-se o dispensável quarto participante numa competição de três. Estava rodeado de pessoas que suspeitavam que tivesse feito fraude, ou pior, magia negra.

James virou-se para a foto do outro lado da taça, a de Diggory. O seu sorriso era genuíno e caloroso, comparado com o do seu pai. James nunca vira uma foto de Diggory, não obstante, este parecia-lhe estranhamente familiar. Ele sabia da história de Diggory, sabia que morrera ao lado do seu pai, no cemitério para onde tinham sido enviados, morto por ordem de Voldemort. O seu pai raramente falava sobre aquela noite, e James compreendia o porquê, ou pelo menos pensava compreender.

Suspirou, e correu para alcançar Zane e Ralph.

Mais tarde naquele dia, James fora ao dormitório buscar os livros para a aula de Defesa Contra as Artes das Trevas, e encontrou Nobby à sua espera, arranhando o parapeito da janela impacientemente. James agarrou o pergaminho enrolado na perna de Nobby e leu-o.

Querido James,

O teu pai e eu estamos felizes por saber que estás bem instalado, como já sabíamos que estarias. O teu tio Ron mandou felicidades por te teres tornado um Gryffindor, e todos nós também. Mal posso esperar para saber como correram as primeiras aulas do ano. Além disso, espero que sejamos os primeiros a informar-te, o teu pai foi convidado para ir a Hogwarts para uma reunião com os feiticeiros americanos a respeito da segurança internacional e outros assuntos de “interesse mútuo”. Vou ficar em casa com a Lily e o Albus, mas o teu pai está ansioso para te ver na próxima semana. Vê se comes mais do que apenas pastéis e empadas, lava as tuas roupas pelo menos uma vez por semana (Estou a brincar. Não, não estou.)

Com amor,

Beijos,

Mãe.

James dobrou a carta dentro do livro que trazia nos braços e desceu as escadas a correr. Saber que iria ver o pai dentro de uma semana despertava nele um turbilhão de sentimentos. Claro que estava entusiasmado por vê-lo e por lhe apresentar os seus novos amigos. Mesmo assim, temia que a sua visita fizesse recair sobre ele a sombra do seu famoso pai. Estava agradecido por Zane e Ralph serem de descendência muggle, pois assim eram relativamente ignorantes em relação aos feitos do seu lendário pai. Quando se juntou à multidão que enchia a sala de Defesa Contra as Artes das Trevas,

James viu outro distintivo na veste de um Slytherin: *“Feiticeiros Progressivos Contra a Discriminação Mágica”* lia-se. Sentiu uma estranha sensação de afundamento, e então notou o papel preso com um clipe junto à porta: *“Harry Potter na Conferência da Magia Internacional”* anunciava o cabeçalho. Por baixo, em letras mais pequenas podia ler-se: *“Auror Chefe Reúne-se Com Representantes dos Estados Unidos Durante Cerimónia em Hogwarts. Questões de Segurança Estão na Ordem do Dia.”* Preso ao jornal, de maneira a tapar a imagem de um Harry Potter adulto e sorridente, encontrava-se outro dos distintivos azuis, com a mensagem *“Questiona os Vitoriosos”*.

— Vamos lá — encorajou Ralph, juntando-se a James — Vamos-nos atrasar.

Enquanto atravessavam a sala apinhada e encontravam dois lugares à frente, Ralph inclinou-se sobre o ouvido de James.

— Era o teu pai no artigo do jornal?

James pensava que Ralph não tinha visto. Virou-se para Ralph, enquanto se sentavam

— Sim. Acabei de receber uma carta da minha mãe a contar-me. Ele chega no início da próxima semana. É uma grande reunião com os americanos, parece-me.

Ralph não disse nada, mas parecia desconfortável.

— Já sabias disto, não? — segredou James enquanto o silêncio se espalhava pela sala.

— Não — murmurou Ralph — pelo menos, não especificamente. Os meus colegas de equipa andaram a falar dum tipo qualquer de protesto. Parece que está relacionado com o teu pai.

James ficou a olhar para Ralph, ligeiramente boquiaberto. Então era isso que a Tabitha Corsica e os seus amiguinhos estavam a preparar, por detrás daqueles discursos e sorrisos amigáveis. Pelos vistos, as táticas dos Slytherin tinham mudado, mas não o seu propósito. James pressionou os lábios e virou-se para a frente da sala enquanto o Professor Franklyn se aproximava da mesa principal. O Professor Jackson acompanhava-o, carregando a sua pasta de couro preto e conversando num tom baixo.

— Saudações, estudantes — saudou-os Franklyn secamente — Sei que alguns de vocês já conhecem o Professor Jackson. Por favor, perdoem o meu pequeno atraso. — Jackson olhou os alunos sentados por cima do ombro, com o rosto rígido como granito. A alcunha dada por Zane ao Professor assentava agora perfeitamente, pensou James. Franklyn virou-se de costas para Jackson e falou com uma voz silenciadora. Jackson parecia descontente com as palavras de Franklyn. Pousou a pasta no chão a seu lado, livrando as mãos.

James olhou para a pasta que estava a um ou dois metros do local onde ele estava sentado na primeira fila. Jackson nunca era visto sem a sua pasta, que guardava com muito cuidado. James tentou não ouvir a conversa entre os dois professores, que obviamente era para ser secreta. Evidentemente, isso fê-a parecer mais intrigante.

Conseguiu ouvir as palavras “gruta” e “Merlin”. Então, uma terceira voz atravessou a sala.

— Professor Jackson. — chamou, não era uma voz alta, mas soou com um poder inexplicável. James virou-se para ver quem estava a falar. Madame Delacroix estava à porta da sala, o seu olhar vago flutuando por cima das cabeças dos alunos sentados. — Achei que gostaria de saber que a sua turma está à espera. É sempre tão... — pareceu procurar no ar a melhor palavra — *rigoroso* e insistente com os horários. — A sua voz arrastada tinha de um sotaque um tanto francês e um tanto sul-americano. Sorriu vagamente, então deu meia volta, a sua bengala bateu no chão, e desapareceu pelo corredor.

A cara de Jackson estava agora mais rija do que o normal ao olhar para a porta agora vazia. Olhou penetrantemente para Franklyn, e depois baixou o olhar, procurando a sua pasta. Deteve-se subitamente antes de chegar até ela, e James não conseguiu deixar de olhar para os pés do professor. Aparentemente a pasta de couro preto abrira-se quando ele a pousara. Ninguém parecia ter notado excepto James e o Professor Jackson. Jackson apanhou-a lentamente, e fechou-a com um pequeno estalido. James teve uma pequena visão do seu interior. Parecia ser forrada com um tecido escuro e rico. Jackson ergueu-se, e ao fazê-lo, olhou para James, a sua face rígida com um ar severo. James tentou desviar o olhar, mas era tarde demais. Jackson sabia que ele vira, mesmo que não soubesse o que estava lá dentro.

Sem dizer qualquer palavra, Jackson afastou-se da passagem, movendo-se com o seu andar característico que se assemelhava a um velho barco de combate, e foi em direcção ao corredor sem olhar para trás.

— Obrigado pela paciência. — agradeceu Franklyn, ajeitando os óculos — Bem vindos a Defesa Contra as Artes das Trevas. Por agora, a maioria de vocês já sabe o meu nome, e presumo que muitos de vocês também conhecem um pouco da minha história. Para esclarecer desde já as perguntas óbvias: Sim, sou *aquela* Benjamin Franklyn. Mas não, não fui eu que inventei a electricidade para os muggles, apenas lhes dei um empurrãozinho na direcção certa. E sim, fiz parte do Congresso Continental Americano, embora, por razões óbvias, não fui um dos assinantes da Declaração da Independência. Àquela altura usava duas maneiras de soletrar o meu nome, e apenas uma era conhecida no mundo muggle, o que me facilitava saber quais as cartas que devia abrir primeiro. Sim, eu tenho noção de que o meu rosto ilustra as notas americanas de cem dólares. Não, ao contrário do mito popular, eu não ando por aí com maços de notas de cem para autografar aos admiradores. Sim, eu já sou um velhote, e sim, isso foi conseguido graças aos meios da magia, embora confesse que esses meios são muito mais terrenos do que muitos esperam. E por último, não, não sou imortal. Sou um homem muito, muito velho que envelheceu bem, com algumas ajudinhas. Isso responde às questões mais óbvias? — terminou Franklyn com um grande sorriso, sondando a sala cheia. Houve um murmúrio de consentimento.

— Excelente. Mãos à obra então. E, por favor — continuou Franklyn abrindo um grosso livro sobre a escrivania — Vamos evitar qualquer uma das piadas do “são sempre os Benjamins”. Elas não eram engraçadas há duzentos anos atrás e são menos engraçadas agora, obrigado.



Atravessando os terrenos em direcção ao Salão Principal para o jantar, James e Ralph passaram pela cabana de Hagrid e notaram a espiral de fumo que saía da chaminé. James alegrou-se, pediu a Ralph que o seguisse, e correu para a porta da frente.

— James! — gritou Hagrid, abrindo a porta. Atirou os braços sobre o rapaz, ocultando-o totalmente. Ralph arregalou os olhos e recuou, fitando Hagrid de alto a baixo — É tão bom ter um Potter de novo na escola. Como estão os teus pais, e o pequeno Albus e a Lily?

— Estão todos óptimos, Hagrid. Por onde tens andado?

Hagrid saiu, fechando a porta atrás de si. Eles seguiram-no à medida que ele atravessava os terrenos em direcção ao castelo.

— Nas montanhas. Numa reunião com os gigantes. Eu e o Grawp vamos todos os anos, sabes? Espalhando a boa vontade e tentar manter todos honestos, enfim. Ficamos um pouco mais este ano, porque o pequeno Grawp encontrou uma namorada. Quem é este teu amigo, James?

James, momentaneamente distraído pela ideia de Grawp, o meio irmão gigante de Hagrid, a realizar rituais de acasalamento com uma gigante da montanha, esquecera-se completamente de Ralph.

— Ah! Este é o meu amigo Ralph Deedle. É do primeiro ano, assim como eu. Hagrid, estás a dizer que o Grawp está apaixonado?

Hagrid ficou vagamente nebuloso.

— Ah, é bonito ver o meu irmão junto com a sua amiga. Eles estão tão felizes quanto um equipal de hipogrifos num galinheiro. Os relacionamentos entre os gigantes são coisas muito delicadas, sabem?

Ralph estava tendo algumas dificuldades em acompanhar a conversa.

— O Grawp, o seu irmão, é um gigante?

— Bem, claro — disse Hagrid em tom jovial — É um dos pequenos. Cinco metros ou até menos. Deviam ter visto a amiga dele. É da tribo de Crest-Dweller, tinha mais sete metros. Não faz meu tipo de mulher, claro, mas o Grawp ficou apaixonado por ela.

Também não é surpresa, já que o primeiro passo do namoro entre dois gigantes é *bater* no companheiro com um grande tronco duma árvore. Ela pô-lo sem sentidos durante boa parte do dia. Depois disso ele ficou com aquele olhar de cachorrinho perdido.

James tinha medo de perguntar, e já suspeitava da resposta.

— O Grawp trouxe a namorada com ele?

Hagrid olhava para o vazio.

— Bem, claro que trouxe. Esta é a casa dele agora, não é? Ela vai ser uma boa esposa. Ela construiu uma pequena cabana nas colinas atrás da floresta. O Grawp está lá agora, ajudando-a a instalar-se, espero.

James tentou imaginar Grawp ajudando “instalar” uma gigante de sete metros de altura, mas a sua imaginação exausta desligou-se. Abanou a cabeça, na tentativa de apagá-la.

— Ouvi dizer que o teu pai vem a uma reunião aqui na próxima semana, James.

— disse Hagrid, enquanto entravam pelas sombras dos portões principais — Uma reunião com os cérebros do outro lado do oceano, é?

James reflectiu a terminologia de Hagrid.

— Se o dizes assim.

— Ah, vai ser tão bom tomar um chá com o teu pai, tal como nos velhos tempos. Só que sem todo aquele segredo e aventura. Já te contei sobre quando o teu pai, o Ron e a Hermione ajudaram o meu Norbert a fugir?

— Só umas cem vezes, Hagrid. — sorriu James, puxando as portas do Salão Principal — Mas não te preocupes, é sempre diferente cada vez que a ouço.

Mais tarde, quando o jantar estava prestes a acabar, James foi falar com Hagrid num lugar que ele achava que poderiam ter uma conversa mais privada.

— Hagrid, posso fazer-te, tipo, uma pergunta oficial?

— Claro que sim. Não te posso garantir que saberei a resposta, mas darei o meu melhor.

James olhou em volta e viu Ralph sentado ao fundo da mesa dos Slytherin com o grupo de Tabitha Corsica. Ela falava com um tom sério, o seu rosto bonito iluminado pela luz das velas e pela luz penetrante do tecto escuro.

— As pessoas podem ser, como se diz, seleccionadas erradamente? É possível que o Chapéu se engane e coloque alguém na equipa errada?

Hagrid sentou-se pesadamente num banco próximo, fazendo-o chiar consideravelmente.

— Bem, não te posso dizer como se já tivesse acontecido antes. — disse — Algumas pessoas podem não gostar da equipa para a qual foram seleccionadas, mas isso não quer dizer que não seja a equipa certa para eles. Estás preocupado com o quê, James?

— Oh, não sou eu. — disse James em tom preocupado, desviando o olhar de Ralph, como se este o afectasse — Perguntei apenas por perguntar, sabes. Andava a pensar nisso.

Hagrid sorriu indefinidamente e deu uma palmadinha nas costas de James, fazendo-o tropeçar num degrau.

— És como o teu pai. Sempre preocupado com os outros quando devias ver por onde andas. Isto vai causar-te problemas se não fores cuidadoso, assim como fez o teu pai — Hagrid deu uma risada, emitindo um som parecido com pedras perdidas num deslizamento de terras. Aquela ideia parecia trazer a Hagrid recordações calorosas — Não, Chapéu Seleccionador sabe o que faz, penso eu. Tudo se resolverá. Só tens de dar tempo ao tempo.

Mas à medida que James passava pela sua, mantendo contacto visual com Ralph durante um mísero segundo na mesa dos Slytherins, ele continuava envolto nos seus pensamentos.

— CAPÍTULO 4 —

O Elemento Progressivo



James Potter sentou-se na sua cama, sufocando um grito. Escutou muito atentamente, espiando através da escuridão do dormitório. Ao seu redor tudo o que ouvia eram os pequenos sons dos Gryffindors a dormir. Ted contorceu-se e roncou resmungando no seu sonho. James conteve a respiração. Acordou alguns minutos antes com o som do seu próprio nome nos ouvidos. Tinha sido como uma voz num sonho, distante e sussurrante, soprada do fundo de um longo túnel escuro. Tinha acabado de se convencer de que tinha, de facto, sido um sonho e tinha voltado a tentar dormir quando o ouviu de novo. Parecia vir das próprias paredes, um som longínquo, ainda que próximo dele, como um coro de sussurros a pronunciar o seu nome.

Muito silenciosamente, James saiu com cautela da sua cama e vestiu o robe. O chão de pedra estava frio sob os seus pés quando se levantou e escutou, inclinando a cabeça. Virou-se lentamente, e quando olhou para a porta, a figura que estava ali

moveu-se. Ele não a tinha visto aparecer, simplesmente estava ali, a flutuar, onde um momento antes só existira escuridão. James sobressaltou-se e recuou até à sua cama, quase caindo de costas sobre ela. Então reconheceu a figura fantasmagórica. Era a mesma figura branca etérea que tinha visto a perseguir o intruso nos terrenos da escola, a forma fantasmagórica que parecia um jovem quando voltava para o castelo. Na escuridão da entrada, a figura parecia muito mais brilhante do que parecera de manhã à luz do sol. Era etérea e cambiante, apenas com a mera sugestão da sua forma humana. Falou de novo, sem se mover.

James Potter.

Depois virou-se e desceu rapidamente as escadas.

James hesitou um segundo, depois envolveu-se mais firmemente no roupão e seguiu a figura, com os pés descalços a golpear ligeiramente os degraus de pedra.

Chegou à deserta sala comum exactamente a tempo de ver a forma fantasmagórica deslizar através do buraco do retrato, passando pela parte detrás do retrato da Dama Gorda. James apressou-se em segui-la. Esperava que a Dama Gorda o repreendesse por acordá-la para passar, mas estava profundamente adormecida na sua moldura quando a fechou gentilmente. Estava a roncar baixo e elegantemente, e James perguntou-se se a figura fantasmagórica lhe teria lançado um encantamento de sono.

Os corredores estavam silenciosos e escuros, por já ser tarde na noite. A prateada luz da Lua filtrava-se através de poucas janelas. Ocorreu a James que deveria ter levado a sua varinha. Não podia fazer muito com ela ainda, mas conhecia o feitiço básico de iluminação.

Várias voltas depois, James estava prestes a desistir. Nem sequer estava seguro se sabia o caminho de volta à sala comum dos Gryffindor. O corredor no qual se encontrava era alto e estreito, sem janelas e com uma única tocha incandescente próxima do arco pelo qual tinha entrado. Portas fechadas revestiam o corredor em ambos os lados, feitas de madeira e reforçadas com barras de ferro. Atrás de uma delas, uma baforada de vento nocturno fez com que algo rangesse baixa e longamente, como o gemido de um gigante adormecido. Passou lentamente pelo corredor, a tocha fazendo com que a sua sombra se estendesse depois dele, pestanejando tremulamente na escuridão.

— Olá? — disse calmamente, com a sua voz rouca, um pouco mais que um sussurro. — Ainda estás aí? Não te consigo ver.

Não houve resposta. O corredor estava cada vez mais frio. James deteve-se, olhando de esguelha desesperado para as sombras, e então virou-se. Algo tremeluziu pelo corredor a centímetros do seu rosto e então ele saltou. A forma pálida fluiu através de uma das portas, e James viu que essa porta não estava completamente fechada. A luz da lua filtrava-se no espaço que se podia ver através da fenda.

Tremendo, James empurrou a porta e esta abriu-se a chiar. Quase imediatamente, a porta entupiu-se com algo, produzindo um ruído de raspagem. Havia pedaços de

ferro no chão, próximos de algo longo e negro com um gancho na extremidade. Era uma alavanca. James chutou-a para o lado e empurrou a porta para abri-la mais, entrando.

A sala era grande e empoeirada, com escrivaninhas e cadeiras partidas espalhadas desordenadamente, aparentemente enviadas para conserto, porém há muito esquecidas. O tecto inclinava-se para baixo na parede de trás, onde quatro janelas brilhavam com a luz da Lua. A janela mais afastada da direita estava partida. O cristal reluzia no chão e uma das vidraças pendia tortamente como a asa partida de um morcego. A figura fantasmagórica estava de pé ali, olhando o cristal estilhaçado, e então virou-se para olhar James por cima do ombro. Tinha voltado a assumir a sua forma humana, e James ofegou quando viu o semblante do jovem. Então, duas coisas ocorreram simultaneamente. A figura fantasmagórica evaporou-se num fiapo de fumo prateado, e houve um estrondo e um rangido do lado de fora do corredor.

James saltou e deu a volta pelo local, espiando pela porta. Não viu nada, mas ainda se podia ouvir um rangido ressonante na escuridão. James apoiou-se contra o interior da porta, com o coração a palpar tão forte que podia ver embotados lampejos verdes na sua visão periférica. Percorreu o local com o olhar, mas estava completamente escuro e vazio excepto pela mobília desordenada e a janela partida. O homem fantasmagórico fora-se. James inspirou profundamente, depois deu a volta e saiu furtivamente para o corredor.

Ouviu-se outro pequeno rangido. James podia dizer que o som tinha sido mais abaixo no corredor, na escuridão. Ressoava como se chegasse de outro lugar. Novamente, James recriminou-se por se ter esquecido da varinha. Caminhou na ponta dos pés pela escuridão. Depois do que pareceu um século, encontrou outra porta aberta. Agarrou a maçaneta da porta e entrou.

Reconheceu vagamente o armário de poções. Estava um homem dentro. Estava vestido com calças e camisa pretas. James reconheceu-o como o mesmo homem que tinha visto pela manhã anterior, à orla da Floresta Proibida, a tirar fotografias. Estava de pé sobre um banco, examinando as estantes com uma pequena lanterna de bolso. No chão junto ao banco jaziam os restos de dois pequenos frascos. Enquanto James observava, o homem colocou a lanterninha entre os dentes e procurou às cegas outra jarra no alto da estante, procurando um apoio precário na estante oposta com a mão livre.

— *Heritah Herung* — leu para si mesmo ao redor da lanterna, erguendo o pescoço para dirigir a luz sobre a jarra — Que-que diabos é is-isso? — A sua voz era baixa, um sussurro pressionado.

De repente o homem olhou para a porta. Os seus olhos encontraram-se com os de James, e durante um longo momento, nenhum dos dois se moveu. James estava seguro de que o homem o atacaria. Obviamente era um intruso e James tinha-o visto. Tentou fazer com que os seus pés virassem e corressem, mas parecia haver algum tipo de desconexão entre o seu cérebro e os seus membros inferiores. Ficou ali de pé a olhar,

agarrando a entrada como se pretendesse saltar. Então o homem fez a última coisa que James esperava. Virou-se e fugiu.

O homem tinha ido antes que James percebesse isso. A cortina da parte detrás do depósito ainda balançava por onde o homem tinha atravessado. Para grande surpresa de James, ele pôs-se a perseguir o homem. O depósito de poções levava à própria sala de Poções. Longas e altas mesas no meio da escuridão, as cadeiras recolhidas abaixo delas. James deteve-se e inclinou o pescoço. Ressoavam passos além do corredor. Os seus próprios pés estalaram sobre o chão de pedra quando James se esquivou das mesas e saiu pelo corredor, seguindo o homem.

O homem estava a hesitar num ponto onde dois corredores se cruzavam. Olhou desesperadamente para trás e para frente, então ergueu os olhos e viu James a aproximar-se. O homem deixou escapar o mesmo grito agudo que James ouvira quando tinha sido perseguido pelo fantasma. Escorregou sobre as pedras, os seus pés pareciam correr em três direcções ao mesmo tempo, então controlou-os e correu pelo corredor mais amplo. James sabia agora onde estava. O homem saía para vestíbulo das escadas móveis. Enquanto James pensava nisso, ouviu outro pequeno grito de surpresa ressoando até ele. Ele sorriu enquanto corria.

James parou num corrimão e debruçou-se sobre ele, intencionalmente fitando a escuridão dos andares debaixo. A princípio, o chiar subtil das escadas era o único som e então ouviu o rangido dos sapatos do homem. Ali estava ele segurando-se ao corrimão como se corresse risco de vida e tropeçando numa escadaria que girava pesadamente. James hesitou por um momento, depois fez algo que sempre quisera fazer, mas nunca tinha tido a ousadia de tentar: subiu pelo corrimão da escada mais próxima, segurou-se com força e então soltou-se.

Os grossos corrimões de madeira, polidos por gerações de elfos domésticos, brilhantes como vidro, eram como colunas de gelo por baixo de James. Ele saiu disparado pelo corrimão abaixo, erguendo a cabeça sobre os ombros para ver onde ia. O seu cabelo, que estava escorrido pelo suor de minutos antes, sacudia-se sobre a cabeça enquanto o ar o açoitava ao passar. Quando se aproximou do nível mais baixo, agarrou-se novamente ao corrimão com ambas as mãos e pés, reduzindo a velocidade, e depois saltou. Olhou ao redor, procurando o homem, e encontrou-o, a subir com dificuldade outro patamar, um andar abaixo.

O pai de James falara-lhe das escadas móveis, tendo-lhe explicado o segredo para andar por elas. James avaliou o labirinto móvel, e escolheu outra escada exactamente quando esta começava a girar. Lançou-se sobre o corrimão e soltou-se, deslizando por ele como se estivesse engordurado. De um lado estava o abismo oscilante de escadas giratórias. James cerrou os dentes e virou-se para olhar para trás novamente. O homem estava agora a alcançar o patamar de baixo. Cambaleou desorientado, enquanto se afastava das escadas, e então ergueu os olhos exactamente quando James se lançava sobre ele.

Golpeou o homem a toda velocidade, reagindo a ele e estatelando-se nas lajes do patamar. O homem gritou pela terceira vez, desta vez de frustração e surpresa, quando a força da colisão o derrubou completamente. Houve um estampido penetrante, seguido de uma chuva de cristal tilintante. James revirou-se e cobriu o rosto instintivamente. Quando o silêncio retornou novamente, James espiou através dos dedos. Uma silhueta de um homem enorme e robusto estava agra imprensa no buraco da janela de vitral que estava ao chão do patamar. Através dela, os galhos longos e negros das árvores que oscilavam na brisa noturna, arranhavam amavelmente o céu salpicado de estrelas.

— O que está a acontecer aí? — disse de repente uma voz áspera, vibrando de raiva. James gatinhou até se pôr de pé, tendo cuidado para não pisar nenhum dos vidros partidos com os pés descalços. Cautelosamente, avançou tão perto quanto pôde do buraco e tentou ver para baixo. Era difícil dizer o quanto a janela era alta. Não havia barulho na noite, excepto o sussurro do vento nas copas das árvores.

Mrs. Norris, a gata, apareceu numa escada próxima, os seus olhos alaranjados vislumbravam maliciosos enquanto lançava o seu olhar para a janela, para o vitral partido, e depois para James. Mr. Filch seguia-a, ofegante e a praguejar enquanto subia.

— Oh — disse com a voz a gotejar de sarcasmo. — O menino Potter. Porque é que, ah, porque é que não me surpreende?



— O que estavas a pensar, Potter, para perseguires um indivíduo não-identificado sozinho pelo castelo à noite? — A Directora McGonagall estava de pé atrás da sua escrivaninha, apoiando sobre esta os dois braços, severamente. Os seus olhos mostravam-se incrédulos, e o seu rosto carrancudo.

— Eu — começou James, mas ela ergueu uma mão, impedindo-o.

— Não respondas. Não tenho paciência para isso esta manhã. — ela suspirou e endireitou-se, erguendo os óculos e beliscando a ponte de seu nariz — Já escutei suficientes explicações Potter durante anos para as conhecer bem.

Filch estava ali perto, o sobressair do seu queixo e o brilho dos seus olhos mostravam o prazer por ter capturado o último Potter problemático tão rapidamente. Mrs. Norris ronronava entre os seus braços como uma pequena e peluda máquina. James arriscou uma olhadela para o escritório da directora. O aposento ainda estava escuro com as sombras precoces da manhã. Os retratos de todos os directores anteriores dormiam nas suas molduras. James pôde apenas ver o retrato do homónimo do seu irmão, Albus Dumbledore. Dumbledore estava sentado, com o queixo sobre o peito e o

chapéu baixo sobre os ombros. Os seus lábios moviam-se enquanto roncava silenciosamente. McGonagall sentou-se na sua cadeira.

— Mr. Potter, tu, entre todos, não me podes dizer que não estavas consciente de que há regras contra os estudantes que vagueiam pela escola à noite.

— Não — disse James rapidamente — Er, sim, conheço as regras. Mas o fantasma... — McGonagall ergue a mão novamente.

— Sim, o fantasma, eu sei. — tudo, excepto as suas palavras reais, expressava dúvida sobre essa parte da história — Mas Mr. Potter, entende que, inclusive, se aparece um fantasma no dormitório de um estudante, isso não quer dizer que o estudante tenha passaporte livre para quebrar qualquer regra que julgue temporariamente inconveniente.

O Mr. Filch voltou a mover-se, parecendo decidir que este era o momento para expressar o seu ponto de vista.

— Ele destruiu a janela de Heracles, Directora. Um objecto de cristal sem preço. Não encontraremos um que o substitua, aposto. — zombou de James assim que terminou.

— Janelas são uma coisa, Mr. Filch — disse McGonagall, sem o olhar — Mas intrusos nos terrenos da escola são outra bem diferente. Presumo que já realizou uma inspecção a tudo, começando pela parte exterior da janela de Heracles?

— Sim, senhora, e não encontramos nada. Os Jardins da Rosa Vénus estão logo abaixo dessa janela. Estava um pouco desordenado, comestilhaços de vidro por toda parte, mas nenhum sinal do intruso. Só temos a palavra deste rapaz de que houve tal intruso, Directora.

— Sim — replicou McGonagall — E infelizmente, neste caso, é a palavra na qual tenho de confiar. Obviamente alguém atravessou essa janela, a não ser que sugira que o próprio Mr. Potter passou através dela.

Filch apertou os dentes e olhou enfurecido para James como se desejasse intensamente sugerir tal possibilidade.

— Mas ele estava no depósito de poções, professora! — insistiu James — Partiu alguns frascos! Ainda devem estar ali. E partiu uma janela não tão longe dali. Eu vi-o. O fantasma levou-me até ali.

— Mr. Potter, acredito que tenha visto alguém, mas as probabilidades de que essa pessoa realmente tenha entrado na escola pelo lado de fora são extremamente pequenas. Está consciente de que Hogwarts está protegida pelas melhores medidas de segurança e Feitiços Anti-magia disponíveis? Nenhuma bruxa ou feiticeiro, apesar das suas habilidades, tem possibilidade de ultrapassar estas paredes a não ser que deva estar aqui.

— É exactamente isso, profesora — disse James ansiosamente — Não acredito que tenha sido um feiticeiro. Acredito que tenha sido um muggle!

Ele esperou suspiros de surpresa da directora e Filch, mas não houve nenhum. A

directora simplesmente o olhou, com expressão imutável. Filch olhava dela para James e voltava, então deixou escapar a sua respiração num risinho asqueroso.

— Temos de reconhecer, Directora. Eles voltam um pouco mais criativos a cada ano.

— James — disse McGonagall, com voz mais suave — A natureza indetectável da escola, assim como os inumeráveis Feitiços de Ilusão que cobrem os terrenos, fazem verdadeiramente impossível que qualquer muggle, por mais persistente que seja, encontre sequer o caminho para entrar aqui. Sabes isso, não é?

James suspirou e tentou não revirar os olhos.

— Sim. Mas isso não muda o que vi. Era um muggle, senhora. Usou uma alavanca. E uma lanterna. Não uma varinha.

McGonagall observou o seu rosto por um longo momento, e depois ficou séria.

— Bem, Mr. Potter, se tem razão, então temos nas mãos uma situação que certamente é necessário reparar. Deves confiar que nós cuidaremos da questão. No entanto, ainda há a questão do desrespeito da hora de recolher, assim como a janela danificada. Sobre estas circunstâncias, não te culparei da última, mas ainda deves enfrentar as consequências da primeira. Terás duas horas de castigo com o Mr. Filch este sábado à noite.

— Mas... — começou James, então a mão de Filch descansou pesadamente sobre o seu ombro.

— Eu tratarei do rapaz, Directora — grunhiu — Não é tarde demais para salvá-los quando os apanharmos cedo. Não é assim, juvenzinho?

— Potter — disse McGonagall, aparentemente mudando para outros assuntos — Leva o Mr. Filch ao armário de Poções e à janela danificada, certo? Vamos deixar as coisas limpas antes das aulas, se pudermos. Bom dia, cavalheiros.

James levantou-se miseravelmente e Filch guiou-o até porta com a sua mão enorme e cheia de calos sobre o seu ombro.

— Vamos, meu rapaz. Temos uma asneira para corrigir, não é mesmo?

Enquanto saía, James viu que um dos retratos dos directores não estava a dormir. Os olhos desse director eram negros, como o cabelo escorrido que emoldurava o seu rosto pálido. Severus Snape estudava James friamente, apenas os seus olhos se moviam seguindo-os enquanto Filch marchava com ele pelo aposento.



Tina Curry, a professora de Estudos dos Muggles, conduzia a turma

energicamente pelo relvado. O dia que tinha começado tão alegre estava agora a tornar-se cinzento e tempestuoso. Rajadas de vento surgiam e agitavam as beiras do manto desportivo da Professora Curry e as redes que Hagrid estava a tentar pendurar sobre a moldura de madeira que tinha acabado de armar.

— Bom trabalho, Hagrid — gritou Curry enquanto se aproximava, com a turma a marchar para alcançar o seu passo — Firme como um celeiro, atrevo-me a dizer.

Hagrid ergueu os olhos, perdendo o controlo sobre a rede enquanto o fazia e fazendo um esforço para agarrá-la.

— Obrigado, Miss Curry. Não foi o que se poderia chamar dum desafio. Está à altura, claro, o que não é fácil.

A construção de Hagrid era uma simples armação de madeira, mais ou menos rectangular. Havia outra armação à distância, a rede pendendo tensa e balançando-se com a brisa.

— Curry é nova este ano, se não adivinhaste — comentou Ted para James quando se agruparam — Ela tem algumas ideias loucas sobre como ensinar sobre os muggles. Isso faz com que uma pessoa se arrependa de querer assistir a esta aula até o fim do último ano.

— Como se estas roupas não fossem suficientemente más — disse Damien azedamente, olhando para as suas calções e peúgas.

Todas as quintas-feira, a turma de Estudos dos Muggles requeria que os alunos vestissem calções, sapatos desportivos e uma das camisolas de Hogwarts de qualquer uma de duas cores. Metade da turma usava vermelho, a outra metade dourado.

— Não parecias, eh, interessante, Damien, se tivesses algumas meias brancas — disse Sabrina tão diplomaticamente quanto podia.

Damien lançou-lhe um olhar de *diz-me-algo-que-eu-não-saiba*.

— Obrigada, docinho. Da próxima vez, vou dizer à minha mãe para que faça compras no Sears e na porcaria da Roe-mart.

Zane não se preocupou em corrigir Damien. Sorria numa animação bem irritante, obviamente mais confortável com a roupa do que o outros.

— Tenho um bom pressentimento sobre isto. A brisa vai arejar alguns de vocês vampiros. Ânimo.

Damien curvou um polegar para Zane.

— Porque é que ele está *nesta* aula?

— Ele tem razão, Damien — disse Ted de bom humor — Porque vocês não sacodem as velhas asas de morcego?

— Bem, turma — gritou Curry, batendo palmas para chamar a atenção — Vamós organizar, certo? Formem duas filas, por favor. Vermelho aqui, dourado ali. Isso, muito bem.

Enquanto as fileiras se formavam, a Professora Curry materializou uma grande cesta de baixo do seu braço. Ela passeou-se até o início da fila de vermelho.

— Mostrem-me as varinhas — gritou. Cada estudante sacou a varinha e segurou-as prontamente, alguns primeiros anos olharam em volta para ver se as estavam a segurar correctamente. James viu que Zane se moveu sorrateiramente para onde estava Ted e depois passou a varinha da mão direita à esquerda.

— Excelente — disse Curry, oferecendo a cesta — Aqui dentro, então, por favor. — ela começou a passear ao longo da fileira, observando os estudantes que deixavam cair as suas varinhas na cesta a contra gosto. Houve um gemido em massa entre os estudantes reunidos — Todos são capazes de distinguir a vossa varinha, espero. Vamos! Se vamos aprender algo sobre o mundo muggle, devemos saber como pensam os não mágicos. Isto significa, claro, nada de varinhas. Obrigado, Mr. Metzker. Mr. Lupin. Miss Hildegard. E você, Mr. McMillan. Obrigado. Agora. Já está todo a gente?

Um barulho sem entusiasmo de assentimento veio dos alunos.

— *Upa, upa*, estudantes — encorajou Curry enquanto deixava a cesta de varinhas próximo à armação de Hagrid. — Estão a insinuar que são tão dependentes da magia que não são capazes de jogar um simples, muito simples, jogo? — examinou os estudantes, o nariz afiado apontando ligeiramente para cima — Espero que não. Mas antes de começarmos, vamos ter um pequeno debate sobre porque é que é importante para nós estudar os modos e costumes do mundo muggle. Alguém?

James evitou os olhos de Curry enquanto ela olhava de estudante para estudante. Estava silêncio excepto o soprar do vento nas árvores próximas e o ondear das bandeiras sobre o castelo.

— Aprendemos sobre os muggles para não nos esquecer o facto de que, apesar das nossas inumeráveis diferenças, somos todos humanos. — disse Curry sucinta e enfaticamente. — Quando nos esquecemos das nossas semelhanças essenciais, esquecemos como nos darmos bem, e isto não leva senão ao preconceito, à discriminação, e finalmente, ao conflito. — ela permitiu que o eco das suas palavras diminuísse, e depois pigarreou. — Além disso, a natureza não mágica dos nossos amigos muggles forçou-os a ser inventivos em formas que o mundo mágico nunca conseguiu. O resultado, estudantes, são jogos tão simples e elegantes que não requerem cabo de vassoura, nem postes encantados, nem bludgers voadores. A única necessidade são duas redes — ela indicou as novas armações de Hagrid com um aceno do braço esquerdo, enquanto segurava algo mais com o outro — e uma simples bola.

— Excelente — disse Zane ironicamente, olhando para a bola na mão erguida de Curry. — Venho para uma escola de magia para aprender a jogar *soccer*.

— Por aqui chamamos-lhe *futebol* — disse Damien azedamente.

— Miss Curry — disse uma agradável voz feminina. James procurou quem falava. Tabitha Corsica estava de pé perto do fim da fileira oposta, toda encolhida na sua camisola dourada. Usava um manto preto desportiva sobre ele, atado caprichosamente na sua garganta. Um grupo de outros Slytherin estavam na fileira junto a ela, o desgosto estava claro nos seus rostos. — Porque é que é necessário, exactamente, que aprendamos

a jogar um, eh, desporto muggle? Não seria suficiente ler sobre a história muggle e o seu estilo de vida? Apesar de tudo, mesmo que desejassem, os feiticeiros não estão permitidos a competir em competições desportivas muggles, de acordo com a Lei Internacional da Magia. Estou certa?

— Certamente, Miss Corsica — respondeu Curry rapidamente — E não faz ideia de porque será?

Tabitha ergueu as sobrancelhas e sorriu cortesmente.

— Estou segura de que não, senhora.

— A resposta à sua pergunta reside nela mesma, Miss Corsica — disse Curry afastando-se de Tabitha — Mais alguém?

Um rapaz, que James reconheceu como um Hufflepuff do terceiro ano ergueu a mão.

— Miss? Creio que é porque os feiticeiros acabariam com o equilíbrio da competição se utilizassem magia.

Curry fez gestos para que ele continuasse coma resposta.

— Prossiga, Mr. Terrel.

— Bem, a minha mãe trabalha no Ministério e diz que há leis internacionais para evitar que os feiticeiros utilizem magia para ganhar eventos desportivos muggles ou lotarias ou concursos e coisas assim. Se os feiticeiros participassem num desporto muggle e utilizassem qualquer magia, poderiam enganar qualquer muggle, não é?

— Está a falar do Departamento Internacional para a Prevenção de Vantagem Injusta, Mr. Terrel, e está, mais ou menos, correcto. — Curry deixou cair a bola aos seus pés e chutou-a ligeiramente. A bola rolou na relva alguma distância. — Para ser honesta, não é correcto dizer que as bruxas e feiticieros estão proibidos de competir em desportos muggles. Há concessões para pessoas de herança mágica que desejem competir. No entanto, devem estar de acordo em submeter-se a certos feitiços que, executados por eles com a ajuda de oficiais mágicos, temporariamente anulam as suas habilidades mágicas. Se não fosse assim – a Professora Curry sacou a própria varinha do bolso interno do seu manto e apontou para a bola. – *Velocito Expendum*. Guardou a varinha e andou em direcção à bola. Chutou-a de forma imprevisível, e de maneira imediata. A bola praticamente saiu disparada do seu pé. Atravessou velozmente a relva e golpeou a rede de golo com um sonoro golpe, acertando na rede para fora como se a bola tivesse sido disparada por um canhão.

— Bem, aí está. — disse Curry, voltando a virar-se para a fileira dupla de estudantes — O Programa de Desportos Mágico-Muggle é, como podem imaginar, suficientemente desagradável para que nenhum feiticeiro participe neles. Isso não quer dizer, no entanto, que muitos feiticeiros não tentem esquivar-se das leis a cada ano, afectando a imparcialidade do mundo desportivo muggle.

— Miss Curry — disse Tabitha de novo, levantando a mão — É verdade então que o Ministério, e a comunidade internacional mágica, crêem que os muggles são

incapazes de competir com as habilidades do mundo mágico, e que feiticeiros devem ser entorpecidos para ser considerados em termos de igualdade?

Pela primeira vez, a Professora Curry pareceu bastante desconcertada.

— Miss Corsica, essa dificilmente é a discussão para esta aula. Se desejar discutir as maquinações políticas do Ministério...

— Desculpe, Miss Curry — disse Tabitha, sorrindo de modo apaziguador. — Era só curiosidade. Esta é uma aula dedicada ao estudo dos muggles, achei que poderíamos propor-nos a discutir a óbvia falta de respeito que mostrou a comunidade mágica com o mundo muggle ao assumir que são demasiado débeis para confrontar a nossa existência. Por favor, perdoe a minha interrupção e continue.

Curry olhou a Tabitha, obviamente fumegando, mas o dano já estava feito.

James ouviu sussurros por todas as partes; viu os olhares de esguelha e os assentimentos em acordo.

Notou que os estudantes Slytherin ainda carregavam as suas insígnias azuis “Questiona os Vitoriosos”, levando-as presas nas suas camisolas douradas.

— Sim — disse Curry cortante — Bem, então. Vamos começar?

Durante os quarenta minutos seguintes, conduziu-os por dribles e técnicas de manipulação da bola. James estava pouco entusiasmado ao princípio, mas começou a receber com entusiasmo a natureza simples do desporto. Além de proibir as varinhas, o futebol aparentemente exigia que os jogadores não usassem sequer as mãos. A simples tolice disso divertiu e intrigou a James. Poucos dos estudantes eram bons no desporto, o que lhes permitiu ficar sem medo de se sair mal. Zane, claro, tinha jogado futebol antes, ainda que reclamasse não ser muito hábil nisso. De facto, James notou que Zane não parecia muito melhor a correr pelo campo com a bola do que qualquer outro. Enquanto James observava, Zane enredou os pés à volta da bola e caiu sobre ela. A bola saiu disparada debaixo dele e Zane simplesmente ficou calmo, olhando para as nuvens que passavam com um olhar sinistro no rosto.

Tabitha Corsica e os Slytherin estavam de pé num montão desdenhoso a um canto do campo improvisado, uma das bolas de futebol jazia desamparada entre eles, na relva. Não faziam nenhuma tentativa de praticar dribles e Curry parecia ter-se rendido a eles, passando o tempo perto da baliza, onde os estudantes faziam turnos para disparar à rede.

James descobriu que estava a divertir-se. Fincou os tornozelos na relva, olhou a bola que jazia vinte pés à frente, e lançou-se a ela. Cronometrou os passos cuidadosamente, plantou o pé esquerdo próximo da bola e a chutou fortemente com o direito. O golpe que fez ao abandonar o seu pé foi surpreendentemente satisfatório. A bola navegou através de um arco suave e atravessou os braços da Professora Curry, que era o keeper. Houve uma pancada forte e uma chicotada quando a bola golpeou a rede.

— Muito bem, Mr. Potter — gritou Curry, respirando com dificuldade. O seu cabelo bagunçou-se e caiu em cachos soltos ao redor do rosto magro. Ela ergueu as

mangas dos mantos e inclinou-se para recuperar a bola. — Muito bem, de facto.

James sorria para si próprio mesmo enquanto seguia até o final da fila.

— O preferido da professora — resmungou Zane enquanto James passava.

— Ótimo pé, Potter — disse Ted quando a classe finalmente se dirigia de volta ao castelo — Temos que trabalhar para pôr isso de qualquer modo na coreografia do *Wocket*. Sabrina! Acho que podemos fazer algo com isso. Alienígenas que chutam com força do planeta Golaço ou algo do tipo. Entendes?

— Sim, sim — gritou Sabrina, saudando enquanto entravam pelo portão do castelo — A propósito, capitão, tens manchas de erva nas tuas nádegas. Bom trabalho.



Após o almoço, James e Zane juntaram-se a Ralph na biblioteca para um tempo de estudo. Enquanto tiravam os livros da mochila e os estendiam sobre uma mesa curva, Ralph parecia inclusive mais melancólico que o habitual.

— O que se passa, Ralph? — disse Zane, tentando manter a voz baixa para não atrair a atenção do Professor Slughorn, que estava a monitorizar a biblioteca naquele tempo. — Os teus colegas Slytherin disseram-te que a tua roupa interior não é suficientemente mágica ou coisa do género?

— Meti-me em problemas esta manhã com o Professor Slughorn.

— Isso parece contagioso — disse James — Eu passei a manhã no escritório de McGonagall a cumprir um castigo.

— McGonagall? — exclamaram Ralph e Zane ao mesmo tempo — Tu primeiro, então, James. A McGonagall supera o Slughorn — disse Ralph. James falou sobre o fantasma da noite anterior, de o ter conduzido até ao intruso muggle e da perseguição que se seguiu.

— Foste tu? — perguntou Ralph incredulamente — Todos vimos a janela partida no caminho para tomar o pequeno almoço. Filch estava a cobri-la com lonas e a murmurar baixinho. Parecia querer que perguntássemos sobre aquilo para poder vociferar e delirar um pouco.

— Quem é que achas que era? — Zane escorou a James.

— Não sei. Tudo o que sei é que era o mesmo tipo que vi a esconder-se pelo bosque outro dia. E acho que é um muggle.

— E? — disse Zane, encolhendo os ombros — Eu sou um muggle. O Ralph é um muggle.

— Não, vocês não são. São nascidos muggles, mas ambos são feiticeiros. Este tipo

é só um velho muggle. Ainda que, segundo a McGonagall, isso é impossível. Nenhum muggle pode ultrapassar os Feitiços de Ilusão da escola.

— Porque não? O que acontece? — perguntou Ralph.

— Bem, para já, como disse no comboio, Hogwarts não é localizável. Não está em nenhum mapa. Além disso, nenhum muggle ouviu falar dela. E inclusive se passar pela cabeça de algum muggle simplesmente vaguear pelos terrenos, os feitiços de ilusão vão guiá-lo para os lados, de forma a que nem sequer saiba que passou perto de nós. Se tentasse atravessar os feitiços de ilusão, simplesmente se desorientaria e duvidaria de si próprio. As bússolas enlouqueceriam e acabariam por dar a volta sem o saber. Simplesmente não se pode abrir caminho por este tipo de feitiços de ilusão. Tudo consiste em desviar qualquer um que se suponha que não deva entrar, e fazê-los crer que o desvio foi ideia sua.

Zane levantou o sobrolho.

— Então nenhum de nós pode entrar?

— Bem, todos somos basicamente Guardadores Secretos, não? — disse James, que então teve que explicar a ideia de ser um guardador secreto, como só um guardador secreto podia encontrar o lugar secreto ou conduzir outros até ele — Claro, tudo é um pouco menos seguro com tantos de nós. Por isso, há leis, inclusive, para que os pais muggles de estudantes não contem a alguém.

— Sim, os meus pais tiveram que assinar uma espécie de acordo de confidencialidade antes que eu viesse — disse Zane, como se a ideia fosse a maior coisa que já ouvira — Dizia que a nenhum “muggle privilegiado” como os meus pais estava permitido de falar com nenhum outro muggle sobre Hogwarts ou da comunidade mágica. Se o fizessem, o contrato se reverteria e as suas línguas se enrolariam até que alguém do Ministério viesse desfazer o feitiço. Excelente.

— Sim — disse James — O Ted falou-me duma rapariga nascida muggle com que ele namorava no seu terceiro ano. Os pais mencionaram acidentalmente Hogwarts numa ceia e os seus anfitriões chamaram os paramédicos muggles porque os dois sofreram algum tipo de estranho ataque ao mesmo tempo. O Ministério teve que modificar a memória de toda a gente. Foi uma confusão, mas bastante divertido.

— Genial — disse Ralph muito seriamente — Ei, eu deveria utilizar um desses feitiços de ilusão na minha bolsa. Poupar-me-ia alguns problemas.

Zane virou-se para ele.

— Então, o que aconteceu Ralphinho? Em que tipo de problema te meteste agora?

— Não fui eu! — protestou Ralph, e depois baixou a voz, olhando para a escrivãzinha principal. Slughorn estava reclinado atrás dele, examinando um livro enorme através de um par de óculos pequenos e a beber algo espumoso de uma chávena de aspecto arenoso. Ralph fez uma careta e suspirou — o Slughorn encontrou o meu *GameDeck* esta manhã. Disse que eu o tinha deixado na sala comum. Foi muito diplomático a respeito disso, mas disse-me que devia ser muito cuidadoso com coisas

como essas. Disse que provavelmente o melhor fosse que deixasse os meus “brinquedos muggles” em casa.

James franziu a testa.

— Eu achava que tinhas dito que tinha desaparecido há alguns dias.

Ralph começou a animar-se.

— Pois foi! Isso é o que eu queria dizer! Eu não o deixei na sala comum! Estou quase a atirar essa coisa estúpida no quarto de banho! Alguém o tirou da minha bolsa e o deixou ali para que Slughorn o encontrasse. Odeio estes tipos! — A voz de Ralph baixou até um áspero sussurro. Olhou em volta rapidamente, como se esperasse que os seus companheiros de equipa aparecessem de repente por trás das estantes de livros mais próximas.

Zane parecia pensativo.

— Não sabes quem o tirou?

— Não — disse Ralph com sarcasmo. — Estou bastante certo disso.

— Tem-lo aí?

— Sim — disse Ralph, um pouco desanimado. — Não vou perdê-lo de vista até que me possa livrar dele. Não funciona muito bem aqui de qualquer maneira. Há muita magia no ar ou coisa do género — ele retirou o GameDeck da sua mochila e passou-o a Zane por baixo da mesa.

James observou como Zane accionava os botões velozmente e a tela ganhava vida.

— Se alguém te vê com essa coisa — murmurou Ralph. — É tua. Feliz Natal!

Zane pressionava os botões com fluidez, fazendo com que a tela cintilasse e rodasse.

— Só estou a comprovar se a última pessoa que jogou criou um perfil.

— O que é um perfil? — perguntou James, inclinando-se para ver a tela. Zane acenou com a mão sem erguer os olhos.

— Não olhes. O Slughorn vai notar. Ralph conta ao Mr. Feiticeiro aqui o que é um perfil.

— É só uma forma de guardares o percurso do teu jogo — sussurrou Ralph — Antes de jogares, crias um perfil, com um nome e coisas, normalmente algo inventado. Então, tudo o que se faz no jogo fica gravado nesse perfil. Quando voltares depois e carregares o perfil, podes continuar de onde paraste.

— És o ‘Ralphinator’? — perguntou Zane, ainda manejando o *GameDeck*.

— Nem sequer vou responder a isso — disse Ralph sem rodeios.

— Então aqui estamos. — disse Zane, passando um dedo pela tela. — O nome “Austramaddux” significa algo para ti?

— Não — disse Ralph, alçando as sobrancelhas. — Há um perfil com esse nome?

— Aqui mesmo. Criado por volta da meia-noite de anteontem. Nenhuma informação e nenhum jogo em processo.

James piscou.

— Nenhum jogo em processo?

— Nenhum — disse Zane, desligando o aparelho e voltando a passar para Ralph por baixo da mesa. — Bastante tempo ligado, mas sem jogo, na verdade. Provavelmente não conseguiu compreender que o botão D acima e o botão esquerdo eram para super ataque. Novatos.

James revirou os olhos.

— Então, o que que isso dizer? Quem é *Austra-Sei-Lá-O-Quê*?

— É só um nome inventado, como já disse — disse Ralph, enfiando o *GameDeck* no fundo da sua mochila — Não significa nada, certo?

Ralph disse isto para Zane, que estava sentado do outro lado da mesa com aspecto quase comicamente pensativo. Estava com a cabeça inclinada, a testa franzida, e um dos cantos da boca apertado, mordiscando a bochecha. Após um momento sacudiu a cabeça.

— Não sei. É-me familiar. Parece-me que alguém mencionou o nome, mas não me consigo lembrar.

— Bem... Tudo o que sei — disse Ralph, apoiando o queixo nas mãos. — é que me vou livrar dessa coisa com o meu pai nas férias. Lamento por isso.

— Mr. Potter — Uma voz próxima ressoou repentinamente. Os três saltaram. Era o Professor Slughorn. Tinha-se aproximado da mesa e de repente estava posicionado atrás da cadeira de James. — Esperava encontrar-me consigo. Alegro-me muito de o ver, rapaz. Realmente muito.

James forçou um sorriso quando Slughorn lhe deu uma palmada nas costas.

— Obrigado, professor.

— Sabe que conheço o seu pai. Conheci-o quando ele era estudante aqui e não o famoso auror que é agora, claro. — Slughorn assentiu sabiamente, dando uma piscadela, como se Harry Potter não tivesse sido, de facto, enormemente famoso inclusive antes de ser chefe de aurors. — Ele deve ter-me mencionado, sem dúvida. Éramos muito unidos naquele tempo. Claro, perdi notícias dele nos anos seguintes, eu a ensinar, vagabundeando por aí, transformando-me num velho, e ele casando-se, a desenvolver a sua ilustre carreira e a criar jovens bons como você mesmo. — Slughorn deu um soco brincalhão no ombro de James — Desejo encontrar-me com ele durante a sua visita na próxima semana. Vai dizer-lhe me procurar, sim?

— Sim, professor — disse James, esfregando o ombro.

— Bem, bem. Vou deixá-los para que estudem, jovenzinhos. Continuem, eh, meninos — disse Slughorn, olhando para Ralph e Zane aparentemente sem reconhecê-los, apesar do facto de que Ralph tinha falado com ele naquela mesma manhã.

— Ah, hã, Professor Slughorn? Eu poderia fazer uma pergunta? — era Zane. Slughorn olhou para trás, com as sobrancelhas erguidas.

— Sobre o quê, eh, Mr...?

— Walker, senhor. Estou na sua primeira turma de Poções, creio. Mencionou na aula alguém chamado Austramaddux?

— Ah, sim, Mr. Walker. Quarta-feira pela tarde, não foi? Agora lembro — Slughorn olhou distraidamente para o escritório principal. — Sim, não realmente relacionado com poções, mas o nome surgiu. Austramaddux foi um historiador e vidente do passado distante. Os seus escritos são considerados, bem, questionáveis no melhor dos casos. Creio que eu estava a contar alguma piada, Mr. Walker.

— Ah. Bem, obrigado, professor — exclamou Zane.

— Não há problema, rapaz — reconfortou Slughorn, percorrendo a biblioteca com o olhar. — E agora devo voltar às minhas obrigações. Não se distraiam mais.

— É muita coincidência — sussurrou Ralph, apoiando-se sobre a escrivaninha enquanto Slughorn se afastava.

— Na realidade não — raciocinou Zane — ele mencionou Austramaddux na aula como uma piada. Agora me lembro. Parecia uma referência a uma fonte que não é de total confiança ou que seja um pouco louca. É como se nos referíssemos a um tablóide ou a uma teoria da conspiração ou algo assim. Slughorn é o chefe da equipa dos Slytherin, assim ele provavelmente utiliza as mesmas referências entre vocês. Eles saberiam. Por isso quem tirou o teu *GameDeck* conhecia o nome.

— Acho que sim. — disse Ralph duvidosamente.

— Mas porquê? — perguntou James — Porquê utilizar um nome que significa “não confies em mim, sou um lunático”?

— Quem sabe que tolices espreitam nos corações dos Slytherin? — disse Zane depreciativamente.

— Simplesmente não faz sentido — insistiu James — Os Slytherin normalmente dão muita importância à imagem. Eles adoram esses mantos e adagas, as cabeças de dragão e as senhas secretas. Simplesmente não me ocorre porque é que um deles utilizaria um nome que o seu próprio director de equipa considera uma piada.

— Seja como for, — disse Ralph — tenho trabalhos a fazer, se não se importam...

Passaram a meia hora seguinte a fazer os trabalhos. Quando chegou o momento de se recolherem, Zane virou-se para James.

— As provas de Quidditch são esta tarde, não é?

— A minha sim. A tua também?

Zane assentiu.

— Parece que dividiremos o campo. Boa sorte, companheiro. — Zane apertou a mão de James.

James sentiu-se surpreendentemente comovido.

— Obrigado! Tu também.

— Claro, vais arrasar lá. — disse Zane frivolumente — Eu terei sorte se me mantiver sobre a vassoura. Há quanto tempo voas?

— Só voei uma vez numa vassoura de brinquedo quando era pequeno — disse

James — As leis costumavam ser bastante imprecisas sobre as vassouras. Havia restrições de altura e distância, mas qualquer um de qualquer idade podia pegar numa enquanto tivesse cuidado de não se deixar ver por nenhum muggle. Então, mais ou menos no tempo quando o meu pai conseguiu o seu diploma honorário de Hogwarts, alguns adolescentes embebedaram-se com uísque de fogo e tentaram jogar Quidditch em Trafalgar Square. Desde então, as leis ficaram mais severas. Agora, é quase como conseguir uma carta de condução muggle. Temos que ter lições de voo e conseguir um certificado antes de podermos voar legalmente. Algumas famílias mágicas ainda deixam os seus filhos subir numa vassoura no pátio e essas coisas, um pouco de prática. Mas sendo o meu pai aurore...

— Os teus pais eram dois grandes jogadores de Quidditch, não é verdade? — perguntou Zane, dando cotoveladas em James e sorrindo — Mesmo que não distingas a extremidade duma vassoura, serás um perigo com uma quando estiveres no campo. Metaforicamente falando, claro.

James sorriu desconfortável.

Eles dirigiram-se às suas aulas. James não podia evitar o nervosismo. Quase que se tinha esquecido das provas de Quidditch. O conhecimento de que estaria lá em poucas horas, com uma das vassouras da equipa pela primeira vez e a tentar ser um dos poucos primeiros anos a fazer parte da equipa dos Gryffindor fazia-o sentir-se vagamente enjoado. Pensou na snitch dourada com que tinha crescido a jogar, a famosa primeira snitch do seu famoso pai. Voltando atrás, nunca tinha duvidado do seu futuro. Pela maneira como o tio Ron falava sobre isso, era quase direito de nascimento de James estar na equipa de Quidditch dos Gryffindor no seu primeiro ano e James nunca o tinha questionado. Mas agora que era iminente, estava com medo. Todos os medos que tinha sentido durante a cerimónia de selecção retornaram. Mas isso acabara bem, lembrou-se. Estivera tão preocupado com isso, que quase tinha falado para que o Chapéu Seleccionador o pusesse nos Slytherin com o Ralph, e agora sabia o grande erro que tinha cometido. O segredo era relaxar. O Quidditch, como ser um Gryffindor, estava no seu sangue. Só tinha que deixar acontecer e não se preocupar.

À hora do jantar, teve de admitir que seu plano não estava a funcionar. Mal conseguia comer.

— Está bem, Potter — assentiu Noah, vendo o prato intacto de James — Quanto menos comers, menos terás para vomitar quando estiveres no ar. Claro, alguns vêem um pequeno vómito com boa mira como uma óptima técnica defensiva. Tiveste a primeira aula de voo com o Professor Ridcully, não?

James curvou-se e revirou os olhos.

— Não, ainda não. A primeira aula é a segunda-feira.

Noah pareceu sério por um momento e depois encolheu os ombros.

— Eh, vais-te sair bem. É fácil pilotar uma vassoura. Inclinas-te para a frente para avançar, impulso para trás para parar. Inclinas-te e giras em círculos. Fácil.

— Sim — concordou Ted — E toda essa chuva e o vento lá fora fazem ficar mais fácil. Tu, provavelmente, não serás capaz sequer de ver o chão, com o nevoeiro. Mais fácil que confiar nas tripas.

— Desde que consiga mantê-las dentro — gritou alguém mais debaixo na mesa. Houve um coro de risadas. James baixou a cabeça sobre os braços cruzados.



O campo de Quidditch estava encharcado e enlameado. A chuva caía em grandes extensões, golpeando o terreno e criando um denso nevoeiro que encharcou James até à pele no primeiro minuto. Justine Kennely, o capitão dos Gryffindor, conduzia o seu grupo até ao campo, gritando algo sobre o firme rugido da chuva.

— No Quidditch a chuva não conta — urrou — Algumas das melhores partidas de Quidditch aconteceram em tempos como este ou muito pior. A Taça de Quidditch de oitenta e quatro celebrou-se com um tufão na costa de Japão, como sabem. Os seekers de ambas as equipas voaram mais de sessenta milhas perseguindo a snitch com ventos com força de furacão. Esta chuva é pouca coisa em comparação. O tempo perfeito para os testes.

Kennely deteve-se e virou-se no centro do campo, a chuva escorria pela ponta do seu nariz e queixo. Tinha um grande baú de Quidditch a seus pés, assim como uma fileira de vassouras ordenadas sobre a relva molhada. James viu que a maioria das vassouras eram Nimbus 2000; servíveis, mas modelos bastante obsoletos. Foi um pequeno alívio. Se tivessem pedido para voar numa Flecha de Fogo nova, estava seguro de que acabaria a trezentas milhas de distância. No lado oposto do campo, James viu a equipa dos Ravenclaw a reunir-se. Não conseguia reconhecer ninguém através da chuva e do nevoeiro.

— Certo, então — gritou Kennely — Primeiros anos, vocês primeiro. Disseram-me que alguns de vocês ainda não tiveram a primeira aula de vassoura, mas graças às novas normas e aos encargos de responsabilidade que todos assinaram antes de vir à escola, não há razão para que não possam subir e provar. Vamos ver o que conseguem fazer antes de tentar alguma coisa com o resto da equipa. Não se preocupem com formações ou façanhas, vamos apenas ver se conseguem levantar voo e navegar pelo campo sem colidirem uns com os outros.

James sentiu o estômago afundar. Esperava passar algum tempo a observar os veteranos a praticar. Agora que estava prestes a subir na sua primeira vassoura, desejou ter prestado mais atenção em como os jogadores manejavam nos jogos que tinha visto,

em vez de se concentrar nas façanhas espetaculares e os golpes de bludgers desalinhadas. Os outros primeiros anos já estavam adiantandos, a escolher a vassoura e a estender a mão para as convocar. James forçou-se a unir-se-lhes.

Deteve-se perto de uma vassoura e observou-a. Pela primeira vez, a coisa não pareceu mais do que um pedaço de madeira com uma escova na ponta em vez de um preciso aparelho voador. A chuva gotejava dos mantos encharcados. James estendeu a mão sobre ela.

—Sobe! — disse. A sua voz pareceu fraca e tola. Nada aconteceu. Engoliu algo que parecia um pedaço de mármore endurecido na garganta. — Sobe! — gritou novamente. A vassoura oscilou e depois voltou a cair na relva com um golpe surdo. Olhou à volta para ver os outros primeiros anos. Nenhum parecia estar a ter muita sorte. Só um tinha conseguido levantar a vassoura. Os veteranos juntavam-se à volta observando com diversão, dando cotoveladas uns nos outros. Noah cruzou o olhar de James e ergueu o polegar no ar, assentindo encorajadoramente.

— Sobe! — gritou James novamente, reunindo tanta autoridade quanto podia. A vassoura oscilou para cima novamente e James apanhou-a antes que voltasse a cair. *É quase isto*, pensou. Solto um enorme suspiro, depois passou uma perna sobre a vassoura. Esta flutuava insegura por baixo dele, mal suportando o seu próprio peso.

Algo passou por ele.

— Posição de partida! — gritou Ted sobre a chuva quando uma rapariga primeiranista chamada Baptiste se lançou para a frente, balançando-se ligeiramente. Dois outros primeiros anos deram impulso. Um deles deslizou para o lado e ficou pendurado na extremidade da vassoura. Eles seguraram-se por um segundo ou dois, depois os seus dedos escorregaram da vassoura húmida e caíram ao chão. Houve um rugido de risadas amigáveis.

— Ao menos tu descolaste Klein! — gritou alguém.

James apertou os lábios. Segurava a vassoura com tanta força que as suas articulações ficaram brancas, ganhou impulso. A vassoura oscilou para cima e James viu a relva deslizar abaixo dele, então começou a descer de novo. Os pés patinaram e cambaleou, tentando subir novamente. A vassoura curvou para o alto e ganhou velocidade, mas James não parecia ser capaz de manter a altura. Estava a roçar a relva novamente, salpicando talos e água enlameada. Uivos de ânimo estouraram atrás dele. Concentrou-se furiosamente, contendo a respiração e ganhando impulso enquanto a vassoura ondulava em direcção aos Ravenclaw, que se viraram para olhar. *Sobe*, pensou desesperadamente, *sobe, sobe, sobe!* Lembrou-se do conselho de Noah ao jantar: *Inclina-te para a frente para avançar, impulso para trás para parar*. Compreendeu que estava a estender a vassoura, tentando erguê-la, mas não era assim, ou era? Tinha que se inclinar para a frente. Mas se ele se inclinava para frente, o senso comum dizia-lhe que simplesmente se enterraria no chão. Os Ravenclaw começaram a afastar-se enquanto ele se aproximava, tentando sair do caminho. Todos estavam a gritar conselhos e advertências. Nada fazia

sentido para James. Finalmente, desesperado, James abandonou a sua própria lógica, alçou os pés e inclinou-se para frente o tanto quanto pôde.

A sensação de velocidade foi surpreendente quando a vassoura disparou desimpedida. A névoa e a chuva golpearam o rosto de James e a relva abaixo dele converteu-se num borrão verde. Mas não estava a subir, simplesmente estava a voar ao longo do solo. Ouviu gritos e exclamações quando passou entre os Ravenclaws. Eles afastaram-se e saltaram para fora do seu caminho. Ainda estava a ganhar velocidade quando se inclinou para frente.

À frente dele, os pilares da bancada enchiam a visão, alarmantemente próximas. James tentou inclinar-se, virar para o lado. Sentiu-se a virar, mas não o suficiente. *Sobe*, pensou furiosamente, precisava *subir*! Finalmente, na falta de uma ideia melhor, inclinou-se para trás, dando um puxão na vassoura tão forte quanto pôde. A vassoura respondeu instantaneamente, e com uma força doentia e inclinou-se num ângulo vertical exorbitante. As bancadas passaram a voar. Fileiras de assentos e estandartes tremeluziam ao passar, e então deram lugar a um céu enorme e cinzento.

O movimento pareceu deter-se, apesar do ar e da chuva que passavam a zumbir ao seu lado. James arriscou-se a olhar para trás. O campo de Quidditch parecia um selo de correio, encolhendo-se e tornando-se menos definido atrás de um aglomerado de nuvens e névoa. James ofegou, inalando vento e chuva, o pânico ferrando-o como gigantescas garras. Ainda estava a subir. Grandes aglomerados de nuvens cinzentas passavam a zumbir, esbofeteando-o com surpreendente escuridão e frio. James empurrou novamente a vassoura para baixo, apertando os dentes e gritando de terror.

Sentiu a vassoura cair desagradavelmente, quase arremessando-o fora. Não parecia ter conseguido mais que uma mudança drástica de altitude. James tinha perdido todo o sentido da direcção. Estava rodeado de chuva e densas nuvens. Pela primeira vez, entrar na equipa de Quidditch dos Gryffindor parecia muito menos importante do que simplesmente voltar a pôr ambos os pés na terra, onde quer que fosse. Não podia calcular o quão rápido ia ou em que direcção. O vento e a névoa arranhavam-lhe o rosto, fazendo com que os seus olhos lacrimejassem.

De repente, havia outras formas por perto. Elas lançavam-se sobre ele saindo das nuvens. Ouviu gritos e chamadas distantes pelo seu nome. Uma das formas inclinou-se para ele e James surpreendeu-se ao ver Zane sobre uma vassoura, com o rosto pálido como giz e o cabelo loiro açoitando violentamente à volta do rosto. Fazia movimentos para James enquanto o cercava, mas James não conseguia compreender os seus gestos.

— Segue-me! — gritou Zane por cima o vento enquanto passava a seu lado.

As outras figuras focaram-se quando se centraram em James. Ele avistou Ted e Gennifer, a Ravenclaw.

Moviam-se em formação à volta dele. Ted gritava instruções, mas ele não conseguia discernir. Concentrou-se em inclinar a vassoura na direcção que Zane estava a voar. As nuvens passaram a zumbir novamente como comboios de carga, e James

perdeu os outros de vista. Houve um golpe de ar frio e então o solo precipitou-se em baixo de James oscilando com enorme finalidade. O campo de Quidditch estava a erguer-se no seu encontro, a relva bem aparada parecia bastante severa e imperdoável. Zane ainda estava à frente de James, mas estava a atirar-se para trás, diminuindo a velocidade, gesticulando violentamente com uma mão. James atirou-se para trás na sua própria vassoura, tentando igualar-se a Zane, mas a força do vento ao passar opunha-se a ele. Lutou contra ela, virando, forçando a vassoura para que subisse, de modo que ela se movesse por baixo dele. E então as suas mãos molhadas pela chuva escorregaram, tateou às cegas e caiu para trás, agarrando a vassoura desesperadamente somente com as pernas. Estava a girar com selvageria e o fim estava próximo. James sentiu a força de Zane a passar por ele, os seus gritos a diminuir com terrível velocidade. O chão girava pela sua cabeça, estendendo-se para o abraçar e James ouviu o seu som, um enorme e baixo rugido, tornando-se mais e mais alto até que...

Houve um terrível solavanco. James fechou os olhos com força, tentando não ouvir o barulho do seu corpo a golpear o solo. Não houve barulho. Arriscou abrir os olhos um pouco e então olhou em volta com alívio e surpresa. Estava suspenso a meio metro do centro do campo de Quidditch, ainda montado na sua vassoura, mas não sustentado por ela. Zane, Ted e Gennifer voavam ao seu redor, olhando-o estupidamente. Então Ted virou-se. James seguiu seus olhos.

Ralph estava de pé à beira do campo, com os mantos vestes encharcados e colados ao corpo, um guarda-chuva jazia abandonado à beira da bancada. Cada músculo do corpo de Ralph parecia tenso, cansado, enquanto sustentava a sua ridícula e enorme varinha, apontada para James. Tremia visivelmente. A chuva caía pelo seu rosto, emaranhando o cabelo na sua testa.

— Tenho que manter isto erguido? — disse entre os dentes apertados — Ou já posso baixar?

— CAPÍTULO 5 —

O Livro de Austramaddux



— Não penses nisto com se fosse uma falhanço infeliz numa vassoura. — disse Zane, depois de todos se sentarem na sala comum dos Ravenclaw. — Pensa nisto como dar uma chance aqui ao Ralphinho de parecer positivamente brilhante!

James permaneceu calado. Sentou-se depressivo na ponta do sofá, a cabeça deprimentemente apoiada sobre a mão.

— De qualquer forma, se eu não tivesse saltado na minha vassoura e ido atrás de ti, não sei se seria capaz de compreender isto de jeito nenhum. Realmente foi apenas uma questão de não pensar nisso.

— Que cena espectacular lá fora, Walker. — disse um estudante veterano enquanto passava pelo sofá, desmanchando o cabelo húmido de Zane.

— Sim. — disse outro estudante pelo salão. — Normalmente os testes de aptidão para os primeiros anos são apenas risos. Contigo conseguimos os risos e as habilidades.

Houve uma rodada de aplausos espalhafatosos. Zane sorriu, absorvendo tudo.

— É sério, mas — disse Ralph que estava sentado no chão, de costas para o fogo. — como fizeste aquilo? Voar deve ser bastante difícil para um principiante.

— Sinceramente, não sei. — disse Zane. — Vi o James a ir em direcção à estratosfera e apenas fui atrás dele. Eu mal sabia ainda o que estava a fazer até ao último instante, quando percebi que estava a mergulhar de nariz em direcção ao campo. Parei no último segundo, exactamente quando o homem-torpedo aqui passou por mim, e imaginei, “Olha pra mim! Estou a voar!” Talvez fossem todos aqueles jogos de corridas e simuladores de voo com que cresci a jogar com o meu pai. A sensação daquilo tudo apenas fez sentido para mim.

Repentinamente, Zane pareceu perceber que aquela conversa não estava a levantar muito o humor de James.

— Mas já chega de falar de mim e da minha vassoura. E tu, Ralphinho?

Ralph pestanejou pensativo, então apanhou a sua varinha de dentro do manto húmido. Era exactamente enorme e ridícula como sempre fora, ainda com a ponta entalhada e pintada de verde visgo, mas já ninguém se ria disso.

— Não sei. É como disseste, não? Apenas não pensei. Vi o James a cair e pensei na pena, na sala de Flitwick. O que eu sei é que depois aponte-lhe a minha varinha a gritar...

Muitos estudantes, inclusive Zane, baixaram-se repentinamente assim que Ralph fez um rápido movimento à sua frente. Ralph sorriu timidamente.

— Acalmem-se. Eu não ia dizer aquilo.

— Ralph, tu és o verdadeiro, companheiro. — disse Zane, recuperando-se. — Passaste de fazer levitar uma pena numa aula para um corpo humano, sabes? Os meus rapazes têm talento.

James remexeu-se.

— Se vocês os dois estão satisfeitos congratulando-se a si mesmos, vou procurar uma caverna e viver dentro dela durante o resto do ano.

— Ei, aposto que a namorada do Grawp tem um quarto na gruta dela. — disse Ralph.

Zane fitou Ralph, boquiaberto.

— O quê? — disse Ralph. — Estou a poupar-lhe tempo.

— Ele está a brincar. — disse Zane, olhando de relance para James. — Primeiro, eu não consigo perceber.

— Parabéns por entrares na equipa. — disse James em tom baixo, levantando-se e recolhendo o seu manto de um gancho próximo ao fogo.

— Ei, a sério. — disse Zane embaraçosamente. — Desculpa pela forma como as coisas correram. Eu não sabia que era tão importante para ti. A sério.

James permaneceu de pé por vários segundos, olhando fixamente para o fogo. A expressão pesarosa de Zane acertou-lhe profundamente. O seu coração doía. O rosto ardia e os olhos queimavam. Ele pestanejou e distanciou o olhar.

— Não era importante para mim. — disse. — Era muito, muito importante.

Quando a porta se fechou atrás de James, ouviu Ralph dizer:

— Então, para quem é que isto era importante?

James caminhava lentamente, cabisbaixo. As suas roupas permaneciam húmidas e o corpo doía pelo solavanco de Ralph tê-lo feito levitar ao fim do seu longo mergulho, mas mal notava essas coisas. Tinha falhado. Após a vitória de se ter tornado um Gryffindor, tinha prudentemente acreditado que aquele jogo de Quidditch daria certo.

Em vez disso, tinha acabado por parecer um completo idiota à frente de ambos os Gryffindor e Ravenclaw. Longe das performances acrobáticas que o seu pai lendariamente realizara, James tinha sido resgatado de se matar. Não existia sobrevivência para esse tipo de falha. Nunca se redimiria. Ninguém estava a gozar com ele agora, pelo menos não à sua frente, mas o que diriam no próximo ano quando ele se apresentasse para os testes novamente? Não poderia suportar sequer pensar nisso.

Como contaria ao seu pai? Ao seu pai, que viria no início da próxima semana para o ver e ouvir sobre as suas façanhas. Ele entenderia, é claro. Diria a James que o Quidditch não importava, que a coisa mais importante para ele era ser ele mesmo e se divertir. Até mesmo pensava isso. E ainda, sabendo que não fizera James sentir-se nem um pouco melhor.

Apesar de tudo, Zane entrou para a equipa de Ravenclaw. James sentiu uma punhalada amarga de ciúmes por isso. Sentiu-se imediatamente arrependido por isso, mas não o fez afastar-se. Zane era nascido muggle e americano, ainda por cima! Quidditch devia ser um confuso mistério para ele, e James devia ser o voador nato, o herói do resgate. Não havia outra forma. Como é que as coisas poderiam ter saído totalmente erradas tão rapidamente?

Quando alcançou a sala comum dos Gryffindor, esgueirou-se pelo canto da sala, evitando os olhares daqueles que estavam reunidos ali, sorrindo com os amigos, ouvindo música, discutindo as tarefas da equipa, e a espreguiçar-se no sofá. De cabeça baixa, subiu as escadas e entrou no dormitório, que estava escuro e silencioso. Nos tempos do seu pai, os dormitórios eram separados por ano. Agora James estava feliz em dividir o quarto com alguns veteranos. Normalmente, eles traziam a tranquilidade de que se podia sobreviver àquilo tudo. Necessitava de um pouco desta tranquilidade agora, ou que alguém, no mínimo, notasse a sua infelicidade e a tornasse válida. Suspirou profundamente no aposento vazio.

James tomou duche no pequeno quarto de banho, trocou de roupa, e então sentou-se na cama, olhando a noite lá fora. Nobby observava-o da sua gaiola perto da janela, estalando o bico de vez em quando, querendo sair e encontrar um rato ou dois, mas James não notou. A chuva finalmente parou. As nuvens foram-se desmanchando, revelando uma enorme Lua prateada. James observou-a por um bom tempo, sem saber pelo que esperar, sem sequer saber do que estava à espera. No fim, o que estava à espera não aconteceu. Ninguém subiu as escadas. Ouviu as vozes lá em baixo. Era uma noite de sexta-feira. Ninguém ia cedo para a cama. Sentiu-se completamente sozinho e desolado. Deslizou para baixo dos cobertores e, dali, olhou fixamente para a Lua.

Por fim, adormeceu.



James passou o resto do fim-de-semana na sala comum dos Gryffindor. Sabia que nem Ralph ou Zane poderiam entrar na sala comum sem a senha, e não estava com humor para os ver ou a qualquer outra pessoa. Leu os capítulos dos trabalhos de casa de grupo designados e praticou com a varinha. Estava particularmente irritado em descobrir que não conseguia praticar com a pena para a pôr a fazer algo mais do que andar pateticamente à volta da mesa. Vinte minutos depois, ficou exasperado, rosnou uma palavra que a sua mãe não sabia que ele conhecia, e atirou violentamente a varinha sobre a mesa. O objecto lançou um feixe de faíscas roxas, como se estivesse surpreso com a explosão de James.

A detenção no sábado à noite com Argus Filch chegou. James estava a seguir Filch pelos corredores com um balde e uma enorme esfregona de cerda rija. De vez em quando, Filch parava e, sem se virar, apontava para uma mancha no chão, na parede, ou para um detalhe numa estátua. James olhava e ali estaria algum rabisco ou uma mancha de uma chiclet comprida e calcada. James suspirava, mergulhava a escova, e começava a esfregar com ambas as mãos. Filch ameaçou James como se fosse pessoalmente responsável por cada bocado de deformação que limpava. Enquanto James trabalhava, Filch resmungava e ficava com raiva, lamentando pelos melhores tipos de punições que fora permitido aplicar no passado. Quando chegou a hora, foi permitido a James retornar aos seus aposentos, os seus dedos estavam frios, vermelhos e doridos, e cheiravam ao sabão sujo e repulsivo de Filch.

No domingo à tarde, James saiu para caminhar pelos terrenos e encontrou-se com Ted e Petra, que estavam sentados confortavelmente sobre um cobertor, aparentemente a resolver mapas celestes em folhas de pergaminho.

— Agora com aquela aula compartilhada de Adivinhação com a Trelawney e Madame Delacroix, temos um verdadeiro trabalho de casa. — Ted reclamou. — Costumávamos apenas olhar para algumas chávenas de chá e inventar predições sombrias e desastrosas. Na verdade, até que era divertido.

Petra estava encostada numa árvore, com mapas desordenados e gráficos sobre o colo, comparando-os com um enorme livro de constelações aberto sobre o colo.

— Ao contrário da Trelawney, Delacroix parece ter a curiosa e arcaica noção de que a astrologia é uma ciência verdadeira. — disse ela, balançando a cabeça com

desgosto. — Como se um monte de rochas deambulantes pelo espaço soubessem alguma coisa sobre o meu futuro além de mim.

Ted disse a James para não se afastar e impedi-los de fazer mais coisas. Sentindo que não estava a interromper nada pessoal, e que nem Ted ou Petra fariam do desastroso teste de Quidditch de James, este caiu pesadamente sobre o cobertor e fitou o livro de gráficos estelares. Desenhos a preto e branco de planetas, adornados com nomes e ilustrações de criaturas místicas, agrupadas e estendidas de forma moderada nas páginas, as suas órbitas desenhadas como elipses vermelhas.

— O *Wocket* pertence a qual desses planetas? — perguntou James com desdém.

Petra virou a página.

— *Hardy-har*.

James retornou às páginas enormes do livro de constelações lentamente, examinando os planetas a mover-se e outros símbolos astrológicos mundanos.

— Então, como é que a Professora Trelawney e Madame Delacroix se entendem?

— perguntou James depois de um minuto. Ele lembrou-se que Damien dissera que tinham havido desavenças entre elas.

— Óleo e água. — Ted respondeu. — A Trelawney tenta ser amável, mas ela obviamente odeia a rainha do voodoo. Da parte de Delacroix, ela não finge gostar da Trelawney. Elas são de duas diferentes escolas de pensamento, em cada sentido da palavra.

— Acho o ensino da Trelawney melhor. — resmungou Petra, rabiscando uma nota no seu pergaminho.

— Todos sabemos o que tu achas, querida. — acalmou-se Ted. Ele virou-se para James. — A Petra gosta da Trelawney porque ela sabe, no seu coração, que a adivinhação é apenas um conjunto de variáveis casuais que usas para ordenar o teu próprio pensamento. A Trelawney acha tudo místico, claro, mas ela ainda sabe que tudo é apenas um monte de subjectivismos totalmente confusos. A Petra é uma rapariga de factos, então ela gosta que mesmo a Trelawney leve todo esse assunto a sério, ela não tenta fazer isso, sabes, inflexível.

Petra suspirou e fechou o seu livro.

— Adivinhação não é uma ciência. É psicologia. Pelo menos a Trelawney põe isso na prática, não na fé. Já a Delacroix...

Ela atirou o livro sobre a pilha próxima, revirando os olhos.

— Temos um teste esta semana. — disse Ted lamentavelmente. — Um verdadeiro teste de Adivinhação. É sobre algum evento astrológico maluco que vai acontecer este ano. As linhas dos planetas, ou seja lá o que for.

James pareceu intrigado.

— As linhas dos planetas?

— *Alinhamento* dos planetas. — disse Petra pacientemente. — Na verdade, isso é um grande acontecimento. Acontece apenas uma vez a cada poucos cem anos. *Isso é*

ciência. Saber que criaturas místicas tolas é que cada planeta representa, que eram um deus para um bando de primitivos insignificantes, e o que isso significa para “os harmónicos da matriz da premonição astrológica”, isso não é.

Ted olhou para James e franziu as sobrancelhas.

— Um dia, vou fazer a Petra revelar os seus verdadeiros sentimentos a respeito disto.

Petra acertou-lhe na cabeça com um de seus maiores mapas celestes.

Mais tarde, ao jantar, James viu Zane e Ralph sentados juntos na mesa dos Ravenclaw. Viu o Zane a olhar por cima uma vez, e ficou feliz por ele não ter vindo falar com ele. Sabia que isso era extremamente mesquinho da sua parte, mas ainda estava cheio de ciúmes e de vergonha do seu constrangimento. Comeu rapidamente, e então saiu do Salão Principal, sem a certeza para onde iria.

O anoitecer estava agradável e calmo enquanto o sol desaparecia atrás das montanhas. James explorou o perímetro dos terrenos, ouvindo a canção dos grilos e a atirar pedras no lago. Foi bater à porta da cabana de Hagrid, mas estava um bilhete na porta, com letras enormes e desajeitadas escritas. Dizia que Hagrid estava na floresta até segunda de manhã. A passar tempo com Grawp e sua namorada gigante, imaginou James. Estava a começar a ficar escuro. James virou-se e retornou desanimado em direcção ao castelo.

Estava a caminho da sala comum quando decidiu fazer um desvio. Estava curioso sobre algo.

A vitrine dos troféus estava iluminada por uma série de lanternas, de modo a que as taças, placas e estátuas brilhavam com esplendor. James aproximou-se lentamente, olhando para as várias fotos das equipas de Quidditch de décadas passadas, os uniformes fora de moda, mas o sorriso e expressões de vigorosa invencibilidade eternamente imutável. Tinham troféus de ouro e bronze, snitchs antigas, bludgers presas com cintos de couro, mas ainda a agitar-se ligeiramente enquanto ele passava.

Perto do final, James parou e olhou para a vitrine do Torneio dos Três Feiticeiros. O seu pai tinha o mesmo sorriso incómodo, parecendo jovem de uma maneira impossível e indisciplinado. James inclinou-se e olhou para a foto do outro lado da Taça dos Três Feiticeiros, uma foto de Cedric Diggory. O rapaz era bonito, sem malícia e no rosto a mesma expressão que James tinha visto nas antigas fotos das equipas de Quidditch, aquela expressão confiante de juventude perpétua e confiança ininterrupta. James analisou a foto. A expressão era o que o tinha impedido de fazer as conexões que tinha visto pela primeira vez na foto.

— Foste tu, não foste? — James sussurrou para a fotografia. Não era realmente uma pergunta.

O rapaz na foto sorria inclinando a cabeça ligeiramente, como se concordasse.

James não esperava uma resposta, mas, assim que se endireitou, algo mudou na placa por baixo da Taça dos Três Feiticeiros. As palavras gravadas na placa de prata

desapareceram, em seguida, após um momento, novas palavras vieram à tona. Elas soletraram lenta e silenciosamente.

James Potter

O filho de Harry

Um tremor desceu pelas costas de James.

Ele fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Sim. — sussurrou.

As palavras voltaram a desaparecer. Vários segundos se passaram, então mais palavras apareceram.

Quanto tempo se passou?

James não entendeu a questão à primeira. Balançou a cabeça ligeiramente.

— D-Desculpa. Quanto tempo se passou desde o quê?

As letras retrocederam e ordenaram-se novamente, de forma lenta, como se exigissem um grande esforço.

Desde que morri.

James engoliu em seco.

— Não sei, exactamente. Dezassete ou dezoito anos, penso eu.

As letras desapareceram lentamente. Nenhuma se formou novamente durante quase um minuto. Então:

O tempo é tão estranho aqui

Parece mais longo

Mais curto

James não sabia o que dizer. Um sentimento de grande solidão e tristeza deslizou pelo corredor, preenchendo o espaço e James em si, como uma nuvem calma.

— O meu... — a voz de James ficou presa. Ele pigarreou, engoliu em seco, e tentou novamente. — O meu pai e minha mãe, Ginny, que costumava ser uma Weasley... Eles falavam sobre ti. Às vezes. Eles... Eles lembravam-se de ti. Gostavam de ti.

As letras definharam, trazendo à superfície:

Ginny e Harry

Sempre soube

Havia alguma coisa ali

O fantasma de Cedric parecia ter desaparecido, escapando do ar do corredor. As letras desapareceram lentamente. James queria perguntar mais, tencionava perguntar sobre o intruso muggle, como é que ele estava a entrar no castelo, mas agora isso não parecia importante. Apenas queria dizer algo para reduzir a nuvem de tristeza que sentiu com a presença de Cedric, mas não conseguia pensar em nada. Então, as letras apareceram mais uma vez, soletrando fraca e lentamente.

Eles são felizes?

James leu a pergunta, considerando-a. Fez um gesto afirmativo.

— Sim, Cedric. Eles são. Nós somos.

As letras evaporaram-se no momento em que James falou, e houve algo como um suspiro à sua volta, longo e, por alguma razão, exausto. Quando acabou, James olhou de relance pelo corredor. Poderia dizer que estava só novamente. Quando olhou de volta para a placa abaixo da Taça dos Três Feiticeiros, a placa tinha retornado ao seu estado normal coberta por palavras gravadas e elaboradas. James tremeu e abraçou-se, então virou-se e começou a andar de volta para o corredor principal. O fantasma tinha finalmente falado, era Cedric Diggory.

Somos felizes, James pensou. Assim que subiu os degraus da sala comum, percebeu que era verdade. Sentiu-se um pouco tolo pela maneira como andava durante toda a semana, remexendo na inveja e sentimento como um falhado. Naquele momento, nada disso parecia importante. Estava feliz por estar ali, em Hogwarts, com novos amigos, desafios e aventuras sem fim à sua frente. Correu pelo caminho do buraco do retrato, querendo naquele momento nada mais do que passar as últimas horas da sua primeira semana em Hogwarts a divertir-se, a sorrir, esquecendo a tolice do completo desastre no Quidditch. Percebeu, relutantemente, que, em algum nível, isso era mesmo um pouco engraçado.

Quando entrou na sala comum, parou e olhou em volta. Ralph e Zane estavam ali, sentados com o resto dos Gremlins à volta da mesa perto da janela. Todos ergueram os olhos.

— Ali está o nosso pequeno alienígena. — disse Zane alegremente. — Estávamos a tentar transformar as tuas habilidades de segurar uma vassoura numa coreografia. O que achas duma queda de um OVNI como o caso Roswell? O Ralph está com a varinha pronta para te apanhar.

Ralph agitou a sua varinha e sorriu timidamente. James revirou os olhos e foi reunir-se a eles.



James acordou tarde na segunda de manhã. Correu para o Salão Principal na esperança de apanhar um pedaço de torrada antes da aula de Transfiguração e encontrar Ralph e Zane, que estavam a chegar.

— Não tens tempo, companheiro. — disse Ralph fisingando o braço de James e virando-o. — Não podes chegar atrasado à primeira aula. A McGonagall é que ensina e ouvi coisas bem más sobre o que ela faz a quem se atrasa.

James suspirou e saiu disparado pelo corredor barulhento e cheio.

— Espero que ela também não faça coisas terríveis a estudantes cujos estômagos

ronquem durante a aula.

Zane passou algo para a mão de James enquanto andavam.

— Dá uma olhadela nisto quando puderes. Já mostrei ao Ralph e ele ficou louco, não foi? Eu marquei-te a página.

Era um livro grosso e enlameado. A capa era revestida por um tecido puído que provavelmente fora vermelho uma vez. As páginas estavam amareladas, ameaçando caírem da encadernação aos bocados.

— O que é isso? — disse James, incapaz de ler o título gravado em relevo, que estava fantasmagoricamente indistinto pelo tempo. — Entre o Jackson e o Flitwick, já tenho leitura suficiente até ao próximo trimestre.

— Vais-te interessar por ele, acredita. Este é o *Livro de Histórias Paralelas, Volume Sete*. — disse Zane. — Consegui-o na biblioteca dos Ravenclaw. Lê apenas a parte que marquei.

— Os Ravenclaw têm uma biblioteca particular? — perguntou Ralph lutando para retirar o livro da mochila abarrotada.

— Vocês Slytherin não têm cabeças de dragão nas paredes? — encolheu os ombros. — Certo. Cada um com o seu.

Assim que se enfileiraram em direcção à aula de Transfiguração, passaram por um grupo de estudantes posicionados ao lado da porta. Muitos deles usavam os distintivos “Questiona os Vitoriosos”. Mais e mais estudantes pareciam estar a usá-los com o passar dos dias. Letreiros em alguns dos quadros de avisos identificavam os distintivos como a marca de um clube chamado “Elemento Progressivo”. James estava consternado ao ver que de todos os estudantes que os usavam eram Slytherins.

— O teu pai vem cá, Potter? — um veterano chamou, sorrindo tortamente. — Vai ter um pequeno encontro com os amiguinhos dos Estados Unidos?

James parou e olhou para o interlocutor.

— Sim, ele chega hoje. — disse ele, as bochechas a corar. — Mas não sei o que queres dizer com “amiguinhos”. Ele nunca se encontrou com os americanos antes. Talvez devesses ler mais antes abrir a boca.

— Ah, nós lemos, acredita. — o rapaz respondeu, o sorriso desaparecendo. — Mais do que tu e teu pai gostariam que lêssemos, tenho certeza. A gente da tua laia não pode esconder a verdade para sempre.

— Esconder a verdade? — disse James, a raiva sobrepondo-se à sua prudência. — O que quer isso dizer?

— Lê os distintivos, Potter. Sabes exactamente do que estamos a falar. — disse o rapaz, erguendo a mochila e imprevisivelmente descendo o corredor com os amigos. — E se não sabes, és mais estúpido do que parece ser. — virou as costas a James.

James pestanejou entre a raiva e o espanto.

— O que foi tudo isto?

Ralph suspirou.

— Vamos, vamos arranjar um lugar. Contar-te-ei, embora eu não entenda muito disto.

Mas não tiveram tempo para discutir o assunto antes da aula. A Directora McGonagall, que tinha ensinado Transfiguração aos pais de James, ainda ensinava a disciplina, e aparentemente com o mesmo grau de vivacidade profissional. Ela explicou movimentos e comandos básicos da varinha, demonstrando-os ao transformar um livro numa sandes de peixe. Até mesmo pediu a um dos alunos, um rapaz chamado Carson, que comesse uma parte do sandes. Logo depois, ela transformou o sandes de volta em livro e o mostrou à classe ainda perfurado pela marcas de mordidas feitas por Carson. Houve sons de admiração e espanto. Carson olhou para as mordidas e pressionou a mão no estômago, um olhar de profunda apreensão no rosto. Perto do fim da aula, McGonagall instruiu os alunos a apresentarem as varinhas e a praticar os movimentos e comandos numa banana, que eles deviam tentar transfigurar num pêssego.

— *Persica Alteramus*, ênfase somente na primeira sílaba. Não esperem obter muitos progressos à primeira tentativa. — gritou por cima do barulho das tentativas dos alunos. — Até mesmo se produzirem uma banana com a mínima insinuação de pêssego, consideraremos isso um progresso por hoje. Tenha cuidado, Miss Majaris! Apenas movimentos circulares, por favor!

Zane fitava furiosamente a sua banana e fazia movimentos rápidos com a varinha sobre ela.

— *Persica Alteramus!* — não houve mudança aparente. Pressionou os lábios novamente. — Vamos ver-te a tentar, James.

Encolhendo os ombros, James ergueu a varinha e fez um movimento, proferindo o feitiço. A banana debateu-se, mas permaneceu decididamente uma banana.

— Talvez se estejam a transformar — disse Zane, esperançoso. — Talvez devêssemos descascá-la e ver se todos os pesseguinhos estão dentro, não?

James pensou no assunto, e então sacudiu a cabeça. Ambos tentaram novamente. Ralph observava.

— Mais movimento de pulso. Vocês parecem estar a pilotar jactos.

— Tão fácil criticar, tão difícil fazê-lo. — disse Zane entre duas tentativas. — Vamos ver o que consegues fazer, Ralphinator.

Ralph pareceu relutante em tentar. Segurava a varinha entre os dedos, mantendo-a sobre a borda da mesa.

— Vamos, Ralph. — disse James. — Até agora, és bastante bom a manusear a varinha. Estás preocupado com o quê?

— Nada. — disse Ralph, um pouco na defensiva. — Eu não sei.

— Raios! — disse Zane, baixando o braço que estava com a varinha e a agarrar a banana com o outro. Deixou cair a varinha sobre a mesa e apontou a banana para ela. — Talvez eu tenha mais sorte a tentar assim, não acham?

James e Ralph fitaram-no. Ele revirou os olhos

— Ora, vamos, Ralph. Faz com o pêssego. Sabes que és capaz. Do que estás à espera?

Ralph fez uma careta, então suspirou e ergueu a enorme varinha. Executou um ligeiro movimento com ela e disse o feitiço de forma monótona, quase como se estivesse a tentar errar. Houve um lampejo e um ruído como um nódulo de pinha a explodir numa lareira. O resto da turma ouviu o barulho e lançou os olhos sobre Ralph. Uma baforada de fumo carregado demorou-se sobre a mesa à frente de Ralph, que se tinha afastado, os olhos arregalados e preocupados. Assim que o fumo dissipou, James inclinou-se. A banana de Ralph ainda jazia ali, completamente intocada.

— Bem, — disse Zane no silêncio repentino. — isto foi um enorme...

Um barulho suave e baixo veio da banana de Ralph. A casca dividiu-se lentamente e começou a separar-se, abrindo como uma flor amarela e polpuda. Houve suspiros prolongados vindos dos estudantes quando uma gavinha verde cresceu do centro da casca da banana. A gavinha parecia cheirar o ar enquanto crescia, torcendo-se e estendendo-se como uma videira. A gavinha começou a endireitar-se enquanto se erguia, movendo-se sinuosamente da mesa com um movimento gracioso e contorcido. Mais gavinhas brotaram da banana. Elas espalharam-se pela superfície numa explosão de moldes, encontravam as bordas da mesa e enroscavam-se, apertando-se firmemente. Ramos começaram a separar-se do rebento principal enquanto este se alargava, tornando-se mais espessos e claros, até se tornarem uma madeira amarelada e cinzenta. A folhagem brotou dos ramos em repentinas explosões, crescendo dos rebentos tenros até preencher de folhas em poucos segundos. Finalmente, quando a árvore atingiu uma altura de quase quatro pés, houve uma série de estampidos suaves. Meia dúzia de pêssegos germinaram das extremidades dos ramos inferiores, sobrecarregando-os. Cada um distinto, rechonchudo e novo em folha.

James desviou o olhar da árvore e olhou em volta no aposento. Todos os olhos mantinham-se sobre o perfeito pé de pêssego que Ralph conjugara, bocas caíam em espanto, e as varinhas permaneciam congeladas nas mãos, em meio movimento.

A Directora McGonagall fitou a árvore atentamente, a boca franzida de completa surpresa. A movimentação retornou ao aposento. Todos expiraram e aplausos espontâneos e respeitosos irromperam.

— Ele é meu! — bradou Zane, posicionando-se e atirando um braço à volta do ombro de Ralph. — Eu vi-o primeiro.

Ralph afastou os olhos da árvore, olhou para Zane e sorriu de forma bastante inexpressiva. Mas James lembrou-se da expressão no rosto de Ralph quando a árvore estava a crescer. Ele não estava a sorrir.

Momentos depois, no corredor, Zane falou com a boca cheia de pêssego.

— Falando a sério, Ralph. Estás-me a assustar um pouco. A magia que tu fazes é algo a sério. Qual é o segredo?

Ralph mostrou o seu sorriso inseguro e preocupado novamente.

— Bem, na verdade...

James olhou para Ralph.

— O quê? Conta Ralph!

— Tudo bem. — disse ele puxando-os para dentro de um aposento com janela. — Mas é apenas uma suposição, certo?

James e Zane acenaram que sim, entusiasmados, fazendo gestos para que Ralph continuasse.

— Estive a praticar muito com alguns dos outros Slytherin à noite, sabes? — explicou Ralph. — Apenas as coisas básicas. Eles ensinaram-me algumas coisas. Feitiços de Desarmar e alguns truques e batotas, coisas para aplicar no inimigo.

— Que inimigos é que já arranjaste, Ralph? — perguntou Zane, incredulamente, lambendo o sumo de pêssego dos dedos.

Ralph bateu as mãos impacientemente.

— Tu sabes, apenas inimigos medianos. É apenas a maneira como os tipos da minha equipa falam. De qualquer forma, eles dizem que sou mais do que mediano. Acham realmente que não sou uma simples criança muggle obsoleta que obteve alguns genes mágicos casuais. Acham que, talvez, um dos meus pais descendesse de alguma grande família de feiticeiros e apenas não se sabe disso.

— Parece uma coisa um tanto grande para não se saber, não é? — disse James, cheio de dúvidas. — Quero dizer, disseste que o teu pai fazia coisas para computadores muggles, não foi?

— Bem, sim. — disse Ralph sem interesse e baixou a voz. — Mas a minha mãe... Conteí-vos que ela morreu, não conteí? Não. — respondeu para si mesmo. — Claro que não. Bem, ela morreu quando eu era bem pequeno. Nunca cheguei a conhecê-la. E daí se ela era uma bruxa? Quero dizer, e se ela pertenceu a uma das grandes famílias de feiticeiros de puro sangue e nem sequer o meu pai sabia disso? Acontece, sabes. Feiticeiros apaixonam-se por muggles e, durante toda a vida, não conseguem contar o seu segredo. Os sangues puros não gostam disso, acho, mas ainda assim... — ele seguiu a pista e olhou para Zane e James.

— Bem, — disse James lentamente. — certo. Acho que é possível. Coisas mais estranhas acontecem.

Zane ergueu as sobrancelhas, considerando.

— Explicaria muita coisa, não é? Talvez sejas um príncipe ou coisa do género. Talvez sejas um herdeiro de riquezas fabulosas, poder e outras coisas.

Ralph fez uma careta e saiu do aposento.

— Não nos vamos precipitar. É apenas uma suposição, como eu disse.

James andou com Zane e Ralph até à hora da próxima aula. Nenhum dos outros dois tinha aula de Herbologia com ele, então disseram que o veriam à tarde e ele saiu para os terrenos em direcção às estufas.

O Professor Longbottom cumprimentou James pelo nome assim que ele entrou, sorrindo calorosamente. James sempre gostara de Neville, ainda que ele fosse mais tranquilo e atencioso do que o seu pai ou o tio Ron. James conhecia a história de como Neville batalhara no seu último ano de escola, quando Voldemort tomara posse do Ministério e Hogwarts estava sobre o seu controlo. No final, Neville fora quem cortou fora a cabeça da enorme cobra, Nagini, o último elo de Voldemort com a imortalidade. No entanto, era difícil imaginar o professor desolado e desajeitado a fazer tais coisas enquanto arrumava vasos e plantas na mesa em frente à sala de aula da estufa.

— Herbologia é... — começou Neville, gesticulando e golpeando um dos vasos mais pequenos. Ele interrompeu-se a si mesmo, endireitando o vaso rapidamente, derramando terra nos seus papéis. Ergueu os olhos e sorriu de maneira aflita. — Herbologia é o estudo das... Bem, ervas, claro. Como vocês podem ver.

Inclinou a cabeça para toda a estufa, que estava cheia de milhares de plantas e árvores, todas a crescer em aturdida variedade de recipientes. James achou que o Professor Longbottom, provavelmente, estaria um tanto interessado em examinar o pé de pêssgo recentemente crescido sobre a mesa da sala de Transfiguração.

— Ervas são as raízes, eh, por assim dizer, de muitas das mais fundamentais práticas da magia. Poções, medicina, fabrico de varinhas, e até mesmo feitiços, todos contam com a essencial cultura e processamento de plantas mágicas. Nesta aula iremos estudar os diversos usos de alguns de nossos recursos vegetais mais importantes, das humildes bubóturbas à rara *Mimulus mimbletonia*.

Pelo canto do olho, James viu algo a mover-se. Uma planta estava a estender uma vinha ao longo do peitoril da janela perto de uma rapariga do primeiro ano que rabiscava furiosamente os nomes que Neville listava. A vinha soltou-se do peitoril da janela, batendo de leve nas costas da rapariga, então enroscou-se no seu brinco. Os olhos da rapariga arregalaram-se, e deixou cair a pena, assim que a vinha começou a puxá-la.

— Ei, ei, ei! — chorou ela, afastando-se para o lado da sua cadeira e lançando uma mão à orelha. Neville olhou em volta e saltou em direcção a ela.

— Sim, agarre a vinha, Miss Patonia! Isso mesmo! — ele alcançou-a e começou cuidadosamente a tirar a vinha da sua orelha. A vinha torceu-se lentamente enquanto ele a soltava. — Descobriu a nossa *Larcenous ligulous*, ou melhor, ela descobriu-a. Desculpe-me por não a alertar antes que se sentasse. Ela foi criada por piratas há muitos anos atrás, deve-se a isso a sua atracção inata por objectos cintilantes, que ela usa para aumentar a luz solar para propósitos de fotossíntese. Está quase extinta, depois de ter sido sistematicamente caçada e queimada durante a Purificação.

Neville encontrou a base da planta e enroscou a vinha metodicamente ao seu redor enterrando as pontas no alto de um arco de diamante.

Patonia esfregou a orelha e olhou fixamente para a vinha como se quisesse fazer algo como queimá-la por conta própria.

Neville voltou à frente da mesa e começou a conversar com a turma ao longo dos vasos de plantas que organizara ali. James bocejou. O calor da estufa estava a fazê-lo ficar um tanto sonolento. Na tentativa de ficar acordado, James esticou-se para apanhar o pergaminho e a pena de dentro da mochila. A sua mão bateu contra o livro que Zane lhe dera. Puxou-o para fora, junto com os seus pergaminhos, e colocou-o sobre o colo.

Quando se certificou de que Neville, de repente, mergulhara fundo o suficiente a falar sobre o seu assunto favorito, James abriu o livro onde Zane tinha marcado. O seu interesse foi imediatamente provocado pelo título no alto da página: *Feodore Austramaddux*. Inclinou-se sobre o livro e começou a ler rapidamente.

“Defensor da Premonição Reversa, ou a arte de registrar a história através da adivinhação contra-cronológica, o vidente e historiador Austramaddux permanece conhecido na feitiçaria moderna principalmente pelos seus fantásticos relatos dos últimos dias de Merlinus Ambrosius, lendário feiticeiro e fundador da Ordem de Merlin. O relato de Austramaddux, que está registado por completo no seu famoso História Inversa da Magia Mundial (vide capítulo doze) concorda com o seu conhecimento sobre Merlinus no final da carreira como um regente mágico especial para os reis da Europa. Tendo crescido desencantado com a corrupção do mundo mágico enquanto este se tornava ‘infectado’ pela influência do crescimento dos reinos não-mágicos, Merlin anunciou o seu plano para ‘largar o reino mundano’. Mais adiante, reivindicou que retornaria à sociedade dos homens, séculos ou até milénios mais tarde quando a balança entre os mundos mágico e não-mágicos estivesse mais, como Austramaddux colocou, ‘maduro para as suas mãos’. Estas predições foram a fonte de várias histórias e conspirações nos séculos desde então, normalmente encabeçadas por aqueles de tendência revolucionária, que acreditavam que o retorno de Merlin facilitaria os seus planos de dominar e subjugar o mundo não-mágico por meio de política ou guerra total.”

James parou de ler. A sua mente corria enquanto considerava as implicações do que acabara de ler. Conheceu Merlin toda a vida, da mesma forma como as crianças muggles conheciam o Pai Natal: não como uma figura histórica, mas como um tipo de personagem mítico das histórias. Nunca ocorrera a James duvidar que Merlin fora uma pessoa real, mas também nunca lhe ocorrera perguntar-se que tipo de pessoa Merlin devia ter sido. As únicas referências eram ditados tolos com os quais crescera, como “Pelas barbas de Merlin!” ou “Em nome da calças de Merlin!”, dos quais nenhum dava a entender muito sobre a personalidade do grande feiticeiro e, de acordo com Austramaddux, Merlin tinha sido um tipo de conselheiro para os reis e líderes muggles. Era possível que, nos tempos de Merlin os feiticeiros viviam livremente no mundo muggle, sem leis de sigilo, sem se esconderem, sem Feitiços de Ilusão? Se sim, o que quisera dizer com o mundo da magia ter sido “infectado” pelos muggles? Mais ainda, o que significava dizer pela assustadora predição de que ele retornaria quando o mundo estivesse “maduro para as suas mãos”? Não era de admirar que feiticeiros das trevas através da história tentassem fazer as predições de Austramaddux tornar-se realidade, para trazer de volta o feiticeiro ao mundo de alguma forma. Feiticeiros das trevas sempre procuraram governar o mundo muggle e, aparentemente, havia alguns

fundamentos para acreditar que Merlin, o maior e mais poderoso feiticeiro de todos os tempos, ajudaria a proporcionar isso.

Um pensamento repentino ocorreu a James, os olhos arregalaram-se. Ouvira o nome de Austramaddux, pela primeira vez, através de um perfil feito por um Slytherin. Slytherin sempre foi a equipa dos feiticeiros das trevas que tencionavam dominar o mundo muggle. E se a menção enigmática de Austramaddux não fosse apenas uma coincidência insignificante? E se o Slytherin que fizera o perfil fizesse parte de uma conspiração para facilitar o predito retorno de Merlinus Ambrosius, que lideraria uma guerra final contra o mundo muggle?

James fechou o livro lentamente e cerrou os dentes. Por alguma razão, no momento em que pensou nisso, parecia completamente verdade. Aquilo explicaria porque um Slytherin usaria um nome que até mesmo o director da sua equipa imaginava ser uma piada. O Slytherin sabia que não era, e em breve seria vitorioso num trama que provaria isso. O coração de James bateu forte quando se sentou e pensou furiosamente. A quem poderia contar? A Zane e a Ralph, claro. Eles já deviam ter pensado naquilo. Ao seu pai? James decidiu que não. Pelo menos ainda não. Tinha idade suficiente para saber que a maioria dos adultos não acreditaria em tal história vinda de uma criança, mesmo que esta fornecesse fotografias que servissem de prova.

James não sabia exactamente o que poderia fazer para impedir tal conspiração, mas sabia o que tinha de fazer depois. Tinha de descobrir que Slytherin tirara o *GameDeck* de Ralph. Tinha de encontrar o Slytherin que usara o nome de Austramaddux.

Com isto em mente, James saiu disparado da estufa no momento em que a aula terminou, esquecendo-se completamente de que aquela era a noite em que o seu pai, Harry Potter, estava a chegar para se encontrar com os americanos.



Enquanto James corria pelos terrenos, ficou a par do barulho de uma multidão. Atrasou o passo, à escuta. Gritos e cantos mesclavam-se aos balbúcios de vozes roucas e excitadas. Assim que espreitou pelo canto do pátio, o barulho tornou-se mais alto. Uma multidão de estudantes estava no pátio, reunindo-se em todas as direcções bem no momento em que James observava. A maioria estava simplesmente curiosa por ver o porquê da agitação, mas havia um grupo muito activo ao centro, a marchar, entoando lemas, alguns seguravam letreiros e faixas enormes pintadas à mão.

James viu uma das faixas quando se aproximou da multidão, e o seu coração afundou-se. Estava escrito: *“Fim ao Fascismo dos Aurors do Ministério!”* Outro letrado ondulava preguiçosamente em direcção ao céu: *“Diz a VERDADE, Harry Potter!”*.

James andou à volta do grupo, tentando permanecer discreto. Perto dos degraus do Salão Principal, Tabitha Corsica estava a ser entrevistada por uma mulher de olhos de gato com óculos roxos espalhafatosos e uma expressão muito atenta. Com uma inquietude crescente, James reconheceu Rita Skeeter, repórter guia investigadora do Profeta Diário, e uma das pessoas menos queridas para o seu pai.

Assim que ele passou, Tabitha viu-o e deu-lhe um encontrão ligeiro e sorriu, como se dissesse *desculpa por isto, mas são tempos difíceis e todos fazem o que devem...*

Exactamente quando James estava para subir os degraus para o Salão Principal, a directora apareceu, andando decididamente a passos largos à luz do sol com uma expressão feroz no rosto. Ela posicionou a varinha na sua garganta e falou do degrau mais alto, a voz ecoando por todo o pátio, cortando o barulho da multidão.

— Não perguntarei o significado disto, assim como acho isto desapontadoramente óbvio. — disse ela severamente, e James, que conhecera Minerva McGonagall de uma maneira periférica pela maior parte de sua vida, imaginou que nunca a tinha visto tão enraivecida.

O rosto dela estava mortalmente pálido, com um vermelho lívido no alto das bochechas. A voz, ainda ecoando pelo pátio, estava controlada, mas tão convicta quanto o aço.

— Longe de mim querer impedir-vos do direito de manter quaisquer fundamentos doentes e noções absurdas que muitos de vocês têm procurado, mas deixe-me assegurá-los, independentemente do que podem escolher acreditar, não é a política desta escola permitir que os estudantes insultem estimados visitantes.

Os letrados foram baixados, mas não completamente.

James viu que Rita Skeeter fitava a directora com um olhar de faminta excitação no rosto, a Pena de Notas Rápidas rabiscando ferozmente num bloco de pergaminho. McGonagall suspirou, reunindo a compostura.

— Há meio próprios para a expressão de discordância, como todos sabem. Esta... *Exibição...* Não é necessária, nem apropriada. Portanto, espero que todos vocês se dispersem imediatamente com o conhecimento que certamente... — ela olhou fixamente para Rita Skeeter. — tenham marcado a vossa posição.

— Senhora Directora. — uma voz chamou, e James não precisou de se virar para saber que se tratava de Tabitha Corsica. Houve um silêncio significativo enquanto o pátio inteiro prendia a respiração.

James podia ouvir a pena de Rita Skeeter rabiscar avidamente.

McGonagall parou, estudando Tabitha de forma significativa.

— Sim, Miss Corsica?

— Eu não poderia concordar mais consigo, professora. — disse Corsica suavemente, a sua bonita voz ecoando pelo pátio. — E da minha própria parte, espero que todos nós possamos escolher lutar por estas questões de uma forma mais razoável, como sugeriu. Isto pode ser proposto como assunto do primeiro Debate Escolar? Permitir-nos-ia abordar esta questão sensível respeitosa e minuciosamente, da maneira que estou certa que concorda comigo que isto merece.

A mandíbula de McGonagall estava como ferro enquanto olhava para Corsica. A pausa foi tão longa que Tabitha olhou para longe. Lançou um olhar para o pátio, a sua postura cambaleando levemente. A Pena de Notas Rápidas tinha acompanhado os procedimentos. Ela pairava no ar sobre o pergaminho, à espera.

— Aprecio a sua sugestão, Miss Corsica. — disse McGonagall, categoricamente. — mas esta não é a hora, nem o lugar para discutir o calendário do grupo de debates, como de certo imagina. E agora — ela lançou criticamente o seu olhar ao pátio. — eu considero este assunto encerrado. Qualquer um que deseje continuar esta discussão pode fazê-lo muito mais confortavelmente na privacidade das vossas salas. Aconselho-vos a dispersar agora, antes que eu mande o Mr. Filch fazer um recenseamento.

A multidão começou a dispersar. McGonagall avistou James e a sua expressão mudou.

— Vem, Potter. — disse ela, gesticulando impacientemente. James subiu os degraus e seguiu-a para dentro do Salão. McGonagall murmurava zangada, as veste de tecido de lã xadrez cortando o ar enquanto entrava num corredor lateral.

Ela parecia esperar que James a seguisse, então ele o fez.

— Ridículos propagandistas provocadores de confusão. — enfureceu-se, ainda direccionando James para o que ele reconheceu como a sala dos funcionários. — James, lamento teres que testemunhar isto. Lamento mais ainda que tantos rumores asquerosos tenham encontrado apoio dentro destas paredes.

McGonagall virou-se e abriu a porta sem reduzir o passo. James deu por si a entrar num grande aposento cheio de sofás e cadeiras, mesinhas e estantes de livros, tudo arrumado casualmente em volta de uma enorme lareira de mármore.

E ali, posicionado para o cumprimentar, com um sorriso tortuoso, estava o seu pai. James sorriu e correu passando por McGonagall.

— James, — disse Harry Potter satisfeito, puxando o rapaz para um forte abraço e desmanchando o seu cabelo. — meu rapaz. Estou tão feliz por te ver, filho. Como vai a escola?

James deu-lhe um encontrão, sorrindo alegremente, mas sentindo-se repentinamente tímido.

Estavam muitas outras pessoas presentes que ele não reconheceu, todas a olhar para ele, ali, com o seu pai.

— Vocês conhecem o meu filho, James. — disse Harry, comprimindo os ombros de James. — James estes são alguns representantes do Ministério que vieram comigo.

Lembras-te de Titus Hardcastle, não? E estes são o Mr. Recreant e a Mrs. Sacarhina. Ambos trabalham para o Departamento de Relações Internacionais.

James apertou-lhes as mãos, respeitosamente. Lembrou-se de Titus quando olhou para ele, embora não o tivesse visto por um longo tempo. Hardcastle, um dos aurores liderados pelo seu pai, era gorducho e estúpido, com uma cabeça quadrada e rija, e feições indispostas. O Mr. Recreant alto e magro, vestido de forma bastante meticulosa em vestes listadas e um chapéu de coco preto. O aperto de mão de Hardcastle foi rápido e frouxo, tal como segurar uma estrela do mar morta. A Mrs. Sacarhina, contudo, não apertou as mãos. Ela deu um largo sorriso para James e agachou-se à altura dele, examinando-o de cima a baixo.

— Vejo tanto dos teus pais em ti, juvenzinho. — disse ela, inclinando a cabeça e atingindo uma educação suspeita. — Tanta promessa e potencial. Espero que te junte a nós esta noite.

Em resposta, James ergueu os olhos para o seu pai. Harry sorriu e pôs ambas as mãos sobre os ombros de James.

— Vamos jantar hoje à noite com Alma Aleron. Queres vir connosco? Aparentemente teremos uma verdadeira comida americana, o que poderia significar qualquer coisa de hambúrguer, ah, bem, cheeseburger, pelo que sei.

— Sem dúvidas! — disse James, a sorrir. Harry Potter sorriu de volta e pestanejou.

— Mas primeiro, — disse ele, dirigindo-se ao resto do grupo. — iremos encontrar-nos com os nossos amigos de Alma Aleron para ver algumas das suas propriedades mágicas. Vamos ter com eles nos próximos dez minutos, e pedir que os outros se reúnam a nós também. Vamos?

— Receio que não me juntarei a vocês. — disse McGonagall rapidamente. — Parece que precisarei vigiar certos elementos do corpo estudantil durante a vossa excursão, Mr. Potter. Desculpe-me.

— Entendido, Minerva. — disse Harry. Sempre soava estranho para James quando o seu pai chamava a directora pelo primeiro nome, mas ela parecia esperar isso. — Faça o que deve fazer, mas não se preocupe em reprimir cada pequeno acesso de raiva. Quase não vale o esforço.

— Não tenho certeza que concordo consigo sobre isso, Harry, mas, apesar de tudo, suponho que eu não seria capaz de manter a perfeita ordem. Vejo-o esta noite, então. — com isso, a directora, ainda furiosa, virou-se e deixou o aposento bruscamente.

— Vamos, então? — indagou a Mrs. Sacarhina.

O grupo começou a deslocar-se em direcção a uma porta do lado oposto do aposento. Enquanto caminhavam, Harry inclinou-se em direcção ao seu filho e sussurrou:

— Estou feliz por teres vindo connosco. A Sacarhina e o Recreant não são exactamente as companhias de viagem mais agradáveis, mas o Percy insistiu que eu os trouxesse. Temo que toda esta questão se torne política.

James inclinou a cabeça em gesto afirmativo, sem saber o que aquilo significava, mas feliz por ser, como sempre, convidativo à confiança do seu pai.

— Então, como é que vocês viajaram?

— Rede de Floo. — respondeu Harry — Não queria fazer qualquer outra entrada mais visível do que o necessário. A Minerva alertou-nos a respeito das manifestações públicas que o E. P. está planeando.

Isto levou James a perceber que o seu pai estava a falar do Elemento Progressivo.

— Ela sabe sobre esse pessoal? — perguntou surpreso.

O seu pai levou um dedo aos lábios, fazendo um gesto ligeiramente afirmativo em direcção à Sacarhina e Recreant, que estavam em frente a eles, conversando em voz baixa enquanto caminhavam.

— Depois. — falou Harry sem emitir som nenhum.

Após algumas curvas, o Mr. Recreant abriu uma enorme porta e saiu para a luz solar, e os outros seguiam-no. Desceram numa larga escadaria de pedra que ia em direcção a uma área relvada orlada pela Floresta Proibida de um lado e uma parede baixa de pedra do outro. Neville Longbottom e o Professor Slughorn estavam parados próximos à parede, conversando.

Ambos ergueram os olhos enquanto o grupo se aproximava.

— Olá, Harry! — disse Neville, sorrindo e indo em direcção ao encontro dele. — Obrigado por me convidares a mim e ao Slughorn para isto. Estou curioso a respeito dos americanos desde que chegaram.

— Harry Potter, enquanto vivo e respiro. — disse Slughorn calorosamente, segurando a mão de Harry com as suas. — Realmente muito bom ter pedido para virmos. Sabe que sempre estou interessado em novos avanços na comunidade mágica internacional.

Harry guiou o grupo em direcção a um portão na parede de pedras. Abriu-se até uma trilha alinhada que serpenteava em direcção ao lago.

— Não mo agradeçam a mim, nenhum de vós. Apenas vos trouxe para que pudessem fazer todas as perguntas inteligentes e compreender o que eles nos mostrarem.

Slughorn riu com indulgência, mas Neville apenas sorriu.

James percebeu que o seu pai estava, provavelmente, a contar, no mínimo, parte da verdade, e apenas Neville sabia disso.

O grupo aproximou-se de uma enorme tenda de lona armada numa elevação baixa que dava para a água. Uma bandeira americana pendia frouxa num dos mastros da tenda, sobre uma bandeira do timbre de Alma Aleron. Um par de estudantes americanos estava a conversar por perto. Um deles avistou o grupo e reconheceu-os com um breve aceno. Chamou em direcção à tenda:

— Professor Franklyn!

Depois de um momento, Franklyn emergiu da lateral da tenda, enxugando as mãos num grande tecido.

— Ah, saudações, visitantes! — disse ele cordialmente. — Muito obrigado por virem.

Harry apertou a mão esticada de Franklyn. Estava claro que eles já se tinham encontrado antes e combinado a reunião. Harry virou-se e apresentou a todos, finalizando com James.

— Claro, claro. — disse Franklyn radiante para James. — O jovem Potter está na minha aula. Como estás hoje, James?

— Óptimo, sir. — respondeu James, sorrindo.

— Como deveria estar num dia óptimo como este. — disse Franklyn sério, afirmando com aprovação com um aceno de cabeça. — E agora que os gracejos terminaram, sigam-me meus amigos. Harry, estava interessado em ver os meios pelos quais cuidamos dos nossos veículos, certo?

— Exactamente. — disse Harry — Não estive aqui para ver a vossa chegada, claro, mas ouvi falar dos vossos interessantes veículos voadores. Estou muito curioso para vê-los, assim como a vossa facilidade de armazenamento. Ouvi muitas especulações sobre isso, embora eu admita entender muito pouco.

— A nossa Garagem Trans-Dimensional, sim. Temo que, praticamente, nenhum de nós entenda isso. — disse Franklyn duvidosamente. — De facto, se não fosse o nosso especialista, Theodore Jackson, nenhum de nós teria a mais fraca ideia de como mantê-los. Falando nele, ele pediu desculpas por não estar aqui para a nossa excursão. Ele juntar-se-á a nós esta noite e ficará muito feliz de discutir isso convosco, e então, teriam alguma pergunta para ele?

— Estou certo que sim. — disse Titus Hardcastle na sua voz baixa e grave.

James seguiu o seu pai em direcção à abertura lateral da tenda e quase tropeçou no próprio pé quando olhou para dentro. A tenda era bastante grande, suportada por complicadas vigas de madeira e armações. Todos os três veículos voadores de Alma Aleron estavam estacionados ali dentro, deixando espaço suficiente para pôr em ordem arranjos de caixas de ferramentas, equipamentos de manutenção, peças extra e muitos homens com roupas de serviço que se deslocavam atarefadamente entre os veículos. Contudo, a coisa mais estranha sobre a tenda era que a parte dos fundos que estava em falta.

Onde James estava certo de que teria visto a parede de lona estendida que vira do lado de fora era, simplesmente, ar aberto, fornecendo uma paisagem que não era, definitivamente, os terrenos de Hogwarts.

Construções alinhadas feitas de tijolo vermelho e árvores imensas e chifrudas poderiam ser vistas à distância, além da parede dos fundos desaparecida da tenda. Mais estranho ainda, a iluminação da paisagem era completamente diferente do brilho de meio dia do sol nos terrenos de Hogwarts. Do outro lado da tenda, a paisagem era iluminada por uma luz rosa pálida, e as nuvens enormes e fofas à distância eram tingidas com dourado. As árvores e a relva pareciam reluzir, como se cobertos por orvalho da

manhã. Um dos operários acenou para Franklyn, então virou-se e andou até a estranha visão, esfregando as mãos no seu macacão.

— Bem vindos a um dos poucos mundos das construções trans-dimensionais! — disse Franklyn, gesticulando orgulhosamente — A nossa garagem, que está simultaneamente aqui e ali, em residência temporária nos terrenos de Hogwarts e na sua localização permanente no quadrante leste da Universidade de Alma Aleron, Filadélfia, Pensilvânia, Estados Unidos.

— Grande fantasma de Golgamethe. — disse Slughorn, lentamente dando um passo à frente. — Li sobre estas coisas, mas nunca pensei que viveria para as ver. Isto é naturalmente uma anomalia temporal? Ou é instrumentada por Feitiços de Transferência Quântica?

— Essa é a razão de eu o ter convidado, professor. — disse Harry, sorrindo e examinando o interior da tenda.

— Primeiro, — disse Franklyn, andando entre o Dodge Hornet e a Carocha Volkswagen para dar espaço ao grupo. — Esta é uma das três conhecidas bolhas da pluralidade dimensional. O que eu disse significa que esta tenda existe dentro duma ponte dimensional, permitindo que ela se estenda sobre dois lugares simultaneamente. Assim, podemos ver dum lado do tempo o meio-dia dos terrenos de Hogwarts — fez um gesto para fora da parte aberta da tenda, através da qual tinham entrado. — o que vocês podem pensar como sendo o nosso lado da bolha trans-dimensional. E do outro lado, — ele esticou uma das mãos em direcção à paisagem um tanto escura vista magicamente pelo fundo da tenda — o amanhecer do quadrante da Universidade de Aleron, o outro lado da bolha. Conheçam o Mr. Peter Graham, o nosso mecânico chefe.

Um homem esticou-se do capô do Stutz Dragonfly. Ele sorriu e acenou.

— É bom conhecê-los, senhorita e senhores. Por assim dizer.

— Igualmente. — Neville, que estava mais próximo, disse ligeiramente.

— O Mr. Graham e os seus homens estão todos na metade americana da bolha. — explicou Franklyn. — Vendo como eles são especificamente treinados para trabalhar na nossa frota, achamos melhor deixá-los a cuidar e a fazer a manutenção até mesmo quando viajamos. Contudo, como vocês devem pensar, eles não estão, tecnicamente, aqui.

Para mostrar isso, Franklyn foi até um dos operários que estava agachado próximo ao Hornet. A mão de Franklyn atravessou o homem como se este fosse fumo. O homem pareceu não ter notado.

— Então, — disse Harry levantando o sobrolho ligeiramente. — eles podem ouvir-nos, e ver-nos, e nós podemos vê-los e ouvi-los também, mas eles ainda estão lá, na América, e nós ainda estamos aqui, em Hogwarts. Portanto, não podemos tocar-lhes?

— Precisamente. — disse Franklyn.

James falou sem hesitação.

— Então, como é que podemos tocar nos carros e como é que, então, os mecânicos conseguem trabalhar a partir dos Estados Unidos?

— Excelente pergunta, meu rapaz! — disse Slughorn, dando palmadas nas costas de James.

— Realmente, é. — disse Franklyn — É aí que as coisas ficam um pouco, eh, quânticas. A resposta simples é que estes carros, diferente de nós, são multidimensionais. Todos já ouviram, espero, a teoria de que há mais dimensões além das quatro com as quais estamos familiarizados, sim?

Houve acenos de concordância. James não ouvira nada sobre tal teoria, mas, apesar disso, achou que entendia a ideia.

Franklyn continuou.

— A teoria afirma que existem dimensões extras, desconhecidas pelos nossos sentidos, mas reais. Eficazmente, o Professor Jackson criou o feitiço que possibilita que estes veículos façam uso destas dimensões, permitindo-os existir simultaneamente em dois lugares em qualquer hora desde que estejam dentro das paredes desta garagem. Enquanto estiverem estacionados aqui, cruzam a bolha dimensional e existem em ambos os lugares de uma vez.

— Extraordinário. — disse Slughorn, correndo a mão ao longo do pára-choque do Hornet. — Então, eficazmente, o seu grupo pode prestar serviço de manutenção aos veículos não importa para onde é a viagem, e vocês dão-se ao luxo de ter uma visão de casa, mesmo que não possam ter acesso a ela.

— Verdade. — Franklyn estive de acordo. — Certamente, isto é uma grande vantagem e um toque de conforto.

Neville estava interessado nos carros em si.

— Eles são, na verdade, criaturas mecanizadas ou são máquinas enfeitiçadas?

James perdeu o interesse assim que Franklyn se lançou numa explicação detalhada dos carros alados. Andando pelo outro lado da tenda, olhou para os terrenos da escola americana. O sol tinha acabado de surgir sobre o telhado da construção de tijolo vermelho próxima, lançando os seus raios de luz rosados até uma torre de relógio. Lá eram apenas seis horas da manhã. Que coisa totalmente estranha e maravilhosa, pensou James.

Numa tentativa, ergueu a sua mão, curioso para ver se poderia sentir o frescor do ar da manhã naquele outro lugar. Teve uma sensação estranha e dormente na ponta dos dedos, e então eles roçaram a lona invisível. Estava certo o suficiente de que não poderia atravessar ou até mesmo sentir o ar do lugar.

— É tão chato que não possas passar, amigo. — disse uma voz.

James ergueu os olhos. O mecânico chefe estava inclinado contra o pára-choques do Carocha, sorrindo.

— Já está quase na hora do pequeno almoço e hoje é dia de omelete com cogumelos.

James sorriu.

— Parece ótimo! Aqui já está na hora do almoço.

— Professor Franklyn, — James ouviu a voz do Mr. Recreant dizer um tanto alta. — como esta estrutura, eh, age de acordo com a proibição da Coligação Mágica Internacional em magia não-aprovada ou das trevas? Sendo praticamente uma delas, pareceria difícil estabelecer um registo seguro.

— Ah, verdade. — concordou Franklyn, olhando firmemente para o Mr. Recreant. — Somos afortunados o suficiente por não termos tido qualquer problema até agora, portanto temos sido mais ou menos entendidos pela Coligação. Em todo caso, seria difícil de provar a ameaça de algum perigo. Até mesmo uma falha total no feitiço trans-dimensional do Professor Jackson poderia significar, na pior das hipóteses, que teríamos que apanhar um táxi para casa em vez dos nossos queridos carros.

— Perdoe-me. — interrompeu a Mrs. Sacarhina, simulando um sorriso bastante flexível. — Um quê?

— Desculpe, senhora. — disse Franklyn. — Um táxi. Um carro muggle alugado. Eu estava a ser um tanto ridículo, claro.

Sacarhina cingiu um sorriso apertado.

— Ah, sim, claro. Costumo esquecer o fascínio dos feiticeiros americanos pela maquinaria muggle. Não consigo imaginar como isso escapou da minha atenção.

Franklyn pareceu desatento ao sarcasmo dela.

— Bem, não falarei para os meus compatriotas, mas admito que aprecio mexer em algo que não conheço bem. Parte da minha apreciação pela garagem deve-se ao facto de que ela me permite supervisionar a manutenção da minha frota. Nunca me canso de compreender como as coisas funcionam e de tentar fazê-las funcionar apenas um pouco melhor.

— Mm-hum. — Sacarhina fez um gesto afirmativo, lançando um olhar para os carros que estavam ali.

Um dos mecânicos tocou um fio sob o capô do Stutz Dragonfly e houve uma explosão de faíscas azuis. Com um guincho e um solavanco, as longas asas do carro estenderam-se a bater no ar várias vezes antes de emitir um ruído agudo para hesitar novamente. Neville teve de esquivar-se rapidamente para trás para evitar que lhe acertassem.

— Ótimos reflexos, Neville. — disse Harry. — Quase que te mandava para longe. Neville olhou para Harry e sorriu reprimido.

Hardcastle pigarreou.

— Temos de ir, senhora, senhores.

— Claro. — Harry concordou. — Mr. Franklyn?

Franklyn ergueu uma mão.

— Insisto que me chames de Ben. Tenho trezentos ou quatrocentos anos de idade, mais ou menos, e ser chamado de “senhor” apenas mo lembra. Poderia fazer isso?

— Claro, Ben. Aguardo ansiosamente por vê-lo no jantar hoje à noite. Muito obrigado por nos mostrar a sua extraordinária garagem.

— Um prazer. — disse Franklyn, irradiando orgulho. — Tenho uma interessante impressora que funciona a pensamentos em casa e gostaria de lha mostrar quando nos fosse visitar aos Estados Unidos. Inclusive mostrar-te-ei o sino que ajudei a lançar durante a fundação do nosso país, mas a coisa que emitia a sirene está partida e não me deixarão concertá-la.

— Não lhe dê ouvidos. — Graham, o mecânico, disse atrás deles. — Ou ele faz-vos acreditar que foi ele que forjou o cobre para a Estátua da Liberdade.

Houve uma gargalhada pelo resto do grupo.

Franklyn fez uma careta, e então fez sinal para que Harry e o grupo continuassem.

— Hoje à noite, meus amigos. Tragam os vossos apetites. E talvez um competente Feitiço de Congelamento. Deduzo que a Madame Delacroix está a supervisionar o *gumbo*.

— CAPÍTULO 6 —

O Encontro de Harry da Meia-Noite



James apressou-se a voltar à sala comum dos Gryffindor após as aulas, despindo os mantos da escola enquanto subia a correr as escadas. Vestiu um casaco e um manto de noite, achatando o seu cabelo com a água do lavatório, olhou-se criticamente ao espelho e depois voltou a descer rapidamente as escadas de duas em duas para se encontrar com o seu pai.

Harry estava à espera com Neville junto ao retrato de Sir Cadogan.

— Um adversário animado foi aquele — dizia Cadogan, apoiado despreocupadamente contra a moldura do seu quadro e a ondular a sua espada ilustrativamente. Estava a falar com Neville, que parecia extremamente incomodado. — Eu vi tudo, claro. Aconteceu aqui mesmo. Bollox Humphreys era o seu nome, e lutou como um homem possuído. Perdeu, claro, mas foi nobre como mil reis. A maior parte dos seus intestinos espalhou-se aí mesmo, onde você está, e a sua espada ainda balançava com mais força do que um troll das montanhas. Galante homem. Galante!

— Ah, James, aí estás tu — disse Neville ruidosamente enquanto James se aproximava. Harry e Sir Cadogan ergueram os olhos. Harry sorriu, olhando o seu filho de cima a baixo.

— A tua mãe ficará feliz em saber que estás a usar esse manto.
— Na verdade, é a primeira vez que o tiro do malão — admitiu James a sorrir timidamente.

Harry assentiu com a cabeça.

— E voltará directo ao malão depois desta noite, não é?

— Garantido.

— Bom homem — reconheceu Harry. James começou a caminhar junto ao seu pai enquanto se dirigiam às escadas.

— Esperem! — gritou Cadogan, embrulhando a sua espada e saltando para o meio do seu quadro. — Nunca vos falei da batalha dos Magos Vermelhos? O massacre mais sangrento que estas paredes já viram! Ocorreu justamente ao pé destas escadas! Para a próxima, então. Coragem!

— Quem é aquele? — perguntou James, olhando por cima do ombro.

— Acabarás por o conhecer — disse Neville. — Desfruta da ignorância enquanto podes.

Enquanto caminhavam, James ouviu o seu pai contar a Neville os recentes acontecimentos que se passavam no Ministério. Houve uma captura de vários indivíduos envolvidos numa operação de falsificação de Botões de Transporte. Mais trolls foram vistos nas proximidades e o Ministério estava a enviar patrulhas de modo a evitar que os problemáticos idiotas se aventurassem em território muggle. O novo ministro, Loquatious Knapp, estava a preparar-se para fazer um discurso acerca de expandir o comércio das comunidades mágicas da Ásia, o que incluiria o levantamento da proibição dos tapetes voadores e de algo chamado “óculos escuros”.

— Por outras palavras, — disse Harry, suspirando. — as coisas vão mais ou menos como sempre. Alguns tumultos aqui e ali, pequenas conspirações e conflitos. Política e papelada.

— O que queres dizer — disse Neville, sorrindo dissimuladamente. — é que esta tranquilidade pode ser bastante enfadonha para um auror.

Harry sorriu.

— Suponho que tenhas razão. Devia estar agradecido por o meu trabalho já não ser interessante, não é? Pelo menos passo a maior parte das noites em casa com a Ginny, a Lily e o Albus — baixou o olhar até James. — E ter uma missão de embaixador como a de agora dá-me a oportunidade de ver o meu filho durante a sua primeira semana em Hogwarts.

— Chegou-me aos ouvidos que ainda só esteve uma vez no escritório da McGonagall — comentou Neville suavemente.

— Ah? — disse Harry, ainda a olhar para James — E qual foi a razão disso?

Neville arqueou as sobrancelhas para James como se dissesse “*tens tu a palavra*”.

— Eu... ah... parti uma janela.

O sorriso de Harry ficou um pouco tenso nas margens.

— Estou ansioso para ouvir a história completa — disse pensativamente.

James sentiu o olhar do seu pai como se fosse um jogo de balança.

Alcançaram uma porta dupla que estava bem aberta. Odores deliciosos vagavam até ao corredor.

— Aqui estamos nós — disse Neville, afastando-se para o lado para permitir que Harry e James entrassem primeiro. — Os aposentos dos americanos durante a sua estadia. Atribuímos-lhes a maior parte da torre sudoeste. Foi disposta temporalmente com uma área recreativa, uma sala comum, cozinha e outras coisas para suprir as suas necessidades.

— Parece óptimo — disse Harry, examinando o espaço. A sala comum era, de facto, bastante pequena, com paredes circulares, tectos altos e redondos, uma lareira de pedra e apenas duas janelas muito altas e estreitas.

Os americanos, porém, tinham estado muito ocupados. Tinha tapetes de pele de urso no chão e tapeçarias de cores vibrantes penduradas nas paredes e colocadas sobre a escada de pedra que rodeava o quarto. Uma estante de livros de três andares estava repleta de gigantescos volumes, a maior parte acessível apenas através de uma escada com rodas de aspecto desprendido. O detalhe mais surpreendente, porém, era uma impressionante e complexa armação de engrenagens de latão, articulações, e lentes espelhadas que pairavam do tecto, preenchendo a câmara superior do aposento e movendo-se muito lentamente. James ergueu os olhos para ver, deleitado e assombrado. Produzia uns guinchos e estalidos muito leves enquanto se movia.

— Descobriste o meu Aparelho de Acumulação de Luz Solar, meu rapaz — disse Ben Franklyn, saindo de um grande arco por baixo das escadas em caracol. — Uma das minhas necessidades absolutas sempre que viajo durante longos períodos, apesar de ser embaraçoso para empacotar, e as calibrações quando volto a montá-lo novamente são simplesmente um terror.

— É bestial — disse Neville, também erguendo os olhos até à rede de espelho e rodas que giravam lentamente. — O que é que faz?

— Deixe-me demonstrar. — disse Franklyn ansiosamente. — Funciona melhor em plena luz do dia, obviamente, mas até as estrelas e a Lua numa noite brilhante podem proporcionar a luz adequada. Uma noite como esta deve resultar satisfatória. Deixem-me cá ver...

Deslocou-se até uma maltratada cadeira de couro de respaldo alto, sentando-se nela cuidadosamente e depois consultou um gráfico na parede.

— Três de Setembro, sim. A Lua está na quarta fase, deixa-me ver... aproximadamente às sete e quinze. Júpiter está a aproximar-se do trajecto final de... mmm...hmm...

Enquanto Franklyn murmurava, tirou a sua varinha e começou a assinalar com ela partes do aparelho. Começaram a girar engrenagens enquanto partes do aparelho se animavam. Partes da armadura desdobraram-se enquanto outros rodavam sobre si

mesmos, deixando espaços. Os espelhos começaram a deslizar, colocando-se por trás de grupos giratórios de lentes, o que os aumentava. Mecanismos estalaram e puseram-se em marcha. O aparelho inteiro pareceu dançar lentamente sobre si próprio enquanto Franklyn o dirigia com a sua varinha, aparentemente a fazer cálculos de cabeça enquanto prosseguia. E enquanto se movia, algo começou a formar-se dentro dele. Rostos fantasmagóricos de luz cor-de-rosa começaram a aparecer entre os espelhos, magros como lápis, manchas de pó transformando-se em pequenos fogos. Havia dúzias de feixes de luz, brilhando crescentemente, dando voltas no lugar e finalmente formando um complicado traço geométrico. Então, no centro do traço, cintilaram formas. James girou sobre si próprio, observando encantado como pequenos planetas coligados se formavam com a luz colorida. Giravam e orbitavam, traçando fracos arcos atrás deles. Duas grandes formas condensaram-se no mesmo centro, e James reconheceu-os como o Sol e a Lua. O Sol era uma bola de luz rosa, a sua coroa estendia-se até vários metros de distância. A Lua, mais pequena, mas mais sólida, era como uma quaffle prateada, igualmente dividida entre o seu lado luminoso e escuro, girando lentamente. A constelação inteira entrelaçava-se e girava majestosamente, iluminando dramaticamente o aparelho de latão e desdobrando maravilhosos padrões de luz por todo o aposento.

— Não há nada tão saudável como a luz natural — disse Franklyn. — Capturada aqui, através das janelas, e depois condensada dentro duma rede cuidadosamente calibrada de espelhos e lentes, como podem ver aqui. Excelente para a vista, para o sangue e para a saúde de qualquer um em geral, obviamente.

— É este o segredo da sua longevidade? — perguntou Harry, quase sem fôlego.

— Oh, certamente que é uma pequena parte dele — disse Franklyn sem lhe dar importância — Na maioria das vezes, é só porque prefiro ler à noite. Sem dúvida é muito mais divertido do que uma tocha. — captou o olhar de James e piscou o olho.

O Professor Jackson apareceu na passagem em arco. James viu-o olhar fixamente de Franklyn ao desdobramento da luz no alto, com um olhar de cansado desdém no rosto.

— O jantar, como já disse, está servido. Vamos para a sala de jantar ou devo trazer o janta para cá?

Juntamente com Harry, James, Neville e os representantes do Ministério, a maior parte dos professores de Hogwarts estava presente, incluindo a Professora Curry. Para consternação de James, Curry contou a Harry tudo sobre as habilidades de James no campo de futebol, assegurando-o que se iria ocupar de ver que essas habilidades seriam desenvolvidas em toda a sua amplitude.

Contrariamente às suspeitas do seu pai, a comida foi notavelmente diversa e apetitosa. O gumbo de Madame Delacroix foi o prato inicial. Ela mesma o levou à mesa, de alguma forma sem derramar uma gota que fosse apesar da sua cegueira. Mais curioso ainda, dirigiu a colher com a sua varinha, uma irregular e longa varinha de mau

aspecto, servindo uma porção em cada tigela da mesa enquanto que ela olhava para o tecto e cantarolava de uma forma bastante desconcertante. O gumbo estava realmente temperado, com grandes bocados de camarão e salsicha, mas James gostou. Logo chegaram pães frescos e uma certa variedade de manteigas, incluindo uma substância castanha e pegajosa que Jackson identificou como sendo manteiga de maçã. James provou-a cautelosamente por cima de um pedaço de pão e depois estendeu uma gigantesca pasta sobre o que restava do seu pão.

O prato principal foi costeletas de cordeiro com geleia de menta. James não considerava isso comida tipicamente americana e comentou.

— Não existe comida americana, James — disse Jackson. — A nossa cozinha, tal como a nossa gente, é simplesmente a soma total das variadas culturas dos países de onde vimos.

— Isso não é totalmente verdade — interveio Franklyn. — Tenho bastante certeza de que podemos alegar direitos incontestáveis às asas de búfalo temperadas.

— Vamos ter disso esta noite? — perguntou James esperançosamente.

— As minhas desculpas — disse Franklyn. — É bastante difícil conseguir os ingredientes para tais coisas a não ser que possua as capacidades de voodoo únicas de Madame Delacroix.

— Como assim? — inquiriu Neville, servindo-se de mais geleia de menta. — E que habilidades são essas, madame?

Madame Delacroix recompôs-se, depois de ter lançado ao Professor Franklyn um olhar cego, fatigado e frio.

— É um velho, não sabe do que fala. Apenas conheço fontes com as quais ele não está familiarizado, está mais interessado nas suas máquinas e nos seus trastes.

Franklyn sorriu. Pela primeira vez, pareceu frio.

— A Madame Delacroix está a ser modesta. Ela é, como devem saber, uma das mais importantes peritas do nosso país em Fisioaparição Remota. Sabes o que é isso, James?

James não fazia a mínima ideia, embora algo no olhar leitoso de Madame Delacroix fizesse com que se sentisse relutante em dizer sim. Finalmente, James negou com um gesto de cabeça. Antes que Franklyn pudesse explicar, porém, Harry falou:

— Significa que a senhora tem, digamos, diferentes meios de andar por aí.

— “Diferentes meios” é uma forma de se dizer — riu Franklyn abafadamente. James sentiu-se intranquilo ao ouvir esse riso. Havia algo malicioso nele. Notou que Franklyn estava a esvaziar o que possivelmente fosse a sua terceira taça de vinho. — Pensa nisso, James. Fisioaparição Remota. Consegues imaginar? Quer dizer que esta pobre velha cega da Madame Delacroix pode projectar-se, enviar uma versão de si mesma ao amplo mundo, recolher coisas, e inclusive trazê-las de volta. E a beleza do facto, é que a versão de si mesma que ela pode projectar não é pobre, nem velha, nem cega. Não é assim, madame?

Delacroix olhava cegamente um ponto sobre o ombro de Franklyn, o rosto era uma máscara sombria de cólera. Então sorriu, e como James tinha visto no dia da chegada dos americanos, o sorriso transformou o rosto dela.

— Oh, querido professor Franklyn, conta tais histórias — disse, e o seu estranho sotaque pareceu até mais acentuado do que o normal. — As minhas habilidades nunca foram tão grandes como diz, e são muito menores agora que sou a velha que vêm à vossa frente. Se pudesse projectar tal visão, não penso que me iria ocorrer deixar que alguém me visse como realmente sou.

A tensão no quarto quebrou-se e houve risos. Franklyn sorriu um pouco tensamente, mas deixou que o momento passasse.

Após a sobremesa, Harry, James e o resto dos residentes de Hogwarts retiraram-se novamente para a sala comum, onde o Aparelho de Acumulação de Luz Solar de Franklyn tinha reproduzido uma condensada e brilhante versão da Via Láctea. Iluminava a sala com um brilho prateado tão forte que James pensou que quase podia senti-lo na pele. Jackson ofereceu aos adultos um cocktail após o jantar, em taças pequenas. Neville apenas lhes tocou. A Mrs. Sacarhina e o Mr. Recreant beberam pequenos goles e mostraram sorrisos bastante tensos. Harry, depois de segurá-lo à contraluz para ver através do líquido âmbar, bebeu-o de um só gole. Fechou os olhos e sacudiu a cabeça, depois olhou inquisitivamente para Jackson, incapaz de falar.

— Só um pouco do mais fino licor de Tennessee, com um pouco de lagarto de fogo. — explicou Jackson.

Finalmente, Harry agradeceu aos americanos e desejou as boas noites.

Recriando os seus passos pelos corredores escurecidos, Harry caminhou com a mão sobre o ombro de James.

— Queres ficar comigo nos aposentos de hóspedes, James? — perguntou. — Não te posso garantir que te possa ver depois desta noite. Estarei ocupado todo o dia de amanhã, em reunião com os americanos, evitando que os nossos amigos do Departamento de Relações Internacionais provoquem um “incidente internacional” por eles próprios, e depois volto para casa outra vez. O que me dizes?

— Claro! — concordou James instantaneamente — Onde ficas?

Harry sorriu.

— Vê isto — disse em silêncio, detendo-se a meio do corredor. Deu a volta e passeou ociosamente, contemplando pensativamente o tecto escuro — preciso... de um quarto realmente porreiro com um par de camas para que o meu filho e eu durmamos esta noite.

James olhava para o seu pai enigmaticamente. Vários segundos se passaram enquanto Harry continuava passeando para frente e para trás. Parecia estar à espera de alguma coisa, James estava quase a perguntar o que estava a acontecer, quando ouviu um som repentino. Um roçar débil e um retumbar que veio da parede que estava atrás dele. Virou-se a tempo de ver a pedra alterar-se e substituir-se, formando uma enorme

porta que não estava ali um momento antes. Harry baixou o olhar para o seu filho, sorrindo sabiamente, depois estendeu o braço e abriu a porta.

Dentro havia um grande apartamento, completo com um conjunto de beliches com dossel, posters dos Gryffindor nas paredes, um armário que continha o baú de Harry e os mantos escolares de James, e um quarto-de-banho totalmente equipado. James atravessou a porta, abrindo e fechando a boca sem palavras.

— A Sala das Necessidades — explicou Harry, deixando-se cair sobre um sofá baixo e acolchoado. — Não consigo acreditar que nunca te tenha falado dela.

James estava pronto para ir para a cama, mas o seu pai simplesmente mudou de roupa e vestiu umas calças de ganga, um camisola de malha e refrescou-se na bacia.

— Tenho que sair por um momento — disse a James. — Depois do jantar de hoje, o Professor Franklyn pediu-me para o encontrar em particular. Queria algum tempo para discutir umas poucas coisas fora das reuniões oficiais de amanhã. — Havia algo na forma como Harry disse aquilo que indicou a James que o seu pai preferia uma conversa privada a uma reunião oficial de qualquer modo. — Não deve demorar muito, e estarei exactamente no corredor abaixo, nos aposentos dos americanos. Tomamos o pequeno almoço juntos?

James assentiu felizmente. Ainda não se forçara a contar ao pai a sua falha abismal no campo de Quidditch, e alegrava-se em adiá-la tanto quanto fosse possível.

Quando Harry saiu, James estendeu-se no beliche de cima, pensando nos acontecimentos da noite. Lembrou-se da súbita mesquinha de Franklyn, o que o surpreendeu. Era uma mudança de carácter quase tão grande como o da rainha do voodoo, Madame Delacroix, quando sorria. Pensar em Madame Delacroix fez lembrar a James a forma como tinha servido o gumbo, às cegas, manuseando a colher com a sua assustadora varinha negra, sem nunca derramar uma gota.

James compreendeu que simplesmente estava demasiado agitado para dormir. Desceu do beliche e rondou pelo quarto intranquilo. O baú do seu pai estava aberto no fundo do armário. James olhou para dentro vagarosamente, então se deteve e olhou com mais atenção. Soube o que era logo quando a viu, mas ficou surpreendido pelo pai tê-la trazido com ele. Que uso poderia ter ali?, James ponderou. Finalmente, enfiou a mão no baú e retirou o Manto da Invisibilidade do seu pai, que se desdobrou facilmente.

Quantas vezes o jovem Harry Potter explorara os terrenos de Hogwarts, oculto por baixo daquele manto? James ouvira histórias suficientes do seu pai, do tio Ron e da tia Hermione, para saber que esta era uma oportunidade que não devia deixar passar. Mas aonde ir?

Pensou um momento e depois sorriu com um longo e malicioso sorriso. Deslizou o manto sobre a cabeça, assim como estava habituado a fazer nas raras ocasiões em que Harry o deixava brincar com ele. James desapareceu. Um momento depois, a Sala das Necessidades pareceu abrir-se sozinha, agitando-se lentamente sobre as suas enormes dobradiças. Após uma pausa, fechou-se de novo, cuidada e silenciosamente.

Com a ponta dos pés, dirigiu-se aos aposentos dos representantes de Alma Aleron.



Correra apenas meio corredor quando houve um ligeiro movimento. Mrs. Norris, a horrível gata de Filch, tinha cruzado velozmente o corredor que intersectava com o outro corredor vinte passos à frente. James deteve-se, contendo o fôlego no peito.

— Já não devias estar morta, sua velha amostra de tapete infestado de ratazanas? — sussurrou para si mesmo, maldizendo a sua sorte. Então algo pior, a voz de Filch chegou ecoando corredor abaixo.

— Isso, querida — ele disse com a voz melodiosa. — Não deixes escapar estas pequenas bestas. Dá-lhes uma lição que faça com que os seus pequenos bigodes de rato tremam de medo. — A sombra de Filch cruzou o chão do cruzamento, ondeando a mão enquanto se aproximava.

James sabia que estava invisível, mas não conseguiu evitar a sensação de que se devia esmagar contra a parede.

Avançou furtivamente por um espaço estreito entre uma porta e uma armadura, na tentativa de manter a respiração superficial e silenciosa. Espiou pelo joelho da armadura.

Filch atravessava a intersecção, andando um tanto instável.

— Encontrou um esconderijo, não é, linda? — perguntou à invisível Mrs. Norris. Pôs a mão no seu casaco e retirou um frasco prateado. Tomou um gole, limpou a boca com a manga e voltou a enroscar a tampa. — Ali estão, estão a vir por aqui novamente, querida. Vamos, vamos.

Dois ratos correram pelo cruzamento, saltando e esquivando enquanto os pés de Filch se aproximavam. Mrs. Norris lançou-se ao ataque, caindo sobre eles, mas os ratos escaparam correndo rapidamente ao longo da parede até onde James estava oculto. Mrs. Norris seguiu-os, grunhindo. Para grande inquietação de James, os ratos correram para trás da armadura e passaram por baixo do Manto da Invisibilidade. As suas frias e pequenas patas correram sobre os pés descalços de James, depois detiveram-se entre os seus pés, farejando o ar como se pressentissem um lugar oculto. James tentou empurrá-los para fora do manto com os pés, mas negavam-se a ir embora.

Mrs Norris andava atentamente pelo corredor, os bigodes a sacudir. Encolheu-se ao longo da base da armadura, com uma pata estendida, depois saltou em volta,

parando a centímetros da beira do Manto da Invisibilidade. Olhou à volta, os seus olhos cintilavam, pressentindo que os ratos estavam próximos, mas sem os ver.

— Não me digas que estes estúpidos animais conseguiram superar-te, querida. — disse Filch arrastando-se pelo corredor em direcção a eles.

James observava Mrs. Norris. A gata já tinha encontrado o Manto da Invisibilidade antes, anos antes. James conhecia as histórias, ouvira da boca da tia Hermione e do tio Ron. Talvez se lembrasse do seu cheiro. Ou talvez estivesse sentindo o próprio James, o seu calor ou o odor ou o latido do seu coração. Ela ergueu os olhos, semicerrando-os, como se soubesse que ele estava ali e estivesse a tentar vê-lo esforçadamente.

— Não sejas má perdedora, minha querida Mrs. Norris — disse Filch, ainda a aproximar-se. Estava quase suficientemente perto para tocar James inadvertidamente no caso de estender o braço. — Se eles escaparam, irão falar de ti aos seus amigos roedores. É uma vitória se vires por esse lado.

Mrs. Norris aproximou-se. Os ratos entre os pés de James estavam a ficar nervosos. Tentavam esconder-se um por baixo do outro, escondendo-se mais atrás entre os pés de James. Mrs. Norris ergueu uma pata. Para o horror de James, roçou a beira do Manto da Invisibilidade. Ela silvou.

Os ratos, ouvindo o silvo, entraram em pânico. Saíram a correr de debaixo do manto, passando directamente entre as patas da Mrs. Norris. Esta saltou quando os viu, inclinando-se para os observar a fugir pelo corredor abaixo. Filch riu asperamente.

— Assustaram-te, linda! Nunca teria imaginado. Ali vão eles! Atrás deles, vai!

Mas Mrs. Norris quase deu a volta em direcção a James, com os seus malvados olhos alaranjados semicerrados, as suas pupilas abertas verticalmente. Ergueu a pata novamente.

— Vai, Mrs. Norris, vai! — disse Filch, o seu humor começava a azedar-se. Empurrou-a com o pé, mandando-a para longe de James e para os ratos, que tinham desaparecido pelo corredor. O pé de Filch agarrou a borda do manto, afastando-a dos pés de James. Este pôde sentir o ar frio nos pés.

Mrs. Norris olhou para James de novo e sussurrou outra vez. No entanto, Filch estava demasiado absorto para notá-lo.

— Eles foram por ali, sua velha cega. Nunca teria imaginado que um par de estúpidos animais te iria fazer saltar. Vamos, vamos. Há sempre mais deles perto das cozinhas — ele andou a passos lentos entre as sombras do corredor e finalmente Mrs. Norris foi atrás dele, dando por vezes umas olhadelas irritadas para trás.

No momento em que dobraram o canto, James expirou tremulamente, acalmou-se e depois continuou corredor abaixo, correndo agilmente e sentindo-se extremamente afortunado.

Quando alcançou a porta dos aposentos dos americanos, estava fechada e aferrolhada. Na escuridão, James era capaz de ouvir as vozes do seu pai e Franklyn do

lado de dentro, mas eram silenciosas e incompreensíveis. Estava quase a desistir e a dirigir-se escadas abaixo, pensando que talvez encontrasse o fantasma de Cedric outra vez ou até o intruso muggle, quando as vozes de dentro ficaram mais altas. O ferrolho abriu e James afastou-se do caminho, esquecendo por um momento que estava oculto sob o manto. Pressionou-se contra a parede no lado oposto do corredor logo quando a porta se abriu. Franklyn saiu primeiro, falando em silêncio. Harry estava atrás dele, fechando a porta com o sigilo praticado de qualquer bom auror. *“Pratica ser silencioso quando não precisares”, dissera Harry ao filho em muitas ocasiões, “e não precisarás de pensar nisso quando precisares”.*

— Acho que é mais seguro andar por aí durante uma conversa privada — dizia Franklyn. — Até os nossos aposentos são susceptíveis de escutas por parte daqueles cuja filosofia difere da minha. Pelo menos deste modo nenhuma orelha indesejada consegue ouvir a nossa conversa inteira.

— É curioso — disse Harry. — Passei tanto tempo a escapar por estes salões e corredores quando era estudante que até sendo adulto me é difícil evitar o instinto de espreitar e esconder, pelo medo de poder ser apanhado e levar com um castigo.

Os dois homens começaram a caminhar lentamente, aparentemente passeando sem nenhuma direcção em particular. James seguiu-os a uma distância segura, estando atento para não respirar demasiado forte ou ir contra qualquer uma das estátuas ou armaduras alinhadas contra as paredes.

— As coisas não mudaram muito, sabe — disse Franklyn. — Agora, contudo, temos coisas piores do que uma detenção para nos preocuparmos.

— Não sei — disse Harry, e James conseguiu ouvir o sorriso irónico na sua voz. — tive alguns castigos bastante horríveis.

— Mmm — murmurou Franklyn sem se comprometer. — A história das nossas duas escolas inclui algumas personagens desagradáveis e desnecessariamente horríveis. A vossa Mrs. Umbridge, o nosso Professor Magnussen. O vosso Voldemort, o nosso... bom, na verdade, não temos ninguém na nossa história que possa ser comparado a ele. Certamente, foi uma terrível ameaça para todos nós enquanto viveu. O nosso dever é assegurar-nos de que tais coisas não voltem a acontecer.

— Assumo que este encontro, então, é uma oportunidade de comparar notas acerca de tais ameaças? Fora de registo, por assim dizer? — perguntou Harry seriamente.

Franklyn deu um suspiro.

— Uma pessoa nunca tem amigos ou fontes suficientes, Mr. Potter. Eu não sou auror, e não tenho nenhuma autoridade real ou jurisdição policial nem sequer no meu próprio país. Apenas sou um velho professor. Os velhos professores, porém, são subestimados com frequência, como sem dúvida sabe. Os velhos professores vêm bastante.

— Tem a sua própria versão do Elemento Progressivo em Alma Aleron?

— Oh, mais do que isso, infelizmente. Para a maior parte dos estudantes e até dos professores, os factos do Voldemort e dos seus Devoradores da Morte estão abertos a conjecturas. É incrível o pouco tempo que deve passar antes que certo tipo de mentalidade sinta que é seguro dar uma volta à história.

— O Elemento Progressivo sabe que tem que ser muito cuidadoso por aqui — disse Harry em voz baixa. — Ainda estão vivas demasiadas pessoas que recordam, em primeira mão, Voldemort e as suas atrocidades. Pessoas suficientes ainda se lembram de familiares e amigos perdidos, mortos nas mãos dos Devoradores da Morte. Ainda assim, é atraente desafiar o estado actual, seja lá o que isso possa ser, e é forte na juventude. É natural, mas tipicamente de vida curta. A História o dirá, tal como dizem.

— A história é lixo — disse Franklyn enojado. — Eu devia sabê-lo. Vivi durante uma boa parte dela, e posso dizer, certamente, que algumas vezes, de facto, há muitos intervalos entre o recolhido e o que realmente ocorreu.

— Espero que isso seja a excepção e não a regra — declarou Harry.

Franklyn suspirou e dobrou um canto.

— Eu suponho. A questão é, contudo, que as excepções fornecem aos agitadores como o Elemento Progressivo a munição de que necessitam para desafiar qualquer informação histórica que desejem. A história de Voldemort e da sua ascensão ao poder, como sabemos, não encaixa nos planos deles. Por isso, cuidadosamente a atacam, plantando a semente da dúvida entre mentes tão pouco profundas para acreditar em tais distorções.

— Soa — disse Harry, mantendo a voz baixa e cortês. — como se tivesse uma ideia bastante clara de qual são os planos deles.

— Com certeza que sim, e o senhor também, Mr. Potter. Os planos não mudaram em mil anos, não é?

— Não, não mudaram.

— Harry Potter, — Franklyn deteve-se na obscuridade do corredor, olhando Harry no rosto. — inclusive agora, uma considerável minoria no meu país acredita que Lord Tom Riddle, como eles preferem chamá-lo, foi injustamente demonizado por aqueles que o derrotaram. Eles preferem acreditar que Voldemort era um herói revolucionário, um pensador livre, cujas crenças eram simplesmente demasiadas para que a tradicional classe governante as tolerasse. Acham que foi destruído porque ameaçava melhorar as coisas, não piorá-las, mas que os ricos e poderosos resistem inclusive a uma mudança para o bem.

James, de pé a vários passos de distância, oculto debaixo do manto, conseguiu ver a mandíbula do seu pai ficar tensa enquanto Franklyn falava. Mas quando Harry respondeu, a sua voz permaneceu tranquila e cortês.

— Sabe que isso são mentiras e distorções, presumo.

— Claro — disse Franklyn, ondeando uma mão desdenhosamente, quase furiosamente. — Mas a questão é que são mentiras *atractivas* para certo tipo de pessoas.

Aqueles que predicam estas distorções sabem como apelar às emoções da população. Eles acreditam que a verdade é um arame a dobrar à sua vontade. Os seus planos é que nos preocupam.

Harry permaneceu rígido e imóvel.

— E o plano, acredita, ser a dominação do mundo muggle?

Franklyn gargalhou de forma bastante desagradável e James pensou no nojento riso do professor durante o jantar, quando discutia os poderes da Madame Delacroix.

— Não contarão isso. Não, nestes dias eles são astutos. Reclamam ser exactamente o oposto. O seu grito de união é a igualdade absoluta entre os mundos muggle e mágico. Total divulgação, a abolição de todas as leis de sigilo e da não competição. Pregam que qualquer outra coisa é injusta para os muggles, um insulto a eles.

Harry assentiu sombriamente.

— Tal como vemos aqui. Com certeza, é uma faca de dois gumes. Prejuízo e igualdade numa só mensagem.

— Certamente — concordou Franklyn, reassumindo o seu passeio pelo corredor.

— Na América, estamos a ver o ressurgir de histórias sobre feiticeiros capturados por cientistas muggles, torturados para descobrir o segredo da sua magia.

— Um retrocesso aos antigos julgamentos de Salém? — perguntou Harry.

Franklyn riu, e desta vez não tinha qualquer malícia nele.

— Dificilmente. Aqueles eram os bons velhos tempos. Claro, as bruxas foram submetidas a julgamentos e montes delas arderam, mas como sabe, nenhuma bruxa que se preze da sua varinha se deixaria ferir por uma fogueira muggle. Ela ficava entre as chamas e gritava durante um bom tempo, apenas para dar aos muggles um bom espetáculo, e depois transportava-se da fogueira até à sua própria lareira. Essa foi a origem da Rede Flu, evidentemente. Não, actualmente as histórias de bruxas e feiticeiros capturados e sistematicamente torturados são pura mentira. Contudo, isso não tem importância para os fiéis. A cultura do medo e do prejuízo funciona mão a mão com a sua missão de “igualdade”. A transparência total, reclamam, irá trazer a paz e a liberdade. Continuar com o programa de sigilo, por outro lado, só pode trazer mais ataques sobre a sociedade mágica pela parte do crescente e invasivo mundo muggle.

Harry deteve-se ao pé de uma janela.

— E uma vez que consigam o seu objectivo de total transparência com o mundo muggle...?

— Bom, apenas há um único resultado para isso, não é? — respondeu Franklyn.

O rosto de Harry estava pensativo à luz do luar.

— Muggles e magos iriam descender em competições e ciúmes, como ocorreu há eternidades. Os feiticeiros das trevas iriam assegurar-se disso. Começaria como pequenos desafios e acessos de raiva. Leis seriam aprovadas, obrigando a um tratamento igualitário, mas essas leis se transformariam na base para novas discussões.

Os feiticeiros exigiriam ser colocados em estruturas do poder muggle, tudo em nome da “igualdade”. Uma vez aí, fariam pressão para conseguirem um maior controle, mais poder. Iriam vencer os líderes muggles, utilizando promessas e mentiras onde pudessem, ameaçando e a usando a maldição Imperius onde não pudessem. Finalmente, a ordem decairia. Inevitavelmente, haveria uma guerra total — A voz de Harry ficara suave, considerando. Virou-se para Franklyn, que o estava a observar com o rosto tranquilo, porém temeroso. — E isso é o que querem, não é? Guerra com o mundo muggle.

— Isso é o que sempre quiseram — concordou Franklyn. — A luta nunca se detém. Apenas tem diferentes capítulos.

— Quem está envolvido? — perguntou Harry simplesmente.

Franklyn suspirou novamente, de forma profunda, e esfregou os olhos.

— Não é assim tão simples. É praticamente impossível dizer quem são os instigadores e quem são os seguidores. Porém, há alguns indivíduos aos quais seria instrutivo observar de perto.

— Madame Delacroix.

Franklyn ergueu os olhos, estudando a rosto de Harry. Ele assentiu.

— E o Professor Jackson.

James ofegou e depois apertou a mão sobre a boca. O seu pai e o Professor Franklyn estavam de pé muito quietos. James tinha a certeza de que o tinham ouvido. Então, Harry falou de novo.

— Mais alguém?

Franklyn abanou a cabeça lentamente.

— Claro. Mas então teria de vigiar tudo e todos. É como uma infestação de baratas nas paredes. Podes vigiar as fendas ou queimar a casa. Escolha o que quiser.

James retrocedeu com muito cuidado, então, quando teve a certeza de que estava fora do alcance da audição, virou-se e recriou os seus passos aos aposentos dos americanos. O seu coração palpitava tão pesadamente que tivera a certeza de que o pai ou o Professor Franklyn o iriam ouvir.

Sabia que o assim chamado Elemento Progressivo não era bom, mas agora ainda sabia que deviam ser eles os que estavam a planear o retorno de Merlinus Ambrosius, acreditando que ele iria ajudá-los a conseguir o seu falso objectivo de igualdade, que conduziria inevitavelmente à guerra. Merlin tinha dito que regressaria quando o equilíbrio entre muggles e feiticeiros estivesse “*maduro para as suas mãos*”. O que mais poderia significar isso? Não ficara surpreendido de que Madame Delacroix pudesse estar envolvida em tal conspiração. Mas o Professor Jackson? James tinha chegado a simpatizar com o professor, apesar do seu severo exterior. Era difícil imaginar que Jackson pudesse estar a planear em segredo a dominação do mundo muggle. Franklyn tinha que estar enganado.

James correu passando ligeiramente pelos aposentos dos americanos, à procura da porta do quarto de hóspedes no qual ele e o seu pai estavam hospedados. Com uma súbita facada de medo, lembrou-se de que a porta desaparecera quando ele saíra. Era uma sala mágica, ao fim de contas. Como poderia voltar? Tinha que estar dentro da sala, aparentemente adormecido, quando o seu pai retornasse. Parou no corredor, sem estar sequer seguro de qual fora a parede onde aparecera a porta. Olhou em volta sem esperança, incapaz de evitar procurar alguma pista sutil ou indício de onde poderia estar escondida a porta. O que dissera o pai? A Sala das Necessidades? Desta vez, lembrara-se da sua varinha. Retirou-a e agitou a mão, tirand— a de debaixo do manto, revelando-a.

— Uh — começou, sussurrando asperamente e assinalando à parede com a varinha. — Sala das Necessidades... abre?

Não aconteceu nada, obviamente. E então James ouviu um ruído. Os seus sentidos tinham-se tornado quase dolorosamente agudos enquanto o seu corpo ficava cheio de adrenalina. Ele escutou, os olhos arregalados. Vozes. Franklyn e o seu pai já estavam a voltar. Deviam ter começado a viagem de regresso quase no mesmo momento que James, mas um pouco mais lento. Ouviu-os a conversar em vozes baixas, provavelmente enquanto estavam de pé junto à porta dos aposentos de Franklyn. O seu pai regressaria a qualquer momento.

James pensou furiosamente. O que é que tinha feito o seu pai para abrir a porta? Apenas tinha estado ali de pé, não, um momento, à espera, e então *bang*, ali estava a porta? Não, lembrou-se James, antes tinha falado. E tinha passeado um pouco. James evocou a noite na sua memória, tentando recordar o que dissera o seu pai, mas estava demasiado nervoso.

Uma luz floresceu no final do corredor. Aproximavam-se passos. James olhou corredor abaixo freneticamente. O seu pai estava a aproximar-se, com a varinha iluminada, mas baixa, com a cabeça baixada. James lembrou-se de que tinha a sua própria varinha empunhada, o braço fora do manto. Enfiou-o dentro tão rápida e silenciosamente quanto pôde, arrumando o manto de modo que o cobrisse completamente. Era inútil. O seu pai entraria no quarto e perceberia que James não estava. Talvez pudesse segui-lo e reclamar que tinha ido ao seu quarto buscar um livro do qual precisava? Quase que gemeu em voz alta.

Harry Potter deteve-se no corredor. Ergueu a varinha e olhou para a parede.

— Preciso entrar no quarto onde meu filho dorme — disse. Nada aconteceu. Harry não pareceu ficar surpreso. — Hmm... — disse, aparentemente para si mesmo — Pergunto-me porque é que a porta não abre. Suponho — olhou em volta erguendo as sobrancelhas e sorrindo ligeiramente. — que é porque o meu filho não está a dormir na Sala das Necessidades, mas que está aqui de pé no corredor comigo, por baixo do meu Manto da Invisibilidade, tentando tão dificilmente lembrar-se como é que se abre a porta. Não é verdade, James?

James deixou escapar um suspiro e tirou o Manto da Invisibilidade.

— Sabias durante o tempo todo, não é?

— Percebi quando ouvi seu suspiro lá embaixo. Não tive a certeza até ao truque com a porta. Vamos, entremos — riu Harry Potter cansadamente. Passeou três vezes, enunciou as palavras que abriram a Sala das Necessidades e entraram.

Quando ambos estavam nas suas respectivas camas, James no beliche de cima, vendo o escuro tecto, Harry falou:

— Não tens que seguir os meus passos, James. Espero que saibas isso.

A mandíbula de James ficou tensa, não estava preparado para responder a isto. Escutou e esperou.

— Estavas lá em baixo esta noite, por isso ouviste o Professor Franklyn — disse Harry finalmente. — Há uma parte do que ele disse que quero que te lembres. Há sempre conspirações e revoluções em andamento. A batalha é sempre a mesma, só que com diferentes capítulos. A tua missão não é salvar o mundo, filho. E mesmo quando o fazes, ele volta a pôr-se em perigo uma e outra vez. É a natureza das coisas.

Harry fez uma pausa e James o ouviu rir calmamente.

— Sei o que estás a sentir. Recordo-me do grande peso da responsabilidade e da intoxicante emoção de achar que eu era o escolhido que iria deter o mal, que iria vencer a guerra, a batalha pelo derradeiro bem. Era a luta de todos. Todos fizeram sacrifícios. E houve aqueles que sacrificaram muito mais do que eu. Não é dever dum só homem salvar o mundo. E sem dúvida, não é o dever dum rapaz que não consegue ainda sequer imaginar como abrir a Sala das Necessidades.

James ouviu movimento no beliche de baixo. O seu pai pôs-se de pé, a sua cabeça ergueu-se para ver James no beliche superior. Na escuridão, James não pôde adivinhar a sua expressão, mas conhecia-a. O pai irradiava um sorriso ladeado e sábio. O seu pai sabia tudo. O seu pai era o Harry Potter.

— O que estás a pensar, filho?

James respirou profundamente. Queria contar ao pai tudo o que vira e ouvira. Tinha-o na ponta da língua, tudo acerca do intruso muggle e do fantasma de Cedric Diggory, e do segredo de Ausconspiração, do plano do regresso de Merlin e do seu uso para iniciar uma guerra definitiva contra os muggles. Mas no fim, decidiu que não. Sorriu para seu pai.

— Eu sei, pai. Não te preocupes comigo. Se decidir salvar o mundo sozinho, envio um recado a ti e à mãe, pode ser?

Harry sorriu abertamente e agitou a cabeça, sem acreditar realmente, mas sabendo que não servia de nada pressionar mais. Voltou a ocupar o beliche de baixo.

Cinco minutos depois, James falou na obscuridade.

— Eh, pai, há alguma possibilidade de me deixares ficar com o Manto da Invisibilidade este ano da escola?

— Absolutamente nenhuma, meu jovem. Absolutamente nenhuma — disse Harry deixando-se dormir. James ouviu-o a dar a volta. Uns minutos depois, ambos estavam adormecidos.



Quando James e Harry Potter entraram no Salão Principal na manhã seguinte, James sentiu a mudança de humor no salão. Estava habituado à reação da comunidade mágica onde quer que fosse que saísse com o seu pai, mas esta foi diferente. Em vez de virar-se para eles, James teve a sensação de que as pessoas olhavam intencionalmente noutra direcção. As conversas cessaram. Tinha uma estranha sensação de pessoas a olhá-los de lado, ou a virar-se para vê-los quando passavam por eles. James sentiu uma onda de raiva. Quem é que estas pessoas pensavam que eram? Grande parte deles tratavam-se de óptimos feiticeiros, de pais trabalhadores que sempre tinham apoiado Harry Potter, primeira como o Rapaz que Sobreviveu, e então como o jovem que ajudara Voldemort a decair, e finalmente como o homem que era Chefe dos Aurors. Agora, só porque alguns agitadores tinham pintado umas faixas e espalhado uns estúpidos rumores, tinham medo de olhá-lo directamente.

Enquanto pensava nisso, porém, viu que estava enganado. Quando Harry e James se sentaram ao fim da mesa dos Gryffindor (James tinha implorado ao seu pai que não o obrigasse a sentar-se à mesa dos professores sobre o estrado), houve uns quantos sorrisos e cumprimentos do coração. Ted viu Harry, gritou de alegria, e correu ao longo da mesa, dando a Harry um complicado apertão de mãos que envolvia um monte de choques de punhos, mãos agitadas e finalmente, uma saudação que era em parte um abraço e em parte uma sacudidela.

Harry despencou sobre o banco, a rir.

— Ted, um dia destes vais derrubar-te a ti mesmo.

— Este é o meu padrinho, pessoal — disse Ted, como se estivesse a apresentar Harry a toda o salão. — Ainda não conheces o Noah, Harry? É um Gremlin, tal como a Petra e eu.

Harry apertou a mão de Noah.

— Acho que nos conhecemos no ano passado no Campeonato de Quidditch, não é?

— Claro — disse Noah. — Foi o jogo onde Ted marcou o ponto vencedor para a equipa adversária. Como poderia esquecer?

— Tecnicamente, foi uma assistência — disse Ted meticulosamente. — O que acontece é que bati na quaffle da equipa deles através da baliza por acidente. Estava a apontar para o banco da imprensa.

— Lamento interromper, mas importam-se se eu e o James tomarmos um pouco o pequeno almoço? — Harry acenou em direcção à mesa.

— Claro — respondeu Ted generosamente. — E se algum desses infelizes der algum problema, conta-me. Esta tarde há Quidditch e guardamos rancores. — percorreu o salão sombriamente com o olhar, depois sorriu e foi-se embora.

— Diria para não te preocupares, mas isso acabaria por tirar a diversão, não é verdade? — disse Harry, observando Ted partir. James sorriu. Ambos começaram a encher os seus pratos das fumegantes travessas ao longo da mesa.

Quando começaram a comer, James alegrou-se ao ver Ralph e Zane entrarem. Cumprimentou-os entusiasmadamente.

— Eh, pai, estes são os meus amigos, Zane e Ralph — disse James quando se sentaram no banco, um em cada lado. — Zane é o louro, Ralph é a parede de tijolos.

— Encantado em conhecê-los, Zane, Ralph — disse Harry. — O James falou-me muito bem de vocês.

— Li sobre o senhor — disse Ralph, olhando fixamente a Harry. — Realmente fez aquelas coisas todas?

Harry riu.

— Directamente à questão, hã? — disse, erguendo uma sobrancelha sobre James. — A maior parte sim, provavelmente será verdade. Contudo, se tivesses estado ali, terias achado menos heróico no momento. Na maioria das vezes, os meus amigos e eu apenas tentávamos evitar que nos enfeitiçassem, devorassem ou amaldiçoassem.

Zane parecia incommummente calado.

— Ei, o que se passa? — disse James, acotovelando-o. — É um pouco novo em ti teres complexos de ídolo com o grande Harry Potter.

Zane fez uma careta e tirou uma cópia do *Profeta Diário* da sua mochila.

— Isto cheira mesmo mal — disse, suspirando e deixando o jornal aberto em cima da mesa. — Mas vocês iam vê-lo mais cedo ou mais tarde.

James inclinou-se e viu. “*DEMONSTRAÇÃO ANTI-AUROR EM HOGWARTS ASSOMBRA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL*”, lia-se no cabeçalho principal. Abaixo, em letra menor: “*A visita de Potter provoca um amplo protesto escolar para que a comunidade mágica reavalie as políticas dos aurors*”. James sentiu as bochechas ficarem vermelhas de fúria. Antes que pudesse responder, no entanto, o seu pai colocou uma mão em seu ombro.

— Hmmm — disse Harry suavemente. — Isto soa a Rita Skeeter por todos os lados.

Zane franziu o cenho para Harry, depois voltou a olhar para o jornal.

— Consegues dizer quem escreveu isto só pelo cabeçalho?

— Não — riu Harry, afastando o jornal e lançando-se em direcção a um pedaço de torrada francesa. — O nome está ao pé do cabeçalho. Ainda assim, sim, é a sua típica linha de tolices. Dificilmente importa. O mundo terá esquecido isto na próxima semana.

James estava a ler o primeiro parágrafo, com o cenho franzido furiosamente.

— Diz que a maior parte da escola estava lá, protestando e gritando. É um completo lixo! Eu vi, e se estavam mais de cem pessoas ali, eu beijo um explojento cauda-de-fogo! Além disso, quase todos os que estavam lá era apenas para saber o que estava a acontecer! Tinha apenas quinze ou vinte pessoas com os cartazes e os lemas!

Harry suspirou.

— É só uma história, James. Não é para ser precisa, é para vender jornais.

— Mas como podes deixar que digam estas coisas? É perigoso! O Professor Franklyn...

O olhar que Harry lhe dirigiu impediu-o de falar mais. Após um segundo, a expressão de Harry suavizou-se.

— Sei o que te epreocupa James, e não te culpo. Mas há formas de lidar com estas coisas, e uma delas é *não* discutir com pessoas como Rita Skeeter.

— Pareces a McGonagall a falar — disse James, baixando os olhos e atacando um pedaço de salsicha.

— Pudera — respondeu Harry rapidamente — Ela ensinou-me. E acho que é Directora McGonagall para ti.

James dedicou-se ao seu prato com mau humor durante um bom tempo. Então, não querendo olhar mais para ele, dobrou o jornal rudemente e tirou-o de vista.

— Então hoje à tarde, primeiro jogo de Quidditch da temporada, eh? — perguntou Harry, ondeando o seu garfo em direcção aos três jovens em geral.

— Ravenclaw contra Gryffindor! — anunciou Zane — O meu primeiro jogo! Mal posso esperar.

James ergueu os olhos e viu o seu pai sorrir para Zane.

— Então estás na equipa de Ravenclaw! Isso é ótimo. Se conseguir acabar suficientemente cedo, planeio assistir ao jogo. Estou ansioso para te ver a voar. Em que posição jogas?

— Beater — disse Zane, fingindo bater numa bludger com o seu garfo.

— Ele é bastante bom, Mr. Potter — disse Ralph ansiosamente. — Eu vi-o a voar pela primeira vez. Quase fez uma cratera no meio do campo, mas retrocedeu no último segundo.

— Isso requer um sério controle — reconheceu Harry, estudando Zane. — Tiveste aulas de vassoura?

— Nenhuma! — gritou Ralph, como se fosse o agente de relações públicas de Zane. — O que é bastante incrível, não é?

James olhou para Ralph, com o rosto sombrio, tentando captar o seu olhar e adverti-lo sobre o tema, mas já era demasiado tarde.

— Provavelmente não teria imaginado como fazê-lo — disse Ralph. — se não tivesse ido atrás do James quando ele executou o seu ataque-foguetão-fora-de-controle. — Ralph contorceu-se no banco, simulando com gestos o voo inaugural de James na vassoura.

— Mas o senhor irá apoiar os Gryffindor, claro! — interrompeu Zane de repente, colocando a palma da mão na frente de Ralph e empurrando-o para trás.

Harry olhou em volta da mesa, mastigando um pedaço de torrada, com um olhar interrogativo no rosto.

— Er, bom, sim. Com certeza — admitiu, ainda olhando de um rapaz a outro.

— Sim, bom, pode ser. Compreendo perfeitamente — disse Zane rapidamente, abanando as sobrancelhas na direcção de Ralph que estava sentado e parecia um pouco desconcertado. — Ser leal à sua Equipa e tudo o mais. Opa. Olha a hora. Vamos, Ralphinator. Hora de ir para a aula.

— Tenho a primeira hora livre — protestou Ralph — E ainda não tomei o pequeno almoço.

— Vamos, imbecil! — insistiu Zane, dando a volta à mesa e agarrando o cotovelo de Ralph. Zane dificilmente teria conseguido mexer Ralph, mas Ralph permitiu ser arrastado.

— O que é? — disse Ralph ruidosamente, franzindo o cenho perante o olhar significativo que Zane lhe lançava. — O que foi que eu fiz? Disse alguma coisa que não devia...? — Deteve-se. As suas sobrancelhas ergueram-se e virou-se para James, com um aspecto mortificado. — Oh. Ah. — disse enquanto Zane o empurrava para a porta. Quando dobraram o canto, James ouviu Ralph dizer. — Sou um completo idiota, não é?

James suspirou.

— Então, sim, sou horrível no Quidditch. Lamento.

Harry estudou o filho.

— Bastante mal, é?

James assentiu com a cabeça.

— Eu sei — disse. — Não é para tanto. É apenas Quidditch. Sempre há o próximo ano. Não tenho que fazê-lo só porque o fizeste. Eu sei, eu sei. Não precisas de dizer.

Harry continuou a olhar para James, a mandíbula movia-se ligeiramente, como se estivesse a pensar. Finalmente, encostou-se e pegou seu sumo de abóbora.

— Bem, é uma carga a menos nas minhas costas, então. Parece que já fizeste o meu trabalho.

James ergueu os olhos para o pai. Harry devolveu enquanto bebia um gole longo e lento do seu copo. Parecia estar a sorrir e a ocultar o sorriso atrás do copo. James tentou não rir. *É sério*, disse a si mesmo. *Não é divertido. É Quidditch*. Perante esse pensamento, a sua compostura quebrou-se ligeiramente. Sorriu e depois tentou cobrir o sorriso com uma mão, o que apenas fez piorar a situação.

Harry baixou o seu copo e sorrindo. Agitou lentamente a cabeça.

— Realmente tens andado preocupado com isto, não é, James?

O sorriso de James hesitou novamente. Ele engoliu em seco.

— Sim, pai. Claro. Quer dizer, é Quidditch. É o teu desporto e o do avô também. Sou James Potter. Eu devia ser excelente em cima duma vassoura. Não um perigo para mim mesmo e para todos os que estão à minha volta.

Harry inclinou-se para frente, baixando o copo e olhando para James nos olhos.

— E ainda poderás ser excelente na vassoura, James. Pelas barbas de Merlin, filho, é a tua primeira semana e nem sequer tiveste a tua primeira aula de vassoura, não é? Nos meus tempos, nem sequer terias sido permitido de praticar com a vassoura sem aulas, e muito menos tentar entrar nas equipas.

— Mesmo assim, — interrompeu James. — tu terias sido excelente.

— A questão não é essa, filho. Estás tão preocupado em igualar o mito que supostamente fui que nem sequer te estás a dar uma oportunidade para ser até melhor. Derrotas-te a ti próprio mesmo antes de sequer começar. Não percebes? Ninguém pode competir com uma lenda. Até *eu* mesmo gostaria de ser a metade do feiticeiro que as histórias fizeram de mim. Cada dia me vejo no espelho e digo a mim mesmo que não tenho que tentar tão forçosamente ser o famoso Harry Potter, que apenas tenho que relaxar e permitir-me ser o teu pai, o marido da tua mãe, e o melhor auror que possa ser, o que por vezes não parece ser tão bom, na verdade. Tens de que deixar de pensar em ti próprio como sendo o filho do Harry Potter... — Harry fez uma pausa, vendo que James realmente o ouvia, talvez pela primeira vez. Sorriu um pouco novamente. — ... e dares-me a oportunidade de pensar em mim mesmo como sendo simplesmente o pai do James Potter, em vez disso. Porque de todas as coisas que fiz na minha vida, tu, o Albus e a Lily são as três coisas das quais mais orgulho tenho. Entendeste?

James sorriu novamente, um sorriso ladeado. Ele não o sabia, mas era o mesmo sorriso que com tanta frequência via no rosto do pai.

— Totalmente, pai. Tentarei. Mas é difícil.

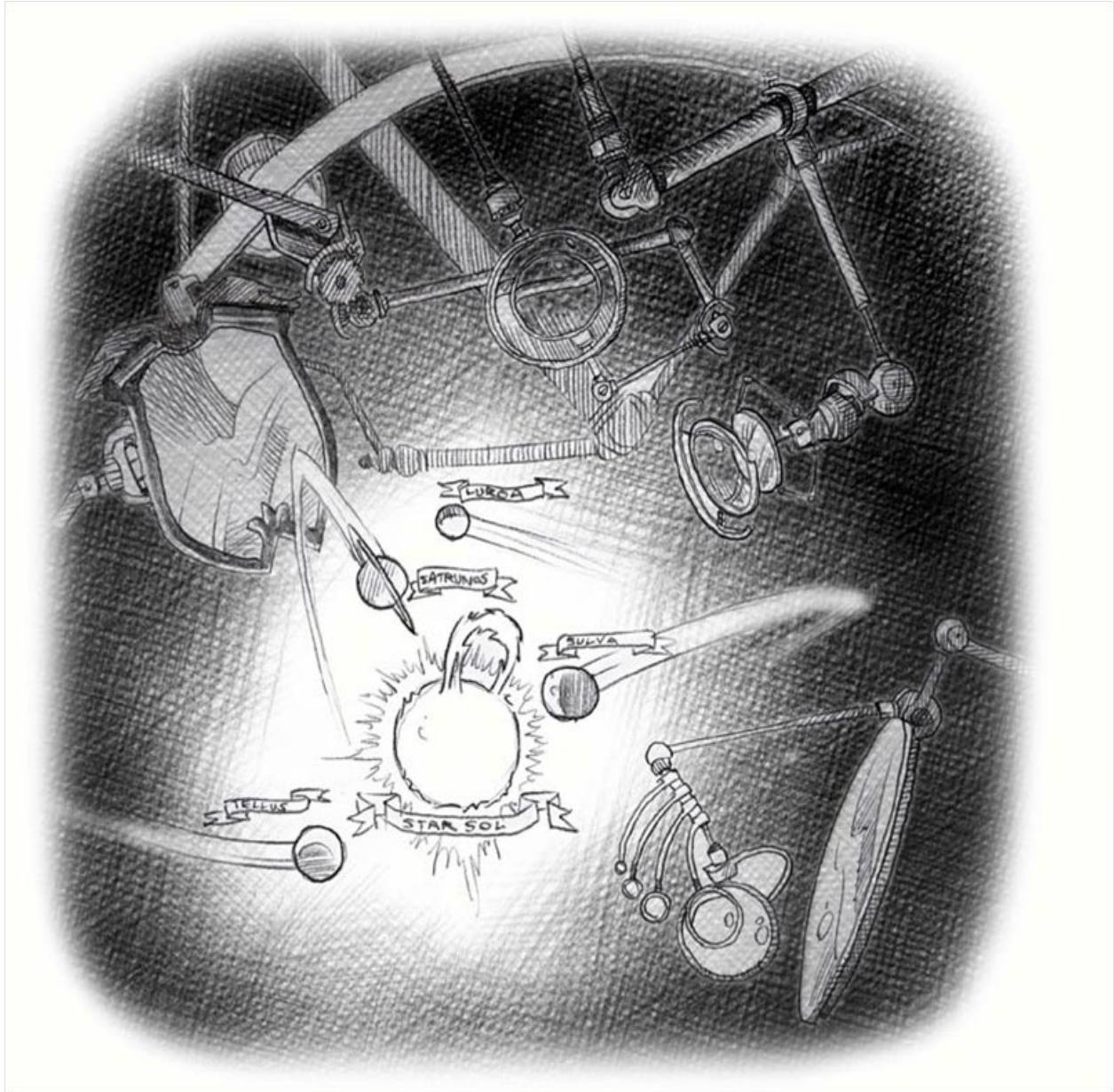
Harry assentiu mostrando a sua compreensão e encostou-se. Depois de um momento disse:

— Sempre fui tão previsível?

Agora foi a vez de James sorrir sabiamente.

— Claro, pai. A mãe e tu, os dois. “Não vais sair vestido assim, vais?” — Harry riu ruidosamente perante a imitação de Ginny. James continuou. — “Lá fora está frio, veste uma camisola! Não digas essa palavra na frente da tua avó! Pára de brincar com os gnomos do jardim ou os teus polegares vão ficar verdes!”.

Harry ainda estava a rir e a limpar os olhos quando se despediu, prometendo que se iriam encontrar naquela tarde no jogo de Quidditch.



— CAPÍTULO 7 —

Lealdade Quebrada



A primeira aula de James, ironicamente, foi Fundamentos de Vassoura. O professor era um homem enorme e gorducho chamado Cabriel Ridcully. Usava um manto de desporto castanho amarelada sobre a túnica oficial de Quidditch, que expunha os seus antebraços enormes e bizarros.

— Bom dia, primeiros anos! — berrou, e James adivinhou que Cabe Ridcully era um daqueles grandes madrugadores. — Bem-vindos à aula de Fundamentos de Vassoura. Muitos de vocês já me conhecem, tendo-me visto no Quidditch, torneios, enfim. Nós iremos investir este ano na familiarização com os fundamentos de voo. Acredito num estudo muito prático, então estaremos a passar directamente à essência do manuseio e controlo da vassoura. Examinem todos as vossas vassouras, por favor.

James andava a temer voltar a subir numa vassoura, mas como a turma prosseguiu, consciencializou-se que, com a orientação própria, era hábil para adquirir o manejo da sua vassoura, levitar e suportá-la, e ter o controle da sua altitude e velocidade em várias pequenas formações. Compreendeu que tinha variações subtis às quais a vassoura respondia, baseadas na velocidade e inclinação. Se a vassoura simplesmente pairava, inclinar o cabo da vassoura para a frente indicava seguir em frente, enquanto que o puxão indicava seguir para trás. Uma vez que a vassoura se movia, contudo, aqueles mesmos controlos começavam a controlar também a altura. Quanto mais rápido a vassoura se movesse, e a postura de James controlou a altitude

em vez da velocidade. Encontrar a diferença perfeita entre um controlo de velocidade e um controlo de altitude dependeria inteiramente da velocidade do cabo da vassoura em qualquer situação. James sentiu pânico, pois o mais leve erro causaria inclusive a perda do menor grau do controlo que já tinha aprendido, e começou a entender por que tinha sido tão terrível durante os testes de Quidditch.

Por mais que lhe comprazesse a sua própria tentativa de controlo sobre a vassoura, ainda sentia uma pontada de inveja quando via Zane manejar sua vassoura em elaborados círculos verticais e inclinações sem esforço.

— Evitemos fazer alarde, Mr. Walker — gritou Ridcully com repreensão, e James não pôde evitar sentir uma onda de mesquinha satisfação — Guarde-o para o jogo desta tarde, certo?

O corpo inteiro de Ralph estava tenso enquanto lutava para permanecer sobre a sua vassoura. Conseguiu flutuar a mais ou menos um metro do solo e parecia estar empancado ali.

— Como é que consigo fazer isto voar assim? — perguntou, observando Zane.

James sacudiu sua cabeça.

— Eu apenas me preocuparia em estar sentado correctamente se fosse a ti, Ralph.

As aulas do resto da manhã foram muito menos interessantes, com Feitiços e Runas Antigas. Durante o almoço, James narrou a Ralph e Zane os acontecimentos da noite anterior. Falou sobre o Aparelho de Acumulação de Luz Solar de Franklyn, e a conversa ao jantar sobre os poderes da rainha do voodoo, Madame Delacroix. Finalmente, explicou a conversa que tinha ouvido entre o seu pai e o Professor Franklyn, e como esta se encaixava na história de Ausconspiração sobre o desejado regresso de Merlin.

— Então — disse Zane, semicerrando os olhos e olhando pensativamente para a parede que estava atrás da cabeça de James. — Entendo que o teu pai tem um manto... que faz que qualquer que a use seja invisível.

James gemeu, exasperado.

— Sim! Ainda que essa não seja, precisamente, a questão.

— Fala por ti. Quero dizer, esquece os raios-X. Pensem no que uma pessoa faria com um Manto de Invisibilidade. É resistente ao vapor, certo?

James revirou os olhos.

— Não me parece que o feiticeiro que passasse a sua vida a criar o mais perfeito artefacto de invisibilidade do mundo o fizesse para espiar o quarto-de-banho das raparigas.

— Mas não sabes, não é? — disse Zane, impávido.

Ralph mastigava lentamente, pensando.

— Então o Franklyn disse ao teu pai que existem feiticeiros nos Estados Unidos que apoiam algo parecido com o Elemento Progressivo? Igualdade muggle e mágica e coisas do género?

James assentiu.

— Sim, mas isso é apenas uma farsa, não? Quer dizer, desde quando é que os Slytherin desejam algo de bom para o mundo muggle? Todas as velhas equipas puro sangue dos Slytherin sempre quiseram assumir-se em público, mas apenas para conquistar o mundo muggle e controlá-lo. Pensam que os muggles são uma espécie inferior, não igual.

Ralph parecia estranhamente preocupado.

— Bem, talvez. Eu não sei. No entanto a maioria das pessoas no pátio no outro dia não era sequer Slytherin. Tu viste?

Na realidade James não o tinha feito.

— Isso não importa, realmente. Foram os Slytherin que começaram isto tudo, com os lemas do Elemento Progressivo e as insígnias e tudo mais. Tu mesmo o disseste, Ralph. Tabitha Corsica estava a oferecer as insígnias a todos os Slytherin. Ela está por trás de tudo.

— Não acho que ela esteja por trás de tudo, como tu pensas, — disse Ralph — com toda esta coisa de *trazer-Merlin-de-volta-da-morte*. Ela só acha que deveríamos ser justos com toda a gente, muggles e feiticeiros, por igual. Não está a tentar começar uma guerra ou alguma estupidez semelhante. Quero dizer, realmente não parece justo que não possamos trabalhar no mundo muggle, certo? Ou competir em jogos e desportos muggles? Só porque temos a magia do nosso lado isso não nos torna excluídos.

— Soas como um deles. — disse James furiosamente

— E daí? — disse Ralph repentinamente, o rosto a ficar vermelho. — Sou um deles, se não percebeste. E não gosto da forma como estás a falar da minha Equipa. As coisas são muito diferentes agora do que eram quando o teu pai esteve aqui. Se tanto te preocupa com a verdade e a história, deverias estar totalmente a favor de debater a questão. Talvez a Tabitha tenha razão sobre ti.

James recostou-se, com sua boca escancarada.

Ralph baixou os olhos.

— Ela quer que eu esteja no primeiro debate escolar com a equipa A. Suponho que conheças o tema. Eles chamaram de 'Reavaliação das Presunções sobre o Passado, Verdade ou Conspiração?'

— E tu vais estar na equipa com eles, então? Vais defender que meu pai e os seus companheiros inventaram toda a história de Voldemort apenas para assustar as pessoas e manter o mundo mágico em segredo?

Ralph parecia infeliz.

— Ninguém acha que o teu pai inventou, mas... — não parecia saber como terminar a frase.

— Bem! — gritou James, erguendo os braços — Ótimo argumento, então! Estou sem palavras! Tabitha certamente tem um bom parceiro em ti, não é?

— Talvez o teu pai não estivesse no lado correcto, afinal! — disse Ralph acalorado. — Nunca te ocorreu pensar? Quero dizer, claro, pessoas morreram. Foi uma guerra. Mas porque é que quando o seu lado matava pessoas era o triunfo do bem, e quando o outro lado o fazia era uma atrocidade maligna? Os vitoriosos escrevem os livros de história, já sabes. Talvez a verdade de todo o assunto fosse distorcida. Como é que sabes? Ainda nem sequer tinhas nascido.

James atirou o garfo sobre a mesa.

— Conheço o meu pai! — gritou. — Ele não matou ninguém! Estava do lado certo porque o meu pai é um homem bom! Voldemort era um monstro sanguinário que só ansiava poder e estava disposto a matar qualquer um que se colocassem no seu caminho, inclusive os seus amigos! Pode ser que não te queiras lembrar, já que pareces estar a escolher o lado de pessoas como ele!

Ralph olhou fixamente para James e engoliu em seco. James sabia, em alguma pequena e distante parte de sua mente, o que estava a acontecer. Ralph era um nascido muggle, tudo aquilo que ele sabia de Voldemort e Harry Potter tinha lido nas duas últimas semanas. Além disso, Ralph estava a ser alimentado pelos seus colegas de equipa, com quem estava desesperado para se entender. Ainda assim, estava furioso até ao ponto de querer golpeá-lo, principalmente porque não se atrevia a golpear nenhum dos Slytherin que eram directamente responsáveis pelas maliciosas e egoístas mentiras sobre o seu pai.

James afastou os olhos primeiro. Ouviu Ralph recolher os livros e a mochila.

— Bom — disse Zane tentativamente. — Irei ver-vos se quiserem que nos reunamos depois do jogo esta tarde para tomar umas cervejas de manteiga com os Gremlins, mas talvez é melhor deixar a proposta para outra ocasião, não?

Nem Ralph tão pouco James falaram. Após um momento, Ralph afastou-se.

— Foste bastante bruto com ele, sabes — afirmou Zane claramente.

— Eu? — exclamou James.

— Antes de te defenderes, — disse Zane, erguendo a mão num gesto conciliador — deixe-me dizer que tens razão. Claro que é tudo um monte de lixo. Mas ele é o Ralph. Só está a tentar integrar-se, tu sabes.

— Não — disse James de forma directa. — Não quando 'integrar-se' significa sair a contar um monte de mentiras sobre o meu pai.

— Ele não sabe que são mentiras — disse Zane razoavelmente. — É só um rapaz que ouve tudo isto pela primeira vez. Quer acreditar em ti, mas também quer ajustar-se na Equipa. Infelizmente para ele, todos eles são um bando de lunáticos sedentos de poder.

James sentiu-se ligeiramente animado. Sabia que Zane tinha razão, mas mesmo assim não podia lamentar realmente o seu acesso de raiva contra Ralph.

— Então? Tu também és um tipo que ouve tudo isto pela primeira vez. Porque é que não estás a correr para te unires ao Elemento Progressivo e a cantar lemas?

— Porque felizmente para ti — disse Zane, passando um braço ao redor do pescoço de James. — Fui seleccionado para Ravenclaw e todos eles odeiam o velho Voldy tanto quanto vocês Gryffindor. Por outro lado, — pareceu ligeiramente desejoso — acontece que considero Petra Morganstern, em todos os sentidos, mais bonita que Tabitha Corsica.

James afastou Zane com o cotovelo, suspirando.

Ambos foram à biblioteca para um período de estudo. Knossus Shert, o professor de Runas Antigas, estava a monitorizar o período, os óculos grossos e os seus longos e magros membros dentro dos mantos verdes faziam-no parecer um louva-a-deus sentado atrás da escrivaninha principal da biblioteca.

Zane estava a copiar teoremas de Aritmancia, a franzir a testa enquanto os resolvia. James, não querendo perturbá-lo, mas igualmente desinteressado em embarcar nas suas tarefas, sacou a cópia d’*O Profeta Diário* da sua mochila, onde o tinha enfiado durante o pequeno almoço. Leu o artigo novamente, apertando os lábios com desgosto. Próximo da parte inferior do manto, James estava aborrecido ao ver uma foto de Tabitha Corsica. Tinha a aparência de sempre: razoável, pensativa e cortês. *‘Perfeita de Hogwarts Discute sobre os Movimentos Progressistas no Campus’* dizia o título próximo. Ciente de que não era aconselhável ler, James fixou-se num par de linhas no meio do artigo.

“Claro que a minha Equipa não tenciona perturbar a harmonia da escola com estas discussões, mas respeitamos os membros de outras Equipas quando expressam as suas preocupações’. Explicou a Miss Corsica, com os olhos cheios de pesar pelos acontecimentos do dia, mas obviamente reconhecendo a validade das motivações dos seus colegas estudantes. ‘Apesar da relutância da directora em deixar clara a lista de debates, estou confiante que seremos permitidos a seguir adiante com o nosso plano de promover uma discussão sobre as práticas e políticas dos aurors, e as presunções nas que estes se baseiam, no âmbito de um debate aberto e livre.

A Miss Corsica, uma estudante Slytherin quintanista, é também capitã da sua equipa de Quidditch. ‘Tenho uma vassoura elaborada por artesãos muggles,” explica timidamente, “Eles não faziam nenhuma ideias das propriedades mágicas da madeira, e claro, tive que registá-la na escola como artefacto muggle. Mas mesmo assim, achei que seria agradável experimentar algo fabricado pelos nossos amigos muggles. Além disso, é uma das vassouras mais rápidas do campo’, acrescenta, mordendo o lábio modestamente, ‘mas acho que isso é crédito tanto das mãos de quem a fez como dos feitiços que se infundiram à madeira”.

James pegou no jornal e ergueu-o furiosamente, golpeando-o depois contra a mesa e ganhou um ruidoso pigarro do Professor Shert.

Olhou fixamente sem ver a parte de trás do jornal. Como podia alguém crer em estupidez tão obviamente inventada? Tabitha Corsica e sua vassoura especial feita por

muggles eram somente o a cereja no topo do bolo, e ela sabia. Quando James a tinha visto no pátio, Tabitha estava a fazer a entrevista com Rita Skeeter. James recordava a cara ansiosa de Skeeter e a sua pena a dançar sobre o pergaminho. Mulher estúpida e ingénua, pensou James. Ainda assim, aparentemente ela estava a ser sincera consigo mesma e os leitores. Tinham contado a James sobre o primeiro encontro do seu pai com Skeeter, durante o Torneio dos Três Feiticeiros. A tia Hermione tinha averiguado o segredo de Rita Skeeter, que era uma animagus não registada, e a sua forma animal era uma abelha. No final, Hermione capturara Skeeter na sua forma de abelha, evitando, durante um tempo, que continuasse o seu assalto à verdade por meio dos seus artigos no *Profeta Diário*. Esta manhã, no entanto, Harry tinha dito a James que tinha formas de lutar pela verdade que não incluíam discutir com gente como Rita Skeeter. Francamente, James preferia os métodos da tia Hermione aos que o seu pai reclamava preferir nestes dias.

Enquanto ruminava, os olhos de James vagaram distraídos sobre as manchetes e fotos da parte posterior do jornal. Porém, subitamente, uma manchete captou a sua atenção. Inclinou-se sobre ela, com a testa franzida.

INVASÃO NO MINISTÉRIO PERMANECE UM MISTÉRIO

LONDRES: O arrombamento da sede do Ministério da Magia na semana passada deixa aurors e oficiais igualmente desnorteados, enquanto questões ainda pairam sobre os motivos dos ladrões e a possibilidade de cúmplices internos. Como informado por este órgão de notícias na semana passada, três indivíduos de formação duvidosa foram presos na manhã de segunda-feira, 31 de agosto, relacionados com uma invasão e furto de vários departamentos do Ministério de Magia. Os três supostos invasores, dois humanos e um goblin foram encontrados durante uma busca pelos arredores horas após o assalto ser descoberto.

Dado que os indivíduos estavam sob a Maldição de Trava-Língua, deixando-os impossibilitados de responder a qualquer interrogatório, os três foram enviados sob vigilância ao Hospital de São Mungo de Doenças e Lesões Mágicas. Uma pesquisa nos departamentos saqueados, que incluía o Departamento de Cooperação Internacional em Magia, o Escritório de Conversão Cambial, e o Departamento de Mistérios, no entanto, revelou que aparentemente não tinham desaparecido dinheiro ou objectos. As acusações criminais foram subsequentemente reduzidas à destruição de propriedade e infracção, e a história, curiosamente, tinha sido descartada até a semana passada, quando se soube que nenhuma contra maldição ou feitiço tivera qualquer efeito sobre os acusados atingidos pela Maldição de Trava-Língua.

“Estas maldições notavelmente poderosas envolvem um alto grau de magia negra”, disse o Doutor Horatio Flack, chefe do Departamento de Contra-Maldições do

Hospital São Mungo. “Se não formos capazes libertar estes homens da maldição até este fim de semana, temo que os feitiços possam tornar-se permanentes”.

Como resultado disto, um dos acusados, identificado por este repórter como o goblin, um tal de Mr. Fikklis Bistle de Sussex, começou a responder aos contra-feitiços durante o fim de semana. “Está a produzir sons e grunhidos, aproximando-se bastante das autênticas palavras”, relatou uma de suas enfermeiras, que pediu para permanecer no anonimato. Pouco após o amanhecer desta manhã, no entanto, o Mr. Bistle foi encontrado morto no seu quarto, aparentemente vítima de uma medicação não receitada. Isto dá amplo campo para especulações, e deu como resultado uma nova investigação sobre a invasão.

Quorina Greene, encarregada de investigar o caso, disse, citando as suas palavras. “Agora estamos principalmente preocupados em determinar como, exactamente, estes três indivíduos foram capazes de entrar nos escritórios do Ministério. Eles são pessoas desonestas insignificantes, nenhum tinha tentado algo desta magnitude no passado. Não podemos descartar a provável ajuda exterior, nem sequer um cúmplice no Ministério. A morte do Mr. Bistle, no entanto, ainda que suspeita, deu-se como um acidente. Só podemos estar agradecidos”, acrescentou Mrs. Greene, “de que os ladrões aparentemente fracassaram nos seus esforços, considerando que nada desapareceu”.

— Vamos — sussurrou Zane, sobressaltando James a meio da sua leitura. — Quero sair cedo para praticar algum tempo com a vassoura. Queres vir? Pode ser que um Potter me dê sorte.

James decidiu que seria agradável engolir o orgulho e acompanhar a Zane. Inclusive pensou que poderia praticar um pouco, também. Dobrou o jornal outra vez e enfiou-o na mochila.

— Achas que me podias mostrar como fizeste aquela paragem repentina e aquela volta que vi na aula de Fundamentos de hoje? — perguntou James a Zane enquanto subiam as escadas para trocarem de roupa.

— Claro, parceiro — concordou Zane confiadamente. — Mas não mostres ao Ralph até que consiga manter a vassoura debaixo dele enquanto ainda está a flutuar.

James sentiu uma pontada desagradável antes da menção do nome de Ralph, mas deixou de lado. Minutos depois, já vestidos com calças de danga e t-shirts, os dois correram exultantes para a luz do sol da tarde, dirigindo-se ao campo de Quidditch.



James passou a tarde no campo com Zane, a praticar um pouco com a vassoura, mas principalmente a observar as equipas de Ravenclaw e Gryffindor aquecerem. Quando Zane se juntou à sua equipa para poder comer qualquer coisa rápida e vestir o uniforme, James acompanhou Ted e os Gryffindor de volta à sala comum até que se trocaram e desceram para o jantar. A atmosfera diante do primeiro jogo da temporada estava sempre carregada de excitação. O Salão Principal estava cheio com algumas piadas animadas, gritos e os estalidos inoportunos dos hinos das Equipas. Durante a sobremesa, Noah, Ted, Petra e Sabrina, todos vestidos com seus camisolas de Quidditch, alinharam-se diante da mesa de Gryffindor, com os braços entrelaçados e sorrindo como se estivessem prestes a realizar a apresentação de uma canção. Em uníssono, eles sapatearam no chão de pedra, ganhando a atenção do aposento, então lançaram-se a dançar uma dança irlandesa rudemente coreografada, mas muito entusiástica, cantando uma canção que Damien escrevera para eles mais cedo:

*Ohhh, nós Gryffindors gostamos de fazer piadas e de nos divertir,
Mas o campo de Quidditch nós vamos invadir,
E esperamos que os Ravensclaws saibam que estão acabados,
Quando a equipa do leão como uma tonelada esmagá-los,
Ohhh, o jogo pode ser duro e os corpos se endurecer,
E vocês, encontrar o vosso Seeker lançado no pântano vão poder,
Mas nós os Gryffindor com a nossa boa vontade não somos escassos,
Assim vos avisaremos antes de chutá-los nos...*

As últimas palavras ficaram afogadas pela mistura de rugidos e gritos dos Gryffindor e as vaías e silvos dos Ravenclaw. Os Gremlins fizeram uma profunda reverência, sorrindo, obviamente satisfeitos consigo mesmos, e uniram-se aos seus colegas da equipa enquanto saíam a correr para o campo de Quidditch para os preparativos finais.

O primeiro e o último jogo da temporada de Quidditch, como James sabia, sempre tinham muita assistência. No final do ano, no fim do torneio, todos sabiam que independentemente das equipas que jogassem, seriam jogos emocionantes. No início do ano, no entanto, as pessoas estavam animadas e esperançosas com as suas equipas. A maioria das partidas tinha as bancadas cheias de estudantes e professores, enfeitados com as cores da sua equipa e ondeando bandeiras e estandartes. Quando James entrou no campo, encantou-se ao ver e ouvir o entusiasmado da animada multidão. Os alunos uivavam e gritavam uns aos outros enquanto ocupavam os seus lugares. Os professores, na maioria das vezes, sentavam-se no alto das secções dedicadas às suas Equipas. Quando subiu as escadas da secção Gryffindor, James viu o seu pai sentado próximo à cabine de imprensa, ladeado pelos funcionários do Ministério à direita e a delegação de Alma Aleron à esquerda. Harry avistou James e o cumprimentou, sorrindo amplamente.

Quando James o alcançou, Harry orquestrou uma complicada redistribuição de lugares, já que somente libertar um lugar para James requeriu que quase todo o grupo se movesse. James murmurou desculpas, mas, na realidade, não se importou de ver o olhar de desgosto no rosto da Miss Sacarhina, mascarada pelo seu onnipresente sorriso flexível.

— Como estava a dizer, sim, temos Quidditch nos Estados Unidos — disse o Professor Franklyn a Harry, a sua voz viajava por cima do rugido maçante da multidão que se reunia. — mas por alguma razão não é tão popular como desportos como um tipo de ténis em vassoura chamado Swivenhodge, o Grungeball ou o Gauntlet com vassoura. A nossa Taça Mundial mostra algumas promessas este ano, no entanto, ou isso foi o que me disseram. Eu tendo a permanecer céptico.

James olhou para os americanos, sentindo curiosidade por ver quem estava presente e o que pareciam pensar da partida até ali. Madame Delacroix estava sentada no final da fila, o seu rosto mostrava-se inexpressivo e tinha as mãos estreitamente entrelaçadas sobre o seu colo parecendo uma desagradável massa vermelha de nós. O Professor Jackson olhou para James e assentiu numa saudação. James viu que a sua mala negra de couro, com seu inexplicável peso, estava colocada entre os seus pés, seguramente fechada desta vez. O Professor Franklyn estava vestido com o que parecia ser o seu manto de gala, com um alto colarinho branco e uma gravata com rufos na garganta, e os seus óculos quadrados que captavam a luz alegremente enquanto olhava para as bancadas em volta.

— Onde está o Ralph? — perguntou Harry a James. — Pensava que o veria contigo esta tarde.

James encolheu os ombros sem se comprometer, evitando o olhar do seu pai.

— Ah! Aqui estamos, — anunciou Franklyn, sentando-se erguido e esticando o pescoço para ver.

A equipa dos Gryffindor saiu em alta velocidade pelo largo portão na base da sua bancada, os seus mantos vermelhas a ondear após cada um deles como uma bandeira.

— O Esquadrão Gryffindor, liderado pelo capitão Justine Kennely, é o primeiro a sair em campo. — A voz de Damien Damascus ressonou firmemente da cabine de imprensa.

A equipa fez uma formação vertical em espiral que se estreitava enquanto se erguia, e depois forçavam as suas vassouras para uma paragem enquanto os jogadores formavam uma enorme letra G bem na frente da secção Gryffindor das bancadas. Depois, a forma dissolveu-se quando os jogadores romperam a formação, esquivando-se ao redor de outros numa vertiginosa rajada de acrobacias aéreas, e formando a letra P. Todos os jogadores, sentados bem erguidos sobre suas vassouras, olharam para Harry e James e cumprimentaram, sorrindo amplamente. A bancada dos Gryffindor aplaudiu frenética e ruidosamente, e James, vendo as dúzias de rostos sorridentes e berradores,

virou-se para ver a reação de Harry. Ele acenou e assentiu bruscamente, levantando-se pela metade para receber a ovação.

— Daria para pensar que a Rainha estava aqui presente — James ouviu Harry resmungar enquanto se voltava a sentar.

— E agora vêm os Ravenclaw! — gritou Damien, a voz ressoou pelo campo. — Liderados pela capitã Gennifer Tellus, revigorada pela vitória do torneio do ano passado.

A equipa dos Ravenclaw explodiu desde as bancadas do lado oposto como se fossem fogos de artifício, voando numa direcção diferente, cruzando-se uns com outros e a passar uma quaffle com uma velocidade que desafiava o olho humano. Após vários segundos a mover-se em espiral com selvageria e aparentemente ao acaso em redor das bancadas, os Ravenclaw confluíram simultaneamente no centro do campo, fazendo uma súbita paragem, e girando as vassouras para encarar a multidão em todas as direcções. Cada jogador ergueu o braço direito, e Gennifer, no centro, sustentou a quaffle sobre a cabeça. Houve uma gritaria selvagem na bancada dos Ravenclaw, e aclamações de apreço e respeito dos demais.

Finalmente, Gennifer e Justine voaram até tomar posições no centro do campo, acenando cumprimentos enquanto as equipas se colocavam em formação atrás dos seus capitães. Abaixo deles, de pé na marca do centro do campo com o seu manto oficial, Cabriel Ridcully sustentava a quaffle sob o seu braço, com o pé descansando sobre um baú.

— Quero ver um jogo limpo. — gritou aos jogadores. — Capitães, prontos? Jogadores em formação? Eeeeeee..... — ergueu a quaffle em sua enorme palma, com o braço estendido. — Quaffle em jogo!

Ridcully lançou a quaffle para cima e simultaneamente levantou o pé do baú de Quidditch. O baú abriu-se repentinamente, libertando as duas bludgers e a snitch dourada. As quatro bolas lançaram-se para o alto, misturando-se com os jogadores quando estes entraram em movimento. As bancadas explodiram com vivas e gritos desaforados.

James lembrou-se de procurar Zane entre os Ravenclaw. O seu cabelo loiro não era difícil de distinguir contra o azul marinho do seu manto. Passou por um aglomerama de jogadores, executando uma volta firme surpreendentemente apertada, depois inclinou-se precariamente e golpeou uma bludger quando este vagava ao redor do grupo. A bludger errou o seu alvo, mas apenas porque Noah se agachou e girou no momento exacto. A multidão rugiu em uma mistura de deleite e decepção.

O calor da tarde de verão estava extraordinariamente intenso. O sol ameaçador abatia os jogadores e espectadores por igual. No terreno, ambas as equipas tinham uma zona atribuída para a equipa de apoio, cada uma no fim do campo. Cada área continha uma dúzia de enormes baldes cheios de água. Ocasionalmente, um jogador executaria um sinal com a varinha, alertando a equipa de apoio. Um membro da equipa de apoio

utilizaria sua varinha para levar a água para fora de um dos baldes, de maneira que a água flutuasse a dez metros sobre o campo como uma bolha sólida e bamboleante. Então, apenas quando o jogador se colocava em posição, outro membro da equipa de apoio apontaria sua varinha até a bola de água, fazendo-a explodir numa nuvem de gotículas exactamente quando o jogador a atravessava a voar. A multidão ria deleitada de cada vez que um jogador emergia do nevoeiro carregado de arco-íris, sacudindo a água do cabelo e unindo-se novamente à briga, felizmente refrescado.

Os Gryffindor tomavam cedo a liderança da partida, mas os Ravenclaw começou a recuperar terreno de forma estável quando a tarde já avançava. O sol estava a pôr-se quando os Ravenclaw alcançaram os Gryffindor, e a partida impôs o tom febril e excitado que somente os jogos muito competitivos podem sustentar. James observava os seekers, tentando captar um vislumbre da elusiva snitch, mas não conseguia ver sinal da pequena bola dourada. Então, apenas quando afastou o olhar, houve um lampejo de luz sobre algo na bancada dos Hufflepuff. James semicerrou os olhos, e ali estava a snitch dourada entrando e saindo dentre os estandartes. O seeker dos Ravenclaw já tinha visto. James gritou para Noah, o seeker dos Gryffindor, saltando sobre os pés e apontando. Noah girou sobre a sua vassoura, procurando loucamente. Viu a snitch exactamente quando este descia o ângulo, directamente para a disputa de jogadores voadores circundantes e beaters descontrolados.

O seeker dos Ravenclaw disparou quando a snitch passou por ele a toda velocidade. Quase caiu da vassoura, girando e lançando-se num mergulho curvo e estreito e dobrando-se de volta à partida. Ted, um dos beaters dos Gryffindor, apontou uma bludger para o seeker dos Ravenclaw, fazendo com que o rapaz se agachasse e esquivasse, mas sem o desviar do seu curso. Noah aproximava-se do outro lado do campo, agachando-se e zigzagueando freneticamente através dos outros jogadores. O resto da multidão captou o que estava acontecendo. Como um, os espectadores puseram-se de pé num salto, gritando e vociferando. E então, exactamente no cume da ação, James viu algo que o distraiu completamente do jogo pela primeira vez desde que tinha começado.

O intruso muggle estava lá em baixo, no campo, de pé exactamente ao lado da área de descanso dos Ravenclaw. James mal podia acreditar no que estava a ver, mas o homem estava simplesmente ali de pé, a vestir o capa descartado de um dos membros da equipa de apoio, observando o jogo com uma expressão de absoluto temor e desconcerto. Ele segurava algo à frente dos olhos, e James reconheceu vagamente como algum tipo de câmara portátil muggle. Estava a filmar a partida! James afastou o olhar do intruso e olhou para o seu pai, que estava de pé ao lado dele, gritando alegremente perante o final do jogo. James puxou com força os mantos de Harry e gritou para ele.

— Pai! Pai! Há alguém ali em baixo! — assinalou freneticamente, tentando indicar o campo de Quidditch através da multidão de bancadas e espectadores.

Harry olhou para James, ainda a sorrir, tentando ouvi-lo.

— O quê? — gritou, inclinando-se para James.

— Ali em baixo! — gritou James, ainda assinalando. — Ele não deveria estar ali! É um muggle! Já o vi antes!

O rosto de Harry mudou instantaneamente. O sorriso desapareceu. Colocou-se totalmente em pé e examinou o campo. James voltou a olhar para baixo também, procurando o intruso muggle. Estava seguro de que ele teria desaparecido, fazendo-o parecer um tolo, mas o homem ainda estava ali, olhando a disputa acima. Tinha baixado a câmara, James viu. O objecto estava seguro na sua mão direita. James olhou mais atenciosamente e viu que o homem tinha uma ligadura na parte superior do braço, e pequenas tirinhas em dois lugares do rosto. Ele aleijara-se quando fora lançado pela janela do vitral, mas aparentemente não o suficiente para evitar que voltasse.

Harry passou aos empurrões pela delegação americana, desculpando-se educadamente, mas de forma firme, dirigindo-se para as escadas. James seguiu-o, trotando para manter o passo. Juntos, percorreram os degraus de dois em dois, descendo ao nível do campo. James notou que o seu pai estava agora completamente em modo auror, sem pensar, preparado, deixando que o instinto tomasse o controlo. Não tinha sensação de pânico, nem preocupação, nem fúria, somente um propósito decidido e impossível de ser detido. Harry alcançou o campo com James nos seus calcanhares exactamente quando o jogo terminava.

Houve uma estrondosa ovação e, de repente, havia pessoas a correr pelo campo. As equipas de apoio saíram a recolher os baldes vazios. Os jogadores começavam a aterrar, caindo dispersos sobre o campo. Cabe Ridcully aproximava-se a grandes passos até a linha central utilizando a sua varinha para convocar as bolas do jogo. Sem recuar, Harry caminhava com determinação para a extremidade do campo onde ele e James tinham visto o estranho homem, mas agora que estavam no campo já não podiam vê-lo. Havia muitas pessoas a mover-se à sua volta, muito barulho e confusão. James sabia que existiam centenas de maneiras mediante as quais o homem já podia ter escapado, desaparecendo entre as crescentes sombras das colinas e bosques dalém do campo.

Harry não deixou de se mover até que se posicionou no ponto onde tinham visto o homem. Virou-se lentamente, captando a visão de onde tinha estado a perspectiva do homem.

— Ali — assinalou. James olhou e viu que o seu pai estava a apontar para a base de uma das bancadas, para a porta que conduzia ao vestiário dos Ravenclaw. — Ou ali. Ou lá — disse Harry, falando parcialmente com James e parcialmente consigo mesmo, apontando primeiro ao caminho que reflectia entre as bancadas dos Hufflepuff e Slytherin e depois para o barracão de equipamento. — Provavelmente, ele não escolheria o barracão, já que saberia que não teria forma de escapar de lá. No melhor dos casos serviria como esconderijo, e parecia que ele estava a fugir, não a esconder-se. A saída das bancadas leva-lo-ia para mais longe. Não, ele escolheria aquele caminho então. Só se passaram dois minutos. James?

James ergueu os olhos arregalados para seu pai.

— Sim?

— Conta à directora o que vimos e faz com que o Titus se encontre comigo na entrada daquele caminho em cinco minutos. Não corras. Não sabemos o que está a acontecer e não há necessidade de causar qualquer motivo para alarme ainda. Anda rápido e conta o que eu te disse. Entendido?

James assentiu energicamente, e depois voltou pelo caminho por onde ele e o seu pai tinham vindo, lembrando a si mesmo de não correr. Enquanto subia os degraus, pressionado pela multidão que saía, sem saber sequer ainda quem ganhara o jogo, compreendeu o quão absolutamente satisfeito estava por o seu pai se ter acreditado nele. Em alguma pequena parte de sua mente, James estivera preocupando que o seu pai duvidasse dele, talvez até desprezasse as suas preocupações. Mas contara com a esperança de que o seu pai o conhecesse melhor que isso, de que confiaria nele. E isso tinha sido precisamente o que tinha feito, tinha descido ao campo para investigar o desconhecido sem nenhuma pergunta e sem hesitações. Claro, assim era como trabalhavam os aurors. Investigar primeiro, depois fazer perguntas se solicitadas. Mesmo assim, James ficara extremamente satisfeito de que o seu pai tivesse confiado o suficiente nele para ir atrás do homem baseando-se apenas na sua palavra.

Apesar do seu alívio perante a resposta do seu pai, no entanto, James estava seriamente decepcionado por o homem ter escapado tão facilmente. De algum modo, sabia que Harry e Titus não encontrariam nenhum sinal dele, nem nenhuma pista de onde ele teria ido. Então, James estaria de volta onde começara, com nada a não ser o vislumbre de uma pessoa desconhecida no campo de Quidditch para sustentar a sua história.

Pensando nisso, finalmente alcançou Titus Hardcastle e o resto do grupo. Quando passou a mensagem de Harry, Titus desculpou-se com uma palavra e dirigiu-se rapidamente para as escadas, com a mão no bolso para manter dentro a sua varinha. McGonagall e os oficiais do Ministério escutaram a explicação de James sobre o homem que Harry e ele tinham visto no campo, a directora com um olhar de severa atenção, a Miss Sacarhina e o Mr. Recreant com olhares de franca perplexidade.

— Você diz que tinha algum tipo de câmara, caro rapaz? — perguntou Sacarhina suavemente.

— Sim, já as vi antes. Fazem filmes. Ele estava a filmar o jogo.

Sacarhina olhou para Recreant com uma estranha expressão que James tomou por incredulidade. Não o surpreendia, e realmente não se importava. Estava mais preocupado que McGonagall acreditasse nele. Esteve a ponto de dizer que era o mesmo homem que acidentalmente lançara pela janela, mas algo na expressão do rosto de Sacarhina fez com que decidisse esperar que estivessem a sós.

No caminho de volta à descida dos degraus, ladeado por McGonagall, os funcionários do Ministério, e os professores de Alma Aleron, James finalmente inteirou-

se do resultado. Ravenclaw ganhara o jogo. James sentiu-se incomodado e humilhado, mas reconfortado por saber que, ao menos, era provável que Zane estivesse tendo um bom anoitecer.



Quando alcançaram o caminho que conduzia de volta ao castelo, a directora McGonagall separou-se dos outros.

— Professores e convidados, por favor, sintam-se livres de voltar ao castelo por conta própria. Prefiro resolver esta situação pessoalmente — afirmou veementemente e virou-se para atravessar o campo.

James seguiu-a apressadamente. Quando a alcançou, ela baixou o olhar para ele.

— Suponho que seria inútil dizer que isto não é assunto para um estudante do primeiro ano — disse, aparentemente escolhendo, contra o seu bom senso, não enviar James de volta para o castelo. — Sendo o teu pai o aurore responsável, provavelmente ele pediria para que estivesse aqui, pelo menos. Uma pessoa pergunta-se como é que ele é capaz de manter a cabeça no lugar sem a Miss Granger para o fazer.

James demorou um momento compreender que a “Miss Granger” era a tia Hermione, cujo apelido era agora Weasley. Não pôde evitar sorrir perante a ideia de que a directora ainda pensava no seu pai, tia e tio como juvenzinhos problemáticos, ainda que geralmente agradáveis.

Quando alcançaram o caminho que cortava entre as bancadas dos Slytherin e Hufflepuff, Harry e Titus já tinham retornado da sua exploração superficial da zona. McGonagall falou primeiro.

— Algum sinal do intruso?

— Nada até agora — disse Hardcastle bruscamente. — Muito seco para pegadas e muito escuro para captar o rastro sem uma equipa ou um cão.

— Senhora Directora — disse Harry, e James pôde ver que o seu pai estava ainda em modo aurore. — Temos a sua permissão para realizar uma busca mais exaustiva da zona? Precisaríamos da ajuda de um pequeno grupo à sua escolha.

— Acha que este indivíduo é uma ameaça? — perguntou a directora a Harry antes de responder.

Harry estendeu as mãos e encolheu os ombros.

— Não há nenhuma maneira de saber sem mais informação. Mas sei que o homem que eu vi era muito velho para ser um estudante, não o reconheci como membro do pessoal ou da equipa de professores. Usava o manto dum membro da equipa de

apoio como tentativa de disfarce, assim como indubitavelmente se escondia de alguém, ou de toda a gente. E James diz que já o tinha visto antes nos terrenos.

Todos olharam para James.

— Foi dele que falei outro dia, professora — explicou James, dirigindo-se à directora. — Tenho a certeza disso. Ele tinha ligaduras no braço e no rosto. Acho que ele se aleijou quando eu o empurrei pela janela.

— Sabia que seria uma história interessante — murmurou Harry, contendo um sorriso.

— Mas certamente, Mr. Potter, Mr. Hardcastle, — disse McGonagall, olhando para os adultos. — compreendem que não há forma concebível de que alguém possa ter atravessado o perímetro protector da escola. Qualquer um que tenham simplesmente visto deve ter sido dada permissão para estar nos terrenos, caso contrário...

— Tem razão, Minerva — disse Harry. — Mas o indivíduo o que vi não actuava como se achasse que estava autorizado estar aqui. Portanto, a pergunta é, se lhe foi permitido entrar, quem lhe deu permissão, e como? Essas são questões que gostaria muito de perguntar, mas a nossa única esperança de isso acontecer reside em que comecemos uma busca pelos terrenos imediatamente.

McGonagall encontrou os olhos de Harry, assentindo relutantemente, e logo mais segura.

— Claro. De quem precisa?

— Hagrid, para começar. Ninguém conhece estes terrenos como ele, e, claro Trife. Gostaria que nos dividíssemos em três equipas: Hagrid com Trife e eu mesmo dirigindo uma equipa ao interior da Floresta Proibida, e Titus dirigindo outra equipa ao redor do perímetro do lago. Precisamos de mais olhos para procurar indícios. Que pena que Neville está fora esta noite.

— Poderíamos convocá-lo de volta — comentou Hardcastle.

Harry sacudiu a cabeça.

— Não acho que seja necessário. Procuramos um único indivíduo, possivelmente um muggle. Tudo o que precisamos é dum par de pessoas que saiba como seguir um rastro. Que tal Teddy Lupin e tu, James?

James tentou não parecer muito satisfeito, mas uma pontada de orgulho transpassou-o. Assentiu para seu pai com a cabeça com o que esperava que parecesse prontidão e confiança, em vez de frívola excitação.

— A escola possui algum hipogrifo de momento, senhora? — retumbou a voz de Titus. — Uma vista desde o céu é o que precisamos aqui. Se o homem esteve antes nos terrenos, deve estar acampando por perto.

— Não, nenhum neste momento, Mr. Hardcastle. Temos thestrals, é claro.

Harry negou com um aceno de cabeça.

— Muito leves. Os thestrals só podem levar uma pessoa, e ninguém tão pesado como Titus ou eu. Hagrid partiria um exactamente ao meio.

James estava a pensar com ardor.

— Quanto de altura tem de ser?

Hardcastle olhou de soslaio para James.

— Mais alto que a altura de um homem é realmente o que importa. Alto o suficiente para ter uma vista de pássaro do chão, mas baixo o bastante para poder estudá-lo. Tens alguma ideia? Fala logo, filho!

— Que tal gigantes? — disse James após uma pausa. Preocupava-se que fosse uma ideia estúpida. Pior, temia perder o respeito que o seu pai tinha mostrado ao convidá-lo para participar da busca. — Temos o Grawp, que é tão alto como algumas árvores, e sua nova namorada. Hagrid diz que ela até é maior.

Hardcastle olhou para Harry com uma expressão ilegível. Harry pareceu considerar.

— Quanto tempo achas que o Hagrid demora até chegar aqui? — perguntou, dirigindo a pergunta para a directora.

— Isso é, sem dúvida, algo que vale a pena perguntar — disse ela, um pouco maliciosamente. — Já que eu não tinha nem ideia de que agora tínhamos dois gigantes a viver entre nós. Irei solicitar os seus serviços a Hagrid pessoalmente. — ela virou-se para James. — Vá e traga o Mr. Lupin, e não contes a ninguém o que estamos a fazer. Ambos se encontrarão com o seu pai na cabana de Hagrid com manto e varinha dentro de quinze minutos. Terei que voltar ao castelo para me ocupar dos nossos convidados.

— E James, — disse Harry, mostrando aquele sorriso torcido. — *agora* podes correr.



James estava sem fôlego quando chegou à sala comum. Encontrou Ted ainda com a sua camisola de Quidditch, atordado com vários outros jogadores a um canto.

— Ted, vem cá! — chamou James, controlando respiração. — Não temos muito tempo.

— Isso não é maneira de entrar num lugar — disse Sabrina, virando-se para ver James por cima do respaldo do sofá. — Alguém poderia ter a inconfundível impressão de que estás a armar qualquer coisa.

— Eu estou. Nós estamos — disse James, inclinando—e para frente, com as mãos nos joelhos. — Mas não posso contar agora. Não tenho permissão. Depois. Mas querem que venhas, Ted. Temos que estar na cabana de Hagrid em cinco minutos. Com varinha e manto.

Ted levantou-se de um salto, aparentemente feliz por esquecer a primeira derrota da temporada e sempre pronto para acompanhar uma aventura.

— Bem, todos nós sabíamos que este dia chegaria. Finalmente as minhas habilidades únicas e intuitivas estão a ser reconhecidas. Vou presenteá-los com a história da nossa aventura, supondo que vivamos para contá-la. Tu primeiro, James.

Ted enfiou a varinha no bolso e pendurou o manto sobre ombro. Enquanto ambos os rapazes saíam pelo buraco do retrato, James ainda a ofegar, Ted empertigado e com a mandíbula apertada, Sabrina chamou-os.

— Tragam mais cerveja de manteiga quando voltarem, oh, poderosos guerreiros.

No caminho pela escada, James ficou consternado ao ver Zane acenar para eles da escadaria. Ele fez um desvio para os alcançar.

— Ei, Ted, grande jogo!

Ted grunhiu, aborrecido por o lembrarem daquilo.

— Aonde vão? — perguntou Zane, trotando para manter o passo de James e Ted.

— À aventura e ao perigo mortal, creio — replicou Ted. — Queres vir?

— Sim! Qual é o plano?

— Não! — exclamou James. — Sinto muito. Não devo contar a ninguém sobre isto a não ser o Ted. O meu pai disse...

As sobrancelhas de Zane ergueram-se rapidamente.

— O teu pai? Ótimo! Assuntos sérios de aurors! Vamos, não podes ir e ter aventuras estilo Harry Potter sem o teu parceiro Zane, certo?

James parou no meio do Salão Principal, exasperado.

— Tudo bem! Podes acompanhar-nos, mas se o meu pai disser que tens que voltar, voltas e ficas calado. Certo?

— Uhuu! — gritou Zane, correndo à frente deles enquanto desciam os degraus até o pátio. — Vamos, meus. A aventura espera e coisas realmente bárbaras aguardam!

Harry e Titus Hardcastle estavam posicionados ao lado da cabana de Hagrid com as varinhas acesas quando os três rapazes chegaram.

— Obrigado por vires, Ted — disse Harry com o rosto impassível. — e Zane, também, a quem não esperava ver exactamente.

— Eu pedi que ele viesse, Harry — disse Ted, assumindo uma expressão grave. — É novato, mas é esperto. Pensei que poderia servir, dependendo do que vocês estejam a planear.

Ted estudou Zane criticamente. Zane apagou o sorriso do seu rosto e tentou parecer sério, sem muito êxito. Harry estudou ambos.

— Precisamos de olhos, principalmente. Já que Zane tem tantos como o resto de nós, suponho que está qualificado. Vamos esperar que a Minerva não averigue que levei outro estudante do primeiro ano à floresta ou pensará muito numa maneira de nos dar uma detenção. O James não contou o que estamos a fazer esta noite?

Ted negou com um aceno de cabeça.

— Nenhuma palavra. Apenas disse que era ultra-secreto, muito, muito secreto. Harry olhou de soslaio para James.

— A directora disse para que não dissesse nada, filho.

— Eu não disse! — protestou James, lançando uma olhar para Ted. — Apenas disse que não estava autorizado a contar a ninguém o que estávamos a fazer!

— A melhor forma de fazer que as pessoas suspeitem, James, é dizer-lhes que não perguntem — mas Harry não parecia irritado. De facto, parecia um pouco entretido. — Não importa, no entanto. Acabaremos e voltaremos ao castelo antes que os vossos amigos Gremlins montem um esquadrão de reconhecimento. Certo, Ted?

— Provavelmente, eles enfiaram-se na cama bem na hora que falamos, padrinho — disse Ted com exactidão. Harry revirou os olhos.

James começava a estar ciente de um estrondo sob os pés. Momento depois, ouviu o latido distante de Trife, o cão de Hagrid, que tinha substituído a seu querido caça javalis, Fang. Todos os presentes se voltaram para a floresta quando o retumbar sob os seus pés se converteu num batimento rítmico. Após um minuto, formas enormes agigantaram-se na escuridão, avançando entre as árvores, as suas pisadas sacudindo o solo. Trife estava cercado pelas pernas dos gigantes, aparentemente destemido do facto de que podia acabar esmagado se um deles o pisasse acidentalmente. Ladrrou excitadamente, a sua forma normalmente imponente tornava-se reduzida pelas enormes e desajeitadas figuras. Hagrid seguia-os, gritando ocasionalmente para que Trife se calasse, mas sem autêntica convicção.

— O Grawp foi fácil de convencer — gritou Hagrid, saindo da floresta. — Está sempre disposto a ajudar. Ele possui um grande coração dourado, sim. Cada vez fala melhor, também. A sua namorada, no entanto... — baixou a voz enquanto se aproximava de Harry, fingindo a postura própria de uma confidência, que James considerou tão subtil como um banshee numa caixa de fósforos. — Não está tão acostumada a estar com gente como Grawp. Também não gostou de ser acordada. Ela ajudará contanto que não abusemos com ela.

James lembrou-se que aquele era o mesmo Hagrid que criara explojentos cauda-de-fogo por diversão, e que persistia em pensar que a característica principal dos dragões era o seu encanto. Qualquer advertência vinda de Hagrid sobre o temperamento de uma criatura era, portanto, definitivamente algo que valia a pena ouvir. Todos se viraram para cumprimentar os gigantes quando emergiram dentre as árvores. Grawp chegou primeiro, piscando e sorrindo à luz das varinhas. Acenou com uma mão do tamanho de um piano para Harry.

— Ulá, Harry, — a voz de Grawp era profunda e lenta. James teve a impressão de que formar palavras não era muito o seu forte. — Como Hermani... Her..mine... nin?

Harry tentou poupar Grawp do esforço.

— Hermione está bem, Grawp. Ela diria um olá se soubesse que eu te veria.

Isso parecia mais do que a mente de Grawp podia processar.

— Ulá, Hermiii...meee....

Continuou lutando com o nome de Hermione até que a gigante emergiu com hesitação da floresta atrás dele. James esticou o pescoço, sentindo um involuntário arrepio de medo descer pela sua espinha dorsal. A gigante era tão alta que teve que separar a copa das árvores para sair da floresta, esmagando e rompendo galhos. A luz das varinhas apenas alcançava o seu peito, que estava mais ou menos à mesma altura que a cabeça de Grawp. A sua cabeça era somente uma forma sombria a mover-se sobre as copas das árvores, recortada contra o céu estrelado. Movia-se mais lentamente que Grawp, pesadamente, os seus grandes pés caindo sobre o solo como pedras de moinho, sacudindo as folhas das árvores próximas a cada passo.

— Aqui acaba-se a descrição — comentou Hardcastle, erguendo os olhos para a monstruosa figura.

— Harry, Titus, James, Zane e Ted — gritou Hagrid muito lentamente. — esta é Prechka. Prechka, estes são amigos.

Prechka agachou-se lentamente de forma a que a sua cabeça pairasse sobre o ombro de Grawp. Soltou um rosnado baixo e interrogativo que James pensou que realmente tinha feito tamborilar as janelas da cabana de Hagrid. Harry ergueu a sua varinha acendida sobre a cabeça e sorriu.

— Prechka, Grawp, obrigado aos dois por virem e por nos ajudar. Não os ocuparemos por muito tempo, espero. Hagrid explicou o que vos estamos a pedir esta noite, certo?

Grawp animou-se em falar.

— Harry procura homem escondido. Grawp e Prechka ajudam.

— Excelente — disse Harry, virando-se para se dirigir ao grupo. — Hagrid, pega no Trife e faz com que fareje o caminho. Vê se ele capta algo que conduza à floresta ou pelo lago. Se sim, envia um sinal vermelho. Ted, vens comigo e com a Prechka à floresta. Zane, James, vocês juntam-se ao Titus e ao Grawp à procura pelo perímetro do lago. Procuramos tanto um rastro como o próprio intruso, então tenham atenção para galhos partidos, distúrbios inferiores e folhas removidas, e qualquer coisa relacionada com humanos como pedaços de roupa, lixo, papéis, ou qualquer coisa desse tipo. Estão todos prontos?

— De quem estamos à procura, Harry? — perguntou Ted.

Harry já se estava a aproximar lentamente de Prechka.

— Vamos saber quando encontrarmos, não?

— CAPÍTULO 8 —

A Fortaleza da Gruta



Zane, James e Hardcastle subiram às costas de Grawp quando o gigante se pôs de cócoras. James e Zane escalaram sobre um ombro, segurando a esfarrapada e maltrapilha camisa de Grawp como apoio. Hardcastle, aparentemente ignorando o quão ridículo isso poderia parecer, sentou-se de pernas abertas sobre a nuca de Grawp, como uma criança a ser levado pelo pai. Sustentou a varinha no alto, estendendo uma auréola de luz sobre o chão ao redor deles, e depois direccionou Grawp em direcção ao lago. Quando saíram, Harry e Ted ainda procuravam a melhor maneira para subir aos ombros de Prechka.

— Precisamos duma escada, não achas? — gritou Ted.

— Façamos com que ela se incline, com as mãos sobre o chão. — gritou Harry, fazendo sinais à giganta, que se ajoelhou, mas distraiu-se com o jardim de Hagrid. Arrancou um maço de abóboras, com raízes e tudo, e começou a entulhar na boca.

— Está bem, está bem. — gritava Hagrid de modo tranquilizante. — Inclina-te um pouco. Vamos lá. Oh!

Houve um rangido de madeira triturada quando Prechka se apoiou sobre a carroça de Hagrid, reduzindo-a a farpas.

Hagrid deu umas palmadas no gigantesco cotovelo, agitando a cabeça.

— Bem, ao menos podes subir agora, Harry. Usa essa parte aí como degrau. Vamos.

Prechka estava a ser persuadida para que ficasse erecta novamente, Harry e Ted encarrapitados nos seus ombros, quando Grawp entrou pela selva que cobria o lado oeste do lago e a toda a visão dos terrenos de Hogwarts desapareceu atrás de árvores densas e troncudas.

Grawp era surpreendentemente gentil, virando-se e agachando-se para evitar ramos que poderiam bater na carga que levava. James podia sentir o peso das pegadas de Grawp a pressionar o solo, mas não experimentou as sacudidas e espancamentos que tinha esperado sentir montando sobre as costas de um gigante. Hardcastle dirigia Grawp tranquilamente, sentado quase ao lado da orelha do gigante. Ele os conduzia num ordenado ziguezague, aproximando-se do lago, e depois girando de volta para a selva abundante novamente. O seu progresso era lento e o movimento de Grawp ao caminhar começava a deixar James sonolento. Ele agitou-se para despertar, estudando o solo à procura dos sinais que seu pai descrevera. Numa tentativa de permanecer desperto, explicou a Hardcastle e Zane como vira o homem no campo de Quidditch. Falou sobre a câmara, e descreveu as outras duas vezes que já tinha visto o homem nos terrenos.

— Já viste essa pessoa três vezes, então? — perguntou Hardcastle, com a voz gravemente monótona.

— Sim. — assentiu James.

— Mas excepto o teu pai hoje à noite, mais ninguém o viu em absoluto?

James sentiu-se irritado pelo comentário, mas respondeu directamente.

— Não. Ninguém.

Permaneceram em silêncio por um momento. James supunha que tinham percorrido aproximadamente um terço do perímetro. Captava lampejos do castelo erguendo-se sobre o lago cada vez que se aproximavam da orla. Os bosques pareciam irritantemente imaculados e normais. Ouviam-se grilos a zumbir e a ranger, enchendo o ar da noite com os seus estranhos coros. Para toda parte para onde James olhava, pirilampos ponteavam as sombras e ocupavam-se das suas actividades nocturnas. Não havia sinal de que alguém tivesse atravessado aquele bosque, e muito menos recentemente.

— Para, Grawp. — disse Hardcastle de repentinamente, com voz tensa. Grawp parou obedientemente e permaneceu quieto. A sua enorme cabeça virou lentamente quando olhou em volta. James espreitou pela enorme e suja orelha de Grawp, tentando ver o que Hardcastle estava a olhar ou ouvir. Passou-se meio minuto. James sabia que não podia falar. Então, em algum lugar próximo, ouviu-se um áspero som evasivo. Algo se arrastava, invisível, através das folhas caídas e detinha-se novamente. Um ramo rangeu, como se tivesse sido pisado. O coração de James estava de repente a palpitar. No entanto, nem Grawp nem Hardcastle se moveram. James viu que Hardcastle movia a cabeça ligeiramente, tentando especificar a direcção do som.

Ouviu-se de novo, desta vez mais perto, mas ainda invisível. Estava à frente deles, atrás de uma elevação baixa na mata na lateral do caminho deles. James não pôde evitar pensar que tinha algo claramente desumano no som evasivo. Era, de certa forma, muito desenfreado. O cabelo da base de sua nuca eriçou-se.

Hardcastle deu uma ligeira palmada na parte de trás da cabeça de Grawp e apontou para o chão, inclinando-se de modo a que Grawp pudesse ver a sua mão. James sentiu o gigante baixar-se, e surpreendeu-se novamente pela lenta graciosidade do movimento. As folhas nos seus pés rangeram ligeiramente apenas quando Grawp pôs as mãos no chão. Hardcastle deslizou silenciosamente pelas costas de Grawp. Os seus olhos estavam fixos na elevação adiante.

— Fiquem com...

Foi interrompido pelo barulho do movimento evasivo novamente. Estava muito mais perto desta vez, e agora James viu movimento. Folhas mortas espalharam-se pelo ar quando uma forma grande e sombria correu pela elevação, movendo-se com horrível velocidade. Movimentava-se entre os troncos das árvores, atravessando arbustos. Parecia ter muitas pernas, e tinha uma estranha incandescência azulada que emanava da sua parte dianteira. Tremeluzia freneticamente quando a coisa se movia. Hardcastle saltou à frente de Grawp quando a coisa se aproximou. Ondeou sua varinha com a prática economia de movimentos de um aurore treinado, enviando um Feitiço de Atordoar vermelho nos galhos e folhas danificadas. A criatura mudou de rumo, passando por eles e indo para uma depressão. O cintilante brilho azul marcava o seu progresso enquanto esquivava lenhas mortas, fugindo mais profundamente para o interior da floresta.

— Fiquem com o Grawp, os dois. — rosnou Hardcastle, indo atrás da criatura às pressas. — Grawp, se alguma outra coisa que não seja eu a voltar, esmagua-a. — Ele movia-se com surpreendente agilidade para o seu tamanho. Em quinze segundos, nem ele nem a criatura em fuga podiam ser vistos ou ouvidos. Os dois rapazes saltaram dos ombros de Grawp para olhar a depressão.

— O que foi *isto*? — perguntou Zane sem fôlego.

James sacudiu a cabeça.

— Nem sequer estou certo de querer sabê-lo. Definitivamente não era o tipo de que estávamos à procura.

— Fico feliz por isso. — disse Zane com convicção.

Eles observaram a depressão pela qual Hardcastle e a criatura tinham desaparecido. O incessante coro de insectos e o lampejo dos pirilampos encheram a floresta novamente, parecendo negar que nada incomum estivesse a acontecer. Não tinha nenhum ruído ou movimento a vir da depressão.

— Quanto tempo ele vai perseguir aquela coisa? — perguntou finalmente Zane.

James encolheu os ombros.

— Até que a apanhe, suponho.

— Ou que ela o apanhe a ele. — adicionou Zane, estremecendo. — Sabes, estava a sentir-me muito melhor a respeito disto quando estava nos ombros do tipo enorme.

— Boa ideia. — concordou James, virando-se. — Ei, Grawp, que tal...?

Ele deteve-se. Grawp não estava ali. Zane e James olharam em volta durante vários segundos, ambos muito atónitos e amedrontados para dizer qualquer coisa.

— Ali! — disse Zane subitamente, apontando com um dedo em direcção ao lago. James olhou. Grawp estava a desaparecer por uma gigantesca pedra coberta de musgo, agachando-se lentamente.

— Vamos! Não vamos perdê-lo de vista!

Ambos os rapazs correram rapidamente atrás do gigante, gatinhando sobre as enormes árvores caídas e deslizando pelas rochas cobertas de folhas. Contornaram a rocha do tamanho de uma casa por onde tinham visto Grawp passar. Grawp estava agora inclusive mais longe, agachando-se sob uma árvore morta inclinada.

— Onde é que ele está a ir? — gritou Zane exasperado.

— Grawp! — gritou James, hesitando em gritar mais alto temendo atrair mais alguma criatura horrível e furtiva. A noite tornou-se turva. Pesadas nuvens escureciam a Lua, reduzindo os bosques a um emaranhado de sombras cinzentas. — Grawp, volta! O que estás a fazer?

Por vários minutos, Zane e James seguiram o rastro de Grawp, esforçando-se para passarem por leitos de riachos e sobre troncos de árvores que o gigante atravessava com um passo. Finalmente, alcançaram-no próximo da margem do lago, onde um grupo de pequenas ilhas arborizadas obscurecia a visão através da água. O ar cheirava a humidade e musgo e estava repleto de insectos que zumbiam. Grawp estava de pé sob uma árvore nodosa, extraindo metodicamente nozes dos ramos e deixando-as cair na sua boca, com casca e tudo. Ele triturava-as audivelmente enquanto os rapazs se aproximaram ofegando.

— Grawp! — gritou Zane, lutando para recobrar a respiração — O que está a fazer?

Grawp olhou para baixo ao som da voz de Zane, com expressão embaraçosa.

— Grawp fome. — respondeu. — Grawp cheira comida. Grawp come e espera. Homenzinho volta.

— Grawp, estamos perdidos agora! Titus nem sequer sabe onde estamos! — disse James, tentando controlar sua fúria. Grawp olhou-o fixamente, ainda a triturar nozes, a sua expressão demonstrava um humilde desconcerto.

— Não importa. — disse Zane. — Vamos deixá-lo mastigar algumas nozes, depois vamos fazer com que nos leve de volta para onde viemos. — deixou-se cair sobre uma rocha próxima e examinou os arranhões e feridas feitos durante a perseguição. James fez uma careta aborrecida. Sabia que era inútil discutir com o gigante.

— Tudo bem! — disse sintetizadamente. — Grawp, apenas nos leve de volta quando terminares. Entendido?

Grawp grunhiu em concordância, atirando um dos galhos da enorme árvore para ele de modo que este rangeu ameaçadoramente.

James vagou desconsolado para a margem da água, empurrando ramos e arbustos para um lado. Ali, o lago parecia-se mais com um riacho, com apenas um estreito fio de água enlameada entre a costa e uma das pantanosas ilhas. A ilha era selvagem, coberta de arbustos densos e árvores. Tinha o aspecto de um lugar que esteve debaixo da água no mínimo parte do ano. A sete metros de distância, um grupo de árvores tinha caído da ilha. James supôs que tinham sido arrancados das suas aquosas raízes por uma tempestade recente. A cena era notavelmente feia e apocalíptica no meio da noite escura.

James acabara de decidir voltar, preocupado que Hardcastle estivesse à procura deles, quando a Lua apareceu. Assim que a luz prateada se espalhou pelos bosques, James deteve-se, um calafrio lento e animado agitou-o da cabeça aos pés. Os grilos caíram repentinamente em completo silêncio. James sentia-se enraizado no lugar, congelado excepto pelos olhos, que percorriam os bosques circundantes. O silêncio dos grilos não era a única mudança. Os muitos e contínuos lampejos dos pirilampos tinham cessado também. A floresta tinha ficado completa e repentinamente imóvel à luz da Lua.

— James? — a voz de Zane veio à tona, tentativa no súbito e opressivo silêncio. — Isto é... Sabes... Normal? — ele uniu-se a James à orla do lago. — E o que está a acontecer *naquele* sítio?

James olhou para Zane.

— Que lugar? — seguiu os olhos de Zane, e então ofegou.

A ilha que estava situada exactamente afastada da costa mudara. James poderia dizer que nenhuma parte individual da ilha estava exactamente diferente. O que minutos antes pareciam árvores e arbustos totalmente ao acaso, agora, à luz prateada da Lua, pareciam-se mais uma antiga estrutura oculta. Notava-se a inquestionável sugestão de pilares e portas, contrafortes e gárgulas, todos cobertos pela vegetação natural da ilha como se fosse uma espécie de complicada ilusão de óptica.

— Não gosto do aspecto disto. — disse Zane enfaticamente, numa voz baixa.

James olhou para além. O grupo de árvores que caíra sobre a água, conectando a ilha à costa, tinha mudado também. James podia ver que tinha uma ordem nelas. Duas caídas de modo que formassem aquilo que obviamente era uma ponte. A ponte era inclusive estilizada, modelada para parecer uma cabeça de um gigantesco dragão. Uma rocha acastanhada que se destacava entre as raízes arrancadas servia como olho. Mais duas árvores, meio desmoronadas, formavam a mandíbula superior, projectando-se sobre a ponte como que para comer qualquer um que tentasse atravessá-la.

James caminhou cuidadosamente em direcção à ponte.

— Ei, tu não vais lá, ok? — disse Zane. — Isto não parece uma ideia saudável para mim.

— Vamos. — disse James, sem olhar para trás. — Disseste que querias aventura e experiências realmente selvagens.

— Bem, na verdade acho que só desejava essas coisas em doses muito pequenas. Já tive o suficiente com aquele monstro que vimos, se não te importa.

James esquivou um afloramento de arbustos e árvores delgadas e encontrou-se posicionado na boca da ponte. De perto, era inclusive mais perfeito. Tinha corrimões formados por bétulas caídas, macias e fáceis de agarrar, e as duas árvores que formavam a base da ponte estavam tão próximas, com vinhas e folhas comprimidas entre elas, que formavam uma superfície fácil de caminhar.

— Ótimo, fica aqui. — disse James sem realmente culpar Zane pela sua relutância. De qualquer forma, o mistério era estranhamente atractivo para James. Pisou a ponte.

— Ahh, meu Deus! — gemeu Zane, seguindo.

Do lado da ilha, um complicado desenvolvimento de vinhas e arvorezinhas tinha formado um conjunto de altos portais ornados. Além dele haviam sombras impenetráveis. Assim que James se aproximou mais, podia ver que as vinhas formavam um padrão reconhecível ao longo dos portais.

— Acho que diz algo. — disse, a sua voz foi quase um sussurro. — Olha. É um poema, ou uma runa ou alguma outra coisa.

Logo que foi capaz de decifrar a primeira palavra, o resto apareceu à vista, como se tivesse treinado os seus olhos para ver. Ele deteve-se e leu em voz alta:

*Quando pela luz resplandecente de Sulva
Encontrei a Fortaleza da Gruta;
Antes que a noite do tempo voltasse
Despertou o seu lânguido sonho.
Ao retorno da perturbada aurora
Sem a perda de alguma relíquia;
Passada uma vida, uma nova era,*

Algo no poema fez James estremecer.

— O que é que isto significa? — perguntou Zane quando leu pela segunda vez.

James encolheu os ombros.

— *Sulva* é uma palavra antiga para a “Lua”. Isso eu sei. Acho que a primeira parte significa que só podes encontrar este lugar quando a Lua brilha sobre ele. Isso deve ser verdade, porque quando o vi pela primeira vez na escuridão, parecia apenas uma velha ilha horrível. Então isto deve ser a Fortaleza da Gruta, seja lá o que isso for.

Zane inclinou-se.

— E sobre esta parte? “*Ao retorno da perturbada aurora*”. Dá a impressão de que devêssemos voltar quando o sol aparecer novamente, não é? Soa bastante bem pra mim.

Ignorando Zane, James fechou as mãos em volta do portal e deu-lhe um forte puxão. Agitou-se rudemente, mas não saiu do lugar. A acção pareceu disparar uma reação proveniente da ilha. Um súbito som furtivo surgiu sob os pés dos rapazes. James olhou para baixo, e então saltou para trás quando gavinhas de vinhas espinhosas cresceram da parte debaixo da ponte. As vinhas retorceram-se pelo portal, entrelaçando-se, emitindo som como jornal a queimar-se. Os espinhos eram de uma feia cor púrpura, como se pudessem conter algum tipo de veneno. Eles tornavam-se maiores enquanto James observava. Após um minuto, os portais estavam completamente cobertos por eles, obscurecendo as palavras do poema. O ruído de crescimento cessou.

— Bem, isto tranquiliza as coisas. — disse Zane de forma estranhamente alta. Estava posicionado atrás de James, retrocedendo lentamente. — Acho que este lugar quer que o deixemos em paz, não é?

— Quero testar outra coisa. — disse James, sacando sua varinha de debaixo do manto. Sem realmente pensar, apontou a varinha para o portal. — *Alohomora*.

Houve um lampejo de luz dourada, e desta vez, o resultado foi imediato e poderoso. Os portais repeliram o feitiço, devolvendo uma rajada de faíscas, e a ilha inteira pareceu estremecer, ameaçadoramente. Produziu um som, como o de milhares de pessoas a aspirar, e então uma voz, uma voz completamente desumana e pantanosa, falou.

— Fora... *Daqui!*

James retrocedeu cambaleante perante a veemência da resposta, tropeçando em Zane e caindo ambos ao chão da ponte. A ponte estremeceu sob eles, e então James viu que as portas estavam a elevar-se, inclinando-se sobre eles. As árvores superiores, as que pareciam formar a mandíbula superior da cabeça de dragão da ponte, estavam a baixar, aproximando-se ameaçadoramente, os ramos rompidos assemelhavam-se cada vez mais a dentes.

— Fora... *Daqui!* — disse outra vez a ilha. A voz soava como se formada por milhões de vozes pequenas, sussurrantes e irritantes, falando em uníssono.

O solo da ponte entortou-se, separando-se da costa. As mandíbulas superiores rangeram e começaram a desmoronar, prontas para devorar os dois rapazs. Eles gatinharam para trás, tropeçando loucamente um sobre o outro, e caíram na orla coberta de ervas daninhas ervas exactamente quando a ponte se soltava. As gigantescas mandíbulas estalaram e rangeram ferozmente. Ramos rompidos e pedaços de casca de árvore explodiram da forma retorcida, crivando James e Zane enquanto escapavam, com as mãos deslizando nas folhas mortas e folhas de pinheiro.

O terreno retumbou sob eles. Raízes começaram a brotar da terra, rompendo-a. James sentiu a orla a desintegrar-se de baixo dele. Os seus pés escorregaram para dentro de um buraco inesperado e tirou-os num puxão, evitando por pouco uma suja raiz que se contornou para fora para os apanhar. Esforçou-se para alcançar a orla que desmoronava, mas esta afundava-se abaixo dele, arrastando-o de volta à beira da água. A superfície do lago tornou-se turva, girando até formar um escoadouro. Os pés dos rapazs salpicavam na lama, e esta os sugava, puxando-os. Zane tratava de agarrar a orla enquanto eram puxados lentamente para a água espumada. James procurava apoio, mas nada parecia sólido. Inclusive as raízes reveladas pela terra que esfarelava soltavam-se e escorregavam nas suas mãos, cobertas por um horrível lodo que se desprendia em camadas.

Então, repentinamente, Grawp apareceu. Deixou-se cair de joelhos, agarrou um tronco de uma árvore próxima com uma mão e estendendo a outra para Zane, que estava mais perto. Arrancou o rapaz da escuridão e colocou-o subitamente no ombro. Zane agarrou-se num apoio na camisa de Grawp enquanto o gigante se agachava para resgatar James, que estava quase submerso nas águas que fustigavam. Uma raiz horrível e peluda serpenteou pela água e enroscou-se em volta do tornozelo de James, puxando-o de volta. Ficou ali pendurado, entre a garra de Grawp e a horrenda raiz, e estava seguro de que seria partido a meio pela força. A raiz escorregou pela perna das suas calças e arrancou o sapato. James viu como ela se retorcia avidamente ao redor do seu sapato e o puxava para baixo da superfície.

Grawp tentava manter-se de pé, mas raízes brotavam à sua volta. Enormes tentáculos de madeira envolviam as suas pernas. Vinhas verdes cresciam com a velocidade de um relâmpago sobre os tentáculos mais grossos, pregando-se no tecido das suas calças com minúsculas raízes que pareciam fios. Grawp rosnou e puxou com força, rasgando as suas calças e arrancando as raízes mais ainda da terra, mas a sua força combinada era demais. Elas puxaram-no até o fazer voltar a ajoelhar-se, e depois lançaram-se para cima, circundando a sua cintura, subindo pelas costas e ombros. As vinhas abatiam-se sobre James e Zane, ameaçando puxá-los. Grawp rugiu novamente quando uma das vinhas verdes se enroscou ao redor do seu pescoço, forçando-o a baixar-se mais, puxando-o para o escoadouro.

Exactamente quando James começava a escorregar do ombro de Grawp, puxado de volta para o solo por uma dúzia de musculosas vinhas, de repente, uma luz chocante

preencheu o ar. Era uma luz vibrante verde dourado, e estava acompanhada por um zumbido baixo. As vinhas e raízes recuaram ante a luz. Soltaram-se, repelidas por ela, mas terrivelmente relutantes em abandonar a sua presa. Ondas de luz caíam sobre elas, e a cada onda liberava o emaranhado aglomerado de vinhas menores e caía morta, e as raízes maiores recuaram, sugadas novamente para dentro da terra com um asqueroso barulho de gargarejo.

Grawp, James e Zane quase caíram, meio rastejando pela orla até que encontrassem terra firme. Ali desmoronaram, ofegando e tentando levantar-se, entre folhas mortas e galhos partidos.

Quando James girou e se colocou de joelhos, estava uma figura próxima, brilhando debilmente com a mesma luz verde dourada que tinha repellido as vinhas. James podia ver através da figura, ainda que o que viu era ao mesmo tempo iluminado e refractado, como se viam as coisas através de uma gota de chuva. A figura parecia uma mulher, muito alta e muito magra, que usava um vestido verde escuro que caía directamente das suas ancas e, aparentemente, atravessava o chão. O seu cabelo verde esbranquiçado espalhava-se e escorria ao redor da sua cabeça como uma coroa. Era formosa, mas o seu rosto estava sério.

— James Potter, Zane Walker, Grawp, filho da terra, vocês estão em perigo aqui. Devem deixar este bosque. De momento, nenhum humano está a salvo sob este dossel.

James esforçou-se para se pôr de pé.

— Quem és tu? O que foi aquilo?

— Sou uma dríade, um espírito do bosque. Consegui silenciar a Voz da Ilha, mas não serei capaz de segurar isto por muito tempo. Ela torna-se cada vez mais impaciente a cada dia.

— Um espírito do bosque? — perguntou Zane enquanto Grawp o ajudava a colocar-se de pé de forma rude. — Os bosques têm um fantasma?

— Sou uma dríade, uma árvore-espírito, o espírito de uma única árvore. Todas as árvores do bosque têm espíritos, mas têm estado adormecidos por muitas gerações, penetradas na terra, quase desaparecendo. Até agora. As náiades e as dríades foram despertadas, embora não saibamos a razão. Aqueles poucos humanos que uma vez se comunicaram com as árvores morreram e foram esquecidos. O nosso tempo passou. Apesar de convocados.

— Quem vos convocou? — perguntou James.

— Não fomos capazes de saber, apesar dos nossos maiores esforços. Há desarmonia entre nós. Muitas árvores recordam somente a serra de um homem, não a sua replantação. São velhas e estão furiosas, desejando somente prejudicar o mundo dos homens. Elas estão excedidas. Vocês experimentaram a sua fúria, ainda que não como elas queriam.

— O que queres dizer com ‘elas estão excedidas’? — perguntou Zane, dando meio passo adiante, olhando de soslaio a beleza da dríade. — É este lugar? A ilha? A... A Entrada da Encruzilhada dos Anciões?

— O tempo do homem é curto sobre a terra, mas nós árvores vemos os anos passarem como se fossem dias. As estrelas estão imóveis para vocês, mas nós observamos e estudamos os céus como uma dança. — disse a dríade, a sua voz tornando-se suave, quase sonhadora. — Desde o nosso despertar, a dança das estrelas tornou-se horrenda, mostrando milhares de destinos tenebrosos para o mundo dos homens, todos balançando no equilíbrio dos próximos dias. Apenas um possível destino sustenta o bem. O resto está carregado de derramamento de sangue e perda. Grande aflição. Tempos escuros, cheios de guerra e avareza, poderosos tiranos, famintos de terror. Muito estarão determinados no fechar deste círculo. Nós, povo das árvores, podemos apenas observar, por agora, mas aquelas de nós que permanecerem fiéis à memória da harmonia entre nosso mundo e o mundo dos homens, quando chegar o momento, nós ajudaremos como pudermos.

James estava quase hipnotizado pela voz da dríade, mas sentiu uma sensação crescente de desamparo e frustração nas suas palavras.

— Mas disseste que há uma oportunidade de evitar esta guerra. O que podemos fazer? Como podemos fazer que o único destino bom ocorra?

O rosto da dríade suavizou-se. Os seus grandes e líquidos olhos sorriam tristemente.

— Não há nenhuma maneira de prever o caminho de uma única acção. Poderia ser que o que o que já estão a fazer seja o que trará a paz. Também poderia ser que as muitas coisas que fazes pelo bem sejam as que resultarão na guerra. Deves fazer o que sabes fazer, mas somente com uma mente limpa.

Zane arriscou uma risada ridícula.

— Isso ajuda muito, sensei.

— Nas teias do destino há perigos maiores dos que conheces, James Potter. — disse a dríade, deslizando para próximo de James de modo que a sua luz brincou pelo rosto dele. — O inimigo do teu pai, e todos aqueles que o amavam, morreu. Mas o seu sangue palpita dentro de um coração diferente. O sangue do seu maior inimigo ainda vive.

James sentiu que os seus joelhos fraquejaram.

— Vol... Voldemort? — sussurrou.

A dríade assentiu, aparentemente não disposta a pronunciar o nome.

— O seu plano preferido foi frustrado para sempre pelo teu pai. Mas era infinitamente astuto. Preparou um segundo plano. Um sucessor, uma linhagem de sangue. O coração dessa linhagem bate hoje, neste momento, a não mais que uma milha de distância.

Os lábios de James tremiam.

— Quem? — perguntou com uma voz quase audível. — Quem é?

Mas a driade já estava agitando a cabeça tristemente.

— Estamos impedidas de saber. Não de fora, mas de dentro. Aquelas árvores que examinaram bem trabalham contra nós, obscurecem a nossa visão, mantêm muitas de nós adormecidas. Apenas podemos saber que esse coração está aqui, nada mais. Deves ser cauteloso, James Potter. A batalha do teu pai terminou. A tua começa.

A driade estava a esvair-se. Os seus olhos fecharam-se no momento que era levada pelo nada, já parecia adormecida.

Ouviu-se um gemido rangente, depois um respingar da ilha.

— Bem. — disse Zane com alegria maníaca. — O que me diz de voltarmos ao ombro do nosso parceiro gigante e fazer deste lugar uma memória antes que ele faça o mesmo a nós?

Os três encontraram-se com Titus Hardcastle antes de estarem a meio caminho de volta ao ponto de partida. O seu rosto parecia tempestuoso, mas tudo o que disse foi:

— Estão todos seguros?

— Seguros o suficiente. — gritou Zane de cima dos ombros de Grawp. — Mas deixe-me dizer que tivemos uma experiência estranha.

Grawp agachou-se para permitir que Hardcastle subisse em suas costas.

— Então já chega para todos, não é? — grunhiu Hardcastle.

Zane estendeu a mão, tentando ajudar Hardcastle a subir e quase conseguiu cair do seu lugar em vez disso.

— A propósito, o que era aquilo que estavas a perseguir? — disse, ofegando.

— Uma aranha. Um dos parentes da velha Aragog, sem dúvida. Mantiveram-se tranquilos nas duas últimas décadas, mas um tinha saído e achou um brinquedinho. — Hardcastle ergueu algo no alto, e James viu que era a pequena câmara de vídeo que o intruso estava a utilizar no campo de Quidditch. — Ainda funcionava quando alcancei o animal, a pequena tela estava toda iluminada. Partiu-se quando, eh, eu despachei a besta. Ao menos teve uma última e boa refeição.

James estremeceu involuntariamente enquanto Grawp começava a abrir caminho por entre o bosque.

— Realmente acha que... Ela devorou o tipo?

Hardcastle imobilizou a mandíbula.

— O círculo da vida, James. Estrictamente falando, no entanto, as aranhas não comem pessoas. Apenas sugam a seiva. Forma horrível de morrer, mas ao menos não dará mais problemas.

James não falou, mas tinha o pressentimento de que os reais problemas apenas estavam apenas a começar.



Na quarta-feira pela manhã, James sentia-se indolente e irritado quando entrou no Salão Principal para o pequeno almoço. Era uma manhã totalmente monótona, com um céu baixo e contundido preenchendo a porção alta do Salão e uma fina neblina a manchar as janelas. Ralph e Zane estavam sentados na mesa dos Slytherin, Zane soprando o seu tradicional café matutino e Ralph atacando uma laranja com uma faca de manteiga, cortando-a para a descascar. Não pareciam estar a falar muito. Zane não era tipicamente uma pessoa madrugadora, e estivera fora até tão tarde quanto James estivera. Nem Zane nem Ralph ergueram os olhos, e James alegrou-se. Ainda estava irritado e enojado com Ralph. Para além disso, no entanto, estava triste e magoado pela traição do rapaz. Tentava não sentir ressentimento por Zane por se sentar com Ralph, mas estava demasiado cansado para fazer muito esforço, e o humor da manhã não estava a ajudar.

James caminhou até a mesa dos Gryffindor, a olhar para o estrado enquanto andava. Nem o seu pai nem Titus Hardcastle estavam à vista. James acreditava que, apesar do quão tarde se tinham deitado na noite anterior, já tinham levantando e feito a sua refeição logo depois do amanhecer e já estavam prontos para as suas tarefas matinais. O pensamento de que o dia do seu pai e Titus já estava a caminho, provavelmente cheio de reuniões excitantes e intrigas sigilosas, enquanto ele estava apenas a matar a fome naquele momento a caminho de aulas e tarefas escolares obscuras, encheu-o de melancolia. Encontrou um lugar rodeado por alegres Gryffindors tagarelas, sentou-se, e começou a comer metodicamente, sem ânimo.

Na noite anterior, James ficara de pé com Titus Hardcastle, o seu pai e a Directora McGonagall por quase duas horas após retornarem do perímetro do lago. Titus enviara um sinal com a varinha logo que alcançaram o castelo, convocando Harry, Ted, Prechka e a Hagrid de volta da sua procura. Quando todos estavam reunidos novamente ao lado da cabana de Hagrid, a directora dispensou Grawp e Prechka, agradecendo formalmente a ambos pela ajuda e oferecendo um barril de cerveja de manteiga pelos seus esforços. Depois disso, o grupo convergiu para dentro da cabana de Hagrid, reuniram-se à volta de uma mesa gigantesca e dura, bebendo o chá de Hagrid, que estava suspeitosamente turvo e acastanhado e provaram-no de forma vagamente medicinal, e evitando alguns biscoitos bastante envelhecidos.

Hardcastle falou primeiro. Explicou a todos os presentes como primeiro ouvira a aranha, e então a perseguiu, deixando James e Zane sob a proteção de Grawp. Harry moveu-se no seu lugar, mas resfreou qualquer comentário. Afinal, tinha sido ele quem pedira a James que se juntasse à expedição, e concordado, embora relutantemente, a

companhia de Zane. A directora lançou um olhar longo e penetrante para Harry quando vira Zane entrar na cabana. McGonagall virou-se para Hardcastle, perguntando como ele conseguira matar a aranha.

Os olhos miúdos e brilhantes de Hardcastle cintilaram um pouco quando disse:

— A melhor forma de matar a uma aranha que não cabe debaixo da bota é arrancar-lhe as pernas. A primeira foi a mais difícil. Depois disso, fica cada vez mais fácil.

Hagrid passou uma mão pelo rosto.

— Pobre velha Aragog. Se vivesse para ver o seu filhote a tornar-se selvagem, tê-lo-ia morto. O pobre só estava fazendo o que fazem as aranhas. Não podem culpá-lo.

— A aranha tinha a câmara do intruso. — disse Harry, olhando para o objecto partido sobre a mesa. As lentes estavam estilhaçadas e a pequena tela traseira estava rachada. — Então sabemos que o homem escapou pelos bosques do lago.

— Um modo repugnante para se morrer, quem quer que ele tenha sido. — disse McGonagall.

A expressão de Harry não mudou.

— Não sabemos ao certo se a aranha o apanhou.

— Parece improvável que a coisa lhe pedisse a câmara emprestada para fazer filmes caseiros das suas crianças, não é mesmo? — retumbou Hardcastle. — As aranhas não são do tipo educado. São do tipo faminto.

Harry assentiu, ponderando.

— Provavelmente tens razão, Titus. Ainda assim, sempre existe a possibilidade de que o intruso deixasse cair a câmara e a aranha simplesmente a encontrasse. Não fará mal incrementar a segurança durante um tempo, Minerva. Ainda não sabemos como esta pessoa entrou, ou quem era. Até que nos informemos mais, temos de supôr que há a um risco de violação existente.

— Eu estou particularmente interessada em saber como esta câmara pôde funcionar dentro dos terrenos. — fungou a directora, olhando com dureza o aparelho sobre a mesa. — É bem sabido que equipamento muggle deste tipo não funciona no ambiente mágico da escola.

— Sem dúvida, senhora directora, — retumbou a voz de Hardcastle. — mas entende-se muito pouco a esse respeito. Os muggles são infinitamente inventivos com as suas ferramentas. O que uma vez foi verdadeiro pode ser que já não o seja. E todos nós sabemos que os feitiços protectores erguidos ao redor dos terrenos desde a Batalha não são tão perfeitos como aqueles mantidos pelo velho Dumbledore, que Deus o tenha.

James pensou no *GameDeck* de Ralph, mas decidiu não o mencionar. A câmara partida era a prova que precisavam de que, pelo menos, alguns aparelhos modernos funcionavam nos terrenos da escola.

Finalmente, a atenção voltou-se para James e Zane. James explicou como Grawp se afastara à procura de comida, e como os dois rapazes o perseguiram, encontrando-o ao

lado do lago e a pantanosa ilha. Zane interveio na conversa, então, descrevendo a misteriosa ilha e a ponte. Encobriu cuidadosamente a parte em que James tentara abrir os portais utilizando a magia, e James ficou feliz por isso. Parecia uma estupidez no mesmo momento em que o fez, e arrependia-se disso. Mesmo assim, naquele momento, sentira como algo natural. Eles revezaram-se a contar sobre a cabeça de dragão encantada da ponte que tentou devorá-los, e então o ataque das vinhas que quase os tinha empurrado para o escoadouro. Finalmente, James explicou a história do espírito da árvore.

— Náiades e dríades? — exclamou Hagrid com incredulidade. James e Zane se detiveram, piscando para ele. Hagrid continuou: — Bem, não são reais, são? São apenas histórias e mitos. Não são? — Dirigiu a última pergunta aos adultos presentes.

— Os bosques do lago são só uma extensão da Floresta Proibida. — disse Harry. — Se há um lugar onde coisas como as náiades e dríades podem existir, é lá. Ainda assim, se é verdade, não são vistas durante centenas de anos. Evidentemente, pensávamos nelas como um mito.

— O que queres dizer ‘se é verdade’? — perguntou James, um pouco mais alto do que pretendia. — Nós vimo-la. Ela falou connosco.

— O teu pai comporta-se como um auror, James. — disse McGonagall de forma apaziguadora. — Todas as possibilidades devem ser consideradas. Todos estavam sob grande tensão. Não é que não acreditamos em vocês. Simplesmente devemos determinar a explicação mais provável para o que vocês viram.

— Pois para *mim*, a explicação mais provável é que ela era o que disse que era. — resmungou James sob a sua respiração.

Propositalmente, não contara ao pai nem a nenhum dos outros adultos a última coisa que a dríade dissera, a parte sobre sucessor, o sangue do inimigo batendo noutra coração. Parte de sua relutância devia-se à recordação das histórias do seu pai de como o mundo mágico o tratara, Harry Potter, quando saíra do labirinto do Torneio dos Três Feiticeiros com a história sobre o retorno de Voldemort, como duvidaram dele e o desacreditaram. Outro motivo era que o seu pai nem sequer estava disposto a crer na parte sobre a dríade. Se ele duvidava disso, como poderia aceitar que a dríade previra o retorno de um novo tipo de Voldemort, através de um herdeiro, uma linhagem sanguínea? Mas o que fez James finalmente decidir não contar fora a recordação das últimas palavras da dríade: *A batalha do teu pai terminou. A tua começa.*

A conversa seguiu de forma monótona conforme todos os detalhes eram descritos e discutidos, e James crescentemente se entediava. Queria voltar para o castelo para que pudesse dormir, mas não mais que isso, queria tempo para pensar sobre o que a dríade dissera. Queria averiguar para o que servia a ilha, o que significava o poema no portal. Tentava lembrá-lo, desejando ardentemente escrevê-lo enquanto ainda estava fresco na sua mente. Estava seguro, de certo modo, de que tudo se encaixava com a história de Ausconspiração e a conspiração secreta dos Slytherin para trazer Merlin de

volta e iniciar uma guerra final com o mundo muggle. Nem sequer se perguntava mais se isso era verdade. *Tinha* que ser verdade, e estava disposto evitá-la.

Finalmente, os adultos terminaram de falar. Decidiram que a misteriosa ilha, enquanto obviamente perigosa, era precisamente um dos muitos perigos misteriosos e inexplicáveis que faziam proibida a Floresta Proibida. A principal preocupação ainda era descobrir como o intruso entrara, e assegurar-se de que mais ninguém era capaz de repetir isso. Com essa decisão, a reunião terminou.

A directora McGonagall acompanhara James, Zane e Ted de volta para o castelo, instruindo-os para que fizessem o possível para manter os acontecimentos da noite em segredo.

— Especialmente você, Mr. Lupin. — disse severamente. — A última coisa que precisamos é você e o seu bando de arruaceiros a correr pelo bosque no meio da noite tentando imitar as experiências do Mr. Potter e Mr. Walker.

Felizmente, Ted sabia o bastante para não tentar negar a possibilidade de algo semelhante. Simplesmente assentiu com a cabeça e disse:

— Sim, professora.



James apenas viu o seu pai uma vez mais durante a sua visita, e isso depois das aulas do fim da tarde, exactamente quando Harry, Titus e os funcionários do Ministério se preparavam para partir. Neville voltara a Hogwarts naquela tarde, e acompanhou James ao escritório da directora para se despedir de Harry e dos outros. O grupo planeava viajar através da Rede de Floo, como tinham chegado, e tinham escolhido a lareira da directora para partir já que era a mais segura. Se parecia estranho a Neville que o escritório agora pertencia à sua antiga professora, que ele conhecera como *Professora McGonagall*, em vez de pertencer a Albus Dumbledore, ele não o demonstrava. Mas fez uma pausa durante um momento perante o retrato do director anterior.

— Ele está fora outra vez? — perguntou a Harry.

— Acho que ele geralmente só dorme aqui. Há retratos de Dumbledore por todas as partes. — suspirou Harry. — Sem mencionar todos os seus velhos cartões de Sapos de Chocolate. Ainda aparece nelas algumas vezes só por diversão. Guardo o meu na minha carteira, só para garantir. — ele sacou a carteira e mostrou um cartão velho dele. O espaço do retrato estava vazio. Harry sorriu a Neville enquanto o guardava de volta.

Neville aproximou-se do grupo reunido ao redor da lareira. Harry agachou-se ao lado de James.

— Eu queria agradecer-te, James.

James escondeu o orgulho que se flutuava no seu rosto.

— Só estávamos a fazer o que pediste que fizéssemos.

— Não quero dizer exactamente por teres vindo connosco e ajudar-nos a descobrir o que estava a acontecer. — disse Harry, pondo uma mão sobre o ombro de James. — Quero dizer por avistares o intruso no campo e apontá-lo para mim. E por estares alerta o suficientemente para o veres as outras vezes. Tens bom olho e uma mente alerta, filho. Não deveria estar surpreso, e não estou.

James sorriu amplamente.

— Obrigado, pai.

— De qualquer forma, não esqueças sobre o que conversamos na outra noite. Lembras-te?

James lembrava.

— Nada de salvar o mundo sozinho.

Contarei, pelo menos, com a ajuda de Zane, pensou, mas não o disse, e talvez também de Ted, agora que Ralph me abandonou.

Harry abraçou o filho, e James retribuiu. Sorriram um para o outro, Harry com as mãos sobre os ombros de James, e endireitou-se, conduzindo James para a lareira.

— Diga à mãe que me estou a portar bem e que estou a comer os meus legumes. — instruiu James ao pai.

— E estás? — perguntou Harry, arqueando uma sobrancelha.

— Bem, sim e não. — disse James, um pouco desconfortável quando todos o olharam.

— Faz com que seja verdade e eu digo-lhe. — disse Harry, tirando os óculos e enfiando-os dentro do seu manto.

Momentos depois, o aposento ficou vazio excepto por James, a Directora McGonagall e Neville.

— Professor Longbotton, — disse a directora. — suspeito que será melhor que o informe sobre tudo o que aconteceu nas últimas vinte e quatro horas.

— Refere-se ao intruso no campus, senhora? — perguntou Neville.

A directora pareceu notavelmente surpreendida.

— Estou a ver. Talvez simplesmente mo possa repetir, então. Conte-me o que já ouviu, professor.

— Simplesmente isso, senhora. Corre o rumor entre os estudantes de que um homem foi visto ou capturado no campo de Quidditch ontem. A teoria comum é que era um representante da comunidade de jogos de azar que ou reportava ou influenciava na partida. Puro disparate, claro, mas suponho que será melhor deixar que as línguas se remexam e inchem com uma história tão ridícula em vez de negar qualquer coisa.

— O Mr. Potter certamente, concordaria consigo. — disse a directora subtilmente. — Embora, já que necessitarei dos seus serviços para incrementar a segurança dos terrenos, deveria explicar com precisão o que aconteceu. James, não te importas de esperar um momento, certo? Não deterei ao professor por muito tempo, e depois ele acompanha-te de volta ao corredor. — Sem esperar resposta, virou-se para Neville, iniciando uma detalhada descrição da noite anterior.

James conhecia toda a história, claro, mas ainda assim pretendeu esperar próximo da porta, tão longe da conversa quanto fosse possível. Era incómodo e vagamente irritante. Sentia-se um tanto proprietário do intruso, tendo sido o primeiro a vê-lo, e tendo sido quem o apontara no campo de Quidditch. Era como adultos a negar algo que uma criança diz, então, quando se provava que era verdade, tomavam totalmente o controlo e descartavam o menino. Compreendia que esta era outra razão pela qual não falara a nenhum adulto a respeito das suas suspeitas relacionadas com o complot Slytherin sobre Merlin. Agora sentia-se inclusive mais confiante de que devia manter o segredo, pelo menos até que pudesse provar algo substancial.

James cruzou os braços e ficou incerto perto da porta, virando-se para olhar Neville, que estava sentado em frente à mesa da directora, e McGonagall, que media os passos ligeiramente atrás enquanto falava.

— O que você está a conspirar, Potter? — uma voz baixa disse lentamente atrás de James, fazendo-o saltar. Virou-se inesperadamente, os olhos arregalados. A voz cortou-o antes que pudesse responder. — Não perguntes quem sou e não desperdices o tempo com um monte de mentiras sem propósito. *Tu* sabes exactamente quem eu sou. E *eu* sei, ainda melhor que o teu próprio pai, que estás a *conspirar* algo.

Era, naturalmente, o retrato de Severus Snape. Os olhos negros sondavam James friamente, a boca curvava-se para baixo num desdém conhecido.

— Eu... — começou James, e então deteve-se, sentindo muito fortemente que se mentisse, o retrato saberia. — Não vou contar.

— Uma resposta mais honesta que qualquer daquelas que dava o teu pai, ao menos. — disse Snape lentamente, mantendo a voz suficientemente baixa para não atrair a atenção de McGonagall ou Neville. — Uma pena que não esteja vivo ainda para ser director ou encontraria maneiras de arrancar a história de você de um modo... ou de outro.

— Bem, — sussurrou James, sentindo-se um pouco mais corajoso agora que o choque passara. — suponho que é uma sorte que já não seja mais o director, então. — Pensou que seria melhor dizer isso do que *é uma sorte que você esteja morto*. O pai de James tinha um grande respeito por Severus Snape. Inclusive tinha posto Severus como o nome do meio em Albus.

— Não tentes fazer-te de esperto comigo, Potter. — disse o retrato, mas mais cansado do que furiosamente. — Tu, diferente de seu pai, sabes suficientemente bem que fui um devotado aliado de Albus Dumbledore e tão responsável pela queda de

Voldemort como ele. O teu pai acreditava que dependia inteiramente dele ganhar todas as batalhas. Era estúpido e destrutivo. Não penses que não vi aquele mesmo olhar nos *teus* olhos há nem cinco minutos atrás.

James não conseguia pensar em nada para dizer. Apenas encontrou os olhos negros do retrato e franziu as sobrancelhas com teimosia.

Snape suspirou teatralmente.

— Segue o teu caminho, então. Tal Potter, tal filho. Nunca aprendendo as lições do passado. Mas é bom que saibas isto: estarei a observar-te, como fiz com o teu pai. Se a tua *inominável* suspeita é, contra todas as probabilidades, precisa, tem a certeza que trabalharei pelos mesmos objectivos que tu. Tenta, Potter, não cometer os mesmos erros que o teu pai. Tenta não deixar que outros paguem as consequências da tua arrogância.

A última frase acertou James no âmago. Supôs que Snape abandonaria a moldura do seu retrato após um sermão como aquele, confiante de ter tido a última palavra, mas não o fez. Ele continuou, com o mesmo olhar penetrante no rosto, lendo James como um livro aberto. Ainda assim, não tinha nada especificamente malicioso naquele olhar, apesar das palavras pungentes.

— Sim. — James finalmente encontrou sua voz. — Bem, vou-me lembrar disso. — Era uma resposta penosa e ele sabia. Afinal de tudo, tinha onze anos apenas.

— James? — disse Neville atrás dele. James virou-se e olhou para o professor — Aparentemente tiveste uma noite emocionante ontem. Estou curioso sobre as vinhas que vos atacaram. Talvez me pudesses contar algo mais sobre elas em alguma ocasião, certo?

— Claro — disse James, sentia os lábios entorpecidos. Quando se virou para a porta novamente, seguindo Neville para fora, o retrato de Snape ainda estava ocupado. Os olhos seguiram-no misteriosamente enquanto deixava o aposento.

— CAPÍTULO 9 —

Traição no Debate



A Medida que James se familiarizava com a rotina da escola o tempo parecia passar quase sem que ele notasse. Zane continuava a exceder no Quidditch, e James continuava a sentir uma incômoda mistura de emoções com o sucesso de Zane. Ele ainda sentia a punhalada de ciúmes quando ouvia a multidão vibrar por uma das bludgers bem arremessados de Zane, mas ele não poderia evitar sorrir pelo quanto o rapaz adorava o desporto, o quanto ele se deleitava em cada partida, no trabalho de equipa e na amizade. Além disso, James estava a ficar progressivamente confiante a respeito das suas próprias habilidades na vassoura. Ele praticava com Zane no campo de Quidditch muitas vezes ao anoitecer, pedindo a Zane que lhe ensinasse truques e técnicas. Zane, da sua parte, sempre se mostrava entusiasmado e disposto, dizendo a James que este, definitivamente, faria parte da equipa dos Gryffindor no próximo ano.

— Então terei de parar de praticar contigo e de te dar vantagem, sabes. — disse Zane, voando próximo a James e gritando por cima rugido do ar. — Seria como confraternizar com o inimigo. — como sempre, James não podia dizer se Zane estava a brincar ou não.

James estava a divertir-se a tornar-se mais confiante sobre a vassoura, mas também estava surpreso em descobrir que adorava futebol. Tina Curry dividira toda a

sua turma em equipa e organizou uma tabela de jogos casuais para que jogassem um contra o outro. Muitos estudantes compreenderam os conceitos essenciais do jogo e sendo competidores de coração, trabalharam para que as partidas fossem interessantes. Ocasionalmente um estudante esqueceria a natureza não-mágica do desporto e era visto a procurar freneticamente a varinha no bolso ou simplesmente a apontar para a bola e gritar algo como “*Accio bola!*”, resultando na completa interrupção da partida enquanto todos riam. Uma vez, uma Hufflepuff simplesmente agarrara a bola com ambas as mãos, esquecendo-se das regras básicas do jogo, e levou-a pelo campo como se estivesse a jogar rugby. James descobriu, um tanto relutantemente, que a avaliação da Professora Curry quanto às suas habilidades tinha se tornado bastante precisa. Ele era natural. Consegui controlar a bola facilmente com as dicas dos treinadores e ziguezagueava para cima e para baixo no campo. O seu nível de controlo da bola era considerado o melhor entre os novos jogadores, e estava em segundo na lista de goleadores, somente superado pela sétimanista Sabrina Hildegard, que, como Zane, era nascida muggle e ao contrário de Zane, jogara em ligas muggles quando era mais nova.

James e Ralph, contudo, mal se falavam. A raiva e o ressentimento inicial de James diminuiu para uma teimosa indiferença. Alguma pequena parte dele sabia que deveria perdoar Ralph, e até mesmo desculpar-se por gritar com ele naquele dia no Salão Principal. Ele sabia que se tivesse mantido a calma, Ralph provavelmente teria percebido o erro de ficar do lado dos seus colegas Slytherin. Em vez disso, Ralph parecia sentir que era a sua obrigação apoiar os Slytherin e o Elemento Progressivo tão seriamente quanto pudesse. Se não fosse pelo facto de que até mesmo o apoio de Ralph ser um tanto apático e triste, James acharia mais fácil ficar zangado com ele. Ralph usava os distintivos azuis e frequentava as reuniões do debate na biblioteca, mas ele fazia-o com uma atitude de tão persistente obrigação que isso parecia fazer mais mal do que bem. Se qualquer um dos Slytherin de facto falasse com ele, este erguia a cabeça e respondia com um ímpeto maníaco, então descorava assim que eles desviavam a atenção. Magoava um pouco a James ver aquilo, mas não o suficiente para fazê-lo mudar a sua atitude em relação a Ralph.

À noite no seu quarto ou a um canto da biblioteca, James estudava o poema que ele e Zane tinham visto no portal da Fortaleza da Gruta. Com a ajuda de Zane, anotou o poema memorizado e estava confiante que era preciso. Ainda assim, não conseguia entender muito. Tudo o que sabia com toda certeza era que as primeiras duas linhas se referiam ao facto de que a Fortaleza da Gruta apenas poderia ser encontrada à luz do luar. O resto era confuso. Ele continuou fixado sobre a linha onde se lia *Despertou o seu lânguido sonho*, perguntando-se isso se referia a Merlin. Mas Merlin não estava adormecido, estava?

— É como se ele fosse *Rip Van Winkle*. — sussurrou Zane um dia na biblioteca. — a dormir uma soneca algumas centenas de anos sob uma árvore em algum lugar. — Zane tivera de explicar o conto de fadas de Rip Van Winkle e James levou-o em

consideração. Por ouvir as conversas do seu pai com outros aurors, ele sabia que muita da mitologia muggle provinha de longos e distantes encontros com feiticeiros. Histórias de sabedoria mágica progrediram nos contos de fada muggles, tornando-se estilizados ou alterados, e cresceram nas lendas e mitos. Talvez, James meditou, esta história sobre o dorminhoco que despertava centenas de anos depois, fosse uma imitação muggle da história de Merlin. Entretanto, de modo algum isso levava James ou Zane mais perto de compreender como possivelmente Merlin poderia retornar após tantos séculos, nem oferecia pista alguma sobre quem poderia estar envolvido em tal conspiração.

À noite, quando estava a ir dormir, James frequentemente se perdia nos seus pensamentos, retornando, estranho o suficiente, para a sua conversa com o quadro de Severus Snape, que dissera que estaria observando James, mas este não conseguia imaginar como. Havia apenas um retrato de Snape nos terrenos de Hogwarts, que ele soubesse, e estava no escritório da directora. Como é que Snape poderia estar a vigiar James? Snape fora um feiticeiro poderoso, e um génio em poções, segundo os seus pais, mas como é que qualquer uma dessas coisas permitiria o seu retrato vaguear pelo castelo? No entanto, James não duvidava de Snape. Se Snape disse que o estaria a observar, James estava seguro de que, de uma maneira ou de outra, era verdade. Foi somente duas semanas depois de dar voltas na cabeça sobre a conversa que tivera com Snape que James se deu conta do mais chocante sobre o assunto. Para Snape, diferente de James e do resto do mundo feiticeiro, isso era uma conclusão previsível de que James era exactamente como seu pai. *Tal pai, tal filho*, dissera ele, com desdém. Ironicamente, de qualquer forma, para Snape, se não para alguém mais, isso não era precisamente uma boa coisa.

Enquanto as folhas na Floresta Proibida começavam a assentar nas cores vermelhas e amarelas de outono, o azul do Elemento Progressivo aumentava pelos cartazes e faixas para o primeiro debate de toda a escola. Como Ralph previra, o tema era *Reavaliação das pressuposições do passado: Verdade ou Conspiração*. Como se as palavras em si não fossem suficientes, o lado direito de cada faixa e cartaz suportava o desenho de um relâmpago que estava encantado para ser substituído por um ponto de interrogação a cada segundo. Zane, que, de acordo com Petra, era bastante bom em debater, disse a James que a comissão de debate escolar discutira durante bastante tempo sobre o assunto do primeiro evento. Tabitha Corsica não estava na comissão de debate, mas a sua colega, Philia Goyle, estava.

— Então, concluindo — Zane relatara a James. — o grupo de debate resultou num grande exemplo de democracia em ação: *eles* discutiram a noite inteira, então *ela* decidiu. — sacudiu os ombros cansadamente.

A visão das placas e faixas e, especialmente, do relâmpago inequívoco, fez o sangue de James borbulhar. Vendo Ralph numa escada a terminar de pendurar uma das faixas exactamente do lado de fora da porta da aula de Tecnomância era mais do que ele poderia suportar.

Estou surpreso por alcançares tão alto, Ralph — disse James, a fúria empurrando as palavras para fora. — com mão de Tabitha Corsica tão bem colocada no teu traseiro.

Zane, que estivera a andar ao lado de James, suspirou e entrou na sala de aula. Ralph não tinha notado James até que este falou. Olhou para baixo, a expressão surpresa e ofendida.

— Que é que isso é suposto querer dizer? — reclamou ele.

— Quer dizer, eu pensaria agora, que estarias cansado de ser o pequeno fantoche do primeiro ano dela. — James já se arrependia de ter dito qualquer coisa. O sofrimento sincero no rosto de Ralph envergonhou-o.

Ralph aprendera o seu lema muito bem, apesar de tudo.

— As pessoas da tua laia são os controladores do fantoche, alimentando-se dos temores daqueles com mente fraca para manter a demagogia do preconceito e injustiça. — disse ele, mas sem muita convicção. James revirou os olhos e foi para dentro da sala de aula.

O Professor Jackson estava ausente do seu lugar usual atrás da escrivaninha de professor. James sentou-se ao lado de Zane na fila da frente. Assim que se sentou, fez questão de contar piadas e rir com alguns Gryffindor próximos, sabendo que Ralph estava a observar pela entrada. O prazer que isso lhe proporcionou era vazio e rude, mas, apesar de tudo, era um prazer.

Finalmente, o aposento silenciou-se. James ergueu os olhos e viu o Professor Jackson a entrar, carregando algo sob o braço. O objecto era volumoso, achatado, e estava envolto por um tecido.

— Bom dia, turma. — disse ele na sua maneira usual e brusca. — As vossas composições da última semana estão com as notas sobre a minha escrivaninha. Mr. Murdock, poderia distribuí-las, por favor? No geral, não estou terrivelmente desapontado, embora eu pense que a maioria de vocês possa estar aliviada de que, geralmente, Hogwarts não se fica pela média.

Jackson cuidadosamente pôs o seu pacote sobre a escrivaninha. Assim que desenrolou o tecido em volta, James conseguiu ver que se tratava de uma pilha de três pinturas particularmente pequenas. Pensou na pintura de Severus Snape e a sua atenção despertou.

— Hoje é um dia para tomar notas, posso assegurá-los. — disse Jackson de forma ameaçadora. Organizou os quadros numa fila diante da prateleira do quadro negro. A primeira pintura era de um homem magro com óculos do tamanho de olhos de coruja e uma cabeça quase completamente calva. Ele piscou o olho em direcção à turma, a expressão alerta e ligeiramente nervosa, como se esperasse que alguém, a qualquer momento, saltasse e lhe gritasse *Buu!*. A pintura seguinte estava vazia, excepto por um fundo de madeira bastante monótono. O último mostrava um palhaço suficientemente apavorante de rosto pálido com um enorme e assustador sorriso vermelho pintado sobre a boca. O palhaço olhou de esguelha para a turma de forma estúpida e sacudiu

um pequeno bastão com uma bola na extremidade. A bola, James notou com um calafrio, era uma versão diminuta da própria cabeça do palhaço, sorrindo ainda mais anormal.

Murdock finalizou a entrega dos papéis de todos e deslizou de volta ao seu lugar. James olhou para a sua composição. À frente, na perfeita letra corrida e inclinada para a esquerda de Jackson, estavam as palavras: *Morno, mas uma linha divisória convincente. Precisa trabalhar mais a gramática.*

— Como sempre, perguntas sobre as vossas notas devem ser submetidas a mim por escrito. Mais discussões serão feitas, quando necessárias, durante o tempo em que eu estiver no meu escritório, presumindo que nenhum de vocês se lembra onde fique meu escritório. E agora, vamos prosseguir. — Jackson passeou lentamente ao longo da fileira de pinturas, gesticulando vagamente para elas. — Como muitos de vocês recordarão, na nossa primeira aula tivemos uma curta discussão liderada pelo Mr. Walker — tentou enxergar por baixo de suas espessas sobranceiras em direcção a Zane. — a respeito da natureza da arte mágica. Expliquei que a intenção dos artistas é infiltrada na tela através de um processo mágico e psico-cinético, o que permite à arte assumir um aspecto superficial de movimento e atitude. O resultado é uma pintura que se move e imita a vida ao capricho do artista. Hoje, examinaremos um tipo diferente de arte, um que representa a vida de uma maneira inteiramente diferente.

Penas rabiscaram fervorosamente, enquanto a turma se esforçava para acompanhar o monólogo de Jackson. Como de costume, andava compassadamente enquanto falava.

— A arte da pintura mágica acontece de duas formas. A primeira é simplesmente uma versão mais extravagante daquela que illustrei em aula, que é a criação de uma imagem puramente imaginária baseada na imaginação do artista. É diferente da arte muggle apenas na medida em que as versões mágicas podem mover-se e expressar emoções, baseada na intenção, e apenas dentro dos limites imaginativos, do artista. O nosso amigo, o Mr. Biggles aqui, é um exemplo. — Jackson gesticulou em direcção à pintura do palhaço. — O Mr. Biggles, com certeza, nunca existiu fora da imaginação do artista que o pintou. — O palhaço reagiu à atenção, inclinando-se na moldura, agitando os dedos de uma mão enluvada e o bastão na outra. A cabeça em miniatura do palhaço na extremidade do bastão mostrou a língua e cruzou os olhos. Jackson olhou furioso para a coisa por um momento, e então suspirou e começou a andar novamente.

— O segundo tipo de pintura mágica é muito mais preciso. Requer avançado conhecimento de feitiços e pinturas associadas a poções para recriar um individuo ou criatura viva. O nome que a Tecnomância dá a este tipo de pintura é *imago aestapeculum*, o que significa... alguém me pode dizer?

Petra ergueu a mão e Jackson acenou para que continuasse.

— Quer dizer, eu acho, algo como uma imagem viva num espelho, senhor?

Jackson considerou a resposta.

— Quase, Miss Morganstern. Cinco pontos para Gryffindor pelo esforço. A definição mais precisa do termo é “uma pintura mágica que captura uma impressão viva do indivíduo que representa, mas confinada dentro do *aetas*, ou tempo, da vida do próprio sujeito”. O resultado é um retrato que, enquanto não contém a essência viva do sujeito, reflecte cada característica intelectual e emocional do sujeito. Desta forma, o retrato não é capaz de aprender nem evoluir além da morte do sujeito, mas retém exactamente a personalidade do sujeito enquanto estritamente definida pelo tempo de vida dele ou dela. Temos aqui o Mr. Yarrow, por exemplo.

Jackson agora indicava o retrato do homem magro e bastante nervoso. Yarrow hesitou ligeiramente ao gesto de Jackson. O Mr. Biggles saltou freneticamente na sua moldura, ciumento pela atenção.

— Mr. Yarrow, quando morreu? — perguntou Jackson, passando próximo do retrato enquanto voltava a andar novamente pelo aposento.

A voz do retrato era fina como o seu dono, com um tom agudo e nasal.

— Vinte de setembro, mil novecentos e quarenta e nove. Tinha sessenta e sete anos e três meses, arredondando, claro.

— E qual, como se eu precisasse perguntar, era a sua profissão?

— Fui tesoureiro da escola de Hogwarts durante trinta e dois anos. — fungou o retrato.

Jackson virou-se para olhar a pintura.

— E o que faz agora?

O retrato piscou nervosamente.

— Como?

— Digo, com todo esse tempo que agora tem disponível. Faz muito tempo desde mil novecentos e quarenta e nove. O que faz consigo mesmo, Mr. Yarrow? Desenvolveu algum passatempo?

Yarrow pareceu mastigar os lábios, obviamente assombrado e preocupado com a questão.

— Eu... Passatempos? Nenhum. Eu... Sempre gostei de números. Tendo a pensar sobre o meu trabalho. Era o que sempre fazia quando não estava a calcular os livros. Pensava sobre os orçamentos, os números, e calculava-os na minha cabeça.

Jackson manteve contacto ocular com a pintura.

— Ainda pensa nos números? Passa o seu tempo a calcular os livros de orçamento da escola como fazia em mil novecentos e quarenta e nove?

Os olhos de Yarrow reviraram para frente e para trás, observando a turma. Parecia sentir que lhe estavam a armar uma cilada de alguma forma.

— Eh... Sim. Sim, eu penso. É apenas o que faço, entende. O que sempre fiz. Não vejo razão para parar. Sou o tesoureiro, sabe. Bem, *era*, claro. O tesoureiro.

— Muito obrigado, Mr. Yarrow. Esclareceu precisamente o meu ponto. — disse Jackson, retomando o seu circuito pela classe.

— Sempre feliz em ser útil. — disse Yarrow um pouco duramente.

Jackson dirigiu-se à classe novamente.

— O retrato do Mr. Yarrow, como alguns de vocês provavelmente sabem, normalmente está pendurado no corredor exactamente do lado de fora do escritório da directora, juntamente com muitos outros antigos funcionários da escola e do corpo docente. Temos, contudo, o segundo retrato do Mr. Yarrow, um que normalmente está pendurado na casa da sua família. O segundo retrato, como podem adivinhar, é este aqui, ao centro. Mr., Yarrow, por favor? — Jackson gesticulou em direcção ao retrato vazio no centro.

Yarrow ergueu as sobrancelhas.

— Hum? Ah. Sim, claro.

Ele moveu-se, colocou-se em pé, sacudiu alguns resquícios inexistentes de algodão dos seus mantos elegantes, e então saiu cuidadosamente da moldura do retrato. Durante alguns segundos, ambos os quadros permaneceram vazios, então Yarrow apareceu no centro do retrato. Neste estava a usar roupas ligeiramente diferentes, e quando se sentou, posicionou-se num ângulo, exibindo a protuberância do seu nariz no perfil.

— Obrigado novamente, Mr. Yarrow. — disse Jackson, inclinando-se contra a sua escrivaninha e cruzando os braços. — Embora haja excepções, tipicamente, um retrato apenas entra em actividade após a morte do sujeito. A Tecnomância não consegue explicar porque é que isto acontece, salvo que parece responder à Lei da Conservação de Personalidades. Por outras palavras, um Mr. Yarrow em qualquer momento, falando de maneira cósmica, é suficiente. — houve um murmúrio de risos suprimidos. Yarrow franziu as sobrancelhas enquanto Jackson continuava. — Um outro factor que entra em jogo uma vez que o sujeito está morto é a interactividade entre os retratos. Se há mais de um retrato de um indivíduo, eles tornam-se conectados, compartilhando um sujeito em comum. O resultado é um retrato *mútuo* que consegue manobrar de acordo com a sua vontade entre suas molduras. Por exemplo, o Mr. Yarrow consegue visitar-nos em Hogwarts, e então retornar para o retrato em sua casa quando desejar.

James esforçava-se para escrever todos os comentários de Jackson, sabendo que o professor era famoso por criar testes com perguntas que exigiam o mínimo detalhe de uma aula. Contudo, ele estava distraído dessa tarefa, pensando no retrato de Severus Snape. James arriscou erguer a mão.

Jackson avistou-o e as suas sobrancelhas ergueram-se ligeiramente.

— Alguma pergunta, Mr. Potter?

— Sim, senhor. Um retrato pode chegar a abandonar as suas próprias molduras? Pode, talvez, ir para uma pintura diferente?

Jackson estudou James por um momento, as sobrancelhas ainda erguidas.

— Excelente pergunta, Mr. Potter. Vamos descobrir, certo? Mr. Yarrow, posso solicitar os seus serviços mais uma vez?

Yarrow tentava manter a postura no seu segundo retrato, que era estudiosa e pensativa, aparentando estar ligeiramente ausente. Os seus olhos deslizaram para o lado, fitando Jackson.

— Suponho que sim. Como mais posso ajudar?

— Está ciente da pintura do bastante odioso Mr. Biggle na moldura próxima?

O Mr. Biggle reagiu à menção de seu nome fingindo um grande choque e desconfiança. Ele cobriu a boca com uma mão e piscou. A cabeça do palhaço em miniatura na ponta do bastão arregalou os olhos e assobiou. Yarrow suspirou.

— Sim, estou ciente disso.

— Poderia fazer a gentileza de entrar na pintura por um momento, sim?

Yarrow virou-se para Jackson, os olhos aquosos ampliados por trás dos óculos.

— Mesmo que fosse possível, não creio que gostaria de estar em tal companhia. Desculpe.

Jackson assentiu, fechando os olhos respeitosamente.

— Agradeço, e não o culpo, Mr. Yarrow. Não, como podemos ver. Então, enquanto uma grande quantidade de magia é necessária para criar o *imago aetaspiculum*, este não é definido para permitir a um retrato entrar a pintura de um sujeito puramente imaginário. Isso seria, de certa maneira, como tentar forçar-se a entrar pela ilustração de uma porta. Por outro lado, Mr. Biggles? — o palhaço saltou com entusiasmo à menção do seu nome mais uma vez, então olhou para Jackson com uma caricatura de intensa atenção. Jackson estendeu um braço em direção à moldura central. — Por favor, junte-se ao Mr. Yarrow no seu retrato, importa-se?

Cornelius Yarrow pareceu chocado, depois horrorizado, quando o palhaço saltou para fora da própria pintura e entrou na sua. O Mr. Biggles aterrou atrás da cadeira do Mr. Yarrow, agarrando-a à força e quase expulsando Yarrow do lugar. Yarrow balbuciou quando Biggles se inclinou pondo a sua cabeça sobre o seu ombro esquerdo, e a cabeça diminuta do palhaço em miniatura sobre o direito, assobiando na orelha do homem.

— Professor Jackson! — exclamou Yarrow, a voz elevando-se consideravelmente e tremendo à beira da inaudibilidade. — Exijo que retire isto... esta imaginação febril do meu retrato, imediatamente!

A turma irrompeu em gargalhadas quando o palhaço saltou por cima do ombro do Mr. Yarrow e aterrou no seu colo, atirando ambos os braços à volta do pescoço magro do homem. A cabeça pequena do bastão do palhaço beijava Yarrow repetidamente no nariz.

— Mr. Biggles, — disse Jackson em voz alta. — é o suficiente. Por favor, retorne ao seu quadro.

O palhaço parecia indisposto a obedecer. Ergueu-se do colo do Mr. Yarrow e escondeu-se elaboradamente atrás da cadeira do homem. Biggles espiava por cima do ombro esquerdo de Yarrow, a cabeça pequena pelo esquerdo. Yarrow virou-se e

golpeou o palhaço meticulosamente, como se fosse uma aranha na qual estava averso a tocar, mas ansioso para exterminar. Jackson apresentou a sua varinha — castanheira de trinta centímetros — da sua manga e apontou-a cuidadosamente para a moldura vazia do palhaço.

— Eu poderia alterar o seu meio-ambiente enquanto está ausente, Mr. Biggles? Precisaré retornar para ela no fim de contas. Preferiria encontrá-la repleta de algumas urtigas?

O palhaço franziu o cenho petulantemente por baixo da maquiagem e colocou-se de pé. Aborrecido, saltou para fora do quadro de Yarrow e retornou ao seu.

— Uma regra em geral muito simples. — disse Jackson, observando o palhaço lançar para ele um olhar extremamente asqueroso. — Uma personalidade unidimensional pode unir-se ao ambiente de uma personalidade bidimensional, mas não ao contrário. Os retratos estão confinados às suas próprias molduras, enquanto sujeitos imaginários podem mover-se livremente dentro e através de qualquer outra pintura que esteja ao redor. Isto responde à sua pergunta, Mr. Potter?

— Sim, senhor. — respondeu James, então disse depressa. — Mais uma coisa. Um retrato pode aparecer em mais do que uma de suas molduras ao mesmo tempo?

Jackson sorriu para James simultaneamente franzindo o cenho.

— A sua curiosidade sobre o assunto não conhece limites, é o que parece, Mr. Potter. Na realidade, isso é possível, embora seja raro. No caso dos grandes feiticeiros, cujos retratos foram duplicados demasiadas vezes, é sabido que há alguma divisão de personalidade, permitindo que o sujeito apareça em várias molduras ao mesmo tempo. Esse é o caso de Albus Dumbledore, como deve pensar. Este fenómeno é extremamente difícil de medir, obviamente, depende inteiramente da habilidade dos feiticeiros que estão no retrato. É tudo, Mr. Potter?

— Professor Jackson? — disse uma voz diferente. James virou-se para ver Philia Goyle logo atrás, a mão erguida.

— Sim, Miss Goyle. — disse Jackson, suspirando.

— Se entendo correctamente, o retrato conhece tudo o que o sujeito sabia, não é?

— Creio que isso seja evidente, Miss Goyle. A pintura reflecte a personalidade, conhecimento e experiências do sujeito. Nem mais, nem menos.

— Então, um retrato pode tornar alguém imortal? — perguntou Philia. O rosto dela, como sempre, estava estóico e impassível.

— Temo que esteja a confundir o que *parece* ser com o que *é*, Miss Goyle, — disse Jackson, olhando Philia atentamente. — e isso é um erro terrível para uma bruxa cometer. Muito da magia e muito da vida em geral, devo adicionar, é relacionado, antes de qualquer coisa, com a ilusão. A habilidade de separar a ilusão da realidade é um dos fundamentos básicos da Tecnomância. Não, um retrato é meramente uma representação do sujeito que uma vez viveu, não mais vivo do que sua própria sombra quando cai sobre o chão. Não há maneira de acreditar que isso prolongue a vida de um sujeito

morto. Apesar das aparências, o retrato de um feiticeiro ainda é simplesmente uma pintura sobre a tela.

Assim que Jackson terminou de falar, virou-se em direcção à pintura do Mr. Biggles. Com um ligeiro movimento, apontou sua varinha para a pintura, sem sequer a olhar. Um jacto de líquido claro e amarelado jorrou da extremidade da varinha e pingou sobre a tela. Instantaneamente, dissolveu a pintura. O Mr. Biggles parou de se movimentar enquanto a sua imagem se tornava baça, então escorreu livremente pela tela. O cheiro inconfundível de terebentina encheu o aposento. A turma ficou mortalmente quieta.

O Professor Jackson caminhou lentamente por trás da sua escrivaninha.

— Imaginava-me um artista quando era jovem. — disse ele, estudando a ponta da varinha enquanto se virava. — O Mr. Biggles, horrendo como era, foi um de meus melhores trabalhos. Podem supôr com liberdade que tipo de circunstância de vida me puderam conduzir a criar tal coisa, já que eu mesmo esqueci. Pensei que tivesse esquecido o Mr. Biggles também, até o encontrar no fundo de um baú enquanto me preparava para a minha viagem. Pensei — disse, dando uma olhada para a sujeira da moldura que gotejava sobre o chão. — que este seria um fim apropriado para ele.

Jackson sentou-se, cuidadosamente pousando a varinha no papel absorvente à sua frente.

— E agora, turma, que verdade da Tecnomância podemos retirar do que acabei de explicar?

Ninguém se moveu. Então, uma mão ergue-se lentamente.

Jackson inclinou a cabeça.

— Mr. Murdock?

Murdock pigarreou.

— Não tente ser um artista quando supostamente pode ser um professo de Tecnomância?

— Isso não é exactamente o que eu tinha em mente, Mr. Murdock, porém é uma verdade indiscutível, certamente. Não, a verdade que expliquei é que, enquanto um feiticeiro pinta, um retrato ou outra coisa, na verdade está simplesmente a pintar sobre a tela. — o olhar de Jackson percorreu a turma, até finalmente pousar em James. — Somente o artista original pode destruir a sua pintura. Ninguém ou nada mais. A tela pode ser partida, a moldura destruída, e os suportes cortados, mas a pintura resistirá. Continuará a representar o sujeito, não importa o que aconteça, mesmo em centenas de pedaços. Apenas o artista original pode destruir essa conexão, e uma vez que o faça, é destruída para sempre.

Quando a turma foi dispensada, James não pôde evitar atrasar o passo quando passou pela pintura destruída do Mr. Biggles. O rosto do palhaço era nada mais do que uma mancha cinzenta lamacenta no centro da tela. Tinta escorria da base da moldura, enlameando a bandeja do quadro negro, e gotejando para o chão, formando uma poça

de branco e vermelho. James estremeceu, então continuou a andar. Imaginou que nunca olharia novamente uma pintura mágica da mesma maneira. Enquanto caminhava para a próxima aula, passou por um quadro de muitos feiticeiros reunidos em torno de um globo gigantesco. Ironicamente, James notou que um dos feiticeiros, um homem sério de bigode preto e óculos, estava a observá-lo atentamente. James deteve-se e inclinou-se. O olhar do feiticeiro tornou-se mais rijo, os olhos penetrantes.

— Não tens nada com o que te preocupar. — disse James serenamente. — Eu nem sei desenhar. Arte é o departamento de Zane.

A pintura do feiticeiro fez uma careta para ele, irritada, como se James tivesse entendido tudo errado. Emitiu um barulho estranho e apontou na direcção pela qual James vinha a caminhar, como se dissesse *anda, não tens nada para ver aqui*.

James retomou os passos para a aula de Feitiços, meditando vagarosamente sobre o feiticeiro na pintura. Parecia familiar, mas James não se conseguia lembrar. No momento em que entrou na aula de Flitwick, James já tinha esquecido a pintura do pequeno feiticeiro e o seu olhar penetrante.



O dia do famoso primeiro debate escolar chegou e James surpreendeu-se por ver quantas pessoas estavam a planear assistir. Achava que os debates eram tipicamente pequenos assuntos monótonos assistidos somente pelos grupos em si, alguns professores, e um punhado de estudantes com mente mais académica. Durante o almoço naquela sexta-feira, de qualquer forma, o debate gerou o tipo de tensão tempestuosa que acompanhava certas partidas de Quidditch. A única coisa que parecia estar esquecida, contudo, eram os ataques entre os partidários. Graças às faixas e placas cuidadosamente formuladas anunciando o debate, a população estudantil estava igualmente dividida entre as duas visões do mundo que, aparentemente, não eram compatíveis a nível nenhum. O resultado foi uma tensão tétrica que preencheu os silêncios onde zombarias e insultos poderiam estar de outra forma. James não estava seriamente a considerar assistir ao debate. Agora, contudo, percebeu que o resultado do evento provavelmente afectaria toda a cultura de Hogwarts. Por esta razão, sentiu-se na obrigação de ir, até mesmo por uma crescente curiosidade. Além disso, se Zane ia debater perante uma grande porção da população escolar, parcialmente em defesa de Harry Potter, James sabia que seria importante que ele estivesse lá para mostrar o seu apoio.

Após o jantar, James juntou-se a Ted e ao resto dos Gremlins enquanto caminhavam em direcção ao evento, juntamente com os demais estudantes.

O debate aconteceria no Anfiteatro, onde apresentações e concertos eram normalmente realizados. James nunca estivera no Anfiteatro antes. A área de assentos ao ar livre, entalhada na vertente atrás da torre leste, decrescia em terraços escarpados até um imenso palco. Enquanto James caminhava pelo arco abarrotado que se abria sobre a última fila de distribuição de lugares, percebeu que o palco abaixo estava quase vazio. Uma cadeira de espaldar alto de aparência oficial estava colocada na parte posterior central do palco, ladeada por dois pódios e duas longas mesas, com cadeiras arrumadas logo atrás. O Professor Flitwick estava no palco, guiando um globo fosforescente no ar com a sua varinha, colocando-o entre vários outros que brilhavam no palco em localizações estratégicas. A cabine da orquestra tinha sido coberta com uma grande plataforma de madeira, e então arrumada com uma mesa de biblioteca e seis cadeiras. Zane explicara que os juizes se sentariam ali. O barulho da multidão de estudantes era uma tagarelice abafada, quase perdida nos ruídos normais da tarde que emanavam das colinas turvas e a floresta próxima. Ted, Sabrina e Damien lideravam o caminho numa fila a meio caminho da região central, juntando-se a um grupo de outros Gryffindor. Noah já ali estava. Acenou para James assim que tomaram os seus lugares.

— Saudação Gremlin. — disse Noah, representando, com uma cara séria, uma complicada série de gestos manuais que envolviam a saudação tradicional com a mão na testa, o punho erguido, o sacudir de ambos os cotovelos que parecia um pouco com a dança de uma galinha, e finalizava com as duas mãos enquadrando o rosto, os dedos mínimos e polegares estendidos, aparentemente imitando as orelhas de um pequeno Gremlin.

Ted assentiu, respondendo apenas com um gesto de orelha Gremlin, o qual aparentemente era o sinal de resposta.

— Os nossos amigos da M duplo cumpriram o dever para nós?

Noah assentiu.

— Fizemos um pequeno teste esta tarde sob circunstâncias controladas. Parece até melhor do que eu esperava. E, — ele adicionou, sorrindo. — eles concederam os serviços de graça. George enviou um bilhete com o pacote, pedindo apenas que lhe contássemos exactamente como funcionou.

Ted sorriu com bastante falta de humor.

— Dar-lhes-emos um relatório completo de qualquer jeito.

James cutucou Ted.

— O que está a acontecer?

— James, meu rapaz, — disse Ted, mapeando a multidão. — sabes o que o termo “negação plausível” significa?

James sacudiu a cabeça.

— Não.

— Pergunta ao teu amigo, Zane. Foi inventado pelos americanos. Vamos apenas dizer que, às vezes, é melhor não saber de nada até após o facto em si.

James encolheu os ombros, achando que estava sentado perto da ação para saber, provavelmente antes que alguém, o que os Gremlins estavam a conspirar. Alguém próximo possuía um pequeno rádio sintonizado na Rede de Rádio Mágica. A voz diminuta do locutor emitia um som distante, formando parte do ruído de fundo, até James ouvir a frase “Anfiteatro lotado”. Lançou o olhar sobre os grupos amontoados próximos do palco, e então viu o que estava à procura. Um homem alto, usando um chapéu de coco púrpura estava a falar para a ponta da varinha. O ritmo do discurso lançava pequenas baforadas de fumo da extremidade da varinha, fazendo com que formas de palavras surgissem enquanto flutuavam pelo ar. Numa mesinha próxima ao homem estava uma máquina que parecia algo como um gira-discos fora de moda com um enorme funil. As formas de palavras insubstanciais eram sugadas pelo funil imediatamente após saírem da varinha do homem. James nunca presenciara uma magia de transmissão em acção. Lia as palavras que o feiticeiro pronunciava um segundo após serem transmitidas para o rádio próximo.

— O curioso e o contencioso parecem ter-se unido igualmente em rebanhos para o acontecimento de hoje à noite. — disse o locutor — ilustrando o avançado debate sobre o actual mundo feiticeiro, tanto das políticas do Ministério e das práticas dos aurors se questionam com respeito à recente história da magia. Esta noite, através desta transmissão especial de *Notícias Mágicas da Actualidade*, veremos o que um dos mais afamados centros de aprendizagem mágica deste país pensa a respeito destes assuntos. Sou o vosso anfitrião, Myron Madrigal, falando a favor do patrocinador desta noite, *Polimento de Varinhas e Realçadores de Encantos Wymnot*: os melhores feitiços provêm de uma varinha Wymnot. Estaremos de volta para os comentários de abertura após esta importante mensagem.

O locutor girou um dedo em direcção a um assistente, que cobriu o funil com um enorme êmbolo, então pôs uma gravação no dispositivo. Um reclame do *Polimento de Varinhas Wymnot* começou a tocar no rádio próximo. James estava preocupado por debate ser transmitido para o mundo feiticeiro à solta, mas então decidiu que era melhor do que tê-lo analisado e relatado aos poucos por alguém como Rita Skeeter. Ao menos desta forma, todos os argumentos poderiam ser ouvidos na sua plenitude. Apenas poderia esperar que Zane, Petra e o seu grupo argumentassem bem contra Tabitha Corsica e a sua conspiração de dúvidas e meias verdades.

Exactamente quando o reclame de rádio terminou, Benjamin Franklyn aproximou-se do lado esquerdo do pódio sobre o palco. No rádio, a voz locutor falou num tom calmo.

— Numa ousada reviravolta dos acontecimentos, o director da escola de magia americana, Alma Aleron, Benjamin Amadeus Franklyn foi convidado a presidir ao debate de hoje à noite. Ele aproxima-se do pódio.

— Boa noite, amigos, estudantes e visitantes. — disse Franklyn, abrindo mão da varinha e elevando a sua voz clara de tenor. — Bem vindos ao debate estudantil de

Hogwarts. O meu nome é Benjamin Franklyn, e estou honrado por ter sido escolhido para apresentar os grupos de hoje à noite. Sem mais atrasos, os Grupos A e B poderiam tomar seus lugares no palco?

Um grupo de dez pessoas colocou-se de pé na fila da frente. O grupo dividiu-se, metade subindo para o lado direito e metade para o esquerdo. Colocaram-se sobre as cadeiras atrás das duas mesas enquanto Franklyn os apresentava. O Grupo A era formado por Zane, Petra, Jennifer Tellus, um Hufflepuff chamado Andrew Haubert, e um estudante de Alma Aleron chamado Gerald Jones. O Grupo B, não de maneira surpreendente, era formado na sua maioria por estudantes quintanistas a septimanistas dos Slytherin, incluindo Tabitha Corsica, o seu amigo, Tom Squallus, e dois outros, Heather Flack e Nolan Beetlebrick. A quinta pessoa à mesa, e o único mais jovem do que quinze anos, era Ralph. Sentou-se na sua cadeira tão rígido quanto uma estátua, fitando Franklyn como se estivesse hipnotizado.

— O debate de hoje à noite — Franklyn continuou, ajustando os seus óculos quadrados. — como pode ser presumido pelos espectadores e pela imprensa, trata de temas opressivos e de largo alcance. Fora dito que divergir é a maior expressão de liberdade, e que o debate e o discurso são o combustível para que uma população honrada mantenha um governo justo. Estas são as suposições básicas que nos definem, e esta noite veremos isso em acção. Vamos assumir uma atitude de respeito e de razão, sem levar em consideração as nossas próprias opiniões, com o fim de que o que ocorra aqui esta noite seja em benefício da escola e de todos que passaram pelas suas paredes. Não importa o resultado — Franklyn virou-se nesse momento, reconhecendo os dois grupos de debate sentados em cada lado. — vamos sair daqui como entramos: amigos, colegas de turma, e feiticeiros companheiros.

Houve uma rodada de aplausos os quais, James pensou, soavam mais superficiais do que apreciativos. Franklyn retirou um papel de dentro das vestes e examinou-o.

— Como foi determinado mais cedo nesta tarde por sorteio, — gritou em uma voz oficial. — o Grupo B é o primeiro a iniciar as declarações de abertura. Miss Tabitha Corsica, acredito, os representará. Miss Corsica.

Franklyn afastou-se do pódio, sentando-se na cadeira de espaldar alto na parte de trás do centro do palco. Tabitha aproximou-se do pódio esquerdo, as mãos vazias. Sorriu maravilhosamente para a multidão, parecendo dirigir-se a cada pessoa individualmente.

— Amigos e colegas de turma, professores e membros da imprensa, eu posso ser ousada em começar a apontar que as observações do nosso estimado Professor Franklyn, de facto, representam o mesmo coração do erro que sustenta a nossa discussão esta noite?

A multidão reagiu com algo parecido com uma arfada colectiva ou suspiro de antecipação. Tabitha aproveitou o momento para se virar e sorrir em direcção a Benjamin Franklyn.

— Com as minhas desculpas e respeito, Professor.

Franklyn parecia completamente imperturbável. Ergueu uma mão para ela, com palma aberta, e assentiu. *Prossiga*, o gesto parecia dizer.

— Obviamente, decoro e respeito devem ser uma regra durante um discurso como este. — disse Tabitha, retornando a sua atenção para os espectadores. — Neste respeito, não poderíamos mais concordar com o professor. Não, o erro está na última sentença do Professor Franklyn. Ele encoraja-nos, mais do que tudo, a lembrar-nos que somos todos, no fim, companheiros feiticeiros. Amigos, este é o fundamento básico de nossa identidade? Se sim, então afirmo que somos os piores dos tiranos, a mais suja categoria de invejosos. Porque não somos, abaixo das varinhas e feitiços, mais humanos que feiticeiros? Permitir que sejamos antes de tudo definidos pela nossa magia é negar a humanidade que compartilhamos em comum com o mundo não feiticeiro. Pior é alegar, por omissão, ao resto da humanidade uma posição social mais baixa e menos importante que a nossa. Agora, não relaciono tais preconceitos com o Professor Franklyn em particular. Tais preconceitos estão impregnados nos métodos e formas da política mágica actual como a magia numa vassoura. Não é a crença inata do mundo mágico que a humanidade muggle é inferior à nossa, mas é o infeliz e inevitável resultado das actuais políticas ministeriais.

“O nosso argumento esta noite é que as pressuposições da classe dirigente conduziram a este preconceito. Estas afirmações possuem três vertentes. A primeira é que a Lei do Sigilo é um meio de proteção necessário contra um mundo muggle supostamente incapaz de dividir a nossa existência. Enquanto talvez necessária numa época do passado, nós mantemos a Lei do Sigilo que agora é obsoleta, resultando apenas numa sociedade segregada que nega injustamente os benefícios que os mundos mágico e muggle poderiam obter um do outro”.

“A segunda pressuposição é que a história prova que a ideia de um congresso entre o mundo mágico e muggle apenas pode resultar em guerra. Argumentaremos que essa declaração tem sido vastamente orquestrada baseando-se numa série de incidentes históricos isolados não conectados que, por si mesmos foram desafortunados, mas relativamente importantes. O espectro do feiticeiro malvado todo-poderoso que busca dominar o mundo foi colocado a lado do preconceito da debilidade mental do mundo muggle, incapaz de aceitar a existência da sociedade mágica. Estas ameaças, insistimos, foram cultivadas pela classe mágica dirigente para manter uma cultura de medo, e dessa forma fortificando a sua própria agenda de poder e controlo”.

“E na pressuposição final, desejamos questionar a existência da tão chamada arte das ‘trevas’. Argumentaremos que a arte das ‘trevas’ é simplesmente uma forma complexa, ainda que às vezes perigosa, de magia, apenas considerada maligna porque geralmente era utilizada por aqueles que uma vez se opuseram à actual classe mágica dirigente. ‘Trevas’ é, em resumo, uma invenção do Departamento de Aurors, utilizada

para justificar o sufoco de qualquer indivíduo ou grupo pelo qual a classe dirigente se sentisse ameaçada”.

“Nós insistimos que essas três declarações formam os fundamentos das políticas de preconceito contra o mundo muggle. O nosso objectivo é igualdade, e nada menos, para o mundo dos muggles, como também para nós mesmos. Antes de tudo, antes de sermos feiticeiros, muggle ou mágico, somos em primeiro lugar e principalmente... humanos”.

Com isto, Tabitha virou-se e caminhou de volta ao seu assento à mesa do Grupo B. Houve um momento de silêncio aterrador, então, para a consternação de James, a multidão irrompeu em aplausos. James olhou ao redor. Nem todos estavam a aplaudir, mas ao menos metade, fazia-o com um vigor sombrio.

— ... carregada de apoio dos estudantes reunidos, — ouvia-se a voz no rádio dizer. — enquanto a Miss Corsica, o retrato da compostura e segurança, toma o seu lugar. A Miss Petra Morganstern, capitã do Grupo A, agora aproxima-se do púlpito...

Petra arrumou uma pequena pilha de notas sobre o pódio enquanto os ânimos acalmavam. Ergueu os olhos, sem sorrir.

— Senhoras e cavalheiros, companheiros de classe, os meus cumprimentos. — disse ela, a voz precisa e ressonante. — Os membros do Grupo B declaram que há três pontos para os seus argumentos, as “três pressuposições”. O Grupo A argumentará que há, na realidade, apenas uma “pressuposição” válida para o debate desta noite, sendo os outros argumentos completamente dependentes desta. Esta “pressuposição” é a noção de que a história, como uma ciência e um estudo, não é confiável. O Grupo B tem que nos convencer de que essa história, ao invés de ser confiável, é uma completa invenção, criada por ideias excêntricas e manipulações deliberadas de um pequeno grupo feiticeiros dirigentes inacreditavelmente poderosos. Tais indivíduos dirigentes devem ser poderosos sem dúvida, porque a história que supostamente inventaram está, de facto, ainda na memória de muitos daqueles ainda vivos hoje. Os nossos pais e avós, professores, e sim, nossos líderes. Eles estavam lá quando esta história supostamente inventada ocorreu, muita nestes terrenos em que estamos.

“Usando a lógica do grupo B, a Batalha de Hogwarts tão pouco nunca aconteceu ou ocorreu de maneira tão diferente que é completamente sem significado. Se assim é, então podemos então argumentar as suas outras “pressuposições”, como por exemplo, a afirmação que a Lei do Sigilo não é necessária e que a magia das trevas é uma invenção do Departamento de Aurors. Se, contudo, o registro histórico da ascensão do Senhor das Trevas e da sua busca sangrenta pelo poder e domínio sobre o mundo muggle são mostrados como precisos, o resto das afirmações do Grupo B decaem também. Assim, gastaremos todas as nossas energias apenas nesse argumento, com as nossas desculpas ao Grupo B.

Houve outro de carregado silêncio, precipitado pela menção do Senhor das Trevas, então uma outra explosão de aplausos, igual à explosão anterior, mas repleta de gritaria e assobios.

— Uma curta, mas eficaz declaração de abertura pela Miss Morganstern, — disse a voz do locutor. James viu o homem com chapéu de coco púrpuro e leu as suas palavras enquanto fluíam da sua varinha para o funil transmissor. Aparentemente centrada num ponto como resposta às três afirmações da Miss Corsica. Este promete ser um diálogo directo e estimulante, damas e cavalheiros.

Durante os próximos quarenta minutos, os membros de cada grupo tomariam o pódio, oferecendo argumentos e contra-argumentos, todos cronometrados e celebrados pelo Professor Franklyn. Aos telespectadores foi instruído que cessassem os aplausos, mas isso tinha-se provado impossível de evitar. Mais uma rodada de aplausos foi ouvida para o argumento de um grupo, isso pareceu animar aos defensores do ponto de vista oposto para encorajar o seu próprio lado também. A noite desceu sobre o Anfiteatro, em trevas ameaçadoras, com apenas uma pequena lua em forma de foice baixa no horizonte. Lanternas encantadas flutuavam sobre as escadarias e passagens, deixando a área de lugares nas sombras. O palco incandescia no centro, iluminado como ao meio dia pela luz produzida pelos globos flutuantes fosforescentes do Professor Flitwick. Zane contra-argumentava com Heather Flack, debatendo a afirmação de que os registos históricos sempre foram alterados pelos vitoriosos.

— Sou dos Estados Unidos, sabes. — disse Zane, dirigindo-se a Heather Flack do outro lado do palco. — Se a sua declaração é verdadeira, é algo extraordinário sobre o que aprendi sobre o terrível passado do meu país, desde o nosso tratamento aos índios americanos à caça às bruxas de Salem até aos tempos de escravidão. Se os vitoriosos constroem as nossas histórias, como saberia que até Thomas Jefferson possuiu escravos?

Benjamin Franklyn recuou quanto a isto, então assentiu lentamente, em incentivo. Os partidários do Grupo A aplaudiram de forma barulhenta.

Finalmente, sem resultados claros, os capitães de ambos os grupos aproximaram-se do pódio para os argumentos finais. Tabitha Corsica ainda era quem iniciava.

— Precio — começou ela, olhando fixamente para Petra. — que a minha oponente neste debate provou o seu ponto de vista para restringir a discussão para este único e central dogma: de que a recente história do mundo feiticeiro foi aprimorada e moldada para instigar o terror de algum inimigo lendário e monstruoso. Para ser específico, eles levantaram continuamente a imagem do “Senhor das Trevas”, como preferem chamá-lo. Se a Miss Morganstern deseja evadir as outras facetas válidas da discussão desta noite, eu concordarei. Se, como parece, ela está a desejar debater os detalhes da única figura sobre quem todos os outros detalhes giram em torno, vamos discutir o comportamento do Lorde Tom Riddle.

Suspiros distintos de surpresa e temor regaram a multidão à menção do nome de Voldemort. Até mesmo para Tabitha Corsica, pensou James, trazer à tona o assunto Tom Riddle parecia um terrível risco, mesmo que ele fosse, de facto, o coração do assunto.

— “O Senhor das Trevas”, como o Departamento de Aurors gosta de chamar Tom Riddle, — disse Tabitha Corsica na calma escuridão. — foi realmente um poderoso feiticeiro, e talvez inclusive um desencaminhado. Exaltado demais, pode ter sido. Mas o que, realmente, sabemos ao certo sobre os seus planos e métodos? A Miss Morganstern simplesmente dirá que ele era maligno. Ele era um feiticeiro das “trevas”, ela dirá, que desejava somente poder e morte. Mas na realidade existem pessoas assim? Talvez em revistas de banda desenhada. E na mente daqueles que geram medo. Mas existe alguém, na realidade, absoluta e irredimivelmente maligno? Não, sugiro que talvez Tom Riddle fosse um feiticeiro desencaminhado, mas que possuía boas intenções cujo desejo pela igualdade entre muggles e feiticeiros foi simplesmente uma noção demasiada radical para a classe mágica dirigente. Fizeram uma campanha muito cuidadosa de meias verdades e completas mentiras, todas planeadas para desacreditar as ideias de Riddle e demonizar os seus seguidores, que os meios de comunicação controlados pelo Ministério baptizaram de “Devoradores da Morte”. Apesar disso, as reformas de Riddle finalmente ganharam apoio suficiente para assumir o controlo do Ministério durante um curto tempo. Somente após um cruel e sangrento embate de velhos poderes derrotaram Riddle e seus reformistas, assassinando Tom Riddle no processo e difamando o que ele apoiava tão cruelmente quanto puderam.

Assim que Tabitha Corsica falou, um grunhido propagou-se pela multidão reunida. O grunhido cresceu entre os gritos isolados de escândalo e demandas de “*Deixem-na falar!*”. Finalmente, da mesma forma que ela finalizou, a multidão irrompeu num frenesi agitado que James achou assustador. Olhou em volta. Muitos estudantes tinham-se colocado de pé e estavam a gritar através das mãos em concha. Muitos subiram aos seus lugares, batendo pesadamente com os pés e sacudindo os punhos. James não conseguia distinguir quem, entre a multidão, estava a gritar a favor ou contra Tabitha.

Nesta altura do distúrbio, James teve a vaga sensação de que Ted Lupin e Noah Metzker se estavam a agrupar à volta de algo. Repentinamente, houve uma explosão de luz ofuscante entre eles, que os converteu em silhuetas recortadas. O raio de luz ascendeu, preenchendo o Anfiteatro com o seu brilho. E por volta dos três quilómetros de altura, a esfera de luz explodiu em milhares de luzes pequenas. A multidão enquieta-se, estupefata, cada olho inclinado para o alto. As luzes pequenas flutuaram juntas, formando figuras. Houve um suspiro colectivo quando as luzes formaram a gigantesca imagem da lendária Marca Negra: uma caveira com uma cobra a contorcer-se para fora da boca. Então, quase instantaneamente, a imagem foi subjugada pela figura de um moldado raio de luz. O raio parecia atacar o crânio, que mordeu a cobra ao meio. A metade frontal da cobra girou morta, os olhos transformando-se em pequenas cruces,

e então o crânio partiu-se ao meio. O raio desapareceu enquanto um letreiro disparou para fora do crânio partido:

Vais-te rir até pores o crânio para fora
MAGIAS MIRABOLANTES DOS WEASLEYS
Localizada na Ruela Diagonal e em Hogsmeade!
Encomendas são nossa especialidade!

Houve um longo e silencioso momento de completo atordoamento enquanto todos fitavam as letras brilhantes. Então elas se afastaram e caíram, chovendo agradavelmente no Anfiteatro. Houve uma risada dissimulada em algum lugar.

— Bem, — disse o Professor Franklyn, tendo-se colocado de pé e movido-se até ao centro do palco. — isto foi, devo admitir, uma oportuna, e de certa forma estarrecedora, diversão. — Houve algumas risadas dispersas e envergonhadas. Lentamente, as pessoas começaram a retomar os seus lugares. James virou-se na direcção de Ted e Noah, que estavam a entortar os olhos e pareciam extremamente confusos, cegos pelo pedido especial de fogos de artifício dos Irmãos Weasley.

— Malditos Weasley. Fizeram disto um serviço público de anúncio. — resmungou Ted.

Noah encolheu os ombros.

— Acho que foi por isto que foram de graça.

— Damas e cavalheiros, — continuou Franklyn. — este realmente é um assunto que desperta muita paixão entre muitos de nós, mas não devemos de nos deixar levar. A Miss Corsica fez algumas declarações que são, para muitos de nós, muito difíceis de ouvir. Contudo, este é um debate, e de onde eu vim, — disse ele com grande ênfase. — não calamos um debate simplesmente porque um argumento nos incomoda. Espero que possamos completar esta discussão com dignidade. De qualquer forma, estou certo de que a directora concordará comigo que prolongar argumentos finais será o único refúgio. Miss Morganstern, acredito que seja a sua vez.

Franklyn retomou o seu lugar, e James teve o pressentimento de que ele estava mais furioso do que fingia. Petra permaneceu parada atrás do pódio durante vários segundos, olhando para baixo. Finalmente, ergueu os olhos, obviamente abalada.

— Admito que não sei por onde começar em resposta à hipótese francamente incrível da Miss Corsica. O Senhor das Trevas não foi meramente mau porque isso era conveniente para aqueles que estavam no poder chamá-lo assim. Ele utilizava métodos repulsivos para ganhar e manter o poder. Ele era conhecido por usar livremente, e por instruir os seus seguidores a usar, todas as três Maldições Imperdoáveis. O Lorde Voldemort não estava mais interessado na igualdade muggle do que... do que... — ela deteve-se, titubeando. James pressionou os seus lábios furiosamente. Sentia muito por ela. Tinha tantas mentiras a rebater. Qualquer deslize seria considerado como se ela estivesse relutante em admitir aquelas verdades.

— Miss Morganstern, — disse Tabitha, a voz suplicante. — possui alguma base para essas afirmações, ou simplesmente está a repetir as coisas que lhe foram contadas?

Petra examinou Tabitha, o rosto pálido e furioso.

— Somente a totalidade da história registrada e as memórias vivas daqueles que experimentaram aquilo em primeira mão. — expeliu ela. — E cabe a si, sugiro, fornecer provas para as suas declarações de que Lorde Voldemort não foi tudo o que os registros aceitos nos diz que ele foi.

— Já que menciona isso, — disse Tabitha sem percalços. — acredito que há indivíduos aqui esta noite que testemunharam em primeira mão a Batalha de Hogwarts. Podemos esclarecer as coisas agora mesmo, se desejarmos, entrevistando-os em pessoa. Isto não é uma sala de audiência, de qualquer forma, então simplesmente irei perguntar o seguinte: Alguém presente pode, alguém que estava na Batalha, negar que o próprio Lorde Tom Riddle declarou, de forma que todos pudessem ouvir, que ele deplorava a perda de qualquer vida na batalha? Alguém pode negar que ele implorou aos seus inimigos para se reunir com os seus líderes pessoalmente, de modo que aquela violência pudesse ter sido evitada?

Tabitha espreitou os presentes. Houve perfeito silêncio excepto pelos zumbidos dos grilos e o rangido do vento nas árvores da Floresta Proibida.

— Não, ninguém pode negar isso porque é a verdade. — disse ela, quase com delicadeza. — Muitos morreram, obviamente. Mas é trivial que muitos morreram mais do que Lorde Tom Riddle desejava. Tudo porque aqueles que se opunham a ele não conseguiam tolerar que ele fosse conhecido como outra coisa a não ser um assassino louco.

Petra recuperou a compostura. Ela falava agora, clara e firmemente.

— E é a acção de um amante da paz procurar e matar pessoalmente a família de um bebé, e tentar matar o bebé também?

— Fala de Harry Potter, então? — disse Tabitha, sem perder um compasso. — O homem que, ironicamente, e por acaso é o Chefe do Departamento de Aurors?

— Nega que seja verdade, então?

— Eu não nego nada. Simplesmente questiono e desafio. Sugiro apenas que a verdade é algo muito mais complexa do que nos é permitido acreditar. Exponho que as alegações de assassinatos a sangue frio e ataques a crianças, todas as quais são bastante e convenientemente improváveis, se encaixam muito bem na doutrina de medo que nos governa durante estes vinte anos.

— Como ousas? — James ouviu a sua própria voz antes que percebesse o que tencionava falar. Estava de pé, apontando para Tabitha Corsica, tremendo em cólera. — Como ousas chamar o meu pai de mentiroso? Aquele monstro matou os pais dele! Os meus avós foram *assassinados* por ele, e estás aí e dizes-nos que isso é algum tipo de história inventada! Como ousas? — sua voz se rompeu.

— Sinto muito. — disse Tabitha, e o seu rosto era, na realidade, um retrato de compaixão. — Sei que acreditas que isso é verdade, James.

O Professor Franklyn colocou-se de pé e adiantava-se, mas James gritou novamente antes que Franklyn pudesse falar.

— O meu pai matou o teu grande herói! — gritou, os olhos borrados com lágrimas de fúria — Aquele monstro tentou matar o meu pai duas vezes, a segunda vez porque o meu pai mesmo se entregou a ele. O teu grande *salvador* era um *monstro*, e o meu pai finalmente o derrotou!

— O teu pai, — disse Tabitha, a voz elevando-se e tornando-se austera. — era um feiticeiro medíocre com um grande departamento de relações públicas. Se não fosse pelo facto de ele ter sido rodeado por grandes feiticeiros todo tempo, nem conheceríamos o seu nome hoje.

Com isto, a multidão explodiu novamente, ataques de ódio e gritos preencheram o espaço como um caldeirão. Houve uma confusão sobre o palco. James olhou e viu que Ralph, que nem sequer tinha falado, se levantou de um salto, derrubando a sua cadeira. Tabitha virou-se e olhou para ele, e ele encontrou os olhos dela por um segundo. *Sentate*, balbuciou ela, os olhos lívidos. Ralph devolveu o olhar, então virou decidido e abandonou o palco. James viu, e mesmo no centro da sua angústia e medo naquele quase revolução, o seu coração alegrou-se.

Não fazia sentido continuar com o debate. A Directora McGonagall uniu-se ao Professor Jackson sobre o palco e ambos dispararam chamas vermelhas das suas varinhas, restaurando a ordem no Anfiteatro. Sem preliminares, a Directora instruiu todos os estudantes a retornarem imediatamente às salas comuns. O rosto dela estava inflexível e muito pálido. Enquanto a multidão murmurava e lamentava, concentrando-se na entrada em arcada de volta ao castelo, James avistou Ralph a abrir caminho na multidão em direcção a ele. Moveu-se para o lado até o rapaz enorme o alcançar.

— Não posso mais fazer isto. — disse Ralph a James, a sua voz era baixa e os olhos abatidos. — Sinto muito por ela ter dito aquelas coisas terríveis e estúpidas. Podes continuar a odiar-me se quiseres. Mas não posso continuar com todo este lixo do Elemento Progressivo. Não sei nada a respeito dele, na verdade, excepto que é trabalhoso demais ser tão... tão *político*.

James não pode evitar sorrir.

— Ralph, és um cavalheiro. Eu não te odeio. Eu deveria desculpar-me.

— Bom, vamos-nos desculpar depois, certo? — disse Ralph, tomando seu caminho em direcção à passagem em arcada com James seguindo o seu rastro. — Agora, eu só quero sair daqui. A Tabitha Corsica está a perfurar-me com os olhos desde que deixei o palco. Além disso, o Zane diz-me que o Ted nos convidou para ir à vossa sala comum. Quer festejar por ter vencido um membro do Grupo B.

— Isso não te vai incomodar? — perguntou James.

— Nada. — respondeu Ralph, encolhendo os ombros. — Vale a pena. Os Gryffindor têm os melhores aperitivos.

— CAPÍTULO 10 —

Férias em Grimmauld Place



Na segunda-feira seguinte, James, Zane e Ralph ficaram de pé do lado de fora da porta da aula de Transfiguração Avançada da Directora McGonagall até ao último dos seus alunos sair e ela estivesse a reunir as suas coisas.

— Entrem, entrem. — disse ela para os três rapazs sem erguer os olhos. Parem de se esconder aí do lado de fora como abutres. Como posso ajudá-los?

— Senhora Directora, — começou James hesitantemente. — queremos conversar consigo sobre o debate.

— Queres? Agora? — perguntou ela, erguendo os olhos para James durante um momento, e então pondo a sua bolsa ao ombro. — Ufa, não consigo imaginar a razão. Quanto mais depressa esquecermos todo aquele fiasco, melhor.

Os rapazs dispersaram-se para seguir a directora enquanto ela caminhava em direcção à porta.

— Mas ninguém o está a esquecer, professora. — disse James rapidamente. — Foi disso que toda gente falou durante toda semana. As pessoas estão realmente muito agitadas com isto. Ontem quase aconteceu uma briga no pátio, quando Mustrum Jewel

ouviu Reavis McMillan chamar Tabitha Corsica de mentirosa ridícula. Se o Professor Longbottom não estivesse por perto, Mustrum provavelmente teria acabado com Reavis.

— Isto é uma escola, Mr. Potter, e uma escola é, na sua forma mais simples, um lugar onde jovens se reúnem. Jovens são, ocasionalmente, propensos a ter disputas. Isso é o porquê, dentre outras razões, de Hogwarts empregar o Mr. Filch.

— Não era uma disputa, professora. — disse Ralph, seguindo a directora pelo corredor afora. — Eles estavam realmente malucos. Loucos imbecis, se percebe o que quero dizer. As pessoas estão a perder o controlo com esta coisa toda.

— Então, como o Mr. Potter diz, foi sorte que o Professor Longbottom estava por perto. Não consigo ver, precisamente, qual é o seu problema.

Zane trotava para acompanhar os passos largos da directora.

— Bem, o problema é, só estávamos a perguntar-nos o porquê de estar a deixar tudo isto acontecer? Quero dizer, a professora estava lá quando a Batalha aconteceu. Sabe como é que esse tal de Voldemort era. Poderia dizer a todos como aconteceu e pôr a Tabitha Corsica no lugar dela, simples como quiser.

McGonagall deteve-se repentinamente, fazendo os rapazs tropeçar para pararem próximos dela.

— Devo perguntar, o que é que vocês os três desejariam que eu fizesse? — disse ela, baixando a voz e olhando para cada um. — A verdade sobre o Senhor das Trevas e os seus seguidores tem sido conhecimento comum durante trinta anos, desde que assassinou os seus avós, Mr. Potter. Vocês acham que eu repetir isto mais uma vez irá dissipar toda a multidão de revisionistas que existe hoje, não somente dentro desta escola, mas por todo o mundo feiticeiro? Hum? — os olhos dela eram como lascas de diamante quando os fitava. James percebeu que ela, de facto, ainda mais agitada com o debate do que eles. — E suponham que eu convoque a Miss Corsica para a minha sala e a proíba de disseminar todas estas mentiras e distorções. Acham que este “Elemento Progressivo” deles irá simplesmente desistir? E quanto tempo acham que passaria antes de estarmos a ler um artigo no *Profeta Diário* sobre como a administração de Hogwarts está trabalhando com o Departamento de Aurors para sufocar “o livre intercâmbio de ideias nos terrenos da escola”?

James estava impressionado. Presumira que a directora estava a ceder ao desejo de Tabitha Corsica por alguma razão, permitindo, durante algum tempo, que continuasse a sua farsa. Simplesmente não lhe ocorrera que McGonagall pudesse, de facto, ser capaz de falar sobre o problema sem o tornar pior.

— Então que fazemos, professora? — perguntou James.

— Nós? — disse McGonagall, erguendo suas sobancelhas. — Meu caro, James, eu admito que me impressiona. Apesar do que acreditas, o futuro do mundo feiticeiro, de facto, não descansa sobre os teus ombros e dos teus amigos. Ela viu a expressão aborrecida no rosto dele, e então lançou-lhe um dos seus raros sorrisos. Inclinou-se um

pouco para falar mais conspiradora, dirigindo-se a todos os três rapazs. — A memória revivida do Senhor das Trevas não é uma preocupação demasiado grande para aqueles que uma vez encararam a coisa viva. Isso é um capricho na mente de uma população instável, e por mais irritante que possa ser, passará. Por enquanto o que vocês podem fazer é assistir às vossas aulas, fazer os vossos trabalhos de casa, e continuar a serem os rapazes perspicazes e de bom ânimo que vocês obviamente são. E se alguém ao redor tentar dizer que Tom Riddle foi um homem melhor que Harry Potter, vocês tem minha permissão, inclusive a minha instrução, de transfigurar os sumos de abóbora desses indivíduos em água pestilenta. — ela olhou seriamente para os três rapazs, um por um. — Apenas lhes digam que vos aconselhei a praticar esse feitiço em particular. Entenderam?

Zane e Ralph sorriram um para o outro. James suspirou. McGonagall assentiu de forma curta, endireitou-se e continuou o seu caminho rapidamente. Após cinco passos, ela virou-se novamente.

— Ah, e rapazs?

— Sim, senhora? — disse Zane.

— Dois toques rápidos e a palavra “*pestimonias*”. Ênfase na primeira e terceira sílaba.

— Sim, senhora! — respondeu Zane novamente, sorrindo.



O ano escolar transcorreu através do Outono, aproximando-se das férias de Inverno. O campo de futebol tornou-se um tapete de folhas, que eram pisadas e esvoaçavam sob os pés das equipas da Professora Curry, de Estudo dos Muggles. O torneio não oficial de futebol finalizou com a equipa de James a ganhar. O próprio James marcou o golo de vitória, o seu terceiro do dia, contra o keeper Horace Birch, o Gremlin dos Ravenclaw. A equipa juntou-se à sua volta, saltando e gritando como se tivessem acabado de conquistar a Taça das Equipas. De facto, a equipa da equipa vencedora recebeu a recompensa de cem pontos da Professora Curry, sendo este o melhor prémio que ela poderia oferecer. A equipa circundou James, levantando-o nos seus ombros e carregando-o para o pátio como se ele estivesse acabado de retornar da caça bem sucedida de um dragão. Ele sorria tanto que as suas bochechas ficaram vermelhas como beterraba ao vento fresco de Outono, e o seu ânimo estava maior do que estivera todo o ano.

A rotina de aulas e trabalhos de casa, que tinham sido assombrosas durante as primeiras semanas, tornaram-se tediosos e previsíveis. O Professor Jackson designou intermináveis e aterradoras composições e realizava inocentes exames surpresa para a turma a cada poucas semanas. Zane contava a James e Ralph histórias divertidas de confrontos entre a Professora Trelawney e Madame Delacroix na terça-feira no Clube de Astronomia, o qual, como a aula de Adivinhação, ambas as professoras compartilhavam. No campo de Quidditch, James continuava a avançar nas suas habilidades na vassoura com a ajuda de Ted e Zane e até ele se começou a sentir cuidadosamente confiante que poderia, de facto, fazer parte da equipa dos Gryffindor no próximo ano. Começou a imaginar quão valioso seria destacar-se nos testes de aptidão do próximo ano e fazer com que todos esquecessem as suas tentativas no primeiro ano. Zane, por sua vez, continuava a voar consideravelmente bem para Ravenclaw. Baseando-se nos seus únicos antecedentes muggles, inventou um movimento o qual chamou de “zumbir a torre”, no qual ele atirava uma bludger em torno da cabine de imprensa, deixando-o ganhar velocidade enquanto circulava de volta, e então o encontrava do outro lado, golpeando-o novamente para adicionar mais velocidade e um pouco de direcção. Utilizando este truque, conseguira derrubar completamente dois jogadores das suas vassouras, enviando-os para algumas arrependidas visitas à ala hospitalar.

A vida de Ralph na Casa de Slytherin tornara-se dura durante um tempo. Tabitha nunca falara, de facto, com ele a respeito da sua deserção do palco de debate ou do seu abandono das reuniões do Elemento Progressivo. James e Zane concluíram que ele tinha deixado de ser útil para ela quando voltou a ser amigo de Zane. Finalmente, os Slytherin veteranos simplesmente esqueceram de James, com a excepção de alguns olhares indiferentes e comentários nocivos na sala comum de Slytherin. Então, de maneira surpreendente, Ralph começou a ser amigo de alguns Slytherin primeiros anos e segundanistas. Diferente dos que usavam os distintivos azuis, nenhum deles parecia ter todo aquele interesse no amplo mundo das políticas e causas. Sem dúvida, tinha uma espécie de astúcia suspeita inclusa nos Slytherin quintanistas, mas dois deles pareciam genuinamente gostar de Ralph, e inclusive James teve de admitir que eram engraçados, de uma maneira duplamente entusiasmada.

Defesa Contra as Artes das Trevas tornou-se a aula favorita de James, Zane e Ralph. O Professor Franklyn leccionava uma aula demasiadamente prática, com histórias excitantes e exemplos reais extraídos das suas próprias longas e admiráveis aventuras. James, sem surpreender ninguém, era um óptimo duelista. Admitiu, com um sorriso tímido, que tinha aprendido muitas técnicas defensivas com o seu pai. Ninguém, contudo, incluindo James, estava disposto a enfrentar Ralph num duelo. As habilidades da varinha de Ralph extraordinariamente eram errantes quando se tratava de lançar feitiços defensivos. Na primeira vez que duelara, tentara um simples *Expelliarmus* em Victoire. Ele sacudiu a sua varinha, um pouco selvagememente, e um raio azul irrompeu

da extremidade, chamuscando o cabelo de Victoire de modo que uma tira áspera e calva correu directamente através do alto da sua cabeça. Ela deu-lhe ume estalo, e em seguida seus olhos quase ejetaram das órbitas. Gritou enraivecida e teve de ser impedida de saltar em cima de Ralph por três estudantes, que era três vezes o seu tamanho. Ralph afastou-se, desculpando-se abundantemente, a varinha ainda a soltar fumo.

Apenas uma vez, numa noite na sala comum dos Ravenclaw, alguém teve a ousadia de mencionar o debate a James, Zane e Ralph. Eles estavam a finalizar os seus trabalhos de casa quando um enorme quartanista chamado Gregory Templeton sentou-se na mesa em frente a eles.

— Ei, vocês estavam naquele debate, não? — disse ele, indicando Zane e Ralph.

— Sim, Gregory. — disse Zane, enfiando seus livros na mochila. A sua voz denunciava a sua antipatia pelo rapaz.

— Era aquele que estava na mesa com a Corsica, certo? — disse Gregory, virando-se para Ralph.

— É, sim, — disse Ralph. — mas...

— Diz-lhe que ela está certa, ok? Li um livro que conta tudo sobre a coisa toda. Chama-se *A Conspiração Dumbledore* que diz tudo como o velho e aquele Harry Potter inventaram tudo, do começo ao fim. Sabes que eles inventaram toda a história sobre Riddle e as Horcruxes na noite em que o velho morreu? Inclusive alguns dizem que foi o próprio Harry Potter que o matou, uma vez que concluíram tudo.

James esforçou-se para se controlar. Olhou de maneira igualitária para Gregory.

— Sabes quem eu sou?

Zane encarava com dureza a garrafa que Gregory segurava.

— Ei, — perguntou com forçada casualidade, sacando da varinha às escondidas. — o que estás a beber?

Noventa segundos depois, James, Zane e Ralph dispersaram enquanto Gregory cuspiu água pestilenta por toda a mesa da sala comum.

— Estava a praticar! — gritou Zane, baixando-se por baixo dos braços estirados de Gregory. — Eu juro! Eu devia praticar aquela transfiguração! A tua bebida estava justamente no caminho! Pergunta à McGonagall!

Os três rapazes escaparam com êxito do aposento, rindo alto na confusão que se sucedia.



Perto do Natal, James estava pronto para um descanso. Após o almoço no seu ultimo dia de aulas, James subiu para o dormitório dos Gryffindor para arrumar as malas. O céu lá fora estava fresco e cinzento, fazendo-o desejar a lareira magnífica que havia em Grimmauld Place, número doze, e um dos chocolates quentes demasiadamente complicados de Kreacher, que consistia, na última contagem, em catorze ingredientes sem nome, incluindo, ele assegurou-se, pelo menos uma pitada de chocolate autêntico.

— Ei, James, — a voz de Ralph chamou das escadas. — estás aí em cima?

— Sim! Sobe, Ralph!

— Obrigado. — ofegou Ralph, subindo os degraus. — Subi com a Petra depois do almoço. Ela disse-me que estavas a arrumar as malas. Suponho que todos estão entusiasmados para ir.

— Sim! Todos irão à antiga sede para as férias este ano. Os tios George e Ron, as tias Hermione e Fleur, Ted e a sua avó, Victoire, inclusive Luna Lovegood, que não conheces, mas ficarias entusiasmado com ela. Ela é a adulta mais esquisita que já encontrei, mas duma boa maneira. Na maioria das vezes. De qualquer forma, o avô e a avó não estarão lá. Eles foram visitar o Charlie e toda a gente em Praga este ano. Ainda assim, acho que o Neville estará lá. Digo, o Professor Longbottom.

Ralph assentiu com mau humor, fitando o malão de James.

— Parece ótimo. Sim, bem, espero que tenhas um feliz Natal e tudo mais, então.

James parou de arrumar as suas coisas, lembrando-se que o pai de Ralph estava a viajar em negócios durante as férias.

— Oh, sim. Então e o que vais fazer, Ralph? Passar o Natal com os teus pais ou qualquer coisa?

— Hum? — disse Ralph, erguendo os olhos. — Ah. Nada. Parece que ficarei a rodar por aqui durante as férias. O Zane não vai até à próxima semana, então pelo menos o terei para andar por aí durante a semana. Depois disso... bem, eu verei o que farei comigo mesmo. — suspirou.

— Ralph, — disse James atirando um par de peúgas diferentes no seu malão. — queres vir e passar o Natal comigo e a minha família?

Ralph tentou parecer surpreso.

— O quê? Não, não, eu nunca iria querer atrapalhar a reunião da tua grande família, sabes... Eu não poderia. Não...

James franziu o cenho.

— Ralph, seu estúpido, se não vieres para casa comigo, irei pessoalmente lançar transfigurações aleatórias em ti com a tua própria varinha. Que tal isso, então?

— Bem, não precisas ficar agressivo por causa disso! — exclamou Ralph, então o rosto abriu-se num sorriso. — Os teus pais não se importarão?

— Não. Para falar a verdade, com todas as pessoas que entrarão e sairão daquele lugar, não tenho certeza se eles sequer vão notar.

Ralph revirou os olhos.

— Estou a falar sobre eu ter estado no... sabes, do lado errado do debate e tudo mais.

— Eles escutaram pelo rádio, Ralph.

— Eu sei!

— E não disseste uma palavra.

Ralph abriu a boca, e então fechou. Pensou durante um momento. Finalmente, ele sorriu e caiu subitamente sobre a cama de Ted.

— Ah, certo. Então dizes que a Victoire estará lá?

— Não venha com ideias. Ela é parte *veela*, sabes. Ela lança mau olhado em qualquer tipo que chegue a três metros dela.

— Eu apenas queria tentar que ela me perdoasse. Sabes, sobre o incidente ocorrido na aula de D. C. A. T.

James fechou seu malão.

— Ralph, camarada, quanto menos falares a esse respeito, melhor.



Na manhã seguinte, estavam poucas pessoas a tomar o pequeno almoço. Uma grossa camada de orvalho tinha caído mais cedo desenhando formas prateadas nos cantos das janelas e fornecendo visões além de um branco fantasmagórico. James e Ralph chegaram ao mesmo tempo e encontraram Zane na mesa dos Ravenclaw.

— És um tipo com sorte, Ralph. — disse Zane irritadamente, aconchegando-se em torno da sua chávena de café. — Estou mortinho para ver como é um Natal mágico.

— Para falar a verdade, — disse James, servindo-se de sumo de abóbora. — duvido que seja como imaginas.

— Talvez estejas certo. Inclusive nos melhores momentos, eu devo admitir, isto aqui parece-se um pouco com o Dia das Bruxas.

— Ei, Ralph, — disse James, acotovelando o rapaz maior. — espera até veres o nosso tradicional desfile de Natal de vampiros! Teremos morcegos recheados com rebuçados para comer e beberemos chocolate quente de crânios de elfo!

Ralph pestanejou. Zane pareceu irritado e revirou os olhos.

— Está bem, sim, seu engraçadinho.

— Vamos lá. — disse Ralph, finalmente entendendo a piada. — Terás um ótimo Natal com a tua família. Ao menos vais ver os teus pais.

— Sim, claro. Um voo de oito horas de volta aos Estados com minha irmã, Greer, a incomodar-me o tempo inteiro sobre a vida na escola de magia maluca. Ela vai ficar desapontada em saber que a única maneira pela qual posso atacar as coisas com a minha varinha é golpeá-las com ela.

— Não somos permitidos de praticar magia fora de Hogwarts. — disse Ralph de forma instrutiva.

Zane ignorou-o.

— E então o Natal com meus pais e todos os meus primos em Ohio. Vocês não têm noção do tipo de loucura que sempre foi.

James não conseguiu evitar perguntar.

— Como assim?

— Imagina toda a cena do Natal tradicional americano, pintada ao estilo Norman Rockwell, certo? — disse Zane, erguendo os braços como se emoldurasse um quadro. — Abrir presentes, trincar o peru, e cânticos perto à árvore de Natal. Entenderam? — James e Ralph assentiram, tentando não sorrir da expressão séria de Zane.

— Tudo bem. — Zane continuou. — Agora imagina *hinkypunks* em vez de pessoas. Vocês conseguem apanhar a ideia.

James explodiu de riso. Ralph, como de costume, apenas pestanejou e olhou para a frente e para trás entre os outros dois rapazes.

— Isso é fantástico! — assobiou James.

Zane sorriu relutantemente.

— Sim, bem, é bastante engraçado, eu acho. Os gritos e arranhões, todos esses pedacinhos de presente a voar por todos os lados, aterrando na lareira e a quase incendiar o local completamente.

— O que é um *hinkypunk*?

— Pergunta ao Hagrid na próxima aula de Cuidados com as Criaturas Mágicas. — disse James, ainda a rir. — Tudo fará sentido.

Mais tarde naquela manhã, Ralph e Zane despediram-se de Zane, então arrastaram os seus malões até o pátio. Ted e Victoire já lá estavam, sentados nos seus malões no alto da escada, dispostos contra os terrenos estranhamente silenciosos e cobertos de gelo. O cabelo de Victoire crescera novamente graças a Madame Curio na ala hospitalar, mas o novo cabelo estava diferente o suficiente em textura e cor para ser notável. Como resultado, Victoire tivera de usar uma incrível variedade de chapéus que, de facto, aprimoravam a sua aparência, mas ela reclamava a respeito deles a cada oportunidade. Hoje, ela usava uma pequena boina de pele, inclinada atrevidamente sobre a sua sobancelha esquerda. Ela fitou friamente Ralph quando este deixou cair o seu malão sobre a escada. Alguns minutos depois, Hagrid chegou a conduzir uma carruagem. Ralph ficou boquiaberto quando viu que nada visível estava a puxar a carruagem.

— Não verão isto até ao próximo ano. — disse Hagrid para James e Ralph. Ele puxou com força o travão, desceu, e começou a arremessar as malas facilmente na parte traseira da carruagem. — Então tenham certeza de ingerem surpresa quando os viram no próximo ano, certo?

— Ah, Hagrid, — disse Victoire arrogantemente. — se essas *coissas terrrríveis* são tão feias quanto a mãe me diz, estou feliz por não vê-las, de *qualquerr* forma. — ela ergueu uma mão e Ted pegou-a, ajudando-a o suficiente necessário para entrar na carruagem.

Havia alguns outros estudantes comprimidos dentro da carruagem, todos partindo para as férias de modo similar. Hagrid conduziu-os até à estação de Hogsmeade, onde embarcaram no Expresso de Hogwarts novamente. O comboio estava muito mais vazio do que estivera na viagem de chegada. Os quatro encontraram um compartimento quase ao fundo, então acomodaram-se para a longa viagem.

— Então, Hogsmeade é um povoado feiticeiro? — perguntou Ralph para Ted.

— Exactamente. Lar do Três Vassouras e Doces dos Duques. Os melhores cachos de barata do mundo. Muitas outras lojas também. Poderás ir a Hogsmeade nos fins-de-semana a partir do terceiro ano.

Ralph pareceu pensativo, o que significava que a sua sobrancelha descia enquanto o lábio inferior saltava, espremendo o rosto inteiro em direcção ao nariz.

— Então como os feiticeiros mantêm os muggles longe dos povoados mágicos? Quero dizer, não há nenhum caminho ou algo parecido?

— Pergunta trapaceira, companheiro. — disse Ted, sentando-se e relaxando os ombros em seu assento e retirando os sapatos.

Victoire enrugou o nariz.

— Mantenha esses pés imundos longe de mim, Mr. Lupin.

Ted ignorou-a, esticando as pernas através do compartimento e descansando os pés no assento oposto.

— Estou na aula de Tecnomância Aplicada Avançada do velho Cara de Pedra este semestre, e tudo o que posso dizer é que lugares como Hogsmeade não são exactamente escondidos porque os muggles não conseguem encontrar um caminho de entrada. É tudo quântica. Se a Petra estivesse aqui, ela poderia explicar melhor.

James estava curioso.

— O que é “quântica”?

Ted encolheu os ombros.

— É uma piada na T.A.A. Quando em dúvida, diz apenas “quântica”. — suspirou resignadamente, reunindo seus pensamentos. — Tudo bem, imagina que há lugares na terra que são como um buraco no espaço remendado com borracha, sim? Não podes dizer que parte alguma seja diferente da parte superior, mas talvez um pouco maleável ou algo assim. Então, digamos, que aparece um feiticeiro que realmente conhece a sua quântica. Ele diz, “Oh, aqui é um lugar onde podemos erguer um maravilhoso povoado feiticeiro”. Então o que ele faz é conjugar uma espécie de grande peso mágico, mas que é

realmente muito pequeno, certo? E o peso cai dentro da da realidade de borracha e desce, desce, desce. Certo. Então o peso empurra a realidade de borracha até passar para dentro doutra dimensão, criando um túnel na forma de espaço-tempo.

— Espera. — disse Ralph, franzindo as sobrancelhas em concentração. — O que é o espaço-tempo?

— Esquece. — disse Ted, acenando sem interesse. — Não importa. É tudo quântica. Ninguém compreende excepto cabeças de pergaminhos rabugentas como o Professor Jackson. Seja como for, há este túnel no espaço-tempo onde o peso cai na realidade de borracha. Os muggles, reparem, podem operar apenas na superfície da realidade. Eles não vêem onde o túnel está imerso dentro do seu novo espaço dimensional. Para eles, nem sequer está lá. De qualquer forma, nós feiticeiros podemos apenas seguir o túnel por baixo do espaço principal, se soubermos o que procurar e compartilharmos o segredo. Assim construímos lugares como Hogsmeade.

— Então Hogsmeade está por baixo de algum tipo de vale em forma de túnel. — disse Ralph de maneira experimental.

— Não. — disse Ted sentando-se torto novamente. — Isso é apenas uma metáfora. A paisagem parece exactamente a mesma, mas de forma dimensional, sai pelo outro lado do espaço-tempo, onde os muggles não podem ir. Muitos lugares feiticeiros foram construídos dessa maneira. Nós criamos criaturas mágicas em reservas quânticas. Todas as cordilheiras onde os gigantes vivem são enterradas em quântica, fora dos mapas muggles. Parece muito como a indetectabilidade funciona. Simples como isso.

— Simples como o quê? — perguntou Ralph, frustrado.

Ted suspirou.

— Olha, companheiro, é como os cachos de barata na Doces dos Duques. Não precisas de entender como se faz. Apenas precisa comê-los.

Ralph desmoronou.

— Não tenho certeza de que posso fazer um dos dois.

— Este tipo é um verdadeiro barril de risadas, não é? — Ted perguntou a James.

— Então se os muggles não podem entrar, — James replicou. — como é que aquele muggle entrou nos terrenos da escola?

— Ah, sim. — disse Ted, inclinando-se para trás novamente. — O misterioso intruso do Quidditch. É isso que andam a dizer agora? Que ele era um muggle?

James esquecera-se de que nem tudo que ele sabia a respeito do intruso era de conhecimento comum. Ele recordava agora o que Neville dissera sobre os rumores espantosos envolvendo o misterioso homem no campo de Quidditch.

— Sim, — ele disse, tentando parecer indiferente. — Ouvi dizer que pode ter sido um muggle. Eu só queria saber como é que um muggle poderia entrar, com tudo isso sobre, sabes, quântica.

— Na realidade, — disse Ted, entortando os olhos para ver o lustroso dia fora da janela. — acho que até mesmo os muggles poderiam entrar se estivessem

acompanhados por um feiticeiro ou se fosse conduzidos de alguma forma. Não é que eles *não possam* entrar, exactamente. Apenas é que, pelo que os seus sentidos lhes dizem, os espaços nem sequer existem. De qualquer forma, se um feiticeiro os conduzir e passarem através do que seus sentidos estão a dizer... obviamente, seria possível, eu acho. Mas quem seria estúpido o bastante para fazer tal coisa

James encolheu os ombros, e olhou para Ralph. O olhar no rosto de Ralph reflectiu o que James estava a pensar. Estúpido ou não, alguém na verdade conduziu um muggle para dentro dos terrenos de Hogwarts. Como ou porque isso fora organizado ainda era um mistério, mas James planeava fazer o seu melhor para descobrir.

Os quatro almoçaram sandes embaladas em papel de cera, tirados das cozinhas de Hogwarts àquela manhã, e então caíram num silêncio amistoso. O dia tornou-se rude e resplandecente, com o sol a brilhar como um diamante sobre os campos e bosques. A geada derreteria, deixando o terreno despido e cinzento. As árvores esqueléticas poliam o céu, posicionando tapetes de folhas mortas. Ralph lia e adormecera. Victoire remexia uma pilha de revistas, e logo saiu à procura de algumas amigas que suspeitava estarem algures a bordo. Ted ensinou James a jogar um jogo chamado "*Winkles e Augers*", que envolvia usar as varinhas para levitar um pedaço de pergaminho dobrado para dentro de um gordo triângulo. De acordo com Ted, ambos os jogadores usavam as varinhas – os winkles – para simultaneamente levitar o pergaminho dobrado – a auger – cada um a tentar guiar o papel para dentro da sua área designada de golo, geralmente um círculo desenhado num pedaço de pergaminho e colocado próximo do oponente. James melhorara bastante na levitação, mas não era nada comparado com Ted, que sabia exactamente como enfraquecer James, batendo de leve no pergaminho para fora de alcance e lançado-o até ao golo com um estalo ressonante.

— Trata-se apenas de prática, James. — disse Ted. — Tenho jogado isto desde os cinco anos. Tínhamos mais do que quatro pessoas numa equipa às vezes, e usávamos augers tão grandes quanto o busto de Godric Gryffindor na sala comum. Sou pessoalmente responsável pelo facto da orelha esquerda dele ter sido colada de volta. Não conhecíamos o feitiço *Reparo*, e agora preferimo-o daquele jeito.

Assim que o comboio entrou na plataforma nove e três quartos, o pôr do sol começara a deixar o céu numa cor lilás sonhadora. James, Ted, e Ralph esperaram pela guinada brusca que indicava que o comboio parara completamente, então colocaram-se de pé, e abriram caminho para a plataforma.

O carregador apanhou os seus bilhetes, e logo apresentou as suas malas com um feitiço convocatório, retirando-as rudemente do compartimento de bagagens e fazendo-as cair pesadamente sobre os pés dos seus respectivos donos. Victoire alcançou-os quando estavam a empilhar as bagagens num grande bagageiro.

— Vou escoltá-los até à antiga sede. — disse Ted com importância, erguendo-se a toda altura. — É perto o suficiente, e os teus pais estão demasiadamente ocupados hoje à

noite, James, com todos os outros a chegar, e a Lily e o Albus saem da escola hoje também.

Enfileiraram-se pelo o portal oculto que separava a plataforma nove e três quartos das plataformas muggles da estação de King's Cross.

— Tu não conduzes, Ted, — disse Victoire de forma repreendedora. — e dificilmente nós os quatro caberemos na tua vassoura. O que esperas fazer?

— Suponho que estejas certa, Victoire. — disse Ted, detendo-se ao centro da multidão e olhando em volta. Viajantes muggles moviam-se apressadamente aqui e ali, a maioria agasalhada em pesados casacos e chapéus. A multidão gigantesca ecoava junto com o som dos anúncios de comboios e o ruído de canções gravadas de Natal. — Parece que estamos presos. — disse suavemente. — Eu diria que isto é, de certa forma, uma emergência, não?

— Ted, não! — censurou Victoire quando Ted ergueu a sua mão direita, a varinha erguida.

Houve um ruidoso craque que ecoou por toda a multidão em volta, aparentemente inaudível para os muggles. Uma forma gigantesca e púrpura atirou-se pelas portas emolduradas pelo gigantesco arco de cristal do início da estação. Era, obviamente, o Autocarro Cavaleiro. James sabia que ele apareceria assim que Ted fizera o sinal, mas ele nunca saberia que o Autocarro poderia viajar fora dos trilhos. O enorme autocarro de três andares esquivou-se e comprimiu-se entre a multidão distraída, nunca perdendo a velocidade até guinchar parando violentamente em frente a Ted. As portas abriram-se e um homem num uniforme elegante e púrpuro inclinou-se para fora.

— Bem vindos ao Autocarro Cavaleiro. — disse o homem, um tanto ofensivamente. — Transportes de emergência para feiticeiros abandonados à sua sorte. Vocês sabem que estamos no meio da maldita estação de King's Cross, não sabem? É como se vocês não pudessem ao menos ter feito isto na entrada.

— Boa noite, Frank. — disse Ted levemente, içando a mala de Victoire para o motorista. É a minha maldita perna outra vez. Velha ferida de Quidditch. Sempre age nas piores horas.

— Velha ferida de Quidditch é o último molar superior do meu avô! — resmungou Frank, empilhando as malas numa prateleira exactamente na parte interna da porta. — Tenta dizer-me essa treta mais uma vez e vou cobrar-te um galeão por seres uma perturbação!

Ralph estava relutante em entrar no autocarro.

— Disseste que é perto? A sede? Talvez pudéssemos, sabes, ir a pé?

— Neste frio? — respondeu Ted energicamente.

— E com a maldita perna dele? — adicionou Frank de mau humor.

Ralph subiu e mal cruzou a porta quando as portas se fecharam.

— Esquina de Pancras e St. Chad, Ernie. — disse Ted, agarrando uma alça de latão próxima.

O motorista assentiu, adoptou uma expressão odiosa, segurou o volante como se tencionasse lutar contra ele, e então pisou o acelerador. Ralph, apesar do conselho de James, esquecera-se de agarrar em algo. O Autocarro Cavaleiro disparou para a frente, lançando-o para trás sobre uma das camas de latão que, estranhamente, parecia ocupar o nível mais baixo do autocarro em vez dos assentos.

— Hum? — murmurou o feiticeiro que estava a dormir sobre quem Ralph aterriou, erguendo a sua cabeça da almofada. — Já chegamos ao Quarteirão Grosvenor?

O autocarro executou uma curva fechada inconcebivelmente apertada, circundando um grupo de turistas que estavam a olhar para as placas de saída, e então disparou através da multidão novamente, esquivando-se de homens de negócios e velhas senhoras como uma rajada de vento. O arco de cristal agigantou-se sobre eles, e James estava certo de que era impossível que o Autocarro Cavaleiro passasse pelas entradas abertas, por maiores que fossem. Então, lembrou-se de que o autocarro, na realidade, tinha entrado por aquelas portas. Segurou-se. Sem diminuir a velocidade, o autocarro espremeu-se pela porta como um balão de água a passar por uma toca de ratos, saindo para a rua abarrotada de pessoas e desviando-se loucamente.

— Ouvi dizer que teremos ganso para jantar esta noite! — gritou Ted para James enquanto o autocarro passava por um cruzamento abarrotado.

— Sim! — gritou James de volta. — o Kreatcher insistiu numa refeição completa na nossa primeira noite de volta!

— É preciso amar aquele animalzinho horrível! — gritou Ted com muito apreço. — Como está o Ralph?

James olhou em volta. Ralph ainda estava espalmado sobre a cama com o feiticeiro a dormir.

— Está tudo bem! — gritou ele, agarrando a cama com força com ambas as mãos. — Vomitei no gorro de dormir que me deram de recordação.

O Autocarro Cavaleiro gritou perto da esquina onde St Chad se encontrava com o Quarteirão Argyle, e então emperrou para estacionar. De facto, a paragem repentina de movimento foi tão violenta quanto a corrida em si. O gigantesco autocarro púrpura parou calma e precisamente, expulsando uma delicada nuvem de fumo pelo escape. As portas abriram-se e Ted, Victoire, James e Ralph saltaram para fora, este último um pouco zozinho. Frank, apesar do olhar irritado que lançou a Ted, amontoou as bagagens cuidadosamente na calçada e desejou-lhes um feliz Natal. As portas fecharam-se e um momento depois, o Autocarro Cavaleiro saltou rua abaixo, correndo como um raio perto de um caminhão e realizando algo parecido com uma pirueta no cruzamento. Três segundos depois, desapareceu.

— Funcionou tão bem quanto se podia esperar. — disse Ted animadamente, agarrando a sua mala e a de Victoire pela alça e puxando-os com força em direcção a uma fila ordenada de casas delapidadas.

— Qual é o número? — disse Ralph, bafejando e arrastando a sua mala enorme.

— Número doze. Exactamente aqui. — respondeu James. Estivera tantas vezes no velho quartel general que se esquecera que era invisível para a maioria das pessoas. Ralph deteve-se na base dos degraus, franzindo o cenho.

— Ah, sim. — disse James, virandose. — Certo, Ralph. Ainda não podes vê-lo, mas está exactamente aqui. Grimmauld Place, número doze está exactamente entre os números onze e treze. Pertencia ao padrinho de meu pai, Sirius Black, mas ele passou-o como herança ao meu pai. Era a sede da Ordem da Fénix, quando combatiam Voldemort. Eles esconderam-no com os melhores Feitiços de Segredo e Ilusão que os feiticeiros mais poderosos daquele tempo podiam conjugar. Era o local mais secreto da Ordem, até um Devorador da Morte ter seguido a minha tia até aqui utilizando uma Aparição Acompanhada. De qualquer forma, pertence oficialmente ao meu pai, mas não vivemos aqui a maior parte do tempo. O Kreathcer mantém-na quando não estamos aqui.

— Não entendi uma de cada três palavras do que disseste, — disse Ralph, suspirando. — mas estou com frio. Como entramos?

James ergueu a mão pedindo a de Ralph. Ralph deu-lhe a mão a ele, e James o fê-lo subir o primeiro degrau que conduzia ao número doze. Ralph tropeçou, recuperou o passo e ergueu os olhos, os quais se arregalaram e um sorriso de felicidade espalhou-se pelo seu rosto. James não se lembrava da sua primeira visita à velha sede, mas sabia pela descrição das outras pessoas como a entrada se revelava na primeira vez que se chegava, como o número doze simplesmente empurrava os números onze e treze para o lado como alguém abrindo caminho na multidão. James não pode evitar sorrir em meio à surpresa de Ralph.

— Adoro ser um feiticeiro. — disse Ralph de forma significativa.

Quando James bateu à porta, a sua mãe atravessou rapidamente o corredor, secando as mãos numa toalha.

— James! — chorou ela, envolvendo-o nos seus braços e quase erguendo o rapaz do chão.

— Mãe. — disse James, envergonhado e satisfeito ao mesmo tempo. — Anda lá, vais derreter o sapo de chocolate no bolso da minha camisa.

— Não está assim tão velho para dar um beijo na tua mãe depois de estares fora por quatro meses, sabes. — disse ela desaprovando-o.

— Sabes como é. — exclamou Ted melancolicamente. — Num momento, eles estão a arrancar as amarras do teu avental, no outro, estão a pedir a vassoura emprestada para sair com alguma namorada. Onde é que *isto* vai parar?

A mãe de James sorriu, virando-se para Ted e abraçando-o também.

— Ted, nunca mudas. Ou ficas calado. Bem vindo. E tu também, Victoire. Chapéu adorável, a propósito.

Ralph gemeu, mas a mãe de James continuou antes que Victoire pudesse assinalar qualquer explicação.

— E tu és o Ralph, claro. Harry mencionou, e claro, James me falou muito sobre ti nas cartas. Meu nome é Ginny. Ouvi dizer que és bastante hábil com a varinha.

— Onde está o pai, a propósito? — perguntou James rapidamente, cortando Victoire novamente.

— Foi até casa da Andromeda depois do trabalho hoje. Estarão em casa a qualquer momento. Os outros estarão aqui amanhã.

— James! — duas vozes pequenas disseram em uníssono, acompanhadas de passos estrondosos. — Ted! Victoire! — Lily e Albus empurraram ao passar pela sua mãe.

— O que trouxeram para nós? — pediu Albus, parando de frente para James.

— Directamente da Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts, — disse James fantasticamente. — eu trouxe-vos... abraços! — ele agarrou Albus num grande abraço. Albus empurrou-o com esforço, simultaneamente irritado e a sorrir.

— Não! Eu queria alguma da *Melhor Pastilha do Drooble* da senhora do carrinho do comboio! Eu disse-te!

Ted agachou-se e abraçou Lily.

— Eu trouxe algo que vais adorar, minha querida.

— O que é? — perguntou ela, repentinamente tímida.

— Terás de esperar até o Natal, certo? A tua mãe tem um grande stock de comida para dragão, não tem?

— Ted Lupin! — repreendeu Ginny. — Não lhe dês esperanças, meu patife! Agora vamos, todos vocês. O Kreacher passou a tarde inteira na cave a preparar o que ele chama de “serviço de chá apropriado e autêntico”. Mas não comam muito, ou não estarão com fome para o ganso que ele cozinhou, e ele ficará aborrecido a semana toda.

Harry e a avó de Ted, Andromeda Tonks, chegaram meia hora depois, e o resto da noite foi preenchido com muita comida, risadas alegres e actualizações. Harry e Ginny nem sequer ouviram o debate de Hogwarts, apesar do que James presumira. Contudo, Andromeda Tonks ouvira, e lançava intermináveis sarcasmos para Tabitha e o seu grupo. Felizmente, ela não tinha ideia de que Ralph também estivera no grupo, e Ralph estava feliz por ela continuar naquela ignorância.

— Não te preocupes. — murmurou Ted para Ralph por cima da sobremesa. — Se alguém disser alguma coisa, direi que eras um espião. Ela adora espionagem, devido aos velhos tempos.

Kreacher não mudara uma pitada. Fez uma profunda reverência diante de James, com uma mão no coração, e a outra largamente estendida.

— Mestre James, de volta do seu primeiro ano de ensino, sim. — disse ele na sua voz trémula. — Kreacher preparou os aposentos do Mestre exactamente da maneira que ele gosta. O Mestre e o seu amigo se importariam com uma sandes de agrião?

Como sempre, Kreacher mantivera a casa em excepcional ordem, e inclusive tinha-se dado ao trabalho de decorar a casa para as festividades. Infelizmente, o conceito

de Kreacher de uma boa decoração era um pouco rústico, e o resultado teria divertido Zane de maneira interminável. As cabeças cortadas dos elfos domésticos anteriores, os quais ainda estavam pendurados no corredor como testamento dos originais donos sangue-puro da propriedade, foram cobertas com barbas falsas brancas e cónicas e chapéus verdes com sinos nas pontas.

— Kreacher enfeitiçou-as para cantar canções das festividades, sim, ele enfeitiçou. — disse Kreacher a James e a Ralph um pouco petulante. — Mas a senhora decidiu que isso talvez fosse um pouco... festivo demais. De qualquer maneira, Kreacher gostou. — ele pareceu ansioso que lhe permitissem reestabelecer as cabeças cantantes. James assegurou a Kreacher que ele tivera uma ideia original e prodigiosa e que falaria com a sua mãe a esse respeito. De facto, ele estava morbidamente curioso em ver e ouvir as cabeças em acção.

Lily e Albus seguiram James e Ralph a maior parte da noite, implorando para ver o que os rapazes poderiam fazer com as suas recentes habilidades aprendidas.

— Vamos lá, James. — exigia Albus. — Mostra-nos uma levitação! Levita a Lily!

— Não! — chorou Lily. — Levita o Albus! Fá-lo voar pela janela fora.

— Vocês os dois sabem que não posso fazer magia assim que esteja fora do comboio e oficialmente fora de Hogwarts. — disse James desgastadamente. — Metia-me em problemas.

— O pai é o Chefe dos Aurors, imbecil. Provavelmente nem sequer receberás uma advertência.

— Isso é irresponsabilidade. — disse James seriamente. — Tornem-se mais velhos e saberão o que isso significa.

— Não consegues fazer isso, não é? — zombou Albus. — O James não consegue fazer uma levitação! És um feiticeiro desprezível. Primeiro cepatorta na família Potter. A mãe vai morrer de vergonha.

— Continuas a ser o mesmo Albus-blabla de sempre, meu pirralho.

— Não me chames assim!

— De quê? Pirralho ou Albus-blabla? — sorriu James. — Sabias que Albus-blabla é o teu verdadeiro nome? Está na tua certidão de nascimento. Eu vi.

— Albus-blabla! — cantou Lily, dançando em torno de seu irmão mais velho.

Albus saltou para cima de James, lutando com ele no chão.

Mais tarde, quando James e Ralph se dirigiam ao quarto de James para a noite, passaram por uma cortina que parecia cobrir uma parte da parede. Um resmungo sonolento saía detrás da cortina.

— É a velha Mrs. Black. — explicou James. — Uma velha louca. Fica fora de si por as pessoas profanarem a casa dos seus pais todas as vezes que vê qualquer um de nós. O pai e o Neville fizeram tudo o que puderam pensar para tirar a morcega velha da parede, mas ela está encravada aí. Até consideraram remover a parte da parede que contém o quadro, mas é uma parede principal. Removê-la provavelmente faria o

pavimento de cima desmoronar sobre nós. Além disso, por estranho que pareça, Kreatcher é bastante ligado a ela, dado que ela foi a sua antiga mestra. Então suponho que ela é parte da família para sempre.

Ralph espiou tentativamente por trás da cortina. Ele franziu o cenho.

— Ela está... a ver televisão?

James encolheu os ombros.

— Descobrimos isso há alguns anos atrás. Abrimos a porta da frente porque estávamos a trazer um novo sofá. Ela viu um écran através da janela do outro lado da rua e calou-se pela primeira vez em semanas. Então contratamos um artista feiticeiro para vir e pintar uma televisão no quadro. A morcega velha adora os programas de gatos. Desde então, bem, ela ficou muito mais suportável.

Ralph deixou a cortina cair lentamente de volta sobre o quadro. Uma voz masculina atrás dela dizia:

— E quando notou que o seu cão tinha síndrome de Tourette, Mrs. Drakemont?

Kreatcher disponibilizara uma cama portátil para Ralph no quarto de James. A sua bagagem estava posta organizadamente aos pés da cama, e tinha uma pinha enlaçada em cada travesseiro, aparentemente a ideia que Kreatcher tinha de uma guloseima de Natal.

— Este costumava ser o quarto do padrinho do meu pai. — disse James sonolento, uma vez que se instalaram.

— Porreiro. — murmurou Ralph. — Ele era um tipo porreiro, não era? Ou era um louco como a bruxa velha no quadro?

— Um dos melhores tipos que já existiu, segundo o meu pai. Temos que te falar sobre ele um dia. Ele foi procurado por assassinato por mais de uma década.

Houve um minuto de silêncio, então a voz de Ralph falou na obscuridade.

— Vocês feiticeiros conseguem ser extremamente confusos, sabes?

James sorriu. Um minuto depois, ambos estavam adormecidos.

— CAPÍTULO 11 —

As Três Relíquias



Após a excitação da viagem e das chegadas, o feriado de Natal em Grimmauld Place tornou-se bastante monótono. James apresentou Ralph a todos, e num curto período de tempo, Ralph tornou-se simplesmente mais um entre a multidão de amigos e familiares que comprimiam a casa. Na quarta-feira antes do Natal, o tio Ron e a tia Hermione chegaram, juntamente com os seus filhos, Hugo e Rose, seguidos imediatamente por tio Bill e tia Fleur, os pais de Victoire. James gostou de vê-los, e embora a casa estivesse a começar a ultrapassar a sua capacidade, estava excitado por eles ficarem para o feriado.

— Isto é óptimo, a mãe e o pai estão fora com o Charlie este ano. — comentou Ron, arrastando a sua bagagem e a de Hermione para os degraus em direcção ao quarto deles no terceiro andar. — Este lugar parece um tanto menor do que era quando éramos jovens.

— Tu é que estás maior, Ron. — desaprovou Hermione, acotovelando-o afectuosamente no estômago. — Para de te queixar.

— Não estou a queixar-me. Ao menos temos um quarto. Se o Percy estivesse aqui, ele dormiria com o Kreacher.

James e Ralph, juntamente com os irmãos e primos de James, passaram os dias perto do fogo, a jogar xadrez de feiticeiro com o tio Ron ou deambulando pelas ruas próximas, a fazer coisas de último instante e compras de Natal com a Ginny e a tia Hermione. Fleur e Bill solicitaram a ajuda de James e Ralph para escolher e transportar uma árvore de Natal, que parecia simples e encantadoramente rechonchuda por fora, mas ocupou dois terços do corredor principal quando a trouxeram.

— Parece uma vergonha fazer isto. — disse Bill, apresentando sua varinha e apontado-a para a árvore. — *Reducio!*

A árvore encolheu-se um terço, mas conseguiu manter a sua densidade, de modo que acabou parecendo mais um arbusto de Natal do que uma árvore. Ralph, James, Rose e Victoire passaram a maior parte do dia anterior à Véspera de Natal a fazer pipocas, a decorar a árvore, e a empacotar presentes. Naquela noite, Hermione reuniu toda a casa com a intenção de levantar o ânimo de todos e celebrar o Natal. Nem Ron ou Harry, contudo, estavam particularmente felizes com a ideia.

— Dá-nos espaço, Hermione. — disse Harry, caindo em uma cadeira confortável próxima ao fogo. — Estivemos de pé o dia inteiro.

— Sim — interveio Ron, reforçando um pouco. — É apenas o início do feriado. Não tivemos ainda a chance de nos sentarmos, ou tivemos?

— Ronald Weasley, põe o teu chapéu e aperta o botão do teu casaco. — replicou Hermione, atirando as coisas de Ron para o colo dele. — Só conseguimos toda a família reunida uma vez por ano, se tivermos sorte, e não te vou deixar sentado no teu traseiro a noite inteira como se estivesses em casa. Além disso, — ela adicionou, um pouco grosseira. — disseste no caminho para cá que pensate numa celebração engraçada.

— Isso foi antes de saber que estavas a falar a sério. — murmurou Ron, erguendo os pés e encolhendo-se no seu casaco.

— Tu também. — Ginny sorriu, agarrando a mão de Harry e puxando-o para fora da cadeira. — Não podes passar o Natal todo a relaxar porque queres. Hoje à noite, vamos-nos divertir um pouco, que queiras, quer não.

Harry suspirou, mas permitiu que Ginny colocasse o seu casaco. Ela socou-o alegremente no estômago e ele sorriu, pegando no seu cachecol. Para o aparente aborrecimento de Ron e Harry, Bill estava ansioso por ir, ensaiando escalas musicais no corredor com a mão no peito. Fleur, vestida tão esplendidamente quanto a sua filha, sorria adoravelmente para ele. Enquanto se direccionavam para a porta, James ouviu o tio Ron murmurar para o seu pai.

— Juro que ele age desta forma tanto para nos irritar quanto para a impressionar.

A noite tornara-se tão perfeita e idealmente natalina que James desejou saber se a sua mãe e a tia Hermione a tinham enfeitado de algum modo. Flocos de neve enormes e silenciosos começaram a cair, abafando o som das cidades distantes e cobrindo as paredes e calçadas sujas com branco cintilante. Hermione repassou partituras musicais,

e então organizou todos de modo que os mais jovens ficassem em frente aos mais velho e o mais alto ficasse atrás.

— Se a mãe não estivesse ainda por aí — disse Ron a Harry em voz baixa. — eu juraria que Hermione era a reencarnação dela.

Durante as práticas de coro, Hermione ficou aborrecida com Ted, que insistia em cantar variações cómicas das letras, para o grande prazer de Albus e Hugo. Finalmente satisfeita, ela guiou o grupo pelas ruas em volta de Grimmauld Place, tocando campainhas e dirigindo os coros. A maioria dos muggles que atendia as suas portas posicionava-se e escutava com o que parecia tenso divertimento nos seus rostos. Uma vez, um homem com um enorme aparelho para surdez a gritou para eles que não suportava qualquer tipo de caridade excepto a *Casa Hortense para Felinos Ferozes*, e então fechou a porta no seu nariz.

— McGonagall deve-lhe um cartão de Natal, então. — disse Ted, mal perdendo o ritmo.

James acenou uma mão para Ralph antes que este pudesse perguntar.

— Animagus. Explicar-te-ei mais tarde.

A manhã de Natal chegou com um esplendor deslumbrante, o sol transformando a neve congelada nas janelas em pinturas que brilhavam profundamente. Ralph e James encontraram Albus e Rose no caminho das escadas descendo para o pequeno almoço.

— Não adianta. — disse Rose tristemente. — A mãe jura que vai usar o *Crucio* em qualquer um que tente abrir um presente antes do pequeno almoço.

James pestanejou.

— A tia Hermione disse isso?

— Bom, — respondeu Albus. — não por estas palavras. Mas ela fica realmente zangada de todas as vezes que nos apanha a usar um par de óculos raio-z do tio George nos presentes para ver o que está dentro deles. Ela quase mandou um dementor pra cima dele. Foi assustador!

— O tio George está cá? — James perguntou, descendo o resto das escadas e dirigindo-se para a cozinha. — Excelente!

— Sim, mas ele trouxe Katie Bell com ele. — disse Albus, pronunciando o nome com a sua voz mais agradavelmente sarcástica. Albus não desaprovava tanto Katie Bell quanto desaprovava qualquer uma que ameaçasse alterar a vida de solteiro travesso de George Weasley.

Assim que James e Ralph viraram o canto para a velha cozinha, ouviram a voz de George dizer:

— Esse é o tipo de publicidade que tem permitido a duplo M crescer para dois lugares e se ter transformado em líder de vendas no mundo feiticeiro de partidas, sabes. Não podes recusar uma demonstração como essa num evento transmitido por rádio como foi o debate. Nisso consiste o espetáculo.

Katie Bell, uma atraente mulher de cabelos longos e castanhos, mexeu a sua chávena.

— Devias ter ouvido a maneira como Myron Madrigal descreveu isso pelo rádio. — disse ela, retendo um sorriso.

Ted fez cara feia, então a sua curiosidade superou-o.

— O que disse?

— Chamou de “exibição infantil de incrível mau gosto”. — disse George orgulhosamente, erguendo seu copo de sumo num brinde.

— Isso é lindo! — sorriu Ted, tinindo o seu copo contra o de George.

— James, que bom ver-te! — disse George, pousando seu sumo sobre a mesa e dando palmadas no assento próximo dele. — Senta-te e conta-nos como a velha alma mater te está a tratar.

— Ótimo, — disse James, sentando-se e agarrando um pedaço de torrada. — George, este é o meu amigo, Ralph.

— Ah, sabemos tudo sobre ti, não? — disse George, direccionando-se a Ralph e golpeando-o levemente ao lado do nariz. — O nosso homem de dentro, hã? Infiltrado debaixo da barriga viscosa da máquina de guerra dos Slytherin. A espiar e sabotar pela esquerda e direita, sem dúvida.

Ralph virou os olhos para Ted.

— Eu não disse nada. — disse Ted com exactidão. — Acontece que lhe mencionei que estavas no Grupo B, e voltou quando pedimos o nosso pequeno pacote surpresa. Ele compreendeu o resto sozinho quando descobriu que estavas aqui.

Ralph contorceu-se.

— Bem, isso não é realmente verdade, sabe. Sou apenas uma criança.

— Nunca subestimes o que uma criança pode fazer, Ralphinho. — disse George seriamente.

— Isso mesmo. — concordou Katie. — O George e o seu irmão, Fred, causaram o maior alvoroço na história de Hogwarts durante o reinado da Umbridge a Terrível.

— Como eu disse, é nisso que consiste o espetáculo.

— Com um pouco de vingança para completar. — disse Katie, sorrindo.

— Como ousas sugerir tal coisa?

Ralph e James trocaram olhares.

James, Ralph, Ted e George foram os últimos à mesa do pequeno almoço. Os irmãos e primos mais novos arrastaram-nos da mesa, finalmente reunindo toda a casa para a abertura dos presentes.

— Não fizesete como eu disse? — disse George, enquanto Albus o puxava para a sala de visitas. — Abrir os presentes no meio da noite e então embrulhar novamente com o feitiço *Reparo*?

— Eu *tentei*! — replicou Albus seriamente. — Eu roubei a varinha de James e pratiquei numa caixa de biscoitos. Não consegui fazer funcionar! Foi inútil. A mãe quase me espancou.

— Roubaste a minha varinha! — chorou James, disparando atrás de Albus. — Eu mesmo te vou espancar! Devolve!

Assobiando, Albus saiu a correr com James no encalço.

Houve mais gritos e trituração de papel, e James não pôde evitar pensar que o Natal em Grimmauld Place não era muito diferente daquele que Zane descrevera com a sua família nos Estados Unidos, com *hinkypunks* e tudo. Quando os Weasley e Potter mais novos abriram todos os seus presentes e desapareceram para se divertir, o restante dos presentes foi aberto com um pouco mais de reserva. Harry deu a Ginny um novo caldeirão incomum, que ela desembrulhou e encarou-o bastante inexpressiva.

— É um Caldeirão Conjugador, — explicou ele, um pouco defensivamente. — faz o jantar num instante! Apenas lança poucos ingredientes para dentro a cada manhã, seja lá o que tiveres no armário. Não importa o que seja. O Caldeirão Conjugador compreende o melhor prato que dá para fazer com tais ingredientes, prepara, e cozinha durante o dia. Voltamos para casa e *voilà*, uma refeição misteriosa. Ideal para as mães trabalhadoras.

— Pelo menos é o que insinua na exibição de *Tristan's e Tupperworth*. — advertiu Ron, a rir. Harry acertou-lhe nas costas da cabeça.

Fleur fungou.

— De onde eu vim, é *considerado* impróprio *parra* um homem comprar artigos de *culinárria* como presente.

— Isso é porque de onde tu, minha querida, — disse Bill gentilmente. — os homens são a maioria dos cozinheiros.

— Ah, abram logo o próximo. — disse Harry aborrecido.

O próximo presente de Ginny revelou-se um par de brincos de pérolas marinhas, que tiveram muito mais êxito. Ginny parecia simultaneamente enlouquecida e radiante por eles.

— Harry! Como é que os pagaste? Pérolas marinhas! Nunca esperava... — os olhos dela brilhavam enquanto piscava para conter as lágrimas.

— Põe-los lá. — sorriu Harry. — Se te fizer sentir melhor de alguma forma, são falsos. Pérolas de duende. Vieram como brinde juntamente com o Caldeirão Conjugador.

— Não, eles não são. — sorriu ela, e beijou-o.

Ron presenteou Hermione com um frasco de perfume pequeno, mas aparentemente caro, chamado de Encantamento de Fantasia, com o qual Hermione ficou muito satisfeita. Ginny e Hermione tinham saído juntas para comprar bilhetes para Harry e Ron da Taça Mundial de Quidditch.

— Sabíamos que vocês dois querem ir há anos. Explicou Hermione enquanto Harry e Ron se congratulavam um ao outro. Mas vocês nunca pensaram em conseguir ingressos adiantados. Conseguimos oito no total, daí vocês poderem levar as crianças, se quiserem. Eles adorariam. E as vossas esposas, claro, se desejarem. Isso cabe a vocês.

Mas Harry e Ron mergulharam num debate sobre que equipas estariam na Taça e mal ouviram.

James abriu o seu presente e ficou surpreso ao ver que seus pais lhe tinham dado uma nova vassoura.

— Wow! — respirou — Uma *Seta Trovão*! Mãe, pai, vocês deram-me uma *Seta Trovão*?

— Bem, — disse Harry lentamente. — eu sabia que tinhas alguns problema em montar uma vassoura, mas falei com o teu amigo, Zane, e ele disse que te estás a adiantar bem. Imaginei que gostarias de praticar na tua própria vassoura. Aquelas da escola são muito antigas. Lentas, incômodas, e a manobragem é tramada. Testa esta e acho que perceberás a diferença imediatamente.

— Claro que, se não a quiseres, — propôs George. — poderias sempre negociar com o Ted. Aquela Nimbus dele deve ser lenta como um flobberworm, mas é uma antiguidade de grande valor.

Ted atirou uma bola de papel amassado para George, acertando-lhe bem no rosto.

James ficou um pouco triste por Ralph, que não tivera notícias do seu pai desde a mensagem de que estava viajando durante as férias. Ralph encolheu os ombros, dizendo que o seu pai provavelmente enviara seu presente de Natal para a escola. James e Ralph ficaram ambos surpresos quando Ginny passou a Ralph um pequeno pacote embrulhado.

— Nada de mais, — sorriu Ginny. — mas achamos que poderias gostar.

Ralph desembulhou o pacote e olhou para ele. Tratava-se de um livro muito manuseado e arruinado, as palavras na capa quase ilegíveis pelo tempo. Era chamado de *Preparação de Poções: Nível Avançado*.

— Pertenceu a um grande Slytherin, como serás um dia, sem dúvida. — disse Harry melancolicamente. — Francamente, pensei tê-lo perdido, mas apareceu há algumas semanas atrás. Não sabia o que fazer com ele até vires para as férias. Apenas fez sentido que ele deveria ser seu. Mas, não deixes o Professor Slughorn vê-lo. Apenas o uses como... Referência.

Ralph apalpou cuidadosamente o livro. As margens estavam atafalhadas de anotações e desenhos feitos à mão.

— Quem escreveu todas estas coisas aqui?

— Na verdade, não importa. — disse Harry obscuramente. — Não o conheces. Apenas toma conta, e sê cuidadoso no como usar algumas das coisas que estão aí. Pode

ser um pouco... Enganoso, às vezes. Ainda assim, apenas parece certo que deveria estar nas mãos de um bom Slytherin. Feliz Natal, Ralph.

Ralph agradeceu a Harry e a Ginny, um pouco embaraçado com os olhares que ele e o livro estavam a receber. Ele percebeu que, misterioso como o livro era, aparentemente era significativa. Embrulhou-o num pedaço de tecido que Ginny lhe deu e colocou-o no interior do seu baú.

James alegrou-se quando Neville e Luna chegaram naquela tarde. Ambos se andavam a ver um ao outro durante os poucos meses passados, mas James ouvira a sua mãe dizer a Andromeda Tonks que não estava a ir a lugar a algum. James não sabia como a sua mãe sabia de tais coisas, mas nunca duvidou que ela estava certa. Pela parte de James, Neville e Luna pareciam um pouco irmãos para ser um casal.

Após o jantar, a avó Weasley apareceu na lareira para desejar feliz Natal a todos.

— Estamos a passar um tempo maravilhoso aqui com o Charlie. — disse da lareira. — E Praga é simplesmente adorável. Acho que vocês rapazs devem ter uma conversa com o vosso pai, de qualquer forma. Ele ficou um tanto apaixonado pela arquitectura muggle aqui que está a falar em ficar por mais algumas semanas. Tornou-se tão imprevisível agora que se aposentou do Ministério. Ah, é tão difícil ter-vos por um mundo como este. Como eu poderia ficar de olho nos meus netinhos?

— Então, como vai o Charlie, Claire e as crianças, Molly? — perguntou Hermione, gentilmente mudando o tópico para assuntos mais agradáveis.

— Muito bem, embora o Charlie insista em levar os pequenos Harold e Jules para trabalhar com ele de vez em quando. Como estas pobres crianças podem resistir à visão de tais criaturas e não ter constantes pesadelos está simplesmente fora de meu alcance.

James, que conhecera os seus primos mais novos, Harold e Jules, há pouco tempo, sabia que eram provavelmente eles, de facto, que davam pesadelos aos dragões em vez do contrário.

Mais tarde, quando a maioria começava a ir para as suas camas, James e Ralph encontravam-se sentados próximo ao fogo com Luna Lovegood, que lhes relatava a sua última expedição pelas Montanhas Highland em busca do Umgubular Slashkilter.

— Ainda sem identificação positiva, — disse ela. — mas descobri uma vasta rede das suas pegadas e resíduos. A sua dieta parece consistir quase inteiramente de *blusterwormps* e *figgles*, então é muito fácil identificar o seu estrume somente pelo cheiro. Algo como hortelã. Não é desagradável de modo algum.

— Unglubulous... slashkillers? — tentou Ralph.

— Perto o suficiente. — disse Luna amavelmente, — são uma espécie de ave de rapina incapazes de voar, de longe relacionadas a hipogrifos e octogators. Trouxe um molde das pegadas e um exemplo de excremento de um de seus resíduos. Gostariam de ver?

— Luna, — disse James, inclinando-se na sua cadeira e baixando a voz. — podemos fazer uma pergunta sobre algo? Eu preferiria que mais ninguém soubesse disso.

— Sou especialista em coisas que ninguém sabe. — disse Luna suavemente.

— Digo, quero manter isto mais ou menos em segredo.

— Oh, — disse Luna, o rosto tranquilo. James esperou, mas Luna meramente o observou, sorrindo educadamente. Luna, recordou, ocasionalmente possuía uma particular aproximação única para o diálogo. Ele decidiu avançar.

— Não é sobre Umgubular Slashkilters ou Wrackspurts ou algo do tipo. Na verdade, seria uma ótima pergunta para o teu pai, se ainda estivesse por aí, mas aposto que sabes a resposta, também. O que nos pode contar sobre... sobre Austramaddux e Merlinus Ambrosius?

Luna era a única pessoa completamente inabalável que James conhecia. Ela simplesmente olhou para o fogo e disse:

— Ah, sim, não exactamente a minha especialidade. Um passatempo para toda a vida de meu pai, de qualquer forma. Austramaddux foi o historiador que registou os últimos dias de Merlinus e a sua promessa de retorno, claro. Assunto de muita especulação e intriga durante séculos, sabem.

— Sim, — disse James. — sabemos. Lemos sobre ele e a profecia do seu retorno. O que queremos saber é como isso poderia acontecer? O que faria isso?

Luna pareceu pensativa.

— É uma pena o meu pai não estar aqui. Ele poderia falar sobre o assunto durante dias. Ele fez, de facto, em um encontro de editores e locutores mágicos alternativos em Belfast. Fez um discurso sobre as implicações das conspirações de Merlinus e suas plausibilidades hipotéticas, se me lembro. Isso prosseguiu por três dias e meio, até ele adormecer no palanque. Na verdade, acho que ele já estava a dormir antes que alguém percebesse. Era um notório conversador sonâmbulo. Fez muitos dos seus discursos em pijama. A maioria das pessoas imaginava que isso era excentricidade, mas acho que ele estava apenas muito sobrecarregado. — suspirou ela carinhosamente.

James sabia que não teria muito tempo antes que alguém mais, George, ou pior, o seu pai ou a sua mãe, voltasse ao aposento.

— Luna, o que é que ele disse sobre isso? Ele achava que o retorno de Merlin era possível?

— Oh, certamente que sim. Tinha mil teorias a respeito. Esperava viver para ver o dia, de facto, embora até ele não estivesse tão certo de que quando Merlinus retornasse, ele anda seria algo mais como o que chamaríamos de um bom feiticeiro. Escreveu uma série inteira de artigos n'A Voz Delirante a explicar as três relíquias e a oferecer cem galeões como recompensa para qualquer um com pistas válidas do seu paradeiro.

James tentava não interromper Luna.

— O que são as três relíquias?

— Oh, — disse Luna, olhando para ele. — Imaginei que tinhas lido sobre isso?

Ralph pronunciou-se.

— Nós lemos, mas não dizia nada a respeito de qualquer relíquia. Apenas dizia que Merlin abandonaria o mundo dos homens e retornaria quando o tempo fosse oportuno para ele, ou algo do género.

— Ah, bem, esta é a chave, então, não é? — disse Luna calmamente. — As relíquias determinam quando o tempo for oportuno. Os três elementos requeridos de Merlin, o seu trono, o seu manto e o seu bastão. Deixou-os a cargo de Austramaddux. De acordo com a profecia, uma vez que as relíquias estivessem reunidas novamente num lugar chamado “A Encruzilhada dos Anciões”, Merlinus reaparecerá para as reivindicar.

James arfou. *A Entrada da Encruzilhada dos Anciões*, pensou, lembrando-se da lenda gravada no portal da ilha secreta. Sentiu o seu coração a ser esmagado e estava certo de que Luna o ouviria da sua voz. Esforçou-se para parecer simplesmente curioso.

— Então o que aconteceu às três relíquias?

— Ninguém sabe ao certo. — respondeu Luna levemente. — mas o meu pai desenvolveu algumas teorias muito fortes. De acordo com lenda, o manto negro cerimonial de Merlin era feita de tecido incorruptível, fazendo com que durasse eternamente. Foi supostamente utilizado como mortalha sobre o corpo de Kreagle, o primeiro rei do mundo feiticeiro, na crença de que isso o preveniria da corrupção. Oh, ninguém sabe a localização da tumba de Kreagle, os seus Fiéis do Segredo foram enterrados dentro para assegurar a sua discrição para sempre. — Ralph estremeceu e Luna continuou. — O trono de Merlin como um conselheiro para o reino dos muggles foi passado de regime para regime, sempre mantendo-se pronto para o retorno do feiticeiro, até ser finalmente perdido nas neblinas do tempo. Alguns acreditam que recuperado por um rei feiticeiro no século dezasseis, e está guardado hoje no Ministério da Magia, esquecido nas câmaras infinitas do Departamento de Mistérios. Finalmente, — disse Luna, estreitando os olhos como se consultasse a sua memória. — a maior das três relíquias, o seu bastão. Naqueles tempos, feiticeiros usavam bastões em vez de varinhas, sabem. Longas varas, frequentemente mais altas do que o feiticeiro em si. O bastão de Merlin foi esculpido do tronco de uma rara madeira falante moldável. Dizem que ele ainda poderia fazer o seu bastão falar com a voz da dríade que o concedeu. Austramaddux guardou o bastão consigo, afirmando ser o seu único guarda até o dia do retorno de Merlin. Ele o era, e dizem que o segredo da localização do bastão morreu com ele.

— Wow. — disse Ralph em voz baixa.

— Mas ainda, — disse James. — diz que alguém poderia reunir todas as relíquias novamente. Onde é que essa Eruzilhada dos Anciões poderia ser?

— Novamente, ninguém sabe. — Luna respondeu. — Austramaddux fala disso como se esperasse que os seus leitores soubessem disso, como se fosse um lugar bem conhecido. Talvez o fosse, mas está completamente perdido para nós agora.

— Mas o seu pai acreditava que isso poderia trazer Merlin de volta? Ele achava que isso poderia acontecer? — incitou James.

Pela primeira vez, o rosto de Luna tornou-se sério. Ela olhou para James.

— O meu pai acreditava muito numa ampla variedade de coisas, James, nem todas consistentes com a realidade. Ele acreditava no retorno de Merlinus. Também acreditava no poder curativo das verrugas de Narguilés, a fonte do hálito agradável, e a existência de uma civilização subterrânea inteira de criaturas meio-humanas que ele chamava de Mordmunks. Noutras palavras, só porque o meu pai acreditava nessas coisas, isso dificilmente faz dessas coisas verdade.

— Sim, tens razão. — disse James, mas distraidamente.

Luna continuou.

— Nenhum feiticeiro venceu a morte. Muitos a enganaram por algum tempo, usando artes que se estendem do criativo ao duvidoso até o mal absoluto. Mas nenhum único feiticeiro em toda a história experimentou a morte e retornou para falar sobre isso. É a lei da mortalidade. Uma vida, uma morte.

James abanou a cabeça, mas já mal escutava. A sua mente estava vacilante. Finalmente, Ginny apareceu e mandou ambos os rapazes para a cama.

— Então, o que achas? — perguntou Ralph enquanto passavam pelo retrato acortinado da velha Mrs. Black e subiam as escadas. — Ainda achas que existe uma grande conspiração de Merlin?

James acenou que sim.

— Definitivamente. Lembras-te da nossa primeira aula de Defesa Contra as Artes das Trevas? Quando o Professor Jackson entrou para falar com o Professor Franklyn sobre algo? Ambos estavam de pé, então a rainha do voodoo entrou para dizer a Jackson que a sua turma o esperava. Lembra?

— Sim, claro.

— Bem, sabes aquela maleta que Jackson carrega com ele para todos os lados? Dei uma olhadela nela. Estava um pouco aberta e estava a pouca distância de mim. Dentro estava um grande pacote com algum tipo de roupa preta. O Jackson viu-me e lançou-me um olhar que derreteria chumbo!

James abriu a porta do quarto e Ralph lançou-se na sua cama.

— E então? Não entendo.

— Lembras-te do que te disse sobre a noite em que me escondi sob o Manto da Invisibilidade e segui o pai e o Professor Franklyn? Franklyn disse ao meu pai que ele deveria vigiar o Professor Jackson. Disse que Jackson estava envolvido em todo o movimento de propaganda anti-auror. Não percebes?

Ralph franziu as sobrancelhas e pensou duramente.

— Não sei. Não consigo acreditar que o Professor Jackson faria parte de uma conspiração para iniciar a guerra contra os muggles. Ele é difícil, mas parece porreiro.

— Isso é o que penso, também, mas, Ralph, sabes o que acho que é aquela coisa dentro da maleta? Acho que é uma das relíquias! O manto de Merlin! Ele mantém-na segura até que possa reunir o resto das relíquias.

Os olhos de Ralph arregalaram-se.

— Não! — disse ele em um sussurro fraco. — Não pode ser! Quero dizer, o Professor Jackson...!

— Isso não é tudo. — disse James, escavando sua mochila. — Dá uma olhada nisso. — puxou um *Profeta Diário* dobrado que Zane lhe dera, o único com a falsa história sobre a demonstração contra a visita de Harry Potter. — Isto esteve no fundo de minha bolsa o tempo todo. Esqueci-me porque o guardava, mas dá uma olhada no artigo atrás. — James deu uma palmada no artigo sobre a invasão no Ministério da Magia e os ladrões estranhamente amaldiçoados que aparentemente tinham entrado para não roubar nada. Ralph leu lentamente, então ergueu os olhos arregalados para James.

— Diz que um dos lugares que invadiram foi o Departamento de Mistérios. — disse ele. — Achas que estes tipos procuravam o trono de Merlin?

— Talvez. — admitiu James, pensando esforçadamente. — Mas não acho que sim. Acho que foram contratados como uma diversão. Aí diz que nenhum deles tinha grandes antecedentes, não? Não poderiam ter entrado no Ministério por conta própria. Talvez fosse só uma distração, vasculhando as coisas em volta e devastando um pouco enquanto *outra pessoa* encontrava o trono e o tirava dali.

— Mas diz aí que nada foi roubado. — disse Ralph, lançando um olhar de volta ao artigo.

— Bem, eles não iriam admitir que o trono de Merlin foi levado, ou iam? — retrucou James. — Quer dizer, seria bastante inquietante admitir que um artigo de magia das trevas desapareceu, com todas estas histórias de feiticeiros malvados a tentar usar as relíquias para trazer Merlin de volta dos séculos passados. Por outro lado... — ele lembrou o que Luna dissera a eles. — se o trono estava guardado nas câmaras do Departamento de Mistérios desde o século dezasseis, talvez já não soubessem o que estava ali. Como saberiam que um item desapareceu do lugar? Luna chamou-os de “câmaras infinitas”, não?

— Então, — disse Ralph, ainda analisando o artigo de notícias. — alguém contrata estes três estúpidos para invadir e fazer uma bagunça, enquanto os reais ladrões escapam com o trono de Merlin. Então os verdadeiros ladrões amaldiçoam esses tipos para não serem capazes de falar, e tramam-nos para se livrarem. Certo? Muito esperto. Mas ainda assim, onde é que escondes algo como o trono de Merlin? Objectos poderosos de magia, especialmente os das trevas, não deixam um sinal bastante notável? Tipo, o teu pai e os aurors captariam de algum modo, não?

— Sim, — James concordou duvidosamente. — eles teriam-no colocado em algum lugar longe da civilização ou escondido sobre vários Feitiços de Ilusão e Feitiços do Segredo. Mais do que apenas velhos feiticeiros poderiam fazer. Precisariam de um local totalmente protegido e absolutamente secreto, como... — ele deteve-se, compreendendo. A boca do pulmão aberta e os seus olhos arregalando-se mais e mais.

— O quê? — Ralph finalmente perguntou. James lançou um olhar para ele, e então lhe tomou o jornal. Ele o virou, examinando a página frontal.

— É isso! — disse ele num sussurro ofegante. — Olha! A invasão aconteceu na noite antes de chegarmos à escola! Lembra-te quando estávamos nos barcos a cruzar o lago pela primeira vez? Vi alguém num barco próximo à margem do lago!

— Sim, — disse Ralph lentamente, estreitando os olhos. — eu acho. No dia seguinte, quando os americanos chegaram, viste a velha Madame Delacroix e pensaste que poderia ter sido ela. Imaginei que estavas a enlouquecer um pouco.

James ignorou-o e continuou.

— Eu decidi que não poderia ser ela, porque a mulher que eu vi no lago era muito mais jovem. Mas a semelhança era assustadora. Mas, sabes o lugar onde vi aquele barco? Era o mesmo local onde eu e Zane encontramos a ilha! A Fortaleza da Gruta! Achei que *era* Madame Delacroix, apesar de tudo.

— Como? — perguntou Ralph simplesmente. — Ela não tinha chegado até ao dia seguinte.

James explicou a Ralph o que Professor Franklyn revelara sobre Madame Delacroix ao jantar nas hospedagens de Alma Aleron.

— Era a aparição dela. — concluiu. — Ela projectou-se para o lago, para aquele lugar na ilha, usando a habilidade que Franklyn nos contou. Não é de se estranhar que ela ficou maluca quando ele explicou que ela poderia projectar uma versão jovem de si mesma em qualquer lugar que quisesse!

Ralph pareceu desconfiado.

— Mas porquê? O que ela iria querer a flutuar num barco pelo lago?

— Não percebes? — exclamou James, tentando manter a voz baixa. — Seja lá quem roubou o trono de Merlin precisaria escondê-lo em algum lugar tão seguro e secreto que ninguém percebesse. Que outro melhor lugar para esconder senão os terrenos de Hogwarts? Para quê criar um esconderijo super poderoso quando um já existe e vais lá estar de qualquer forma? Madame Delacroix enviou o seu espectro para a ilha naquela noite para entregar o trono roubado. Ela escondeu-o precisamente nos terrenos de Hogwarts, ali na ilha. A Floresta Proibida já é tão repleta de magia que o trono provavelmente está perdido longe da percepção dos feiticeiros na escola. A Fortaleza da Gruta deve ser o esconderijo!

Ralph encarou James, mordendo os lábios e os olhos arregalados. Finalmente, ele disse:

— Wow, isso é tão horripilante que faz sentido. Então, achas que ela está a agir com o Jackson, então?

— De uma maneira ou de outra, eles estão nesta, juntos. — afirmou James.

— Isso é nojento. — disse Ralph sem rodeios. — Eu estava realmente a começar a gostar do Professor Jackson. Mas, qual é a grande coisa, realmente? Quer dizer, a Luna disse que é impossível trazer Merlin de volta. Parecia pensar que aqueles que tentaram estavam certamente loucos. Uma vez louco, sempre morto. Porque não deixar Delacroix e Jackson com as suas fantasias?

James não poderia desistir. Balançou a cabeça.

— Não sei quanto a Delacroix, mas o Professor Jackson é mais esperto do que isso. Ele ensina Tecnomância, não é? Ele não decairia por algum esquema louco se não soubesse que daria certo. Além disso, toda a gente continua a falar como se Merlin tivesse morrido. Mas Austramaddux não disse que ele morreu, ou disse? Apenas deixou o mundo dos homens.

Ralph encolheu os ombros.

— Que seja. Para mim é bastante duvidoso. — caiu de costas na cama.

— Por favor, Ralph! — disse James, atirando o velho jornal nele. — Eles estão a tentar trazer Merlin de volta para começar uma guerra com os muggles! Cabe-nos a nós parar isto!

Ralph virou-se para o lado e franziu as sobrancelhas para James.

— O que queres dizer? O teu pai é o chefe dos aurors. Se realmente estás preocupado a esse respeito, conta-lhe a ele. É o trabalho dele parar coisas como estas, não é? De qualquer forma, o que vamos fazer?

James ficou exasperado.

— Podemos tentar detê-los! Ninguém se acreditará se contarmos agora. Nós mesmos podemos tentar capturar as relíquias. Se fizermos isso, então ao menos teremos uma prova!

Ralph continuou a encarar James. Após um minuto, falou.

— Não achas que está a levar isto um pouco demais a sério? Quer dizer, eu entendo que queiras seguir os passos do teu pai e tudo, a tentar salvar o mundo e ser o herói...

— Cala-te, Ralph. — disse James, repentinamente zangado. — Não sabes do que estás a falar.

Ralph virou-se.

— Sim, tens razão. Desculpa. — James sabia que, depois da briga anterior entre eles, Ralph estava sensível a não dizer qualquer coisa demasiadamente controversa.

— Tudo bem. — James admitiu. — Sei porque é que está a dizer isso. Mas agora é diferente. Realmente não estou a tentar ser como o pai, ok? Talvez não haja maneira alguma de trazer Merlin de volta. Mas, estes sujeitos do Elemento Progressivo não têm boas intenções. Se nós pudermos provar que eles estão a tentar iniciar uma guerra,

podemos ao menos encerrar suas actividades, não? Se nós pudermos fazer isso, acho que deveríamos. Estás comigo?

Ralph sorriu para James.

— Claro. Qual é a piada de ser um feiticeiro se não estamos à procura de salvar o mundo?

James revirou os olhos.

— Cala-te e dorme, Ralphinator.

Mas James não conseguia dormir, não por muito tempo. Ele pensou bastante sobre tudo o que aprendera aquela noite, as conexões que ele e Ralph construíram. Fazia tanto sentido. Tinha que ser verdade. E por mais que acreditasse em Luna, não poderia acreditar totalmente que era impossível trazer Merlin para o mundo de algum modo. Ele fora o maior feiticeiro existente, não? Ele tivera certeza de que era capaz de coisas que inclusive os mais poderosos feiticeiros desde então achavam impossíveis. James sentiu uma forte má vontade de desistir. Mas, parte dele fora atingida pela sugestão de que James estava simplesmente à procura de uma maneira de ser um herói, como o seu pai. Não porque ele sabia que isso não fosse verdade, mas porque estava temeroso de que fosse. Finalmente, várias horas depois a casa mergulhou em silêncio, sentindo-se confuso e exausto, James adormeceu.



Durante o dia antes da viagem de volta à escola, James perambulava pelos aposentos superiores do Largo Grimmauld, entediado e impaciente. A última das visitas ficara para o dia anterior, e Ralph saíra com Ted e Victoire para ver os gabinetes de Harry no Ministério. James estivera lá várias vezes, mas sua razão principal para não acompanhá-los era que queria tempo para pensar. Após uma hora e meia deitado em sua cama e rabiscando notas insignificantes e ilustrações em folhas de pergaminho, desistira e subiu as escadas em direcção ao quarto andar. Os andares superiores eram silenciosos e sonolentos, com partículas de poeira flutuando preguiçosamente dentro dos raios solares que jorravam pelas janelas congeladas. Todas as camas estavam arrumadas, a maioria das malas prontas. Todos deixariam o Largo Grimmauld nos próximos dias, reduzindo-o mais uma vez ao silêncio. Até Kreacher fora induzido a acompanhar a família de volta para a casa principal em Marble Arch por alguns meses. A idade e tranquilidade da casa pareciam preencher os aposentos, como névoa. James sentia-se como um fantasma.

Ele estava passando pela porta do quarto de seus pais quando se deteve. Pôs um passo atrás e olhou para dentro. As cortinas estavam amplamente abertas e um feixe forçado de luz solar atravessava o ar, projectando a luz em formato de janela sobre o baú de Harry Potter. James lançou um olhar rápido para as escadas para se assegurar de que ninguém estava vindo, e então adentrou o quarto na ponta dos pés. O baú não estava completamente fechado. Nem sequer possuía fechadura. James ergueu a tampa lentamente, espiando. Ali, no mesmo local que estava da última vez, estava o Manto da Invisibilidade de seu pai. Estava dobrada com força, empacotada a um canto, quase coberta por uma pilha de peúgas. James olhou novamente para a entrada, já se sentindo culpado. Não deveria fazer aquilo, claro. Absolutamente não. Quando seu pai descobrisse, haveria problemas. Mas por outro lado, talvez seu pai nem notaria. Harry Potter parecia carregar o manto legendária simplesmente pela força do hábito. Na verdade, James não conseguia relembrar da última vez que a tinha usado. Parecia errado, de certo modo, que tal tesouro útil não estava sendo colocado em uso por alguém. James a alcançou e a tocou, então, sem pensar duas vezes, puxou o manto para fora. Estava quase para virar-se e correr de volta para seu quarto, quando algo mais dentro do baú chamou sua atenção. Segurou a respiração enquanto olhava, mal se permitindo acreditar no que estava vendo. Estava embrulhado debaixo do Manto da Invisibilidade, revelado apenas quando James retirou o manto. Poucas pessoas inclusive reconheceriam o que era. À primeira vista, tratava-se meramente de um pergaminho velho, dobrado muitas vezes. Como um mapa. James o levou em consideração. O que finalmente o fez se decidir foi o pensamento do que Ted Lupin poderia dizer se ele soubesse que James dera as costas àquela oportunidade excelente.

James pegou o Mapa do Salteador, segurando-o com força junto ao Manto de Invisibilidade contra o peito, então cuidadosamente fechou o baú de seu pai. Correu escada abaixo e retornou ao seu quarto. No momento em que escondera seu contrabando no fundo de seu próprio baú, estava se sentindo ao mesmo tempo excitado e assustado em medidas iguais. Tinha certeza de que receberia uma repreensão quando fosse descoberto, e não tinha dúvida de que o *descobririam*. Porém, sabia que seu pai não seria capaz de negar que teria feito a mesma coisa se estivesse na mesma situação que James. Contava com isso para abrandar as coisas quando o tempo chegasse. Até lá, faria bom uso de ambos os itens. Ainda não sabia exactamente como, mas não tinha dúvida de que, com o Manto de Invisibilidade e o Mapa do Salteador em sua posse, sentia-se muito melhor preparado para enfrentar quaisquer aventuras que certamente viessem.



A viagem de volta à escola, como qualquer viagem pós férias, foi melancólica e tranquila. De volta a Hogwarts na semana seguinte, James e Ralph relataram a Zane tudo o que Luna lhes contara e as conexões que subsequentemente fizeram. James sentiu-se grato por Zane entender imediatamente as implicações.

— Talvez Madame Delacroix tenha lançado a Maldição Imperius no Jackson? — perguntou em tom baixo enquanto os três se agachavam na mesa ao canto da biblioteca.

— Sim. — Ralph concordou. — Faz sentido. Ela poderia estar apenas a usá-lo como instrumento.

James sacudiu a cabeça.

— O pai diz que a Maldição Imperius é muito fácil de ser lançada, mas necessita de muita força de vontade para a manter durante um longo período de tempo. Um ano escolar inteiro é *muito* tempo. Além disso, um feiticeiro forte o suficiente pode aprender como se livrar dela ou a resistir completamente. Jackson é esperto demais para ser um alvo disso.

Ralph encolheu os ombros, e então inclinou-se, baixando a voz enquanto um grupo de estudantes passava por eles.

— De qualquer forma, ainda penso que isto tudo é uma perda de tempo. Quer dizer, os feiticeiros andam a tentar trazer Merlin de volta à séculos, não? E os melhores feiticeiros hoje vivos acreditam que tudo é apenas um tipo de conto de fadas. O Professor Franklyn disse na aula de D. C. A. T. que os melhores registos mostram que Merlin acabou por se envolver com alguém chamado ‘a Dama do Lago’ que lhe tirou os poderes e o aprisionou. Poderia ser apenas uma parte da lenda, mas ainda assim, supostamente ele morreu há mais ou menos doze séculos e foi enterrado como qualquer outra pessoa.

Zane, que sempre tendia à imaginação mórbida, arregalou os olhos.

— E se o plano for trazê-lo de volta como Inferi? Talvez pensem apenas erguer o seu corpo como algum tipo de zombi ou algo do género!

James revirou os olhos.

— Inferi são apenas cadáveres animados. Ninguém diria que alguém retornou à vida se apenas foi transformado em Inferi. É o mesmo que pegar o esqueleto de Merlin e usá-lo como fantoche.

Zane ergueu suas mãos e imitou uma boca com os dedos.

— Ei, meus. Sou o Merlin. Acabei de voltar a voar da morte, e meu, os meus braços estão cansados?

James prendeu um riso.

— Tudo bem, agora a sério, talvez toda esta coisa sobre o retorno de Merlin seja apenas uma lenda maluca. Jackson e Delacroix e seja lá quem for que esteja a trabalhar com eles no Elemento Progressivo acredita nisso, e enquanto acreditarem, continuarão

assim. Mesmo que o plano de Merlin não funcione, simplesmente eles conspirarão outro plano. De qualquer forma, se podermos provar o que eles estão a tentar fazer...

— Podemos ao menos detê-los. — afirmou Ralph. — Certo? Desacreditá-los para o mundo feiticeiro?

— Sim. E se fizermos isso, eles vão precisar de muita habilidade para alcançar os seus objectivos.

Zane levou os dedos para trás da cabeça e recostou-se.

— Então parece que precisamos de pôr as nossas mãos naquelas relíquias. O trono está protegido demais para o alcançarmos, se estiver naquela ilha. Não sabemos ainda quem tem o bastão de Merlin ou se alguém mais sabe onde está. Resta-nos o manto. Ao menos sabemos onde ela está, e pelo que sabemos, a maleta de Jackson não tentará arrancar as nossas pernas fora se a abrirmos.

Ralph pareceu desgostoso.

— Pelo que sabemos.

— Precisamos de ser capazes de a apanhar sem o Jackson saber que desapareceu. Se ele perceber, terão tempo de recuar e cobrir os seus vestígios. — disse James, pensando com esforço. — Queria apenas saber onde é que eles estão a planear reunir as relíquias. Temos que as alcançar antes que tentem.

— E onde é essa Encruzilhada dos Anciões? — adicionou Ralph.

— Tenho a impressão de que é a própria ilha. — respondeu James, erguendo as sobrancelhas.

Era a vez de Zane balançar a cabeça.

— Não. Não pode ser. O sinal no portão dizia que ali era a Fortaleza da Gruta. Na base, dizia algo sobre a Encruzilhada dos Anciões, como se fosse outro lugar.

James vasculhou a sua mochila, encontrando a folha de pergaminho em que ele e Zane reescreveram o poema do portão. Estendeu-o entre eles. À luz do que Luna lhes contara, o poema fazia mais sentido. Leram-no, juntamente com as suas notas rabiscadas, mais uma vez.

Quando pela luz resplandecente de Sulva — sulva = lua.

Encontrei a Fortaleza da Gruta; — só pode ser encontrada ao luar.

Antes que a noite do tempo voltasse — tempo que volta? Uma certa data?

Despertou o seu lânguido sonho. — Merlinus; dormir? Rip Van Winkle.

Ao retorno da perturbada aurora — acontece à noite?

Sem a perda de alguma relíquia; — as três relíquias! Reuni-las.

Passada uma vida, uma nova era, — uma vida do passado num novo tempo; a origem da lenda?

A Entrada da Encruzilhada dos Anciões — Aqui? Onde?

— Sim. — concordou James relutantemente. — Isto soar como se a Encruzilhada dos Anciões fosse um lugar inteiramente diferente. Talvez a Fortaleza da Gruta se *transforme* na Encruzilhada dos Anciões, de alguma forma?

Zane encolheu os ombros, não muito convencido.

— É.

— Não faz qualquer diferença, realmente. — disse Ralph após um minuto de meditação. — É apenas um poema antigo. Parte da lenda.

— Não viste a ilha. — disse Zane com um estremecimento, então, virou-se para James. — Achas que toda aquela Fortaleza da Gruta cresceu ali naquela ilha em resposta ao trono de Merlin estar lá?

— Poderia ser. — James afirmou. — Se a lenda é verdadeira ou não, aquela coisa deve possuir alguma magia séria. Provavelmente, Madame Delacroix adicionou as suas próprias maldições e feitiços também.

— De qualquer maneira, — insistiu Ralph. — temos que conseguir o manto da maleta do Jackson. Alguma ideia?

Os três olharam uns para os outros. Finalmente, James disse:

— Vou pensar num plano. De qualquer forma, vamos precisar de alguma coisa para substituir o manto.

— Disseste que era apenas um pedaço grande de tecido preto? — disse Ralph. — podemos usar o meu manto. O meu pai deu-me um guarda roupa feiticeiro completo quando estávamos na Diagon-all antes no início das aulas, e a não ser que eu tenha que ir ao casamento ou ao funeral de alguém, não posso imaginar quando é que vou precisar daquela coisa. É maior do que o meu cobertor.

James considerou.

— Certo, acho que servirá como qualquer outra. Ainda que, — acrescentou, olhando seriamente para Ralph. — eles possam investigar e isso leva até ti.

Ralph ficou em silêncio por um momento, e então encolheu os ombros.

— Ah, bom. Já não me faltam inimigos. Um ou dois não podem magoar mais.

Considerando o calibre dos inimigos que Ralph poderia conseguir com tal plano, James pensou que poderiam realmente magoar, mas decidiu não dizer nada. Estava orgulhoso por Ralph se voluntariar, e sentiu que isso mostrava que Ralph tinha uma grande confiança em James. James esperava que ele fosse digno dela.



No resto da semana, James possuía pouquíssimo tempo para pensar a respeito da maleta de Jackson e do manto relíquia. Como se ele soubesse o que estavam a conspirar, o Professor Jackson empilhou mais trabalhos de casa do que o normal, designando quase cinco capítulos e uma composição de quinhentas palavras sobre a Lei do Deslocamento Inerte de Hechtor. Ao mesmo tempo, o Professor Franklyn planeava um exame prático para quinta à tarde, deixando apenas um dia para James, Zane e Ralph praticarem Feitiços de Desarmar e Bloqueio. Ralph foi forçado a praticar num manequim. Após duas horas, ele finalmente teve sucesso a lançar o *Expelliarmus* sem queimar uma cratera no manequim encapado. Felizmente, o próprio Franklyn propôs-se a ser o parceiro de duelo de Ralph durante a prática. Ralph, ligeiramente mais confiante de que Franklyn poderia desviar qualquer feitiço errante do que qualquer outro dos seus colegas, conseguiu concentrar-se um pouco mais no manuseio da varinha. Para a surpresa de todos, mais do que para si próprio, o seu *Expelliarmus* realmente obteve sucesso em arrancar a varinha de Franklyn da sua mão. A varinha oscilou no tecto como uma flecha.

— Bem feito, Mr. Deddle. — disse Franklyn, um pouco fracamente, contemplando a sua mão. — Mr. Potter, poderia, por gentileza, recuperar minha varinha? Há uma escada de mão próxima ao armário de mantimentos. Muito bem.

Assim que James e Ralph deixaram a aula prática de Defesa Contra as Artes das Trevas, James notou que mais uma vez estava a ser observado atentamente por um homem de bigode no quadro de feiticeiros reunidos à volta de um enorme globo. Durante as semanas passadas, começara a notar olhares similares vindo dos quadros por todos os corredores. Não de todos os quadros, de alguns, mas o suficiente para incomodar a sua atenção. O feiticeiro gordo ao canto da mesa do quadro do envenenamento de Péracles parecia escutar intencionalmente enquanto ele, Ralph e Zane discutiam sobre a maleta de Jackson na biblioteca. Um cavaleiro na pintura da Batalha de Bourgenoise andava a meio passo ao canto do quadro para observar James enquanto este se perdia de vista dirigindo-se à aula de Estudo dos Muggles. Talvez o mais estranho de tudo, era o retrato de um retrato no quadro da coroação do Rei Cyciphus que estudava James sem vergonha da parede do Salão Principal enquanto ele e Zane tomavam o pequeno almoço.

James deteve-se no seu caminho para a sala comum e aproximou-se do quadro dos feiticeiros reunidos à volta do globo. O feiticeiro com o bigode escuro e óculos olhou para ele com uma expressão severa e ilegível.

— Que foi? — reclamou James. — Eu tenho mostarda na minha gravata ou algo do género?

A pintura da expressão do feiticeiro não mudou, e mais uma vez, James achou que havia algo de incomodamente familiar nele.

— De alguma forma, conheço-te. — disse ele. — Quem és tu?

— Estás a falar com um quadro. — apontou Ralph.

— Eu converso com um quadro cada dia que entro na sala comum. — disse James sem se virar.

— Sim. — afirmou Ralph. — Ainda assim, parece um pouco estranho saíres por aí e começares a conversar com as pinturas espalhadas pelos corredores.

— De onde é que eu te conheço? — perguntou James à pintura, aborrecido.

— Meu rapaz, — outro feiticeiro no quadro falou. — não estamos acostumados a este tom. Respeito e consideração, por favor. Somos mais velhos que tu.

James ignorou-o, ainda a estudar o feiticeiro com bigode e óculos, que simplesmente devolvia o olhar em silêncio. Ocorreu a James que o feiticeiro apenas parecia familiar porque, de algum modo, se parecia com o resto das pinturas que o observava. Mas obviamente era ridículo, não era? Vira o homem gordo calvo, e o feiticeiro magro no retrato do retrato que possuía uma barba espessa loura e enorme. Todos os quadros que viu que o observavam eram absolutamente diferentes. Alguns inclusive eram mulheres bastante feias. Mas, havia algo nos olhos e no aspecto do rosto. James agitou a cabeça. Sentia-se tão perto de compreender, apesar disso permanecia longe do seu alcance.

— Vamos. — disse Ralph finalmente, agarrando o braço de James. — Conversas com os quadros mais tarde. Hoje à noite há bife e rim.

Naquele fim-de-semana, James testou sua nova *Seta Trovão* no campo de Quidditch. Era realmente uma experiência completamente diferente do que voar em qualquer uma das vassouras das equipas. A *Seta Trovão* era notavelmente mais veloz, mas o mais importante, respondia às direcções de James com uma precisão e facilidade que se limitava à premonição. James simplesmente pensava que talvez gostasse de mergulhar ou girar, e repentinamente, descobriu que isso estava a acontecer. Ted explicou, bastante ofegante, que a *Seta Trovão* era equipada com uma opção chamada “Melhoramento Extra-Gestual”.

— Basicamente, — disse ele em uma voz respeitosa. — a vassoura pode ler a mente do seu dono, basta apenas o mais ligeiro toque para ir para onde tu quiseses. Ela já sabe o que queres, então no momento em que vais a guiar, já estás lá.

James ofereceu a Ted uma volta na vassoura, mas Ted agitou a cabeça tristemente.

— Ela está ligada a ti. És o dono. Se mais alguém tentasse voar nela, não daria certo. Essa é uma desvantagem da opção M. E. G. Ou vantagem, se estiveres preocupado que alguém a roube.

— Queeero umaaaa! — disse Zane em voz baixa. — Quanto custa?

— Quanto é que tens? — perguntou Ted.

Zane pensou por um instante.

— Desde que dei os meus últimos cinco dólares ao elfo domésticos, eh, nada.

— Custa mais do que isso. — disse Ted acenando com a cabeça.

No caminho de volta para o castelo, Zane contou a James que tivera uma ideia sobre como trocar o manto de Merlin com o manto de Ralph.

— Encontra-me hoje à noite na sala comum dos Ravenclaw. — disse ele. — Diz ao Ralph para vir, também, quando o vires. Encontra-vos-ei na entrada às nove.

Naquela noite, a sala comum de Ravenclaw estava estranhamente vazia. Zane explicou que havia um torneio de xadrez de feiticeiro no Salão Principal.

— Horace Birch está a jogar com o Professor Franklyn pelo título de maior campeão de xadrez do universo ou algo do género. Não é oficial, parece-me. De qualquer forma, todos estão lá em baixo a torcer por ele. Então algum de vocês já arranjou uma maneira de obter o manto do Jackson?

— Pensei que tinhas dito que tinhas um plano. — disse James.

— E tenho, mas é bastante arriscado. Pensei primeiro ouvir as vossas ideias, caso fossem melhores.

James balançou a cabeça. Ralph disse:

— Estive a observar o Professor Jackson. Ele nunca deixa aquela maleta fora de vista.

— Na verdade, — disse Zane, sentando-se numa cadeira próxima do fogo. — isso não é totalmente verdade.

Ralph e James sentaram-se no sofá. James disse:

— O Ralph está certo. Inclusive, ele leva-a para as partidas de Quidditch. Põe-la entre os pés durante as refeições. Está com ela o tempo todo.

— Fica com ela o tempo todo. — concordou Zane. — mas há um momento onde ele não está exactamente de olho nela.

— Quê? — exclamou James. — Quando?

— Durante a aula de Tecnomância. — respondeu Zane simplesmente. — Pensa. O que é que ele faz durante a aula?

James considerou por um instante, então os seus olhos arregalaram-se ligeiramente.

— Ele circula.

— Bingo. — disse Zane, apontando para James. — Ele põe a maleta no chão próximo à escrivaninha, cuidadosamente como sempre, e então ele circula. Circula pelo local dez vezes por aula, aposto. Eu observei. Leva perto de um minuto para completar todo o caminho no local, o que significa que por mais ou menos vinte segundos, ele retorna para perto da maleta.

— Espera. — intrometeu-se Ralph. — Achas que deveríamos tentar fazer a troca logo no meio da aula?

Zane encolheu os ombros.

— Como eu disse, não é uma ótima ideia.

— Como? Há vinte pessoas na aula. Não podemos envolver todos nisto.

— Não. — concordou James. — Philia Goyle está nessa aula. É amiga íntima de Tabitha Corsica, e é possível, até provável, que estejam dentro da conspiração de Merlin. Inclusive, Philia pode saber o que há dentro daquela maleta. Ninguém mais pode saber o que estamos a planejar.

— Não significa que seja impossível. — disse Zane.

Ralph alçou os sobrolhos.

— Achas que vamos conseguir abrir a maleta de Jackson, trocar os mantos, e fechá-la novamente, tudo enquanto o Jackson está de volta em vinte segundos, e sem que mais alguém na aula se aperceba?

— Hum. — fez James, erguendo a sobrancelha. — Talvez não precisamos de *abrir* a maleta. E se encontrássemos outra maleta? Poderíamos pôr o manto de Ralph dentro e de alguma forma trocar as malas enquanto Jackson está de volta.

Ralph permaneceu desconfiado.

— O Jackson poderá perceber. Ele carrega aquela coisa com ele para qualquer lugar. Provavelmente memorizou cada arranhão ou zonas gastas nela.

— Na verdade — disse Zane ponderando. — é uma maleta de couro de aparência bastante padrão. Vi outras exactamente como aquela aqui mesmo em Hogwarts. Se pudéssemos encontrar alguma bastante próxima... — Zane repentinamente se surpreendeu e estalou os dedos. — Horace!

— Horace? — pestanejou James. — Horace Birch? O Gremlin jogador de xadrez? O que é que ele tem a ver com isso?

Zane chacoalhou a cabeça excitadamente.

— Lembra-te do *Wocket*? Horace usou feitiço chamado *Visum-ineptio* para fazê-lo parecer um disco voador. Era um Feitiço Engana O Olhar! Ele disse que ele apenas faz as pessoas verem o que esperam ver. Se encontrarmos uma maleta que se pareça com a do Jackson, e lançarmos um *Visium—ineptio* sobre ela, aposto que seria o suficiente para enganar muito bem o velho Cara de Pedra! Digo, ele nunca esperaria isso acontecer à sua maleta durante a aula, então o feitiço ajudará a ele ver a maleta falsa como a sua. Certo?

Ralph pensou sobre isso e pareceu aliviado.

— É tão louco que pode dar certo.

— Sim, — acrescentou James. — mas ainda assim, como faremos a troca das malas durante a aula sem que ninguém mais se aperceba?

— Precisamos de uma diversão. — disse Zane firmemente.

Ralph fez careta.

— Viste muita televisão.

James ergueu as sobrancelhas, pensando no Manto de Invisibilidade.

— Sabes, — disse ele. — acho que tenho uma ideia. — ele contou a Zane e Ralph sobre ter encontrado o Manto de Invisibilidade e o Mapa do Salteador.

— Tiraste-os do baú do teu pai! — sorriu Zane deleitado. — Meu pequeno traste! O Ted vai querer beijar-te!

— Ele não sabe, e quero manter em segredo, pelo menos por agora. — disse James com severidade. — Mas o ponto é, acho que podemos usar o Manto da Invisibilidade para fazer a troca sem ninguém saber. No entanto, vai exigir muito de todos nós.

— Eu nem sou daquela turma. — disse Ralph.

James abanou a cabeça.

— Eu sei. Que aulas tens nessa hora? À primeira, na quarta?

Ralph pensou.

— Hum. Aritmancia. Treta.

— Podes faltar a uma?

— Acho que sim. Por quê?

James explicou o seu plano. Zane começou a sorrir, mas Ralph parecia desconfortável.

— Eu sou um terrível mentiroso. Eles vão perceber imediatamente. — murmurou. — O Zane não pode fazer a minha parte? Ele tem talento para isto.

James balançou a cabeça.

— Ele está na aula comigo. Não seria bom.

— Tu consegues fazer isto, Ralph. — disse Zane de todo o coração. — O truque é olhá-los directamente nos olhos e nunca piscar. Vou-te ensinar tudo o que sei. Vamos fazer de ti um grande mentiroso.

Naquela noite, quando James se preparava para dormir, pensou rapidamente no plano. Agora que se tinha permitido considerar a impossibilidade do retorno literal de Merlin, sentiu-se bastante tolo por ter estado tão certo disso. Obviamente, era apenas uma ilusão maluca de feiticeiros ávidos por poder. Ainda assim, era evidente que Jackson e Delacroix, ao menos, acreditavam nisso o bastante para tentar. Se James, Ralph, e Zane conseguissem capturar o manto relíquia, seria a prova suficiente para fazer com que o seu pai e os seus auros investigassem a ilha da Fortaleza da Gruta. Encontrariam o trono de Merlin e a conspiração seria revelada. Estaria na página principal das notícias do *Profeta Diário*, e o Elemento Progressivo de Tabitha Corsica, certamente parte do complot, seria revelado como uma campanha de mentiras e propaganda, tencionando apenas a guerra e domínio. Com essa visão na sua cabeça, James teve a sensação repentina de determinação para fazer tudo o que pudesse para obter o manto.

Enquanto avaliava o plano, contudo, tinha as suas dúvidas. Certamente, era um esquema bastante complicado, com muitas variáveis. Muito dependeria inteiramente da pura sorte. Num minuto, James tinha a certeza de que funcionaria perfeitamente, no próximo, estava certo de que seria um desastre e ele, Ralph e Zane seriam apanhados. O que diriam? Jackson saberia que estavam cientes do seu plano. Seria isso o suficiente

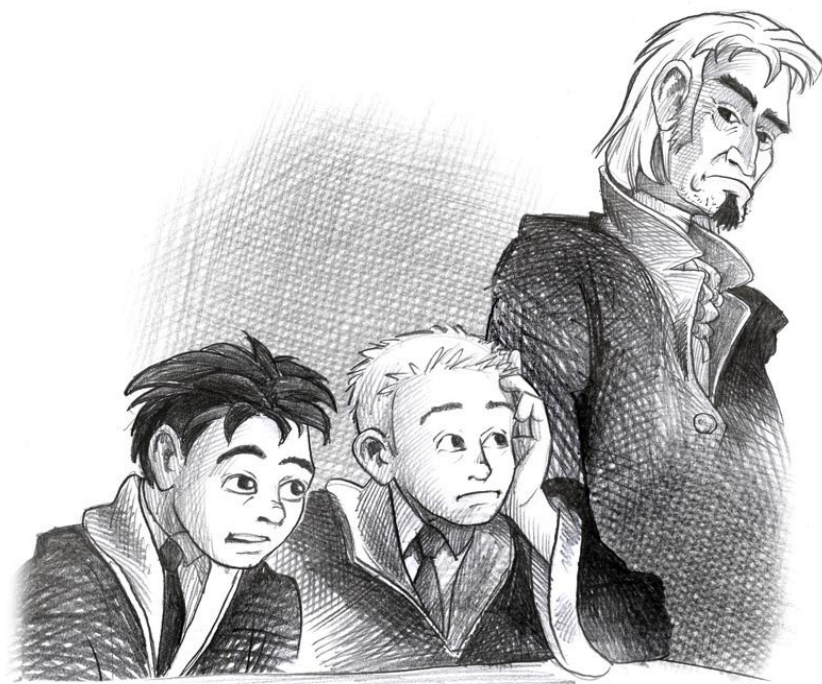
para deter a conspiração? James era, acima de tudo, o filho do Auror Chefe. James pensou que não. Se James e os seus amigos fossem apanhados a tentar roubar a relíquia, Jackson saberia que ainda não contaram nada a Harry Potter. Jackson e os seus co-conspiradores matariam para manterem os seus planos em segredo? Ele mal conseguia acreditar nisso, mas por outro lado, James tinha a certeza, provavelmente mais do que Zane ou Ralph, de que os três poderiam ficar em grande perigo se o esquema falhasse.

Pela primeira vez, considerou contar tudo ao seu pai. Ele poderia enviar Nobby com uma carta, a explicar tudo em que eles trabalharam até ali. Se o plano dos três de capturar o manto relíquia desse certo, então teriam uma prova para dar mais força à carta. Se falhassem e fossem apanhados, ao menos mais alguém saberia da conspiração de Merlin. Era tão tarde para escrever a carta, mas ele retornou à segurança de que seria uma boa ideia, e decidiu que seria a primeira coisa a fazer pela manhã. Pensando nisso, adormeceu.

Na manhã seguinte, contudo, enquanto descia as escadas para o pequeno almoço, esqueceu tudo sobre isso. À luz de um novo dia e de uma nova semana, sentiu-se perfeitamente confiante de que o plano deles funcionaria. Falhar era inconcebível. Estava tão animado com isso que mal notou o feiticeiro pálido no quadro da Assumpção de São Mungo observando-o com atenção, erguendo a sobrancelha com o rosto inflexível.

— CAPÍTULO 12 —

Visum-Ineptio



A primeira dificuldade que James, Ralph e Zane enfrentaram para capturar a maleta de Jackson foi o simples facto de terem que encontrar uma suficientemente parecida para realizarem a troca. Era, como Zane tinha mencionado, uma maleta de couro negro bastante simples, mais parecido com uma bolsa de médico do que com uma verdadeira maleta. Na noite de segunda-feira durante o jantar, estudaram-na cuidadosamente enquanto estava debaixo da mesa dos professores, entre as botas pretas do professor. Na parte superior, tinha duas alças de madeira, um fecho metálico articulado, e sem dúvida estava bastante desgastada e usada. Sentiram-se desanimados ao descobrir que num dos lados estava pregada uma pequena placa de latão baço onde estava gravado “T. H. Jackson”. Embora na maioria dos aspectos parecesse um elemento de transporte absolutamente insignificante, os rapazes logo descobriram que não era, de facto, fácil encontrar uma exactamente igual. Muitos estudantes e professores possuíam maletas e pastas, mas todas eram muito finas ou da cor errada, ou de um tamanho ou forma bastante diferentes. Já era terça-feira de

madrugada, e ainda não tinham encontrado uma maleta que pudessem usar para realizar a troca. Ralph sugeriu que teriam de esperar até à semana seguinte para fazer a troca, mas James insistiu que deviam continuar a tentar.

— Não sabemos quando planeiam reunir todas as relíquias. — explicou — Se esperarmos demais, vão tentar fazer isso e então não teremos acesso a absolutamente nenhuma delas. Imaginarão que elas não funcionam e, portanto escondê-las-ão ou as destruirão.

Ralph e Zane concordaram, mas isto não os fez ficarem mais próximos de encontrar uma maleta apropriada para a troca. Então, na quarta-feira de manhã, dia em que teriam a aula de Tecnomância, Ralph chegou à mesa do pequeno almoço com um brilho maníaco nos olhos. Deixou-se cair de frente para Zane e James e olhou-os fixamente.

— Que foi? — perguntou James.

— Acho que encontrei uma maleta que podemos usar.

James ficou boquiaberto e Zane engoliu audivelmente o café que estava a tomar.

— O quê? Onde? — perguntou James num sussurro áspero. Tinha decidido que depois de tudo iam ter de esperar, o que o fazia sentir preocupado e aliviado ao mesmo tempo. Neste momento a adrenalina disparou no seu interior. Os olhos bastante arregalados do rosto pálido de Ralph indicavam que estava a sentir a mesma coisa.

— Conheces o meu amigo Rufus Burton?

James assentiu.

— Sim, o outro Slytherin do primeiro ano. Um rapaz com cabelo oleoso, não é?

— Sim. Bem, ele colecciona pedras e coisas assim. Chama-se a si próprio de “caçador de rochas”. Tem um montão de pedrinhas polidas colocadas numa estante junto da cama: cristais, quartzos, safiras com formato de Lua e tudo mais. Na última noite o ouvi falar delas durante quase uma hora. Enfim, obviamente, trouxe para escola todas as suas ferramentas de recolher pedras. Tem um pequeno martelo com forma de bico de um lado, um conjunto de pequenas lixas, escovas e muitas toalhinhos e substâncias para polir...

— Certo, certo, — disse Zane — entendemos perfeitamente. O tipo é um especialista em ferramentas. Estou impressionado. Qual é o interesse?

— Bem, — disse Ralph, indiferente — ele carrega todas as suas ferramentas e equipamentos numa maleta. A noite passada pegou nela e colocou-a sobre a cama...

— E é do tamanho e formato exactos? — acordou James.

Ralph assentiu, os olhos ainda arregalados.

— É quase perfeita. Até tem uma pequena placa num dos lados! Tem o nome do fabricante nela, mas está no mesmo lugar em que está a pequena placa da maleta de Jackson. É de cor diferente, e as alças são de marfim, mas fora isso...

— Então como vamos consegui-la? — perguntou James desanimado.

— Já a consegui, — respondeu Ralph, parecendo bastante orgulhoso de si mesmo — Eu disse-lhe que queria uma bolsa para levar os meus livros e pergaminhos. Que a minha mochila não dava a impressão de ser, sabes, tão *Slytherin*. Ele disse que sabia exactamente o que eu queria dizer. Também disse que lhe tinham dado outra maleta de ferramentas nova no Natal, e assim podia dar-me a velha. Por isso ele resolveu as diferenças: estava a tirar tudo da velha para colocar na nova, que é maior e é revestida com uma dura pele de dragão. Impermeável, ele disse. — Ralph estava a começar a divagar.

— Ele simplesmente disse que podias ficar com ela? — perguntou Zane incrédulo.

— Sim! Tenho que dizer que isto me assustou um bocado. Quero dizer, não é um pouco demasiado.... não sei...

— Um pouco coincidência a mais — assentiu Zane.

Depois de pensar James decidiu-se.

— Onde está a maleta agora?

Ralph pareceu um pouco assustado.

— Trouxe-a comigo, mas escondi-a num dos cubículos que estão debaixo das escadas. Não queria que ninguém me visse com ela aqui. Por precaução.

— Bem pensado. Vamos. — disse James, levantando-se.

— Mas vocês ainda querem fazer isto? — perguntou Ralph, seguindo-os contrariado — Quer dizer, tínhamos decidido que íamos esperar até à próxima semana...

— Isso era só porque não tínhamos outra opção.

— Bem, — murmurou Ralph — sempre há opções. Quero dizer, não temos porque agir desta forma, ou temos? Um de nós não poderia esconder-se debaixo do Manto de Invisibilidade e fazer a troca quando o Jackson não estivesse a olhar?

Zane negou com a cabeça:

— Não dá. Há muito pouco espaço lá dentro. O Jackson dava contigo numa das suas voltas. Se vamos fazer isto, esta é a única forma.

— Olha, acho que estamos *destinados* a fazer isto — disse James, virando-se para encarar Ralph e Zane, quando chegaram na entrada. — Se existe algo como o destino, então foi isso que colocou a maleta nas tuas mãos a noite passada, Ralph. Não podemos perder esta oportunidade. Seria como.... como cuspir na cara do destino.

Ralph pestanejou, imaginando. Zane fez uma cara feia, pensativo.

— Pareces sério.

— Ainda estão comigo? — perguntou James.

Ambos os rapazs assentiram.

A maleta estava no cubículo debaixo da escadaria principal, e era tão parecida com a de Jackson quanto Ralph tinha descrito. Era muito vermelha, e estava muito mais gasta por ter sido arrastada pelo chão e pelas pedras, mas era exactamente do mesmo tamanho e formato, com uma tranca metálica articulada no centro.

Ralph já tinha colocado o seu manto dentro, e quando James a abriu para conferir, tinha quase exactamente o mesmo aspecto que possuía o pano que estava na maleta de Jackson quando estava aberta no outro dia na aula de Franklyn.

— Vamos leva-a para o quarto-de-banho dos homens nos andares superiores. — disse James, enquanto descia a escada na frente dos outros dois — É exactamente debaixo da sala de Tecnomância. Precisas de algo em particular, Zane?

— Só da minha varinha e dos meus apontamentos — respondeu Zane. Horace Birch estivera mais do que disposto a explicar o feitiço *Visum-ineptio* para Zane, mas não tivera oportunidade de o praticar. Além disso, o feitiço só funcionaria — se é que funcionava — numa pessoa que não soubesse que o feitiço fora usado. Logo, James, Ralph e Zane não sabiam se o feitiço estava a funcionar. Só lhes restava ter confiança na habilidade de Zane até que se tivesse levado a cabo a troca e Jackson tivesse pegado na maleta falsa. Só então, de uma forma ou de outra, a efectividade do feitiço seria provada.

No quarto-de-banho dos rapazes, James deixou cair subitamente a maleta na borda da pia. Zane procurou a sua varinha e o pedaço de pergaminho dentro de sua mochila onde tinha anotado a fórmula do feitiço *Visum-ineptio*. Ele entregou o pergaminho a Ralph.

— Segura bem alto para que eu possa ver — instruiu nervosamente. Quando apontou a varinha na direcção da maleta a mão tremia visivelmente. Depois de um momento baixou o braço novamente — Isto tudo é tão ridículo. O Ralph é que é o especialista navarinha. Ele não pode tentar?

— O Horace ensinou-te a ti — disse James impaciente — É tarde demais para ensinar os movimentos da varinha ao Ralph. Em quinze minutos temos a aula.

— Sim, — protestou Zane — mas o que é que acontece se não posso confirmar que funciona? Se o Ralph se sair bem, *sabemos* que o resultado será suficientemente bom para enganar qualquer um.

— E se ele se sair mal, — insistiu James — nós passaremos a próxima hora a arrancar pedacinhos de couro das paredes.

— Eu estou bem aqui, lembram-se? — disse Ralph
James ignorou-o.

— Tens que fazer isto, Zane. Tu consegues. Só tens que tentar.

Zane respirou fundo, e logo voltou a erguer a varinha, apontando para a maleta. Olhou para o pergaminho que Ralph estava a segurar. Depois, em voz baixa e clara disse:

— A luz imortal acelera o olho, inutilizando a compreensão. Discórdia, aliada do tonto, faça da expectativa uma garantia.

Zane agitou a varinha realizando três pequenos círculos, e logo tocou na maleta. Houve um estalido e da ponta da varinha emanou um anel difuso de luz. O anel cresceu

deslizando sobre a maleta. Logo se tornou mais difuso até desaparecer. Zane soltou um grunhido.

— Funcionou? — perguntou Ralph.

— Deve ter funcionado. — disse James — Obviamente, parece a mesma para nós, mas algo aconteceu, não? O feitiço deve estar a funcionar.

— Espero que sim. — disse Zane — Vamos, temos que chegar à aula antes dos outros.

Correram pelo corredor, Zane e James estavam em estado de alerta para ver se havia sinal do Professor Jackson e Ralph levava a maleta falsa escondida no seu manto de Inverno.

— Isto é uma estupidez — disse Ralph rangendo os dentes — Pareço tão despreocupado como o Grawp a usar saia.

James fê-lo calar.

— Não importa, estamos a chegar.

Detiveram-se diante da porta da aula de Tecnomância. Zane espiou dentro da sala e então virou-se para James e Ralph.

— Plano B. — disse em voz baixa — Está gente aí dentro. Um aluno de Hufflepuff. Não me lembro do nome.

James inclinou-se por uma fresta da porta. Era um rapaz que reconhecia vagamente da aula de Estudos dos Muggles. O seu nome era Terrence e ergueu os olhos quando James estava a olhar.

— Ei, Terrence, — chamou James, a sorrir. Entrou na sala tranquilamente. Atrás dele ouviu os sussurros de Ralph e Zane. Ele tentou abafar o som das suas vozes. — Como foram as tuas férias? Viajaste muito?

— Suponho que sim — murmurou Terrence.

Isto vai ser mais difícil do que eu esperava, pensou James.

— Então, para onde foste? Eu fui para Londres de comboio. Vi a família e toda a gente. Diverti-me muito. Foste a algum lugar divertido?

Terrence remexeu-se no lugar.

— Fui a Cork com a minha mãe. Choveu a maior parte da viagem. Vi um concerto de flauta.

James assentiu de modo encorajador. Felizmente, Terrence, que estava sentado a meio caminho da frente da sala, virou-se para James. Pelo canto do olho, James viu Zane próximos da mesa de Jackson, posicionando a maleta falsa. Terrence começou a voltar-se em direcção à frente da sala.

— Um concerto de flauta? — disse James em voz alta — Porreiro!

Terrence virou-se para ele.

— Não, — disse — não foi.

Zane pôs-se de pé, fazendo sinal para James de que tudo estava bem.

James viu-o e suspirou aliviado.

— Ah... Bom. Sinto muito por isso. — disse, afastando-se de Terrence — Bem, então é isso. Vemo-nos por aí.

Zane e James sentaram-se na primeira fila como tinham planeado. Era uma sala pequena e a mesa de Jackson estava somente a uns poucos centímetros de distância. James examinou a frente da sala, contente por ver que nada parecia ter sido alterado. Esperou até que entrassem mais alguns estudantes, rindo e conversando, e então sussurrou para Zane:

— Onde está?

— Está naquele cantinho próximo do quadro. Deixei o manto um pouco dobrada para que não fique pendurada quando a fizermos levitar. Só espero que o velho Cara de Pedra não tropece nela quando se for sentar atrás da mesa.

James olhou para o canto que Zane indicara. Era apenas uma cavidade superficial formada onde o armário próximo à porta estava embutido na parede. Era improvável que Jackson se aventurasse por ali, mas não era impossível.

— Pode ser que nem sequer vá para trás da mesa, não faz isso em todas as aulas. — sussurrou James.

Zane levantou e deixou cair os ombros, em sinal de que deviam ter esperança.

Alguns minutos depois, o Professor Jackson entrou na sala rapidamente e carregando a sua maleta de coró como sempre. James e Zane não puderam evitar observar com atenção como ele deixava cair o seu manto sobre a escrivaninha e colocava a maleta no espaço do chão do costume perto da mesma.

— Saudações, turma. — disse Jackson ligeiramente. — Acredito que todos tiveram férias muito instrutivas. A mim só me cabe esperar que vocês não tenham esquecido tudo o que trabalhei tanto para incutir nas vossas cabeças antes do período de descanso. O que me faz lembrar... Por favor, passem os seus trabalhos para a esquerda e depois para frente. Mr. Walker, eu traga-mos assim que estiver com todos.

Zane assentiu, os olhos meio que saltando das órbitas. Tanto James quanto Zane tinham as varinhas guardadas dentro das mangas. Se Jackson notasse, simplesmente diria que as estavam a carregar daquela maneira em honra do seu professor preferido de Tecnomância, já que o próprio Jackson levava a sua numa pequena costura dentro da manga. Por sorte, Jackson parecia um pouco distraído.

— Vou corrigir os vossos trabalhos esta noite, como sempre. Entretanto, agora avaliarei com maior profundidade a compreensão que vocês acumularam a respeito da matéria. Mr. Hollis, faça-me o favor de nos agradecer com uma breve definição da Lei de Inércia Deslocada de Hechter.

Hollis, um Ravenclaw do primeiro ano de bochechas avermelhadas, pigarreou e começou a dar a sua explicação. James mal o ouvia. Baixou os olhos até a maleta de Jackson, colocada tentadoramente a apenas uns centímetros de distância. James imaginou que provavelmente poderia chutá-la se quisesse. O seu coração batia forte e estava mergulhado na horrível e glacial certeza de que não existia nem a mínima

possibilidade do plano funcionar. Tinha sido ridiculamente idiota em pensar que poderiam realizar tal feito bem debaixo do nariz pontagudo do Professor Jackson. E ainda assim, sabia que teriam de tentar. Sentia-se vagamente cheio de ansiedade. Jackson começou a passear pela sala.

— Muito discurso desnecessário, Mr. Hollis, mas relativamente correcto. Miss Morganstern, poderia explicar-nos um pouco a transferência de inércia entre objectos de diferentes densidades?

— Bem, diferentes densidades respondem a uma inércia de maneira diferente, baseando-se na proximidade dos seus átomos. — respondeu Petra — Uma bola de chumbo seria lançada numa única direcção. Uma bola de, digamos, gomas, simplesmente explodiria.

Jackson concordou.

— Existe algum equívoco tecnomantico nesta explicação? Alguém sabe? Miss Goyle?

Philia Goyle abaixou a mão.

— Um Feitiço de Retenção ligado ao Feitiço de Transferência Inerte manteria inclusive as substâncias de mais baixa densidade intactas, sir. Isto gera a vantagem de os projéteis de baixa densidade viajarem muito mais longe e mais rápido num dado factor de inércia do que um projétil de maior densidade, como a bola de chumbo da Miss Morganstern.

— Está certo, Miss Goyle, mas não necessariamente vantajoso. — disse Jackson sorrindo sem humor. — Uma pluma continuará a ser inofensiva, mesmo que seja disparada por um canhão.

Perante esta observação a sala riu um pouco. Jackson começou o seu segundo passeio pela sala. Então, repentinamente, Ralph apareceu à porta.

— Desculhem — disse num tom de voz estranhamente gaguejante. Toda a turma se voltou para ele à excepção de James e Zane.

— Sindo muido, parece que esdou com hemorragia nassal. — O nariz de Ralph estava realmente a derramar sangue numa proporção alarmante. Tinha um dedo debaixo do nariz, que estava coberto e lubrificado de sangue. Houve um coro de “Oohhs” e “aahhss” proveniente da turma, alguns divertidos e outros enojados.

Zane não perdeu tempo. Assim que ouviu Ralph e viu que Jackson se tinha afastado na direcção do lado direito da sala, sacou a varinha da manga.

— *Wingardium Leviosa!* — sussurrou o mais baixo possível, mas tão vigorosamente quanto conseguiu. O Manto de Invisibilidade tornou-se visível no momento em que se ergueu, flutuando para longe da falsa maleta que estava no canto. Zane a sustentou ali, mas James tacteava à procura da sua própria varinha. Atrás deles, ouviam Jackson falando com Ralph:

— Deus bendito, rapaz, fica quieto.

— Desgulbe. — gaguejou Ralph — Gueria uma bastila bara a toze e em vez digo devo ter comido uma das bastilas de Sanguechuva Nasal Weasley. Asso que deveria ir bara a enfremaria.

James apontou a varinha na direcção da falsa maleta e sussurrou o feitiço de levitação. A maleta era muito mais pesada do que qualquer coisa que James tivesse feito levitar antes, e nem nas melhores circunstâncias era muito bom a fazê-lo. A maleta deslizou pelo chão, arrastada por um de seus cantos. Ele moveu-a o mais próximo possível da maleta verdadeira, empurrando a verdadeira para um lado e parcialmente debaixo da mesa. Ofegou, e logo conteve a respiração. Atrás dele, os estudantes estavam a rir e a fazer barulhos de desgosto.

— Santo Deus, não precisas de ir para a enfermaria. — disse Jackson, irritado — Fica apenas quieto e afasta o dedo.

Ralph começou a oscilar sobre os pés.

— Acho que sou hemofedino! — gritou. Isso tinha sido ideia de Zane.

— Não és hemofílico! — grunhiu Jackson — Agora, pela última vez fica quieto!

James agitava a varinha tentando mover a maleta verdadeira para que se esquivasse da falsa. Era imprescindível que a movesse até ao canto e a escondesse debaixo do Manto de Invisibilidade que Zane ainda estava a levitar. Não obstante, a verdadeira maleta estava presa por baixo de uma das extremidades da mesa. James concentrou-se enormemente. A maleta levitou debaixo da mesa, fazendo com que o canto da mesa se levantasse com ela. James fez uma careta, baixando a varinha, e tanto a maleta quanto a mesa caiu ressonando no chão. Ninguém pareceu notar. Zane estava a olhar James com uma expressão de terror nos olhos. James fez uma careta de desamparo. Desesperado, ocorreu a Zane fazer o Manto de Invisibilidade descer sobre o lugar onde estava a maleta verdadeira, presa debaixo da mesa. No entanto, de alguma maneira, o manto também tinha ficado preso, fígada por um cabide que ficava próximo do quadro. Nada estava a sair como planeado. Se alguém se virasse naquele exacto momento, não haveria a menor chance de esconder os rastros do que tinham acabado de fazer. James não pôde resistir à vontade de dar uma olhada ao redor. O nariz de Ralph ainda estava a sangrar. Jackson estava meio agachado diante dele, com uma mão no braço de Ralph, tentando afastar o seu dedo do nariz, e a outra a manter a varinha em posição. A turma inteira estava a observar, evidenciando os diferentes níveis de diversão e repulsa.

— Diabos, rapaz, estás a armar uma confusão. Afasta o dedo, estou a mandar! — exclamou Jackson.

James tentou liberar a maleta verdadeira fazendo oscilar para frente e para trás com a varinha. Estava a suar e sentia escorregadia a mão que sustentava a varinha. Finalmente, a maleta libertou-se exactamente quando James ouviu Jackson dizer:

— *Artemisae*.

— Oh! — disse Ralph, com um tom de voz desnecessariamente alto — Agora sim, está muito melhor.

— Eu poderia ter feito isso um minuto atrás se me tivesses escutado. — disse Jackson mal humorado, pondo a varinha de volta na manga. A cena tinha terminado. Zane deu um último puxão na sua varinha. O Manto de Invisibilidade soltou-se do cabide e caiu ao chão formando um monte, que imediatamente desapareceu. James não tinha mais tempo de esconder a maleta. Sentiu que a turma se estava a voltar na sua direcção.

— Por favor, vai-te lavar, rapaz. — dizia Jackson, a voz tornando-se mais alta enquanto se despedia de Ralph, e se virava para frente do aposento. — Estás com um aspecto espantoso. As pessoas pensarão que um quintaped atacou você. — Em voz baixa acrescentou — Sanguechuva Nasal...

Desesperado, James voltou a esconder a varinha na manga. Zane, num acto de pura inspiração de último segundo, esticou as pernas para frente por debaixo da mesa, prendeu a maleta verdadeira entre os seus tornozelos, e rapidamente a empurrou enfiando-a debaixo da sua mesa. James ouviu o barulho causado pelo esforço que Zane estava a fazer enquanto tentava entulhar a maleta debaixo da cadeira usando apenas os pés. Jackson parou ao lado de Zane e o aposento entrou em silêncio total.

James tentou não erguer os olhos. Tinha a alarmante sensação de que o professor estava a olhar para ele. Finalmente, de forma desamparada, ergueu os olhos. Jackson indubitavelmente estava a olhar para ele por cima do nariz, movendo pensativamente os olhos entre Zane e James. James sentiu o estômago dar um nó. Finalmente, depois do que pareceu uma eternidade, Jackson continuou o seu caminho para frente da sala.

— Sinceramente, — disse para a turma em geral — os extremos a que chegam alguns de vocês para escapar a uma aula. Podem impressionar inclusive alguém tão cínico como eu mesmo. De qualquer forma, onde estávamos? Ah, sim...

A aula continuou. James recusava-se a olhar Jackson nos olhos. A sua única esperança era sair da sala o mais rápido possível. Não tinha forma de recolher a maleta verdadeira nem o Manto de Invisibilidade enquanto Jackson permanecesse ali. No entanto, existia a possibilidade de que Jackson não tivesse visto a sua maleta debaixo da cadeira de Zane. Tudo dependia, obviamente, da efectividade do feitiço *Visum-ineptio* de Zane. James baixou os olhos em direcção à maleta falsa, que estava sobre o chão aproximadamente no mesmo lugar em que tinha estado a verdadeira. Aos seus olhos, parecia absolutamente falsa, a cor do couro diferente e na plaqueta de bronze se lia “*COURAÇARIA HIRAM & BLATTWOTT’S, DIAGON-ALL, LONDRES*”, no lugar de “T. H. Jackson”.

Evidentemente Jackson tinha-se apercebido de algo. Mas se o feitiço funcionara, ainda existia uma leve possibilidade de que poderiam levar o plano em frente com êxito.

Finalmente a aula terminou. James levantou-se de um salto, empurrando Zane para que fosse à sua frente. Zane lançou-lhe um olhar de pura consternação,

arremessando o olhar para a base da sua cadeira, mas James empurrou-o para diante, sacudindo a cabeça decididamente. As pessoas apinhavam-se em direcção à porta, e James e Zane, por se terem sentado na primeira fila, viram-se presos atrás pela pequena multidão. James sentia pavor só de pensar em olhar para trás. Finalmente, a parede de ombros e mochilas dispersou e James e Zane saíram precipitadamente para o corredor.

— O que vamos fazer? — sussurrou Zane freneticamente enquanto corriam devagar pelo corredor.

— Voltaremos mais tarde — disse James, esforçando-se para manter a voz baixa e tranquila — Talvez ele não repare nada. Ele estava a guardar os trabalhos quando saímos. Se nós voltássemos por este canto, poderíamos ver...

— Mr. Potter? — disse uma voz autoritária às costas deles — Mr. Walker?

Ambos os rapazs detiveram o passo. Viraram-se lentamente. O Professor Jackson saia pela porta da sala de Tecnomância.

— Acho que deixaram algo na minha sala. Importam-se de voltar para a recolher?

Nenhum dos dois respondeu. Percorreram pesadamente o caminho pelo qual saíram. Jackson voltou a desaparecer dentro da sala e quando chegaram lá, estava à espera deles por detrás da sua mesa.

— Aproximem-se, rapazes. — disse Jackson com um animado tom de voz. — Bem aí, em frente à mesa, se fazem o favor.

Sobre a mesa em frente a Jackson estava tanto a maleta original quanto a falsa. Quando James e Zane se colocaram diante da mesa, Jackson voltou a falar, desta vez com voz baixa e fria:

— Não sei quem vos está a contar histórias sobre o que eu levo na maleta, mas posso-lhes assegurar que a vossa tentativa não é a primeira nem a mais criativa para descobrir, com certeza. — James arqueou as sobrancelhas com surpresa, e Jackson assentiu — Sim, tenho ouvido os contos que alguns de meus alunos têm inventado. Histórias de horríveis bestas adormecidas, ou armas apocalípticas, ou portais para outras dimensões, cada uma mais terrível e impressionante do que a anterior. De qualquer forma, deixem-me assegurar-lhes uma coisa, meus extremamente curiosos amiguinhos... — neste momento Jackson inclinou-se sobre a mesa, deixando o nariz a menos de trinta centímetros de distância do rosto dos rapazes. Baixou a voz ainda mais e falou muito claramente — aquilo que mantenho oculto na minha maleta é muito, mas muito pior do que suas imaginações febris possam inventar. Não é uma piada. Não estou a fazer ameaças vãs. Se voltarem a tentar intrometer-se nos meus assuntos, é muito provável que *não vivam para se arrepender*. Estou a ser perfeitamente claro?

James e Zane assentiram, emudecidos. Jackson continuou a fitá-los, respirando fortemente pelo nariz, obviamente furioso.

— Cinquenta pontos a menos para os Gryffindor e cinquenta pontos a menos para os Ravenclaw. Mandar-vos-ia para um castigo se isso não fosse gerar perguntas sobre a minha maleta que não desejo responder. Portanto, deixem-me concluir dizendo-

lhes, meus jovens amigos, que se voltarem a sequer olhar para minha maleta outra vez, poderei chegar a optar por fazer as vossas vidas ficarem extremamente... *interessantes*. Por favor, lembrem-se disso. Agora — disse voltando a erguer-se e baixando os olhos — peguem neste patético artifício e saiam.

Com ostensível desgosto, Jackson empurrou a sua maleta para eles com o dorso da mão. A maleta falsa permaneceu na frente dele. Apertou as alças de marfim com os dedos nodosos da mão direita e levantou-a. Quando Jackson deu a volta à mesa, a placa de bronze de onde se lia “*COURAÇARIA HIRAM & BLATTWOTT’S, DIAGON-ALL, LONDRES*” cintilou apagadamente. Nem James nem Zane podiam obrigar-se a tocar a maleta que tinham diante dos seus olhos.

— Ouviram? — exigiu Jackson, erguendo a voz. — Peguem nessa coisa e saiam!

— S-sim, senhor — gaguejou Zane, agarrando a maleta do professor e tirando-a da mesa. Ele e James viraram-se e correram.

Três corredores depois, pararam de correr. Detiveram-se no meio de um corredor vazio e olharam a maleta que Jackson tinha insistido que pegassem. Não havia dúvida. Era a maleta de couro preto do professor. E a placa reluzia claramente “T. H. Jackson”. James começou a entender que, incrivelmente, de alguma forma tinham triunfado. Tinham capturado o manto de Merlin.

— Foi o feitiço *Visum-ineptio*. — disse Zane ofegando, erguendo os olhos para James — Deve ter sido isso. O Jackson sabia que estávamos a conspirar algo, mas não esperava isto!

James estava completamente desnortado.

— Mas como? Ele tinha ambas as maletas bem na frente dele!

— Bem, na realidade, é bastante simples. O Jackson percebeu que estávamos a tentar trocar as maletas, mas que ainda não o tínhamos feito. Encontrou a maleta que estava debaixo da minha cadeira e pensou que era a falsa. O feitiço *Visum-ineptio* que emanava da maleta falsa funcionou sobre *ambas* as maletas, fazendo-o ver o que esperava ver. Assim é como se mantivesse a ilusão de que a falsa era a verdadeira.

James compreendeu.

— O Feitiço Engana O Olhar estendeu-se até a maleta *verdadeira*, fazendo parecer a falsa, a que Jackson esperava que fosse! É brilhante! — James deu palmadas no ombro de Zane — Parabéns, seu estúpido! Eu duvidei das tuas capacidades!

Zane parecia anormalmente humilde. Sorriu.

— Vamos, vamos encontrar o Ralph e assegurar-nos de que ele está bem. Realmente acreditas que ele tenha comido daquelas pastilhas de Sanguechuva Nasal?

— Tu é que disseste que precisávamos de uma distração.

James enfiou a maleta de Jackson por baixo do seu manto, colocando-a por baixo do braço, e os dois correram ao encontro de Ralph, parando somente o tempo necessário para recolher o Manto de Invisibilidade do chão da sala de aula vazia de Tecnomância.

Cinco minutos depois, os três precipitavam-se na sala comum dos Gryffindor para esconder a maleta de Jackson antes da aula seguinte. James enterrou-a no fundo do seu malão, e logo Zane sacou da varinha.

— Acabei de aprender este novo feitiço com a Gennifer, — explicou — é um tipo especial de Feitiço de Fechadura.

— Espera. — James deteve Zane antes que ele pudesse lançar o feitiço — Como é que o volto a abrir?

— Ah, bem, para dizer a verdade, não sei. É o contra feitiço de *Alohomora*. Mas não penso que funcione contra o dono do malão. Só para as outras pessoas. Os feitiços são de certo modo inteligentes, não é verdade?

— Aqui. — disse Ralph, atravessando o aposento. Abriu e fechou a janela e logo se afastou — Testa na tranca da janela. De qualquer forma não precisarás de a abrir. Está um frio mortal lá fora.

Zane encolheu os ombros e logo apontou para janela com a varinha.

— *Colloportus*. — o tranco da janela fechou-se num estalo.

— Bem, funciona, tudo bem. — observou Ralph — Agora tenta abri-la.

Zane, com a varinha ainda erguida, disse:

— *Alohomora*. — o tranco sacudiu uma vez, mas continuou fechado. Zane guardou a varinha — Tenta tu, James. É a tua janela, não?

James usou o mesmo feitiço sobre o tranco da janela. O tranco abriu-se habilmente e a janela se escancarou.

— Viste? — disse Zane sorrindo — Os feitiços são inteligentes. Aposto que o velho Cara de Pedra poderia dizer-nos como isso funciona, mas não lhe vou perguntar, asseguro-vos.

James trancou o malão com a maleta de Jackson dentro e Zane conjurou o Feitiço de Fechadura sobre ele.

No caminho para a aula, Ralph perguntou:

— Ninguém irá notar que o Jackson está a carregar uma maleta diferente? Que irá acontecer se um dos professores comentar isso com ele?

— Isso não irá acontecer, Ralphinator. — disse Zane confiante — Ele carrega aquela coisa há tanto tempo que toda a gente espera vê-lo com ela. Enquanto *esperarem* vê-lo com a sua maleta na mão, o *Visum-ineptio* assegurar-se-á que seja isso o que eles *estão* a ver. Nós seremos os únicos que veremos que está a levar a velha maleta portapedras do teu amigo.

Ralph ainda parecia preocupado.

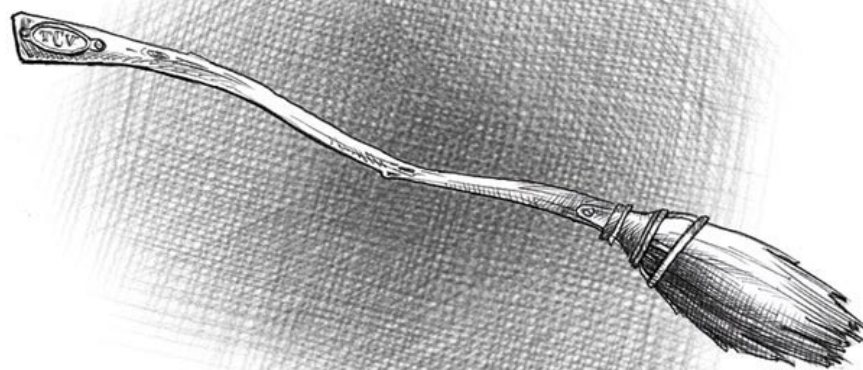
— Será que o feitiço se desfaz com o tempo? Ou funcionará enquanto as pessoas acharem que a maleta falsa é a verdadeira?

Nem James nem Zane sabiam a resposta para isso.

— Só nos resta esperar que dure o tempo suficiente. — disse James.

— CAPÍTULO 13 —

A Revelação do Manto



Naquela noite após o jantar, os três rapazes subiram novamente apressados para o dormitório dos Gryffindor, parando apenas quando James notou uma mulher de olhar fixo do fundo da paisagem de um quadro onde algumas donzelas ordenhavam um par de vacas ridiculamente gordas. Ele repreendeu a mulher alta e feia, que estava vestida como uma freira, perguntando para o que ela estava a olhar. Após um minuto, Zane e Ralph ficaram impacientes e cada um agarrou um dos cotovelos de James e arrastaram-no para longe. No dormitório, juntaram-se à volta do malão de James enquanto este o destrancava e retirava a maleta de Jackson. Sentou-se à beira da cama e os três fitaram o objecto.

— Devemos abrir? — perguntou Ralph.

James assentiu.

— Temos que saber se temos o manto, não é? Isto deixou-me louco o dia todo. E se eu estivesse errado e o que estiver aí dentro for apenas uma das roupas de Jackson? Não consigo evitar pensar que ele seja o tipo de pessoa que carrega uma maleta totalmente sem significado por aí apenas para fazer as pessoas falar sobre isso. Devias ter visto como ele estava esta manhã quando pensou que me tinha caço e ao Zane. Um louco!

Zane caiu sobre a cama;

— E se não conseguirmos nem sequer abri-la?

— Não acho que isso vá acontecer já que caiu e abriu tão facilmente na aula de D.C.A.T. no outro dia. — justificou James.

Ralph levantou-se, dando espaço a James.

— Vamos em frente com isto, então. Tenta abri-la.

James aproximou-se da maleta e experimentou abrir o fecho. Esperava que isso não funcionasse e estava preparado para tentar toda a gama de Feitiços de Destrancar e Trancar que os três conheciam. Em vez disso, o fecho metálico na parte superior da maleta abriu-se facilmente. De facto, tão facilmente que James estava momentaneamente certo de que se abrira uma fracção de segundo antes que ele lhe tivesse realmente tocado. Congelou, mas nenhum dos outros dois rapazs pareceu aperceber-se.

— E então? — suspirou Ralph. Zane inclinou-se sobre a maleta. A boca da mesma abriu ligeiramente.

— Não consigo ver nada lá dentro. — disse Zane. — Está demasiado escuro. Abre isso, James. É mais teu do que de qualquer um de nós.

James tocou a maleta, agarrou as alças, e usou-as para a abrir. Conseguia ver as dobras da roupa escura. Um cheiro vagamente a mofo ficou suspenso no ar. James imaginou que cheirava como o interior de uma abóbora uma semana após o Dia das Bruxas. Então estremeceu quando se lembrou que Luna dissera que o manto relíquia tinha sido usada para cobrir o corpo de um rei falecido.

A voz de Zane soou baixa e rouca.

— É isso? Não consigo ver o que é.

— Não faças isso. — advertiu Ralph, mas James já tinha posto a mão dentro da maleta. Puxou o manto para fora. O tecido desdobrou-se facilmente, perfeitamente negro e limpo. Parecia ser enorme. Ralph afastou-se quando James deixou o manto espalhar-se pelo chão aos seus pés. A última parte saiu da maleta e James percebeu que estava a segurar o capuz. Era um capuz enorme, com tranças douradas no colarinho.

Zane abanou a cabeça, o rosto pálido e sério.

— É isto, sem dúvida. O que vamos fazer com isto?

— Nada. — respondeu Ralph firmemente. — Põe-lo de volta na maleta, James. Isso é assustador. Consegues sentir a magia que contém, não consegues? Aposto que o Jackson lhe lançou algum tipo de Feitiço Escudo ou algo do género na maleta para o conter. Se não, alguém o teria sentido. Vamos, guarda-o. Não quero tocar-lhe.

— Espera. — disse James vagamente. Ele conseguia sim sentir a magia do manto, exactamente como Ralph dissera, mas não parecia assustadora. Era poderosa, mas estranha. O cheiro do manto mudara assim que James a puxou para fora. O que a princípio cheirava a algo estragado agora simplesmente cheirava a terra, como folhas caídas e musgo húmido, selvagem, até mesmo excitante. James tinha a mais incomum sensação ao segurar o manto relíquia. Era como se pudesse sentir, nas profundezas do

seu ser, o próprio ar no aposento, preenchendo o local como água, jorrando através das fendas na moldura da janela, frio, como um nevoeiro celeste. A sensação expandiu-se e sentiu o vento a mover-se em torno da torre pequena onde residiam os dormitórios. Estava vivo, serpeando sobre o tecto cónico, canalizando-se nas telhas em falta e vigas expostas. James lembrou-se ligeiramente das histórias infantis onde Merlin era o mestre da natureza, como ele a sentia e a usava, e como a natureza obedecia aos seus caprichos. James sabia que estava a experimentar aquele poder de alguma forma, como se estivesse embutido no próprio tecido do manto. A sensação cresceu e subiu em espiral. Agora James sentia as criaturas do anoitecer: os batimentos cardíacos tamborilantes dos ratos no sótão, o mundo púrpuro como sangue dos morcegos na floresta, o sonho indistinto de um urso hibernando, e até mesmo a vida adormecida das árvores e da relva, as suas raízes como mãos firmes na terra, unindo-se à vida ante a morte do Inverno.

James sabia o que estava a fazer, mas não parecia estar a controlar os próprios braços. Ergueu o capuz, colocando-o. O manto deslizou sobre os seus ombros, e no momento em que o capuz assentou sobre a sua cabeça, escondendo os olhos, James ouviu os gritos amedrontados de advertência de Zane e Ralph. Eles estavam a desvanecer, como se estivessem a descer por um túnel longo e silencioso. Desapareceram.

Estava a caminhar. Folhas rangiam sob os seus pés, que eram grandes e descalços, cheios de calos. Inspirou, preenchendo os pulmões, e o seu peito expandiu-se como um barril. Era grande. Alto, com braços musculosos que sentia como jibóias enroscadas e as suas pernas estavam tão grossas e robustas como troncos de árvores. A terra em volta estava silenciosa, mas viva. Sentia isso através das solas dos pés enquanto andava. A vitalidade da floresta corria dentro dele, fortalecendo-o. Mas tinha menos vitalidade do que deveria ter. O mundo mudara, e ainda estava a mudar. Estava a ser domado, perdendo a sua imensidão e força feroz. Do mesmo modo, o seu poder diminuía. Ainda era inigualável, mas tinha pontos cegos na sua comunhão com a terra, e estes pontos cegos estavam a crescer, desligando-o pouco a pouco, reduzindo-o. O mundo dos homens estava a expandir-se, varrendo a terra, fraccionando-a em parcelas e campos insignificantes, rompendo a polaridade mágica da terra selvagem. Isso enfureceu-o. Movera-se entre os crescentes reinos dos homens, aconselhando e ajudando, sempre por um preço, mas não previra este resultado. Os seus irmãos e irmãs mágicos não podiam ajudar. A sua magia era diferente da deles. Aquilo que o fazia tão poderoso, que o conectava a terra, também estava a tornar-se a sua única fraqueza. Enfurecido, caminhou. Enquanto passava, as árvores falavam com ele, mas até mesmo as vozes florestais das náiades e dríades se tornavam turvas. O eco era confuso e fraco, dividido.

À frente dele, revelada apenas à luz da Lua, uma clareira abriu-se, rodeada por uma depressão rochosa na terra. Desceu até o centro da depressão e ergueu os olhos. O céu cintilante da noite derramou-se sobre a clareira em forma de tigela, pintando tudo de branco-osso. A sua sombra uniu-se a ele, como se fosse meio dia. Não havia mais

lugar para ele naquele mundo. Abandonaria a sociedade dos homens. Mas retornaria quando as coisas estivessem diferentes, quando as circunstâncias mudassem, quando o mundo estivesse novamente maduro para o seu poder. Então redespertaria a terra, reviveria as árvores e os seus espíritos, renovaria os seus poderes, e com o delas o seu próprio. Não importava. Não podia permanecer mais nessa época.

Houve um ruído, um roçar de passos desajeitados nas proximidades. Estava mais alguém ali, na clareira: alguém que odiava, mas de quem precisava. Falou a esta pessoa, e quando o fez, o mundo começou a escurecer, a desvanecer.

— Orienta aqueles que sucedem. Mantém as minhas vestes, o meu trono e o meu talismã prontos. Esperarei. Reúne-as novamente na Entrada da Encruzilhada dos Anciões quando o tempo do meu retorno chegar, e eu saberei. Escolhi-te para salvaguardares esta missão, Austramaddux, já que como meu último aprendiz, a tua alma está nas minhas mãos. Estás amarrado a esta tarefa até que ela se complete. Profere o teu juramento.

Fora da escuridão decrescente, a voz falou apenas uma vez.

— É a minha vontade e a minha honra, Mestre.

Não houve resposta. Desaparecera. Os seus mantos caíram no chão, vazios. O seu bastão oscilou durante um momento, então caiu para frente e, antes que pudesse atingir o solo rochoso, foi apanhado por uma mão assustadoramente branca, a mão de Austramaddux. Então inclusive a cena desapareceu. A escuridão comprimiu-se até definhar. O universo saltou, monstruoso e girando, e restou apenas o esquecimento.

James forçou os olhos para os abrir e arfou. Os seus pulmões pareciam esmagados como se tivesse passado vários minutos sem respirar. Mãos o agarraram, arrancando-lhe o capuz e tirando-lhe o manto. A fraqueza caiu sobre James e ele começou a desmoronar. Zane e Ralph seguraram-no desastradamente e arremessaram-no para a sua cama.

— O que aconteceu? — perguntou James, ainda a engolir grandes quantidades de ar.

— Diz-me tu! — disse Ralph, em tom alto e assustado.

Zane estava rudemente a enfiar o manto relíquia de volta na maleta.

— Vestiste esta coisa maluca e *puff!* Desapareceste. Não é o que eu chamaria de uma escolha sensata, sabes.

— Eu apaguei? — perguntou James, recuperando-se o suficiente para se apoiar nos cotovelos.

Ralph manifestou-se.

— Apagaste nada! Levantaste-te e desapareceste! *Puff!*

— Verdade. — assentiu Zane, vendo James com uma expressão surpresa. — Desapareceste durante três ou quatro minutos. Então *ele* apareceu. — Zane apontou para o canto atrás da cama de James com um aceno preocupante. James virou-se e ali estava a forma semitransparente de Cedric Diggory. O fantasma olhou para ele, então sorriu e

encolheu os ombros. Cedric parecia um pouco mais sólido das últimas vezes que James o vira.

Zane continuou.

— Ele simplesmente atravessou a parede, como se tivesse vindo à tua procura. O Ralph aqui gritou como... bem, eu ia dizer como se ele tivesse visto um fantasma, mas considerando que tomamos o pequeno almoço com fantasmas a maior parte das vezes e temos aula de História com um todas as terças, a expressão já não me parece tão impressionante.

Ralph pronunciou-se.

— Ele olhou para nós, e então para a maleta, e então ele, tipo, *perdeu densidade*. A outra coisa que sabemos, é que voltaste, exactamente onde estavas, tão branco quanto uma estátua.

James virou-se de volta para o fantasma de Cedric.

— O que fizeste?

Cedric abriu a boca para falar, tentativa e cuidadosamente. A sua voz infiltrou-se no aposento, como se proveniente de uma longa distância. James não conseguia dizer se estava a escutar com os ouvidos ou com a mente.

Estavas em perigo. Fui enviado. Eu vi o que estava a acontecer quando cheguei aqui.

— O que foi aquilo? — perguntou James. Tinha uma recordação turva da experiência na sua memória, mas sentia que lembraria mais quando a magia desaparecesse.

Um Marcador de Limites. Uma magia muito poderosa. Abre um portal dimensional, designado para transmitir uma mensagem ou segredo através de uma grande distância ou tempo. Porém a sua força é negligente. Foste quase engolido.

James sabia que era verdade. Tinha sentido. No fim, a escuridão tornara-se extremamente intensa a ponto de o consumir, contínua. Engoliu o nó que possuía na garganta e perguntou:

— Como é que voltei?

Eu encontrei-te, disse Cedric simplesmente. Mergulhei na dimensão celeste, onde tenho passado bastante tempo desde a minha morte. Estavas ali, mas distante. Estavas a partir. Eu persegui-te e retornei contigo.

— Cedric, — disse James, sentindo-se estúpido por ter colocado o manto de Merlin, e horrorizado pelo que quase acontecera. — obrigado por me trazeres de volta.

Eu devo-te isso. Devo-o ao teu pai. Ele trouxe-me de volta uma vez.

— Ei! — disse James repentinamente, animando-se. — Já podes conversar!

Cedric sorriu, e este foi o primeiro sorriso genuíno que James via no rosto fantasmagórico.

Eu sinto-me... diferente. Mais forte. Mais aqui... de alguma forma.

— Espera. — disse Ralph, erguendo uma mão. — Este é o fantasma de quem tu nos falaste, não é? Aquele que seguiu o intruso há alguns meses atrás?

— Ah, sim. — disse James. — Zane e Ralph, este é o Cedric Diggory; Cedric, estes são os meus amigos. Então o que achas que está a acontecer contigo? O que está a fazer com que te sintas mais aqui.

Cedric encolheu os ombros novamente.

Pelo que pareceu um longo tempo, sentia-me como se estivesse em algum tipo de sonho. Eu movia-me pelo castelo, mas estava vazio. Nunca tinha fome, sede ou frio e nunca precisava de descansar. Sabia que estava morto, mas isso era tudo. Tudo era escuro e silencioso, e não parecia passar dias ou estações. Absolutamente nenhuma passagem do tempo. Então as coisas começaram a acontecer.

Cedric virou-se e sentou-se sobre a cama, sem deixar marcas no cobertor. James, que estava mais próximo, sentia um calafrio distinto emanando da forma de Cedric. O fantasma continuou.

Houve períodos em que eu me sentia mais ciente. Comecei a ver as pessoas nos corredores, mas eram como fumo. Não conseguia ouvi-las. Percebi que esses períodos de actividade aconteciam nas horas do dia posteriores à hora da minha morte. A cada noite, sentia-me mais ciente. Notava o passar do tempo, pois isso era o que mais significava para mim, a sensação do transpôr dos minutos e horas. Procurei um relógio, o único que ficava exactamente do lado de fora do Salão Principal, e observei o tempo passar. Ficava mais ciente durante a noite, mas a cada manhã, começava a desaparecer. Então, certa manhã, exactamente quando eu estava a evaporar, a perder o contacto, eu v-oi.

James endireitou-se.

— O intruso?

Cedric assentiu.

Eu sabia que ele não devia estar ali, e de alguma forma eu sabia que se eu tentasse, poderia fazê-lo ver-me. Assustei-o.

Cedric sorriu novamente, e James pensou que podia ver naquele sorriso o rapaz forte e amigável que o seu pai conhecera.

— Mas ele voltou. — disse James. O sorriso de Cedric entristeceu-se em frustração.

Sim, ele voltou. Eu vi-o, e assustei-o novamente. Comecei a vigiá-lo nas manhãs. E então, certa noite, ele irrompeu por uma janela. Eu estava mais forte então, mas precisava que mais alguém soubesse que ele estava dentro do castelo. Então vim até ti, James. Tinhas-me visto, e eu sabia quem eras. Sabia que me irias ajudar.

— Foi na noite em que partiste o vitral da janela. — disse Zane, sorrindo. — Chutaste o tipo pela janela como se fosses o Bruce Lee. Boa!

— Quem era ele? — perguntou James, mas Cedric simplesmente sacudiu a cabeça. Ele não sabia.

— Então, são quase sete horas da noite agora. — assinalou Ralph. — Como fizeste para te vermos? Não é a hora em que ficas mais fraco?

Cedric pareceu pensar a respeito.

Estou a tornar-me mais sólido. Ainda sou simplesmente um fantasma, mas pareço estar a tornar-me um pouco mais do que um fantasma. Posso falar mais agora. E aquele tempo estranho em que não há nada está menos frequente. Acho que é assim que surgem os fantasmas.

— Mas porquê? — James não pode evitar perguntar. — O que desencadeia a formação de um fantasma? Porque é que simplesmente tu não, tu sabes, seguiste em frente?

Cedric olhou atentamente para ele, e James sentiu que o próprio Cedric não sabia a resposta para aquela pergunta, ou pelo menos, não tão claramente. Ele sacudiu a cabeça ligeiramente.

Eu ainda não tinha acabado. Tinha tanto para viver. Aconteceu tão rápido e tão de repente... Apenas... não tinha acabado.

Ralph pegou a maleta do Professor Jackson e atirou-a de volta para o malão de James.

— Então onde é que estiveste quando desapareceste, James? — disse ele, empoleirando-se aos pés da cama.

James respirou fundo, reunindo as memórias da estranha viagem. Descreveu o sentimento inicial de segurar o manto, como parecia permitir que ele sentisse o ar e o vento, e então os animais e as árvores. Então contou-lhes sobre a visão que tivera, de estar dentro do corpo de Merlin, nos seus próprios pensamentos. Estremeceu, ao lembrar-se da fúria e amargura, e a voz do servo, Austramaddux, que fez o seu juramento para servir até à hora do acerto de contas. Recordava vividamente enquanto falava, finalizando por descrever como a escuridão da noite o envolveu como um casulo, convertendo-se no nada.

Zane ouvia com intenso interesse.

— Faz sentido. — ele finalmente disse numa voz baixa e temerosa.

— O quê? — perguntou James.

— Como Merlin fez isto. Não percebes? O próprio Professor Jackson falou sobre isto no nosso primeiro dia de aulas! — disse excitado. Os seus olhos arregalaram-se, movendo-se rapidamente de James para Ralph e para o fantasma de Cedric, que ainda estava sentado à beira da cama.

Ralph sacudiu a cabeça.

— Não entendo. Não tenho Tecnomância este ano.

— Merlin não morreu. — disse Zane enfaticamente. — Ele fez uma Desaparição!

James ficou confuso.

— Não faz sentido. Qualquer feiticeiro pode aparecer. O que tem de tão especial nisso?

— Lembras-te do que o Jackson nos disse no primeiro dia? A Aparição é instantânea para o feiticeiro que a faz, mesmo que leve pouco tempo para as partes do feiticeiro se afastarem e se reunirem novamente num novo lugar. Se um feiticeiro

desaparecer sem determinar o seu ponto central, ele nunca vai *reaparecer* de maneira alguma, certo? Ele simplesmente fica preso no nada para sempre!

— Bem, claro. — concordou James, lembrando-se da aula, mas sem compreender. Zane estava quase a vibrar de excitação.

— Merlin não desapareceu para um *lugar*. — disse ele de forma significativa. — Ele desapareceu para uma *época* e um *conjunto de circunstâncias*!

Ralph e James estremeceram, considerando as implicações. Zane continuou.

— No final da tua visão, disseste que Merlin disse para Austramaddux manter as relíquias e observasse o tempo certo. Então quando o tempo chegasse, as relíquias seriam reunidas novamente na Entrada da Encruzilhada dos Anciões. Percebem? Merlin estava a estipular o momento e as circunstâncias para o seu reaparecimento. O que descreveste no fim, James, era Merlin a desaparecer no esquecimento. — Zane pausou, pensando duramente. — Todos estes séculos, ele simplesmente esteve suspenso no tempo, aprisionado em qualquer lugar, à espera das circunstâncias adequadas para a sua reaparição. Para ele, o tempo não passou absolutamente nada!

Ralph olhou para o malão aos pés da cama de James.

— Então é verdade. — disse ele. — Poderiam fazer isso. Eles realmente poderiam trazê-lo de volta.

— Já não. — disse James, sorrindo melancolicamente. — Temos o manto. Sem todas as relíquias, as circunstâncias não serão adequadas. Eles não podem fazer nada.

Assim que James ouviu a explicação de Zane, fez perfeito sentido, especialmente no contexto da visão do Delimitador de Umbrais. Repentinamente, a posse do manto tornara-se ainda mais importante, e não pode evitar maravilhar-se pela extraordinária série de circunstâncias afortunadas que tinham levado eles a obtê-la. Desde a maleta descoberta a tempo por Ralph, à notável efectividade do *Visum-ineptio* de Zane, James tinha a forte impressão de que ele, Zane e Ralph estavam a ser guiados na sua meta de frustrar a conspiração de Merlin. Mas quem os estava a ajudar?

— A propósito, — disse James ao fantasma de Cedric, uma vez que Ralph e Zane tinham mergulhado numa animada discussão sobre a desapareição de Merlin. — disseste que foste enviado para me ajudar. Quem te enviou?

Cedric colocou-se de pé e começava a desvanecer, mas não muito. Sorriu para James e disse:

Alguém que supostamente não devo mencionar, embora eu ache que provavelmente possas adivinhar. Alguém que anda a vigiar.

Snape, pensou James. O retrato de *Snape* enviara Cedric para o ajudar quando fora sugado para dentro do Delimitador de Umbrais. Mas como é que ele soubera? James pensou sobre isso durante um longo tempo após Zane e Ralph retornarem aos seus próprios aposentos, e o resto dos Gryffindor subirem as escadas e caírem nas suas camas. Contudo, nenhuma resposta veio naquela noite, e finalmente James adormeceu.



Nos dias seguintes, os três rapazes retomaram as suas actividades escolares habituais numa espécie de névoa triunfante. James deixou a maleta de Jackson, com o manto relíquia lá dentro, trancada no seu malão e protegida com o Feitiço de Trancamento de Zane. Considerando a efectividade do *Visum-ineptio* na maleta falsa, não tinham sérias preocupações de que alguém estaria à procura da verdadeira. Jackson continuava a carregar a velha maleta porta-rochas com o rótulo Hiram & Blattwott's para as aulas e refeições, sem indicação de que imaginava que qualquer coisa estava fora do normal. Além disso, ninguém lançava um segundo olhar ao objecto, já que tinham visto Jackson a carregar a maleta com o seu nome durante meses. Finalmente, no sábado à tarde, James, Ralph e Zane reuniram-se na sala comum dos Gryffindor para discutir os próximos passos.

— Há somente duas perguntas, agora. — disse Zane, inclinando-se sobre a mesa na qual aparentemente faziam os seus trabalhos de casa. — Onde fica a Entrada da Encruzilhada dos Anciões? E onde está a terceira relíquia, o bastão de Merlin?

James assentiu.

— Estive a pensar na última. O trono está sob a guarda de Madame Delacroix. O manto estava sob a guarda do Professor Jackson. A terceira relíquia deve estar com um terceiro conspirador. O meu palpite é que seja alguém que esteja aqui nos terrenos, uma pessoa interna. E se fosse o Slytherin que usou o nome de Austramaddux no *GameDeck* do Ralph? Eles deviam estar cientes da conspiração se usaram o nome, e se estão cientes disso, estão envolvidos.

— Mas quem? — perguntou Ralph. Não vi quem o tirou. Simplesmente desapareceu. Além disso, o bastão de Merlin deveria ser bastante difícil de esconder, não? Se for tão grande quanto na tua visão, James, deve ter mais de um metro e meio de altura. Como se esconde uma varinha mágica de luz com dois metros assim?

James balançou a cabeça.

— Não faço a menor ideia. Mas ainda assim, cabe-te a ti manter os olhos bem abertos, Ralph. Como o Ted disse, és o nosso infiltrado.

Ralph desmoronou. Zane rabiscou num pedaço de pergaminho.

— E sobre a primeira pergunta? — disse ele sem erguer os olhos. — Onde fica a Entrada da Encruzilhada dos Anciões?

James e Ralph trocaram olhares inexpressivos.

— Mais uma vez, não faço ideia. Mas acho que há uma terceira pergunta sobre a qual também precisamos de pensar.

— Como se as duas primeiras não fossem suficientemente difíceis. — murmurou Ralph.

Zane ergueu os olhos e James viu que ele estava a rabiscar o desenho do portal para a Fortaleza da Gruta.

— Qual é a terceira pergunta?

— Porque é que eles ainda não fizeram nada? — sussurrou James. — Se acreditam que têm todas as três relíquias, porque é que ainda não foram à Entrada, seja lá onde for, para chamar Merlin de volta dos seus mil anos de aparição?

Nenhum deles tinha qualquer resposta, mas concoram que se tratava de uma questão importante. Zane mostrou o seu rabisco, revelando um borrão de notas e diagramas da aula de Aritmancia.

— Andei a verificar a biblioteca dos Ravenclaw, mas entre trabalhos de casa, aulas, Quidditch, debate e Clube de Astronomia, dificilmente consigo dois minutos para outras coisas.

Ralph deixou cair a pena sobre a mesa e reclinou-se para trás, esticando-se.

— A propósito, como é? És o único que tem contacto com a Madame Delacroix. Como é que ela é?

— Como uma múmia cigana com pulso. — respondeu Zane. — Ela e a Trelawney deviam partilhar o Clube de Astronomia, assim como a aula de Adivinhação, mas optaram por ficar uma com cada em vez de ensinarem juntas. De qualquer forma, é melhor assim do que neutralizarem-se uma a outra. A Trelawney só nos faz desenhar símbolos astrológicos e olhar os planetas pelo telescópio para “averiguar o temperamento e comportamento dos irmãos planetários”.

James, que conhecia Sibyl Trelawney como uma amiga de família distante, sorriu pela afectuosa impressão de Zane por ela. Zane continuou.

— Por outro lado, a Delacroix faz-nos esboçar mapas celestes e medir a cor da longitude de onda da luz das estrelas, calculando o exacto momento de algum grande evento astronómico.

— Ah, sim. — lembrou James. — O alinhamento dos planetas. A Petra e o Ted falaram-me sobre isso. Eles têm Adivinhação com ela. Parece que a rainha do voodoo é realmente fascinada nesse tipo de coisas.

— Ela é anti-Trelawney, com certeza. Com ela, isto é tudo matemática e cálculos. Sabemos a data a que acontecerá, mas ela quer calcular o tempo exacto até ao último minuto. Um trabalho inútil, se queres a minha opinião. Ela é um pouco excêntrica com isso.

— Ela é completamente excêntrica, se queres a minha opinião. — declarou Ralph.

— Acho que ela pode estar a observar-nos. — disse James calmamente. — Às vezes vejo-a a olhar para mim.

Zane ergueu as sobrancelhas e indicou com os olhos.

— Ela é cega, lembra-te. Ela não vê para nada, companheiro.

— Eu sei. — disse James, sem recuar. — Mas juro que ela sabe alguma coisa. Acho que ela possui maneiras de ver que não têm nada a ver com os seus olhos.

— Não nos vamos assustar. — disse Ralph rapidamente. — Isto já é bastante enlouquecedor. Ela não pode saber de nada. Se ela soubesse, agiria, não é? Então esqueçam-na.



No dia seguinte, James, Ralph e Zane foram visitar Hagrid à sua cabana, aparentemente para perguntarem sobre Grawp e Prechka. Hagrid estava a reconstruir a carroça que Prechka acidentalmente destruíra e estava feliz por uma pausa no serviço. Convidou-os a entrar e serviu chá e biscoitos enquanto se aquecia próximo ao fogo, Trife descansando sobre os seus pés lambia de vez em quando a mão baixada de Hagrid.

— Ah, eles passam por altos e baixos. — disse Hagrid, como se o namoro entre gigantes fosse um curioso mistério. — Durante as férias ficaram chateados por um tempo. Uma discussão de namorados pela carcaça de um alce. O Grawp queria a cabeça, mas a Prechka queria os chifres para fazer jóias.

Ralph parou de soprar no vapor que desprendia do seu chá.

— Ela queria fazer jóias dos chifres do alce?

— Bem, jóias digo eu. — disse Hagrid, erguendo suas palmas enormes. — É uma ideia complicada. Os gigantes usam o mesmo termo para jóias e armas. Acho que é a mesma coisa quando se mede vinte pés de altura. De qualquer forma, eles resolveram esse assunto e agora estão felizes novamente como deve ser.

— Ela está a viver nas colinas das montanhas, Hagrid? — perguntou James.

— Claro que está. — disse Hagrid, um pouco repreendedor. — Ela é uma rapariga nobre, é Prechka. E o Grawp passa o seu tempo na sua cabana a maior parte do dia. Ele fez um ótimo lugar para pôr o fogão e um galpão com bétulas. Estas coisas levam tempo. O amor dos gigantes é... Bem, é uma coisa delicada, sabes.

Ralph meio que tossiu no seu chá.

— Ei, Hagrid. — disse James, mudando o assunto. — Já estás em Hogwarts há um bom tempo. Provavelmente, conheces muitos segredos da escola e do castelo, não?

Hagrid acomodou-se na sua cadeira.

— Bom, claro. Ninguém conhece os terrenos como eu. Excepto, talvez, o Argus Filch. Comecei como estudante, sim, muito antes do teu pai ter nascido.

James sabia que teria que ser muito cuidadoso.

— Sim, foi o que eu pensei. Diz-me, Hagrid, se alguém possui algo realmente mágico e quer esconder isso em algum lugar do castelo...?

Hagrid parou de acariciar Trife. Lentamente, virou a sua cabeça de cabelos despenteados em direcção a James.

— E posso perguntar o que um aluno primeiro ano como tu precisa de esconder?

— Ah, não eu, Hagrid. — disse James rapidamente. — Outra pessoa. Só estou curioso.

Os olhos negros como escaravelho de Hagrid cintilaram.

— Sei. E essa outra pessoa, pergunto-me o que estará a conspirar para andar a esconder itens sigilosos mágicos aqui e ali...

Ralph tomou um grande e deliberado gole do seu chá. James olhou para a janela, evitando o olhar repentinamente penetrante de Hagrid.

— Ah, sabes, nada em particular. Só estava curioso...

— Ah, — disse Hagrid, sorrindo ligeiramente e assentindo. — Acho que o teu pai, a tia Hermione e o tio Ron te contaram muitas histórias sobre o velho Hagrid. O Hagrid costumava deixar escapar alguns detalhes que talvez devesse manter em segredo. E são histórias verdadeiras. Posso ser um pouco estúpido, esquecendome do que eu deveria ou não dizer. Talvez te lembres de histórias sobre um certo cão chamado Fluffy, entre outras, não? — Hagrid estudou James intencionalmente durante alguns momentos, e então soltou um grande suspiro. — James, meu rapaz, eu sou um pouco mais velho do que era. Velhos Guardas dos Campos não aprendem muito, mas aprendem. Além disso, o teu pai insinuou que te poderias meter em problemas e pediu-me para te vigiar, assim que ele percebeu que tu, eh, pegaste *emprestado* o Manto da Invisibilidade e o Mapa do Salteador.

— O quê? — disse James, atónito, virando-se tão rápido que quase acertava no seu chá.

Hagrid ergueu as sobrancelhas espessas.

— Oh. Lá está, aí tens. Acho que não deveria ter-te dito isto. — levantou o sobrolho, pensativo, depois pareceu descartar. — Ah, bem, na verdade ele não me disse para *não* mencionar.

— Ele sabe? Já?

— James, — sorriu Hagrid. — o teu pai é o chefe do Departamento de Aurors, caso te tenhas esquecido. Falei sobre isso semana passada aqui mesmo, em frente ao fogo. O facto que o deixou mais curioso foi saber se tinhas conseguido fazer o mapa funcionar, já que grande parte do castelo foi reconstruída. Ele esqueceu-se de testar quando estava aqui. E então?

Na aventura de capturar o manto de Merlin, James tinha-se esquecido completamente o Mapa do Salteador. Mal-humorado, contou a Hagrid que já tinha tentado.

— Provavelmente, é para o teu bem, já sabes. — disse Hagrid. — Só porque o teu pai sabe que o tiraste, não significa que ele esteja feliz por isso. E pelo que eu pude entender, a tua mãe nem sequer sabe sobre isto. Se tiveres sorte, ela não saberá, embora eu não consiga imaginar o teu pai a manter isto em segredo por muito tempo. É melhor manteres o teu contrabando longe do que escondê-lo nos terrenos. Acredita em mim, James. Itens mágicos suspeitos pela escola podem causar mais problema do que vale a pena causar.

No caminho de volta ao castelo, agasalhado contra o frio tempestuoso, Ralph perguntou a James:

— O que ele quis dizer com fazer o mapa funcionar? O que ele faz?

James explicou como funcionava o Mapa do Salteador a Ralph, sentindo-se vagamente preocupado e nervoso por o seu pai já saber sobre ele ter tirado o mapa e o Manto da Invisibilidade. Sabia que seria descoberto mais certo ou mais tarde, mas presumia que receberia um Gritador em vez de ser gozado pelo Hagrid.

Ralph estava interessado no mapa.

— Realmente mostra todos que estão no castelo e onde estão? Isso é extremamente útil! Então, como funciona?

— Tens de dizer uma frase especial. O pai contou-ma há muito tempo atrás, mas não consigo lembrar-me de jeito algum. Vamos tentar uma noite destas. Agora, não quero pensar nisso.

Ralph assentiu e deixou o assunto. Entraram no castelo pela entrada principal e separaram-se entre as escadas que levavam para os sótãos e para os aposentos de Slytherin.

Estava a ficar tarde e James deu por si sozinho nos corredores. Era uma noite de Inverno nublada e sem estrelas. A escuridão comprimia-se contra as janelas e sugava a luz das tochas dos corredores. James estremeceu, em parte pelo frio e em parte pela sensação de medo glacial que parecia estar a infiltrar-se no corredor, preenchendo-o como um espesso nevoeiro que se erguia desde o chão. Apressou o passo, perguntando-se como os corredores estavam tão escuros e vazios. Não era particularmente tarde e, ainda assim, o ar passava a sensação de silêncio forte como a madrugada, ou ar de uma cripta fechada. Percebeu que estava a andar mais tempo do que o corredor teria permitido. Certamente já deveria ter chegado à passagem com a estátua da bruxa de um olho só naquele instante, onde ele dobraria à esquerda para a área de recepção que levava às escadas. James deteve-se e lançou um olhar de volta ao caminho pelo qual viera. O corredor tinha a mesma aparência de sempre, mas estava, de alguma forma, *errado*. Parecia demasiado longo. As sombras pareciam estar deslocadas, de alguma forma irritando os seus olhos. E então, notou que não havia tochas nas paredes. As luzes estavam penduradas no vazio, fantasmagoricamente, perdendo a sua cor do amarelo vacilante para o prateado tremeluzente, o brilho desvanecendo enquanto ele observava.

O medo percorreu as costas de James, um frio gelado e inegável. Virou-se tencionando correr, mas os seus pés falharam quando viu o que estava à frente. O corredor ainda ali estava, mas os pilares transformaram-se em troncos de árvores. As vigas dos tectos abobadados converteram-se em ramos e videiras, com nada além do vasto rosto do céu nocturno. Até mesmo o padrão do chão de azulejos se fundiu formando uma rede de raízes e folhas mortas. E então, diante dos olhos de James, a ilusão do corredor escolar evaporou completamente, deixando apenas floresta.

O vento frio passava rapidamente por ele, açoitando o seu manto e lançando os seus cabelos para trás das têmporas como dedos fantasmagóricos. James reconheceu onde estava, embora da última vez que estivera ali, as folhas ainda estivessem nas árvores e os grilos estivessem a cantar em coro. Era o bosque que rodeava o lago, próximo da ilha da Fortaleza da Gruta. As árvores gemiam, friccionando os seus galhos ao ritmo do vento, e som era como vozes baixas suspirando enquanto dormiam, envoltas em sonhos febris. James percebeu que estava a andar novamente, em direcção à orla das árvores, onde os juncos rangiam e se golpeavam à beira do lago. Um grande bloco escuro erguia-se além, tapando a visão. Quando James se aproximou, aparentemente incapaz de deter os seus passos fatigantes, a Lua desvelou de um aglomerado de densas nuvens. A ilha da Fortaleza da Gruta revelou-se à luz da Lua, e James conteve a respiração no peito. A ilha tinha crescido. A impressão de uma fortaleza secreta estava mais forte do que nunca. Era uma monstruosidade gótica adornada com estátuas sinistras e gárgulas de olhar atravessado, tudo brotado, de alguma forma, das vinhas e árvores da ilha. A fauce do dragão da ponte repousava diante dele, e James forçou-se a parar ali antes de pôr um pé sobre ela. Lembrou-se dos dentes rangentes de madeira quando o tentaram devorar e a Zane. À luz prateada do luar, os portões da outra extremidade da ponte estavam bastante visíveis, assim como as palavras do poema. *Quando pela luz resplandecente de Sulva. Encontrei a Fortaleza da Gruta.* Os portões estremeceram repentinamente e escancararam-se, revelando escuridão como que contida numa garganta. Uma voz saiu daquele negrume, clara e formosa, pura como uma campainha ressonante.

— Guardião da relíquia, — disse a voz. — o teu dever foi satisfeito.

Enquanto James permanecia ali a observar, olhando para dentro da escuridão da entrada no outro lado da ponte, uma luz formou-se ali. Ela condensou-se, solidificou, e apareceu uma forma. Era, James reconheceu, a forma suave e brilhante de uma dríade, uma mulher da selva, um espírito de árvore. Contudo, não era a mesma que James conhecera. Aquela possuía um brilho esverdeado. Esta possuía um brilho azul celeste. Ela palpitava levemente. Os seus cabelos escorriam em torno da sua cabeça como se estivessem numa corrente de água. Havia um tranquilo e quase amoroso sorriso nos lábios e os seus olhos enormes e líquidos cintilavam ligeiramente.

— Cumpriste a tua parte. — disse a dríade, a sua voz tão sonhadora e hipnótica quanto a voz da outra dríade, se não mais. — Não precisas mais guardar a relíquia. Esse

não é o teu fardo. Trá-la para nós. Somos os seus guardiões. Nossa é a tarefa, concedida desde o princípio. Alivia-te deste fardo. Traz-nos a relíquia.

James olhou para baixo e viu que, sem perceber, dera um passo sobre a ponte. A garganta do dragão não se fechara sobre ele. Ergueu os olhos e viu que, na verdade, ela se tinha erguido um pouco, dando-lhe as boas vindas. A junção de árvores caídas que formava a mandíbula rangeu levemente.

— Traz-nos as relíquias. — disse a dríade novamente, e ela ergueu os seus braços em direcção a James como se tencionasse saudá-lo com um abraço. Os seus braços eram desumanamente longos, e quase pareciam esticar-se até ele pela ponte. Os dedos eram de um azul tão profundo que quase eram púrpureos. Eram longos e surpreendentemente irregulares. James retrocedeu um passo, afastando-se da ponte. Os olhos da dríade mudaram. Brilharam e enrijeceram-se.

— Traz-nos a relíquia. — disse ela mais uma vez, e a sua voz mudou também. O tom melodioso desaparecera. — Não te pertence. O poder que ela contém é maior do que tu, maior do que todos vocês. Traz-nos antes que ela te destrua. A relíquia destrói aqueles de quem não precisa, e não precisa mais de ti. Traz-nos antes que ela decida usar mais alguém. Traz-nos a relíquias enquanto podes.

Os seus longos braços estenderam-se ao longo da ponte e James estava certo de que poderia tocá-los se esticasse as mãos. Retrocedeu ainda mais, enganchando o tornozelo numa raiz e tropeçando. Virou-se, girando os braços para se apoiar, e caiu contra algo largo e duro. Pressionou as mãos contra essa superfície e empurrou, endireitando-se. Era uma parede. A poucos metros, uma tocha crepitava no seu suporte. James olhou em volta. O corredor de Hogwarts estendia-se diante dele, aquecido e mundano, como se nunca tivesse desaparecido. Talvez nunca tivesse. Olhou na outra direcção. Ali estava a estátua com a bruxa de um olho só. A sensação de medo desapareceu, mas James estava certo de que o que acontecera não fora uma visão qualquer. Ainda podia sentir o frio do vento noturno nas dobras do seu manto. Quando baixou os olhos, tinha um pouco de lama seca na ponta dos sapatos. Estremeceu, então recompôs-se e correu o restante do caminho que levava às escadas, que subiu de dois em dois degraus até à sala comum.

A única coisa da qual James tinha certeza era que algo queria que ele desistisse do manto de Merlin. Só não estava certo de que era algo bom e *conveniente*. Felizmente, o manto ainda estava guardada na mala de Jackson no malão de James. Após a experiência de tocar na manto relíquia, James não tinha planos de retirá-la dali novamente até a entregar ao seu pai e ao Departamento de Aurors quando chegasse o momento oportuno. O momento ainda não era oportuno, mas seria. Em breve. Por outro lado, não pretendia entregá-la a qualquer coisa misteriosa, sendo espírito da árvore ou não. Seguro disso, James alcançou a sala comum dos Gryffindor e preparou-se para dormir. Mas, muito tempo depois de se acomodar debaixo dos seus cobertores, pensou que podia ouvir no vento que soprava da sua janela, a voz sussurrada, implorando

interminável e monotonamente: *traz-nos a relíquia... traz-nos a relíquia enquanto podes...* Isto dava-lhe calafrios, e quando dormiu, sonhou com aqueles olhos assombrosos e formosos e aqueles braços longos com mãos finas e unhas púrpuras irregulares.



Na sexta-feira seguinte, na aula de Herbologia, James divertiu-se ao ver que Neville Longbottom retirara o pessegueiro transfigurado da sala de Transfiguração, onde ficara um tanto incómodo, para o pôr numa das estufas.

— Tudo isto de uma banana. — confirmou Neville com James após a aula.

— Sim. Aposto que o Ralph estava mais surpreso que qualquer um. Ele estava impressionado, mas, na verdade, não penso que ele conheça o seu próprio poder. Alguns Slytherin acham que ele é descendente de alguma antiga família mágica poderosa. Poderia ser, suponho, já que ele nunca conheceu a mãe.

— Trata-se do tipo de coisa que eles pensariam. — disse Neville com uma sinceridade incomum. — Os nascidos muggle simplesmente podem ser tão poderosos quanto qualquer um de uma velha família puro-sangue. Contudo, alguns preconceitos nunca mudam.

James ergueu os olhos para o pessegueiro, que se tornara um tanto enorme apesar do facto das suas raízes ainda estarem retorcidas sem esperança em torno de uma das mesas da sala de Transfiguração. Ele sabia que Neville estava certo, mas não poderia evitar pensar no olhar estampado no rosto de Ralph no dia que este transfigurou a banana. Ralph nunca mencionou, mas James sentia que o poder de Ralph o assustava um pouco.

No dia seguinte, a equipa de Quidditch dos Gryffindor tinha programado uma partida contra os Slytherin. James sentou-se na bancada dos Gryffindor com Zane e Sabrina Hildegard. Ralph, com o propósito de manter os seus poucos amigos Slytherin, sentouse na plateia adornada de verde do outro lado do campo. James fez contacto visual com Ralph uma vez e acenou. Ralph acenou de volta, mas cuidadosamente, tendo certeza de que não estava a ser visto pelos seus colegas de equipa veteranos.

Em baixo, no campo, os capitães das equipas caminharam até a linha central para encontrarem Cabe Ridcully para ouvirem as regras e apertarem as mãos, uma tradição à qual já ninguém prestava atenção. James observou Justine Kennely apertar a mão de Tabitha Corsica superficialmente. Mesmo da sua posição vantajosa no alto da bancada, James conseguiu ver o sorriso adulator e educado no rosto reconhecidamente belo de Tabitha. Então ambos se viraram e caminharam em direcções opostas retornando aos

seus lugares por baixo das bancadas, deixando Ridcully sozinho com o baú de Quidditch.

Zane mastigava alegremente um saco de pipocas que trouxera com ele, tendo convencido de alguma forma um dos elfos domésticos da cozinha a prepará-lo.

— Será uma excelente partida. — observou ele, olhando a multidão entusiasmada.

— Gryffindor contra Slytherin sempre arrasta multidões. — disse Sabrina, alteando a voz acima do barulho. — Nos tempo da minha mãe, todos odiavam os Slytherin porque jogavam sujo. Um tipo chamado Miles Bletchley era o capitão da equipa, e ele foi jogador do Thundelarra Thunderers por alguns anos até ser demitido da liga por usar uma vassoura adulterada.

— Uma o quê? — intrometeu-se Zane. — O que é uma vassoura adulterada?

James explicou.

— É uma espécie de batota onde um buraco é perfurado no centro da vassoura e algo mágico é enfiado lá dentro, como a costela de um dragão ou um dente de basilisco. Basicamente, transforma a vassoura numa varinha mágica. Ele estava a usar a vassoura para lançar Feitios Repelentes e *Expelliarmus* modificado, fazendo com que a equipa oponente falhasse a quaffle. Era um batoteiro astuto.

Enquanto falavam, a equipa dos Slytherin saía do seu lugar aclamada pela sua bancada. Damien, sentado na cabine de transmissão com a varinha na garganta, anunciou a equipa, a voz ecoando no ar fresco de Janeiro.

— Bom, — gritou Zane acima das aclamações. — não me parece que todos continuem a odiar os Slytherin.

Como previsto, houve aplausos dispersos por todas as bancadas. Apenas a bancada de Gryffindor vaiava e assobiava. James encolheu os ombros.

— Parece que não jogam tão sujo quanto costumavam. Mas ainda põe em campo equipas extremamente fortes. Existe algo enganador neles que não é tão óbvio quanto costumava ser.

— Eu diria o mesmo. — concordou Zane. — Quando jogamos contra os Slytherin antes das férias, foi a partida mais limpa que joguei todo o ano. Ridcully mal aplicou uma única falta neles. Ainda assim, havia algo um pouco *astuto demais* da parte deles. Ou eles são o grupo desprezível mais sortudo que já montou uma vassoura ou fizeram um pacto com o próprio diabo.

James rangeu os dentes.

Do outro lado do campo, Horace Slughorn, com as bochechas rosadas e agasalhado num manto de colarinho de couro e chapéu combinando, acenava uma pequena bandeira de Slytherin numa vareta e gritava encorajamentos para a claqué da sua equipa. Ralph, sentado duas fileiras abaixo dele, aplaudia obedientemente. James sabia que Ralph não gostava muito de Quidditch, apesar da quase estudada atenção que prestava às partidas, e James achava que era porque Ralph, na verdade, nunca poderia

escolher uma equipa pelo qual fosse leal. Os seus amigos, incluindo Rufus Burton, torciam e assobiavam loucamente.

A equipa dos Gryffindor foi a próxima a tomar o campo, emergindo do local por baixo da sua bancada, e os espectadores à volta de James irromperam, pondo-se de pé com um salto como uma só pessoa. James gritou junto com eles, sorrindo empolgado, certo de que os Gryffindor venceriam. Sapateou e gritou até ficar rouco quando a equipa circulou o campo, acenando e sorrindo.

As equipas voaram, pondo-se em posição. Após instruir as equipas a jogarem uma partida limpa e assegurar que todos estavam em posição, Ridcully libertou as bludgers e a snitch e atirou a quaffle no ar. Os jogadores desmoronaram num enxame, perseguindo as bludgers e lutando pela quaffle. Noah e Tom Squallus, os dois seekers, saíram velozmente atrás da snitch, que disparou pelos estandartes de Ravenclaw e desapareceu.

Quase que imediatamente, a diferença entre as duas equipas se tornou evidente. Gryffindor disputava uma partida resumida, baseando-se inteiramente em movimentos cuidadosamente praticados. Justine Kennely podia ser ouvido a gritar jogadas e formações sobre a multidão animada, apontando e fazendo sinais. Os Slytherin, por outro lado, pareciam possuir um estilo de jogo agradável, quase misterioso que os levava pelo campo como um cardume. Tabitha Corsica não gritava instruções da sua vassoura, e, apesar disso, os seus jogadores partiam e reagrupavam-se com a precisão de bailarinos.

Por um momento, enquanto na posse da quaffle, Tabitha mergulhou evitando uma bludger e simultaneamente atirou a quaffle sobre o ombro. A bola formou um arco no ar e foi habilmente capturada por um colega de equipa que estava a voar directamente por baixo dela numa direcção perpendicular. O mesmo jogador passou a quaffle através do arco central de golo antes mesmo que o keeper dos Gryffindor percebesse que Tabitha já não estava com a bola. James gemeu enquanto os Slytherin se colocavam de pé e gritavam vivas. Justine Kennely pareceu querer saltar da vassoura para aliviar a frustração. Ainda assim, após uma hora decorrida da partida, o placard marcava cento e trinta a cento e quarenta em favor dos Gryffindor, tão suficientemente próximos que a liderança mudara cinco vezes.

— Numa partida como esta tudo depende dos seekers. — gritou Sabrina de forma exuberante, sem tirar os olhos dos jogadores. — E Squallus é novo nesta posição desde que o Gnoffton acabou o ano passado. O Noah seria capaz de apertá-lo contra a parede com a própria vassoura.

Com efeito, a multidão emitiu rugido repentino e James viu que Noah estava ao alcance da snitch. Do outro lado do campo, Tom Squallus curvava-se na vassoura, expondo os dentes ao vento frio e apressando-se para deter Noah. Lançou-se entre o amontoado de jogadores, mal evitando a bludger golpeado por Justine Kennely. Apesar da velocidade, James estava confiante de que não havia maneira de Squallus superar

Noah. Uma linha dourada e um zumbido de pequenas asas estavam próximos da bancada dos Gryffindor, seguido de Noah por uma fracção de segundo. Os ocupantes das fileiras dianteiras inclinaram as cabeças, e logo gritaram animados enquanto Noah executava um voo difícil, mal se esquivando da bancada e esticando-se sobre a vassoura, os braços estendidos. Houve um longo momento em que todos prenderam a respiração, quando Noah pareceu estar muito próximo da pequena bola dourada, a distância diminuindo cada vez mais, a mão de Noah tremendo enquanto a esticava. Então, num alvoroço de mantos e vassouras, algo mudou. Noah viu-se forçado erguer subitamente a vassoura, detendo-se num giro brusco que o fez perder o controlo. Uma nuvem de Slytherins, liderados por Tabitha Corsica, deslizava de frente para ele, provenientes de todas as direcções, formando uma parede virtual no ar. Noah deparou-se com um Slytherin corpulento e saltou, perdendo o controlo da vassoura. Caiu para o lado, agarrando o cabo da vassoura com uma mão e permanecendo pendurado por baixo dela. A multidão urrou.

Tabitha Corsica lançou-se disparada pela parede de Slytherins, que se abriu para ela como um lírio. O seu manto chicoteava atrás dela e James ficou impressionado ao ver que a snitch dourada voava *atrás* dela, à sombra do seu manto. A snitch voava para cima e Tabitha a seguia quase instantaneamente, inclinada sobre a sua vassoura. De alguma forma, sem sequer olhar, estava a sombrear a snitch, marcando-a para Tom Squallus. Ele viu-a, inclinou-se, e lançou-se atrás dela. Quando ele apareceu do outro lado, a sua mão estava erguida e a snitch dourada brilhava dentro dela. A bancada dos Slytherin urrou barulhentemente. O jogo estava terminado.

Noah balançava por baixo da sua vassoura, atando um pé sobre o cabo. Esforçava-se para se endireitar exactamente quando Ted e Justine Kennely desceram ao seu lado, conversando e gesticulando. James entendia o sentido do que estavam a dizer mesmo que não pudesse ouvir as palavras através das aclamações e vaias. Algo extremamente estranho acontecera, apesar de, na verdade, os Slytherin não terem cometido nenhuma infracção. Na relva do campo, Petra Morganstern, que jogava como chaser, encurralou Cabe Ridcully e apontava energicamente para Tabitha Corsica, que ainda estava sobre a sua vassoura, sendo felicitada pelos seus colegas de equipa ao lado de Tom Squallus. Ridcully sacudia a cabeça, incapaz de ou relutante em concordar com as alegações de Petra. Não parecia haver recurso algum para os Gryffindor, dado que não poderiam provar que algo ilegal acontecera.

— O que em nome do traseiro branco e flácido do Voldy foi *aquilo*? — disse Damien Damasco, abandonando a cabine de transmissão e unindo-se a James, Zane e Sabrina.

Sabrina balançou a cabeça.

— Foi horripilante! Viste o que eu vi? A Corsica bloqueou a snitch! Ela nem lhe tocava, mas voava exactamente ao lado dela, marcando-a até que o Squallus pudesse controlar a vassoura.

— Não há regras contra isso? — perguntou Zane enquanto se uniam à multidão que deixava as bancadas.

— Não faz sentido fazer regras contra coisas que são impossíveis. — disse Damien de mau humor. — Contanto que ela não lhe tenha tocado, ela é inocente. Ela nem sequer estava a *olhar* para a snitch. Eu poderia jurar.

Ralph trotava pelo campo quando James e Zane desciam os últimos degraus. Ofegante, evitou Sabrina e Damien, cujos estados de ânimo estavam a piorar.

— Vocês viram aquilo? — perguntou Ralph, esforçando-se para recuperar a respiração. Parecia extremamente agitado.

— Nós vimos *algo*, — disse James. — embora eu não tenha certeza se acredito nos meus olhos.

Zane foi menos diplomático.

— Os Gryffindor acham que os teus camaradas fizeram batota de alguma forma. Isto vai afectar as finais também. Parece que agora os Ravenclaw disputarão o torneio contra Slytherin. Esperava que fosse uma partida entre Gryffindor e Ravenclaw.

— Vocês podem esquecer o maldito torneio de Quidditch por um minuto? — disse Ralph, virando-se para encarar os dois à base das bancadas. — No caso de terem esquecido, temos coisas mais importantes a pensar.

— Tudo bem, então conta, Ralph. — disse James, tentando não ficar nervoso.

Ralph respirou fundo.

— Disseste-me que sou o tipo infiltrado, não foi? Então estive a vigiar atentamente, à procura de indícios e pistas sobre quem pudesse estar envolvido em toda a conspiração de Merlin, certo?

— E achas que é altura para discutir isto? — disse Zane, erguendo as sobrancelhas.

— Não, não, está tudo bem. — interrompeu James. — O que viste, Ralph? Alguma coisa aconteceu na Central Slytherin?

— Não! — disse Ralph com impaciência. — Não na sala comum ou algo do tipo. Foi exactamente aqui, há poucos minutos atrás! Lembra-se daquilo que deveríamos estar à procura?

— Sim, — disse Zane, ficando interessado. — o bastão de Merlin.

Ralph assentiu de forma significativa. Houve uma aclamação por perto. Os três rapazes viraram-se quando os Slytherin deixavam o campo, rodeados por uma multidão de estudantes com cachecóis verdes. Tabitha caminhava à frente do grupo, segurando com triunfo a vassoura sobre o ombro.

— Um metro e oitenta ou mais de madeira mágica incomum. — disse Ralph em voz baixa, ainda observando Tabitha deixar o campo. — Origens desconhecidas.

— É verdade! — disse James, a compreensão descendo sobre ele. — A Tabitha disse que a sua vassoura era um modelo encomendado, fabricado por um artista muggle ou algo do tipo! Registou-a como artefacto muggle, já que não era um modelo padrão!

— E não há dúvida de que existe algo mágico bastante *incomum* sobre isso. — adicionou Ralph.

James assentiu.

— Estás a dizer o que penso que estás a dizer? — perguntou Zane, incrédulo.

Ralph olhou para ele.

— Faz sentido, não faz? É o esconderijo perfeito! Por isso vim a correr quando o jogo terminou. Queria que vocês dois vissem também, e ver se encaixava.

Zane assobiou assombrado.

— E falávamos de vassouras adulteradas! Aí tens, todo este tempo, a Corsica esteve a voar por aí sobre o bastão de Merlin!

James não conseguia tirar os olhos de Tabitha enquanto esta chegava ao alto da colina que levava de volta ao castelo. A luz solar de Inverno brilhava sobre a extremidade emaranhada da vassoura. Era exactamente o disfarce perfeito para um cabo de madeira altamente mágico de um metro e oitenta. E agora eles sabiam com certeza quem era o terceiro co-conspirador da conspiração de Merlin, o Slytherin que fizera o perfil com o nome Austramaddux. O coração de James palpitava com excitação e expectativa.

— Então, — disse ele enquanto os três começavam a seguir os Slytherin a uma distância prudente, retornando ao castelo. — como tiraremos o bastão de Merlin da Tabitha Corsica?

— CAPÍTULO 14 —

A Encruzilhada dos Anciões



— **O** quê? Porque é que precisamos de roubar a vassoura dela? — exclamou Ralph ao pequeno almoço da manhã seguinte. Inclinou-se sobre a mesa, alcançando um prato de salsichas. — Vai ser *muito* mais difícil roubá-la do que foi a maleta de Jackson. Os rapazes não podem entrar nos dormitórios das raparigas. Nunca chegaremos perto! Além do mais, de qualquer forma, já temos o manto. Eles não podem fazer nada sem todas as relíquias.

— É o bastão de Merlin, por isso temos que o apanhar. — respondeu James. — Mesmo sozinho, deve ser um dos objectos mágicos mais poderosos do mundo. Viste o que a Tabitha Corsica fez com ele durante o jogo. E não era apenas ela a esconder a snitch sem sequer olhar. A equipa inteira parecia reagir ao bastão de alguma forma, ou pelo menos as vassouras o faziam. Sabiam onde estar nos momentos certos. Realmente,

é uma magia poderosa. Até agora, ela está a usar o bastão apenas para vencer as partidas de Quidditch, mas queres realmente algo como aquilo nas mãos de alguém como ela e o Elemento Progressivo?

Ralph parecia sério. Zane baixou a sua chávena de café e fitou a superfície da mesa.

— Eu não sei... — disse ele.

— O quê? — disse James, impaciente.

Zane ergueu os olhos.

— Bom, na verdade, parece tão fácil. Quer dizer, primeiro um amigo do Ralph apareceu com a maleta no momento exacto. Então, não importa como encarares isto, tivemos sorte com o *Visum-ineptio*. Mesmo antes disso tudo, olha para todas as coincidências que te levaram a descobrir o esconderijo do trono de Merlin, desde o vislumbre da rainha do voodoo no lago naquela noite ao encontrar o artigo do Profeta Diário sobre a invasão no Ministério. E agora, descobrimos que a vassoura de Tabitha é o bastão de Merlin. Odeio dizer, mas não pode ser uma conspiração tão obscura se um trio de primeiros anos como nós descobrimos tudo.

James fumegou.

— Tudo bem, sim, então tivemos sorte aqui e ali. Nós trabalhamos arduamente e fomos extremamente cuidadosos, também. E, além disso, tudo encaixa, não é? Só porque as pessoas por detrás da conspiração de Merlin têm sido tão arrogantes em pensar que ninguém poderia apanhá-los, não significa que a conspiração não seja real. E que tal sobre o que aconteceu quando abrimos a maleta de Jackson? E nem te preciso de contar o que aconteceu comigo na semana passada!

Ralph saltou, quase derramando o seu sumo de abóbora. Os seus olhos ficaram ferozes durante um segundo, e então acalmou-se.

— A semana passada? Quando?

— Na noite em que fomos ver Hagrid, depois que te deixei. — respondeu James. Ele descreveu como os corredores de Hogwarts se transformaram em floresta à sua volta, a sua estranha viagem à ilha da Fortaleza da Gruta, e a figura fantasmagórica misteriosa que o instruíra a levar-lhe o manto. Zane escutava com entusiasmado interesse, mas o rosto de Ralph estava pálido e inexpressivo.

Quando James terminou, Zane perguntou:

— Achas que era realmente uma dríade?

James encolheu os ombros.

— Não sei. Com certeza era muito parecida com aquela que vimos na floresta, mas diferente também. Ela *pulsava*, se sabes o que quero dizer. Eu podia senti-la na minha cabeça.

— Talvez fosse um sonho. — disse Zane cuidadosamente. — Parece.

— Não foi um sonho. Eu estava no corredor a ir para a sala comum. Eu não sou sonâmbulo.

— Só estou a dizer. — disse Zane suavemente, baixando os olhos.

— O quê? — agulhou James. — Achas que tudo sobre Merlin era um sonho, também? Quando desapareci no quarto à vossa frente o fantasma de Cedric me trouxe de volta?

— Claro que não. Ainda assim, parece meio louco. Estavas na floresta ou estavas no corredor? Qual era real? Ou nenhum dos dois era real? Digo-te, andaste a pensar demasiado sobre isso. Talvez...

Ralph estudava o seu prato vazio. Falou sem erguer a cabeça.

— Não foi um sonho.

James e Zane olharam para Ralph.

— Como sabes? — perguntou Zane.

Ralph suspirou.

— Porque a mesma coisa aconteceu comigo.

Os olhos de James arregalaram-se e ficou boquiaberto.

— Viste a Fortaleza da Gruta? E a dríade, também? Ralph, porque não disseste nada?

— Eu não sabia o que eram! — disse Ralph, erguendo os olhos. — Eu não estava convosco quando saíram para a floresta e encontraram a dríade, lembram-se? Então na semana passada, eu estava a caminho das masmorras a ir para os aposentos dos Slytherin quando tudo desapareceu de repente transformando-se em floresta, assim como descreveste, James. Vi a ilha e o espírito de árvore, mas não os reconheci. Pensei que era um fantasma ou algo do género. Ela disse-me para lhe levar a relíquia, mas eu estava assustado. Não estou acostumado a ter experiências mágicas estranhas e extracorpóreas ou qualquer coisa. Tentei fugir, mas então, de repente, simplesmente estava do lado de fora da porta da sala comum dos Slytherin. Estava preocupado com a minha sanidade mental, para dizer a verdade. Pensei que todas estas coisas da magia me estavam a deixar maluco. E francamente, estou um pouco aliviado que o mesmo te aconteceu a ti, também.

— Consigo ver porquê. — disse Zane, assentindo.

— Mas porquê tu? — perguntou James. Não tens a relíquia. Eu é que a tenho.

Zane curvou a cabeça e mordeu um canto da boca na expressão de cómica concentração que demonstrava quando estava a pensar muito.

— Talvez seja tão simples quanto o facto de o Ralph ser um Slytherin. Quer dizer, ele estava no debate contra a Petra e eu. Seja lá o que for, talvez o Ralph seja o elo mais fraco. Talvez porque o Ralph pode trair-te e roubar a relíquia e então levá-la para a ilha. Não que fosses fazer isso, Ralph. — disse Zane, olhando para Ralph.

— De jeito nenhum. Nunca tocarei naquilo. — concordou Ralph.

— Acho que isso faz sentido. — admitiu James. — Então, porque não tu, Zane?

Zane adoptou uma expressão angelical, os olhos erguidos em direcção ao tecto.

— Porque sou tão puro quanto a neve levada pelo vento. E, além disso, nunca mais colocarei os meus pés naquela ilha. É assustadora demais para mim.

— Mas mesmo que eu quisesse roubar o manto, não poderia. — disse Ralph, franzindo o cenho. — Não com o Feitiço de Trancamento de Zane. O James é o único que pode abrir o malão.

— Simplesmente poderias arrastar o malão para fora, suponho. — replicou James. — Nada pode segurar a força de vontade.

— Felizmente, não há vontade. — disse Ralph seriamente.

Zane empurrou a chávena de café para longe.

— A dríade, ou seja lá o que for, necessariamente saberia do Feitiço de Trancamento, de qualquer forma. Mas o que vos aconteceu prova claramente que algo quer o manto, e sabe que a temos. Se não é o Jackson ou alguém do seu grupo, então, quem?

— Lembras-te do que a dríade verde nos contou? Disse que as árvores estavam a despertar, mas muitas delas... como é que ela disse? — disse James.

Zane assentiu, lembrando.

— Ela disse que elas estavam “excedidas”, como o leite que passa da data de validade ou algo do género. Por outras palavras, algumas das árvores são más. Estão do lado do caos e da guerra. Achas que a dríade azul que te apareceu e ao Ralph era uma das más a tentar parecer boazinha?

— Faz sentido. — disse Ralph. — Ela era bonita e toda sorrisos, mas tive o forte pressentimento de que se eu não trouxesse o manto para ela, aquele sorriso desapareceria rapidamente. Foi o que me assustou. Isso e aqueles dedos. — estremeceu.

— Então, isto é maior do que apenas nós e os conspiradores de Merlin. — disse Zane seriamente, — Os espíritos das árvores estão envolvidos. E sabemos lá quem mais, também. Pelo que sabemos, tudo no mundo mágico deve estar a escolher um lado.

— De qualquer maneira, — disse James sério. — isto prova que as relíquias são incrivelmente poderosas. Nas mãos erradas, quem sabe que tipo de danos podem causar? É por isso que temos que tirar o bastão da Tabitha.

— Não entendo porque simplesmente não chamamos cá o teu pai. — criticou Ralph. — Lidar com este tipo de coisas é o trabalho dele, não é?

— Porque eles têm regras a seguir. — respondeu James cansado. — Eles teriam que trazer uma equipa de aurors para fazer uma busca nos terrenos. Eles não tirariam a vassoura da Tabitha simplesmente por dizermos que se trata do bastão de Merlin, mesmo se entregarmos o manto. Eles fariam uma busca mágica, investigando cada fonte de poder incomum. Poderia levar dias. Durante o tempo em que estivessem a investigar a Tabitha, ela já teria tirado a vassoura daqui. Jackson e Delacroix poderiam sentir os problemas e escaparem, também. Inclusive poderiam reunir todos os conspiradores no Vestíbulo e tentar trazer Merlin de volta. Não funcionaria sem o manto, claro, mas o trono e o bastão estariam perdidos, sob controlo de feiticeiros das trevas.

Ralph suspirou.

— Certo, certo. Estou convencido. Então, tentaremos capturar o bastão da Corsica. Mas isto é tudo, certo? Depois entregamos tudo ao teu pai e aos seus ajudantes. Eles tratam de tudo e podemos ser os heróis. Seja lá o que for. Certo?

Zane assentiu.

— Sim, estou contigo. Tiramos a vassoura e pronto. Certo?

James concordou.

— Então precisamos dum plano. Alguma ideia?

— Não será fácil. — disse Ralph com determinação. — Se tivemos sorte com a mala de Jackson, então precisaremos duma intervenção divina desta vez. Os dormitórios dos Slytherin estão carregados de maldições e Feitiços Anti-Espiões que só falta zumbirem. São os aposentos mais duvidosos que já conheci.

— Traidores sempre esperam ser atraídos. — disse Zane sabiamente. — Mas há uma coisa de que nos estamos a esquecer, e pode ser até mais importante do que capturar o bastão de Merlin.

— O que é mais importante do que isso? — perguntou James.

— Conservar a relíquia que temos. — respondeu Zane simplesmente, encontrando os olhos de James. — Alguma coisa lá fora sabe que temos o manto relíquia, e já tentou tirar-ta. Não sei que tipo de magia era, mas vocês os dois estão bastante convencidos de que foram transportados para a ilha directamente a partir dos corredores de Hogwarts, certo?

James e Ralph trocaram olhares e e depois assentiram para Zane.

— Então, — continuou Zane. — se é impossível aparecer nos terrenos de Hogwarts, então foi usada outra forma de magia para vos levar até lá. Deve ser algum tipo de talismã poderoso. Quem garante que não haverá outra tentativa?

Ralph empalideceu.

— Nem tinha pensado nisso.

— Talvez todo o poder se tenha esgotado da primeira vez. — disse James um pouco em dúvida.

— Seria melhor para vocês não acontecer de novo, — disse Zane, olhando de um para outro. — porque da última vez aquilo perguntou de maneira educada. Da próxima vez não será assim.

Uma ideia acertou James e ele estremeceu.

— O que foi? — perguntou Ralph, vendo a expressão no rosto de James mudar.

— Físioaparição Remota. — disse James em voz calma. — Foi assim que o Professor Franklyn chamou ao poder da Delacroix de projectar uma aparição dela mesma. É diferente da aparição normal, porque ela apenas envia algo como um fantasma dela mesma, mas a aparição, ainda assim, pode parecer sólida e afectar coisas. Pesquisei sobre isso. O fantasma é uma versão sólida de qualquer material que se tenha

em mãos, e então é usado como um fantoche. De alguma maneira, ela usou isso para trazer o trono de Merlin para cá e escondê-lo na ilha sem ser detectado.

Zane ergueu as sobrancelhas.

— Certo. E daí?

— E daí, se foi assim como eu e Ralph fomos enviados para a Fortaleza da Gruta? Ralph, tu chamaste-lhe experiência extracorpórea. E se realmente foi isso? Talvez fomos forçados a ter uma Físioaparição Remota! Apenas um espectro de nós mesmos foi para a fortaleza, mas os nossos corpos permaneceram nos corredores, como se estivessem... congelados.

Ralph ficou claramente horrorizado pelo pensamento. Zane parecia pensativo.

— Parece encaixar. Vocês disseram que aconteceu quando estavam sozinhos nos corredores. Não estava lá ninguém enquanto vocês estavam ali em piloto automático enquanto as vossas almas, ou lá o que fossem, estavam na Fortaleza da Gruta.

— Mas essa é a especialidade da Delacroix. — disse Ralph, estremecendo. — Acham que, de alguma forma, ela sabe que temos o manto?

James respondeu.

— Talvez. Ela é escorregadia como uma enguia. Ela deve saber e ainda nem sequer contou ao Jackson. Talvez queira a glória somente para ela.

— Duma coisa temos a certeza. — avisou Zane. — Não vos podemos deixar sozinhos. Acho que quem quer que seja ou o que for que esteja a fazer isto, não quer que o segredo se espalhe. Isso é o porquê de eles esperarem até ficarem sozinhos por alguns minutos. Se nós mantivermos pessoas por perto, então, talvez, não aconteça novamente.

Ralph ficou branco como uma estátua.

— A menos que haja muito, muito desespero.

— Bom, sim. — concordou Zane. — Sempre há essa possibilidade. Mas, nesse caso, não podemos fazer nada, então vamos apenas esperar para que não chegue a isso.

— Isso faz-me sentir muito melhor. — lamentou Ralph.

— Vamos. — disse James, levantando-se da mesa do café da manhã. Está a ficar tarde e os elfos domésticos estão a observar-nos. Vamos sair daqui antes que alguém perceba que estamos a planear algo.

Os três rapazes deambularam pelos terrenos frescos e conversaram sobre outros assuntos durante algum tempo, e então, tendo cumprido as obrigações relacionadas com as suas equipas, seguiram caminhos separados durante o resto do dia.



A semana seguinte foi cheia, de uma maneira frustrante. Neville Longbottom designou um dos seus mais incomuns, mas extremamente exigentes trabalhos. Isso levou James a passar uma quantia desmedida de tempo na biblioteca, pesquisando os intermináveis usos da planta *spynuswort*, um esforço muito mais complicado pelo facto de que cada parte da *spynuswort*, das folhas ao caule até às raízes e inclusive as sementes, possuía um grande número de aplicações, desde curar enfermidades da pele a encerar vassouras. James acabava de adicionar a septuagésima nona entrada na sua lista rabiscada quando Morgan Patonia se sentou na mesa à frente dele com um pesado suspiro. Morgan, uma primeiranista de Hufflepuff, também tinha Herbologia e trabalhava no seu trabalho sobre a *spynuswort*.

— Só tens que pôr cinco usos. — declarou Morgan quando viu a lista de James. — Sabias isso, não?

— Cinco? — disse James fracamente.

Morgan lançou a James um olhar de alegre desdém.

— O Professor Longbottom apenas nos designou que escrevêssemos sobre a *spynuswort* porque é uma das três plantas mais úteis do mundo mágico. Se fôssemos escrever sobre cada um de seus usos, acabaríamos por fazer uma enciclopédia, imbecil.

O rosto de James pareceu irritado.

— Eu sabia disso! — disse ele, tencionando aparentar arrogância e petulância. — Apenas me esqueci. Não me podes culpar por não ser perfeito, ou podes?

Morgan riu mansa e dissimulada, obviamente encantada por James ter perdido tanto tempo. James arrumou as suas coisas alguns minutos depois e seguiu para a sala comum dos Gryffindor, irritado e simultaneamente aliviado. Ao menos o seu trabalho estava finalizado. De facto, já que escrevera por volta de vinte e três utilidades da *spynuswort*, provavelmente conseguiria créditos extras. Neville não imaginava que a minuciosidade do trabalho de James, simplesmente, se devia ao facto de que James não andava com muita atenção às aulas.

James avistou a Professora Delacroix duas vezes nos corredores, e tinha a assombrosa sensação de que ela o estava a observar. Ele nunca vira os olhos dela pousarem sobre ele, mas já que ela era cega, isso dificilmente importava. James lembrava-se da maneira como Delacroix manobrava a tigela com sopa de hibisco com a sua feia varinha de aspecto de raiz durante o jantar com os Alma Aleron, sem nunca derramar uma gota. James suspeitara que Delacroix tinha maneiras de ver que não estavam relacionadas com os seus olhos inúteis. De facto, isso poderia explicar como ele notara que a maleta de Jackson estava diferente. O *Visium-ineptio* apenas funcionava com as pessoas que viam com os olhos, não? Ainda assim, ele nunca dissera nada ou sequer parava quando passava por ele. James decidiu que estava simplesmente paranóico. Além disso, como Zane apontou, que diferença fazia? Podia ser ela a única a tentar enganar Ralph e James para levar a relíquia para a Fortaleza da Gruta, ou podia ser outra força totalmente distinta. Fosse como fosse tinham que estar atentos a nunca

estar sozinhos, e no fim de contas, a fonte da ameaça, de qualquer forma, realmente não importaria.

James começara a perceber o quão difícil era nunca ficar sozinho. Nunca pensaria que, numa escola do tamanho de Hogwarts, isso seria tão difícil. Agora que prestava atenção, percebeu que ficava sozinho nos terrenos ou nos corredores diversas vezes a cada dia, cruzando os terrenos para chegar à aula de Herbologia de Neville Longbottom ou, simplesmente, quando ia ao quarto-de-banho a meio da noite. Fazer com que nunca ficasse sozinho mesmo nessas circunstâncias era uma tarefa irritante, mas para a surpresa de James, Zane estava inflexível a respeito disso de uma forma consistente.

— Mesmo tendo capturado o manto por uma assombrosa cadeia de golpes de sorte, não vou deixá-la escapar das nossas mãos só porque nos descuidamos. — disse ele a James um dia, quando caminhavam em direção às estufas. — É a falta de previsão dos conspiradores de Merlin que está a girar a nosso favor. Não lhes vou fazer um favor como este.

Um dia, James apresentou a Ralph e Zane o Encantamento Multifforme como meio de comunicação se alguma companhia de emergência fosse necessária. James pediu três patos mutáveis de borracha para a Magias Mirabolantes Weasley, dando um para Zane e outro para Ralph.

— Com este encantamneto, quando eu apertar o meu pato e ele emitir um som, os vossos farão o mesmo. — explicou James, dando um beliscão no seu pato.

— Desaparece! — os patos grasnaram em uníssono.

— Excelente! — disse Zane, dando um forte beliscão em seu próprio pato, resultando em um coro de insultos alegres. — Então se vocês estiverem sozinhos ou precisarem que eu vos leve ao quarto-de-banho, eu apenas buzino isto e vou a correr, certo?

— Ugh! — disse Ralph, encarando o seu pato com desgosto. — Odiei isto. É como voltar a ter três anos de idade outra vez.

— Ei, se quiseres voltar a encontrar-te com algum espírito infeliz de árvore novamente... — disse Zane, estremecendo.

— Eu não disse que não o faria. — respondeu Ralph, irritado. — Apenas odiei isto e pronto.

Zane virou-se para James.

— Então, como saberei qual de vocês grasnou para mim?

James sacou de um marcador preto e desenhou um pequeno J na base do seu pato.

— Dêem uma olhadela nos vossos patos, agora. Qualquer coisa que façamos a um único pato será mostrada nos outros. Quando ouvirem o grasnado, verifiquem a base do pato e vejam qual inicial aparece.

— Bem pensado! — disse Zane de forma aprovadora. Ele ergueu o seu pato e o beliscou como se o estivesse a cumprimentar.

— Come caca de doxie! — os patos grasnaram alegremente.

— Tudo certo. — disse James, pondo o seu próprio pato na sua mochila. — Apenas funcionará se o usarmos apenas numa emergência. Entenderam?

— Porque é que eles simplesmente não guincham? — perguntou Ralph quando guardou o seu pato no bolso.

— Pergunta a um Weasley. — respondeu James sem interesse algum.

No início, ter Zane ou mais alguém por perto o tempo todo era irritante tanto para James quanto para Ralph, mas no fim das contas, James acostumou-se a isso e inclusive começou a gostar. Zane sentava-se numa cadeira no canto do quarto-de-banho enquanto James tomava duche, perguntando-lhe sobre pronúncias de feitiços defensivos ou terminologias e restrições da Transfiguração. James descobriu que muitos dos seus colegas de Herbologia, incluindo Morgan Patonia, tinham aula de Feitiços antes de Herbologia. Sabendo disso, James era capaz de correr da sua aula de Transfiguração para a sala de Feitiços e então acompanhar Patonia e os seus amigos para as estufas, dessa forma evitando a caminhada solitária pelos terrenos. Ficar constantemente perto das pessoas tornou-se um hábito fácil para James e, conseqüentemente, quase se esqueceu que fazia isso. Dentro desse costume, as semanas passaram. A crueldade do inverno começou a derreter dentro do frágil calor da primavera. Ainda assim, nem James, Ralph ou Zane apareceram com um plano para conseguir a vassoura de Tabitha Corsica. Finalmente, determinaram, apesar de relutantemente, que uma pesquisa de grupo era obrigatória.

— Não estou a gostar disto. — disse Ralph enquanto se dirigia à porta da sala comum dos Slytherin com os outros dois. — Não tenho visto mais do que Slytherins aqui durante meses.

— Não te preocupes com isso, Ralph. — disse Zane, mas a sua voz estava menos confiante que o usual. — Temos o mapa mágico de James aqui. Podemos verificá-lo novamente, mas de acordo com ele, a maioria dos teus companheiros Slytherin estão lá fora a assistir ao treino dos Slytherin para o torneio. Certo, James?

James tinha o Mapa do Salteador desdobrado nas suas mãos. Estudava-o enquanto caminhava.

— Pelo que vejo, há duas pessoas nos dormitórios dos Slytherin, e nenhuma delas são pessoas com as quais precisamos de nos preocupar.

— Tens a certeza de que estás a ler isso direito coisa, não é? — perguntou Ralph, encaixando o seu anel no olho da escultura de cobra na superfície da porta de madeira. — Da última vez disseste que não conseguias sequer fazê-lo funcionar.

— Bem, está a funcionar, não? — respondeu James com impaciência. Na verdade, *estava* preocupado com a exactidão do mapa. Lembrara-se da frase para abrir o mapa e mostrar os terrenos, mas como desconfiara o seu pai, o castelo mudara bastante desde que o mapa fora criado por Moony, Prongs, Padfoot e Wormtail. Partes irregulares do mapa estavam completamente apagadas, e cada secção apagada estava marcada com

uma nota onde se lia *Requer ser redesenhado. Por favor, contacte os Srs. Prongs e Padfoot para assistência*. James podia apenas adivinhar que o seu avô e Sirius Black tinham sido os artistas chefes que esboçaram o mapa, mas já que ambos estavam mortos há muito tempo, aparentemente não haveria redesenho do mapa para preencher as áreas reconstruídas. Os nomes diminutos que marcavam a localização de todos no campus podiam apenas ser vistos a mover-se aqui e ali, mas assim que eles entravam nas áreas em branco, o marcador e o nome desvaneciam-se. Felizmente, os aposentos dos Slytherin ficavam por baixo do lago e, portanto, tinham sido muito pouco danificados na Batalha de Hogwarts (Ralph descobrira que apenas a entrada principal fora destruída durante o cerco). James conseguia ver todos os aposentos e corredores Slytherin no Mapa do Salteador.

A escultura da cobra fez as suas perguntas. Ralph anunciou-se a si mesmo e explicou quem eram James e Zane, e que eram amigos. A cobra de olhos verdes brilhantes examinou Zane e James durante um longo momento, e então destrancou o complicado sistema de ferrolhos e trancas que dava segurança à porta.

Os três rapazes não podiam evitar esconder-se quando andavam pela aparentemente deserta sala comum dos Slytherin. A repulsiva luz esverdeada do sol, filtrada pela água do lago acima dos tectos de vidro, preenchia o aposento com sombras turvas. O fogo estava com um brilho vermelho apagado na gigantesca lareira, que fora esculpida em mármore para se parecer com a boca aberta de uma serpente.

— Nada como ler um bom livro de frente para a maldição escancarada. — murmurou Zane, passando pela lareira. — Então, onde é que eles guardam as vassouras, Ralph?

Ralph sacudiu a cabeça.

— Eu já te disse, eu não sei. Só sei que não há um armário comum ou qualquer coisa como os Gryffindor ou Ravenclaw. A maioria destes tipos não confia uns nos outros. Todos têm um armário particular com uma chave mágica especial. Além disso, as vassouras não estão aqui agora, não é? Levaram-nas para o campo de Quidditch.

— Não estamos aqui para as tirar agora. — respondeu Zane, espreitando a sala comum. — Estamos aqui apenas para saber onde eles possam escondê-las.

Mesmo no meio de um dia primaveril, os aposentos dos Slytherin eram um caixão de obscuridade verde deslocada.

— *Lumus!* — disse James, iluminando a sua varinha e segurando-a no alto. — Esse corredor leva ao dormitório dos rapazes, certo Ralph?

— Sim. O dormitório das raparigas é do outro lado, acima daquelas escadas.

Zane moveu-se cautelosamente pela mobília da sala comum, dirigindo-se para as escadas.

— Assalto de peças íntimas no dormitório das raparigas. Estou nessa.

— Espera, — disse James com severidade. — poderá estar enfeitado, sabes. Nenhum rapaz está permitido a entrar nos dormitórios das raparigas. Sobe lá, e tenho a certeza que vai soar algum tipo de alarme.

Zane deteve-se, olhando para James, e então virou as costas para a escadaria.

— Fogo. Pensaram em tudo, não?

— Aliás, — disse do outro lado do aposento. — nós dizemos “roupa interior” por aqui.

— Tu dizes assim, eu digo assado... — murmurou Zane.

— Podemos voltar para o porquê de estamos aqui, acima de tudo? — disse James tão alto quanto ousava. — Devemos procurar um meio de chegar à vassoura de Tabitha. Mesmo que tudo o que podemos fazer seja descobrir onde ela a guarda.

— Acredites ou não, — disse Zane com exactidão. — era nisso que eu estava a pensar. Pelo que sabemos, ela dorme com aquilo. Mesmo que ela não dormisse, podes apostar que ela a manteria perto o suficiente para a proteger. Isso significa entrar no dormitório das raparigas, não?

James sacudiu a cabeça.

— Impossível. Estou a começar a perceber o quanto foi satisfatório para o meu pai ter a tia Hermione como parte do grupo. Ele podia mandá-la para examinar as coisas. De qualquer forma, estamos emperrados.

Assim que James acabou de falar, um barulho veio da escadaria. Os três rapazes congelaram com culpa, olhando em direcção às escadas. Houve um arrastar de pés pequenos, e então um elfo doméstico muito pequeno desceu balançando uma cesta de roupas amarrotadas na cabeça. O elfo parou, vendo os três rapazes encarando-o.

— Mil perdões, mestres. — disse o elfo, e James podia distinguir-se pelo timbre de voz que se tratava de uma fêmea. — Apenas colectando a roupa lavada, se não se importam. — os seus olhos cheios de bolbos pareciam desconcertados por ter atraído tanta atenção. James percebeu que ela, provavelmente, estava acostumada a ser ignorada, isso se ao menos fosse vista.

— Sem problemas, senhorita... — disse Zane, fazendo uma reverência e dando afastando um passo das escadas.

A elfo não se moveu. Os seus olhos seguiram o movimento de Zane com crescente consternação.

— Perdão, mestre?

— O seu nome, senhorita. — respondeu Zane.

— Ah, bem, Figgle, mestre. Eu me desculpo, mestre. Figgle não está acostumada a ver os mestres e mestras falando com ela, mestre. — a elfo pareceu estar quase vibrando de nervosismo.

— Tenho certeza de que isso é verdade, Figgle. — disse Zane com compreensão. — Vê, eu sou membro duma organização da qual já deves ter ouvido falar. Nós chamamos de... hm... — Zane lançou um olhar arregalado para James. James lembrou-se

de ter contado a Zane e Ralph sobre a organização da sua tia Hermione para a igualdade dos direitos dos elfos.

James gaguejou.

— Ah, sim. B.A.B.E.. A Brigada de Apoio ao Bem-estar dos Elfos?

— Sim, isso que ele disse. — disse Zane girando de volta para Figgle, que hesitou.

— B.A.B.E. Sem dúvida, já ouviste falar de nós. Ajudamos aqueles que são elfos.

— Figgle nunca ouviu falar, mestre. Nem um pouquinho. Figgle tem muito trabalho a fazer, mestre.

— Esse é exactamente o meu ponto, minha querida Figgle. Nós do B.A.B.E. estamos a trabalhar para diminuir essa quantidade de trabalho. De facto, como uma acção de boa fé, eu gostaria de ajudá-la agora. Por favor, permites-me que eu te ajude a carregar isto?

Figgle mostrou-se absolutamente horrorizada.

— Oh, *não*, mestre. Figgle não poderia! O mestre não deveria zombar de Figgle, senhor!

James podia ver onde Zane estava a querer chegar com esta charada, mas estava em dúvida se isso levaria a algum lado. Elfos domésticos, especialmente aqueles que trabalhavam entre os Slytherin, eram frequentemente maltratados e enganados pelos seus mestres. Figgle parecia estar prestes a explodir em lágrimas de tanto medo.

Zane ajoelhou-se, ficando ao nível dos olhos da elfo doméstico que tremia sobre o segundo degrau da escada.

— Figgle, eu não vou magoar-te, nem colocar-te em problemas. Prometo. Nem sequer sou um Slytherin. Sou um Ravenclaw. Conheces os Ravenclaw?

— Figgle conhece, mestre. Figgle colecta as roupas dos Ravenclaw nas terças e sextas-feiras. Os Ravenclaw usam menos perfume que os Slytherin, mestre. — a elfo tagarelava, mas parecia um pouco mais calmo.

— Eu gostaria de ajudar-te, Figgle. Certamente ainda há mais para carregar. Posso carregar este por ti?

Figgle pressionou os lábios com força, obviamente dividida entre o medo de uma brincadeira maldosa e a responsabilidade de fazer o que lhe era pedido. Os seus olhos do tamanho de bolas de ténis estudaram Zane, e logo, finalmente, ela assentiu uma vez, rapidamente.

— Excelente, Figgle. És uma boa elfo. — disse Zane de modo tranquilizante. — Não há mais roupas lá em cima, há? Vi que estás a empilhar próximo à porta. Eu trago-as para ti. — deu um passo em direcção às escadas.

— Oh, não, mestre! Espere! — disse Figgle, erguendo a sua mão. A cesta sobre a sua cabeça oscilou um pouco e ela firmou-a facilmente. — O mestre atravessará o encantamento limitador. Figgle não deve deixar que os outros vejam que ela está a ser ajudada. Figgle saltou levemente os dois últimos degraus e virou-se em direcção às escadas. Ela ergueu a sua mão e estalou os dedos. Alguma coisa se modificou na

entrada. James poderia jurar que alguma coisa como uma luz tinha sido desligada, embora a iluminação actual no aposento continuasse a mesma. — Agora o mestre pode subir. Mas, por favor, mestre... — novamente, Figgle parecia torturada pelo medo e a obediência. — Por favor, o mestre não deve tocar em nada excepto a cesta. E então, Figgle irá levar toda a roupa para os porões. Por favor? — ela parecia estar a suplicar para acabar com aquilo e ir embora o mais breve possível.

— Claro. — respondeu Zane, a sorrir. Com a mais leve pausa, ele pôs o seu pé sobre o primeiro degrau. Nada aconteceu. — Já volto, pessoal. — disse Zane por cima do ombro, e trotou degraus acima.

James deixou escapar um suspiro e ouviu Ralph a fazer o mesmo. Figgle observou Zane subir a escadaria, e logo olhou com preocupação para James e Ralph, que encolheu os ombros e sorriu para ela. Era, pensou James, um sorriso bastante apavorado. Figgle não pareceu notar. Ela caminhou entre a mobília, balançando a cesta com facilidade, e então inclinou-a sobre uma larga pilha perto da porta.

— James, — disse Ralph rapidamente. — o mapa.

James assentiu e abriu o Mapa do Salteador novamente. Primeiro olhou em direcção à área superior do mapa, onde um grupo de desenhos ilustrava o campo de Quidditch e as bancadas. Dúzias de nomes se amontoavam ali, a maioria pelas bancadas, mas alguns lançavam-se pelo campo. A sessão de treinos dos Slytherin ainda continuava, embora parecesse haver menos pessoas sobre as vassouras naquele momento. Provavelmente estavam reunidos em algum lugar por perto, conversando sobre táticas ou algo do género. Deu uma olhadela nos nomes que se estendiam entre o campo e as bancadas. Ali estavam Squallus, Norbert, Beetlebrick e alguns outros que James não conhecia.

Figgle ergueu as suas mãos no mesmo gesto que James vira os elfos domésticos usarem no Salão Principal para reunir as toalhas de mesa. A pilha de roupa agrupou-se numa enorme bola e um enorme lençol embrulhou-se em volta, as quatro pontas atando-se no alto. Figgle atirou um punhado de pó cor-de-rosa sobre a enorme bola de roupa e estalou os dedos novamente. A bola de roupa desapareceu, aparentemente para reaparecer nos porões. Ela olhou com nervosismo para as escadas.

— E então? — perguntou Ralph a James numa voz pressionada e preocupada.

— Não consigo ver a Tabitha. — respondeu James, tentando manter a voz calma.

— Nem a Philia Goyle. Pelo que vejo, já não estão no campo.

— O quê? E então, onde estão elas?

— Não sei. Elas parecem estar fora do mapa agora.

Figgle estava a olhar para eles, os olhos arregalados e em alerta. Parecia sentir que alguma coisa estava ainda mais errada do que estava um minuto atrás. James analisou o Mapa do Salteador de maneira penetrante, observando os imensos espaços em branco para ver se Goyle e Corsica apareceriam fora deles. Ele mantinha um olhar atento no ponto em branco à porta dos aposentos de Slytherin.

— Ah, não. — disse ele, os olhos arregalando-se. — Elas estão a chegar! O que será que estão a fazer aqui agora?

— Livra-te do mapa! — disse Ralph, o rosto tornando-se pálido. — Vamos! Zane! — chamou ele para as escadas. Não houve resposta.

A expressão de Figgle passou de alarme para puro pânico.

— A mestre Corsica está a chegar! Figgle fez uma coisa terrível! Figgle será punida! — ela escapuliu para as escadas, estalando os dedos ao passar. Houve uma repentina sensação de mudança, como se uma luz invisível tivesse novamente se acendido, e James soube que o encantamento limitador sobre as escadas estava a funcionar novamente. Ouviu-se o barulho de passos e vozes abafadas provenientes das escadas assim como da porta frontal da sala comum. James embrulhou o Mapa do Salteador com rudez e o colocou dentro da mochila aberta. Ralph atirou-se sobre o sofá mais próximo, tentando fingir uma cena de vagarosa indolência. As portas abriram-se exactamente quando James recolocou a mochila nos ombros e se virou.

Tabitha Corsica e Philia Goyle passaram pela entrada. Os seus olhos decaíram sobre James e ambas ficaram em silêncio. Tabitha estava a usar um manto desportivo e capa preta, a vassoura sobre o ombro. O seu cabelo estava amarrado num rabo de cavalo elegante, e mesmo que estivesse, há alguns minutos atrás, a mergulhar pelo campo de Quidditch na sua vassoura incomum, parecia tão serena e perfeita quanto uma tulipa. Ela pronunciou-se primeiro.

— James Potter. — disse ela suavemente, quase instantaneamente recuperado-se da surpresa de o ver ali. — Que satisfação em ver-te.

— O que estás a fazer aqui? — exigiu Philia, a expressão tornando-se raivosa.

— Philia, não sejas rude. — disse Tabitha, movendo-se pelo aposento e passando com rapidez por James. — O Mr. Potter é tão bem vindo entre nós como estou certa de que somos entre os Gryffindor. Se não tivermos boa vontade durante estes tempos difíceis, o que nos resta? Boa tarde, Mr. Deedle.

Ralph resmungou alguma coisa do sofá, parecendo bastante desajeitado e desconfortável. Philia continuava a fitar severamente, a expressão claramente hostil, mas ela permanecia em silêncio.

— É uma pena para a equipa de Quidditch dos Gryffindor. — brandou Tabitha de um canto do aposento enquanto pendurava o seu manto. — Sempre adoramos uma partida entre Gryffindor e Slytherin no campeonato, não é Ralph? Estou segura de que os teus amigos ficam magoados por não estarem lá fora a jogar connosco enquanto falamos, James. Por favor, transmite-lhes as nossas simpatias. A propósito... — Tabitha cruzou o aposento novamente, direccionando-se à escadaria que levava para o dormitório feminino. — vi muitos jogadores dos Ravenclaw lá no campo analisando o nosso treino. Interessante que o teu amigo, Zane, não estivesse entre eles. Não o viste, pois não? — ela deu uma palmada na sua vassoura preguiçosamente apoiada no chão, observando o rosto de James.

James balançou a cabeça, não ousando falar.

— Hum. — murmurou Tabitha com ponderação. — Curioso. Não importa. Vem, Philia.

James assistiu, horrorizado, enquanto Tabitha e Philia começaram a subir os degraus. Pensou com furor, tentando inventar uma rápida distração, mas nada lhe ocorreu.

— Sai daqui! — um par de vozes abafadas grunhiu de repente.

Tabitha e Philia detiveram os passos. Philia, sobre o primeiro degrau, olhava furiosamente em redor. Tabitha, à frente dela, virou-se mais lentamente, um olhar de educada surpresa estampado no rosto.

— Disseste algo? — perguntou vagarosamente a James.

James tossiu,

— Ehm, não. Desculpa. Entrou, hã, um pigarro na minha garganta.

Tabitha observou-o por um longo momento, então lançou a sua cabeça ligeiramente para o lado e estreitou os olhos para Ralph. Finalmente, ela afastou-se e desapareceu subindo os degraus restantes com Philia no encalço, olhando furiosamente para trás. Após alguns instantes, os seus passos podiam ser ouvidos acima. Não houve gritos de fúria ou sinais de luta.

— Sua vaca miserável! — grasnaram as vozes abafadas novamente.

— Aquele lunático! — disse Ralph, saltando e agarrando sua mochila. — O que é que ele está a fazer?

— Vamos! — disse James, disparando em direcção à porta. — Se ele ainda estiver lá em cima, não podemos ajudá-lo.

Ambos correram pelo corredor e abriram caminho através de vários corredores aleatórios antes de finalmente pararem. Ofegantes e com o coração golpeando, retiraram os seus patos de borracha das suas mochilas, cada um examinando o seu embora fossem idênticos. Uma palavra estava rabiscada na base dos patos em tinta preta: *Lavandaria*.

— Aquele lunático! — disse Ralph novamente, mas estava quase a rir de alívio. — a Figgle simplesmente levou-o para os porões com as roupas sujas! Eu voto em deixá-lo lá.

James sorriu.

— Não, vamos buscá-lo antes que tentem colocá-lo na máquina de lavar. Ele merece isso, mas primeiro, quero saber o que ele descobriu.

Os dois correram para encontrar as lavandarias nos porões. James deteve-se apenas uma vez para perguntar direcções a um criado irritantemente observador numa pintura de um grupo de cavaleiros a jantar.



— Eu mal tive dois minutos para olhar à volta antes que a Figgle subisse as escadas como uma bola de canhão. — contou Zane a James e Ralph quando o encontraram nas lavandarias. — Ela lançou uma mão cheia de pó cor-de-rosa na minha direcção, e então *puff!* Eu estava aqui em baixo.

Ralph estava a olhar apavorado à volta para os enormes tonéis de cobre e a maquinaria que retinia das máquinas de lavar. Elfos agitavam-se por perto, ignorando os três rapazs completamente enquanto se moviam pelo amontoamento que se formava no espaço de trabalho do porão. Dois elfos sobre uma passarele acima dos tonéis atiravam carrinhos de sabão em pó na água espumosa. Flocos brancos preenchiam o ar e prendiam-se como neve no cabelo dos rapazs.

— Acreditem, isto tudo perde muito interesse depois de dois minutos ou mais. — disse Zane, tenso. — Especialmente quando a corporação chupa-chupa aqui não te deixa sair. — três elfos agrupavam-se em torno de Zane, olhando-o com óbvia hostilidade.

— Figgle trás um humano para as lavandarias, nós o mantemos até alguém explicar a razão. — disse o elfo mais velho e irritado numa voz empedrada. — Essa é a política. A interferência de humanos no trabalho dos elfos é contra é contra o Código de Conduta e Práticas de Hogwarts, secção treze, parágrafo seis. Então, quem são vocês dois?

James e Ralph trocaram olhares vazios. Ralph pronunciou-se.

— Nós somos... bem, somos amigos dele, não? Viemos buscá-lo de volta.

— Mesmo? — disse o elfo com um olhar penetrante. — Figgle conta uma história sobre esse humano tentar fazer o trabalho dela, ela conta. Ela diz que ele falava do bem-estar dos elfos e tais tretas. Ela estava muito angustiada. Não podem fazer esse tipo de coisa, vocês sabem. Temos um contrato de coligação com a escola.

— Ele não voltará a fazer. — consolou James. — Ele tinha boas intenções, mas ele é um pouco confuso com estas coisas, sabes? Sinto muito. Ele saiu do nosso controlo por um minuto. Não acontecerá outra vez.

Zane fingia-se ofendido, mas permaneceu sabiamente calado. O elfo fez cara feia ponderando e olhando para James, que estava acostumado a ver elfos servis e dóceis ou pelo menos educadamente grosseiros. Ali, na área do trabalho, as regras pareciam ser bastante diferentes. Os elfos tinham um acordo de coligação com a escola, o elfo chefe dissera. Isso era quase como se se tivessem sindicalizado, e que uma regra essencial do sindicato dos elfos era que apenas os elfos trabalhavam. Talvez eles viam isso como segurança de trabalho. James não tinha certeza se a tia Hermione veria isto como uma melhoria ou um empecilho.

Finalmente, o elfo chefe resmungou:

— Estou a ir contra os meus melhores julgamentos, sabem. Vocês estão em período de teste. Qualquer outra interferência no protocolo élfico e levar-vos-ei para a direcção. Fizemos um acordo de coligação, sabem.

— Sim, eu ouvi. — murmurou Zane, revirando os olhos.

— Mas vocês nem sequer sabem os nossos nomes. — assinalou Ralph. Como é que estamos nm período de teste se vocês não sabem quem nós somos?

James deu-lhe uma cotovelada nas costelas.

O elfo chefe sorriu para os seus companheiros, que sorriram de volta um pouco perturbadamente.

— Nós somos elfos. — disse ele simplesmente. — Agora saiam. E esperem que não vos vejamos novamente.

Os corredores que levavam para fora das lavandarias eram, sem surpresa, pequenos e curtos, com degraus pela metade que forçavam James, Zane e Ralph a andarem cuidadosamente enquanto subiam.

— Não sei se te devo congratular ou dar-te um chuto. — disse Ralph a Zane. — Quase que a Corsica e a Goyle nos apanharam por tua causa.

— Mas eu entrei no dormitório feminino! — assinalou Zane com um sorriso. — Quantas pessoas podem dizer isso?

— Ou quereriam dizer? — adicionou James.

— Sê porreiro ou não te conto o que encontrei.

— É melhor ser algo de bom.

— Não é. — suspirou Zane. — O dormitório feminino possui grandes armários de madeira ao lado de cada cama. Apenas um deles estava aberto, mas dei uma espreitadela lá dentro. Vamos simplesmente dizer que já não desejo saber onde é que a Tabitha guarda a sua vassoura.

Eles alcançaram uma enorme porta ao fim de um lance de minúsculos degraus. James abriu a porta, agradecido por estar fora do calor e do barulho das lavandarias.

— O que queres dizer?

— Bom, elas têm guarda-fatos mágicos, obviamente, embora eles não levem a nenhum país das maravilhas. O guarda-fatos que vi era como se fosse um maquilhador e armário. Para falar a verdade, era como se uma loja tivesse explodido ali. Alguns eram realmente pretensiosos, mas com um estilo vampiro-gótico. Havia um frasco com creme de desaparecimento no maquilhador, e pelo aspecto, não me parece que a parte do desaparecimento fosse uma metáfora.

— Todas as raparigas tinham um armário como esse? — perguntou Ralph.

— Sim, era o que parecia.

James franziu o cenho.

— As nossas chances de entrar no dormitório feminino dos Slytherin outra vez são zero. E mesmo se pudéssemos, como saberíamos qual é o guarda-fatos da Corsica, e se ao menos conseguiríamos abri-lo?

— Eu *disse* que seria impossível. — lembrou Ralph a James.

— Cheirava como o armário da minha avó, também. — disse Zane.

— Poderias deixar os detalhes de lado? — exclamou James. — É sério. Ainda não sabemos onde é a Entrada da Encruzilhada dos Anciões ou quando o Jackson e a Delacroix estão a planejar reunir os elementos. Pelo que sabemos, poderia ser hoje à noite.

— E daí? — disse Ralph. — Como disseste, eles não podem fazer nada sem todas as relíquias.

Zane suspirou, tornando-se sóbrio.

— Sim, mas se eles tentarem e nada funcionar, então esconderão o resto das relíquias e nunca mais as veremos.

Ralph lançou as mãos ao alto.

— E então? Deve haver outra maneira. Quer dizer, ela tem que tirar a vassoura do guarda-fatos às vezes, certo? Nós vimo-la com a vassoura hoje. E se, de alguma forma, a tirarmos durante uma partida de Quidditch ou algo assim?

Zane sorriu.

— Gosto disso. Especialmente se pudermos fazer isso quando ela estiver a vários metros de altura no ar.

— Novamente impossível. — disse James com frustração. — Desde os tempos do meu pai, há feitiços de proteção por todo o campo para evitar que outros interfiram na partida. Houve alguns casos em que feiticeiros das trevas tentaram usar feitiços para o aleijar ou atirá-lo fora da vassoura. Uma vez, um grupo de Dementors cercou o campo. Desde então, há áreas delimitadas vigiadas por árbitros. Nenhum feitiço pode entrar ou sair.

— O que é um Dementor? — perguntou Ralph, os olhos arregalando-se.

— Não queres saber, Ralph. Acredita em mim.

— Bom, parece que estamos de volta à estaca zero. — disse Zane de modo sombrio. — Estou completamente sem ideias.

Ralph parou repentinamente no meio do corredor. Zane bateu com força no rapaz enorme, tombando para trás, mas Ralph não pareceu notar. Ele estava a fitar com insistência uma das pinturas que se estendiam pelo corredor. James notou que era a mesma a que tinham pedido instruções de como chegar à lavanderia. O criado extremamente observador no canto de trás da pintura captara a atenção de James antes, mas somente como alguém a quem podiam pedir informações. James tinha quase se acostumado às pinturas aleatórias de personagens vigilantes espalhadas por Hogwarts. O criado fitou Ralph com tristeza enquanto os cavaleiros na pintura içavam as suas

canecas de cerveja e pernas de peru, esbofeteando felizmente um ao outro nas costas parcialmente protegidas por armaduras.

— Ah, ótimo! — disse Zane, esfregando o ombro que batera em Ralph. — É como tu fazes, James. Agora o *Ralph* está obcecado a cada décima quinta pintura. E nem sequer é das boas. Vocês os dois são os amantes de arte mais estranhos que já conheci.

James aproximou-se um passo em direcção à pintura também, analisando o criado posicionado no fundo sombrio da pintura com um enorme tecido sobre o ombro. A figura deu meio passo para trás, e James teve certeza de que estava a tentar fundir-se com as sombras do vestíbulo pintado.

— O que foi, Ralph? — ele perguntou.

— Eu já o vi antes. — respondeu Ralph numa voz distraída.

— Bem, ainda há dez minutos paramos em frente a esta pintura, certo?

— Sim. Parece-me familiar, mas não me consigo lembrar. Está diferente agora...

Repentinamente, Ralph ajoelhou-se com uma perna, atirando a sua mochila no chão à sua frente. Abriu o fecho da mochila e procurou lá dentro, quase freneticamente, como se preocupado que qualquer inspiração que o golpeava pudesse escapar antes que a confirmasse. Finalmente, tirou um livro, agarrou-o de forma triunfante, e levantou-se novamente, folheando o livro em direcção ao final. Zane e James abarrotaram-se atrás dele, tentando ver sobre os largos ombros de Ralph. James reconheceu o livro. Era o livro antigo de poções que os seus pais deram a Ralph no Natal. Enquanto Ralph folheava as páginas, James podia ver as notas e fórmulas que enchiam as margens, cheias de desenhos rabiscados e diagramas. De repente, Ralph parou de folhear. Segurou o livro aberto com ambas as mãos e ergueu-o lentamente de modo a que ficasse ao nível do criado observador no fundo da pintura. James arfou.

— É o mesmo tipo! — disse Zane, apontando.

Sem dúvida, ali, na margem direita de uma das últimas páginas do livro de poções, estava um velho esboço do criado. Era, sem sombra de dúvidas, a mesma figura, com o mesmo nariz de gancho e a mesma postura chateada e tétrica e encurvada. A versão da pintura afastou-se ligeiramente ao ver o livro, e então cruzou o vestíbulo tão rapidamente quanto poderia sem realmente correr. Parou atrás de um dos pilares que se estendiam do lado oposto do aposento pintado. Os cavaleiros na mesa ignoraram-no. James, observando com atenção, semicerrou os olhos.

— Eu sabia que me era familiar. — disse Ralph com triunfo. — Ele estava numa posição diferente quando o encontramos pela primeira vez, por isso não o reconheci imediatamente. Agora, ele está exactamente na mesma posição que o desenho no livro. Agora, *isto* é estranho.

— Posso ver? — pediu James. Ralph encolheu s ombros e passou o livro a James que se inclinou sobre o mesmo e folheou-o de trás pra frente. A maioria das margens nas primeiras cem páginas estava cheia de notas e feitiços, rabiscados e reescritos numa cor diferente, como se o escritor das anotações estivesse a refinar o seu trabalho. De

qualquer forma, a meio do livro, desenhos e rabiscos começaram a amontoar-se com as notas. Estavam incompletos, mas eram bastante bons. James reconheceu muitos deles. Ali estava um esboço cru da mulher no fundo da pintura da corte do rei. Algumas páginas depois, ele encontrou dois esboços bastante detalhados do feiticeiro gorducho calvo da pintura do envenenamento de Péracles. Repetidamente, reconheceu os esboços como os personagens das pinturas de Hogwarts, as figuras secundárias que observavam James e os seus amigos com ávido e descoberto interesse.

— Incrível. — disse James, em uma voz baixa e temerosa. — Percebem que todos estes esboços são de pinturas de toda escola?

Ralph deu uma olhadela nos desenhos do livro, e voltou a olhar para a pintura novamente. Ele encolheu os ombros.

— É estranho, mas não tão incrível, não é? Quer dizer, o dono deste livro era provavelmente um estudante daqui, certo? Parece que ele era Slytherin, como eu. Essa é a razão para o teu pai me ter dado o livro. Então, quem quer que ele seja, gostava de arte. Muitos dos amantes de arte desenhavam as pinturas. Grande coisa.

Zane levantou o sobrolho enquanto olhava o esboço do criado e a sua pintura equivalente, que se estava a esconder próximo dos pilares no fundo.

— Não, não são apenas os esboços. — disse ele, sacudindo a cabeça lentamente. — Estes são os originais ou parecem-se tanto que é impossível notar as diferenças. Não me perguntes como sei. Apenas sei. Quem quer que tenha esboçado estes desenhos era também um mestre da falsificação... ou era o seu artista real.

Ralph pensou a respeito disso durante um momento, e então sacudiu a cabeça.

— Não faz sentido. Estas pinturas foram feitas em épocas bastante diferentes. De maneira nenhuma um tipo é responsável por todas elas. Além disso, grande parte destas pinturas é antiga. Mais antiga que este livro.

— Isso faz *muito* sentido. — disse James, fechando o livro e olhando para o manto. — Quem quer que seja que tenha a pintado não as pintou todas. Pensa nisso: nenhum desses personagens desenhados é um personagem dominante nas pinturas. Cada um é um desenho totalmente sem importância de alguma paisagem. Quem quer que seja que os desenhou simplesmente *adicionou* os personagens às pinturas existentes.

Zane apertou um canto da boca e ergueu a sobrancelha.

— Porque é que alguém faria isso? É como o graffiti, mas mais ninguém notaria excepto o tipo que pintou. Qual é a piada disso?

James também pensava arduamente. Assentiu ligeiramente para si, olhando novamente para o livro nas suas mãos.

— Acho que tive uma ideia. — disse ele, estreitando os olhos pensativamente. — Nós descobriremos com certeza. Hoje à noite.



— Vamos, Ralph! — reclamava James em um sussurro grosseiro. — Para de puxar! Estás a levantar. Dá para ver os pés!

— Não posso evitar. — lamentou Ralph, agachando-se até onde podia. — Eu sei que disseste que o teu pai e amigos costumavam fazer isto o tempo todo, mas um *deles* era uma rapariga, lembras-te?

— Sim, e ela também não fazia sete refeições por dia. — disse Zane.

Os três arrastaram os pés pelo corredor escurecido, comprimidos sob o Manto da Invisibilidade. Eles encontraram-se na base da escadaria, e exceptuando um momento em que Steven Metzker, o perfeito dos Gryffindor e irmão de Noah, passara por eles cantando ligeiramente desafinado, não se tinham deparado com ninguém. Quando alcançaram o cruzamento próximo da estátua da bruxa de um olho só, James disse-lhes para pararem. Os três manobram desajeitadamente para um canto e James abriu o Mapa do Salteador.

— Não consigo ver, de jeito nenhum, porque é que nós os três temos que fazer isto. — reclamou Ralph. — Eu acredito em vocês os dois. Poderiam simplesmente contar-me amanhã durante o pequeno almoço.

— Parecias bastante animado quando planeamos isto, Ralphinator. — sussurrou Zane. — Não podes perder a coragem agora.

— Era de dia. E eu não nasci com coragem nenhuma, para tua informação.

— Xiu! — assobiou James.

Zane inclinou-se sobre o mapa.

— Vem aí alguém?

James sacudiu a cabeça.

— Não, parece-me seguro. O Filch está no seu gabinete no andar de baixo. Nem sequer sei se ele dorme, mas ao menos agora, o caminho está livre.

Ralph endireitou-se, erguendo o Manto de Invisibilidade a um pé do chão.

— Então, porque estamos debaixo desta coisa?

— É tradição. — disse James sem tirar os olhos do mapa.

— Além disso, — adicionou Zane. — qual é a piada de ter um Manto da Invisibilidade se não o usarmos para andarmos invisíveis pelos corredores de vez em quando?

— Não há ninguém para nos ver, de qualquer forma. — assinalou Ralph.

James conduziu-os em direcção ao ângulo direito do cruzamento, arrastando os pés. Logo, chegaram à gárgula que guardava a escada que levava para o escritório da directora. James não podia dizer se a gárgula estava a observar os seus pés debaixo do

manto erguido mesmo que estivesse perfeitamente imóvel. James esperava que a senha não tivesse mudado desde que acompanhara Neville à direcção alguns meses atrás.

Ele pigarreou e disse em voz baixa:

— Eh, Gallowater?

A gárgula, que era relativamente nova, tendo substituído a que fora danificada na Batalha de Hogwarts, mexe-se ligeiramente, emitindo um som como o de uma porta de mausoléu a ranger.

— É aquele com o verde bosque, céu azul e padrões vermelhos? — perguntou a gárgula numa voz cuidadosa e calculada. — Não me consigo lembrar.

James sussurrou sobre isso para Ralph e Zane.

— Bosque verde? Nem sequer sei o que é isso! É apenas a palavra que Neville usou para entrar!

— Qual seria a resposta, então? — perguntou Zane.

— A gárgula não lhe perguntou nada!

— Acho que é um padrão de tartan. — arriscou Ralph. — A minha avó é louca por eles. Apenas diz sim.

— Tens a certeza?

— *Claro* que não tenho a certeza. Diz não, então! Como é que vou saber?

James virou-se para a gárgula, que parecia estar a fitar os sapatos de James.

— Eh, sim, claro.

A gárgula revirou os olhos.

— Boa sorte, visitantes. — a gárgula endireitou-se e saltou para o lado, revelando a entrada para a escada espiral. Os três rapazs arrastaram os pés até ela e subiram os degraus inferiores. Assim que estavam posicionados, a escada começou a elevar-se lentamente, levando-os para cima. O átrio do lado de fora do escritório da directora apareceu diante deles, e tropeçaram para o local, amaldiçoando e empurrando-se uns aos outros por baixo do manto.

— É pronto! — disse Ralph em uma voz irritada. Puxou com força o manto, saindo debaixo da mesma, e então deixou escapar um grito agudo. James e Zane retiraram o manto das suas cabeças e olharam em volta com nervosismo, procurando o que fosse que tivesse assustado Ralph. O fantasma de Cedric Diggory estava em frente deles, sorrindo travessamente.

— Realmente tens que parar de fazer isso. — disse Ralph, ofegante.

Desculpa, disse Cedric na sua voz distante. *Pediram-me que estivesse aqui.*

— Quem te pediu? — indagou James, tentando afastar o aborrecimento da voz. Os fios de cabelo na sua nuca ainda estavam eriçados. — Como é que alguém saberia que estávamos a vir para cá esta noite?

Cedric apenas sorriu e então gesticulou em direcção à pesada porta que levava para dentro do escritório da directora. Estava bem fechada.

Como pensam entrar?

James sentiu no rosto o calor da vergonha.

— Esqueci-me disso. — ele admitiu. — Está trancada, não é?

Cedric assentiu.

Não te preocupes. Essa é razão pela qual estou aqui, acho.

O fantasma virou-se e atravessou a porta sem esforço. Um momento depois, os três rapazes ouviram o som da fechadura a ser destrancada. A porta abriu-se silenciosamente e Cedric sorriu, saudando-os. James entrou primeiro, e Zane e Ralph ficaram surpresos em vê-lo entrar tão imediatamente. O aposento estava extremamente escuro, excepto pela luz avermelhada da lareira. James acendeu a sua varinha e segurou-a no alto.

— Afasta essa coisa do meu rosto, Potter! — disse uma voz baixa. — Vais acordar os outros com isso, e suspeito que isto pretende ser uma conversa privada.

James baixou a sua varinha novamente e olhou para os outros retratos. Todos dormiam em posições diversas, roncando suavemente.

— Sim, está certo. — concordou James. — Desculpe.

— Então, percebo que deduzisteu uma versão da verdade. — disse o retrato de Severus Snape, os olhos negros travados em James. — Diz-me o que acreditas saber.

— Não foi muito uma dedução, na verdade. — admitiu James, olhando para Ralph. — Foi ele. Ele tem o livro.

Snape revirou os olhos.

— Aquele maldito livro tem causado mais problemas do que vale a pena. Eu deveria tê-lo destruído quando tive hipóteses. Prossegue.

James respirou fundo.

— Bem, eu sabia que alguma coisa estava a acontecer quando notei todos aqueles personagens nas pinturas a observar-nos. Também sabia que eles pareciam um pouco familiares, mesmo que fossem todas realmente diferentes. Mas acho que eu não teria feito a conexão se o Ralph não tivesse mostrado os esboços no livro de poções. Eu sabia que o livro tinha pertencido a um Slytherin por quem o meu pai tinha muito respeito, então pensei em si e tudo fez sentido. *O senhor* pintou todos aqueles personagens nas pinturas espalhadas por toda a escola, e cada um deles é um retrato de si, mas disfarçado. É assim que nos vigia. Espalha-se através de todas as pinturas. E já que é o artista original, mais ninguém pode destruir os retratos. Era a sua maneira de se assegurar que puderia manter um olho nas coisas, mesmo depois de morto.

Snape estudou James, com a cara feia. Finalmente, assentiu levemente.

— Sim, Potter, absolutamente verdade. Poucos sabiam, mas eu tinha uma tendência natural para isso. Ser perito em poções e misturar as tintas encantadas necessárias eram a parte simples. Levou bastante tempo para que eu melhorasse as minhas habilidades em desenho para poder modificar as pinturas, mas como qualquer outra arte, a pintura era principalmente uma questão de prática e estudo. Contudo, concordo contigo que nunca terias feito a conexão se não fosse pela minha arrogância

cega em permitir que o livro continuasse a existir. Posso ter sido um génio, mas o orgulho foi a causa da queda de um génio maior do que eu. No entanto, isso prova ser um esforço bem sucedido. Tenho sido capaz de te observar e o resto das operações escolares com bastante liberdade. Então, diz-me: porque vieste até mim agora? Para te exultares da tua sorte?

— Não. — disse James firmemente, e então fez uma pausa. Não queria dizer o que tinha vindo dizer. Temia que Snape se risse dele, ou pior, que recusasse o pedido. — Viemos... viemos pedir ajuda.

A expressão de Snape não mudou. Observou James durante um longo momento.

— Vieste pedir ajuda. — disse ele, como se confirmasse que ouvira James correctamente. James assentiu. Snape estreitou os olhos levemente. — James Potter, eu nunca suspeitaria, mas finalmente impressionaste-me. A maior fraqueza do teu pai era a recusa de procurar a ajuda daqueles melhores e mais capacitados que ele. Sempre procurava ajuda no fim, mas geralmente para seu grande, e às vezes último, detrimento. Pareces ter-te livrado dessa fraqueza, embora de forma relutante. Se tivesses tomado essa decisão algumas semanas atrás, poderíamos não ter que depender da pura sorte e do bom tempo para salvá-te de um destino pior do que a morte.

James assentiu novamente.

— Sim, obrigado por isso. Sei que foi o senhoer que enviou Cedric para ajudar quando fomos abrir a maleta de Jackson.

— Audaz e ignorante, Potter. Deverias saber muito bem, embora eu admito que estaria surpreso se soubesse. O manto é excessivamente perigoso e foste estupidamente negligente em guardá-la aqui. Por mais que me custe admitir, deverias tê-la entregue imediatamente ao teu pai.

— O que sabe sobre a conspiração de Merlin, então. — perguntou James animado, ignorando a repreensão.

— Não sei mais do que vocês sabem, infelizmente, excepto pela abundância de conhecimento que acumulei através dos meus estudos da lenda e da grande quantidade de tentativas anteriores para facilitar o retorno de Merlinus Ambrosius. Posso assegurar que é um estudo que se comprovaria mais útil a vocês do que as suas actuais e ridículas tentativas de capturar o bastão de Merlin.

— Porque é que são ridículas? — perguntou Zane, dando um passo mais próximo.

— Ah, o bobo da corte fala. — ridicularizou Snape em voz baixa. — Mr. Walker, acredito.

— É uma pergunta justa. — disse James, olhando para Zane. — O bastão é provavelmente mais perigoso do que o manto. Não podemos deixá-lo ser controlado por pessoas que acreditam que Voldemort era simplesmente um pobre incompreendido que queria que todos fossemos amigos.

— E quem seriam essas pessoas, então, Potter? — perguntou Snape suavemente.

— Bem, Tabitha Corsica, em primeiro lugar.

Snape observou James com claro desdém.

— Típico preconceito Gryffindor.

— Preconceito! — exclamou James. — Qual é a equipa que acredita que todos os feiticeiros nascidos muggle são mais fracos que os de sangue puro? Qual a equipa que inventou o termo “sangue de lama”?

— *Nunca* voltes a pronunciar essa palavra diante de mim novamente, Potter. — disse Snape perigosamente. — Achas que falas o que sabes, mas deixa-me poupar-te da tua ignorância lembrando que o que sabes é tão limitado quanto é parcial. Julgar precipitadamente indivíduos baseando-se na sua equipa de origem era um dos maiores erros do teu pai. Esperava que te sobrepusesses a isso também, baseado nas tuas próprias escolhas de companhia. — os olhos negros de Snape lançaram-se sobre Ralph, que se mantinha atrás, observando silenciosamente.

— Bem, o Ralph é diferente, não é? — disse James frouxamente.

Snape reagiu rapidamente, os olhos ainda sobre o enorme rapaz.

— Será? Diferente de quê, Potter? O que é que acreditas que sabes, precisamente, a respeito dos membros da equipa do Mr. Deedle? Ou, atrevo-me a perguntar, do próprio Mr. Deedle.

— Eu sei o que a dríade nos contou. — disse James passeando à volta do retrato, a sua voz elevando-se em fúria. — Eu sei que existe uma linhagem de Voldemort viva nestas paredes agora mesmo. O sangue dele bate num coração diferente. O herdeiro de Voldemort está vivo e anda entre nós.

— E o que o te faz ter certeza — disse Snape com severidade. — de que esse herdeiro é um Slytherin? *Ou* um homem?

James abriu a boca para responder, e fechou-a novamente. Percebeu que a dríade, na verdade, nunca dissera nenhuma daquelas coisas.

— Bom, apenas... fazia sentido.

Snape assentiu, o desdém voltando a arrastar-se pelo seu rosto.

— Mesmo? Talvez não tenhas aprendido nada, afinal. — suspirou Snape, e parecia genuinamente desapontado. — O que vieste pedir, Potter? Vejo que estás determinado a seguir a tua direcção sem levar em consideração o que digo, então vamos acabar com isto.

James sentiu-se pequeno diante do retrato do antigo director. Zane e Ralph estavam posicionados mais atrás, e James sabia que era sua função perguntar. Esta batalha era mais sua do que deles. A sua batalha contra a conspiração de Merlin, sim, porém, o mais importante, a sua batalha contra si próprio e a sombra do seu pai.

Ele ergueu os olhos para Snape.

— Se não podemos conseguir o bastão de Merlin, preciso de ir à Entrada da Encruzilhada dos Anciões. Preciso Pará-los lá, antes que escondam o bastão e o trono para sempre.

James ouviu o movimento de Zane e Ralph atrás dele. Ele virou-se para eles.

— Não vos pedirei que venham, mas estou comprometido. Tenho que tentar detê-los.

Snape suspirou.

— Potter, és realmente tão imprudente e ridiculamente pretensioso como o teu pai. Entrega o manto. Dá-a ao teu pai ou à directora. Eles saberão o que fazer. Eu os aconselharei. É impossível tomares conta disto sozinho. Impressionaste-me uma vez. Tenta e faz isso novamente.

— Não. — disse James com convicção. — Se lhes contar, o Jackson e a Delacroix, e quem quer que seja, escaparão. Sabe isso tão bem como eu. Então duas das relíquias estarão perdidas para sempre.

— Sem todas as três juntas, o poder das relíquias é rompido.

— Mas não destruído. — insistiu James. — Elas ainda são poderosas sozinhas. Não podemos deixar que sejam usadas por aqueles que querem continuar o trabalho de Voldemort. Não podemos arriscar que caiam nas mãos do herdeiro de Voldemort.

Snape fez uma careta.

— *Se é que tal pessoa existe.*

— Não vale a pena correr esse risco. — reagiu James. — Onde é a Entrada da Encruzilhada dos Anciões?

— Não sabes o que estás a perguntar, Potter. — disse Snape com desprezo.

— Descobriremos de qualquer forma, James. — disse Zane dando novamente um passo adiante. — Não precisamos que esse monte de tinta nos diga. Temo-nos saído bem em tudo até agora. O mesmo vai acontecer novamente.

— Sobreviveste sob uma sorte duvidosa e pela minha própria interferência. — rosnou Snape. — Não te esqueças qual é o teu lugar, rapaz.

— É verdade. — disse Ralph. James e Zane viraram para o olharem, surpresos em ouvi-lo falar. Ralph engoliu em seco e continuou. — *Temo-nos saído muito bem até agora.* Na verdade, não sei quem o senhor é, Mr. Snape, mas assim como estamos gratos por ter ajudado quando o James colocou o manto, acho que o James está certo. Precisamos tentar detê-los e conseguir as outras relíquias. O senhor era um Slytherin, e disse que o que dizem a respeito dos Slytherin nem sempre está certo. Bem, uma das coisas que dizem sobre os Slytherin é que sempre cuidamos apenas de nós próprios. Não quero que isso seja verdade. Estou com o James e o Zane, mesmo se falharmos. Não importa o que aconteça.

Snape ouviu o repentino discurso de Ralph com um duro olhar e o cenho franzido. Quando Ralph terminou, ele olhou para os três rapazes em sucessão, e então soltou um suspiro.

— Estão completamente malucos. — disse ele sem rodeios. — Essa é uma fantasia destrutiva e sem propósitos.

— Onde fica o a Encruzilhada dos Anciões? — perguntou James novamente.

Snape observou-o, sacudindo a cabeça minuciosamente.

— Como eu disse, Potter, não sabes o que estás a perguntar.

Zane elevou a voz.

— Porque não?

— Porque a Entrada da Encruzilhada dos Anciões não é um *local*, Mr. Walker. Vocês, mais do que todos, deveriam ter identificado isso. Se algum de vocês tivesse prestado a mínima atenção para os últimos meses, saberiam. A Entrada da Encruzilhada dos Anciões é um *evento*. Pensa nisso durante um momento, Mr. Walker. Encruzilhada dos Anciões.

Zane piscou.

— Anciões. — disse ele com ponderação. — Espera um minuto. Era dessa forma que os astrónomos da Idade Média chamavam aos signos astrológicos. Os planetas. Eles chamavam de “Anciões”.

— Então a *Entrada* da Encruzilhada dos Anciões... — concentrou-se James, e então arregalou os olhos em revelação. — O alinhamento dos planetas! A Entrada da Encruzilhada dos Anciões é quando todos os planetas cruzam uns com os outros nas suas rotas. Quando eles... formam uma entrada!

— O alinhamento dos planetas. — concordou Ralph em uma voz temerosa. — Não é um lugar, mas um momento.

Snape olhou com severidade para os três.

— Trata-se de ambas as coisas. — disse ele resignado. — É o momento em que os planetas se alinham, e é o local onde as três relíquias de Merlinus Ambrosius são reunidas. Trata-se de quando e onde o retorno de Merlin se pode realizar. Essa é a condição imposta por Merlin. E a menos que eu esteja enormemente errado, se tencionam ir em frente com esse vosso plano audaz, possuem menos do que uma semana.

Zane estalou os dedos.

— Essa é a razão pela qual a rainha do voodoo nos passava tantos exercícios! Para calcular o momento exacto do alinhamento! Ela disse que seria uma noite que nunca esqueceríamos, e falava a sério! É o momento em que planeiam reunir as relíquias.

— A Fortaleza da Gruta. — sussurrou James. — Eles vão fazer isso lá. O trono já lá está. — os outros dois rapazes assentiram. James sentiu-se corado com medo e animação. Olhou para o retrato de Snape. — Obrigado.

— Não mo agradeças. Segue o meu conselho. Se vocês planeiam ir em frente com isto, não serei capaz de vos ajudar. Ninguém será. Não sejam tolos.

James afastou-se, apagando a sua varinha e guardando-a.

— Vamos, vocês os dois. Vamos voltar.

Snape observou James a consultar o Mapa do Salteador. Não era o primeiro encontro de Snape com o mapa. Certa ocasião, o mapa insultou-o de forma bastante atrevida. Tendo certeza de que Filch ainda estava no seu gabinete, os três amontoaram-

se novamente sob o Manto de Invisibilidade e saíram do escritório da directora e entraram no átrio. Snape considerou acordar Filch, que sabia que estava a dormir no seu gabinete com uma garrafa de uísque de fogo pela metade sobre a escrivaninha. Um dos auto-retratos de Snape residia numa pintura assombrosa no gabinete de Filch, e Snape poderia facilmente alertá-lo que três rapazes deambulavam pela escola. Relutantemente, decidiu não o fazer. Gostasse ou não, tais truques insignificantes já não lhe proporcionavam prazer. O fantasma de Cedric Diggory, que Snape reconhecera antes que qualquer outro, fechou a porta atrás dos rapazes e prendeu a tranca.

— Agradeço, Mr. Diggory. — disse Snape calmamente, no meio dos roncos das outras pinturas. — Sinta-se livre para os acompanhar de volta aos dormitórios. Ou não. Não me importa muito.

Cedric assentiu para Snape, que sabia que o fantasma não gostava de conversar com ele. Algo como a ideia de um fantasma conversar com uma pintura parecia incomodar o rapaz. Nada tecnicamente humano em nenhum dos lados, compreendeu Snape. Cedric despediu-se e atravessou a porta de madeira trancada.

Uma das pinturas parou de roncar.

— Ele não é exactamente como o pai, certo? — disse uma voz mais idosa e pensativa.

Snape recostou-se no seu quadro.

— Apenas se parece com ele nas piores maneiras. É um Potter.

— Agora quem está a julgar precipitadamente? — disse a outra voz com uma centelha de provocação.

— Não é um julgamento precipitado. Eu observei-o. Ele é tão arrogante e tolo quanto os outros que sustentaram o seu último nome. Não finjas que não percebes isso.

— Percebi que ele veio pedir a rua ajuda.

Snape assentiu com rancor.

— Trata-se de alguém que apenas espera que o instinto tenha uma chance de amadurecer. Ele pediu por ajuda somente quando não possuía mais opções. E percebeste que ele não seguiu nenhum dos meus conselhos.

A voz mais idosa permaneceu em silêncio por um momento, e então perguntou.

— Vais contar à Minerva?

— Talvez sim. — disse Snape, considerando. — Talvez não. No momento, farei o que estive a fazer durante este tempo todo. Observarei.

— Então, acreditas que existe uma chance para ele e os seus amigos terem êxito?

Snape não respondeu. Um minuto depois, a voz mais idosa falou novamente.

— Ele está a ser manipulado. E não sabe disso.

Snape assentiu.

— Presumo que não faz sentido contar-lhe.

— Provavelmente tens razão, Severus. Tens um instinto para estas coisas.

Snape replicou subtilmente.

- Aprendi a *não* discutir com o mestre, Albus.
- Certamente, Severus. Sem dúvida aprendeste.

— CAPÍTULO 15 —

O Espião Muggle



Martin J. Prescott era um jornalista. Sempre pensava nas palavras como se estas pudessem trazer benefícios. Para Martin, ser jornalista era mais do que um trabalho. Era a sua identidade. Não era apenas mais um rosto a ler o teleponto ou outro nome ao lado de uma data. Ele era o que os produtores na era das notícias vinte quatro horas chamavam de “uma personalidade”. Ele acentuava as notícias. Enquadrava-as. Dava-lhes cor. Não de uma forma negativa, ou assim pensava firmemente. Simplesmente adicionava aquele traço subtil de talento que transformava as notícias em *Notícias*. Por outras palavras, em alguma coisa as pessoas poderiam querer ler ou assistir. Primeiramente, Martin J. Prescott, tinha a aparência adequada. Usava camisas abotoadas com calças de ganga, e geralmente as mangas da sua camisa estavam um pouco dobradas. Se usasse uma gravata, ficava invariavelmente com um estilo impecável, mas isso era um pouco negligente, o suficiente para dizer: *sim, andei a trabalhar extremamente duro, mas respeito os meus telespectadores o suficiente para manter um grau de profissionalismo*. Martin era magro, consideravelmente jovem, com feição astuta e elegante, o seu cabelo fabuloso era muito escuro e parecia sempre despenteado pelo vento. Mas, como Martin se orgulhava de dizer para os presentes no ocasional pequeno almoço no Clube da Imprensa, a sua aparência não era o que fazia dele um jornalista.

Era a sua percepção de pessoas e notícias. Sabia como ligar um no outro de maneira a produzir o maior solavanco emocional.

Mas a última coisa que fazia de Martin J. Prescott um jornalista era o facto de ele amar a história. Onde os outros novos rostos bem pagos e atractivos há muito tempo montavam um grupo de lacaios para vaguear por todos os lugares, colectando cenas e filmando entrevistas enquanto eles se reuniam nos seus camarins a ler sobre os seus índices de audiências, Martin orgulhava-se de si próprio por realizar todas as suas viagens e pesquisas. A verdade era que Martin apreciava a informação, mas o que amava absolutamente era a caça. Ser um membro da imprensa era como ser um caçador, excepto pelo facto de que a mira se fazia com uma câmara e não uma arma. Martin gostava de seguir a sua presa por si só. Deleitava-se na perseguição, nas cenas embaçadas por solavancos da câmara de mão, os gritos, as perguntas perfeitamente colocadas, a longa vigilância policial da porta traseira de uma sala de audiência ou de um quarto de hotel suspeito. Martin fazia tudo isto por si só, frequentemente sozinho, muitas vezes filmando-se a si próprio na acção, fornecendo aos seus espectadores momentos de tirar o fôlego e de alta tensão e confronto. Mais ninguém fazia isto como ele, e isso tornou-o famoso.

Como se dizia sobre os melhores jornalistas, Martin possuía um faro para as notícias. O seu faro dizia que a história que estava a perseguir neste exacto momento seria talvez a história da sua vida, caso tivesse sucesso, se pudesse simplesmente propiciar a verdade ou a cena pura. Mesmo agora, encolhido entre os arbustos e ervas daninhas, imundo e suado por dois dias dignos, com o fabuloso cabelo emaranhado e coberto de galhos e folhas, mesmo após todos os empecilhos e fracassos, ainda sentia que esta era a história que fortificaria a sua carreira. De facto, quanto mais árduo trabalhasse para algo, mais obstinadamente o perseguia. Mesmo após o fantasma. Mesmo após o seu conflito angustiante com a aranha gigante. Martin via os empecilhos como provas de valor. Quanto mais difícil fosse, mais valia correr atrás. Dava-lhe uma satisfação sombria saber que, se simplesmente tivesse contratado um grupo de investigadores para examinarem, teriam voltado atrás meses atrás, quando primeiramente encontrassem a estranha resistência mágica do local, sem o menor rastro de história. Esse era o tipo de história que podia ser contada apenas por ele. Esse, dizia para si próprio com satisfação, era um material fixador. Sem mais reportagens de campo. Sem mais segmentos de interesse especial. Caso obtivesse sucesso, Martin J. Prescott seria capaz de fazer o seu próprio caminho em qualquer redacção de jornal importante no país. Mas porquê parar por ali? Com aquilo nas suas mãos, poderia estabelecer-se em qualquer lugar do mundo, não?

Mas não, disse a si mesmo. Não devia pensar em tais coisas agora. Ele tinha um trabalho a fazer. Um trabalho exorbitante que exigia grande perícia e esforço, mas Martin estava satisfeito com o sentimento de que o pior já tinha passado. Após meses a conspirar e organizar, a planear e observar, finalmente chegara o momento da grande

recompensa, do pagamento imediato de todas as apostas. Com a condição de que a última fase da caçada não funcionasse exactamente como o planeado, saíria sem nada. Tinha sido incapaz de conseguir algo aproveitável e convincente, excepto a câmara de vídeo portátil da incrível competição voadora de alguns meses atrás. A câmara teria sido o suficiente, mas inclusive ela se perdera, sacrificada — com relutância — para a gigantesca aranha durante a sua fuga pelo bosque. De qualquer forma, isso não o fez residir nos seus fracassos. Não, isso não serviria de nada. Tudo iria correr exactamente como planeado. Teria que ser assim. Ele era Martin J. Prescott.

Ainda agachado na orla da floresta, Martin verificava as conexões do seu telemóvel. A maior parte do seu equipamento de campo morrera completamente desde que entrou na floresta. O seu mini-portátil mal funcionava, e quando funcionavam mostrava algum tipo de comportamento muito estranho. Na noite anterior, tentara usá-lo para aceder o computador do seu escritório quando a tela, de repente, se tornou completamente rosa e começou a mostrar a letra de uma canção grosseira sobre ouriços. Felizmente, a sua câmara e o seu telemóvel funcionavam relativamente bem até ao incidente com a aranha. O seu telemóvel era quase tudo o que tinha agora, e apesar do facto de que mostrava na tela uma estranha mistura de números, pontos de exclamação e hieróglifos, parecia estar a manter alguma conexão. Satisfeito, Martin falou.

— Estou agachado do lado de fora do castelo neste momento, escondido entre os ramos de árvores da floresta que têm sido o meu ocasional lar durante estes últimos meses de sofrimento. Até agora, simplesmente observei, tendo cuidado para não incomodar o que deve apenas ser uma simples escola ou uma instalação de hospedagem, apesar das informações da minha fonte. Ainda assim, estou confiante de que, finalmente, chegou a hora da aproximação. Se minhas fontes estiverem erradas, simplesmente me encontrarei confuso e bem humorado com o âmbito rural escocês. Contudo, se as minhas fontes se provarem correctas, como suspeito, baseado nas minhas inexplicáveis experiências até agora, pode ser que eu esteja a caminhar até à minha própria destruição. Estou de pé agora. Nove horas da manhã, mas não vejo sinal de alguém. Estou a deixar a segurança do meu esconderijo. Estou a entrar nos terrenos.

Martin arrastou-se cuidadosamente em torno dos limites da cabana desmantelada próxima da floresta. O gigante de cabelos despenteados que ele espiara dentro e à volta da cabana não estava à vista. Martin endireitou-se, determinado a ser ousado na sua aproximação inicial. Começou a atravessar o campo impecavelmente aparado entre a cabana e o castelo. Na verdade, ele não acreditava que estava em grave perigo. Tinha a sensação inata de que os maiores perigos estavam atrás dele, naquela horripilante e misteriosa floresta. De facto, acampara nos arredores daquela floresta, do lado oposto ao castelo, onde as árvores pareciam mais normais e havia poucos ruídos preocupantes durante a noite. Ainda assim, as suas viagens de ida e volta pelas densas localidades daquela floresta foram estranhas, no mínimo. À excepção da aranha, da qual ele escapara apenas por pura sorte, na verdade não vira qualquer coisa. De certa forma,

pensou que melhor era não ter visto. Uma monstruosidade conhecida, como a aranha, era muito mais fácil de aceitar que os fantasmas desconhecidos conjugados pela imaginação de Martin em resposta aos estranhos ruídos que ouvira durante as suas largas caminhadas pelo matagal. Ele sabia que o seguiam. Coisas enormes e malignas o seguiam constantemente escondidas por trás da densidade das árvores. Sabia que observavam-no, e também tinha o pressentimento de que, ao contrário da aranha, eles eram inteligentes. Poderiam ser hostis, mas certamente estavam curiosos. Martin quase ousara chamá-los, exigindo que se revelassem. Finalmente, lembrando-se da aranha, decidiu que, apesar de tudo, talvez fosse melhor ter um monstro invisível curioso do que um visível que se sente provocado.

— Como mencionei, o castelo é absolutamente gigantesco. — disse Martin para o pequeno microfone grampeado na roupa. O microfone estava conectado ao telemóvel no seu cinto. — Viajei bastante neste continente e vi uma grande variedade de castelos, mas nunca tinha visto algo tão simultaneamente antigo e ainda assim imaculadamente preservado. As janelas, tirando aquela pela qual fui forçado a atravessar meses atrás, são belamente resistentes e coloridas. A construção de pedra não mostra uma fissura... — isso não era inteiramente verdade, mas aproximava-se da verdade. — É um lindo dia de primavera, felizmente. Claro e relativamente quente. Não estou a esconder-me de maneira alguma enquanto me aproximo das enormes portas abertas. Ali... ali parece haver uma reunião à minha direita, em algum tipo de campo. Eu... eu não consigo distinguir, mas parecem estar a jogar futebol. Não posso dizer que esperava isto. Eles não parecem estar a dar-me atenção. Continuo a aproximar-me dos portões.

Assim que Martin atravessou as portas, finalmente começou a ser notado. Ele divagou, ainda mantendo um percurso estável para a frente. O seu objectivo era simplesmente entrar no castelo o quanto fosse possível. Propositamente, deixou a sua câmara imóvel atrás. Câmaras, em quase todas as circunstâncias, incitavam a resistência. Pessoas com câmeras eram expulsas de lugares. Alguém simplesmente entrando num local, andando com confiança e decidido, pode ser alvo de curiosidade, mas ninguém os parava com frequência. Pelo menos, até que fosse tarde demais. O pátio estava salpicado de jovens que se moviam aqui e ali em grupos. Usavam mantos negros sobre camisas brancas e gravatas. Muitos carregavam mochilas e livros. Aqueles mais próximos de Martin viraram-se para o observar, geralmente sem curiosidade.

— Há... há o que parecem ser... estudantes. — disse Martin em voz baixa para o microfone, deslizando entre os estudantes enquanto atravessava o pátio. — Jovens usando túnicas, todos em idade escolar. Parecem surpresos com a minha presença, mas não hostis. De facto, enquanto me aproximo agora da entrada do castelo propriamente dito, parece que chamei, praticamente, a atenção de todos. Desculpe-me.

Isto foi dito para Ted Lupin, que acabara de aparecer na entrada com Noah Metzker e Sabrina Hildegard. Os três pararam de conversar instantaneamente quando o

estranho homem de camisa branca e gravata solta escorregou entre eles. A pena no cabelo de Sabrina balançou de um lado para o outro quando se virou para o olhar.

— Com quem é que ele está a falar? — disse Ted.

— E quem diabos é ele? — adicionou Sabrina. O trio dirigiu-se à entrada aberta, observando como o homem andava com cuidado para a entrada do vestíbulo. Os estudantes afastaram-se dele, imediatamente reconhecendo que aquele homem estava no local errado. Ainda assim, ninguém pareceu particularmente alarmado. Houve, inclusive, algumas risadinhas intrigadas.

Martin continuou a falar para o seu microfone.

— Cada vez mais e mais do que, por agora, devo chamar de estudantes. Há dúzias deles ao meu redor neste momento. Estou a andar por uma espécie de vestíbulo principal. Há... candelabros, grandes entradas. Estátuas. Pinturas. As pinturas... as pinturas... as pinturas... — pela primeira vez, Martin pareceu ficar sem palavras. Esqueceu os estudantes reunidos à sua volta, observando-o, enquanto ele dava dois passos em direcção a uma das enormes pinturas ao longo do salão de entrada. Na pintura, um grupo de feiticeiros anciões estava agrupado em torno de uma enorme bola de cristal, as barbas brancas iluminadas pelo brilho do objecto. Um dos feiticeiros advertiu o homem de camisa branca e gravata que os fitava firmemente. Ele endireitou-se e olhou-o com cara feia.

— O seu uniforme está inadequado, jovem! — exclamou o feiticeiro com severidade. — Está medonho. Atrevo-me a dizer que você tem uma folha no seu cabelo.

— As pinturas... as pinturas estão... — disse Martin, a sua voz mais alta do que o normal. Tossiu e recompôs-se. — As pinturas estão a mover-se. Elas são... na falta de um termo melhor, como filmes pintados, mas vivos. Elas estão... a dirigir-se a mim.

— Dirijo-me a si como um igual, jovem. — disse o feiticeiro. — Eu *comando* aqueles que são como você. Saia, seu perverso!

Houve risadas provenientes da multidão de estudantes, porém, também havia uma sensação de crescente nervosismo. Ninguém sequer estava impressionado com as pinturas que se moviam. Aquele homem era um feiticeiro excêntrico, ou era... bem, era impensável. Um muggle não podia entrar nos terrenos de Hogwarts. Os estudantes formaram um enorme círculo à volta dele, como se fosse um animal levemente perigoso.

— Os estudantes circundaram-me — disse Martin, virando-se em seu redor, os olhos bastante arregalados. — Contudo, vou tentar romper o círculo. Devo mover-me mais para o centro.

Assim que Martin procedeu, o perímetro de estudantes quebrou-se facilmente, seguindo-o. Havia resmungos aqui e ali agora. Conversas nervosas acompanharam-no, e ele começou a erguer a voz.

— Estou a entrar numa grande câmara. Bastante alta. Estive aqui antes, mas tarde na noite, na escuridão. Sim, este é o local das escadas móveis. Muito traiçoeiras. O

trabalho mecânico aqui é extraordinário, e não há absolutamente nenhum som de maquinaria.

— O que é que ele quer dizer com maquinaria? — alguém brandou dentre a multidão de estudantes. — Quem é este tipo, afinal? O que faz ele aqui? — houve um coro de respostas confusas.

Martin prosseguiu, passando pelas escadas, agora quase a gritar.

— A minha presença está a começar a causar uma certa resistência. Posso ser detido a qualquer momento. Estou... estou a passar as escadas.

Martin virou um canto e deparou-se com um grupo de estudantes a jogar Winkles e Augers num aposento bem iluminado. Ele parou de repente quando o Auger, uma quaffle velha, parou a três centímetros do seu rosto, flutuando e revirando lentamente.

— Ei, idiota, o que achas que estás a fazer intrometendo exactamente no meio da partida? — brandou um dos jogadores, puxando a sua varinha e recuperando a quaffle. — É perigoso. Tens que ter mais cuidado.

— Coisas... voadoras! — guinchou Martin, endireitando-se e alisando a camisa freneticamente. — Eu... varinhas. Varinhas mágicas autênticas e objectos a levitar! Isto é completamente extraordinário! Nunca vi...!

— Ei, — outro dos jogadores de Winkles e Augers disse com severidade. — quem é este? O que é que ele quer?

Alguém gritou.

— Quem o deixou entrar? É um muggle! Tem que ser!

— É o tipo do campo de Quidditch! O intruso!

A multidão começou a gritar e a acotovelar-se. Martin baixou-se passando pelos jogadores de Winkles e Augers meio que a escapar dos perseguidores.

— Estou a ir mais para a frente. Há corredores por todos os lados. Aqui é... bem, pelo que posso dizer, um corredor de salas de aula. Estou a entrar na primeira...

Ele entrou na primeira sala de aula à direita, seguido por um grupo de alunos confusos a gritar. O aposento era largo e silencioso. Os estudantes que assistiam à aula viraram-se nos seus assentos, procurando a fonte da interrupção.

— Parece relativamente normal, pelo menos na superficialmente. — bradou Martin por cima do barulho crescente, examinando o aposento. — Estudantes, livros, um professor que... que... Meu Deus!

Novamente, Martin ergueu a voz, perdendo o controlo da mesma. Os seus olhos arregalaram-se em choque e ele prendeu a respiração. A sua boca continuava a trabalhar, emitindo sons roucos estridentes. À frente da aula, o fantasmagórico Professor Binns, cujo domínio do mundo temporal era tentativo no melhor dos casos, não tinha notado ainda a interrupção. Ele continuou a falar com monotonia, a sua voz alta tilintando, como o vento numa garrafa. Finalmente, o professor notou a figura arfante de Martin J. Prescott e parou, franzindo o cenho.

— Quem é este individuo, posso saber? — disse Binns, espreitando por cima dos óculos fantasmagóricos.

Por fim, Martin engoliu em seco.

— Um fantaaaaaaaaaaaaasma! — ele proclamou com tremor, apontando para Binns. Começou a cambalear. Exactamente quando os estudantes próximos da porta foram empurrados rudemente para o lado pelas figuras do Professor Longbottom e da Directora McGonagall ladeados por Ted e Sabrina, Martin caiu desmaiado. Ele aterrou fortemente sobre duas mesas na parte de trás da sala. Os estudantes que as ocupavam lançaram as mãos para o alto, saindo do caminho. Um frasco de tinta caiu ao chão e estilhaçou.

A Directora McGonagall aproximou-se rapidamente do homem e deteve-se a um passo.

— Alguém, por favor, me pode informar quem é este homem? — disse em uma voz estridente. — E o que ele está a fazer desmaiado na minha escola?

James Potter esforçou-se para abrir caminho até à frente da multidão. Olhou para o homem em colapso sobre as duas mesas. Ele suspirou profundamente e disse:

— Eu acho que posso, professora.



Quinze minutos depois, James, McGonagall, Neville Longbottom e Benjamin Franklyn estavam reunidos no escritório da directora, com Martin Prescott cambaleante entre eles. Martin recuperara a consciência a meio caminho do escritório, e instantaneamente gritou horrorizado ao perceber que estava a ser levitado ao longo do corredor por Neville, que, por sua vez, ficara tão assustado pelo grito de Martin que quase o derrubara, mas recuperou a tempo de baixar gentilmente o homem ao chão. Com excepção da explicação de James de que o intruso era o mesmo homem que tinha golpeado fazendo-o atravessar o vitral da janela e mais tarde encontrado no campo de Quidditch, a viagem até ao escritório da directora progredira com muito pouca conversa. Uma vez que a porta do escritório estava fechada, McGonagall pronunciou-se.

— Apenas quero saber quem você é, porque está aqui, e, o mais importante, como conseguiu entrar aqui. — disse ela furiosamente, caminhando com arrogância por trás da escrivaninha, mas permanecendo erecta. — Uma vez que isso esteja resolvido, será posto para fora daqui, sem o mínimo vislumbre de qualquer coisa que tenha visto aqui, eu lhe prometo isso. Agora fale.

Martin engoliu em seco e olhou para os que estavam reunidos ali. Viu James e fez uma careta, lembrando-se do rompimento do vidro e da doentia queda subsequente. Respirou fundo.

— Primeiro, o meu nome é Martin J. Prescott. Trabalho para um programa de notícias chamado *Visao Interna*. Segundo, — disse ele, retornando o seu olhar para a directora. — sofri lesões nestes terrenos. Não desejo fazer uma questão legal disso, mas vocês devem estar cientes de que pedir uma compensação por estas lesões está inteiramente dentro dos meus direitos. E, de certo modo, não tenho a impressão de que este estabelecimento está *assegurado*, precisamente.

— Como ousa? — exclamou McGonagall inclinando-se sobre a mesa e encontrando os olhos de Martin. — Você invade este castelo, transgride os limites de onde não tem nem o direito ou o entendimento para o levar... — ela sacudiu a cabeça, e então prosseguiu em voz mais baixa. — Não cederei a ameaças. Obviamente, é de origem muggle, então mostrarei uma pequena dose de paciência consigo. Responda às minhas perguntas com sinceridade ou ficarei mais do que encantada em recorrer a métodos mais agressivos de interrogatório.

— Ah, — disse Martin, tentando parecer confiante apesar do facto de que tremia visivelmente. — deve estar a referir-se a algo como isto. — ele pôs a mão dentro do bolso da sua camisa e puxou de um pequeno frasco. James reconheceu-o como um dos frascos que vira nas mãos daquele homem quando o encontrou no armário de poções. — Sim. Vejo pelas vossas expressões que sabem o que é isto. Um momento para que eu compreenda. *Veritaserum*, sem dúvida. Eu pus duas gotas no chá de um colega de trabalho e não consegui fazê-lo calar a boca durante uma hora. Soube de coisas sobre ele que espero viver para esquecer, digo-vos.

— Testou uma poção desconhecida numa pessoa inocente? — interrompeu Franklyn.

— Bem, eu tinha que conhecer os efeitos dela, não? Não creio que duas gotas fariam mal a ninguém. — ele encolheu os ombros e ergueu o frasco novamente, observando a luz que o atravessava. — Soro da verdade. Se fosse perigoso, dificilmente o manteriam numa prateleira onde qualquer pessoa poderia obtê-lo.

O rosto de McGonagall empalideceu-se em fúria.

— Dentro destas paredes, confiamos na disciplina e respeito em vez de prisões e chaves. O seu amigo tem sorte por você não lhe ter dado um frasco de ferrão de narglespike ou seiva de *tharff*.

— Não me tente intimidar. — disse Martin, claramente bastante intimidado apesar do que disse. — Apenas vos quero mostrar que conheço os vossos truques. Estive a observar-vos e a estudar-vos por certo tempo. Não me farão beber nenhuma das vossas poções ou farão qualquer lavagem cerebral em mim. Responderei às vossas perguntas, mas apenas porque espero que respondam a algumas das minhas, também.

Neville dedilhou a sua varinha.

— Diga-me, por favor. Porque acredita que não o obliuaremos, eliminando todas as suas memórias deste lugar, e não o atiramos na estrada mais próxima?

Martin deu palmadas no pequeno microfone preso na sua roupa.

— Esta é a razão. A minha voz, e tudo o que vocês dizem, está a ser transmitida através de meu telefone para um computador no meu escritório. Tudo está a ser gravado. Numa pequena torre a pouco menos de três quilómetros daqui, está uma equipa de filmagem e um grupo de especialistas numa variedade de áreas a quem pedi que me auxiliassem na minha investigação...

— Investigação! — repetiu a directora, incrédula. — Isto é absoluta e inequivocamente inadmissível!

Martin excedeu a autoridade da directora.

— Um daqueles indivíduos é um agente da polícia especial britânica.

James sentiu um silêncio evidente descer sobre o aposento à menção da polícia muggle. Sabia por conversas ouvidas às escondidas entre o seu pai e outros oficiais do Ministério que uma coisa era eliminar as memórias de uma só pessoa ou um grupo, mas as coisas tornar-se-iam extremamente complicadas caso qualquer agente de polícias de investigação muggles estivesse envolvido.

— Isso paga os altos favores que me devem. — continuou Martin. — Custou-me bastante trazer um bom agente até aqui, mas estou confiante de que este é o tipo de história que requer grandes favores. Não há nenhuma acusação oficial, claro. Trata-se meramente de curiosidade, uma vez que não há nenhum registro de qualquer estabelecimento deste tamanho na zona. O ponto é o seguinte: se eles não receberem uma chamada telefónica minha dentro das próximas duas horas com instruções de como entrar nos terrenos, eles retornarão imediatamente para o escritório, recolherão todas as gravações desta conversa e tudo o que me aconteceu até agora, e transmitirão tudo da forma que tiver que ser. Pode parecer ridículo para a maioria das pessoas, concordo. Uma escola num castelo no silêncio do nada a ensinar crianças como trabalhar a magia real, varinhas e tudo mais. No entanto, o vosso segredo será revelado. Os vossos alunos podem estar aqui, nesta localização secreta, mas eles vão para casa às vezes, não? E estou disposto a apostar que essas casas não estão, de modo algum, tão protegidas quanto este lugar. Haverá investigações. Vocês serão revelados. De uma maneira ou de outra.

O rosto da Directora McGonagall estava tão severo e pálido quanto uma lápide. Ela meramente fitou o homem magricela de camisa branca. Franklyn quebrou o silêncio.

— Meu bom senhor, você não consegue entender o que está a solicitar. — ele retirou os seus óculos e posicionou-se de frente para Martin. — Inegavelmente, o seu plano resultaria no encerramento desta escola e de outras como esta. Todos os presentes, e muitos, muitos outros, perderiam o seu sustento e educação. E o que é mais importante, no que você insiste ser a reintrodução de todo o mundo mágico no mundo dos muggles, estejam os mesmos preparados ou não. E para que finalidade? Não para a

melhoria da humanidade, suponho. Não, suponho que as suas ambições são mais... míopes. Por favor, pense antes de continuar. Há forças aqui em funcionamento que não compreende, embora possa estar a agir em benefício de algumas delas. Tenho a sensação de que você não se trata de um homem maligno, ou, pelo menos, não um homem *tão* maligno ainda. Pense, meu amigo, antes de fazer uma escolha que o condenará aos olhos de gerações.

Martin ouvia as palavras de Franklyn, e parecia, na verdade, estar a considerá-las. Então, como se se recobrando de um sonho, disse:

— Você é Benjamin Franklyn, não é? — ele sorriu e sacudiu um dedo em direcção a Franklyn. — Eu sabia que me parecia familiar! Isso é espantoso! Olhem, sei que não estão em posição de discutir isto agora mesmo, mas eu tenho duas palavras para vocês: entrevista... exclusiva. Pensem nisto, certo?

— Mr. Prescott, — disse a directora, a voz pedregosa. — não pode esperar que tomemos uma decisão como esta numa questão de minutos. Simplesmente, devemos discutir isto.

— De facto. — adicionou Neville. — Mesmo que concordemos com as suas condições, terá que se submeter aos nossos termos. Como nos pode beneficiar considerando a clara magnitude do que pretende, eu não sei ainda. Mas, independente disso, temos de ter algum tempo.

— Como eu disse, — respondeu Martin, parecendo mais confortável agora que acreditava que tinha o controlo da situação. — vocês têm duas horas. Bom, noventa e quatro minutos, na verdade.

— Responda-me a isto, Mr. Prescott. — disse Franklyn, suspirando. — Como entrou nos terrenos da escola? Antes de prosseguir com esta charada, devemos saber isso.

Martin suspirou ligeiramente.

— Têm uma cadeira? É uma longa história.

Neville apresentou a sua varinha com subtileza. Sem retirar os olhos de Martin, apontou a varinha para uma cadeira de madeira a um canto e levitou-a de uma forma um tanto brusca. A cadeira saiu disparada, quase sobressaltando Martin. O homem caiu subitamente sobre o assento e a cadeira golpeou o chão com força.

— Continue. — disse Neville, meio que sentando a um canto da escrivaninha da directora. McGonagall sentou-se na sua cadeira, permanecendo erecta. Franklyn e James continuaram de pé.

— Bem, primeiro recebi uma carta a contar-me sobre este lugar em Setembro do ano passado. — disse Martin, inclinando-se para a frente e esfregando as suas costas enquanto fitava Neville com fúria. — A *Visão Interna* oferece cem mil libras como recompensa por prova de actividade paranormal, e o cavalheiro que escreveu a carta parecia pensar que este lugar, Hogwarts, oferecia tal prova em grande quantidade. Para ser honesto, recebemos milhares de cartas por ano vindas de pessoas esperando

conseguir a recompensa. Eles incluem tudo desde fotos embaçadas, pratos de torta atirados, a pedaços de torrada com rostos de santos queimados. Na verdade, a *Visão Interna* nunca planeou pagar a recompensa. As pessoas gostam de uma boa corrida do inexplicável nas notícias de vez em quando, mas quando se trata de crer, a maioria deles é um bando de cínicos imbecis imagináveis.

“Eu, por outro lado, sou o tipo de pessoa que quer acreditar. Mas, não foi o tom da carta que chamou a minha atenção. Foi o pequeno item que o remetente incluiu no envelope. Uma caixinha contendo algo chamado “Sapo de Chocolate”. Esperava que pudesse ser algum truque inovador, como muitos, então, sendo um curioso, seguir em frente e abri. Como previsto, tinha um perfeito sapinho de chocolate dentro. Estava para o agarrar e dar-lhe uma mordida quando a coisa ergueu a cabeça e olhou directamente para mim. Quase derrubei a caixa. A próxima coisa que sei, é que o sapo saltou da caixa e aterrou sobre a minha mesa. Era um dia quente, e aquela coisa acabara de chegar pelo correio. E menos mal, porque o bicho já estava um pouco derretido. Deixou pequenas pegadas de chocolate sobre toda a matéria daquela noite. Três bons saltos, e então o sapo desfaleceu. Temia tocar-lhe, mas cinco minutos depois, ainda não se movera. Eu possuía tempo para determinar que se tratava apenas de um sapo normal coberto de chocolate. Alguma piada. Provavelmente, a coisa sufocara pelo chocolate, e pelo calor contido na caixa. Então, fui em frente, toquei-lhe e, sem dúvida, a coisa era somente chocolate. Devo dizer que era um óptimo chocolate.”

“Para dizer a verdade, ainda assim, eu poderia ter esquecido tudo. Não importa o quanto temos a mente aberta, pois mesmos confrontados com algo verdadeiramente inexplicável ainda tendemos a bloquear as velhas crenças. Se não fosse por aquelas pequenas pegadas de chocolate nos meus papéis, eu nunca teria resolvido estar aqui. Eu mantive os papéis na base da minha mesa, e cada vez que os via, lembrava-se do bichinho a saltar por ela. Não conseguia tirá-lo da cabeça. Então enviei um e-mail para o sujeito que o enviou. Belo truque, disse-lhe. Mais algum?”

“Ele respondeu de volta no dia a seguir disse que se eu quisesse realmente ver truques, precisava apenas seguir a pista que ele me enviara. Como previsto, no outro dia, chegou outro pacote. Um pacote pequeno. Continha tudo o que eu precisava para chegar até aqui. Não havia como aqueles incrédulos estúpidos da administração fornecerem-me uma equipa para investigar a origem de um sapo de chocolate saltitante, mesmo que eu mostrasse as pegadas do mesmo. Felizmente, eu dispunha de certo tempo de férias, então decidi fazer tudo por conta própria. Acampar fora faria-me bem. Então empacotei as minhas próprias câmeras e apanhei um comboio.”

“Chegar aos arredores em geral foi fácil o suficiente, claro. Passei a primeira noite do outro lado da floresta, sabendo pela pista que estava a poucos quilómetros da fonte. No dia seguinte, levantei-me ao amanhecer. Segui na direcção que sabia que deveria seguir, mas sem dúvida, sempre me encontrava a retornar directamente para o ponto de partida. Nunca me parecia que estava a andar em círculos ou mesmo desviando-me do

percurso. Era como se tivesse conseguido chegar ao lado oposto da floresta, mas, de algum modo, o planeta parecia dar voltas sob mim. Tentei usar uma bússola e tudo parecia ir bem, até que, repentinamente, me encontrei outra vez no meu acampamento e a agulha girava como se tivesse esquecido para que servia.”

“Isto continuou durante três sólidos dias. Digo-vos que me estava a sentir frustrado. Mas também estava determinado, porque algo estava a tentar afastar-me. Queria saber o que era. Então, no dia a seguir, usei o meu pequeno pacote e localizei as coordenadas. Desta vez, no entanto, eu mantive-o à minha frente o tempo todo, observando aquele pequeno ponto brilhante. Pouco tempo depois, o terreno parecia estar a forçar-me a desviar o percurso. Eu teria que correr por dentro de um velho riacho com margens bastante íngremes para escalar. Eu desviava-me apenas para correr por entre galhos caídos das árvores ou por um precipício baixo. Tudo parecia estar empenhado a fazer-me desviar do caminho. Mas eu insisti. Escalei e corri. Prossegui por espinhos e pela vegetação mais abundante que já vira. Inclusive a gravidade parecia estar a trabalhar contra mim. Continuava a sentir que a terra se inclinava por baixo de mim, tentando lançar-me para fora dela. Nada disso estava a acontecer, claro, mas, contudo, era uma terrível sensação. Fiquei nauseado e inexplicavelmente zozinho. Mas prossegui na minha direcção, arrastando-me até o fim.”

“E então, subitamente, as sensações desapareceram. A floresta parecia voltar ao normal, ou pelo menos parecia assim naquele trecho de árvores. Prossegui. Dez minutos depois, encontrei-me, pela primeira vez, à beira da clareira com vista para o castelo. Fiquei deslumbrado, sem ter o que dizer. Mas o que era mais incrível para mim do que o castelo era a cena na qual eu estava quase incluído.”

“Ali, não a mais de seis metros de mim, estava o homem mais alto que eu já vira. Era quase como um urso grisalho a quem tinha sido ensinado a andar erecto. Mas, então, ao lado dele... — Pela primeira vez na sua história, Martin pausou. Engoliu em seco, obviamente abalado pela própria recordação. — Havia algo tão monstruosamente gigantesco que, a princípio, pensei que fosse uma espécie de dinossauro. Tinha quatro pernas, cada uma do tamanho de um pilar. Ergui os olhos e vi o que eram, de facto, duas criaturas próximas uma da outra, e ambas tinham forma humana. A cabeça do mais alto ultrapassava o topo das árvores. Nem sequer conseguia ver o rosto. Arrastei-me até um esconderijo, certo de que me tivessem ouvido, mas parecia não ter sido assim. O mais pequeno, o que parecia um urso andante, conversou com os outros dois, que responderam, de certa forma. As vozes fizeram o chão vibrar. Então, para meu horror, eles viraram-se e seguiram na minha direcção, para dentro da floresta. O pé do maior desceu exactamente ao meu lado, chocalhando a terra como uma bomba e deixando uma pegada de trinta centímetros de profundidade. Então, foram-se.”

Martin soltou um enorme suspiro, obviamente satisfeito com a sua maneira de contar a história.

— E aí foi quando eu soube que a tinha encontrado. A maior história da minha vida. Possivelmente, a maior deste século. — ele olhou em volta, como se esperasse ser aplaudido.

— Há um pequeno detalhe que não explicou, para minha satisfação. — disse a Directora McGonagall friamente. — Esse artefacto que mencionou. De alguma forma, foi capaz de lhe indicar a escola. Deve saber o que é e como funciona.

Martin ergueu as sobrancelhas, então riu-se e endireitou-se.

— Ah, sim. Aquilo. Agia de forma bastante instável desde que cheguei aqui, mas pelo menos mantinha o sinal. Um dispositivo GPS simples. Eh, perdoem-me, por favor. Provavelmente, não estarão familiarizados com o termo. É um dispositivo de sistema de posicionamento global. Permite que localize qualquer ponto na terra dentro de um metro ou mais. Muito útil. Um pouco, eh, de magia *muggle*, por assim dizer.

James falou pela primeira vez desde que entrara no aposento.

— Mas como localizou a escola? Como é que esse artefacto poderia saber onde a encontrar? Ela é indetectável. Não está em nenhum mapa.

Martin virou-se para o olhar, o cenho erguido, aparentemente inseguro se deveria dignar-se a responder a James. Finalmente, vendo que todos no aposento esperavam a sua resposta, Martin pôs-se de pé.

— Como eu disse, as coordenadas foram-me enviadas a mim. Foram fornecidas por alguém cá dentro. Realmente muito simples.

Martin pôs a mão no bolso das suas calças e retirou algo. James sabia do que se tratava antes mesmo de o ver. De alguma forma, sabia o que era mesmo antes de ter perguntado. O seu coração afundou pelo próprio chão.

Martin sacudiu um *GameDeck*. Era de uma cor diferente do que Ralph possuía, porém, do mesmo tipo. Colocou-o sem cerimónia sobre a escrivaninha da directora.

— Transmissão sem fios para competições em tempo real, incluindo capacidade para chat. Uma coisa bastante normal. Alguém aqui responde pela alcunha “Austramaddux”?



— Não pode fazer isso comigo! — exclamou Martin quando Neville o conduziu sem cerimónia para a Sala das Necessidades, que se equipou como uma cela de segurança máxima de janela com barras, uma cama, uma tigela com água e um pedaço de pão num prato. — Isto é uma prisão ilegal! É uma afronta!

— Encare isto como uma investigação de campo. — instruiu Neville, educadamente. — Temos muito para discutir, e depois das suas experiências na floresta, achamos que gostaria de uma pausa para respirar. Descanse, amigo.

James, que estava posicionado no corredor atrás de Neville, não pôde evitar sorrir um pouco. Martin viu-o, e uma expressão furiosa estampou-se no seu rosto, e empurrou Neville para passar por ele. Neville sacou da varinha de maneira tão veloz que James mal viu os seus mantos se agitarem.

— Eu disse — repetiu Neville com ênfase, sem apontar completamente a varinha para Martin. — para descansar. Amigo.

O sorriso de James hesitou. Nunca vira Neville Longbottom tão incandescente. Obviamente, James conhecia as histórias de como Neville cortara a cabeça da serpente de Voldemort, Nagini, mas isso acontecera antes de James ter nascido. Pelo que recordava de Neville, tratava-se de uma figura amável, com uma maneira suave de falar e um pouco desajeitada. Neste momento, a mão de Neville que empunhava a varinha estava tão imóvel e resoluta que parecia ser esculpida de mármore. Martin pestanejou em direcção a Neville, viu na postura do homem e na expressão do seu rosto algo que não gostava e recuou. A parte de trás dos seus joelhos atingiu a cama e sentou-se bruscamente. Neville devolveu a varinha ao bolso e retrocedeu para o corredor, fechando a porta da Sala das Necessidades atrás de si. Martin, não mais vendo a varinha, imediatamente saltou e começou a gritar novamente, mas a sua voz foi abafada quando a porta se fechou.

— Sabe que temos masmorras, senhora directora. — disse Neville na sua voz regular.

Vendo a porta fechada, a Directora McGonagall girou nos calcanhares e desceu o corredor levemente enquanto os outros a seguiam.

— Também temos instrumentos de tortura particularmente antigos, Professor Longbottom, mas acredito que isto basta por agora. Precisamos mantê-lo até recebermos uma ordem do Ministério da Magia sobre que medidas devemos ou não tomar contra o dilema que o Mr. Prescott nos impingiu. Entretanto, Mr. Potter, devo perguntar: sabes alguma coisa a respeito do dispositivo de jogos que, aparentemente, trouxe aquela... *pessoa* para o nosso meio?

James engoliu em seco enquanto esforçava-se para manter o passo da directora. Abriu a boca para responder, mas nada saiu.

— Eh, bem...

Neville apalpou o ombro de James enquanto caminhavam.

— Vimos o teu rosto empalidecer como a Lua quando o Prescott mostrou o dispositivo. Era como se esperasse aquilo. Existe algo que saibas que nos possa ajudar, James?

James concluiu que não havia razão para tentar proteger Ralph. De qualquer forma, não era sua culpa.

— O meu amigo tem um. Ele é um primeiro ano como eu, mas é nascido muggle. Ele não sabia que era perigoso ter o aparelho aqui. Na verdade, nenhum de nós sabia. Inclusive fiquei surpreso por funcionar aqui.

— Ele usou-o para comunicar com alguém na comunidade muggle? — perguntou Neville rapidamente.

— Não! Pelo que sei, nunca o usou! Assim que ele chegou aqui, os colegas de equipa dele viram-no e isso pô-o num monte de sarilhos. São Slytherin, então todos se irritam com dispositivos de falsa magia, e pelo facto de que isso é um insulto aos sangues puros e tudo mais.

A directora dobrou um canto, retornando em direcção ao seu escritório.

— Suponho que estejas a falar do Mr. Deedle? Sim. Tenho a certeza de que ele não é o cérebro desta conspiração em particular, apesar de que este dispositivo lhe possa pertencer. Talvez isso transmita alguma espécie de sinal?

James encolheu os ombros.

— É melhor perguntar ao Ralph sobre isso, ou então para o meu outro amigo, Zane. Ele parece saber bastante sobre como estas coisas funcionam. Mas não acho que esse aparelho envie informações por si só. O Ralph disse que outra pessoa tirou o seu *GameDeck* e o usou. Achavamos que tenha sido outro Slytherin. O Zane pôde comprovar que alguém passou algum tempo com ele e utilizou o nome Austramaddux. Mas não jogaram no aparelho. Devem tê-lo utilizado apenas para enviar a informação. Provavelmente as coordenadas que o tipo disse que usou para localizar a escola com aquela coisa chamada de GPS.

— Tens bastante certeza disso, James? — disse Neville, seguindo a directora de volta ao escritório. — Consideraste que o Mr. Deedle pode ter usado esse artefacto nos terrenos escolares e involuntariamente compartilhado informações que não deveria? É possível que essa história sobre o *GameDeck* seja uma artimanha.

James sacudiu a cabeça firmemente.

— De jeito algum. Não o Ralph. Nunca lhe ocorreu, ou qualquer um de nós, que aquela coisa poderia ser usada para trazer alguém para aqui. Ele só sabia que aquilo fez com que os seus colegas Slytherin ficassem furiosos.

— Estamos a esquecer-nos de algo importante. — disse McGonagall, deixando-se cair cansadamente sobre a sua cadeira. — Mesmo se o Mr. Deedle ou esse desconhecido que tomou emprestado o dispositivo tentasse compartilhar informação sobre esta escola com um muggle, o Voto do Sigilo os impediria.

O Professor Franklyn, que permanecera no escritório da directora a observar o *GameDeck*, recolocou o artefacto sobre a escrivaninha e encarou-o, aparentemente incapaz de entender qualquer coisa a respeito do dispositivo.

— Como é que esse voto funciona, precisamente, professora?

— É bastante objectivo, professor. Cada estudante deve firmar o voto, declarando que não revelarão propositalmente qualquer informação relacionada à existência de

Hogwarts a qualquer sujeito ou agência muggle. Se o fizerem, as propriedades mágicas do voto irão mobilizar-se, impedindo qualquer comunicação. Isso pode ter em vista a maldição Trava-Língua ou qualquer outra maldição que incapacite a habilidade do indivíduo de compartilhar informação. Neste caso, podemos supor que o usuário do artefacto pode ter sentido fusão dos seus dedos ou paralisia das mãos, qualquer coisa que o impedisse de inserir qualquer informação perigosa nesse artefacto.

Franklyn estava pensativo.

— Utilizamos meios similares em Alma Aleron. A formulação de palavras do voto devem ser muito específicas, obviamente. Sem lacunas. Ainda assim, é aparente que alguém, de facto, foi capaz de usar um dispositivo para comunicar informação bastante específica sobre esta escola. Suponho que cada um desses dispositivos de jogos está equipado com um rastreio que responde ao mecanismo de posicionamento global do qual o Mr. Prescott nos falou. Ao que tudo indica, seja lá quem utilizou o dispositivo do Mr. Deedle era capaz de enviar as coordenadas geográficas de um *GameDeck* a outro. O Mr. Prescott meramente precisou de inserir a informação no seu dispositivo GPS e seguiu-a muito cuidadosamente. Apesar da natureza muggle óbvia do Mr. Prescott, isso fez dele uma espécie de guardador secreto casual. Ele pode, se assim desejar, compartilhar o segredo da localização desta escola com qualquer pessoa que desejar. No entanto, se poderão ultrapassar a zona de indetectabilidade desta escola é outra questão. Nem todos são tão persistentes como ele. Isso pode explicar porque ele precisa da nossa ajuda para trazer os seus acompanhantes até aqui.

— Obviamente, não podemos permitir que tal coisa venha a acontecer. — disse Neville, olhando para a directora.

— Não estou inteiramente certa de que podemos impedir isso. — disse ela expressivamente. — O nosso Mr. Prescott é, sem dúvida, um indivíduo extremamente tenaz. Ele já sabe o suficiente para nos causar grandes danos. Mesmo se descobríssemos o paradeiro da sua equipa, apagar as suas memórias e mandá-los de volta para onde vieram, encontrariam as gravações de tudo o que o Mr. Prescott viu até agora. Inevitavelmente, ele retornaria, e talvez da próxima vez, ocorreria-lhe trazer câmaras ao vivo em vez de apenas um telefone. Não vejo refúgio excepto permitir que ele continue com a sua investigação e esperar convencê-lo a não a transmitir.

Neville sacudiu a cabeça.

— Tenho mais certeza de que podemos convencer os sereias a viver fora do lago do que convencer este imbecil ridículo a não transmitir a sua grande história.

Franklyn ajustou os seus pequenos óculos e olhou para o tecto.

— Certamente, existem mais, eh, métodos *substanciais* de tratar com este tipo de situação, Senhora Directora. Poderíamos, simplesmente, lançar a Maldição Imperius sobre o Mr. Prescott. Dessa forma, poderíamos fazer com que o Mr. Prescott removesse a sua equipa e, inclusive, acompanhá-lo de volta aos seus gabinetes e ajudá-lo a destruir qualquer coisa que recordasse a sua visita. Uma vez que isso fosse consumado,

poderíamos sentir-nos livres para apagar a memória do Mr. Prescott sem temer que repita a sua façanha.

McGonagall suspirou.

— Essa não é o tipo de decisão que estamos exactamente autorizados a tomar, e, francamente, fico feliz por isso. O Ministério da Magia foi notificado sobre a situação e asseguro que eles nos instruirão adequadamente como prosseguir dentro de uma hora. Espero notícias directamente do teu pai, Mr. Potter, a qualquer momento.

Como se no momento exacto, uma voz feminina pronunciou-se da lareira.

— Saudações. Este é um comunicado oficial do Ministério da Magia. Posso assegurar que esta é uma reunião segura?

McGonagall colocou-se de pé e rodeou a sua escrivaninha para ficar diante da lareira.

— Sim. Estes que estão comigo são as únicas pessoas conscientes do que está a ocorrer, embora a escola inteira saiba que temos um indivíduo muggle entre nós. A sua entrada não foi propriamente subtil.

O rosto nas brasas esvoaçantes da lareira da directora olhou para Neville, James e para o Professor Franklyn.

— Sou a subsecretária da Miss Brenda Sacarhina, co-presidente do Conselho de Relações Internacionais. Estejam prontos para serem contactados. — o rosto desapareceu.

James viu o rosto de McGonagall enrijecer quando a subsecretária mencionou a Miss Sacarhina. Passaram-se apenas alguns segundos antes do rosto empertigado da mulher aparecer na lareira.

— Saudações, Mrs. McGonagall, Professor Franklyn e Longbottom. E jovem Mr. Potter, claro. — um sorriso lisonjeador surgiu nos lábios de Sacarhina quando falou a James. O sorriso desapareceu quase tão repentinamente quanto surgiu, como se fosse algo que pudesse apagar e acender como uma luz. — Conversamos sobre a situação que se estende sobre vocês e chegamos a uma conclusão. Como devem supor, estamos preparados para este tipo de contingência. Por favor, diga ao Mr. Prescott que ele pode contactar os seus sócios. Consideramos que não existe saída a não ser permitir que a sua investigação prossiga, contudo, mais ninguém está permitido a entrar nos terrenos de Hogwarts até que uma delegação do Ministério chegue para os inspeccionar. Chegaremos amanhã à tarde a qualquer momento, e assumiremos todas as negociações com o Mr. Prescott e a sua equipa.

— Miss Sacarhina, — disse McGonagall. — está a sugerir que o Ministério pode permitir que este homem realize a sua investigação e a transmita ao mundo muggle?

— Lamento, Mrs. McGonagall, — disse Sacarhina com doçura. — não pretendia insinuar isso, ou qualquer outra coisa. Pode descansar tranquila confiando que estamos preparados para tratar desta situação, seja qual for o método que escolhermos. Eu odiaria sobrecarregá-la com mais detalhes do que já foi forçada a suportar.

O rosto da directora ficou rosado.

— Sobrecarregue-me, Miss Sacarhina, pois posso prometer-lhe que o futuro desta escola e dos seus estudantes dificilmente é o tipo de detalhe que estou propensa a dispensar.

Sacarhina sorriu levemente.

— Minha cara Minerva, suspeito que o futuro de Hogwarts, dos estudantes, e de você mesma, está seguro como sempre. Como mencionei, estamos preparados para este tipo de contingência. O Ministério está preparado.

— Perdoe-me, Miss Sacarhina, — interrompeu Franklyn, dando meio passo à frente. — mas pretende que acreditemos que o Ministério da Magia preparou contingências para um repórter investigativo muggle que penetre a escola de Hogwarts com uma equipa pronta com câmaras e com intenções de transmitir os segredos do mundo mágico para todos os muggles?

O sorriso complacente de Sacarhina apertou-se.

— Acredite, Mr. Franklyn, que o Ministério preparou técnicas de reações de emergência para lidar com uma variedade de confrontos. Os detalhes não importam.

— Permita-me discordar, senhorita. Os detalhes desta ocorrência revelaram uma falha de segurança particularmente grande que poderia, neste momento, ser aproveitada por qualquer um, praticamente. Esta escola não pode mais ser considerada segura até que essa falha seja reparada.

— Cada coisa a seu tempo, professor. Apreciamos a sua preocupação, mas asseguro que estamos inteiramente preparados para lidar com o problema em toda a sua extensão. Contudo, se sente que a sua segurança e a do seu pessoal está em risco, talvez poderíamos providenciar a sua partida antecipada. Isso nos causaria um grande desapontamento e seria um inconveniente para a escola...

— A minha preocupação, Miss Sacarhina, — disse Franklyn calmamente, retirando os seus óculos. — é pela segurança de todos entre estas paredes, e pela segurança dos mundos mágico e muggle em geral.

— Outra vez essa hipérbole. — sorriu Sacarhina. — Por favor, tranquilizem-se todos vocês. Eu, juntamente com o Mr. Recreant, chegaremos amanhã. Nós nos encontraremos com esse Mr. Prescott e estou bastante confiante... positivamente, inclusive... que chegaremos a um acordo mútuo amigável. Não se preocupem mais com isso.

— E o meu pai? — perguntou James.

Sacarhina pestanejou, aparentemente perplexa.

— O teu pai, James? O que queres dizer?

— Bom, não acha que ele deveria estar aqui juntamente consigo e com o Mr. Recreant?

Sacarhina mostrou o seu sorriso insinuante novamente.

— Porquê? O teu pai é o chefe do Departamento de Aurors, James. Não há magia das trevas envolvida nesta infeliz série de circunstâncias, pelo que sabemos. Não há razão para incomodá-lo com isto.

— Mas ele lidou com este homem antes. — disse Neville. — Ele e James viram-no no campo de Quidditch no ano passado e liderou uma busca para tentar capturá-lo.

— E fez um óptimo trabalho. — disse Sacarhina, o seu sorriso desaparecendo rapidamente. — Naquele momento, era a sua obrigação. Contudo, como devem compreender, é uma questão diplomática. As habilidades do Mr. Potter podem ser variadas, mas a diplomacia não é uma delas. Além disso, o Mr. Potter está actualmente numa missão e não pode ser incomodado. Nós, contudo, somos especialistas neste tipo exacto de negociação. Eu mesma e o Mr. Recreant arranjaríamos outro embaixador para se juntar a nós. É especialista em relações mágico-muggles. Esperamos que ele lidere as nossas negociações como o Mr. Prescott e a sua equipa, e confiamos plenamente que servirá ambas as partes por igual.

McGonagall acenou a sua mão depreciativamente.

— O que faremos com o Mr. Prescott até à sua chegada, Miss Sacarhina?

— Que o mantenha confortável. Permita que ele faça a sua chamada telefónica. A partir daí, que seja como queira.

— Certamente, não quer dizer que lhe permitamos livre acesso à escola. — disse a directora, como se fosse mais uma declaração que uma questão.

Sacarhina pareceu fazer um gesto de indiferença na lareira.

— Qualquer perigo que ele possa apresentar a observar é certamente menor que o o perigo que poderia oferecer caso trouxesse acusações muggles legais contra nós. Devemos, por enquanto, tratá-lo como um convidado. Além disso, parece que ele já viu muito.

A expressão de McGonagall estava ilegível.

— Muito bem, então. Boa tarde, Miss Sacarhina. Aguardaremos a sua chegada amanhã.

Sacarhina sorriu novamente.

— Sem dúvida. Até lá.

O rosto desapareceu no fogo. A directora estendeu a mão para pegar no seu atizador e empurrou-o cuidadosamente nas brasas por vários segundos, espalhando-as até que não permanecesse nenhum indício do rosto. Ela repôs o atizador no seu lugar, virou as costas para o fogo, e disse:

— Conversa fiada de burocrática intolerável.

— Ficarei encantado em alojar o Mr. Prescott nos aposentos de Alma Aleron. — disse Franklyn, repondo os óculos. — De qualquer forma, preferiria observá-lo de perto. Suspeito que podemos mantê-lo ocupado o suficiente para impedir que cause mais problemas.

— Não gosto nada disto. — disse Neville, ainda observando a lareira. — O Harry deveria estar aqui. Prescott, obviamente, não é um feiticeiro das trevas, mas há algo extremamente estranho no modo como chegou até aqui. Alguém o conduziu até aqui, e, de alguma maneira, essa pessoa contornou o Voto do Sigilo. Não me importa o que Sacarhina diz, sinto-me melhor tendo um aurore decente a ocupar-se disso.

A directora abriu a porta.

— Isto está fora do nosso controlo. Professor Franklyn, a sua ideia é ótima como qualquer outra. Vamos escutar o Mr. Prescott até aos aposentos de Alma Aleron. E apesar do que a Miss Sacarhina possa acreditar, é preferível que mantivéssemos o Mr. Prescott bastante ocupado nas próximas vinte e quatro horas. Quanto menos tempo ele tiver para explorar a escola, melhor. Mr. Potter, por favor sintase livre de retornar às suas aulas, e embora eu suspeite que não posso pedir que fale sobre tudo com o Mr. Walker ou Mr. Deedle, ficaria bastante feliz se não falasse a mais ninguém. *Especialmente* a Ted Lupin ou Noah Metzker.

Quando James seguia os adultos para fora do escritório, uma voz sussurrante, vinda da parede, falou com ele.

— Amanhã será um dia cheio, Potter.

James deteve-se e lançou um olhar furtivo para o retrato de Severus Snape, sem estar completamente certo do que ele queria dizer.

— Acho que sim. Pelo menos para a directora e toda a gente.

Os olhos negros de Snape fitaram-no.

— Responda-me honestamente, Potter: ainda estás confiante na ilusão de que Tabitha Corsica possui o bastão de Merlin?

— Ah, — disse James. — diga o que quiser, mas faz sentido. Nós o tiraremos dela, também, de uma maneira ou de outra.

Snape falou rapidamente.

— Não sejas tolo, Potter. Entrega o que tens. Entrega à directora. Certamente, sabes o quão perigoso é manter o manto relíquia, especialmente agora.

James pestanejou.

— Porquê? O que acontece agora? Tem alguma coisa a ver com este tal Mr. Prescott?

Snape olhou com desespero para James.

— Não percebe, então. — suspirou ele. — Existe uma boa razão para que o teu pai, tolo como ele é, não acompanhar a delegação de amanhã. Mesmo dentro do Ministério da Magia, há membros do Elemento Progressivo, embora eles não se refiram a si próprios por esse nome. Sacarhina é um deles. Recreant pode ser também, embora não esteja realmente no comando. Ou a Sacarhina se está a aproveitar de uma coincidência bastante suspeita ou planeou tudo desde o princípio.

— Quê? O que é que ela está a planear? — perguntou James, baixando a voz e aproximando-se do retrato.

— Os detalhes não são importantes. Tudo o que importa é que a menos que protejas o manto de Merlin até amanhã, provavelmente tudo estará perdido.

— Mas ela está *protegida*. — respondeu James. — Nós já a capturamos. Sabe disso. Temos que conseguir o bastão de Merlin agora.

— Esquece o bastão! — assobiou Snape com fúria. — Estás a permitir-te manipular! Se eu tivesse a mais ligeira esperança de que serias melhor que o teu pai, já te teria lhe ensinado Oclumância. Quando te digo para proteger o manto, significa que deves entregá-la àqueles que sabem como lidar com ela, não somente escondê-la. O inimigo possui as outras duas relíquias. O manto *deseja* estar junto delas. Não serás capaz de impedir isto, Potter. Não sejas um tolo arrogante como foi o teu pai!

James olhou-o com uma expressão de fúria.

— O meu pai *nunca* foi arrogante e tolo como acha que ele era, nem eu. Não tenho que o escutar. Além disso, o alinhamento dos planetas não é amanhã. Será na noite seguinte. O próprio Zane me contou.

Snape sorriu maliciosamente.

— Tão confiantes. Por favor, digam-me como o Mr. Walker conseguiu esta informação?

— Ele está no Clube de Astronomia. — respondeu James, furioso. — Madame Delacroix andou a usar toda a gente no clube para a ajudar a especificar o tempo exacto do alinhamento.

— E nunca lhes ocorreu que ela, deliberadamente, teria alterado a informação apenas o suficiente para enganar aqueles tão ignorantes para notar? Ela já sabia o *dia* do alinhamento desde o ano passado. Precisava de ajuda apenas para averiguar a *hora*. Inclusive percebeste o envolvimento dela na conspiração de Merlin. Esperas que ela desejaria dúzias de estudantes observadores de estrelas a formigar os terrenos na noite exacta em que ela planeia escapar para facilitar o retorno do feiticeiro mais perigoso de todos os tempos?

James sentiu-se envergonhado. Claro que ela não iria querer aquilo. Apenas não tinha pensado sobre isso. Abriu a boca para falar, mas não pôde pensar em nada pra dizer. Snape continuou.

— Ela enganou todos quanto o dia exacto. A Encruzilhada dos Anciões não ocorrerá quinta à noite, mas na quarta-feira. Amanhã, Potter. Foste ludibriado, e permaneces assim. Não há tempo para mais nenhuma ilusão de grandeza. Deves entregar o manto relíquia. Senão, falharás e os nossos inimigos terão êxito nos seus planos.

— James? — era Neville. Pôs a sua cabeça para o interior da entrada do escritório da directora. — Ao que parece, perdemos-te. Esqueces-te de algo?

A mente de James corria a toda velocidade. Olhou palidamente para Neville durante alguns segundos, e finalmente recompôs-se.

— Eh, não. Não, desculpe, eu estava apenas... a pensar alto.

Neville lançou um olhar para o retrato de Snape, que sorriu e cruzou os braços.

— Prossiga, Longbottom, e leve o rapaz consigo. Ele não me serve para nada.

Neville assentiu.

— Vem, James. Ainda podes assistir às aulas da tarde se correres. Vou contigo e explicarei o teu atraso.

James deixou o aposento junto a Neville, somente pensando sobre o que Snape lhe dissera. Tinham apenas um dia, um dia para tirar o bastão de Merlin de Tabitha. Um dia antes que a Encruzilhada dos Anciões ocorresse, e no mesmo dia em que Sacarhina viria negociar com Prescott. Enquanto descia as escadas móveis em espiral e saiu para o corredor abaixo, ocorreu a James que Snape estava certo sobre um facto: amanhã, sem dúvida, seria um dia bastante cheio.

— CAPÍTULO 16 —

O Desastre do Bastão de Merlin



Na manhã seguinte, James, Ralph e Zane entraram no Salão Principal para tomar o pequeno almoço, e dirigiram-se decididamente para o canto mais afastado da mesa dos Gryffindor.

— Tens a certeza disto? — perguntou Ralph enquanto atravessam o corredor. — Não poderemos voltar atrás depois disto, tu sabes.

James pressionou os lábios, mas não respondeu. Juntaram-se a Noah, Ted e ao resto dos Gremlins, que estavam sentados indiscretamente num apertado nó.

— Ah, o grande homem — anunciou Ted quando James se apertou entre ele e Sabrina. — Estamos a fazer apostas sobre porque nos pediste para que nos reuníssemos contigo durante o pequeno almoço. O Noah acha que queres unir-te oficialmente às fileiras dos Gremlins, pelo que preparamos uma série de dolorosos desafios que terás que completar. O meu favorito é aquele em que pões o velho vestido de gala da Sabrina e te passeias pela escola a cantar o hino de Hogwarts tão alto quanto puderes. Há muitos

mais, ainda que os desafios do Damien tendam a envolver demasiados lances e mostarda para o meu gosto.

James fez uma careta.

— Para ser honesto, o motivo pelo qual vos pedi que viessem é que o Ralph, Zane e eu temos algo a pedir-vos.

Num gesto louvável, nenhum dos Gremlins pareceu surpreender-se. Simplesmente inclinaram-se um pouco mais para a frente enquanto continuavam a comer. James não sabia exactamente por onde começar. Tinha-se levantado nessa manhã com o simples entendimento de que, sozinhos, ele, Ralph e Zane não poderiam obter com sucesso o bastão de Merlin em apenas um dia. Não tinham plano algum. O retrato de Snape tinha servido de alguma ajuda, mas Snape nem sequer acreditava que Tabitha Corsica tivesse o bastão. Então, a quem poderiam recorrer? Agiu seguindo o seu primeiro impulso. Poderia recorrer ao único grupo de pessoas que era perito na subtil arte do caos e travessuras em toda a escola. Poderia levar algum tempo a mais a explicar tudo a Ted e aos seus companheiros Gremlins, e inclusive se ele conseguisse, poderia ser que ainda que não concordassem em ajudar, mas esta era a sua melhor e última esperança. James suspirou pesadamente e olhou fixamente para o seu copo de sumo de abóbora.

— Precisamos de ajuda para... para pedir algo *emprestado*.

— Algo *emprestado*? — repetiu Noah, com a boca cheia de torradas. — O quê? Dinheiro? Uma chávena de açúcar? Um corte de cabelo decente? Isso não soa como se precisasses da nossa ajuda, exactamente.

— Cala-te, Metzker — disse Ted suavemente. O que é que desejas “pedir emprestado” James?

James suspirou fundo e simplesmente soltou o que queria.

— A vassoura de Tabitha Corsica.

Damien tossiu o seu sumo. Os outros Gremlins olharam para James com os olhos arregalados. Todos excepto Ted.

— Para quê? — perguntou Sabrina em voz baixa. — Esta tarde é a final entre os Ravenclaw e Slytherin. É isso? Estás a tentar arruinar as chances dos Slytherin? Admito que há algo altamente suspeito naquela vassoura, mas fazer batota não é exactamente o teu estilo, James.

— Não! Não tem nada a ver com o jogo — disse James, e logo gaguejou. — É muito complicado para explicar. E não posso falar de algumas coisas. A McGonagall pediu-me que não o fizesse.

— Diz-nos o que podes então. — disse Petra.

— Está bem! Zane, Ralph, ajudem-me. Lembrem-me do que eu me esquecer. Vai parecer uma loucura, mas cá vai.

Entre os três, explicaram toda a história da conspiração de Merlin, desde o primeiro vislumbre da sombra de Madame Delacroix no lago, à aventura na Fortaleza

da Gruta, terminando com o misterioso confronto de Ralph e James com a horripilante dríade que exigia o manto de Merlin. Tiveram que voltar atrás então, e explicar como tinham capturado manto tirando-o do professor Jackson. James estava preocupado que a história estivesse tão fragmentada que os Gremlins não fossem capazes de a entender. Ted escutava atenciosamente o tempo todo, simplesmente comendo e observando quem quer que estivesse a falar. O resto dos Gremlins fazia perguntas esclarecedoras e respondiam com uma mistura de cepticismo, pavor e animação.

— Estiveram a trabalhar nesse plano o ano todo e só agora nos falam isso? — perguntou Damien, semicerrando os olhos.

— Como já disse, a McGonagall advertiu-nos para que não contássemos a ninguém sobre a Fortaleza da Gruta — disse James fervorosamente. — E de qualquer forma, estávamos preocupados que não acreditassem no resto. Até nós demoramos a acreditar na maior parte. Durante um tempo, pelo menos. Então, o que acham?

— Estou confusa — disse Sabrina, franzindo o cenho. — isto tudo parece bastante complicado. Uma coisa é disparar fogos de artifício Weasley durante o debate, mas outra muito diferente é roubar a vassoura duma das mais proeminentes, e, francamente, pavorosas bruxas da escola. Isso é roubar, é o que isso é.

— Só é roubar se o que dizemos não for verdadeiro — justificou Zane. — Se a vassoura de Tabitha é o bastão de Merlin, então realmente não lhe pertence. Não sabemos de quem é, mas não importa, *ela* deve tê-lo roubado de alguém para ela própria.

Damien não parecia muito convencido.

— Mesmo que ela tenha roubado, nós seríamos os únicos que poderiam saber disso. Se ela nos arrastar ao escritório da McGonagall reclamando que lhe roubamos a vassoura, o que diríamos? Tudo bem porque ela roubou a vassoura doutra pessoa, não sabemos quem, e além disso, a vassoura é realmente o bastão do feiticeiro mais poderoso de todos os tempos, então estaríamos apenas a fazer um favor ao mundo ao tirar a vassoura das mãos de Corsica? *Aquilo* voa como uma coruja morta.

— Bem, por que não? — interveio. — Se é verdade, é verdade.

— E isso vem da boca dum Slytherin — disse Noah, com um sorriso ladeado.

— O que quer isso dizer? — disse Ralph, enrijecendo a mandíbula.

James sacudiu a cabeça.

— Está tudo bem, Ralph. Ele está a provocar-te. A questão é que, mesmo se isso for verdade, não poderíamos provar. Não digo que não entraremos em apuros por isto. Posso apenas dizer que se *for* verdade, então levar-nos ao escritório de McGonagall e acusar-nos de ladrões será a menor das nossas preocupações. Não posso pedir a nenhum que se envolvam nisto, se não o quiserem. É arriscado. Podemos meter-nos num monte de problemas. Inclusive podemos fracassar, apesar dos nossos melhores esforços.

— Espera um minuto — disse Noah. — é com os Gremlins que estás a falar.

Petra sentou-se erguida e olhou para o grupo.

— A questão é que se o James, Zane e Ralph estiverem errados, saberemos de manhã. Se 'levarmos emprestada' a vassoura da Corsica, podemos devolvê-la, de alguma forma. Provavelmente de forma anónima. Se não houver danos, não haverá punições. Toda a gente pensaria que foi só uma brincadeira de Quidditch, não é? Mas, se esta história é verdadeira, e a vassoura é realmente o bastão de Merlin, então ninguém arrastará a ninguém para o escritório da directora.

— Porque não? — perguntou Sabrina, interessada.

— Porque a Tabitha seria quem mais entraria em apuros — respondeu Noah com ponderação. — Se ela faz parte de alguma grande conspiração de Merlin e fracassa com o bastão, ficará metida em sérios problemas com os seus colegas. Pessoas como estas não tendem a perdoar, sabes. Pode ser que nunca mais a vejamos.

— Não creio que teremos essa sorte — resmungou Petra.

Ted remexeu-se.

— Prestem atenção, todos vocês. Tudo isto é muito bom, mas no que me diz respeito, só há uma coisa para decidir. Podemos confiar em James? Não conheço o Zane e o Ralph muito bem, mas cresci com o James. Às vezes pode ser um atrevidinho repugnante, mas sempre foi honesto. E além disso, é filho do meu padrinho. Lembrem-se daquele tipo, certo? Estou disposto a aceitar um pouco de risco por ele. Não porque seja da família, mas porque é um Potter. Se ele diz que há uma batalha na qual vale a pena lutar, estou inclinado a acreditar nele.

— Bem dito, colega — disse Noah seriamente, dando palmadas nas costas de Ted.

— E além disso, não esqueçamos que isso implica o benefício de afectar a Tabitha Corsica.

— E talvez afectar o equilíbrio do jogo desta noite — admitiu Sabrina.

— E talvez poderíamos derrubá-la de alguma forma da vassoura quando estiver bem alto! — sorriu Damien de forma asquerosa.

— Isso digo eu! — exclamou Zane.

— Vocês são todos loucos — disse Petra, censurando. — São tão perversos quanto ela.

— Não queremos *matá-la* — replicou Zane em tom magoadado. — Só queremos vê-la aterrorizada a despenhar-se alguns metros. Ridcully levitá-la-ia no último momento, assim como o Ralphinator fez com James. sinceramente, deves achar que somos monstros.

— Estamos todos de acordo, então? — perguntou Ted para o grupo. Todos assentiram e murmuraram em concordância.

— Tudo é maravilhoso e isso — disse Ralph. — mas como vamos fazer?

Ted recostou-se e ergueu os olhos para o tecto encantado do Salão Principal, acariciando o queixo. Então, sorriu lentamente.

— Alguém sabe como estará o tempo esta tarde?



Era muito pouco o que o grupo precisava fazer para se preparar. Após o almoço, Sabrina e Noah dirigiram-se aos porões para falar com os elfos domésticos. James e Ted, ambos com horário livre pela tarde, passaram algum tempo na biblioteca a estudar uma colecção de livros gigantescos sobre feitiços atmosféricos e encantamentos climáticos.

— Esse é o departamento da Petra, a sério — lamentou Ted. — Se ela não estivesse ocupada a tarde toda com Adivinhação e Runas, sairíamos muito melhor.

James olhou para as suas notas.

— Mas parece que temos o que precisamos, não?

— Eu acho que sim — replicou Ted lentamente, folheando algumas páginas enormes. Um minuto depois, ergueu os olhos para James. — Foi realmente muito difícil para ti pedir ajuda, certo?

James olhou para Ted e encarou-o, depois afastou o olhar para uma janela próxima.

— Um pouco, sim. Não sabia se poderia explicar. Não tinha certeza se algum de vocês acreditaria.

Ted ergueu a sobrancelha.

— Isso é tudo? — animou.

— Bem... — começou James, e logo se deteve. Ele brincou com sua pena. — Não, acho que não. É só que parecia... parecia algo que eu devesse fazer sozinho. Quer dizer, com a ajuda de Zane e Ralph, é claro. Eles estavam envolvidos desde o começo. Mas mesmo assim. Eu tinha a impressão de que nós os três seríamos capazes de enfrentar tudo isto. Que nós nos sairíamos bem. Era como se... — deteve-se, percebendo o que estava prestes a dizer, surpreso por isso.

— Como o quê? — perguntou Ted.

James suspirou.

— Um fracasso. Como se nós os três não pudéssemos ser capazes de fazer isto sozinhos, nós falharíamos, de alguma maneira.

— Os três. Como o teu pai, Ron e Hermione, queres dizer.

James lançou um olhar severo para Ted.

— O quê? Não... não — disse, mas de repente não estava seguro.

— Estava apenas a dizer, — replicou Ted. — Faz sentido. Era como o teu pai fazia. Era o único a arrastar toda a responsabilidade do mundo sem compartilhar a carga com mais ninguém. Ele, Ron e Hermione. Sempre havia muita gente ao redor,

prontas e dispostas a ajudar, e algumas vezes o faziam, mas não até que eles se viam forçados a agir. — Ted encolheu os ombros.

— Parece o Snape — disse James, mantendo o nível da sua voz. Sentia-se desconfortavelmente vulnerável, de repente.

— Bom, talvez o Snape tivesse razão, às vezes — disse Ted suavemente. — mesmo que ele fosse um velhote oleoso e trapaceiro na maioria das vezes.

— Sim, bem, diz mal dele — disse James, surpreendido ao sentir um aguilhão de lágrimas. Pestanejou para se desfazer delas. — Ele deu muita ajuda, certo? A espreitar por aí, a trabalhar para ambos os lados, sem nunca deixar claro onde residia realmente a sua lealdade até que foi tarde demais. Não se pode culpar realmente o meu pai por não confiar nele, não é? Então eu não confio nele também. Talvez o meu pai tenha feito a maior parte das coisas somente com a tia Hermione e o tio Ron. Era tudo o que ele precisava, certo? Eles venceram. Encontrou duas pessoas nas quais podia confiar tudo. Bom, eu encontrei-as também. Tenho o Ralph e o Zane. Então talvez achei que podia ser tão bom quanto o meu pai. No entanto, não sou. Preciso de alguma ajuda. — Havia mais coisas que James queria dizer, mas deteve-se, inseguro se poderia continuar.

Ted olhou para James por um longo e pensativo momento, e em seguida, inclinou-se para a frente, descansando os cotovelos sobre a mesa.

— É difícil viver à sombra do teu pai, não é? — disse. James não respondeu. Um momento depois Ted continuou. — Eu não conheci o meu pai. Morreu aqui mesmo, nos terrenos da escola. Ele e mãe, os dois. Estiveram na Batalha de Hogwarts, tu sabes. Qualquer um pensaria que é difícil sentires-te ressentido com pessoas que nunca se conheceu, mas podes. Estou ressentido por eles terem morrido. Às vezes sinto-me ressentido com eles por estar aqui para começar. Quer dizer, em que estavam a pensar? Os dois a lançar-se no meio duma grande batalha, deixando o seu filho sozinho em casa. Chamarias a isso responsabilidade? Claro que não. — Ted olhou pela janela, como James fizera um minuto antes. Depois suspirou. — Ah, bem, na maior parte das vezes, no entanto, estou orgulhoso deles. Alguém disse uma vez que, se não tens algo pelo que valha a pena morrer, realmente não viveste. A mãe e o pai tinham algo pelo qual valeu a pena morrer, e eles o fizeram. Eu perdi-os, mas ficou uma herança. Uma herança é algo que vale a pena, não é? — olhou para James de novo por cima da mesa, procurando o seu rosto. James assentiu, inseguro sobre o que dizer. Finalmente Ted encolheu os ombros um pouco. — A razão de eu te ter falado disso, bem, é que o meu pai deixou-me algo mais.

Ted ficou em silêncio durante quase um minuto, pensando, aparentemente debatendo consigo mesmo. Finalmente, falou de novo.

— O meu pai era um lobisomem. Suponho que é tão simples quanto isso. Não sabias, certo?

James tentou não deixar transparecer, mas estava bastante surpreso. Ele sabia que havia algum segredo a respeito de Remus Lupin, algo que nunca lhe tinham explicado,

ou sequer mencionado directamente. Tudo o que James sabia com certeza era que Lupin fora um grande amigo de Sirius Black e James Potter, e dum homem chamado Peter Pettigrew, que no final traíra todos. James sabia que Lupin dera aulas em Hogwarts quando o seu pai estava na escola, e que ensinara o seu pai a convocar o seu Patronus. Fosse qual fosse o segredo do passado de Remus Lupin, não podia ter sido nada terrivelmente sério, ponderou James. Pensara que, talvez, o pai de Ted tivesse estado em Azkaban durante um tempo, ou que alguma vez se envolvera com as artes das trevas quando era jovem. Nunca lhe passara pela cabeça que Remus Lupin pudesse ter sido um lobisomem.

Apesar da intenção de James de disfarçar a surpresa, Ted viu o seu rosto e assentiu.

— Sim, que segredo. O teu pai contou-me toda a história há alguns anos atrás, quando já estava bastante crescido para compreender. A avó nunca fala disso, nem sequer agora. Acho que ela tem medo. Não tanto pelo que era, mas... bem, pelo que poderia ser.

James estava um pouco apreensivo para perguntar.

— E o que poderia ser, Ted?

Ted encolheu os ombros.

— Sabes o que acontece com os lobisomens. Só há duas formas de se te tornares um. Podes ser mordido por um, ou podes nascer assim. Obviamente, ninguém sabe realmente o que acontece quando somente a mãe ou o pai é um lobisomem. O teu pai diz que o meu pai ficou muito chateado quando descobriu que a minha mãe estava grávida. Estava assustado, sabes? Não queria que o seu filho fosse como ele, que crescesse como um excluído, amaldiçoado e odiado. Achava que não se devia ter casado nunca com a minha mãe, porque ela queria filhos, mas ele temia passar-lhes a maldição. Bem, quando nasci, suponho que todo a gente soltou um grande suspiro de alívio. Era normal. Inclusive tenho o dom de metamorfose herdado da minha mãe. Dizem que a cor do meu cabelo estava sempre a mudar quando era bebé. Isso arrancava muitas gargalhadas, a minha avó sempre diz. Ainda hoje posso fazê-lo, e algumas outras coisas também. No entanto não o faço normalmente. Uma vez que és conhecido por coisas como esta, é difícil que te conheçam por muito mais, não sei se sabes o que quero dizer. Então, suponho que o pai morreu sentindo-se um pouco melhor por me ter tido. Morreu a saber que eu era normal, mais ou menos. Fico feliz por isso — Ted estava a olhar pela janela novamente. Respirou fundo, e depois voltou a olhar para James. — O Harry falou-me de como o teu avô James, Sirius Black e Pettigrew costumavam sair com o meu pai quando ele mudava, como se transformavam em animais e o acompanhavam pelo campo com a Lua cheia, protegendo-o do mundo e o mundo dele. Inclusive comecei a pensar que era tudo uma espécie de aventura romântica, como os muggles estúpidos que lêem histórias de lobisomens onde eles são bonitos, sedutores e misteriosos. Quase comecei a *desejar* ter herdado essa coisa do lobisomem depois de tudo. E então... — Ted

deteve-se e pareceu lutar consigo mesmo por um momento. Baixou a voz e prosseguiu. — Bem, a questão é que ninguém sabe realmente como funciona essa coisa de lobisomens, certo? Eu nunca dediquei um segundo a pensar nisso. Mas no ano passado... no ano passado comecei a ter insónias. Não é grande coisa, é? Excepto que não era uma insónia normal. Não podia dormir, mas não porque não estivesse cansado, exactamente. Estava... estava... — ele parou novamente e recostou-se na cadeira, fitando a parede próxima da janela.

— Ei — disse James, sentindo-se nervoso e envergonhado, ainda que não soubesse bem por quê. — Não tes que me contar. Esquece. Não há problemas.

— Não — disse Ted, voltando a olhar para James. — Preciso contar-te. Tanto por mim quanto por ti. Porque ainda não contei a ninguém, nem sequer à avó. Acho que se não contar a ninguém, vou ficar maluco. Olha, eu não conseguia dormir porque estava muito faminto. Estava a morrer de fome! Estava deitado na cama na primeira vez que aconteceu, a dizer para mim mesmo que era apenas uma loucura. Eu tinha desfrutado dum bom jantar e tudo, como de costume. Mas não importava o que eu dissesse a mim mesmo, o meu estômago continuava a dizer-me que queria comida. E não qualquer coisa. Queria carne. Carne crua. Carne, com ossos e tudo. Percebes onde eu quero chegar?

James entendeu.

— Estava... — começou, e depois teve de pigarrear. — Estava Lua cheia?

Ted assentiu sombria e lentamente.

— Finalmente, consegui dormir. Mas, desde então, tem piorado. No final do último ano escolar, finalmente comecei a descer até as cozinhas sob o Salão Principal, onde trabalham os elfos. Têm uma grande dispensa de carne lá em baixo. Comecei a... bem, tu sabes. Comer. Tende a ser um pouco asqueroso. — Ted encolheu os ombros, depois pareceu descartar a questão. — De qualquer maneira, o ponto é que obviamente não ignorei completamente todo o assunto do lobisomem. O meu pai proporcionou-me a sua própria sombra para viver dentro dela, não é? Não o culpo por isso. Pelo que sei, é o pior que pode ficar. E não é assim tão mau. Ajuda-me a ganhar peso para a temporada de Quidditch, pelo menos. Mas... dá medo, um pouco. Não sei como lidar com isto ainda. E assusta-me que mais alguém descubra isto. As pessoas... — Ted engoliu em seco e olhou com dureza para James. — As pessoas não reagem bem aos lobisomens.

James não sabia se concordava ou não. Não porque aquela declaração fosse falsa, mas porque não estava seguro se Ted precisava que lhe confirmassem isso.

— Aposto que o meu pai te poderia ajudar — disse James. — E eu também. Não tenho medo de ti, Ted, ainda que sejas um lobisomem. Conheço-te a minha vida inteira. Talvez poderíamos, sabes, safar-nos como o teu pai e os seus amigos faziam. Ele tinha o James Potter *dele* para ajudar, e tu tens o teu.

Ted sorriu, e foi um enorme e genuíno sorriso.

— És uma boa pessoa, James. Odiaria ter que comer-te. Aprende a transformar-te num cão gigante como o Sirius, e talvez ser um lobisomem não seja tão mau depois de tudo, contigo a trotar ao meu lado. Mas quase me esqueci do porquê de puxar este assunto. — Ted inclinou-se para frente, os olhos sérios. — Estás a crescer sobre a sombra do teu pai, assim como eu. Mas eu não posso escolher ser como o meu pai ou não. Tu podes. Não é uma maldição, James. O teu pai é um grande homem. Escolhe as partes dele que são valiosas, e sê assim, se quiseres. As outras partes, bem, são da tua escolha, certo? Fica com elas ou deixa-as. Essas são as coisas que podes escolher para ser ainda melhor. O teu pai não pedia muita ajuda, certo? Mas não era porque ele não precisava. O facto de teres pedido ajuda não quer dizer que sejas pior do que ele. Quer dizer que aprendeste algo que ele nunca aprendeu. É nisso que vais ser como tu és, e não simplesmente uma cópia do teu pai. Creio que procurar ajuda é muito bom, se queres saber minha opinião. E não apenas porque isso significa que posso ajudar-te a ludibriar Tabitha Corsica.

James ficou sem fala. Simplesmente ficou a olhar para Ted, inseguro do que sentir ou pensar, inseguro se o que Ted estava a dizer era verdade ou não. Só sabia que isso o surpreendia e o abatia, no bom sentido, ouvir Ted dizer o que tinha dito. Ted fechou o gigantesco livro que tinha á frente com um forte golpe.

— Vamos — disse, pondo-se em pé e recolhendo os livros. — Ajuda-me a levar estas coisas à sala comum para que a Petra possa dar-lhe uma olhadela antes do jogo. Ela terá que me ajudar com isto ou estamos condenados, com certeza. O jantar é dentro de uma hora, e depois vamos estar bastante ocupados durante o resto da noite, sabes o que quero dizer.



Na tarde da última partida de Quidditch da temporada estava um tempo frio e nebuloso, coberto por uma cortina de nuvens intranquilas e cinzentas. Silenciosa e extraordinariamente deprimidos, os Gremlins trotavam pelo do túnel por detrás da estátua de St. Lokimagus, o Perpetuamente Productivo. Quando alcançaram os degraus que conduziavam ao interior do barracão de equipamentos, Ted abrandou a marcha e avançou na ponta dos pés. Naquela altura, Ridcully provavelmente já teria retirado o baú de Quidditch do barracão, mas não fazia mal nenhum ser cauteloso. Ted espiou pela entrada, e viu somente algumas estantes empoeiradas e umas poucas vassouras partidas, e depois acenou para que os outros o seguissem.

— Está livre. Estaremos seguros aqui, agora que o Ridcully se foi. Ele é o único que utiliza o barracão.

Ralph subiu os degraus e olhou cautelosamente à volta. James lembrou-se que Ralph não estivera lá na noite em que ele e os Gremlins utilizaram aquele túnel secreto para criar o Wocket.

— É um túnel mágico. Funciona apenas num sentido — sussurrou para Ralph, — podemos voltar por ele por que esse é o caminho pelo qual viemos, mas qualquer outra pessoa só encontraria o interior do barracão de equipamentos.

— Genial — ofegou Ralph seriamente. — É bom saber.

James, Ralph e Sabrina pressionaram-se contra a parte de trás do barracão para espreitar através da única e suja janela do aposento. O campo de Quidditch estava situado depois do barracão, e puderam ver claramente três das bancadas, já quase cheias de estudantes com bandeiras e professores, todos abrigados contra o frio inoportuno. As equipas de Ravenclaw e Slytherin apinhavam-se ao longo dos extremos opostos do campo para observar os seus capitães apertarem as mãos e ouvir o tradicional sermão de Ridcully sobre as regras básicas do jogo.

— Esqueci-me disto — disse Sabrina em tom baixo. — O aperto de mãos e tudo o resto. Esse Zane é um rapaz bastante esperto.

James assentiu. Tinha sido ideia de Zane encenar a brincadeira da vassoura durante os momentos inaugurais do jogo, naqueles poucos minutos em que ambas as equipas saíam dos seus vestiários sob a bancada para assistir ao ritual de abertura. Era uma ideia maravilhosa, porque era o único momento em que as vassouras das equipas se separavam dos seus donos, deixadas nos vestiários até que os jogadores as recolham para o seu grande voo de apresentação.

— Chegou a hora — disse Ted, dando umas palmadinhas no ombro de James. — A Corsica está ali.

James engoliu em seco, sentindo como se um bloco de mármore descesse pela sua garganta. O seu coração já palpitava. Pegou o Manto da Invisibilidade da sua mochila, abriu-a com uma sacudida e lançou-a sobre a sua cabeça e a de Ralph. Quando se aproximaram da porta, Petra sussurrou com voz áspera:

— Posso ver os teus pés, Ralph, agacha-te um pouco mais.

Ralph agachou-se mais e James viu como a borda do manto tocava a terra à volta dos seus pés.

— Permaneçam agachados e movam-se com rapidez — instruiu Ted. Virou-se e espiou entre as tábuas da porta. O barracão ficava a um canto do campo, exactamente dentro do limite mágico erguido pelos árbitros do jogo. A porta dava para o campo, visível somente pela bancada dos Slytherin, exactamente ao lado.

— Parece estar livre o suficiente — disse Ted, com o seu rosto pressionado contra as fissuras da porta. — Vamos esperar que toda a gente esteja a olhar para o campo e

não para este barracão. — com isto, abriu a porta e deu um passo para um lado. James e Ralph arrastaram os pés pela porta e James ouviu a porta a fechar-se atrás dele.

O vento estava veloz e imprevisível. Movimentava-se rapidamente pelo campo e soprava inquietamente o Manto de Invisibilidade, açoitando-o ao redor das pernas dos rapazes.

— Alguém vai ver os meus pés — gemeu Ralph.

— Já estamos quase lá — disse James por baixo do barulho da multidão. — Fica por perto e agacha-te.

Através do tecido transparente do Manto de Invisibilidade, James podia ver a boca escura da entrada do vestiário dos Slytherin. As grandes portas estavam escancaradas, presas às paredes das bancadas para evitar que o vento as fechasse. Os jogadores Slytherin estavam alinhados ao longo do campo no extremo da porta, tão próximos que uma palavra ou vibração dos seus sapatos poderia ser notada. James conteve o fôlego e resistiu à urgência de correr. Lentamente, os dois rapazes passaram junto ao jogador dos Slytherin mais próximo, Tom Squallus, e deslizaram para o interior da entrada. Lá dentro, o vento desapareceu e o manto parou de esvoaçar. James deixou escapar a sua respiração num cuidadoso assobio.

— Vamos — sussurrou quase silenciosamente, — não temos muito tempo.

James sabia o que os Gremlins tinham planeado, embora ele não fosse ver nada. Zane, que estava a assistir junto dos seus companheiros da equipa dos Ravenclaw na outra extremidade do campo, contou-lhe tudo depois. Quando Tabitha e Gennifer Tellus, a capitã dos Ravenclaw, se juntaram a Ridcully na linha central, um estranho som começou a formar-se no alto. Durante todo o dia, o céu estivera carregado e indolente, repleto de nuvens cinzentas, mas agora, quando os espectadores e jogadores olharam para cima, as nuvens começaram a girar em círculos pesados. Havia uma protuberância nas nuvens directamente sobre o campo, espiralando sobre si própria, baixando cada vez mais enquanto a multidão observava. Todos se calaram, e o som das nuvens no meio desse silêncio era um profundo e vibrante gemido, longo e ameaçador. Somente Zane olhava para o barracão de equipamentos no canto mais distante do campo. Apenas ele pôde ver as silhuetas de Ted e Petra, agachados nos cantos da pequena janela, com as varinhas erguidas, provocando as formas nebulosas. Ele sorriu, e então, no momento preciso e quando todo o campo estava em silêncio, gritou a plenos pulmões:

— No Quidditch não importa o clima, certo, Gennifer?

Houve uma onda de risos nervosos que cruzaram as bancadas mais próximas. Gennifer olhou para Zane por um momento, depois voltou a olhar para a protuberância que descia sobre ela. Como qualquer outro Gremlin, Ted contou-lhe o plano, mas Zane podia ver por o seu nervosismo por ela não era uma boa mentirosa. Nem Ridcully nem Tabitha Corsica pareciam preparados para se mover. Corsica só olhava para as

nuvens, com o cabelo açoitando selvagemmente ao redor do seu rosto, e a varinha visível na sua mão. A expressão de Ridcully parecia de sombria determinação.

— Senhoras e senhores. — a voz de Damien ressoou pelas bancadas desde o seu lugar na cabine de imprensa. — Parece que estamos a experimentar algum tipo de fenómeno atmosférico extremamente localizado. Por favor, permaneçam nos vossos lugares. Provavelmente estarão a salvo aí. Os que estão no campo, por favor fiquem onde estão. Os ciclones não podem vê-los se não se moverem.

Entre a multidão, alguém gritou:

— Isso são os dinossauros, imbecil!

— É o mesmo conceito — respondeu Damien com a voz amplificada.

Sabrina e Noah saíram disparados do barracão, agachando-se contra o vento forte. Correram em direcção à pequena área de concessões na base das bancadas dos Hufflepuff. O balcão estava a ser tripulado por estudantes dos Hufflepuff, mas a comida estava a ser preparada por elfos numa cozinha na parte de trás. Noah e Sabrina passaram ao longo da bancada e detiveram-se numa porta aberta.

— Ei, pessoal, estão a ver o que está a acontecer ali? — gritou Sabrina sobre o crescente ruído do ciclone. — O tempo está a tornar-se um tanto descontrolado, não?

Um elfo com aparência de resmungão na parte de trás da cozinha, baixou o seu cachimbo.

— E o que querem que façamos a respeito disso, hã? Querem que disparemos um punhado de pó de fada tranquilizador de tempestade dos ouvidos, talvez?

— Eu só estava a pensar na secção cinquenta e cinco, parágrafo nove do Acordo de Coaligação dos Elfos de Hogwarts — gritou Noah, apoiando-se na porta. — Diz que os elfos são responsáveis pela segurança dos terrenos em momentos de clima tempestuoso. Está a ficar bastante tempestuoso lá fora, eu diria. Talvez gostassem que a Sabrina e eu fechássemos e trancássemos as portas dos vestiários até que tudo acabe? Vamos lá, Sabrina.

O elfo enfiou o seu cachimbo num nó formado pela tanga que usava e saltou para a frente.

— Está certo! — virou-se e gritou para as profundezas da cozinha. — Ei, Peckle! Krung! Seedie! Temos trabalho a fazer, sim. Em frente.

Os quatro elfos passaram rapidamente por Sabrina e Noah. O elfo resmungão gritava por cima do ombro enquanto avançavam.

— Muito obrigado, mestre e mestra. Agora desfrutem o jogo.

Enquanto os elfos corriam pelo vento em direcção às portas dos vestiários, o ciclone finalmente tocara o campo. Golpeou a linha central três metros à direita de Tabitha Corsica, e durante vários momentos, ela o observou, fascinada. Muitas pessoas comentaram o quanto foi impressionante, era sem sombra de dúvida o menor ciclone que já tinham visto. A relva, onde tocara, ondulava violentamente, mas o poder do

tornado diminuiu significativamente após trinta metros ou mais, de forma que aqueles nas bancadas se viram relativamente pouco afectados.

Gennifer virou-se e correu para a linha secundária do campo para se juntar à sua equipa. Ridcully não pareceu notar. Ainda de pé no centro do campo ao lado dele, Tabitha Corsica manuseava a sua varinha e olhava em volta, agora ignorando o ciclone serpentiforme. Ela parecia estar à procura de algo.

Nas profundezas do vestiário por baixo da bancada dos Slytherin, James e Ralph ouviam o ruído do tornado e o ranger das bancadas quando o vento pressionava contra elas.

— Qual é? — perguntou Ralph enquanto James retirava o manto deles. — Há tantas!

James percorreu a linha de vassouras apoiadas contra os armários. Ali, no canto mais afastado da porta, uma vassoura estava pendurada no ar como se estivesse à espera que a montassem.

— Tem que ser esta — disse ele, lançando-se em direcção dela. Detiveram-se, um a cada lado do objecto. De perto, a vassoura parecia estar a vibrar ou a zumbir muito ligeiramente. Um barulho baixo e perturbador provinha da vassoura, audível mesmo sobre o gemido do vento e o ranger das bancadas.

— Pega nela, então, James. Vamos em frente, vamos sair daqui.

James estendeu a mão e agarrou a vassoura, mas esta não se moveu. Puxou-a, depois envolveu-a com ambas as mãos e puxou-a com força. A vassoura estava tão imóvel que parecia ter sido enterrada na pedra.

— Qual é o problema? — gemeu Ralph, olhando para a porta. — Se ainda estivermos aqui quando voltarem...

— Temos o Manto da Invisibilidade, Ralph. Podemos esconder-nos — disse James, mas sabia que Ralph estava certo. O vestiário era pequeno e ali não havia maneira óbvia de sair, nem sequer não podendo ser vistos. — A vassoura está presa, de alguma forma. Não consigo movê-la.

— Bem — replicou Ralph, gesticulando vagamente. — é uma vassoura. Talvez devesses montá-la.

James sentiu o estômago a afundar.

— Não vou montar esta coisa, nem mesmo se pudesse movê-la.

— Porque não?

— Não é minha! E não era grande coisa na vassoura até que tive a minha *Seta Trovão*, se não te lembras. Queremos capturar esta coisa, não pulverizá-la contra uma parede comigo em cima.

— Melhoraste muito desde então! — insistiu Ralph. — Mesmo antes da *Seta Trovão*, estavas a ficar muito melhor. Quase tão bom quanto o Zane. Vamos lá! Eu... eu vou atrás e lanço o manto sobre nós!

James deixou cair as mãos e revirou os olhos.

— Ralph, isto é uma completa loucura.

De repente, um som retumbante ressoou no corredor que conduzia ao campo. Sacudiu as vigas, levantando poeira por todo lado. Ralph e James sobressaltaram-se. A voz de Ralph tremia de medo.

— O que foi isto?

— Não sei — replicou James rapidamente, — mas acho que nos estamos a ficar sem opções. Ralph, prepara-te.

James passou a perna sobre a vassoura flutuante, que zumbia gentilmente, e segurou o cabo firmemente com ambas as mãos. Lentamente, pousou o seu peso sobre a vassoura, permitindo que o sustentasse.

Um minuto mais cedo, Tabitha Corsica, suspeitara de algo. Zane viu que o olhar dela se detinha no barracão. De certa forma, Tabitha sabia que o ciclone era suspeito e tinha identificado o único lugar no qual alguém se poderia esconder e lançar feitiços dentro dos limites mágicos do campo de Quidditch. Zane estava pronto para saltar para o campo e evitar que ela se aproximasse do barracão. Ele já estava a improvisar um plano no qual fingiria trazê-la para segurança. No entanto, ela não se aproximou do barracão. Zane viu-a dar um passo naquela direcção, e depois olhar de soslaio para os elfos que fechavam e asseguravam as portas dos vestiários das equipas. Tabitha girou nos calcanhares e avançou decididamente em direcção à porta na base das bancadas dos Slytherin.

Mesmo que Zane corresse com todas as suas forças, mal teria tempo de a alcançar. Simplesmente ficou na expectativa de que os elfos cumprissem com as suas obrigações, apesar do que Tabitha dissesse.

Noah e Sabrina tinham seguido os elfos até Às portas do vestiário Slytherin, observando à distância como as fechavam e colocavam a viga que as segurava no seu lugar. Sabrina viu Tabitha cruzar o campo com muita rapidez, com o rosto sombrio e a varinha em punho.

— Abram as portas — gritou Tabitha, com a voz firme mas tranquila. Ergueu a varinha, apontando-a para a porta fechada.

— Sinto muito, senhorita — respondeu o elfo resmungão, inclinando-se ligeiramente. — Exigências da coaligação. Estas portas devem permanecer fechadas até que possamos abri-las sem medo de perigo ou dano.

— Abre-as agora ou sai do caminho — gritou Tabitha. Já estava a apenas dez metros de distância da porta, e Sabrina via o olhar homicida no rosto de Tabitha. Ela abriria inesperadamente as portas com a sua varinha e, provavelmente, esmagaria os pobres elfos entre elas e a parede. Obviamente, Tabitha adivinhara o que estava a acontecer e sabia que a sua vassoura estava em perigo.

— Ei, Corsica! — gritou Sabrina, lançando-se para a frente, tentando colocar-se entre Tabitha e as portas. — Convocaste este ciclone porque és muito orgulhosa para perder contra os Ravenclaw?

Os olhos de Tabitha fixaram-se em Sabrina, mas a sua expressão não mudou. A sua varinha movera-se rapidamente e apontou para Sabrina, que se deteve no acto. Noah saltou para a frente para puxar Sabrina mas chegou tarde demais. Nenhum dos dois ouviu o feitiço que Tabitha pronunciou, mas os dois viram o raio de luz verde saltar da sua varinha. Golpeou Sabrina directamente no rosto, atirando-a para trás contra Noah. Ambos caíram no chão, os seus gritos foram sufocados pelo rugido do vento e da multidão agora atordoada e confusa.

— Senhoras e senhores — ressoou a voz de Damien por cima do barulho. — por favor, vamos dar um forte aplauso ao Mr. Cabe Ridcully, o nosso querido árbitro de Quidditch, que neste momento está a tentar acalmar o ciclone com uma espécie de... bem, dança ritualística, pelo que posso ver. — De facto, Ridcully parecia estar a dançar à volta do ciclone enquanto ele girava pelo campo, criando uma espessa nuvem de pó e areia. Ridcully apontava com a sua varinha para a extremidade do ciclone, mas cada vez que parecia conseguir fazer boa pontaria nele, a extremidade deslocava-se, lançando-se sobre ele e obrigando-o a afastar-se dançando. As pessoas sem dúvida começaram a aclamá-lo, de maneira que poucas pessoas notavam o que estava a acontecer na base da bancada Slytherin.

— Última chance — gritou Tabitha para os elfos que guardavam a porta. Estes olharam para Sabrina que ainda estava atirada sobre Noah, as mãos cobrindo o rosto.

— Agora escute, senhora — começou o elfo resmungão, mas foi interrompido pelo raio de luz verde que golpeou as portas fechadas. Os elfos lançaram-se para um lado quando a grande viga de madeira que fechava a porta rebentou no meio de uma explosão ensurdecadora e uma chuva de farpas. Tabitha não abrandou o passo enquanto se aproximava da porta. Apontou a varinha mais uma vez, pronta para lançar o feitiço que abriria as portas. Então, de repente, parou. Inclinou a cabeça, como se escutasse algo. Noah, esforçando-se para sair debaixo da atordoada Sabrina, ouvia também. Por baixo do som do ciclone e do rugido das bancadas, uma única pessoa gritava, e esse grito crescia em volume muito rapidamente.

As portas do vestiário dos Slytherin abriram-se inesperadamente, arrancadas completamente das suas dobradiças, enquanto algo saía como um foguete por entre elas. Noah captou o mais breve dos vislumbres de alguém inclinado sobre uma vassoura que passou ao lado de Tabitha Corsica tão rápido que a atirou ao chão. Corsica aterrou num monte desajeitado a dois metros de distância. A voz do corredor que gritava perdeu-se na distância enquanto a vassoura percorria o campo como um raio, atravessava o tornado, e saía do outro lado.

James segurava a vassoura de Tabitha tão fortemente quanto podia. Deixara Ralph para trás, tendo sido impulsionado numa aceleração violentamente instantânea no momento em que montara na vassoura. Ele sentiu um impacto estrondoso quando a vassoura se lançou pelo ciclone, então abriu os olhos e deu um forte impulso, tentando ganhar algum controlo sobre a vassoura loucamente descontrolada. O campo de

Quidditch girava de forma nauseante sob ele quando a vassoura respondeu, lutando contra ele mas incapaz de resistir à força da sua pressão. As bancadas dos Ravenclaw surgiram ameaçadoras e James esforçou-se para subir. Passou rugindo sobre a multidão, que se agachou à sua passagem, chapéus e estandartes voando atrás dele. Damien estava a gritar algo na cabine, mas James não conseguia ouvi-lo sobre o rugido do vento nos seus ouvidos. Arriscou olhar para trás, temendo ter aleijado alguém. Não havia lesões evidentes pelo que se apercebera. Quando se virou para a frente, dirigia-se directamente para as bancadas dos Slytherins outra vez, de volta para onde tinha vindo. Inclinou-se na direcção oposta e puxou a vassoura com tanta força quanto pôde, conduzindo-a numa violenta e inclinada curva. As bancadas dos Slytherin afastaram-se a girar. Com uma sensação de triunfo feroz, James percebeu que tinha conseguido algum controlo sobre a vassoura. Olhou para a frente para ver aonde a sua curva o levava e ofegou. Mal teve tempo de baixar a cabeça antes de ser arremessado pela porta aberta do barracão de equipamentos.

A vassoura parecia mover-se como se tivesse mente própria. O objecto passou através do túnel além do barracão e o ar do espaço confinado pressionou-se com força contra os tímpanos. Quando atingiu a abertura após o pedestal de Lokimagus, a vassoura virou com tanta força, passando pelo corredor que quase lançou James para longe.

A sensação de velocidade era atordoante enquanto a vassoura percorria os corredores. Felizmente, a maioria dos habitantes da escola estava lá fora no campo de Quidditch para o jogo da final, deixando os corredores quase vazios. A vassoura inclinou-se e imergiu no abismo dos vãos das escadas, que se lançavam para baixo e em torno das escadarias enquanto balançavam e esquivavam, quase acertando-lhe, obrigando James a inclinar-se e abraçar-se à vassoura tanto quanto podia. Peeves estava próximo da base das escadas, aparentemente desenhando bigodes em algumas das estátuas. James viu-o pelo canto do olho, então, surpreendentemente, Peeves estava sentado em frente a James, encarando-o.

— Trapaça maliciosa, menino Potter, sim! — gritou Peeves alegremente enquanto a vassoura se atirava por um estreito corredor de salas de aula. — Estamos a tentar criar alguma competição amigável com o velho e querido Peeves? Ha, ha!

Peeves agarrou um lustre ao passar e deu voltas ao redor, deixando James e a vassoura mergulharem depois dele. James tentou tomar o controlo, mas não serviu de nada. A vassoura estava a seguir o seu próprio curso preciso, senão maníaco. Inclinou-se e mergulhou por um lance de escadas que iam para o interior das cozinhas dos elfos. Ao contrário do resto da escola, as cozinhas estavam abarrotadas e agitadas, repletas de elfos que faziam a limpeza após o jantar. A vassoura lançou-se entre as painéis enormes, forçando os elfos a cambalearem como pinos de bowling. Ouviu-se uma dissonância de pratos partidos e talheres, um barulho que desapareceu com uma terrível rapidez. A lavandaria foi a próxima, quente e barulhenta, de forma sufocante. A

vassoura disparou por entre as máquinas de lavar, mergulhando por enormes rodas dentadas e passando sob entradas de enormes êmbolos que se moviam ruidosamente.

James ficou horrorizado ao ver que a vassoura, aparentemente tendo atingido um beco sem saída, se dirigia directamente para a parede de pedras, ao final do aposento.

Estava prestes a saltar da vassoura, esperando aterrar num dos tanques de cobre com água e sabão, quando a vassoura virou ligeiramente para a esquerda, em posição vertical. Havia uma portinhola no tecto, e James reconheceu-a como a conduta das roupas. Cerrou os dentes e abraçou-se de novo à vassoura, que se lançou para dentro da conduta, num ângulo tão íngreme que James mal podia manter as pernas embrulhadas, e então apenas havia escuridão repentina e pressão.

Uma pilha de roupas encontrou-o a meio caminho e James balbuciou quando a massa de roupa o sufocou. Lutou para se livrar delas, mas não podia arriscar-se a soltar a vassoura, que mergulhou novamente, e James pôde ver pela mudança de pressão e a frescura do ar que de alguma maneira tinha voltado a sair. Tudo o que podia ver através da massa de roupa era um fraco padrão de luzes tremeluzentes enquanto a vassoura esquivava e saltava. James arriscou-se a soltar uma mão. Agitou violentamente a roupa que estavam em torno dele, finalmente apanhando-as e puxando-as tão forte quanto podia. Livrou-se das roupas, ficando atordoado ao ver uma paisagem ofuscante de luz e vento. Ele teve tempo apenas de reconhecer que de alguma maneira, incrivelmente, a vassoura estava a levá-lo de volta ao campo de Quidditch. As bancadas agigantaram-se em direcção a ele. Na base da mais próxima havia uma multidão, muitos virando-se para ele, apontando e gritando. Então, de forma instantânea, a vassoura finalmente deixou de se mover. James saiu disparado da vassoura, e pelo o que lhe pareceu bastante tempo, simplesmente cambaleou sem apoio pelo ar. Finalmente, o solo sustentou-o com um longo e sonoro golpe. Algo no seu braço direito estalou desagradavelmente e quando finalmente se deteve, encontrou-se a olhando para uma dúzia de rostos aleatórios.

— Parece que ele vai ficar bem — disse um deles, olhando para alguém que estava perto.

— Mais do que merece — disse outra pessoa irritada, franzindo o cenho para ele.
— A tentat estragar o jogo roubando a vassoura da capitã. Eu nunca teria imaginado.

— Na realidade, não aconteceu nada — disse outra voz mais distante. James gemeu e levantou-se apoiando-se no cotovelo esquerdo. O seu braço direito palpitava horripelantemente. Tabitha Corsica estava de pé a uns sete metros de distância, rodeada por uma multidão de assombrados espectadores. A sua vassoura pairava imóvel ao seu lado, exactamente onde tinha parado. Tabitha tinha uma mão sobre a vassoura, segurando-a sem dificuldade. — Certamente podemos perdoar esta criança pelo seu entusiasmo de primeiro ano, embora eu mesma esteja bastante assombrada pelos extremos a que chegam alguns em nome do Quidditch. Na verdade, James, é apenas um jogo. — ela sorriu, mostrando todos os seus dentes.

James derrubou-se de volta sobre a relva, agarrando com força o braço direito. A multidão começou a separar-se quando Ridcully apareceu, abrindo caminho aos empurrões. A directora e os professores Franklyn e Jackson vinham imediatamente atrás. James ouviu Tabitha Corsica falando bem alto com os seus companheiros de equipa enquanto se dirigia de volta ao campo.

— As pessoas pensam que porque foi feita por muggles, deve ser uma vassoura inferior, como podem ver. Mas magia dela é tão forte quanto a que encontraria em qualquer *Seta Trovão*, incluindo uma com a opção de Melhoramento Extra-Gestual. Esta vassoura *sabe* quem é sua dona. Tudo o que tive que fazer foi convocá-la. O Mr. Potter dificilmente saberia disso. De certa forma, sinto pena dele. Só estava a fazer o que sabia fazer.

McGonagall agachou-se ao lado de James, com o rosto sério e cheio de consternação.

— Realmente, Potter. Simplesmente não sei o que dizer.

— Ulna quebrada, madame — disse Franklyn, examinando o braço de James através de um estranho aparelho constituído por lentes de diferentes tamanhos e anéis de latão. Ele dobrou-o de modo ordenado e colocou-o no bolso interior dos seus mantos.

— Eu sugeriria a ala hospitalar primeiro e perguntas mais tarde. Temos muito com o que lidar de momento.

— Muito bem — concordou a directora, sem tirar o olhar de James. — Especialmente antes de supôr que a Miss Sacarhina e o Mr. Recreant estejam aqui em questão de horas. Devo dizer, Potter, que estou extremamente surpreendida pela tua atitude. Tentar algo tão infantil nestes momentos. — ela colocou-se de pé, afastando-se.

— Muito bem, Mr. Jackson, importaria-se de escoltar o Mr. Potter até à ala hospitalar, por favor? E, por gentileza, instrua à Madame Curio que o Mr. Potter deve ficar lá durante a noite. — ela fitou James com um olhar severo enquanto Jackson se colocava de pé num salto. — Quero saber exactamente onde o encontrar quando desejar interrogá-lo. E nada de visitas.

— Não se preocupe, senhora Directora — respondeu Jackson, conduzindo James de volta ao castelo.

Caminharam cinco minutos em silêncio, então, quando entraram no pátio e o ruído do campo se desvaneceu, Jackson disse:

— Ainda não percebi qual é a tua, Potter.

A dor do braço de James tinha cedido a uma pulsação cega, mas ainda era bastante incómoda.

— Desculpe, sir?

— Quero dizer que não compreendi ainda as tuas intenções — disse Jackson em um tom coloquial. — Obviamente sabes mais do que um rapaz da tua idade deveria saber, e de algum modo não creio que seja simplesmente porque és filho do chefe dos aurors do ministério. Primeiro, tentas roubar a minha maleta, e depois esta noite

orquestras esta absurda farsa para roubar a vassoura da Miss Corsica. E apesar do que todos os outros possam pensar, Potter — ele olhou de soslaio para James enquanto eles entravam no vestíbulo principal, erguendo as suas escuras sobranceiras castanhas, — *eu* sei que não tinhas a intenção de a roubar para dar aos Ravenclaw maiores probabilidades no campeonato.

James pigarreou.

— Não sei do que está você a falar.

Jackson não estava a dar-lhe a mínima atenção.

— Não importa, Potter. Seja o que for que achas que sabes, seja o que for que estás a armar, depois de hoje à noite, não importará nem um pouquinho.

O coração de James saltou num golpe, e depois começou a golpear duramente no seu peito.

— Porquê? — perguntou, com os lábios estranhamente entorpecidos. — O que vai acontecer hoje à noite?

Jackson ignorou-o. Abriu uma das portas de vidro da ala hospitalar e manteve-a aberta para James. O aposento era comprido e alto, enfileirado com camas nitidamente feitas. Madame Curio, que por razões óbvias não era fã do Quidditch, estava sentada na sua escrivaninha no canto dos fundos, a escutar música clássica no seu rádio.

— Madame Curio, provavelmente conhece o Mr. Potter — disse Jackson, prensando James na sua direcção. — De alguma forma, ele arranjou forma de partir o braço no jogo de Quidditch, apesar do facto de não ser membro de nenhuma das equipas.

Madame Curio levantou-se e aproximou-se de James, sacudindo a cabeça.

— Delinquentes. Nunca entenderei o que tem esse desporto que converte os indivíduos normais em homens de Neanderthal. O que temos aqui? — ela ergueu o braço de James com cautela, tacteando o rompimento. Ele assobiou entre os dentes quando ela o encontrou. Ela estalou a língua. — Uma fractura feia, claro. De qualquer forma, poderia ter sido pior, tenho certeza. Concertá-lo-emos num momento.

— Além disso — disse Jackson — a directora pediu-me para lhe pedir que mantenha o Mr. Potter aqui durante a noite, madame.

Curio não tirou os olhos de sua inspecção ao braço de James.

— A Skele-Gro vai demorar no mínimo até amanhã de manhã para completar o seu trabalho, de qualquer forma. Mesmo assim, é uma pequena lesão. Eu poderia mandá-lo para o quarto com uma tala.

— A directora deseja interrogar o Mr. Potter, madame. Ela quer que ele seja mantido sob supervisão até lá. Receio que parece que o Mr. Potter é suspeito de estar envolvido num complot muito sério que poderia pôr esta escola em perigo. Eu não deveria dizer mais nada, mas no seu lugar colocaria sentinelas nas portas para manter longe as visitas e o Mr. Potter dentro, pelo menos até amanhã de manhã, não consideraria um exagero.

— A directora não disse isso! — exclamou James, mas sabia que o seu protesto não ajudaria. De facto, quando mais protestasse, pior pareceria.

Curio ofegou e endireitou-se.

— Isto tem alguma coisa a ver com a invasão daquele homem horrível ontem nas instalações? Ouvi dizer que é uma espécie de jornalista muggle, e que ainda está aqui! É isso, não é? — ela cobriu a boca com uma mão e olhou de Jackson para James.

— Mais uma vez, eu realmente não deveria dizer mais nada, madame — replicou Jackson. — Além disso, o Mr. Potter poderia acabar sendo exonerado. Veremos a seu tempo. Em todo caso — Jackson baixou os olhos para James e tinha no seu rosto a mais fraca sugestão de um sorriso no canto da sua boca. — até manhã então, James.

Ele virou-se e saiu do aposento, fechando a porta cuidadosamente atrás dele.



— CAPÍTULO 17 —

A Noite do Regresso



Para seu mérito, Madame Curio, não permitiu que as acusações do Professor Jackson a influenciassem no seu tratamento em relação a James. Examinou a fractura durante vários minutos, tocando e beliscando, e depois colocou cuidadosamente uma tala. Caiu numa rude mas pedante discussão sobre as aflições das lesões de Quidditch, mas isso pareceu a James algo que ela tinha dito centenas de vezes antes. A sua mente estava noutra coisa, e James não precisava especular sobre o que a preocupava. A invasão de Martin Prescott na escola provocara uma onda de especulação e ansiedade. A sua identidade como repórter de notícias muggles, e o facto de que estivesse sendo retido nas habitações de Alma Aleron alimentaram uma onda de boatos. Uma nuvem de intranquilidade pairava sobre a escola inteira, não aliviada com o anúncio da directora de que funcionários do Ministério estavam a caminho para negociar com o Mr. Prescott. Enquanto Madame Curio media a dose de Skele-Gro, James apanhou-a a olhá-lo duvidosamente, de cima a baixo.

Alguém tinha que ter deixado o intruso entrar, no fim de contas. Porque não este novato primeiro ano, filho do auror chefe? James sabia que algumas pessoas — aquelas que acreditavam nas mentiras do Elemento Progressivo — esperariam dele tal façanha.

Mais cedo naquele dia, ouvira uma voz entre um grupo de estudantes dizendo: *“Faz sentido, não? Toda a linha dos aurors se baseia em que a lei do sigilo é nossa única protecção contra os supostos caçadores muggles de bruxas. Então o eles que fazem? Deixam que este tipo entre aqui e nos assuste, fazendo-nos pensar que há muggles escondidos na floresta, por trás de cada arbusto, com uma tocha, prontos para nos queimar na fogueira”*.

— Pronto — disse Madame Curio, endireitando-se. — Tudo terminado. Sentirás um formigueiro e comichão durante a noite, enquanto o osso cresce. É perfeitamente normal. Não mexas a tala. A última coisa que vais querer é que os ossos cresçam tortos. A solução para isso seria romper o osso novamente e começar desde o início, e não queremos isso, sem dúvida. Agora, — acenou para a fila de camas. — Escolhe aquela que gostares. Ocuparei-me de que te tragam o pequeno almoço pela manhã. Sente-te à vontade.

James lançou a sua mochila sobre uma das mesinhas de cabeceira e subiu para a cama incomummente alta. Era uma cama muito confortável, e por boas razões, todos os colchões da enfermaria tinham sido impregnados de Feitiços de Relaxamento. Os feitiços, no entanto, não tinham afectado aos pensamentos de James, que estavam obscuros pela frustração e pela ansiedade. O professor Jackson admitira que esta noite se tratava de uma noite de suprema importância. Já não era mera especulação. E ali estava James, encravado na enfermaria, simplesmente capturado pela ardilosa interpretação do professor Jackson das instruções da directora McGonagall. Sozinho pela primeira vez desde a tentativa de roubo da vassoura, James sentiu todo o impacto do que acontecera no campo de Quidditch. Parecera um plano maluco desde o princípio, mas não mais que o plano para obter com a maleta do professor Jackson, e *esse* funcionara, não? Tudo tinha corrido bem, até ali. Era como se uma parede de tijolos invisível os tivesse bloqueado de repente, detendo o seu progresso no último instante. Inegavelmente, o bastão de Merlin era a mais poderosa das três relíquias. Agora, Corsica, Jackson e Delacroix provavelmente estavam a preparar-se para reunir as relíquias, sem saber que restava o manto relíquia, mas com as duas relíquias mais importantes em sua posse.

Apesar da sua ansiedade, James tinha começado a vagar para a sonolência sob a influência do colchão enfeitado. Então, sentou-se erecto, com o coração a bater com força no peito. O que aconteceria quando Jackson abrisse a sua maleta e encontrasse o manto de Ralph em vez do manto de Merlin? O Feitiço *Visum-ineptio* se quebraria, não? Jackson veria a maleta pelo o que era. Ele reconheceria, e lembrar-se-ia daquele dia na aula de Tecnomância, quando James, Ralph e Zane tinham utilizado a falsa mala para o enganar. Ele pensara que tinham falhado, inclusive referira-se a isso enquanto levava James à ala hospitalar. Certamente compreenderia que não falharam. Jackson era esperto. Saber qual dos rapazes possuía o manto verdadeira. Nem Zane, nem Ralph, mas James. O rapaz que ele ainda não tinha ‘percebido’. Seria que Jackson viria à ala hospitalar exigir o manto relíquia? Não, enquanto James pensava, soube que Jackson

não iria. Dirigiria-se directamente ao baú de James no dormitório dos rapazes na torre deos Gryffindor. Provavelmente reclamaria estar à procurando de pistas sobre o envolvimento de James no inominável e perigoso complot contra Hogwarts. Jackson certamente conseguiria abrir o baú de James, e então recuperaria o manto. Tudo o que James, Ralph e Zane, e inclusive os Gremlins tinham arriscado teria sido em vão. Sem dúvida, tudo estaria acabado, e não havia nada que James pudesse fazer em relação a isso.

James golpeou a mesinha com o punho, cheio de frustração. Madame Curio, que estava sentada na sua escrivaninha ao canto, ofegou e levou uma mão ao peito. Olhou para James mas não disse nada. James fingiu não a ver.

A sua mochila escorregara para o lado quando golpeará a mesa com o punho. Resolutamente, apanhou a mochila e abriu-a. Retirou o seu pergaminho, tinta e uma pena. Sabia que, em circunstâncias normais, Madame Curio nunca permitiria um paciente ter um pote de tinta aberto sobre os seus imaculados lençóis brancos, mas no que lhe dizia respeito, abrigava um indivíduo potencialmente perigoso. Era melhor não o provocar. James inclinou-se sobre o pergaminho e escreveu rápida e desajeitadamente, com o braço entalado, sem sequer perceber a maneira como a sua mão borratava as letras húmidas.

Querido pai,

Desculpa ter tirado o Mapa do Salteador e o Manto da Invisibilidade. Eu sabia que não devia ter feito isso, mas precisava deles, e acho que farias o mesmo no meu lugar, então espero que não estejas muito zangado. Sei que não tenho a mínima hipóteses com a mãe, mas intercede por mim, oki?

A razão pela qual os tirei foi porque descobri algo verdadeiramente preocupante e horripilante que está a acontecer aqui, na escola. Alguns dos professores americanos estão envolvidos nisto, embora não o Franklyn. Ele é fixe. O E.P. também está envolvido. Não quero falar-te disto por carta, mas mesmo que eu me meta num grande sarilho contigo e com a mãe, preciso que venhas. Podes estar aqui amanhã? A senhorita Sacarhina diz que estás numa missão importante e que não podes ser incomodado, então talvez não possas, mas tenta, pode ser? É realmente importante e preciso da tua ajuda.

Gosto muito de ti,

James

James dobrou o pergaminho e amarrou-o com um pedaço de corda. Não sabia como o enviaria, mas sentia-se melhor por o ter escrito. Lembrou-se como tivera a intenção de escrever para o seu pai a falar-lhe do complot de Merlin quando eles capturaram o manto, e recriminou-se a si próprio por o não ter feito logo. Ele pensara, naquela altura, que as razões para não contar ao seu pai eram viáveis, mas agora que estava aprisionado na enfermaria na noite decisiva da conspiração de Merlin, e sabendo

que, apesar de tudo, Jackson possivelmente podia recuperar o manto relíquia, parecia estúpido e arrogante que não tivesse escrito ao seu pai antes.

Uma ideia golpeou-o e vasculhou a sua mochila outra vez. Um momento depois, segurava o patinho de borracha Weasley nas suas mãos. Ainda tinha a mensagem de Zane escrita na parte inferior: *Lavandaria!* James afundou a caneta e riscou-o com uma linha. Em baixo, escreveu: *Ala hospitalar: enviem Nobby para a janela oeste.* Assim que terminou, deu ao pato um forte aperto. *Bastardo insignificante*, grasnou.

No canto, Madame Curio sobressaltou-se novamente e olhou de forma acusadora para James. Criminoso potencial ou não, claramente pensava que o seu comportamento era inconcebivelmente grosseiro.

— Sinto muito, madame — disse James, erguendo o patinho de borracha. — Não fui eu. Foi o meu pato.

— Estou a ver — disse ela com óbvia desaprovação. — Talvez seja um bom momento para me retirar por esta noite. Não, eh, precisarás de nada, certo?

James negou com a cabeça.

— Não, madame. Obrigado. De qualquer maneira, o meu braço está muito melhor.

— Não mexas nele, como já disse, e estarás recuperado pela manhã, espero.

Ela pôs-se de pé e passou apressadamente por James em direcção às portas de vidro. Duas figuras podiam ser vistas através do vidro fumado, e James soube que eram Philia Goyle e Kevin Murdock, ambos gentilmente enviados pelo professor Jackson para vigiar as portas.

Madame Curio abriu as portas e saiu, dando boa noite às sentinelas. A porta fechou-se atrás dela e James ouviu o trinco ser posto no seu lugar. Suspirou com frustração e, em seguida, sobressaltou-se quando o seu patinho de borracha grasnou um insulto ao seu lado. James ergueu-o e olhou para a parte de baixo. Por baixo da sua mensagem havia uma nova linha de letras negras: *Abre a janela: dez minutos.*

James sentiu-se um pouco melhor. Não estivera seguro de que Ralph ou Zane estivessem em posição de ouvir ou responder aos seus patos. De facto, ele não sabia nada do que tinha acontecido com o resto dos Gremlins. Estava cautelosamente confiante de que nenhum tivesse sido capturado, embora a situação de Ralph, abandonado no meio do vestiário de Slytherin, provavelmente fosse pior do que qualquer outro. Não obstante, percebeu que inclusive Ralph se tinha saído bem desta. Uma vez que todos tinham visto James sair disparado do vestiário montando na vassoura de Tabitha, provavelmente a atenção focalizou-se na sua corrida selvagem, e depois em Tabitha convocando a sua vassoura, trazendo os dois de volta ao campo. Mais provavelmente, Ralph escapara nesse momento e retornado ao barracão, juntamente com os Gremlins.

Ele observava o relógio sobre a escrivaninha de Madame Curio enquanto os dez minutos tiquetaqueavam. Lutou contra o impulso de ir abrir a janela antes que os dez

minutos tivessem passado. Se Madame Curio voltasse e o visse de pé junto à janela aberta, suspeitaria de uma traição apesar do facto de a janela estar a dez metros do chão. Finalmente, quando o ponteiro dos minutos tomou o seu lugar, marcando oito e quinze, James saltou para fora da cama. Apanhou a carta da mesa e correu rapidamente para a janela mais afastada à direita. A trave cedeu com facilidade e James abriu a janela para a noite fresca e brumosa. O céu finalmente abriu-se, revelando um pó prateado de estrelas, mas não havia sinal de Nobby. James inclinou-se sobre a janela, assomando-se ao longo do parapeito, e uma monstruosa forma silenciosa surgiu ameaçadoramente da escuridão aproximando-se dele, apagando as estrelas. Caiu sobre ele pesadamente, cobrindo-o, e puxou o seu corpo para fora da janela antes que tivesse tempo de gritar a pedir ajuda.

A figura apertou-o, deixando-o sem ar de forma que o fôlego escapou num silvo. Bem abaixo uma voz disse num sussurro:

— Não tão forte! Vais esmagar os ossos dele!

James ficou surpreso ao reconhecer a voz de Zane. A mão gigantesca afrouxou um pouco e James viu passar metros de gigante enquanto era descido ao solo.

— Muito bem, Prechka! — gritou Zane, dando umas palmadinhas na canela da gigante. Ela rosnou alegremente e abriu a mão, fazendo James girar até o chão entre os seus pés enormes .

— Pensava que iam apenas trazer Nobby! — ofegou James, levantando-se.

— Ideia do Ted — disse Ralph, saindo das sombras de um arbusto próximo. — Ele sabia que irias querer sair e ver todas estas coisas sobre Merlin, especialmente agora. Ele foi atrás do Grawp quando foste levado pelo Jackson. O Grawp encontrou a Prechka, que é suficientemente alta para atingir a ala hospitalar e nós estávamos apenas a procurar uma maneira de conseguir que te aproximasses da janela quando nos mandaste o grasnido. Achamos que tudo correu bem.

— Eu diria — disse James, esfregando as costelas com o calcanhar da palma esquerda, — que é uma sorte que ela seja canhota ou provavelmente eu precisaria doutra dose completa do Skele-Gro para o meu braço. Deu-me cá um *apertão*! A propósito, onde está o Ted?

— Prisão domiciliar na torre dos Gryffindor, junto com o resto dos Gremlins — disse Zane, encolhendo os ombros. — a McGonagall sabe que estavam envolvidos no plano para roubar a vassoura, mas não pode provar ainda. Provavelmente deixará correr... ela tem sapos maiores para dissecar com o Recreant e a Sacarhina aqui... mas o Jackson teve a ideia de deixar todos os Gremlins fora de cena até amanhã, quando todo este assunto com esse tal de Prescott for resolvido. O Ted foi mandado para a sala comum dos Gryffindor na hora em que voltou da floresta com o Grawp. Tod a gente está lá excepto a Sabrina, que sofreu uma maldição de gigantismo bastante desagradável lançada pela Corsica. O nariz dela está do tamanho de uma bola de futebol. Não se pode fazer nada com aquilo a não ser dormir, aparentemente. Acho que estávamos sob

vigilância, só que o Jackson acredita que o Ralph é tolo demais para estar envolvido no assunto da vassoura e eu tinha o álibi perfeito, estando ali mesmo em campo o tempo todo. Então aqui estamos. Qual é o plano, James?

James olhou de Zane, Ralph e Prechka, e depois respirou fundo.

— O mesmo dantes. Temos que ir à Fortaleza da Gruta e deter Jackson, Delacroix e qualquer outro que esteja envolvido. Ainda precisamos capturar o bastão de Merlin, se pudermos, e o que é mais importante, nós temos que escapar para poder testemunhar sobre quem está envolvido.

— Isso, isso — concordou Ralph.

— Mas primeiro — disse James, sustentando no alto a carta que escrevera para seu pai. — Tenho que enviar isto. Já o devia ter feito há semanas, mas antes tarde do que nunca. O Ted tinha razão. Se não tivéssemos pedido ajuda aos Gremlins, ainda estaria preso lá em cima, na ala hospitalar.

— Se não tivéssemos pedido ajuda aos Gremlins não terias acabado ali em primeiro lugar — resmungou Ralph, mas sem muita convicção.

— Zane — disse James, virando-se para ele e enfiando a carta no bolso. — a que horas o alinhamento dos planetas deve acontecer?

— Às nove e cinquenta e cinco — respondeu Zane. — Temos apenas uma hora e meia.

James assentiu.

— Encontrem-me na orla da floresta perto do lago em quinze minutos. Tragam a Prechka se quiser vir.

Zane ergueu os olhos para a escura massa da gigante.

— Não me parece que nos pudéssemos livrar dela se quiséssemos. Parece que ela gosta de ajudar.

— Excelente. Ralph, tens a tua varinha?

Ralph sacou a varinha ridiculamente grande do bolso de trás. A ponta verde limão brilhava de forma estranha na escuridão.

— Não saio de casa sem ela — disse.

— Certo, mante-na a postos. Estás de plantão. Tenta lembrar-te de tudo o que aprendemos em D.C.A.T. e põe-te pronto para pôr isso em prática. Então é isto. Vamos lá.

James atravessou a toda pressa as sombras dos corredores, tentando mover-se ao mesmo tempo rapidamente e sem levantar suspeitas, o que era um desafio e tanto. Chegou ao buraco do retrato exactamente quando Steven Metzker saía.

— James! — disse Steven, pestanejando em surpresa. — O que estás a fazer aqui? Não devia estar... — deteve-se e olhou em volta para os corredores escurecidos. — Entra antes que alguém te veja.

— Obrigado, Steven — disse James, agachando-se para entrar pelo buraco do retrato.

— De nada. — replicou Steven. — Agora falo a sério. Eu não te vi, e tu não me viste. Não faças com que me arrependa disto.

— Arrepende-te do quê? Não aconteceu nada.

Steven saiu para o corredor enquanto o retrato da Dama Gorda se fechava atrás de James. Os Gremlins, excepto Sabrina, estavam reunidos perto da lareira com aspecto mal humorado e agitados.

Noah avistou James e sentou-se erecto.

— Vejo que a Prechka encontrou quem procurava.

Os outros viraram-se e sorriram maliciosamente.

— O que fazes aqui? — disse Ted, ficando sério. — Ralph e Zane tinham acabado de sair para te buscar. Levou-nos metade da noite a planear tudo após o desastre no campo de Quidditch, então está a ficar bastante tarde. Deverias estar a ir para a ilha. Queres que a gente vá contigo?

— Não, vocês já estão metidos em muitos problemas. Só vim para enviar isto — ergueu a carta. Ted assentiu com aprovação, pressentindo para quem era. — Vou-me encontrar com Ralph e Zane na floresta em dez minutos.

— Eu quero ir — disse Noah, levantando-se. — A Corsica amaldiçoou a Sabrina. Quero retribuir o favor.

James balançou a sua cabeça.

— Vocês três têm um trabalho diferente esta noite, e pode envolver uma maldição ou duas. Se o Ralph, o Zane e eu falharmos, o Jackson ou algum outro provavelmente aparecerá por aqui à procura do manto de Merlin. Vocês os três têm que a proteger. Se alguém vier procurá-la vocês tem que detê-lo, não importa como. Odeio pedir-vos isto mas... poderiam fazê-lo?

Petra assentiu e olhou para Noah e Ted.

— Não há problema. Mas por muito que queiramos ter a oportunidade de nos encarregar daqueles tipos, tenta não falhar, certo?

James assentiu, e depois virou-se e correu escadas acima para os dormitórios dos rapazes. O aposento estava escuro e silencioso, exceptuando uma vela próxima da porta do pequeno quarto-de-banho. Nobby, não tinha o princípio de ficar na Torre das Corujas e continuava a aparecer na janela de James, estava a dormir na sua gaiola.

— Nobby — sussurrou James com urgência. — tenho uma mensagem para entregares ao pai. Sei que é tarde, mas é realmente importante.

O enorme pássaro alçou a cabeça de debaixo da asa e estalou o bico de forma sonolenta. James abriu a porta da gaiola, deixando Nobby saltar sobre a mesa. Quando o bilhete estava atado à pata estendida de Nobby, James abriu a janela.

— E desta vez, quando voltares, vai para a Torre das Corujas. Por mais agradável que seja ter-te por perto, vais-me meter em mais problemas. Certo?

A coruja olhou para James com os seus olhos enormes e inescrutáveis, depois saltou do parapeito da janela. Com um golpe repentino de asas, Nobby lançou-se à escuridão.

James estava prestes a descer as escadas quando o seu olhar captou o volume escuro do seu malão. Estava ligeiramente fora da sua posição normal? Sentiu um súbito e frio temor. Talvez Jackson já tivesse o manto relíquia. Talvez tivesse verificado a sua maleta antes de sair para a Fortaleza da Gruta, só para se assegurar, e tinha descoberto a mudança. Certamente, os Gremlins lá em baixo teriam visto Jackson entrar e sair, mas mais uma vez, talvez não. Como James compreendera antes, Jackson era esperto. Talvez se disfarçara, ou talvez pedira a Madame Delacroix que utilizasse a sua habilidade de Físioaparição Remota para simplesmente aparecer no dormitório dos rapazes e capturar o manto directamente. Novamente, Ted mencionara que Zane e Ralph tinham estado ali, planeando tudo depois do desastre ocorrido no Quidditch. James tinha que saber. Agachou-se perto do baú e sacou da varinha. A fechadura abriu-se ao seu comando, e remexeu o conteúdo até que encontrou a maleta enterrada no fundo. Ainda estava ali, mas ligeiramente aberta. James ofegou de medo, então tateou dentro do objecto. Os seus dedos encontraram as dobras aveludadas do tecido. Podia até mesmo cheirar a fragrância fantasmagórica de folhas, terra e os ventos vivificantes. Deixou escapar um enorme suspiro de alívio.

Com o baú aberto, James perguntou-se se havia algo que pudesse necessitar na sua aventura na ilha. Olhou à volta do monte de roupas bagunçadas e utensílios que tinha à beira da sua cama. Depois de considerar um momento, apanhou o Mapa do Salteador e o Manto de Invisibilidade. Fechou o baú, utilizando a sua varinha, e então, tendo deixado a sua mochila sobre a mesa da enfermaria, enfiou o mapa e o manto numa mochila de couro que a sua mãe lhe tinha dado no início do ano. Virou-se e desceu as escadas rapidamente, parando apenas para lembrar a Noah, Petra e Ted e a respeito dos poderes de Delacroix.

— Não te preocupes — disse Noah, levantando-se de um salto e dirigindo-se para as escadas. — Nós revezamo-nos para vigiar o teu malão. Turnos de hora em hora, certo, Ted?

Ted assentiu. Satisfeito, James passou agachado através do buraco do retrato para ir ao encontro de Ralph e Zane.



Cinco minutos depois, quando saía do pátio para os terrenos, os olhos de James estavam demasiadamente ofuscados pelas luzes interiores para verem claramente na escuridão. Andou com cuidado pela ladeira que ia em direcção ao lago até que ouviu Zane assobiar, aparentemente tentando imitar um pássaro. O som vinha da sua esquerda, e enquanto James se virava para lá, finalmente pôde discernir o vulto da gigante em pé à orla da floresta. Zane e Ralph estavam debruçados ali perto.

— Esta foi demais, não foi? — disse Zane, sorrindo. — Eu vi isto num filme de James Bond. Achei que apreciarias.

— Porreiro — assentiu James. O frio do ar nocturno desceu sobre ele e James sentiu uma sensação selvagem de excitação e medo. Este era o momento. Não havia como voltar atrás. Agora mesmo a sua ausência na ala hospitalar provavelmente estava a ser descoberta. Poderia ser que tivessem problemas amanhã, mas se fracassassem agora ainda teria problemas piores. James ergueu os olhos para Prechka.

— Ela vai-nos deixar subir nos seus ombros? É a única forma de chegarmos lá a tempo.

Prechka ouviu-os. Em resposta, agachou-se, fazendo com que a terra estremecesse quando os seus joelhos golpearam a encosta.

— Prechka ajuda — disse ela, tentando evitar que a sua voz retumbasse. — Prechka leva os pequeninos. — ela sorriu para James e a sua cabeça, agora ao nível de James, era quase tão alta como ele. Zane, Ralph e James subiram por turnos pelo seu braço e até aos grandes ombros caídos da gigante. James precisou que Ralph e Zane o ajudassem, já que o seu braço direito entalado quase não lhe servia de nada. Quando Prechka se pôs em pé, foi como montar um elevador até à copa das árvores. Sem uma palavra, a gigante começou a atravessar a floresta. Os ramos superiores das árvores gemiam ocasionalmente no seu caminho quando Prechka as empurrava para um lado como se fossem juncos.

— Como é que ela sabe onde tem que ir? — perguntou James baixinho. Ralph encolheu os ombros.

— Grawp disse-lhe. Não sei como, mas aparentemente é coisa de gigantes. Simplesmente lembram-se onde têm estado e como chegar lá. Provavelmente é assim que encontram as cabanas de cada um nas montanhas. Eu não entendi a linguagem de forma alguma, mas parece que ela está muito segura de si mesma.

Montar sobre Prechka foi uma experiência totalmente diferente da de montar sobre Grawp. Onde o gigante tinha sido cuidadoso e delicado, a gigante cambaleava e esmagava, os seus passos faziam com que o seu corpo estremecesse, sacudindo os rapazes. James imaginou que era como estar montando num metrónomo ambulante gigantesco. A floresta passava a deslizar, sombria ao ser vista daquela perspectiva estranha e elevada, como se estivesse para alcançar o céu. Depois de um momento, James deu um puxão na túnica de tecido grosso da gigante

— Para aqui, Prechka. Estamos quase lá e não quero que nos ouçam a chegar, se pudermos evitar.

Prechka estendeu uma mão, detendo-se contra um enorme e nodoso carvalho. Cuidadosamente agachou-se e os rapazs saltaram dos seus ombros, deslizando pelo seu braço até ao chão.

— Espera aqui, Prechka — disse James ao enorme e desajeito do rosto da gigante. Ela assentiu lenta e seriamente, e colocou-se de pé outra vez. James só esperava que ela entendesse os seus desejos melhor que Grawp, que saíra à procura de comida após apenas alguns minutos quando os levara ali no ano passado.

— Por aqui — disse Zane, apontando. James podia ver o lampejo da luz lunar sobre a água através das árvores. Tão silenciosamente quanto possível, os rapazs abriram caminho entre os troncos das árvores e o matagal. Em poucos minutos, emergiram no perímetro do lago. A ilha da Fortaleza da Gruta podia ser vista mais adiante na borda do lago. Erguia-se monstruosamente, tendo tornado-se mais gótica e atingido proporções colossais para a sua noite decisiva. A ponte de cabeça de dragão estava claramente visível, com a boca escancarada, agradavelmente dando as boas vindas e ameaçando ao mesmo tempo. James ouviu Ralph engolir em seco. Silenciosamente, dirigiram-se em direcção á ponte.

Quando atingiram a abertura da ponte, a Lua saiu de trás de uma grande quantidade de nuvens etéreas e a ilha da Fortaleza da Gruta revelou-se completamente sob o seu brilho. Já não havia praticamente nenhum indício da selvagem e arbórea natureza da ilha. A ponte de cabeça de dragão era uma cuidadosa escultura de horror, abrindo as mandíbulas diante deles. Na sua garganta, o portão incrustado de vinhas estava com um aspecto tão sólido e ornamentado como se fosse ferro forjado. James podia ler claramente o poema inscrito nelas.

— Está fechado — sussurrou Zane, bastante esperançosamente. — Significa alguma coisa?

James sacudiu a cabeça.

— Não sei. Vamos, vamos ver se podemos entrar.

Em fila indiana, os três atravessaram a ponte na ponta dos pés. James, na liderança, viu como a mandíbula superior da ponte se abria ainda mais enquanto se aproximavam do portão, que não rangeu desta vez. O movimento foi silencioso e mínimo, quase imperceptível. Os portões, no entanto, permaneciam firmemente fechados. James fez que ia sacar da varinha, e então deteve-se, sussurrando de dor. Esquecera-se da tala no seu braço direito fracturado.

— Ralph, terás que fazer isto — disse James, afastando-se para o lado para que Ralph se adiantasse. — Não consigo usar a varinha. Além disso, tu és o génio dos feitiços.

— O q... o que devo fazer? — gaguejou Ralph, sacando a varinha.

— Usa só o Feiço de Destrancar.

— Epa, espera! — disse Zane, erguendo a mão. — A última vez que tentamos quase acabamos a ser devorados pelas árvores, lembraste?

— Isso já passou — disse James razoavelmente. — A ilha não estava pronta. Esta noite é a razão da sua existência, penso eu. Ela vai-nos deixar passar desta vez. Além disso, este aqui é o Ralph. Se alguém pode fazer isto, esse alguém é ele.

Zane fez uma careta, mas não pôde oferecer qualquer argumento. Deu um passo para trás, deixando espaço para Ralph.

Ralph apontou nervosamente com a sua varinha para as portas, a mão tremendo. Ele pigarreou.

— Como é que é? Esqueço-me sempre!

— *Alohomora* — sussurrou James encorajadamente. — Ênfase na segunda e a quarta sílaba. Fizeste isto um montão de vezes. Não te preocupes.

Ralph endureceu-se, tentando interromper o tremor do seu braço. Respirou fundo e, com a voz trêmula, pronunciou o feitiço.

Imediatamente as vinhas que formavam os portões começaram a afrouxar. As letras do poema dissolveram-se em cachos e gavinhas, contraindo-se da forma arbórea das portas. Após alguns segundos, as portas abriram-se silenciosamente.

Ralph olhou para trás em direcção a James e Zane, com os olhos arregalados e preocupados.

— Bem, funcionou, suponho.

— Eu diria que sim, Ralph — disse Zane, adiantando-se. Os três entraram cautelosamente na escuridão além dos portões.

O interior da Fortaleza da Gruta era circular e estava na sua maior parte vazia, rodeada por árvores que tinham crescido até formarem pilares, que suportavam um tecto grosso em forma de cúpula de ramos e folhas primaverais. O chão era pavimentado de pedra, formando degraus que desciam em direcção ao centro. Ali, no mesmo centro, um círculo de terra estava iluminado por um feixe de luz lunar, que atravessava um buraco ao centro da cobertura abobadada. O trono de Merlin estava ao meio desse feixe lunar e, diante dele, recortada contra a luz, de costas para eles, estava Madame Delacroix.

James sentiu-se fraco com o medo. Congelou ali mesmo, e somente de forma distante sentiu a mão de Ralph procurando-o às cegas, empurrando-o para trás para o interior da sombra de um dos pilares de madeira. James cambaleou um pouco, e depois agachou-se atrás da massa de árvore, junto a Ralph e Zane. Cuidadosa e lentamente, James assomou-se, com os olhos abertos e o coração latejante.

Delacroix não se movera. Ainda estava de costas para eles e ainda olhava imóvel para o trono. O trono de Merlin era alto, de espaldar recto e estreito. Era feito de madeira polida, mas de certa forma era mais delicado do que James esperava. Na sua maior parte era formado por enredadeiras e folhas, retorcidas e emaranhadas. As únicas peças sólidas eram o assento e o centro do espaldar. O trono parecia como se tivesse

crescido em vez de ter sido esculpido, como a própria Fortaleza da Gruta. Mais ninguém estava à vista. Aparentemente, Delacroix tinha chegado cedo. James estava a perguntar-se quanto tempo ela ficaria ali em pé, imóvel, observando o trono, quando ouviu o som dos passos de mais alguém atrás deles, na ponte de cabeça de dragão. James conteve o fôlego, e sentiu Ralph e Zane agachar-se tanto quanto podiam junto a ele, ocultando-se entre as ervas que rodeavam os limites da Fortaleza.

A voz de um homem pronunciou em tom baixo uma ordem num estranho idioma que James não reconheceu. Soou ao mesmo tempo formoso e assustador. Produziu-se um som quando os portões de vinhas se despregaram outra vez, e depois passos estalando cavernosamente sobre os degraus de pedra. O professor Jackson surgiu, caminhando resolutamente até ao centro da Fortaleza de Gruta, pelas costas de Madame Delacroix.

— Professor Jackson — disse Madame Delacroix, o seu forte sotaque tilintou na tigela de pedra que era a Fortaleza. — nunca deixa de cumprir as minhas expectativas — disse sem se virar.

— Nem você as minhas, madame. Chegou cedo.

— Eu estava a saborear o momento, Theodore. Tem sido uma longa espera. Estaria tentada a dizer “longa demais”, se acreditasse na casualidade. Não acredito, obviamente. Está destinado a ser desta forma. Fiz o que estava destinada a fazer. Inclusive você realizou a função para a qual estava predeterminado realizar.

— Realmente acredita nisso, madame? — perguntou Jackson, detendo-se vários passos atrás de Delacroix. James percebeu que Jackson possuía a sua varinha de castanheira na mão. — Estou curioso. Eu, como sabe, não acredito em casualidades tão pouco no destino. Acredito em escolhas.

— Não importa no que acredita, Theodore, desde que as suas escolhas o levem aos fins correctos.

— Tenho o manto — disse Jackson sem rodeios, abandonando o seu fingimento de conversa educada. — Sempre a tive. Não a tirará de mim. Estou aqui para assegurar isso. Estou aqui para a deter, Madame, apesar dos seus melhores esforços para me afastar.

James quase engasgou. Cobriu a boca com as mãos, contendo-se Jackson estava ali para a deter! Mas de que forma? James sentiu uma fria apreensão descer sobre ele. Próximo a ele, Ralph suspirou quase silenciosamente:

— Ele disse...

— Xiu! — assobiou Zane com urgência. — Escutem!

Delacroix estava a emitir um som estranho e rítmico. Os seus ombros chacoalhavam ligeiramente, e James percebeu que ela estava a rir.

— Meu caro, caríssimo Theodore, nunca tentei impedi-lo. Porque, se a mim não fosse permitida uma simbólica resistência da sua presença nesta viagem, você nunca teria escolhido vir de forma alguma. A sua teimosia e suspeitas são as minhas melhores

ferramentas. E precisava de si, professor. Precisava do que tinha, o que acreditava tão ardentemente proteger.

Jackson enrijeceu-se.

— Acredita que fui tolo o suficiente para trazer o manto relíquia comigo esta noite? Então é mais arrogante do que pensei. Não, o manto está seguro. Está protegida com as melhores maldições e feitiços contra-convocação já criados. Sei disso, pois foram criados por mim. Não a encontrará, como estou certo disso.

Porém, Delacroix gargalhou com mais severidade. Ainda não se tinha virado. O feixe de luz iluminando a cadeira parecia tornar-se mais intenso, e James percebeu que se tratava da luz acumulada dos planetas. Eles estavam em movimento. A hora da Entrada da Encruzilhada dos Anciões estava próxima.

— Oh, professor, a sua confiança regozija-me. Com inimigos como você, o meu sucesso é saboroso. Acha que eu não sabia desde o começo que mantinha o manto de Merlinus na sua maleta o tempo todo? Acha que eu não estava a agir para que o manto fosse entregue a mim a partir do momento em que eu chegasse aqui? Não tive que erguer um só dedo, e mesmo assim o manto vem até mim espontaneamente nesta exacta noite.

Um pensamento horrível passou pela cabeça de James. Lembrou-se do dia da aula de Defesa Contra as Artes das Trevas, quando Jackson seguia Franklyn para dentro da sala, falando em voz baixa. Madame Delacroix apareceu à porta para dizer a Jackson que a sua turma estava à sua espera. Naquele momento, James baixou os olhos e a maleta abriu-se misteriosamente. Era possível que Madame Delacroix tivesse causado aquilo de forma a que James olhasse para o que estava dentro? Ela tentou usá-lo de alguma maneira? Lembrou-se de Zane e Ralph dizerem que a captura do manto tivera sido muito fácil. De alguma forma, fácil demais. Ele estremeceu.

— James — suspirou Ralph com urgência. — não trouxeste o manto contigo, pois não?

— Claro que não! — respondeu James. — Não sou maluco!

Zane inclinou-se para manter a voz o mais silenciosa possível.

— Então, o que tens na mochila?

James sentiu o terror e a fúria misturando-se no seu interior.

— O Mapa do Salteador e o Manto da Invisibilidade!

Ralph alcançou e agarrou com firmeza os ombros de James, virando-o de modo que ficassem cara a cara. A expressão no rosto de Ralph estava pavorosa.

— James, não tens o Manto da Invisibilidade! — disse asperamente, a voz estalando. — Eu é que tenho! Deixaste-o comigo no vestiário dos Slytherin, lembraste? Eu usei-o para escapar! Está no meu malão, no dormitório dos rapazes!

James simplesmente fitou Ralph, petrificado. Abaixo deles, ao centro da Fortaleza da Gruta, Madame Delacroix continuava a tagarelar.

— Mr. James Potter, — chamou ela entre a sua risada. — por favor, sinta-se livre para se juntar a nós. Traz os teus amigos se desejares.

James sentiu-se enraizado onde estava. Não desceria para ali, obviamente. Não correria. Sabia agora que possuía o manto de Merlinus dentro da sua mochila, que fora ludibriado para a trazer contigo, ludibriado para pensar que se tratava do Manto da Invisibilidade. Agora era o momento de fugir. E já não podia. Ralph empurrou-o, insistindo que deveriam ir, mas Zane, do outro lado de James, lentamente levantou-se e puxou para fora a sua varinha.

— A rainha do voodoo acha que é bastante esperta — disse ele em voz alta, passando em torno do pilar e apontando a varinha para ela. — Você é tão repugnante quanto maligna. *Stupefy!*

James engasgou-se assim que o jacto de luz vermelha disparou da varinha de Zane. O feitiço golpeou Madame Delacroix directamente nas costas e James ficou atento se ela desmoronaria inconsciente. Contudo, ela nem sequer se moveu, e James estava consternado em ver que o jacto de luz vermelha passara directamente por ela, atingira o chão próximo do trono e desapareceu inofensivamente. Delacroix ainda estava a rir quando se virou para encarar Zane.

— Eu, repugnante? — a sua risada cessou totalmente quando o seu olhar encontrou Zane. Ela já não estava cega nem velha. Era, de facto, a sua versão espectral projectada de si mesma. — Maligna? Talvez, mas somente como um passatempo. — o espectro de Madame Delacroix ergueu uma mão e Zane foi rudemente elevado do chão. Pareceu estar preso ali, como se estivesse engatado. — Se eu realmente fosse maligna, eu matar-te-ia agora, não? — ela sorriu para ele, e então virou-se, apontando o seu braço para o local onde James estava escondido. — Mr. Potter, por favor, é tolice opores-te a mim. Acima de tudo, és quase meu aprendiz neste desafio. Traz o Mr. Deedle contigo. Vamos todos apreciar o espectáculo, sim?

Jackson virara-se quando Zane se apresentou, observando com uma notável carência de surpresa, a sua varinha ainda exposta, mas apontada para baixo. Agora, ele observava James e Ralph posicionados tolamente, como se contra a vontade deles, e começarem a descer os degraus em direcção ao centro da gruta. Os seus olhos encontraram os de James, as sobrancelhas espessas e escuras baixas e furiosas.

— Para, Potter — disse em voz baixa, meio que erguendo a sua varinha, apontando em direcção ao chão em frente a James e Ralph. Os pés de ambos pararam de se mover, como se de repente estivessem aterrado em cola.

— Oh, Theodore, precisamos prolongar isto? — suspirou Delacroix. Ela ergueu o seu braço em direcção a ele e realizou um complicado gesto com os dedos. A varinha de Jackson saltou da sua mão num movimento rápido como se estivesse amarrada numa corda fina. Ele tentou agarrá-la, mas esta disparou para longe do seu alcance. Delacroix executou outro gesto com a mão, e a varinha rompeu pelo ar, como se quebrada sobre o joelho. A expressão no rosto de Jackson não mudou, mas ele baixou lentamente as suas

mãos, olhando veementemente para os dois pedaços da sua varinha de castanheira. Então, virou-se de volta para Delacroix, o rosto pálido de fúria, e começou a andar em direcção a ela. A mão de Delacroix moveu-se como um relâmpago, pondo-as rapidamente nas dobras da sua roupa e retirando a sua horrível varinha de videira dentre os dedos.

— Esta pode ser apenas a representação de uma coisa real — disse ela gargalhando. — conjugada da sujeira deste lugar, exactamente como a versão de eu mesma, mas asseguro-lhe, Theodore, esta varinha é exactamente tão poderosa quanto penso que ela é. Não me faça destruí-lo.

Jackson cessou a sua trajetória, mas o seu rosto não se modificou.

— Não posso deixá-la prosseguir com isto, Delacroix. Sabe disso.

— Oh, mas já deixou! — gargalhou ela, como se se divertisse. Apontou a sua varinha para Jackson e executou um movimento rápido. Um jacto repugnante de luz laranja disparou da varinha, lançando Jackson violentamente para trás. Ele aterrou fortemente nos degraus superiores de pedra, grunhindo de dor. Ele esforçou-se para se erguer, e Delacroix revirou os olhos. — Heróis, — disse ela com desdém, e moveu a varinha novamente. Jackson voou do chão e foi lançado contra um dos pilares de árvore que se estendiam pela gruta. Ele pendeu ali, aparentemente inconsciente.

— E agora, — disse ela, preguiçosamente apontando a varinha em direcção a James e Ralph. — por favor, juntem-se a mim.

Os dois rapazs foram erguidos do chão para descer os degraus restantes. Eles declinavam de forma desastrosa aos pés no espaço relvado do térreo da gruta, directamente de frente para o espectro de Madame Delacroix. Os olhos dela estavam verdes-esmeralda dilacerantes.

— Entreguem-me o manto. E por favor, não me façam ferir qualquer um dos dois. Apenas pedirei uma vez.

A mochila escorregou do ombro de James e golpeou o chão aos seus pés. Ele olhou para baixo, sentindo-se atordoado e completamente desesperado.

— Por favor, — disse Delacroix, e fez um movimento com a varinha. James caiu sobre os joelhos como se algo extraordinariamente pesado tivesse aterrado nos seus ombros. A sua mão foi posta dentro da bolsa, agarrou o manto e puxou-o para fora. Ralph esforçou-se para a apanhar, mas parecia estar preso, incapaz de mover mais do que alguns centímetros em qualquer direcção.

— Não, James!

— Não sou eu — disse James desesperadamente.

Os olhos de Delacroix cintilaram em desejo. Ela ergueu uma mão e delicadamente tomou o manto de James.

— A livre vontade é altamente valorizada — disse ela futilmente.

— Você não vencerá — disse James com fúria. — Não possui todas as relíquias.

Delacroix desviou os olhos do manto, encontrando os olhos de James com uma expressão de delicada surpresa.

— Não tenho, Mr. Potter?

— Não! — disse James, rangendo os dentes. — Não obtivemos a vassoura. A Tabitha ainda a tem. Ainda nem tenho a certeza se ela sabe do que se trata, mas não a vejo a trazê-la para si agora, de qualquer maneira. — ele esperava estar certo ao dizer isto. Não via a vassoura à vista em qualquer lugar que fosse, e Tabitha certamente não parecia estar presente, a não ser que estivesse escondida, como eles estiveram.

Delacroix riu levemente como se James tivesse acabado de fazer um comentário bastante engraçado numa festa.

— Aquele era o lugar oculto perfeito, não era Mr. Potter? E a Miss Corsica é a pessoa perfeita para abrigar isso para mim. O local era tão perfeito que, de facto, nunca tiveste uma chance de aprender que era, na verdade, uma óptima mentira. Interessante como possa ser, a vassoura da Miss Corsica é nada mais que um truque conveniente. Não, assim como o manto, o bastão de Merlin também encontrou o seu caminho até mim esta noite, apesar de tudo o que possas achar. De facto, ele foi muito bem cuidado.

O formoso espectro de Madame Delacroix virou-se para Ralph e ofereceu a sua mão.

— A sua varinha, por favor, Mr. Deedle.

— N-não — protestou Ralph, a voz quase num murmúrio. Ele tentou-se afastar.

— Não me faças insistir, Ralph — disse Delacroix, erguendo a sua própria varinha em direcção a ele.

A mão de Ralph ergueu-se abruptamente e dirigiu-se ao seu bolso de trás. Estremecendo, ele apresentou a sua enorme e ridícula varinha. Pela primeira vez, James viu-a pelo o que ela era. A varinha não era apenas grossa de forma incomum, talhada a um ponto de uma das extremidades. Era parte de algo que fora, num determinado tempo, maior, consumido gradualmente pelo tempo, mas ainda assim, como se mostrado repetidas vezes, extrema e inexplicavelmente poderosa. Delacroix estendeu o braço, quase delicadamente, e arrancou o bastão de Merlin da mão de Ralph.

— Não fazia sentido eu arriscar-me sozinha a capturar por contrabando tal coisa dentro dos terrenos. Certamente alguém detectaria, caso o tivesse em meu poder. Então, providencieei que fosse vendida para ti e ao teu charmoso pai, Mr. Deedle. Eu era o vendedor, de facto, embora numa aparência diferente. Espero que tenhas apreciado o uso do bastão. Bastante poderoso, não? Oh, mas agora percebo — ela adicionou, virando-se quase arrependidamente. — achavas que eras tu quem era poderoso, não? Sinto muito, Mr. Deedle. Realmente achas que terias permissão para entrar na Fortaleza se não estivesses com o bastão de Merlin contigo? Com certeza, inclusive podes perceber o humor disso, não? Tu, um nascido muggle. Por favor, perdoa-me. — ela sorriu novamente, leve e maliciosamente.

Então, ela virou-se e começou a cuidadosamente arrumar as relíquias sobre o trono. James e Ralph olharam infelizes um para o outro, e logo James tentou olhar de volta para Zane, que permanecia preso ao pilar de árvore atrás deles, mas a escuridão estava bastante espessa.

Madame Delacroix afastou-se do trono, captando um longo fôlego de expectativa. Ela posicionou-se entre Ralph e James, como se fossem seus colegas.

— Aqui vamos nós. Oh, estou tão satisfeita. Odeio dizer isto, mas tudo saiu exactamente como planeei. Apreciem o espetáculo, jovens amigos. Não posso garantir que Merlinus não vos irá destruir ao chegar, mas, certamente, devem achar que não existe preço para presenciar tal coisa.

— Valerá a pena se for destruída, também — disse James através dos dentes cerrados.

— Quanto veneno — replicou Delacroix, sorrindo. — Não me surpreende que tenhas sido um óptimo aprendiz.

O manto de Merlin fora posta em torno das costas do trono, como se Merlin pudesse simplesmente vestir-se com ela quando aparecesse. Uma ponta do bastão de Merlin estava encostada contra a frente do trono. Os feixes de luz lunar e estrelar tornaram-se bastante reluzentes, esboçando uma linha bruxuleante pela escuridão do buraco no tecto coberto ao centro da área relvada abaixo. As três relíquias incandescentes na luz brilhante e prateada. A hora da Encruzilhada dos Anciões chegara.

James ouviu algo. Sabia que Madame Delacroix e Ralph ouviram, também. Todos os três viraram as cabeças, tentando localizar a fonte do barulho. Era baixo e sussurrante, vindo de todas as direcções de uma só vez. Era trémulo e distante, quase como uma nota baixa em centenas de flautas longínquas, mas estava a tornar-se mais alto. Madame Delacroix olhou de relance, o seu rosto era uma máscara de alegria, mas James estava certo de que, espectro ou não, também tinha um resquício de temor no rosto dela. Repentinamente, ela segurou firmemente os braços dos rapazes com as suas mãos duras.

— Olhem! — ofegou ela.

Gavinhas de névoa despejavam-se entre os pilares da gruta, trazendo o som juntamente a elas. As gavinhas também estavam a infiltrar-se nos ramos do tecto coberto. Eram tão insubstanciais quanto fumo, mas moviam-se com inteligência, com crescente velocidade. Serpentearam em direcção ao trono, e ali começaram a acumular-se. Assim que as gavinhas se uniram, contorceram-se e desmoronaram, formando, a princípio, apenas formas nebulosas, e então fortalecendo-se, focalizando-se. Uma sequência de linhas ligeiramente curvadas e horizontais uniu-se ao centro do trono. Com um tremor involuntário, James percebeu que se tratavam das costelas de um esqueleto. Uma espinha dorsal surgiu dali, tanto em cima quanto em baixo, conectando-se a mais duas formas, o crânio e a bacia. Aquilo, James percebeu, tratava-se de uma

aparição acontecendo de forma lenta. Os átomos de Merlin estavam continuamente a unir-se, desafiando a inércia reunida dos séculos. O som que acompanhava a aparição estava a tornar-se mais alto e próximo, elevando-se e tornando-se quase humano.

— Ei, rainha do voodoo — disse uma voz repentina, directamente atrás de James, fazendo com que os três se sobressaltassem. — Pensa rápido e esquiva isto.

Uma extensão de madeira desceu violentamente sobre a cabeça de Delacroix, desintegrando-se em centenas de pedaços de sujidade húmida. Instantaneamente, o Feitiço do Corpo Preso deixou Ralph e James que girou e viu Zane a segurar a extremidade da barra de madeira, recuando da bagunça deixada pelo espectro de Delacroix, que estava a esforçar-se para se reconstruir. Dos ombros para cima, Delacroix parecia ser feita inteiramente de pedaços de terra, raízes contorcidas e vermes. As mãos do espectro lançaram-se de maneira descuidada ao pescoço arruinado, tentando forçar os pedaços de terra de volta para a forma.

— Ela esqueceu-se de mim quando Merlin se estava a formar! — gritou Zane, recolhendo a barra de madeira e içando-a de volta aos ombros. — Isto aqui caiu do pilar e apenas apanhei a coisa pesada mais próxima que podia encontrar. Peguem no manto e no bastão! — Zane oscilou a barra de madeira como um bastão de basebol, retirando um dos braços de Delacroix do ombro, que atingiu o chão e se desintegrou em sujidade e vermes.

James saltou para a frente e apanhou o quanto pôde do manto de Merlin, erguendo a sua mão esquerda através do molde que se formava do feiticeiro. Ele puxava, mas o manto opunha-se, esforçando para se manter na sua posição. Enterrando os seus tornozelos na terra suave, James puxava com tanto esforço quanto podia. O manto relíquia contorcia-se de volta ao trono, cumprindo o compromisso de que a forma esquelética se sentasse sobre ela. A forma agarrou os braços do trono e pareceu gritar, fazendo com que o tom de assombro ficasse mais alto. Ralph ofegou e apanhou o bastão, que estava a crescer em tamanho no momento em que a figura sobre o trono ganhava solidez. Ele afastou-se com o bastão, segurando-o acima da cabeça.

O espectro de Madame Delacroix parecia estar preso entre tentar reconstituir-se e tentar pôr o manto e o bastão de volta aos seus lugares. Acenava com o seu braço restante com selvageria em direcção a Ralph, então acenou de forma ameaçadora em direcção ao manto nas mãos de James. Zane saltitava atrás do espectro, a barra de madeira erguida, então a baixou novamente, enterrando-a quase até à cintura da figura que se desintegrava. James olhou em direcção ao trono de Merlin e percebeu que a figura ali, que se transformou num esqueleto completo com musculaturas fantasmagóricas aderindo a ele como musgo, estava horrivelmente serpentiforme, começando novamente a transformar-se em névoa. O som da aparição de Merlin transformou-se num grito de lamento fúnebre.

E então, como se tivesse saído do nada, outra figura estava entre eles. Saíra da escuridão além da Fortaleza da Gruta, movendo-se a uma velocidade feroz. Era a dríade

de dedos azuis horrivelmente longos, embora apenas por pouco. Tinha algo a mais a mover-se dentro da forma, como se a dríade fosse meramente uma roupa. Uma nova voz uniu-se ao lamento fúnebre do semi-formado Merlin.

Mestre! Não! Não lhe falharei! O seu tempo chegou, finalmente!

A figura dividiu-se de algum modo, abandonando completamente a forma da dríade que simplesmente se transformou em duas enormes garras negras. Elas desceram simultaneamente em direcção a James e Ralph, arrebatando de volta o manto e o bastão e lançando os rapazes dispersos nos degraus de pedra. As garras giraram, repondo as relíquias às suas posições, e então se retraíram, resvalando em poeira, como se estivessem exaustas.

A figura sobre o trono estremeceu violentamente, recompondo-se, e as gavinhas de névoa lançaram-se em direcção a ela, solidificando-se agora com terrível velocidade. Músculos cresceram dos ossos, camada por camada. Órgãos floresceram dentro do peito e abdómen, formando as veias. O corpo preencheu o manto, e esta tomou forma sobre ele. A pele cobriu o corpo como orvalho, primeiro como uma fina membrana, mas tornando-se espessa e corada. Os dedos apanharam o bastão, que aumentou o seu tamanho para quase dois metros, suavemente afilado na base e com uma pesada e nodosa extremidade. Runas percorriam o bastão de cima para baixo, pulsando numa fraca luz verde.

O barulho do retorno de Merlin determinou-se num prolongado grito, e o feiticeiro finalmente perdeu o fôlego, a cabeça lançou-se para trás, as cordas do seu pescoço firmes como arame. Após um longo momento, arrancou o seu primeiro suspiro em centenas de anos, preenchendo o seu peito, e baixou a cabeça.

Mestre!, chorou uma voz fantasmagórica. James olhou para a figura sobre o trono e a forma que dividira as garras assombrosas. Era um homenzinho, quase invisível. Ofegava, a sua cabeça calva brilhava na fraca luz do luar. Retornou! O meu trabalho está completo! Estou livre!

— Eu retornei — concordou a voz de Merlin. O rosto estava pedregoso, os olhos fixados sobre o fantasma. — Mas que tempo é este para o qual me fazes retornar, Austramaddux?

O... O mundo está pronto para si, Mestre!, gaguejou o fantasma, a sua voz alta e assustada. Eu... eu esperei até ao momento perfeito para a sua chegada! O equilíbrio entre os mágicos e não-mágicos está maduro para suas mãos, Mestre! O tempo... o tempo é chegado!

Merlin fitava o fantasma, sem sequer mover um dedo.

Por favor, Mestre!, gritou Austramaddux, caindo sobre os joelhos fantasmagóricos. Observei por séculos! O meu fardo... o meu fardo era maior do que eu podia suportar! Esperei enquanto podia. Apenas ajudei um pouco! Encontrei uma mulher, Mestre! O coração dela estava aberto para mim! Ela compartilhava os nossos objectivos, então eu... Eu a encorajei! Eu ajudei, mas apenas um pouco! Um pouco!

Merlin desviou o olhar de Austramaddux para o espectro de Madame Delacroix, que se tinha reconstituído na sua maior parte. O espectro colocou-se de joelhos, e quando falou, a voz soou como se fosse proveniente de uma boca repleta de terra.

— Sou a sua serva, Merlinus. Eu o convoquei para cumprir o seu destino, para nos liderar contra os vermes muggles. Estamos preparados para si. O mundo está maduro para si.

— É esta a marionete imunda que é para ser minha fonte de inspiração? — disse Merlin, a voz baixa, mas quase trovejando com intensidade. — Vamos vê-la como ela é, então, não como ela deseja ser vista.

Delacroix endireitou-se e começou a falar, mas nada saiu. A mandíbula funcionava, quase de forma mecânica, e então, sons áridos e de sufocação começaram a emergir de sua garganta. As mãos do espectro lançaram-se para cima, erguendo-se para agarrar o pescoço, então arranhando-o com longas unhas de modo que tiras lamacentas começaram a descascar. A garganta inchou, quase como a de um sapo, e, de repente, o espectro inclinou-se até a cintura, como se fosse vomitar. Os olhos de Merlin resplandeceram em direcção ao espectro e o seu bastão brilhou suavemente, as runas propagando-se com o seu brilho interno. Finalmente, de forma violenta, o espectro de Madame Delacroix ergueu-se e a mandíbula alargou-se, longe dos limites lógicos. Algo surgiu da boca horripelantemente escancarada. Lançou-se para o chão à frente. O corpo do espectro comprimia-se enquanto a coisa saía da sua boca. Era quase como se o espectro se revirasse de dentro para fora, esvaziando-se para fora pela sua própria boca, até que tudo o que saiu era a coisa que jazia de bruços no chão, serpentiforme e horrenda. Era Madame Delacroix como realmente era, de alguma forma transportada do seu remoto local de segurança e vomitada da sua própria forma de marioneta. Ela contorceu-se no chão, como se estivesse com grande dor, a sua forma macilenta e ossuda, os olhos revirados, fitando cegamente o tecto.

— Austramaddux, trouxeste-me para um tempo morto — disse Merlin, a voz baixa preenchendo a Fortaleza da Gruta com o rugido de centenas de tons. Ele desviou os seus olhos da forma patética de Madame Delacroix, retornando para o fantasma amedrontado. — As árvores despertaram para mim, mas estão quase mudas. Inclusive a terra dorme o sono dos séculos. Fizeste-me retornar por conveniência tua e nada mais. Eras um servo falhado quando concordei ensinar-te, e retornei apenas para perceber a intensidade desse erro. Dispensó-te dos meus serviços. Vai embora.

Merlin ergueu a sua mão livre e segurou-a no ar, a palma aberta, em direcção ao fantasma de Austramaddux. O fantasma empalideceu mais ainda e recuou para longe, erguendo as suas mãos como que para se defender de um golpe.

Não! Não, eu fui fiel! Por favor! Não me dispense! Cumpri a minha tarefa! Fui fiel! Nããão!

A última palavra estendeu-se e elevou-se em tom, subindo a escala enquanto o fantasma parecia recuar. Por um momento, desapareceu a forma da dríade azul,

encolhendo-se de medo e desesperada, então começou a perder inteiramente a sua forma. Diminuía, e James percebeu que o fantasma se contraía na mesma proporção que Merlin fechava as suas mãos, como se o feiticeiro estivesse comprimindo Austramaddux com o seu punho estendido. A última palavra do fantasma vazou dentro de um lamento de horror, reduzindo no momento em que o fantasma colapsava num brilhante ponto de luz cintilante. Merlin comprimiu o seu punho, e então abriu a sua mão. O fantasma desvaneceu, deixando somente o eco do seu grito final.

Finalmente, como se os notasse pela primeira vez, Merlin voltou a sua atenção para James, Ralph e Zane. James moveu-se para a frente, incerto do que faria, mas no seu coração tendo conhecimento de que devia fazer algo. Merlin ergueu a sua mão novamente, desta vez em direcção a James, que sentiu o mundo suavizar-se em seu redor, obscurecendo. Lutou, tentando resistir ao decrescente esquecimento, mas foi em vão. Não podia lutar contra o poder de Merlin, como um mosquito não podia lutar num vendaval. O mundo esvoaçou, canalizando-se num ponto, e o centro do ponto era a mão erguida de Merlin, puxando-o para dentro dela. Havia um olho ao centro da mão, azul cristalino. O olho fechou-se, e a voz de Merlin disse uma palavra, uma palavra que parecia preencher o negrume onde o mundo uma vez estivera, e aquela palavra era “dorme”.

— CAPÍTULO 18 —

A Assembleia da Torre



Alvoraada era uma fraca linha rosa no horizonte quando James abriu os olhos. Estava desconfortavelmente estendido sobre a relva da Fortaleza da Gruta, e gelado até aos ossos. Gemendo, girou até se sentar e examinou o que o rodeava. A primeira coisa que notou foi que o trono de Merlin tinha desaparecido. Não havia nada mais do que uma depressão na relva onde antes tinha estado. A segunda coisa que percebeu quando levantou a cabeça e olhou à volta foi que a Fortaleza da Gruta já não era um lugar mágico. Na ausência do trono de Merlin, a ilha voltava rapidamente à sua selvagem e arbitrária natureza. A sensação de arquitectura gótica e obsessiva estava a dissipar-se. Os pássaros cantavam no topo dos ramos das árvores.

— Oh-ohh — gemeu uma voz próxima. — Onde estou? De alguma forma, tenho a terrível sensação de que uma chávena de café e uma lareira não estão prestes a aparecer diante dos meus olhos.

— Zane — disse James, levantando-se cambaleante. — Estás bem? Onde está o Ralph?

— Estou aqui — resmungou Ralph. — Estou a fazer um diagnóstico de todos os meus ossos e funções físicas básicas. Até agora nada alarmante, mas preciso de um quarto-de-banho ainda mais que St. Lokimagus.

James subiu os degraus na penumbra das escadas superiores da Fortaleza. A luz das primeiras horas da manhã estava fraca e cinzenta, mal penetrava através dos arbustos e das árvores na ilha. Zane e Ralph subiram depois dele com passos hesitantes.

— Merlin foi-se — disse James, olhando ao redor. — E não vejo o Jackson nem a Delacroix. — ele pisou os pedaços partidos da varinha de Jackson e estremeceu.

— Enganamo-nos com ele, não foi? — disse Ralph.

— Enganamo-nos com um montão de coisas — concordou James em voz baixa.

Zane esfregou a parte baixa das costas e gemeu.

— Ei! Não fomos assim tão maus, considerando tudo. Quase detivemos o regresso de Merlin, graças à minha capacidade de cálculo e aos meus reflexos felinos. — A sua voz parecia oca no eco calmo da Fortaleza, e ele calou-se.

Os três rapazes encontraram a abertura que conduzia para a ponte da cabeça de dragão, cortaram as ervas daninhas que tinham crescido a tapar o espaço e saíram tropeçando para a alvorada. A ponte tombara parcialmente e já não havia quase nenhuma semelhança com a aterradora cabeça de dragão. A orla que limitava a floresta estava lamacenta e molhada, coberta de orvalho da manhã.

— Ei, olhem — disse Ralph, apontando. Havia pegadas na lama fresca e escorregadia.

— Parece que duas pessoas passaram por aqui, afastando-se da escola — disse Zane, inclinando-se para estudar os rastros descuidados. — Achas que um deles era Merlin?

James negou com a cabeça.

— Não. Merlin não usava sapatos. Parecem ser da Delacroix e do Jackson. Provavelmente ela foi à frente, e depois ele seguiu-a quando se recuperou. Além disso, algo em Merlin me diz que ele não deixa rastros a não ser que lhe convenha.

— Espero que o Jackson a parta ao meio quando a encontrar — disse Zane, mas sem muita convicção.

— Espero que ela não o parta a *ele* — contestou Ralph com ar taciturno. — Viste o que ela fez com a varinha dele.

— Nem mo lembres — resmungou James — Não quero pensar nisso.

Ele começou a avançar dirigindo-se, a princípio, para os bosques, onde tinham deixado Prechka, mas sem um verdadeiro destino em mente. Tinha uma suspeita terrível sobre onde teria ido Merlin, e ele, James, era responsável por isso.

Duas vezes Delacroix o chamara de 'seu aprendiz'. Ela o influenciara, de alguma maneira, e ele permitira. Participara directamente no seu plano, trazendo-lhe o manto. Ela tinha razão. Ela não tivera que levantar nem um dedo. De facto, as coisas não pareceram resolver-se muito bem para Delacroix no fim, mas isso não significava muito. Um Merlin solitário e aventureiro poderia ser ainda mais perigoso que um Merlin aliado com pessoas como as do Elemento Progressivo. Pelo menos eles tentavam trabalhar sob um manto de respeitabilidade. Merlin pertencia à outra época; uma época mais directa e mortífera.

Um fardo de culpa e desespero esmagava James enquanto avançava a passo lento. Zane e Ralph seguiam-no silenciosamente.

Prechka tinha ido embora. James não estava realmente surpreso. As suas pegadas estavam impressas no solo húmido, como as de um dinossauro. Sem uma palavra, os rapazes seguiram-nas, tremendo, molhados pelo orvalho.

Uma névoa enchia os bosques, reduzindo o mundo a um punhado de árvores negras e arbustos empapados. Enquanto caminhavam, o nevoeiro tornou-se luminoso, absorvendo o sol, e finalmente começou a dissipar. A floresta acordou com o canto dos pássaros, e o deambular de criaturas invisíveis no mato. E então, surpreendentemente, ouviram-se vozes distantes, chamando-os.

— Ei! — disse Zane, detendo-se e à escuta. — É o Ted!

— E a Sabrina! — acrescentou Ralph. — O que estão fazendo aqui? Ei! Aqui!

Os três rapazes detiveram-se e chamaram os dois Gremlins, que responderam com assobios e gritos. Uma forma gigantesca surgiu do nevoeiro movendo-se quase delicadamente entre as árvores.

— Grawp! — Zane riu, correndo ao encontro do gigante.

— Meus, parecem restos de Ineri — gritou Ted dos ombros de Grawp. — Passaram a noite toda aqui?

— É uma longa história, mas sim — respondeu Zane. — Versão abreviada: o Merlin voltou, a rainha voodoo fugiu, e o Jackson era um tipo porreiro no fim de contas. Ele foi atrás dela enquanto falamos, resultados desconhecidos.

— Há espaço para mais três aí em cima, Grawp? — disse Ralph, a tremer. — É que acho que se tiver que dar mais um passo, eu caio morto.

Grawp ajoelhou-se e os três rapazes subiram para seus ombros, apinhando-se com Sabrina e Ted. Antes de subir, James flexionou os dedos e o pulso da sua mão direita. Não sentia dor, e os ossos do seu braço pareciam sólidos e rectos. Desatou a tala e a pô-la descuidadamente no bolso.

— Como é que vocês dois escaparam? — perguntou James para Ted quando este apareceu ao seu lado, arrancando punhados do cabelo ressequido do Grawp à procura de apoio. — Pensava que estavam todos em prisão domiciliar.

— Isso foi ontem à noite — disse Ted simplesmente. — As coisas tornaram-se bastante estranhas na escola desde então. O Merlin apareceu a meio da noite, e deixem-me contarvos; este tipo sim, sabe como fazer uma entrada.

— Ele dirigiu a Prechka direitinho ao pátio e a fê-la chutar as portas da entrada — explicou Sabrina. — Ele obviamente fala o idioma gigante, e deixou-a realmente selvagem. Então, ele desceu e fê-a dormir. Ela ainda lá está, a roncar ao lado da entrada principal tipo o maior monte de roupa suja do mundo.

— Todos nós acordamos quando ouvimos o barulho das portas a romper — continuou Ted. — Depois disso, estourou um pandemónio. Havia estudantes a correr por todo o lado em pijama a tentar descobrir o que estava a acontecer. As pessoas estavam bastante tensas, com o tal Prescott ainda nos terrenos e sem ninguém saber o que ele está a fazer. E depois ali estava este tipo robusto e vestido como uma mistura de druida e Pai Natal, que espreitava pela escola, a fazer as pessoas dormir com apenas um piscar de olhos, a bater o seu enorme bastão no chão, a caminhar de forma bastante ruidosa de forma que ressoasse por todo o lugar. Então ele viu o Peeves e a coisa mais estranha aconteceu!

— O quê? — perguntou Zane esperançoso. Peeves lançou uma framboesa nele e transformou-o num candeeiro, ou coisa do género?

— Não! — disse Sabrina — O Peeves juntou-se a ele! Não parecia querer, mas fê-lo, de qualquer forma. Merlin deteve-se quando viu o Peeves, e depois falou com ele. Nenhum de nós sabia o que ele estava a dizer. Falava numa língua realmente estranha e selecta. Ficamos preocupados que o Peeves fizesse algo estúpido e conseguisse com que ele liquidasse toda a gente com aquele bastão assustador, mas então o Peeves apenas sorriu, e não era um de seus sorrisos habituai. Foi o tipo de sorriso que vês num elfo doméstico quando o dono é propenso a dar-lhe com uma frigideira quando o vê. Um monte de dentes sem muito humor, sabes? E então o Peeves desceu até ao lado de Merlin. Falaram baixo durante alguns segundos, e depois o Peeves marchou, de forma bastante lenta para Merlin o seguir. Merlin tinha um lugar em mente que queria ir, suponho, e o Peeves levou-o até lá.

— O Peeves? — disse Ralph com incredulidade.

— Eu sei — contestou Ted. — Não é normal. Foi quando soubemos que enfrentávamos alguém realmente terrível. Grande parte de nós, os Gremlins, já tínhamos adivinhado que se tratava de Merlin, mas isto comprovou-o.

— Onde foram? — perguntou James com a voz tranquila.

— À Torre Sylvven — respondeu Sabrina. — Pelo menos é assim que se costumava chamar. Já ninguém a chama assim. Correu o boato de que ele esperava uma “conferência com o Pendragão”, seja lá o que isso for.

— Isto não me soa bem — disse Zane.

— Não soa bem a ninguém — concordou Ted. — Aparentemente, ele acha que esse “Pendragão” é o rei ou o líder. É alguma espécie de desafio medieval ou algo parecido. Seja como for, a McGonagall reuniu os professores para conversar e negociar com ele, e foi quando ela percebeu que tanto o professor Jackson como a Delacroix tinham desaparecido. Então, chegou a notícia de que tinhas desaparecido da ala hospitalar, James. A próxima coisa que soubemos foi que a McGonagall nos mandou procurar-vos. Ela estava muito ocupada para vir, mas sabia que se alguém podia encontrar-te, esses tais éramos nós. Pareceu suspeitar que vocês os três poderiam saber algo a respeito desta “bagunça infernal”, como ela disse. Velha receosa, não?

Quando Ted acabou de falar, o Grawp finalmente tirou-os do limite da floresta. O castelo resplandecia na brilhante luz matinal, as suas janelas reluziam alegremente apesar da confusão que reinava no seu interior. A garagem de Alma Aleron estava tranquila, as suas portas fechadas e seguras. James recordou a diferença de tempo entre Hogwarts e o lado Filadélfia, e soube que as pessoas do outro lado ainda deveriam estar profundamente adormecidas. Quando Grawp dobrou o canto do pátio, Ted pediu que os colocasse no chão.

— Bom trabalho, Grawp! — disse Sabrina calorosamente, acariciando o enorme ombro do gigante. — Porque não vais descansar com a Prechka?

Grawp grunhiu em concordância e moveu-se pesadamente para a gigante, que sem dúvida roncava profundamente junto aos degraus do castelo. As sólidas portas de madeira pendiam cada uma de uma dobradiça, forçadas para dentro e destroçadas. O aposento estava misteriosamente vazio e silencioso. Quando entraram, Ralph ofegou e agarrou o braço de James, apontando. Ali, deitados estranhamente no chão próximos à porta, estavam o senhor Recreant e a senhorita Sacarhina. Ambos tinham os olhos abertos e sorriam abertamente para o tecto de forma pouco natural. O braço de Sacarhina estava estendido, destacando-se e parecendo pálido à luz da aurora.

— Estão mo... mortos? — gaguejou Ralph.

Ted chutou ligeiramente o pé de Recreant.

— Provavelmente não. Ainda estão quentes e respiram. Só que muito, muito devagar. Tudo indica que estavam aqui na entrada quando Merlin chegou. Parece que tentaram dar-lhe as boas vindas e ele os liquidou, de alguma forma. Ele fez vários estudantes dormir, mas estes dois ganharam algum tratamento congelante especial. Enfim, vamos tirá-los do caminho para que as pessoas não passassem por cima deles. — encolheu os ombros e guiou-os passando junto às duas figuras debruçadas, para os corredores além das escadas.

— Onde fica a Torre Sylvven? — perguntou James enquanto apressavam-se pelos corredores.

— É a torre mais alta na parte antiga do castelo. A mais estreita também — respondeu Ted, com a voz mais sombria do que o habitual. — Não se usa muito, excepto

para a astronomia às vezes. É muito alta e perigosa para subir. A Petra diz que era uma parte importante do castelo há muito, muito tempo. Cada castelo tinha uma, e era considerado terreno neutro, uma espécie de embaixada universal ou algo assim. As reuniões entre nações e reinos em guerra ocorriam ali, com um rei dum lado e o rei inimigo do outro. Quatro conselheiros eram autorizados a acompanhá-los, mas o resto tinha que esperar lá em baixo. De tempos em tempos, as guerras decidiam-se e terminavam ali mesmo, às vezes um líder matava ao outro e lançava o corpo do topo da torre para que todos o vissem.

James sentiu o coração afundar ainda mais.

— Quem está lá em cima com ele, então?

Ted encolheu os ombros.

— Não sei. Mandaram-no procurar por vocês quando McGonagall ainda estava a reunir toda a gente. Acredito que ela mesma tencionava encontrá-lo. Parecia bastante disposta a fazer isso, se queres saber.

Os cinco estudantes atravessaram um amplo e baixo arco, entrando na parte mais antiga e menos utilizada do castelo. Após vários corredores estreitos e curvos, finalmente encontraram pessoas. Estudantes reuniam-se nos corredores, alinhados ao longo das paredes e falando em voz baixa. Finalmente, Ted conduziu-os a uma sala circular com um tecto muito alto, na verdade, tão alto, que se perdia nas escuras e nebulosas alturas da torre. O andar térreo estava repleto de estudantes que resmungavam, nervosos em expectativa. Uma escada bamba de madeira subia em espiral pela garganta da torre. Após uma olhadela rápida para cima, Ted começou a subir. James, Zane, Ralph e Sabrina seguiram-no.

— A McGonagall está lá em cima com... *ele*? — perguntou Ralph. — O quanto, er, ela é *experiente*?

— É a directora — contestou Sabrina seriamente. — Ela é experiente.

— Assim o espero — disse James baixinho.

Subiram o resto do caminho em silêncio. Levou bastante tempo, e James estava visivelmente cansado e dolorido quando chegou ao topo. Ralph ofegava atrás dele, puxando-se com ambas as mãos no grosso corrimão. Contudo, finalmente, a escada abriu-se para uma sala que se encontrava no topo da torre. Era baixa, com pesadas vigas, poeira, e séculos de excrementos de pombos e corujas. Estreitas janelas desfilavam ao longo do perímetro da sala, revelando porções de luz matinal. Havia várias pessoas presentes, ainda que nenhuma delas parecesse ser a directora ou Merlin.

— James — disse uma voz grossa, e uma mão caiu sobre o seu ombro. — O que estão a fazer aqui? Receio que este lugar não é para ti.

— Ele foi convocado, professor Slughorn — disse Sabrina, seguindo os outros para o interior da sala. — A própria directora pediu que o trouxéssemos, assim como o Ralph e Zane. Eles devem subir imediatamente.

— Subir? — ofegou Ralph. — Ainda há mais para subir? Não estamos no topo?

— Ah, Mr. Deedle — disse Slughorn, olhando para Ralph. — Sim, receio que há mais, mas só um pouco mais. Está directamente acima de nós. Tem certeza disto tudo, senhorita Hildegard? Este, dificilmente, seria lugar para crianças.

James imaginou que Slughorn parecia um pouco chateado por Ralph, Zane e ele subissem enquanto que ele próprio não.

— Estava na sala quando a directora nos mandou procurá-los, professor — disse Ted, deixando que uma pitada de severidade se insinuasse na sua voz.

— Sim, estava — reconheceu Slughorn, como se o facto demonstrasse pouco.

— Deixe-os proceder, Horace — disse o professor Flitwick de um assento próximo à janela. — Se foram convocados, foram convocados. Não estarão muito mais seguros aqui connosco se aquele selvagem prevalecer.

Slughorn fitou James, e depois, com um esforço de vontade evidente, suavizou a sua expressão. Virou-se para Ralph e deu-lhe umas palmadinhas firmes no ombro.

— Represente-nos bem, Mr. Deedle.

Ted apontou para uma curta escada de pedra que se projectava do chão de madeira e subia até um alçapão no tecto. James, Ralph e Zane aproximaram-se e subiram lentamente os degraus desgastados. O alçapão não estava fechado. James empurrou-o e a luz vazou, cegando-o momentaneamente enquanto subia à superfície.

Era quase exactamente do mesmo tamanho e forma que a Fortaleza da Gruta, construída quase inteiramente de pedra, excepto pelo piso de madeira no centro, no qual o alçapão se abriu. Pilares de mármore rodeavam o lugar, mas não havia tecto algum. A luz matinal enchia o topo da torre, brilhando sobre os níveis de pedras em mármore branco. Merlin estava sentado a poucos metros de distância, encarando os três rapazes quando emergiram para o vento suave e luz quente. O seu rosto estava pedregoso e imóvel, apenas os olhos moveram-se para os encarar.

— Mr. Potter — a voz da directora soou calma. — Mr. Walker e Mr. Deedle. Obrigado por se unirem a nós. Por favor, coloquem-se à minha esquerda. Ouviremos a vossa história em breve.

James virou-se enquanto Zane fechava o alçapão. McGonagall estava sentada atrás deles, em frente a Merlin. Ela usava um reluzente vestido vermelho muito mais chamativo e ostentoso do que James jamais a vira usar. Fazia-a parecer mais jovem e terrível, como uma espécie de rainha tirana. As cadeiras em que ela e Merlin se sentavam estavam cravadas na pedra do nível mais baixo, de modo que ambos se olhavam mutuamente através do chão de madeira do centro.

À esquerda de McGonagall, alinhados ao longo da borda do nível mais alto, havia mais quatro assentos esculpidos, embora fossem muito menos ornados. Sentados neles estavam Neville Longbottom, o Professor Franklyn, e Harry Potter.

— Pai! — James suspirou, um sorriso de alívio e alegria iluminou o seu rosto. Subiu a correr os degraus em direcção ao seu pai.

— James — disse Harry em voz baixa, com a expressão severa — disseram-me que tinham desaparecido. Estávamos muito preocupados convosco. Eu mesmo teria saído atrás de vocês, mas recebemos a notícia de que tinham sido encontrado apenas alguns momentos após a minha chegada.

— Como souberam? — perguntou Ralph, franzindo a testa.

Harry permitiu que um sorriso torto percorresse o seu rosto e mostrou um patinho de borracha Weasley. Na parte inferior, a letra de Ted destacava-se: *Encontramo-lo! Estamos a ir para aí agora mesmo!*

— Isto aqui é da Petra Morganstern, mas ela disse-me que vos tirou a ideia. Muito prático.

— Desculpa ter tirado o mapa e o manto, pai — disse James apressadamente. — Sei que não devia ter feito isso. Eu realmente fiz uma confusão. Merlin está de volta e é tudo culpa minha.

Harry lançou um olhar significativo para as cadeiras no centro do aposento.

— Não seas tão duro contigo mesmo, filho. Teremos muito tempo para falar disto mais tarde. Por hora, acho que temos outros assuntos para abordar.

James virou-se para a directora e para Merlin. Quase os tinha esquecido com o entusiasmo e o alívio de ver o seu pai.

— Verdade. Sinto muito.

Os três rapazs permaneceram de pé no nível superior, junto a Harry, Neville e Franklyn. James notou pela primeira vez que o lado oposto estava ocupado por um surpreendente número de aves e criaturas, todos olhando fixamente para Merlin. Estavam ali corujas e pombas, corvos e também alguns falcões, todos colocados no parapeito, sobre os quatro assentos talhados e no chão dos dois primeiros níveis. Sentados desordenadamente entre eles, também observando fixamente o homem barbudo, estava uma grande variedade de criaturas que James reconheceu como animais domésticos. Rãs e ratos apertavam-se cuidadosamente entre os pássaros. Inclusive o gato de Zane, Thumbs, estava ali, sentado mais à frente, o seu nariz preto e branco mexendo-se nervosamente.

— O que estava a dizer, Professor Longbottom? — disse McGonagall, o seu olhar ainda fixado na enorme e imóvel figura de Merlin.

Neville remexeu-se e levantou-se.

— Eu só quero mostrar a minha objecção à sua conversa com este... este intruso, que entrou violentamente nesta escola com quem sabe qual nefasto objectivo em mente, falando numa língua que nós, os seus antigos amigos e colegas, não conseguimos compreender ou acompanhar. Entre isso e o seu, devo admitir, traje surpreendente... bem, certamente deve saber o que pensamos.

— Peço as minhas desculpas, Mr. Longbottom, e ao resto de vocês — disse McGonagall, finalmente afastando seu olhar de Merlin e encontrando os olhos daqueles reunidos à sua esquerda. — Eu tinha-me esquecido. Este cavalheiro provém de uma

época de formalidade e rituais. Estou a encontrar-me com ele como ele espera, com a vestimenta cerimonial da minha posição. Receio que quando nos viu pela primeira vez, ele conclui que todos nós, incluindo os professores e eu própria, éramos camponeses que de algum modo tinham conseguido invadir o castelo. Era extremamente inadequado no seu tempo que o Pendragão se apresentasse com uma espécie de saco descolorido que é aquilo com o que ele confundiu nossas roupas. No que se refere à língua...

— Posso falar na língua dos seus servos se assim desejar, Madame Pendragão — interrompeu Merlin com a sua voz grave e vibrante. — Ainda que eu não saiba porque se digna a falar-lhes como iguais quando deveriam ser açoitados por tal insolência.

McGonagall suspirou e fechou os olhos. James tinha a sensação de que este tipo de mal-entendido estava a ocorrer há algum tempo.

— Estes são os meus colegas, não meus subalternos, senhor. Esta é outra época, temo que devo continuar a recordar-lhe. Não sou o Pendragão de um reino. Sou Pendragão somente de uma pequena porção de terra, a qual está dentro da visão desta torre. Mas sim, por favor, fale de modo que todos possamos entendê-lo.

— Como quiser, senhora — respondeu Merlin. — Presumo que o seu conselho está totalmente presente, então?

— Sim. James Potter, Ralph Deedle, Zane Walker — disse a directora, olhando sucessivamente para cada um. — Este homem alega ser Merlinus Ambrosius, devolvido ao mundo dos homens de uma época sem valor, pela acção combinada do seu aprendiz espectral e de outros cinco indivíduos. O que nos podem contar desta história?

James respondeu, explicando, tão bem e tão sinceramente quanto pôde, como as três relíquias de Merlin se combinaram na ilha da Fortaleza da Gruta. Foi cuidadoso em declarar, para sua própria vergonha, como o Professor Jackson quis proteger o manto relíquia e mantê-lo longe da Fortaleza frustrando o plano de Madame Delacroix, mas James sem querer arruinara as suas intenções.

— É minha culpa — explicou tristemente. — o Ralph e o Zane só ajudaram porque eu os convenci. Eu queria... — fez uma pausa e engoliu em seco. Queria resolver a situação, eu acho. Mas estraguei tudo. Sinto muito.

O rosto de McGonagall estava sereno, mas ilegível quando James terminou. Ele ficou abatido, mas pouco tempo depois sentiu a mão do seu pai sobre o ombro, quente e forte. Suspirou.

Merlin passeou o olhar sobre aqueles ali reunidos e os que estavam junto aos assentos, então inchou o peito lentamente.

— O plano de Austramaddux abusou das intenções de muitos, pelo que vejo; umas boas e outras más. Presumo, no entanto, que após o testemunho deste rapaz não haja dúvida sobre a minha identidade. Permitam-me repetir, então: fui, aparentemente, alvo de uma horrível campanha de mentiras e difamação. Ao que tudo indica, chegou a ser popularmente aceito que eu era, no meu tempo, uma criatura caprichosa e

desonrosa, um homem de alianças egoístas e astúcia infinita. Isso não é mais verdadeiro que a ladainha de virtudes adornadas na história desse vilão Voldemort que me descreveu. Eu não era mais maligno que uma tempestade. Matei somente quando não tinha nenhuma esperança de arrependimento ou escravidão. Cobrei dívidas somente dos que mereciam pagar, e mesmo assim um terço da minha riqueza foi para os pobres e igreja. Não sou nenhum monstro para ser procurado por estas patéticas criaturas às que vocês gratuitamente chamam de “malignas”, cuja própria maldade é apenas uma vela frente às tochas de iniquidade que observei em meus tempos.

— Não duvido que creia nisso — declarou McGonagall, — mas certamente sabe que as lendas do coração negro do mago mais poderoso do mundo começaram ainda antes que desse um passo para fora de seu próprio tempo, enquanto ainda andava sobre a terra. Muitos viveram temendo-o.

— Somente aqueles cuja maldade ou ignorância os levaram a esse erro — disse Merlin, com a voz grave. — E ainda nesse caso, eu provavelmente ter-lhes-ia acertado com a varinha em vez de com a espada.

— Pode ser, Merlinus, mas você mesmo sabe que se meteu em artes, enquanto tecnicamente permitidas no seu tempo, não eram *muito* permitidas. Expôs-se a correntes de magia que o separaram do resto da humanidade; correntes que eram, de facto, mais do que a maioria dos seres humanos poderia tocar e permanecerem lúcidos. Mudou depois disso. Talvez até se tenha corrompido com isso. Inclusive deve ter duvidado do seu próprio julgamento algumas vezes. A moralidade ambígua de Merlinus Ambrosius era tão conhecida, quanto a sua atitude arrogante para as vidas dos não-mágicos. Legitimamente, suspeitou-se que poderia pôr-se do lado daqueles que desejavam a destruição e a subjugação do reino muggle. Não posso falar pelo seu próprio tempo, mas no nosso, os que desejam a guerra com o mundo muggle são nossos inimigos juramentados. A sua lealdade deve ser decidida antes que possamos permitir que abandone estas paredes.

— Atreve-se a desafiar um nobre como eu? — perguntou Merlin, com voz suave e tranquila. — E a sugerir que eu não poderia simplesmente eliminá-los da face da terra com um gesto do meu braço, se desejar?

— Atrevo-me a fazer ambas as coisas, e por uma boa razão — disse McGonagall firmemente. — As suas motivações eram duvidosas nos seus tempos, como até mesmo os melhores historiadores acreditam. Continua a ser assim nesta época. E quanto aos seus poderes, podem ser formidáveis, mas inclusive na sua época, a fonte de que extraía o seu poder, diminuía à medida que a terra era subjugada. Não finja que não foi essa a principal razão para avançar no tempo. Esperava voltar a uma idade em que as fontes da terra estivessem restauradas, quando o seu poder seria novamente inesgotável e completo. Mas esta não é essa época. A fonte está agora mais dividida do que nunca. O seu poder ainda pode ser grande, e na verdade poderia derrotar os aqui reunidos, mas

não é em nenhum caso invencível. Escolha cuidadosamente com quem se alia nesta época, Merlinus.

O rosto de Merlin permaneceu tão impassível quanto uma pedra enquanto olhava fixamente para a directora.

— Realmente voltei a um tempo de escuridão se a Pendragão acredita que uma simples ameaça de morte poderia afectar as convicções de um mago honorável. Mas vejo que é honesta nas suas razões, mesmo que os seus métodos sejam mesquinhos. Nunca assinei alianças com aqueles cujos corações endureceram contra os não-mágicos. Trabalhei para manter o equilíbrio entre os mundos mágico e não-mágico, para impedir que a balança se inclinasse para um ou outro lado, embora ninguém tivesse adivinhado os meus objectivos reais. Servi a todos, mas sempre com essa meta no meu coração. A justiça é um mito entre uma humanidade decaída, mas a igualdade de luta pode ser mantida, mesmo que seja apenas um pálido fantasma da verdadeira justiça.

— Fala bem, Merlinus — disse a directora. — mas não declarou o seu objectivo claramente. Está aqui para nos destruir, ou para trabalhar connosco?

Pela primeira vez, o rosto de Merlin mostrou emoção. Fechou os olhos e apertou os lábios. A sua barba reluzia com o que James pensou ser algum tipo de óleo. De vez em quando, o seu cheiro, selvagem e aromático, flutuava suavemente na brisa do alto da torre.

— Austramaddux merecia o destino que lhe dei, e talvez uma centena de vezes mais, por me devolver a este tempo — ele abriu os olhos outra vez, e olhou para a assembleia. — Eu aproximo-me de um castelo da mais sólida construção que já testei, cheio de brilhantes pontos de luz solidificados, e ainda não encontrei nenhum sentinela, ou guarda, nem mesmo um servo que prepare o meu banho ou qualquer outra exigência de protocolo. Vem ao meu encontro sem reconhecer a minha posição e sem me mostrar reverência, vestida com roupas de palhaços e camponeses, e mesmo assim está cercada por mesas cheias em pratos tão lisos e redondos como planetas. A própria Pendragão não é reverenciada nem servida, mas veste-se como os seus subordinados com bolsas informais de lona. E depois, acima de tudo, a minha honra e lealdade são desafiadas, quando eu próprio me abstenho de exigir tributo por respeito a uma época alheia. Verdadeiramente, a minha missão foi reduzida a pó. Não existe uma época madura para mim.

— Austramaddux pode ter sido egoísta — concordou McGonagall, inclinando-se ligeiramente para frente. — mas talvez não seja um erro que tenha sido devolvido a este tempo, Merlinus. Acreditava-se que você lideraria uma rebelião contra o mundo muggle, mas se as suas afirmações são sinceras, então pode ter sido trazido aqui por uma providência ainda maior, de modo a que pudesse ajudar-nos na prevenção de tal tragédia. Inclusive agora, os poderes do caos puseram em marcha acontecimentos que conduzirão a este fim. Mesmo agora, há um homem entre nós, um homem muggle. Foi conduzido até aqui pelos agentes da desordem, e burlou as nossas maiores defesas

usando um tipo de não-magia chamada “tecnologia”. Tem acesso a uma maquinaria chamada “imprensa” através da qual pode tornar conhecidos os segredos do mundo mágico ao resto da humanidade. E é só por mérito desse segredo que o equilíbrio de poderes existe. Se este homem e os seus cúmplices tiverem sucesso, farão um mau uso da nova combinação dos mundos mágico e muggle. Eles traçarão divisões, procurarão o poder, e mais cedo ou mais tarde, provocarão uma guerra. O senhor, mais do que ninguém, sabe qual seria o resultado de tal combinação. Deve ajudar-nos. Aqueles que conspiram o caos esperam-nos. Deixe-os provar o fogo que eles pretendem verter sobre o mundo, Merlinus. Ajude-nos.

Merlin permaneceu imóvel por quase um minuto, a barba brilhando ao sol. Os animais remexiam-se ligeiramente, movendo os focinhos e arrepiando as penas. Finalmente, Merlin levantou-se, e foi como ver surgir uma montanha desde a sua base. Ele moveu-se com lento e absoluto encanto até que ficou totalmente erecto, o seu bastão recto ao seu lado, os seus penetrantes olhos azuis fixos na directora.

— Está certa, senhora — disse Merlin, com a voz retumbante e irritadiça. — Foi o meu objectivo egoísta que me levou a abandonar a minha própria época apenas para encontrar um tempo em que o meu poder seria totalmente restaurado. A arrogância é a minha perdição, e isso arruinou-me. Voltei agora somente para encontrar o meu poder despedaçado, muito mais do que estava na minha época. Por favor, perdoe-me, como homem de honra, mas sinto-me tão incapaz quanto pouco disposto para me elevar ao posto que descreveu para mim. Este não é mais o meu mundo. Talvez vocês prevalecerão sem mim. Talvez não. Não posso ver nenhum futuro para mim neste tempo, além de saber que o sol surgirá amanhã e viajará pelo céu como fez durante os mil anos da minha ausência. Brilhará sobre a guerra ou sobre a paz, a verdade ou a mentira, eu não sei, mas sei disto: brilhará sobre um mundo que não me conhece, nem eu a ele. Tenho que ir agora, senhora. Desejo a todos que se saiam bem.

Merlin ergueu os braços, segurando o bastão no alto. Como um só, os pássaros sobre as balaustradas e os assentos lançaram-se ao ar. Houve um som ensurdecedor quando centenas de asas bateram. Quando a massa de pássaros dispersou, voando do cume da torre em todas as direcções, não havia nenhum sinal de Merlin.

James olhou fixamente para o local onde o grande mago estivera. Tudo terminara. Não restara nada. Harry virou James e abraçou-o.

— Está tudo bem, filho — disse ele.

James não achava que alguma coisa estivesse, mas alegrou-se ao ouvir as palavras, de qualquer forma. Abraçou o seu pai de volta.



— Pergunto-me se realmente se foi para sempre — ponderou Neville em voz alta.

— Não duvido que ele pretendia que acreditássemos nisso — contestou a directora, levantando-se da sua cadeira sobre a tribuna da torre. — Mas a questão é que não há nenhum lugar para onde ir. O seu servo, Austramaddux, aparentemente, foi banido para o mundo dos mortos, assim Merlinus não tem nenhum aprendiz nesta época a quem encarregar o seu reaparecimento, caso decida viajar no tempo novamente. Receio que devemos assumir que Merlinus está entre nós, para o bem ou para o mal. Mr. Potter, ele pode ser rastreado?

Harry pensou por um momento.

— Difícil, mas não impossível. Provavelmente, ele se refugiara na proteção das florestas, onde o seu poder é mais forte. Sem dúvida, ele tem muitos métodos de sobrevivência e fuga ali, mas um mago de tais capacidades sempre deixará um resíduo mágico perceptível. Acho que se pode localizar, com uma equipa de aurors e muito tempo. A pergunta é: o que faremos com ele quando o encontrarmos?

— Devemos assegurar-nos das suas intenções — disse Franklyn sombrio, aproximando-se da cadeira que Merlin ocupara. — Merlinus é uma criatura de mistério e confusão. Apesar das suas palavras sinto que nem ele mesmo confia nas suas próprias lealdades. As coisas eram muito mais claras em seus tempos. Não percebem isso também? Ele sente-se inseguro nesta época. Não sabe em quem confiar, que objectivo reflecte o seu próprio. Esta situação agrava-se pelo facto de que, como assinalou, directora, a própria moralidade de Merlin é ambígua na melhor das hipóteses. Ele refugia-se agora para examinar o seu próprio coração tanto quanto para estudar as facções desta época.

— Realmente acredita nisso, professor? — perguntou Harry.

Franklyn apresentou o mesmo dispositivo de latão que usara para examinar o braço partido de James no campo de Quidditch. Olhava irredutivelmente através dele, estudando a cadeira que Merlin ocupara. Assentiu lentamente.

— Sim. Merlin admitiu que o orgulho é a sua maior fraqueza. Não pode permitir que vejamos a sua própria carência de segurança. Mas não há dúvidas disso. Não sabe qual é a sua posição nesta época porque não sabe qual é a sua posição no seu próprio coração, e só agora ele compreende.

— Essas dúvidas não durarão para sempre, no entanto — disse Neville, descendo até ao chão de madeira. — Não podemos sentar-nos e esperar até que ele se decida qual o lado a unir-se. O seu poder pode estar reduzido, mas apostaria que ainda é inigualável para qualquer feiticeiro actual. Temos que presumir que está com os nossos inimigos até que deixe claro que é nosso aliado.

Harry negou com a cabeça.

— Concorde que pode sentir-se inseguro nesta época, mas não acho que seja mau. Ou, pelo menos, não deliberadamente maligno.

— O que quer dizer? — interpôs Zane. — Ele foi procurado pelos magos mais malignos durante o último milénio ou mais, certo?

— Não pelos *mais* malignos — disse McGonagall com ironia.

— É verdade — concordou Harry. — Só por aqueles que estavam o suficientemente confusos ou corrompidos para acreditar que os seus objectivos eram válidos, de algum modo. Aqueles que sabiam que os seus corações eram malvados, aqueles que eram conscientes da sua própria maldade e a abraçavam, nunca o procuraram. Pelo menos, tanto quanto sabemos.

— Por agora será melhor que nos ocupemos do nosso problema mais imediato — disse McGonagall, suspirando. — O nosso dia mal começou e já temos muito mais para lidar do que podemos. Além disso, quero livrar-me deste traje insuportável o mais rapidamente possível.

Franklyn levantou o alçapão e o grupo começou a desfilar escadas abaixo. Os animais que se tinham reunido na plataforma da torre desceram também, deambulando e saltando entre os pés do grupo.

Slughorn e os outros professores estavam reunidos ali em baixo saudando-os com as caras preocupadas e um bombardeio de perguntas. Ignorando-os, James seguiu o seu pai pela escada de caracol até o andar inferior.

— Como chegaste tão rápido, pai? — perguntou. — o Merlin não chegou antes da meia-noite. Como é que a McGonagall te conseguiu localizar tão rápido?

— Não foi a directora quem me trouxe aqui, James — respondeu Harry, lançando um olhar ao seu filho por cima do ombro. — Foi a tua carta. O Nobby entregoua esta manhã, e vim logo que a li. A directora surpreendeu-se muito quando apareci na chaminé do seu escritório.

— Mas a Sacarhina disse que estavas numa missão especial e que não podias ser incomodado!

Harry sorriu sem humor.

— Foi esse detalhe na tua carta o que me demonstrou que tinha que vir de imediato, James. Não estava a fazer mais do que trabalho de escritório toda a semana. Se a Sacarhina disse que estava numa missão é só porque queria ter a certeza de que eu não vinha.

— Sim — assentiu James. — O retrato de Snape disse-nos que a Sacarhina e o Recreant não eram de confiança. Eles estão metidos nisto tudo do Elemento Progressivo.

Harry deteve-se na escada, dirigindo-se para James, Ralph e Zane.

— Tenham cuidado a quem mencionam isto — disse, baixando sua voz. — O Ministério está a ser assediado ultimamente por gente como o Recreant e a Sacarhina, ainda que para a maior parte deles é apenas uma maneira de parecer um pouco audaz e moderno. A Hermione faz o que pode para combater a propaganda e eliminar os

instigadores, mas é complicado. O Recreant é só um instrumento, mas a Sacarhina é perigosa. Acho que ela é o cérebro por trás do retorno de Merlin, na verdade.

— O quê? — disse James, baixando a voz para igualar a do seu pai. — De jeito nenhum. Era a madame Delacroix que estava na Fortaleza ontem à noite.

— Sim, a Sacarhina não chegou até ontem à tarde — acrescentou Zane.

A expressão de Harry era grave.

— A Sacarhina não é o tipo de pessoa que suja as mãos com o trabalho propriamente dito. Ela precisava da Delacroix para isso, e a Delacroix não podia conseguir o Trono de Merlin do Ministério sem a Sacarhina a ajudar por dentro. O Recreant e a Sacarhina só estão aqui agora porque alegam “escortar um perito em relações mágico-muggle” para lidar com esse tal de Prescott. Não há nenhum perito. Eles esperavam apresentar-se a Merlin, e fazê-lo passar pelo perito.

— Então nunca tiveram a *intenção* de impedir o Prescott de revelar o mundo mágico à imprensa muggle! — disse Ralph com o rosto pálido. — a Sacarhina e o Recreant deviam estar a trabalhar juntos para se assegurar que o Prescott fizesse a história vazar, não?

Harry assentiu.

— Eu acho que sim. Isto não é coincidência. É exactamente o tipo de coisa que as pessoas como a Sacarhina estão à espera há muito tempo. A reunificação do mundo muggle e o mágico é essencial para o seu plano final da guerra total.

— Mas Merlin revelou-se como não estando do lado de ninguém, exceptuando o seu próprio, no fim de contas — disse James. — Isso arruína o plano?

— Não sei — suspirou Harry. — As coisas puseram-se em marcha e será muito difícil detê-las agora. Pode ser que a Sacarhina não precise de Merlin para esta parte do plano.

— O que tem planeado para deter o Prescott? — perguntou Zane.

— Detê-lo? Supõe-se que eu nem sequer estou aqui, lembras-te? A Sacarhina é a responsável.

— Mas ela é má! — exclamou James. — Não podes deixá-la fazer-se de inocente!

— Não vamos fazê-lo, James — disse Harry, colocando uma mão sobre o seu ombro, mas endurecendo a voz. — Mas temos que ser muito cuidadosos. A Sacarhina tem muita influência no Ministério. Eu não posso desafiá-la. Ela *espera* que eu faça algo precipitado, algo que ela possa usar contra mim. Desejam ver o Departamento de Aurors fechado completamente. Impedir que isso aconteça é uma questão de extrema importância. Ainda maior do que proteger o segredo do mundo mágico.

— Então a Sacarhina e a Delacroix ganham? — disse James, olhando para os olhos do seu pai

— A curto prazo, talvez. Mas não percas a esperança. O Neville, a directora e eu temos alguns truques na manga. Sobreviveremos, não importa o que aconteça com o Prescott. A única pergunta agora é saber quem o conduziu até aqui, em primeiro lugar.

— Bem, deve ter sido a Sacarhina, não? — sugeriu Zane.

— Não, não pode ser — suspirou James. — Ela assinou o Voto do Sigilo, como qualquer bruxa ou feiticeiro. Se ela tivesse tentado dizer alguma coisa a Prescott, até mesmo por carta, o juramento a teria detido de alguma forma. Além disso, ela não saberia nada sobre como funciona um *GameDeck*, ou como poderia ser utilizado para conduzir alguém até Hogwarts.

Vozes e passos ressoaram na escada de caracol. A directora e os professores desciam atrás deles. Harry fez um gesto para os rapazes para que o seguissem até baixo.

— É a única parte disto que realmente me confunde — disse Harry enquanto desciam as escadas. — Todos os feiticeiros estão abrangidos pelo Voto do Sigilo. Qualquer pai muggle dum estudante está abrangido pelo seu próprio contrato de não-divulgação. Isto significa que ninguém que conheça o mundo mágico seria capaz de espalhar o segredo. E, no entanto, obviamente alguém o fez. Tenho a intenção de descobrir quem.

Quando faziam a última curva da escada, a directora, Neville, e o resto dos professores alcançaram-nos. McGonagall dirigiu-se aos estudantes que estavam à espera lá em baixo.

— Minhas senhoras e meus senhores, como podem ver regressamos todos inteiros e bem. — ela deteve-se e contemplou a reunião de cima. — Para dissipar rumores e sufocar qualquer temor, tenho a intenção de ser directa demais sobre o que aconteceu e ainda está a acontecer aqui hoje. Dois homens irromperam de forma bastante súbita nestes corredores ao longo dos últimos dois dias. O primeiro deles ainda está aqui. O seu nome é Martin Prescott e é um muggle. As suas intenções são bastante questionáveis, mas posso garantir-vos que nós, o corpo docente, estamos preparados para...

— Obrigado Minerva — interrompeu uma voz forte e sonora. — De facto, já informei os estudantes sobre os acontecimentos de hoje. Aprecio o seu rigor, apesar de tudo. Poderia juntar-se a nós? — Sacarhina e Recreant emergiram do grupo de alunos e posicionaram-se ao pé da escada. O sorriso de Sacarhina era amplo e brilhante à poeirenta luz do térreo da torre.

McGonagall olhou-a durante um longo momento, e depois virou-se para se dirigir aos estudantes novamente.

— Nesse caso, suponho que todos tenham que assistir às aulas. Os vossos professores irão conduzi-los com prazer às vossas aulas. Façamos o que pudermos com o resto do dia, certo?

— Acha realmente necessário prosseguir com as aulas hoje, Minerva? — disse Sacarhina quando a directora e o resto do grupo atingiram a base da escada. — É um dia muito incomum.

— Os dias incomuns são os melhores para as aulas, Miss Sacarhina — respondeu McGonagall, passando pela mulher. — Recordam a toda a gente poque estamos aqui. Com licença.

— Harry — disse o Mr. Recreant, sorrindo com um tanto entusiasmo. — Admito, a Brenda e eu não esperávamos vê-lo aqui hoje. Uma questão familiar, certo? — virou o seu sorriso para James, e depois também o dirigiu a Ralph e Zane.

Harry sorriu rigidamente.

— Estou igualmente surpreendido por vos ver aqui. Não vi nada escrito sobre outra viagem para se juntar com os Alma Aleron. E tenho feito uma quantidade horrenda de papelada, como sabem.

Sacarhina tomou o braço de Harry, e ele deixou-a conduzi-lo para fora da torre, seguindo os últimos alunos.

— Foi muito inesperado — disse ela em tom confidencial. — Uma situação terrível. Seguramente a Minerva falou-lhe disso? Martin Prescott, um repórter muggle, logo aqui na escola. De qualquer forma, o Ministério entende que é inevitável, na realidade.

— É mesmo? — disse Harry, detendo-se perto da porta e olhando para Sacarhina. — Então, Loquatious Knapp sabe sobre isso?

— O Ministro é consciente em linhas gerais dos acontecimentos que têm ocorrido — interveio Recreant. — Tínhamos decidido não incomodá-lo com os detalhes propriamente ditos.

— Então, de facto, ele não sabe que estão aqui? — disse Harry, sorrindo ligeiramente.

— Harry — disse Sacarhina sedosamente. — o fatco é que este tipo de situação entra exactamente dentro da jurisdição do Departamento de Relações Internacionais. Você mesmo, obviamente, não requer a assinatura do Ministro para cada pequena manobra do Departamento de Aurors. Também não precisamos da sua aprovação quando se trata da execução dos nossos deveres diários. Tem intenção de ficar aqui o dia todo?

— Pode apostar, Brenda — respondeu Harry calmamente. — Estou curioso para ver o que faz o Departamento de Relações Internacionais no exercício das suas funções quotidianas em tal situação. Além do mais, certamente irá concordar que uma testemunha externa e *objectiva* poderia acabar por ser proveitosa, caso se produza alguma... investigação?

— Como queira, Mr. Potter — disse Sacarhina, fechando inesperadamente o seu sorriso como se fosse um joalheiro. — Tudo terá terminado pelas quatro da tarde. A equipa de Prescott chegará e terá a sua visita turística. Afinal, não há forma de evitar considerando os muito engenhosos dispositivos de segurança do Mr. Prescott. Pode acompanhar-nos, mas por favor não tente interferir. Não seria bom para si. Mas estou segura de que não tenho que lhe dizer isso, não é?

— Dormiu um bom sono ao lado das portas? — disse Zane superficialmente quando Sacarhina se afastava.

Ela parou, e depois virou-se muito lentamente para Zane.

— O que queres dizer, rapaz? — perguntou.

Harry olhava para Zane com uma mistura de curiosidade e diversão.

— Vocês os dois estavam ali para receber Merlin quando ele fez a sua magnífica entrada ontem à noite, mas aparentemente ele procurava um peixe maior do que vocês, não? — continuou Zane. — Ele lançou-vos o velho olhar maligno e congelou-vos imediatamente. Vamos lá, isso deve doer.

O sorriso de Sacarhina apareceu novamente no seu rosto como se fosse a sua expressão padrão quando o seu cérebro trabalhava intensamente em alguma outra coisa. Os seus olhos voltaram-se para Harry.

— Simplesmente não sei com o que tem enchido as cabeças destes pobres rapazes, Mr. Potter, mas realmente não é apropriado para funcionários do Ministério contar tais histórias. Merlin, até parece. — ela sacudiu a cabeça vagamente, depois virou-se e atravessou o arco de entrada com o Mr. Recreant seguindo-a nervosamente.

— Com certeza sabes lidar com as pessoas, Zane — disse Harry, sorrindo abertamente e agitando o cabelo do rapaz.

— O meu pai diz que é um dom — concordou Zane. — a minha mãe diz que é uma maldição. Quem sabe?

— Parecia como que se a Miss Sacarhina estivesse mais confusa que do zangada — reflectiu Ralph enquanto andavam pelo corredor abandonando a Torre Sylven.

— Pode ser — respondeu Harry. — Pode ser que todos aqueles que Merlin adormeceu se esqueçam dele também. Ela pode não ter nenhuma recordação da sua chegada ontem à noite.

— Então ela ainda espera que ele apareça quando levar Prescott e a sua equipa na sua *tour*?

— Talvez. Embora isso não vá derrubá-la por muito tempo quando ele não aparecer. Provavelmente Merlin está a meio caminho de cruzar a Floresta Proibida, procurando indicações nos espíritos das árvores, agora que parecem ter acordado.

James parou no meio do corredor. Poucos passos depois, Harry parou também e virou-se para olhar o filho. James estava com o rosto pensativo e os olhos arregalados.

De repente, pestanejou e olhou para o pai.

— Tenho que ir para a Floresta Proibida — disse. — Não é tão tarde. Pai, vens comigo? Zane, Ralph, vocês também?

Harry não fez nenhuma pergunta ao seu filho. Estudou o rosto de James durante vários segundos, e depois lançou um olhar para Zane e Ralph.

— O que acham? Prontos para faltas às aulas?



James caminhava decidido pela floresta, seguido de perto por Harry, Zane e Ralph.

Passou entre as árvores mais pequenas na orla, dirigindo-se para o coração mais profundo da floresta, onde as árvores eram grandes e antigas e o sol quase ficava bloqueado pelos ramos da folhagem densa. Durante vários minutos, os quatro caminharam em silêncio, e depois, finalmente, James deteve-se. Virou-se no acto, erguendo a vista para as silenciosas folhas e ramos que rangiam suavemente. Não havia qualquer outro som. Harry, Zane e Ralph permaneceram a uns sete metros de distância, observando silenciosamente. James fechou os olhos por um instante, pensando, e em seguida, abriu-os novamente e falou.

— Sei que muitas não estão acordadas — começou, erguendo os olhos para as árvores ameaçadoras. — e sei que algumas das que estão despertadas não estão do nosso lado. Mas aquelas que sim, ouvir-me-ão, e espero que me ajudem. Merlin está aqui em algum lugar. Pode estar muito, muito longe agora, mas mesmo assim, acho que sabem onde ele está. Ele fala convosco, e aposto que vocês também falam com ele. Sei que os espíritos das árvores podem falar, pois já conhecemos um. Tenho uma mensagem para Merlin.

James fez uma pausa e tomou outro profundo fôlego, não completamente seguro do que queria dizer. Simplesmente ocorrera-lhe a ideia de que devia tentar. Delacroix utilizara-o para ajudar a trazer Merlin ao mundo, apesar dos melhores esforços daqueles que o queriam impedir.

O conhecimento de que tinha permitido que o usassem era horrível para ele. Todo este tempo a achar que fazia o bem, a salvar o mundo do mal, a seguir os passos do seu pai heróico. E, mesmo assim, as suas melhores intenções voltaram-se contra ele, contra o mundo que tinha esperado proteger. Tentara fazê-lo sozinho, como teria feito o seu pai, mas falhara. Ajudara o mal. E agora o mal esperava que ele se rendesse. James não tinha intenção de se render, ainda que talvez agora poderia tentar ajudar de uma forma diferente. Provavelmente era arriscado, completamente desesperado, mas tinha que tentar. Talvez fosse o *seu* destino, no fim de contas.

— Merlin — disse James incerto. — disse que Austramaddux se equivocou ao trazê-lo para o nosso tempo. Disse que tinha sido egoísta, que somente se queria livrar do serviço que lhe jurou. Mas a directora McGonagall acha que está errado. Acha que este é o tempo ao qual você mesmo se propôs a voltar, porque este mundo precisa a sua ajuda para acabar com uma guerra que poderia destruir todos nós. Bem... Eu sei que

sou só um rapaz, mas acho que *ambos* estão errados. — James lançou um olhar para o seu pai. Harry encolheu os ombros ligeiramente e assentiu.

— Ouvi tudo o que disse, e o que os outros disseram quando foi embora, e acho que foi trazido a este tempo porque *precisa* de alguma coisa. Não tem a certeza se realmente alguma vez fez bem ou mal. Não sabe se controla os seus poderes, ou se eles o controlam a si. Acho que a verdade é que o mundo realmente *precisa de si* agora, e que precisa deste mundo, também. É a sua oportunidade... talvez a última oportunidade... de demonstrar que é um mago bom lá no fundo. As pessoas perguntaram-se durante séculos se seria bom ou mau, mas, o que importa o que o resto da história dirá sobre si? Se sabe no seu próprio coração que fez a coisa certa quando isso realmente importava, então não se importará com o que dizem. Não digo isto porque eu entendo, mas, pelo menos, tento compreender. Está neste tempo independentemente da causa, Merlin. Quem quer que o tenha trazido aqui o fê-lo para que resgatasse o mundo, mas... acho que está aqui também para ser resgatado de si próprio.

James terminou e suspirou.

Ergueu os olhos, esticando o pescoço e fechando os olhos, procurando nas árvores algum sinal de que a sua mensagem tinha sido ouvida, e de que poderia ser entregue.

As folhas simplesmente continuaram a assobiar e a sussurrar na brisa. Os ramos rangiam silenciosamente. Após um minuto, James colocou as mãos nos bolsos e voltou-se desconsoladamente para o seu pai, Ralph e Zane.

Zane deu uns palmadas no ombro de James enquanto davam a volta para partir.

— Foi o maior monte de tretas que já ouvi — disse jovialmente. — Mas acho que falas a sério. Gostei, mesmo que nunca chegue aos ouvidos de Merlin.

— Pensaste nisto sozinho? — perguntou Ralph.

James encolheu os ombros e sorriu com vergonha.

Harry não disse nada enquanto andavam, mas pôs o braço à volta dos ombros de James e manteve-o ali todo o caminho de volta. James achou que significava que o seu pai o aprovava, mesmo se não fosse a maneira como ele próprio teria feito. E então compreendeu, com alegria, que o seu pai o aprovava justamente porque *não era* a maneira como ele teria feito. James sorriu e desfrutou desse momento de silenciosa revelação. Talvez aprender essa verdade... o tipo de verdade que se deve aprender por si próprio, apesar de todas as pessoas que tentam ensiná-lo com meras palavras... fazia com que valesse a pena tudo o que tinha acontecido até agora. Só esperava que valesse também o que ainda estava para vir.

— CAPÍTULO 19 —

Segredos Revelados



Harry acompanhou James, Zane e Ralph a um pequeno almoço muito tardio nas cozinhas dos elfos domésticos sob o Salão Principal. James percebeu que o elfo doméstico que manejava o enorme fole do fogão era o elfo resmungão que tinha dito aos três que estavam à prova. Olhou-os com óbvia suspeita, mas não disse nada.

Juntaram-se numa pequena mesa debaixo de uma janela ainda menor e comeram pratos de peixe fumado, torradas e beberam sumo de abóbora e chá preto. Finalmente, Harry sugeriu que os rapazes descansassem para depois irem tomar duche.

Ainda usavam a roupa que tinham vestido durante a fracassada aventura de vassoura do dia anterior, e estavam definitivamente sujos depois de terem passado a noite na floresta. Além disso, James estava cansado até aos ossos, e decidiu que podia deitar-se na sua cama por pelo menos dez minutos, com crises escolares ou sem elas.

No caminho para a sala comum, James decidiu fazer um desvio à ala hospitalar para recolher a sua mochila. Philia Goyle e Murdock já não guardavam as portas, obviamente, mas surpreendeu-se ao ver Hagrid encolhido num dos bancos próximos,

olhando uma revista grossa chamada *Bestas e Regiões Campestres*. Ele ergueu os olhos, fechando a revista.

— James, que bom ver-te — disse calorosamente, aparentemente tentando manter a voz baixa. — Ouvi que tinham voltado sãos e salvos. Estavas a ver o teu pai, então, eu aposto.

— Sim, acabei de o deixar — respondeu James, olhando através das portas entreabertas da ala hospitalar.

— O que estás a fazer aqui, Hagrid?

— Bom, é óbvio, não é? Estou de plantão, isso é o que faço. Ninguém entra ou sai a não ser que seja com autorização da directora. Ele precisa de descansar e de se recuperar, depois de tudo pelo que passou.

— Quem? — perguntou James, subitamente interessado. Espiou mais atentamente pela fenda entre as portas.

Havia uma forma ainda deitada numa das camas, mas James não podia imaginar de quem se tratava.

— O Professor Jackson, claro! — disse Hagrid, ficando de pé e unindo-se a James junto à porta. Aproximou-se da cabeça de James com um olho negro e redondo. — Não ouviste? Ele apareceu no pátio há uma meia hora atrás, com aspecto bastante desagradável — sussurrou. — Causou uma grande comoção quando os estudantes que estavam lá fora o viram. Trouxemo-lo para cá imediatamente e deram-me a responsabilidade de vigiar as portas enquanto a Madame Curio o atende.

James ergueu os olhos para Hagrid.

— Ele está ferido?

— Isso foi o que pensamos a princípio — disse Hagrid, retrocedendo. — Mas Madame Curio diz que ele está bem com excepção de algumas poucas costelas partidas, algumas queimaduras nos braços, um golpe desagradável na cabeça e quase um milhão de cortes e arranhões. Esteve num duelo, diz ela, um muito longo. Aconteceu durante a noite, ao ar livre na floresta. Isso foi tudo o que ele nos pôde dizer antes de desmaiar.

— Um duelo? — repetiu James, franzindo a testa. — Mas a Delacroix partiu a varinha dele!

— Sério? — disse Hagrid, impressionado. — E porque é que ela faria algo assim?

— O duelo foi contra ela, Hagrid — disse James cansado. — Ele e ela... olha, explicar-to-ei mais tarde. Mas eu vi-a a partir a varinha dele ao meio. Vi os pedaços. Ele deixou-os para trás.

— Booom... — disse Hagrid, retomando o seu assento e produzindo um longo e doloroso gemido do banco. — Ele é americano, sabes. Eles gostam de andar com mais duma varinha. Vem de toda aquela tradição do Velho Oeste e tudo isso. Eles enfiam-nas nas botas e nas mangas e escondem-nas em bengalas e tudo isso. Toda a gente sabe disso, não?

James espiou novamente pela fenda das portas da ala hospitalar, mas mesmo assim não pôde distinguir claramente a forma que estava sobre o colchão.

— Sinto muito, professor — disse em silêncio. — mas espero que lhe tenha dado tudo o que ela merece.

— O que queres, James? — disse Hagrid, olhando-o.

— Só vim buscar minha mochila — respondeu James rapidamente. — Deixei-a cá ontem à noite.

— Suponho que não gostarias de vir buscá-la mais tarde, não? — perguntou Hagrid ansiosamente. — Tenho as minhas ordens. Ninguém entra ou sai. A directora acha que quem atacou o Jackson talvez venha à procura dele. Não se pode descartar que possa ser aquele louco que finge ser Merlin.

— Foi a Delacroix, Hagrid. Mas, sim. Posso voltar mais tarde. Bom trabalho.

Hagrid assentiu, e depois reabriu a revista sobre o seu colo. James virou-se e regressou por onde tinha vindo.



A sala comum dos Gryffindor estava vazia. O fogo na grade queimara até sobraem somente brasas vermelhas, mas, de qualquer maneira, estava calor o suficiente lá fora para que o fogo não fosse necessário. De facto, enquanto subia as escadas para os dormitórios, James sentiu uma rajada de ar fresco e frio que passou ao seu lado. Parecia que alguém deixara uma janela aberta lá em cima. Estava a perguntar-se se deveria fechá-la ou não, quando chegou ao topo das escadas e viu Merlin confortavelmente reclinado sobre a sua cama.

— Aqui está o meu pequeno conselheiro, afinal — disse Merlin, erguendo o olhar e baixando o livro de texto de Tecnomância de James.

James olhou a janela aberta ao lado da sua cama, em seguida, concentrou-se em Merlin.

— O senhor — disse, com a mente ligeiramente desconcertada. — O senhor...? — acenou duvidosamente para a janela.

— Se entrei a voar pela janela? — disse Merlin, deixando o livro de lado quase reverentemente. — Sobre as asas dos meus irmãos voadores? O que achas, James Potter?

James fechou a boca, percebendo que era algum tipo de teste. Descartou a sua primeira ideia e procurou outra opção.

— Não — respondeu. — Na realidade, não, acho que abriu a janela porque gosta do ar.

— Gosto da fragrância do ar, especialmente nesta época do ano — respondeu o mago, olhando para a janela aberta. — A essência do crescimento e a vida vêm da terra agora, enchendo o céu. Até os não-mágicos podem senti-la. Eles dizem que o “amor” está no ar, na primavera. Aproxima-se o suficiente da verdade, não está errado, mas não é o amor de um homem e uma mulher. É o amor da terra pela raiz, da folha pela luz solar, e sim, da asa pelo ar.

— Mas *queria* que eu acreditasse que tinha entrado pela janela, não? — disse James, sentindo-se cautelosamente encorajado.

Merlin sorriu ligeiramente e estudou James.

— Noventa por cento da magia acontece na mente, James Potter. O maior truque de todos é saber o que o seu público espera ver, e assegurar-se de que o vejam.

James aproximou-se da outra cama e sentou nela.

— É disso que veio falar? Ou está aqui porque recebeu a minha mensagem?

— Pus-me a par de muitas coisas desde a última vez que me viste — respondeu o mago. — Movi-me para dentro e para fora, e por todo o lado. Conversei com muitos velhos amigos, reactivados com a terra, as bestas e o ar. Encontrei muitas coisas estranhas no bosque, artigos desta era, e aprendi muito sobre os costumes desta época. Estudei-vos, a ti mesmo e ao teu povo.

James sorriu lentamente, percebendo algo.

— Nunca partiu! Desapareceu do alto da torre, fez-nos pensar que tinha ido a voar com os pássaros, mas nunca foi a lugar nenhum, certo? Só se tornou invisível!

— Tem certo talento para ver além do óbvio, James Potter — disse Merlin, com a voz baixa e o rosto impassível. — Mas admitirei que ouvi tudo o que os seus professores Franklyn e Longbottom, e a Pendragão, e sim, o seu pai, disseram a meu respeito. Fiquei surpreso e com raiva de que acreditassem conhecer-me dessa maneira. E, no entanto, não sou escravo da arrogância. Eu perguntava-me se o que eles supunham era verdade. Fui, e visitei as minhas velhas terras. Viajei por dentro e por fora, aqui e ali. Estudei as profundidades da minha própria alma, como Franklyn supôs que eu deveria. E descobri que tinha uma sombra de verdade nas palavras deles. Uma sombra...

Merlin pausou durante um longo momento. James decidiu não dizer nada, senão simplesmente observar o mago. O seu rosto permanecia totalmente imóvel, mas os seus olhos pareciam distantes. Depois de não mais que dois minutos, Merlin falou de novo.

— Mas uma sombra não era suficiente para me trazer de volta ao pântano das hipocrisias e lealdades confusas desta época tenebrosa. Estava longe, explorando, procurando espaço, solo, e terra ininterrupta, afundando-me na profunda linguagem do ar e da chuva, quando apareceu uma nova nota na canção das árvores. A sua mensagem, James Potter.

James ficou surpreso ao ver que finalmente havia emoção no enorme rosto do mago. Ele olhava James com simplicidade, e de repente os seus olhos humedeceram-se. James sentiu vergonha pela crua expressão de angústia do homem. Até sentiu um pouco

de culpa pelas suas próprias palavras, palavras que aparente e inesperadamente, tinham trespassado o grande coração oculto daquele homem. Depois, como se a angústia nunca tivesse estado ali, o enorme e pétreo rosto recompôs-se. Não foi questão de disfarçar a emoção, compreendeu James. Simplesmente ele tinha testemunhado o funcionamento das emoções de um homem cuja cultura era totalmente alheia a ele, que o coração estava tão perto da superfície que as emoções profundas podiam inundar o rosto completa e descaradamente, como uma nuvem escurecendo o sol, mas apenas por um instante.

— Portanto, James Potter — disse o feiticeiro, ficando de pé lentamente, de forma que pareceu preencher o quarto. — Voltei. Estou à sua disposição. A minha alma certamente quer isto. Aprendi muito deste mundo durante as minhas viagens deste dia, e amo pouco dele, mas há um mal presente, ainda que esteja mascarado com duplicidade e normas de comportamento. Talvez superar o mal seja secundário a desnudá-lo da sua aparência externa de respeitabilidade.

James sorriu e também se levantou de um salto, sem ter certeza se deveria apertar a mão de Merlin, ou abraçá-lo, ou fazer uma reverência. Decidiu golpear o ar com um punho e proclamar:

— Sim! Eh, obrigado, Merlin. Eh, Merlinus. Mr. Ambrosius?

O mago simplesmente sorriu, com os seus olhos azul gelo faiscando.

— Então — disse James. — o que faremos? Quer dizer, só temos umas poucas horas antes que o Prescott e a sua equipa se reúnam para filmar a escola e isso tudo. Acho que tenho que lhe explicar tudo. Caramba, vai demorar algum tempo.

— Sou Merlin, James Potter — disse o feiticeiro, suspirando. — Já aprendi tanto quanto preciso saber deste mundo e do seu funcionamento. Surpreender-te-ias bastante, eu creio, se descobrisse o quanto as árvores sabem da vossa cultura. O Mr. Prescott não é um problema. Nós simplesmente precisamos de um concílio de aliados que nos ajudem.

— Está bem — disse James, voltando a se deixar cair sobre a cama. — Que tipo de aliados precisamos?

Merlin semicerrou os olhos.

— Precisamos de heróis engenhosos e astutos, sem medo de violar as convenções a fim de defender uma aliança maior. As habilidades de batalha não importam. O que precisamos neste momento, James Potter, são patifes com honra.

James assentiu brevemente.

— Conheço o grupo adequado. Patifes com honra. Entendi.

— Então, vamos fazer isso, meu jovem conselheiro — disse Merlin, rindo um pouco assustadoramente. — Conduza-me.

— Então — disse James enquanto guiava Merlin para fora, através do buraco do retrato. — acha que venceremos?

— Mr. Potter — disse Merlin graciosamente, saindo ao patamar e colocando os punhos nos quadris — Vocês ganharam no momento em que decidi unir-me a vocês.

— É o famoso orgulho do Merlin a falar? — perguntou James hesitantemente.

— Como já disse — respondeu Merlin, virando-se para seguir James com o seu passo longo e lento. — Noventa por cento da magia acontece na mente. Os dez por cento restantes, Mr. Potter, é arrogância pura e não adulterada. Toma nota disso e servir-te-á muito bem.



Após a brilhante e nebulosa neblina da manhã, o dia progrediu para uma névoa de quietude e calor inoportuno. A Directora McGonagall fizera questão de que as aulas continuassem, mesmo durante a visita de Martin J. Prescott e dos seus acompanhantes, mas apesar da sua ordem, dezenas de estudantes reuniram-se no pátio para testemunhar a chegada da equipa de repórteres muggles. Perto da frente do grupo, James e Harry estavam de pé um ao lado do outro. A poucos passos de distância, Tabitha Corsica e os seus companheiros Slytherin observavam com olhos decididamente brilhantes e ansiosos. No alto das escadas principais a Directora McGonagall estava ladeada pela Miss Sacarhina e pelo Mr. Recreant. Martin Prescott, no degrau mais abaixo, olhava o seu relógio.

— Tem a certeza de que eles poderão passar com os veículos pelo caminho que descreveu, Miss Sacarhina? — disse, erguendo a visão para onde ela se encontrava, e piscando os olhos perante a luz do sol. — Eles conduzirão veículos com *rodas*, como já disse. Você sabe. Rodas. Não há nada parecido com pântanos lamacentos ou pontes com trolls a viver debaixo delas ou algo assim, certo?

Sacarhina estava prestes a responder quando o som dos motores dos automóveis se tornou audível à distância. Prescott saltou e virou-se, erguendo o pescoço para captar um vislumbre da sua equipa. James, em pé com o seu pai perto da frente da multidão, pensou que a Directora McGonagall estava a conter-se muito bem, considerando tudo. Ela meramente pressionou os lábios fortemente quando os enormes veículos entraram a sacudir-se no pátio. Eram dois, e James reconheceu-os como enormes camionetas com tração às quatro rodas que Zane chamava de “jipes”. O primeiro deteve-se directamente na frente das escadas. As quatro portas abriram-se e delas começaram a emergir homens, pestanejando perante a forte luz do sol e carregando grandes sacos de couro cobertos de enormes bolsas. Prescott disparou em direcção aos homens, chamando-os pelo nome, apontando e gritando ordens.

— Quero luzes e reflectores na parte esquerda das escadas, com ângulo para as portas. É ali onde farei o meu comentário final e efectuarei as entrevistas. Ed, tens as

cadeiras? Não? Certo, está bem, faremos em pé. Sentado poderia parecer demasiado, sabes, *preparado*, de qualquer maneira. Queremos manter a sensação de *exposição* ao vivo o tempo todo. Que câmaras tens, Vince? Quero a câmara portátil de trinta e cinco milímetros em tudo. Dupla gravação de todas os takes, entendido? Editaremos a filmagem aqui e ali com a sensação de câmara escondida. Perfeito. Onde está a Greta com a maquiagem?

A equipa ignorava completamente a assembleia de estudantes, a directora e os oficiais do Ministério nas escadas. Tudo ao redor das caminetass era o tumulto de homens a montar câmaras, a unir cabos eléctricos às luzes, a anexar microfones a postes altos, e a dizer “Teste” e “Som” em microfones pequenos para serem preso à camisa de Prescott. James observou que uns poucos indivíduos dentro do grupo não pareciam preocupar-se com os preparativos técnicos. Estavam muito mais bem vestidos e pareciam sentir curiosidade pelo castelo e seus terrenos. Um deles, um velho careca com aparência amigável e com um traje a rigor verde brilhante, subiu os degraus em direcção à directora.

— Que alvoroço, não é mesmo? — proclamou, olhando em direcção aos veículos. Inclinou-se ligeiramente para a directora. — Randolph Finney, detective da Polícia Especial Britânica. Não completamente aposentado, mas o suficientemente perto para que já não importe. O Mr. Prescott ter-me-ia mencionado?Aparentemente, ele fez muita publicidade da minha presença aqui. Entre nós os dois, eu suspeito que tinha esperado alguém um pouco mais, eh, inspirador, se é que me entende. Então, isto é uma espécie de...escola, sim?

— Sem dúvida, sim, Mr. Finney — disse Sacarhina, estendendo a mão. — O meu nome é Brenda Sacarhina, Chefe do Departamento de Relações Internacionais do Ministério da Magia. Hoje será um dia muito interessante para si, suspeito.

— Ministério da Magia. Que incomum — disse Finney, apertando a mão de Sacarhina meio distante. O seu olhar não se afastara da directora. — E quem seria a senhora, madame?

— Esta é... — replicou Sacarhina, mas McGonagall, longamente acostumada a ignorar ruídos indesejáveis, falou por cima dela.

— Minerva McGonagall, Mr. Finney. Prazer em conhecê-lo. Sou a directora desta escola.

— Encantado, encantado! — disse Finney, tomando reverentemente a mão de McGonagall e fazendo de novo uma reverência. — Directora McGonagall, é um prazer conhecê-la.

— Por favor, chame-me de Minerva — disse McGonagall, e James viu que a mais ligeira das dores passava pelo seu rosto.

— Sem dúvida. E chame-me de Randolph, eu insisto. — Finney sorriu para a directora durante vários segundos, depois pigarreou e ajustou os óculos. Virou-se, examinando o castelo e os terrenos. — Eu não sabia que existia uma escola nesta área,

para falar a verdade. Especialmente uma tão magnífica como esta. Eu diria, sem medo de me equivocar, que deveria estar inscrita no registro de lugares históricos, Minerva. Como a chamam?

Sacarhina começou a responder, mas dela não saiu nada. Ela emitiu um pequeno ruído, tossiu um pouco, e depois cobriu a sua boca delicadamente com uma mão, com uma leve expressão de perplexidade no rosto.

— Hogwarts, Randolph — respondeu McGonagall, sorrindo cuidadosamente. — Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts.

— Não me diga? — replicou Finney, olhando para ela. — Que fantástico.

— Nós gostamos de pensar que sim.

— Detetive Finney! — disse Prescott de repente, trotando degraus acima, com o rosto coberto por uma massa de maquilhagem e papel de seda pendurando do colarinho da sua camisa. — Vejo que conheceu a directora. A Miss Sacarhina e o Mr. Recreant estão aqui para nos guiar durante o passeio, é claro. A directora só está presente para, eh, dar cor ao assunto, sabe como é.

— E desempenha o seu papel muito bem, certo? — disse Finney, virando-se para McGonagall com um sorriso.

James viu que a directora estava a reprimir-se de forma muito heróica para não revirar os olhos.

— Já conheceu a Miss Sacarhina e o Mr. Recreant então? — Prescott abriu caminho aos empurrões, introduzindo-se entre Finney e McGonagall. — Miss Sacarhina, talvez pudesse contar ao detetive Finney um pouco do que fazem aqui?

Sacarhina sorriu encantadoramente e deu um passo em frente, enroscando o seu braço no de Finney na tentativa de afastá-lo da Directora McGonagall.

— ... — disse Sacarhina. Ela parou, depois fechou a boca e tentou baixar os olhos até aos lábios, o que produziu uma expressão muito estranha.

Finney observava-a com a testa ligeiramente franzida.

— Está bem, senhorita?

— A Miss Sacarhina está apenas ligeiramente afónica pelo clima, detective Finney — disse Recreant, adoptando um sorriso complacente que não conseguia igualar-se ao sorriso praticado de Sacarhina. — Permita-me. Esta é uma escola de magia, como a directora já mencionou. É, de facto, uma escola para bruxas e feiticeiros. Nós... — A seguinte palavra de Recreant pareceu atolar-se na sua garganta. Ficou de pé com a boca aberta, olhando para Finney e parecendo-se bastante com um peixe asfixiando-se. Após um longo e incómodo momento, fechou a boca. Tentou sorrir de novo, mostrando os seus dentes longos e desiguais.

A testa de Finney continuava franzida. Livrou-se do braço de Sacarhina e olhou tanto para ela como para Recreant.

— Sim? Digam-me então, o que está a acontecer? Estão *ambos* doentes?

Prescott estava quase a saltar de um pé para outro.

— Talvez deveríamos simplesmente começar a visita, vamos? Obviamente, eu já sei andar um pouco pelo castelo. Poderemos começar assim que... assim que... — Ele percebeu que ainda tinha papéis presos ao colarinho da sua camisa. Tirou-os e enfiou-nos nos bolsos das calças. — Miss Sacarhina, mencionou que outra pessoa viria? Um especialista em explicar as coisas aos não iniciados? Talvez este fosse um bom momento para apresentar essa pessoa?

Sacarhina inclinou a cabeça para a frente, com os olhos ligeiramente esbugalhados e a boca aberta. Após alguns segundos de tenso silêncio, a directora pigarreou e gesticulou para o pátio aberto.

— Suspeito que ele já esteja aqui. Sabe que o Mr. Hubert tende a atrasar-s algumas vezes. Esse pobre homem perderá a sua própria cabeça um dia destes. Enfim, é um génio à sua própria maneira, não é verdade, Brenda?

Ainda boquiaberta, Sacarhina virou-se para seguir a mão de McGonagall que apontava para alguma coisa. Outro veículo estava a entrar no pátio. Era antigo, o motor tamborilava e cuspiam um pálido fumo azul. Finney franziu um pouco a testa enquanto o via tamborilar lentamente pelo pátio. Sacarhina e Recreant observavam o veículo com expressões iguais de pura perplexidade e repugnância. A multidão de estudantes reunidos perto das escadas retrocedeu enquanto o veículo chiava até parar na frente do primeiro jipe, apontando para ele. O motor tossiu, engasgou, e depois morreu, lentamente.

— Isso é um Ford Anglia, não é? — disse Finney. — Eu não via um destes há décadas! Estou surpreso que ainda funcione.

— Oh, nosso Mr. Hubert é muito bom com os motores, Randolph — disse McGonagall graciosamente. — Ele é quase um feiticeiro, na realidade.

A porta do condutor abriu-se com um chiar e uma figura saiu dela. Era muito grande, tanto que o carro subiu perceptivelmente sobre os amortecedores quando este desceu. O homem aproximou-se das escadas, sorrindo um pouco distraidamente.

Tinha um longo cabelo loiro prateado e uma barba correspondente, ambos compensados por uns óculos gigantescos negros de tartaruga. O cabelo do homem estava recolhido para trás num rabo de cavalo elegante e quase formal.

— O Mr. Terrence Hubert — disse McGonagall, apresentando o homem. — Reitor da Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts. Bem-vindo, senhor. Venha conhecer os nossos convidados.

O Mr. Hubert sorriu e depois olhou de soslaio para a porta do passageiro do Anglia que se abriu com um chiar.

— Espero que não se importem — disse o Mr. Hubert, ajustando os seus óculos. — Trouxe comigo a minha esposa. Diz olá a todos, minha querida.

James conteve a respiração quando Madame Delacroix saiu desastradamente do carro, rindo lenta e deliberadamente.

— Olá — disse com uma voz estranhamente monótona.

Hubert sorriu vagamente para ela.

— É um docinho, não acham? Bem, então, vamos começar?

Sacrhina tossiu, os seus olhos abriram-se de forma alarmante quando observou Delacroix uni-se ao Mr. Hubert na frente do Anglia. Empurrou Recreant com o cotovelo, mas este estava tão mudo quanto ela.

— Reitor? — disse Prescott, olhando de Hubert para McGonagall. Não existe um reitor! Desde quando há um reitor?

— Peço desculpas, senhor. — disse Hubert, subindo as escadas com Delacroix ao seu lado, que sorria um pouco freneticamente. — Estive fora a semana passada. Negócios em Montreal, Canadá, em todos os lugares possíveis. Um maravilhoso depósito de distribuição que eles têm ali. Vocês sabem, aqui só utilizamos fornecimentos mágicos da mais alta qualidade, naturalmente. Inspeciono todos os nossos materiais pessoalmente antes de encomendar qualquer coisa. Oh, mas eu não devia dizer mais nada, é claro. Eh, eh! — Hubert tocou um lado do nariz com o dedo indicador, sorrindo conspiradoramente para Prescott.

O rosto de Prescott estava cheio de suspeita. Olhou fixamente para Hubert, depois para Madame Delacroix. Finalmente, levantou as mãos e fechou os olhos.

— Tudo bem, o que importa. Mr. Hubert, se é você o nosso guia, então guie-nos.

— ele lançou um olhar por cima do ombro para a equipa de filmagem, gesticulando ferozmente com as sobrancelhas, e depois seguiu Hubert pelas portas enormes abertas.

— Reitor Hubert, poderia dizer-nos e aos nossos telespectadores o que vocês fazem aqui na Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts?

— Claro! — disse Hubert, virando ao chegar ao centro do vestíbulo de entrada. — Nós ensinamos magia! Somos, de facto, a principal escola de artes mágicas da Europa. — Hubert pareceu perceber a câmara pela primeira vez. Sorriu um pouco nervosamente. — Os estudantes, eh, vêm dos lugares mais longínquos do continente, e ainda de mais longe, para aprender a antiga arte dos místicos mestres da magia. Para adquirir, absorver, e, eh, penetrar-se, por assim dizer, nas artes secretas da adivinhação, iluminação, predestinação, e, eh, etcetera, etcetera.

Prescott estava a lançar um olhar duro para Hubert, as suas bochechas corando.

— Entendo. Sim, então admite que vocês ensinam *magia autêntica* nestas paredes?

— Ah, sem dúvida, jovem. Por que iria eu negar isso?

— Então não nega — disse Prescott com voz ligeiramente estridente. — que estas pinturas, alinhadas neste exacto aposento, são pinturas mágicas que se *movem*? — ele gesticulou exageradamente para as paredes.

O cinegrafista virou-se e aproximou-se tão rápida e tranquilamente quanto pôde de um grupo de pinturas que estavam junto à porta. O operador do microfone de longo alcance baixou o seu aparelho, até estar seguro de que capturava a resposta de Hubert.

— Pinturas que se m... movem? — disse Hubert com a voz distraída. — Oh, hmm... sim. Bem, suspeito que se poderia dizer que se movem. Porque estas pinturas, não importa em que lugar estejam, os seus olhos estão sempre sobre si. — Hubert levantou misteriosamente as mãos, animando-se com o assunto. — Elas parecem, de facto, segui-lo *onde quer que vá!*

O cinegrafista afastou o olho do visor e franziu a testa para Prescott. O rosto de Prescott tornou-se sombrio.

— Não foi isso que eu quis dizer. Faça com que se movam! Sabe que podem fazer isso! Você! — ele virou nos calcanhares e apontou para McGonagall. — Você teve uma conversa com um retrato no seu escritório ontem mesmo! Eu vi! Eu ouvi a pintura falar!

McGonagall adoptou uma expressão tão comicamente surpresa que James, que estava em pé na porta, com o resto dos estudantes reunidos, teve que reprimir um riso.

— Não posso imaginar a que se refere, senhor — respondeu a directora.

— Vejamos, deixe a senhora fora disto, entendeu? — disse Finney brutalmente, dando meio passo para se colocar diante da directora, que era uma cabeça mais alta que ele. — Simplesmente continue com a sua investigação toda-poderosa, Prescott, e terminemos com isto.

Prescott ficou constrangido durante alguns segundos, em seguida, recompôs-se.

— Ceeeerto. Esqueçamos as pinturas que se movem. Sou um tonto. — ele virou-se para Hubert. — Presumo que as aulas estão actualmente em curso, Mr. Hubert?

— Hmm? — disse Hubert, como se sobressaltado. — Em curso? Bem, eu...eu...suponho que sim. Eu não esperava...

— Não esperava que nos interessasse presenciá-las, não é? — interrompeu Prescott. — Pois interessa-nos. A nossa audiência tem o direito de saber o que está a acontecer aqui exactamente, bem... por baixo... dos... nossos... narizes.

— Audiência? — repetiu Hubert, voltando-se para a câmara. — Isto é, eh, *ao vivo*. É isso?

Prescott deixou cair a sua cabeça para a frente e meio que se curvou.

— Não, Mr. Hubert. Não é. Ninguém lhe contou como funciona? Gravamos, editamos, transmitimos. Miss Sacarhina, você entende tudo, estou certo? — ele olhou de soslaio para Sacarhina, que sorriu e estendeu os braços. Desenhou com a boca umas poucas palavras e depois gesticulou vagamente para a sua garganta. Recreant alargou o seu sorriso um pouco mais. A sua testa estava molhada de suor.

— Óptimo — murmurou Prescott. — Vejamos. Maravilha. Vamos continuar. — endireitou-se e olhou novamente furioso para Hubert. — Sim, a nossa audiência gostaria muito de ver o que acontece nessas, assim chamadas, “salas de aulas”, senhor reitor. Por favor, mostre-nos o caminho.

Hubert virou-se para Delacroix.

— O que achas, querida? Adivinhação ou Levitação?

— Ambas *son* igualmente impressionantes, meu querido. — disse Delacroix, pronunciando as palavras de forma muito desajeitada. Ela parecia querer dizer mais, mas apesar dos movimentos das suas mandíbulas, os seus lábios permaneciam hermeticamente fechados.

— A minha esposa é estrangeira, como podem ver — disse Hubert desculpando-se. — Mas faz o melhor que ela pode.

— As salas de aula, por favor, Mr. Hubert — insistiu Prescott. — Não pode manter a imprensa afastada, senhor.

— Não, não, claro que não. De facto, nós apreciamos a publicidade — disse Hubert, virando-se para conduzir a equipa pelo corredor. — Mesmo com o prestígio que temos, algumas vezes é difícil manter a cabeça fora da água. A magia é, bem, um estudo *especializado*, para dizer o mínimo. Apenas certo tipo de indivíduos têm a paciência e a graça de a aprender. Ah, aqui estamos nós. Adivinhação.

Prescott avançou rapidamente para a porta aberta da sala de aula, seguido pela sua equipa de filmagens e o operador do microfone de longo alcance tropeçando para manter o passo. Finney manteve-se no final do grupo, tão perto da Directora McGonagall quanto pôde. Harry e James, encabeçando a multidão de estudantes curiosos, aproximaram-se da porta para assistir.

— Aqui os nossos alunos aprendem a antiga arte da predição do futuro — disse Hubert orgulhosamente. Uma dúzia de estudantes estava espalhada pela sala, olhando sombriamente os objectos que estavam em frente deles sobre as mesas. Na frente da turma, como respondendo a um sinal, a Professora Trelawney ergueu os braços, produzindo um tilintar musical com as várias pulseiras dos seus braços.

— Procurem, estudantes! — gritou com a sua voz mais mística. — Olhem profundamente, profundamente no rosto do onnisciente cosmo, representado no turbilhão de padrões e desenhos do infinito! Encontrem os seus destinos!

— Folhas de chá! — disse Finney alegremente. — A minha própria mãe costumava ler a sorte nas folhas de chá para os turistas! Isso manteve-nos nos momentos mais difíceis, naquela altura. Perfeitamente pitoresco, manter estas tradições vivas.

— Tradições, bah! — disse Trelawney, levantando-se do seu assento e girando dramaticamente as suas ligeiras roupas. — Procuramos a natureza implícita da perfeita verdade nas folhas, senhor. Passado, presente, futuro, todos unidos para aqueles que têm os olhos para o ver!

— Isso, exactamente! Era o que minha mãe também costumava dizer! — riu Finney.

— É assim que predizem o futuro? — disse Prescott, olhando com desgosto dentro de uma das chávenas dos estudantes. — Isto é ridículo. Onde estão as bolas de cristal? Onde está a fumo espiral e as visões fantasmagóricas?

— Bom, eh, nós também temos dessas coisas, Mr. Prescott — disse Hubert. — Certo, querida?

— Adivinhação Avançada. Segundo semestre. Duzentas libras a taxa de laboratório — replicou Delacroix de forma mecânica.

— Cobre as bolas de cristal — disse Hubert escondendo os lábios atrás da mão erguida. — Estas coisas não são baratas. Mandamos fazê-las especialmente na China. Cristal autêntico e tudo mais. Claro que os alunos levam para casa no fim do ano. São uma espécie de recordação.

— Acho que mencionou Levitação antes! — disse Prescott, andando para fora da sala de aula. A sua comitiva prosseguiu rapidamente, correndo e desenrolando mais cabos eléctricos.

— Certamente, sim. Um elemento básico das artes mágicas — respondeu Hubert, seguindo Prescott através do corredor e para o interior de outra sala de aula. — Combinamos esta aula com Predestinação Básica. Sim, aqui mesmo.

Zane estava no centro da sala de aula com uma varinha na mão. Uma dúzia de outros estudantes estava sentada ao longo da parede, observando com assombro enquanto o busto de Godric Gryffindor flutuava e balançava pela sala de aula, aparentemente aos comandos da varinha agitada por Zane. Houve um suspiro de assombro por parte da equipa de Prescott. O cinegrafista agachou-se lentamente, ampliando o *zoom* sobre a acção.

— Ahá! — disse Prescott com excitação. — Magia autêntica! Realizada por crianças!

— Tal como prometi — disse Hubert orgulhosamente. — O Mr. Walker aqui está entre os melhores da sua turma. Mr. Walter, a propósito, em qual ano está?

— No primeiro, senhor — disse Zane, sorrindo felizmente.

— Habilidade excelente, rapaz — replicou Hubert. — Porque não tentas uma volta?

Os estudantes aplaudiram educadamente quando o busto se ergueu e lentamente girou no ar. Então, de repente, desabou, caindo sobre um colchão que fora colocado ao centro do piso.

— Oh, que pena, Mr. Walker. Esteve perto. — repreendeu Hubert.

— A culpa não foi minha! — chorou Zane. — Foram os meus assistentes! Ted, seu idiota, puxaste quando devia erguer! Quantas vezes tenho que te explicar?

— Ei! — contestou Ted, saindo ruidosamente de um armário na parte traseira da sala de aula. Ele segurava um molho de fios na mão, que serpenteavam até uma série de roldanas amarradas do tecto do armário. — Queres vir aqui para trás e fazer estes controlos funcionar na escuridão? Hein? Além disso, o Noah é que teve culpa. Foi lento com a roldana de cruz.

Do fundo do armário uma voz gritou com raiva.

— O quê? Acabou! Quero estar no palco na próxima vez! Já estou cansado deste papel de “assistente”! Quero usar a cartola!

— Ninguém está com a cartola, Noah! — disse Zane, revirando os olhos.

— Bem, *alguém* tem que pôr a cartola! — gritou Noah, o seu rosto apareceu na porta do armário. — Como é que alguém vai saber quem é o mago e quem é o assistente?

— Rapazes, rapazes — apaziguou Hubert, erguendo as mãos. — Só temos uma cartola por sala de aula, e a Miss Morganstern está a usá-lo para praticar o truque do coelho. Mr. Prescott, Mr. Finney, gostariam de ver o truque do coelho?

— Oh, sim — disse Finney alegremente.

— Não! — gritou Prescott.

Tabitha Corsica abriu caminho aos empurrões para a frente do grupo de estudantes aglomerados na porta. O seu rosto estava vermelho de fúria.

— Mr. Prescott — começou. — O senhor...

Hubert virou-se lentamente para encarar Tabitha.

— Este não é o melhor momento para autógrafos, Miss Corsica.

— Eu não estou aqui para lhe pedir um autógrafo, "*reitor*"... — cuspiu Tabitha, erguendo o braço para apontar para Hubert. Tinha um pequeno bloco de anotações e uma caneta nas suas mãos. Ela parou a meio da frase, olhando fixamente os dois objectos. A capa do bloco era rosa e tinha a palavra *autógrafos* escrita em branco nela.

— Haverá tempo suficiente mais tarde para esse tipo de coisas, Miss Corsica. Mas tenho a certeza que o Mr. Prescott se sente lisonjeado pelo seu, eh, interesse.

— Reitor Hubert? — interveio Petra, aproximando-se com uma cartola preta que estava colocado sobre uma mesa ridiculamente brilhante. — Acho que há algo errado com o Mr. Wiffles. Os coelhos normalmente ficam deitados de costas assim?

— Agora não, Miss Morganstern — disse Hubert, acenando com a mão com desdém. — Mr. Prescott, acha que vai gostar de ver o nosso truque de cortar ao meio?

Mas Prescott fora-se embora, passando a passos largos junto da subitamente silenciosa Tabitha Corsica e descendo corredor abaixo. A equipa apressou-se aos empurrões, com dificuldades em alcançá-lo enquanto ele enfiava a cabeça em cada sala. No fim do corredor, lançou um grito abafado de triunfo e indicou à sua equipa que se juntassem a ele na sala de aula mais distante.

— Aqui! — gritou Prescott, gesticulando freneticamente com o braço direito. A equipa entrou no aposento, seguidos pelos estudantes curiosos, que estavam a começar a sorrir. — Bem na frente dos vossos olhos! Um *professor fantasma*! Assegurem-se que obtêm uma boa filmagem disto, Vince! Prova da vida após a morte!

Desta vez não houve nenhum suspiro de surpresa. Vince aproximou-se, focando cuidadosamente com uma mão.

— Ah, sim. Professor Binns — disse Hubert alegremente. — Diga olá a estas amáveis pessoas.

O Professor Binns piscou como uma coruja e percorreu a multidão com o olhar.

— Saudações — disse com a sua voz fina e distante.

— É apenas uma projeção no fumo — anunciou Vince, o cinegrafista.

— Bem — disse Hubert, ficando um pouco na defensiva. — Não era para ser visto tão de perto. Normalmente os estudantes estão muito longe dele. Cria uma agradável sensação de mistério e de sobrenatural, na realidade.

Ralph era um dos estudantes sentados na sala de aula. Ele dirigiu-se ao cinegrafista com uma nota de aborrecimento.

— Está a arruinar o efeito, sabe? Não tem que chegar e estragar para toda a gente.

— Saudações — disse Binns de novo, olhando para a multidão.

— Impossível! — gritou Prescott furiosamente, avançando até frente da sala de aula. — É um fantasma! Eu sei que é!

— É uma projeção, Martin — disse Vince, baixando a câmara. — Já vi isto antes. Nem sequer é muito boa. Consegues ouvir o projector a funcionar. Está logo ali, debaixo da mesa. E vês isto? Uma máquina de gelo seco. Faz o fumo.

Finney pigarreou junto à porta.

— Isto está cada vez mais embaraçoso, Mr. Prescott.

— Saudações — disse o Professor Binns.

Prescott virou-se furioso. Obviamente estava a enrolar-se demais.

— Não! — gritou. — Tudo isto é uma montagem! É culpa *dele*! Está a tentar enganar-nos a todos! — ele apontou para Hubert.

— Bem, isso é o que fazemos aqui — disse Hubert, sorrindo educadamente. — Estamos no negócio dos truques. Embora preferimos o termo “ilusão”, se não se importa.

— É maaaaagia — disse Delacroix de repente, de forma um pouco estúpida. Ela mostrou um sorriso horripilante.

— Sei o que todos vocês estão a tentar fazer aqui — disse Prescott, ainda apontando para Hubert, e depois para McGonagall e até Sacarhina e Recreant, que agitavam as cabeças vigorosamente. — Vocês estão a tentar fazer-me passar por louco! Bem, o meu público conhece-me melhor que isso, assim como os meus parceiros. Vocês não podem esconder tudo! O que aconteceu às escadas móveis? Ou aos gigantes? Hum? Ou...? — Prescott deteve-se, com o dedo ainda a meio do ar. Os seus olhos desfocaram-se por um instante, e depois riu maliciosamente. — Já sei exactamente o que eu preciso. Justamente o que preciso, de facto. Vince, Eddie, e o resto de vocês, venham comigo.

Hubert seguiu-os enquanto a equipa tropeçava e empurrava através da multidão de estudantes.

— Onde vai, Mr. Prescott? Eu sou o seu guia, no caso de você não se lembrar. Eu mostrar-lhe-ei qualquer coisa que desejar.

— Sim? — disse Prescott, voltando a virar-se para Hubert. Os estudantes curiosos afastaram-se deixando caminho para ele e para a sua equipa, de forma a que Prescott se virou para os olhar, de um lado a outro. — Mostrar-me-ia... — ele fez uma pausa dramática e ergueu a cabeça. — a Garagem?

— A... — começou Hubert. Pestanejou, e depois olhou de soslaio para a Professora McGonagall.

De repente, James sentiu a mão de Harry apertar sobre o seu ombro. Algo correria mal.

— A Garagem? — repetiu Hubert, como se não estivesse familiarizado com a palavra.

O sorriso de Prescott cresceu de forma predatória.

— Aha! Não estavam preparados para isto, certo? Sim, dei uma longa olhada pelos arredores enquanto todos estavam tão ocupados esta manhã. Andei aqui e ali e obtive uma maravilhosa visão do conjunto! Há uma Garagem — disse, virando-se para a câmara. — que penetra no tecido do espaço e do tempo, criando um portal mágico entre este lugar e outro a milhares de quilómetros de distância! A América, se me permitem ser tão audaz para escolher! Vi ela pessoalmente. Olhei dentro da estrutura e cheirei o ar desse lugar distante. Vi o amanhecer dessa terra, enquanto o sol aqui estava alto, acima do horizonte. Não era truque, nem ilusão. Esta gente quer-nos fazer acreditar que são meros ilusionistas, enquanto eu mantenho, já que testemunhei com os meus próprios olhos, que são mestres numa forma de magia que é pura e simplesmente sobrenatural. Agora vou provar! — Com um floreio, Prescott deu a volta e afastou-se marchando, partindo para a entrada.

Harry colocou-se ao lado de Hubert, mas ele não pôde captar a sua atenção.

— Mr. Prescott! — gritava Hubert sobre o som da agora agitada multidão. — Realmente devo insistir que me permita... Mr. Prescott! Isto é altamente irregular!

Prescott conduziu a sua equipa pela entrada e cruzando o pátio. A multidão de estudantes aumentara consideravelmente, e o ruído dos seus passos tornara-se muito alto. Toda a gente já tinha visto o exterior da Garagem de Alma Aleron, mas muito poucos estiveram lá dentro ou viram o que ela alojava. O balbúcio de preocupação e curiosidade era um rugido surdo.

— Isto pode ser mau, James — disse Harry, mantendo a voz abaixo do nível de ruído da multidão.

— O que podemos fazer?

Harry somente sacudiu a sua cabeça, observando Prescott dobrar o canto, guiando o grupo até um conjunto de barracas que se erguiam ao lado do lago. Ele deu a volta, enquadrado contra as paredes de lona. A sua equipa colocou-se em posição, baixando o microfone de longo alcance até ele e ajustando grandes guarda-chuvas brancos para reflectir a luz do sol sobre o seu rosto sombreado. Prescott virou-se ligeiramente, mostrando o seu melhor perfil à câmara enquanto Vince se agachava lentamente, focando. Foi, James teve que admitir, um momento muito dramático.

— Senhoras e senhores — começou Prescott, alçando a sua voz natural de orador. — a minha equipa e eu, e todos vocês, fomos vítimas de um elaborado engano. Esta não é uma simples escola de jogos de mãos e truques de cartas. Não. Eu testemunhei dentro

destas paredes magias verdadeiras das mais surpreendentes e arrepiantes variedades. Vi fantasmas e testemunhei autênticas levitações. Observei como aparecem portas magicamente no que antes foram paredes de rocha sólida. Vi bestas e gigantes que assustam a mente. Hoje, fomos tratados como tontos, fraudados por um grupo de feiticeiros e bruxas... sim, pessoas realmente mágicas... que pensam que podem enganar-nos com truques baratos. Mas agora revelarei a verdade sobre este lugar. Por detrás desta lona há uma estranha forma de magia que vos irá comover e surpreender. Quando a verdade for revelada, o Mr. Randolph Finney, detective da Polícia Especial Britânica, irá querer fazer uma investigação em grande escala neste estabelecimento, com a ajuda das agências policiais de toda Europa. Após este dia, senhoras e senhores, as nossas vidas nunca voltarão a ser as mesmas. Após este dia, estaremos a viver num mundo onde saberemos, sem dúvida alguma, que as bruxas e os feiticeiros são reais, e que eles caminham entre nós.

Prescott fez uma pausa, deixando que a suas palavras ressoassem sobre a surpreendida multidão. Então virou-se para a zona onde McGonagall, Hubert, Sacarhina e Recreant estavam reunidos. Finney permanecia perto da directora, franzindo ligeiramente a testa, com os olhos abertos.

— Mr. Hubert — chamou Prescott — Abriria estas portas para nós? Esta é sua última oportunidade de fazer a coisa certa.

A expressão de Hubert era grave. Olhava muito directamente para Prescott.

— Devo avisá-lo contra esta linha de ação, Mr. Prescott.

— Ou as abre, ou abro-as eu.

— Arruinará tudo, senhor — disse Hubert. Junto a ele, Delacroix estava a sorrir de forma ainda mais maníaca.

— Não arruinarei mais que o seu segredo, Mr. Hubert. O mundo deve saber o que há por trás dessas portas de lona.

Hubert parecia petrificado. Parecia que ele não iria fazê-lo. E então, adiantou-se, baixando a cabeça. Ouviu-se um longo suspiro colectivo da multidão. Prescott colocou-se a um lado, olhando de maneira triunfante para a câmara enquanto abria. Hubert aproximou-se da barraca e parou em frente dela. Suspirou profundamente, e depois estendeu a mão para cima, retirando as tiras de lona presas com um nó que sustentava o amplo cortinado da porta da barraca fechada. Ele virou a cabeça para olhar Prescott. Após uma terrível pausa, puxou. O nó desfez-se e as lonas abriram-se, desenrolando-se como bandeiras, bofeteando os lados da ampla abertura da tenda. A multidão ofegou e, em seguida, produziu-se um longo e perplexo silêncio.

James aproximou-se. Imediatamente percebeu o que era. O interior da barraca estava um tanto escuro, mas ele pôde ver que os veículos voadores tinham desaparecido. A maior parte do interior da barraca estava escurecida por uma forma longa e oblíqua. Algumas pessoas perto da frente da multidão começaram a rir, e depois, uma onda de gargalhadas percorreu a multidão.

— Bem, terminou tudo — disse Hubert, ainda olhando para Prescott. — Arruinou o segredo. E isto pretendia ser o nosso grande final. Devo dizer-lhe, senhor, que você não é, de maneira nenhuma, divertido. — Hubert finalmente deu um passo para trás, retirando-se do caminho para que a equipa de filmagem pudesse ver directamente o interior. Pequenas luzes coloridas de Natal cintilavam em sequência à volta de um grande disco voador de papel pardo. Umas letras negras estavam pintadas de um lado, claramente visíveis entre a cintilação das luzes.

— Odeio ter que dizer isto, Mr. Lupin — disse Hubert, voltando-se para Ted. — Mas soletrou errada a palavra “rocket²”. Isto foi terrivelmente embaraçoso.

² Rocket, em inglês, significa foguete.

— CAPÍTULO 20 —

A História do Traidor



— **M**as eu vi-os! — dizia Prescott insistentemente, a voz ficando mais rouca enquanto seguia Vince entre os *Land Rover*. — Gigantes! Um deles era tão alto quanto três árvores! Deixou pegadas do tamanho de... do tamanho de... ! — ele gesticulou desesperadamente com os braços. Ignorando-o, Vince guardou a câmara numa mala revestida com espuma.

— Ficou como um maluco, Mr. Prescott — disse o detective Finney, limpando os seus óculos com a gravata. — Não piore.

Prescott girou-se para o homem mais alto, com os olhos descontrolados.

— Tem que investigar este estabelecimento detective! Não está certo! Enganaram-nos a todos!

— Se eu abrisse alguma investigação, Mr. Prescott — disse Finney suavemente, — seria sobre si e os seus métodos. Ao menos tinha autorização para entrar nestes terrenos?

— O quê? Está louco? — perguntou Prescott. Parou e recompôs-se. — É simples. Como já tinha dito, informaram-me do que estava a acontecer aqui. Alguém de dentro me conduziu até aqui.

— E comprovou os antecedentes dessa pessoa?

— Bem — disse Prescott, o sapo de chocolate era muito convincente. Na realidade não...

— Como? Disse “sapo de chocolate”? — perguntou Finney, cerrando os olhos.

— Eu... er, bom. A questão é, que sim, a minha fonte estava bastante segura de que algo estranho estava a acontecer aqui.

— Que aqui, de facto, ensinavam magia?

— Sim. Eh, não! Não truques! Magia Autêntica! Com monstros e gigantes e... e... portas quedesaparecem e carros voadores!

— E o sapo de chocolate confirmou tudo isso, certo?

Prescott abriu a boca para responder, e depois deteve-se. Endireitou-se a toda estatura, furioso e indignado.

— Está a gozar comigo.

— Está a tornar difícil que eu não o faça, senhor. Estaria disposto a deixar-me falar com essa sua fonte?

Prescott pareceu animar-se.

— Sim! De facto, farei isso! Combinei com a Miss Sacarhina para que ele viesse também. Será justo... — ele olhou em volta, enrugando a testa.

— Combinou com a Miss Sacarhina? — perguntou Finney, olhando para os degraus da parte alta do pátio. Grande parte do corpo docente da escola, juntamente com um bom número de estudantes, estavam a assistir com interesse como o grupo recolhia trabalhosamente o seu equipamento. Nem a Miss Sacarhina nem o Mr. Recreant estavam à vista. — Ela conhece esta sua fonte, então?

— Conhece, certamente — disse Prescott, ainda olhando para multidão. — Onde é que ele está?

— Ele veio com a sua equipa? — perguntou Finney, olhando ao redor. — Não me lembro de o ter reconhecido.

— Estava ali. Um tipo calado e excêntrico. Tem um tique nervoso na sobrancelha direita.

— Ah, ele — Finney assentiu a cabeça. — Pensei que era um pouco estranho. Gostaria muito de trocar umas palavras com ele.

— Eu também — concordou Prescott toscamente.

No alto dos degraus, o Mr. Hubert tinha-se virado para a Directora McGonagall, Neville, e Harry Potter.

— Creio que podemos confiar que os nossos amigos preparem a partida para si mesmos agora. Senhora Directora, acho que temos uns poucos assuntos pendentes para nos ocupar?

McGonagall assentiu, depois virou-se e conduziu o grupo para dentro.

Harry sorriu para James.

— Vem connosco, James. Ralph e Zane, vocês também.

— Tem a certeza? — perguntou Ralph, olhando para a directora enquanto esta percorria o corredor a passos largos.

— O Mr. Hubert pediu especificamente que vocês os três nos acompanhassem — respondeu Harry.

— É bom ter amigos em altos cargos, hein? — disse Zane alegremente.

— Bem — disse a directora enquanto entravam no silêncio vazio do Salão Principal, correu tão bem quanto se podia esperar, apesar de que ao Mr. Ambrosius se excedeu um pouco com o seu Encantamento Amoroso. O Mr. Finney *insistiu* que o acompanhasse para jantar da próxima vez que eu for a Londres.

— Uma oferta que creio, deveria aceitar, madame — replicou Merlin, tirando os gigantes óculos de moldura tartaruga e sacudindo o cabelo para soltar o rabo de cavalo do “Mr. Hubert”. — Enfeitei-o com o encantamento mais ligeiro possível. Como é que eu poderia adivinhar que o detective Finney teria uma atracção natural por mulheres altas, fortes e formosas?

— Que piada — respondeu McGonagall. — acredito que esteja a brincar, senhor... James falou:

— Mas como é que sabia da Garagem, Merlin? Pensei, com toda a certeza, que estávamos acabados!

Merlin olhou por cima do ombro.

— Não sabia da Garagem, James Potter. Isso estava além do conhecimento das árvores, ao contrário do veículo Anglia e Madame Delacroix. A improvisação, no entanto, sempre foi um dos meus maiores talentos.

— Mas como levou o Wocket até lá? — perguntou Ralph. — Isso foi absolutamente brilhante!

— As árvores sabiam *disso*, no entanto, igualmente, eu sabia — replicou Merlin. — Foi simplesmente uma questão de incentivar uma mudança de localizações.

Zane sorriu.

— Então, os carros de Alma Aleron estão naquele velho barracão no campo?

— Não lhes fará nenhum mau, espero — assentiu Merlin.

O grupo avançou determinadamente pelo Salão Principal e subiu os degraus da tribuna. McGonagall abriu uma porta na parede do fundo e conduziu os outros por ela a uma antecâmara grande com chão de pedra e uma chaminé escura. Sacarhina e Recreant estavam ali, sentados junto a uma terceira pessoa que James não reconheceu.

— Isto é uma atrocidade, directora — disse Recreant, saltando sobre os seus pés. — Em primeiro lugar, traz esta... *pessoa* que usurpa a nossa autoridade, e depois tem a ousadia de nos submeter a uma maldição da *língua presa*!

— Cale-se, Trenton — disse Sacarhina, revirando os olhos. Recreant piscou, ferido, mas fechou a boca. Ele olhou de Sacarhina para a directora.

— Sábio conselho, se é que alguma vez ouvi algum — concordou Harry, adiantando-se. — E suspeito que o Ministro, de facto, será informado disto.

— Não fizemos nada de errado, Mr. Potter, o senhor sabe. — disse Sacarhina, olhando as unhas indolentemente. — Mr. Ambrosius, aparentemente, assegurou o segredo do mundo mágico. Tudo deu certo.

Harry assentiu com a cabeça.

— Alegro-me que se sinta assim, Brenda, ainda que acho interessante já conhecer o verdadeiro nome do “Mr. Hubert”. Sem dúvida não haverá nenhuma maneira de provar e que a conecte a ele, e com a desafortunada Madame Delacroix. Contudo, o que está a acontecer com este seu amigo?

Toda a atenção dirigiu-se ao homem sentado na cadeira entre Sacarhina e Recreant. Era pequeno, gorducho, com cabelo negro e fino e um tique na sobrancelha esquerda. Ele encolheu-se perante o olhar de todos os ocupantes da sala.

Ralph, que foi o último a entrar, abriu caminho aos empurrões entre Merlin e o Professor Longbottom, com a testa franzida pelo desconcerto.

— Pai? — disse, franzindo a testa. O que *estás* a fazer aqui?

O homem fez uma cara miserável e cobriu o rosto com as mãos. Merlin olhou Ralph, com o longo e pedregoso rosto taciturno. Colocou uma mão sobre o ombro do rapaz.

— Este homem diz que o seu nome é Dennis Deedle. Receio que o reconheces.

— O que é que *está* a fazer aqui? — perguntou Neville.

— Penso que o seu papel nesta conspiração é muito evidente — replicou a directora, suspirando. — É o responsável de conduzir o Mr. Prescott até nós.

— O quê? — disse Ralph, disparando para McGonagall. Porque diz isso? É terrível!

— Ele veio com a equipa do Mr. Prescott — disse Harry tranquilamente. — Estava a tentar passar despercebido. Talvez estivesse preocupado que o reconhecesses, Ralph. Depois, quando tudo acabasse, já não importaria, é claro. Mas de qualquer forma, as coisas não ocorreram como ele esperava.

— Isso é ridículo — insistiu Ralph. — O pai é um muggle! Assinou o contrato de confidencialidade muggle, certo? Ele não o faria isso, mesmo que pudesse! Não sei o que ele está a fazer aqui, mas não é o que todos pensam!

Merlin ainda tinha a sua mão no ombro de Ralph. Deu-lhe umas palmadinhas lentamente.

— Talvez então deverias perguntar-lhe, Mr. Deedle.

Ralph ergueu os olhos para o enorme feiticeiro, com o seu rosto tenso de raiva e trepidação. Olhou para o resto dos ocupantes do aposento, um a um, terminando no seu pai.

— Certo, então. Pai, porque estás aqui?

Dennis Deedle ainda tinha as mãos sobre o rosto. Durante vários segundos, não se moveu. Finalmente, respirou profundamente e recostou-se, deixando cair as mãos.

Olhou Ralph por um longo momento, e depois para todos os que compunham a assembleia.

— De acordo. Sim, — disse, tendo-se recomposto. — eu contei ao Prescott. Enviei-lhe o Sapo de Chocolate e o GameDeck. Tinha-o utilizado para comunicar com alguém na escola, alguém que utilizou o nome de Austramaddux. Tendo feito isso, eu sabia que Prescott poderia localizar a escola com o seu GPS.

O rosto de Ralph estava congelado entre a descrença e a miséria.

— Mas porquê, pai? Porque fizeste algo assim?

— Oh, Ralph. Sinto muito. Sei que isto te parece mau — disse Dennis. — Mas tudo é muito... muito complicado. O programa de Prescott, Visão Interna, oferece dinheiro por uma prova do sobrenatural. Bem, as coisas não vão muito bem, filho. Tenho procurado trabalho desde que fui demitido, mas tem sido difícil. Precisávamos do dinheiro. Achei que o sapo de chocolate seria o suficiente. Juro! Mas o Prescott queria mais. Sabia que tinha que lhe mostrar algo realmente surpreendente assim que... — interrompeu-se, olhando nervosamente ao redor outra vez.

— Mas nunca viu o dinheiro — disse Merlin com a voz baixa e retumbante. — E essa não era a questão principal, não é?

As sobrancelhas de Dennis trabalhavam furiosamente quando ergueu o olhar para Merlin, aparentemente lutando com o que devia dizer. Junto a ele, Sacarhina pigarreou de maneira significativa. Dennis olhou-a fixamente, afastando os olhos de Merlin.

— O dinheiro, — disse inseguro. — Prescott disse que o teríamos quando o programa fosse transmitido. Ele prometeu.

— Mas agora não haverá programa — disse Merlin tranquilamente.

— Pensou que valeria a pena vender todo o mundo mágico só para nos ajudar a sobreviver por uns tempos, pai? — disse Ralph, a voz não era acusadora, senão verdadeiramente inquisitiva. O coração de James quebrou-se ao ouvir o desapontamento na voz do amigo.

— Não, filho! — respondeu Dennis, mas depois afastou o olhar. — Não achei que fosse ameaçar todo o mundo mágico. Quero dizer, é só um estúpido programa de TV. Além disso... — ele deteve-se, mastigando as palavras, lutando consigo mesmo.

— Além disso o quê? — perguntou Merlin calmamente.

Dennis voltou a olhar para Merlin, com o rosto tenso, a sobrancelha direita a saltar.

— Além disso, o que tem feito o mundo mágico por mim? — expeliu, para depois cobrir o rosto com as mãos novamente. Tomou uma respiração profunda e trêmula. — Deixar-me sozinho, isso é o que tem feito. Deslocado e abandonado, como uma espécie de... Uma espécie de mutante sem valor! Despojado do meu nome e da minha família, abandonado pelos meus próprios pais porque não era como eles! Inclusive proibiu-me de voltar a entrar em contacto com eles ou falar-lhes. Eles disseram que seria adoptado

no mundo muggle, onde eu pertencia. Disseram que eu seria feliz ali. Suponho que ficou demonstrado, não é? Não queriam que eu arruinasse a sua reputação no mundo mágico. Bem, porque é que eu haveria de me preocupar pelo segredo do mundo mágico no mínimo?

O rosto de Ralph era uma máscara de infeliz consternação.

— Do que estás a falar, pai? Não és um feiticeiro. O avô e a avó morreram antes de eu nascer. Surpreendeu-te tanto a ti como a mim quando chegou a carta de Hogwarts.

Dennis tentou sorrir para o filho.

— Quase que metinha esquecido do meu próprio passado, Ralph. Tinha passado tanto tempo, e eu tinha tentado tão arduamente enterrá-lo. Sou um cepatorta, filho. Os teus avós e o teu tio eram bruxas e feiticeiros, mas eu não nasci com os poderes. Criaram-me durante tanto tempo quanto possível, mas eles odiavam a minha natureza. Quando eu tinha idade suficiente e ficou claro de que não tinha nenhuma habilidade mágica, não puderam suportar isso. Ocultaram-me do resto do mundo mágico. Eu era o seu asqueroso segredo. Mas eles não podiam ocultar-me para sempre. Finalmente, quando eu fiz doze anos, enviaram-me para longe. Fui a um orfanato muggle, sob a pretensão de que os meus pais tinham morrido num acidente. Fizeram-me jurar que nunca os mencionaria e que nunca os tentaria procurar. A minha mãe estava... estava triste. Ela chorava e escondia o rosto. Mas o meu pai foi irredutível. Ela não pôde convencê-lo. Contratou um condutor muggle que nos levou para o orfanato. A minha mãe ficou no carro enquanto o meu pai me levava para dentro. Ela tentou abraçar-me, dizer adeus, mas o meu pai não a deixou. Ele disse que seria o melhor para ambos. Efectuou modificações de memória nos trabalhadores do orfanato. Fê-los acreditar que o Estado me tinha deixado lá depois da morte dos meus pais. Deram-me uma cama e um conjunto de roupas, e então o meu pai foi-se. Nunca os voltei a ver.

Os olhos de Dennis Deedle não tinham abandonado ainda o rosto do filho quando Merlin falou.

— O senhor sofreu muito, Mr. Deedle. Acredito que Deedle não seja o seu verdadeiro apelido, certo?

— Não. O meu pai inventou-o para mim — disse Dennis brandamente. Odeio o nome.

— Qual é o seu apelido, senhor?

— Dolohov — respondeu o pai de Ralph, com voz cada vez mais distante, quase morta. — O meu nome é Denniston Gilles Dolohov. Filho de Maximillion e Whilhelmina Dolohov. Meio irmão mais novo de Antonin.

Houve um momento de gelado silêncio e, em seguida, McGonagall falou.

— Mr. Dolohov, compreende que pelo que fez poderia ser enviado para Azkaban?

Dennis piscou, como saindo de um transe.

— O quê? Não, não, claro que não. Prometera-me que nada do que eu o faria seria contra a lei.

Sacarhina tossiu ligeiramente.

— Talvez, Mr. Deedle, preferisse evitar responder a mais perguntas até que o seu representante legal esteja presente.

— Porquê? — disse Dennis, olhando-a alarmado. — Estou metido em algum problema? A senhora disse...

— Seria para o seu bem, senhor — interrompeu Sacarhina.

— A senhora disse que eu estava a fazer um favor ao mundo! — exclamou Dennis, pondo-se em pé. Olhou para Harry. — Ela prometeu-me que cuidariam de mim, mesmo que o Prescott e o seu pessoal não entregassem o dinheiro! Disse que isto era mais importante do que dinheiro! Quando os ajudei...

— *Sente-se*, Mr. Deedle! — disse Sacarhina, com voz gelada.

— Não me chame assim! Odeio esse nome! — Dennis retrocedeu longe dela, voltando a olhar para Harry. — Eles disseram-me que não havia problemas em eu falar com o Prescott! Eu contei-lhes o que estava a pensar fazer. Eu sabia que tinha que comprová-lo com o Ministério. Eles disseram que o contrato que eu tinha assinado não era vinculativo porque eu não era um muggle. E abandonei o mundo mágico antes de ter idade suficiente para assinar o Voto do Sigilo Mágico, logo eu não estava a violar nenhuma lei. Ela prometeu-me que não havia problemas! Ela disse que era pelo bem de todos e que eu seria um herói!

— Miss Sacarhina, — disse Harry, puxando a varinha, mas sem a brandir completamente. — o que tem a dizer em resposta às acusações deste homem?

— Não tenho absolutamente nada a dizer — replicou ela tranquila. — Está claramente maluco. Ninguém vai acreditar numa palavra de semelhante pessoa.

— Mr. Recreant? — disse Harry, virando-se para o homem estupefacto. — Concorde com a avaliação da Miss Sacarhina?

Os olhos de Recreant moviam-se como moscas, voando de cá para lá entre Sacarhina e Harry.

— Eu... — começou, e depois baixou os olhos e a voz. — Gostaria de ter a oportunidade de discutir isto longe da Miss Sacarhina.

— Mr. Recreant, como sua superior, proíbo-o...

— Não proibirá nada, madame — disse Neville severamente, sacando a sua própria varinha da sua túnica.

— Em nome da imunidade diplomática, devo insistir... — começou Sacarhina, mas deteve-se quando Harry lhe apontou a varinha.

— Em nome do Ministério de Magia e do Departamento de Aurors — disse. — coloco-a, Miss Brenda Sacarhina, sob custódia por tentativa de violação da secção dois do Código Internacional dos Segredos Mágicos e por roubo de propriedade do Ministério da Magia.

Sacrhina tentou sorrir, mas foi uma tentativa relativamente fraca.

— Não pode provar nada, Mr. Potter. Este é um jogo estúpido e perigoso que está a jogar. Só advertirei uma vez que se retire.

— Deveria ter pensado duas vezes antes de conspirar com as pessoas que despreza, Miss Sacrhina — disse Merlin, sorrindo com pesar. Eu tive uma agradável e esclarecedora conversa com Madame Delacroix quando a encontrei no bosque. Ela tinha muito a dizer sobre si, eu receio, e pouco disso poderia ser considerado lisonjeiro.

Neville estava dirigindo o Mr. Recreant para fora da sala, com a directora no fundo. Harry gesticulou com a varinha.

— Vamos, Miss Sacrhina. Titus Hardcastle espera-a para a escoltar de volta ao Ministério, e a paciência não é uma das suas melhores características.

O rosto de Sacrhina ficou branco quando compreendeu que não tinha outra opção que não render-se. Sem dúvida teria uma muito boa defesa preparada, pensou James enquanto a via sair da sala com o seu pai. Pessoas como ela sempre tinham um montão de formas de cobrir as suas pistas. Ainda assim, a coisa não parecia ir bem para Brenda Sacrhina. Quando a porta que conduzia ao Salão Principal se abriu, James viu Titus Hardcastle a sorrir alegremente, com a varinha a apontar cuidadosamente ao chão.

James ficou sozinho com Merlin, Zane, Ralph e Dennis Dolohov. Dennis olhou para o seu filho e, em seguida, tocou o seu ombro.

— Sinto muito, Ralph. Realmente. Eu estava... confuso.

— Devias ter-me contado, pai — disse Ralph, deixando cair os olhos.

Dennis assentiu.

Após um momento, lançou o olhar para Merlin.

— Serei enviado para prisão mágica? — perguntou, tentando manter firme a voz.

— Eu... irei pacificamente, suponho.

— Suponho que não, Mr. Dolohov — disse Merlin, virando-se para conduzir o grupo para fora da antecâmara. Abriu a porta que conduzia ao Salão Principal. — Mas as suas ações resultaram num dilema. Aparentemente, a segurança desta escola, por mais forte que possa ser, não está preparada para enfrentar a moderna tecnologia muggle. Talvez tenha alguma ideia sobre como a melhorar?

Dennis franziu a testa.

— O que sugere? Querem a minha *ajuda*?

Merlin encolheu os ombros.

— Estou apenas a reconhecer coincidência bastante curiosa. Precisa de um trabalho e nós de uma revisão do nosso programa de segurança. Sendo um feiticeiro que convenientemente é um perito em tecnologia muggle, parece excepcionalmente qualificado para servir esta finalidade.

Dennis sorriu com alívio.

— Pensarei nisso, senhor.

— Não estou em posição de fazer nenhuma oferta em nome desta escola, naturalmente — disse Merlin, atravessando o Salão Principal com a sua longa e exigente passada. — Mas conheço a directora. Verei o que posso fazer.

— Então — disse James, seguindo Ralph e Zane até o Salão Principal, — parece que no final tens uns sólidos antecedentes mágicos, Ralph, ainda que sejam um bando de cruéis sangues puros sem coração. Não que isso importe, na realidade, mas explica o facto de seres um Slytherin.

— Talvez — disse Ralph em voz baixa. — Isto é muito para que eu entenda num só dia. De qualquer forma, nada dessa magia era minha. Foi o bastão.

Merlin deteve-se perto das escadas, e virou-se lentamente. Olhou Ralph especulativamente.

— Foste tu o guardião do meu bastão?

— Sim — respondeu Ralph abatido. — Evitei que matasse alguém, suponho. Mas não o suficiente.

— Não lhe ligue — disse Zane. — Foi espectacular com ele. Salvou a vida de James uma vez. Também fez crescer um pessegueiro duma banana! Uma vez queimou uma crista na cabeça da Victoire em D.C.A.T.! Todos pensávamos fazer isso de vez em quando só para a calar.

Merlin aproximou-se de Ralph. James estava seguro de que o feiticeiro não carregava o bastão momentos antes, mas quando se agachou até se ajoelhar diante de Ralph, sustentava-o na sua mão direita. As runas que o percorriam eram escuras, mas James lembrou-se de como tinham pulsado com uma luz verde na noite anterior.

— Mr. Deedle... ou eu deveria chamá-lo Mr. Dolohov? — disse Merlin.

— Estou afeiçoado ao Deedle — respondeu Ralph, olhando para o seu pai. — Não sei se estou pronto para ser um Dolohov ainda. Sinto muito, pai.

Dennis mostrou um pequeno sorriso compreensivo.

— Mr. Deedle então — disse Merlin. — Não é qualquer feiticeiro que poderia ter honrado a responsabilidade do bastão. Deve ter ouvido dizer que a varinha escolhe ao feiticeiro, e é verdade. Madame Delacroix achou que era simplesmente uma simples ferramenta que levaria até ela o bastão, mas estava errada. O bastão escolheu-o. Um feiticeiro menor teria sido incapaz até mesmo de o brandir, ainda menos ainda de o usar. Mas, sem saberes, submeteste o bastão ao teu poder. Não fazias ideia da tua força, e mesmo assim manejava-o. Ele obedeceu-te, e essa é a marca de um feiticeiro com um potencial muito, muito elevado. Parte deste bastão pertence-te agora, Mr. Deedle. Posso senti-lo. Eu sabia que uma porção já não era minha, mas não sabia a quem pertencia. Agora eu sei.

Merlin baixou o seu bastão, de forma que ficou estendido sobre os seus joelhos. Fechou os olhos e tacteou toda a extensão, a sua mão mal tocava a madeira. Uma fraca luz verde movia-se no interior das runas, tremeluzindo. Merlin fechou a mão em redor da parte baixa, no extremo mais pontiagudo do bastão, então, com uma única torção,

partiu os últimos trinta centímetros. Abriu os olhos de novo, e ofereceu o pedaço de madeira a Ralph.

— Tens, penso eu, necessidade de uma varinha, Mr. Deedle.

Ralph tomou o pedaço de madeira da mão de Merlin. Quando o fez, a madeira transformou-se na sua varinha outra vez, ainda ridiculamente gorda e atarracada, com a ponta pintada de verde limão. Ralph sorriu, girando-a entre as suas mãos.

— Eu não esperaria que fosse tão poderosa quanto antes, acredito — disse Merlin, colocando em pé outra vez o seu bastão e utilizando-o para se levantar novamente. O bastão era notavelmente mais curto agora. — Mas suspeito que ainda será capaz de fazer coisas excepcionais com ela.

— Obrigado — disse Ralph com seriedade.

— Não mo agradeças — disse Merlin, alçando uma sobrancelha. — É tua, Mr. Deedle. Fizeste com que assim fosse.

— Assim o mago dá ao leão covarde a sua coragem — disse Zane, sorrindo. — Quando é que o James consegue um pouco de cérebro?

Merlin marcou o seu sorriso um pouco mais, olhando de Zane a James.

— Não lhe ligue — disse James, sorrindo e conduzindo o grupo para as escadas. — É uma coisa muggle. Não o entenderíamos.

— Vamos lá! — gritou Ralph, subindo às pressas até as escadas. Quero mostrar ao Ted e ao resto dos Gremlins que recuperei a minha varinha! A Tabitha Corsica pode *ficar com* a sua estúpida vassoura.

Os três rapazs subiram a correr as escadas móveis, seguidos a um passo mais sereno por Merlin e o recém renascido Dennis Dolohov.

— Ele vai ficar bem com essa coisa? — perguntou Dennis a Merlin, franzindo um pouco a testa.

Merlin simplesmente sorriu e fez ressoar o seu bastão contra o chão enquanto subia. Despercebidamente, um raio de faíscas verde limão saiu disparado do extremo, redemoinhando e resplandecendo como pirilampos na sua esteira.

— CAPÍTULO 21 —

O Presente da Caixa Verde



As últimas semanas do ano escolar passaram perante James como um borrão, extraordinariamente livres de perigo mortal e de aventuras, mas no entanto envolvidas com o stresse, não muito menor, dos trabalhos, exames finais e práticas de varinhas, todos eles relativamente bem vindos após a Encruzilhada dos Anciões. Ninguém ficou muito surpreso por os Hufflepuff terem ganho a Taça das Equipas, sendo a única equipa que tinha evitado as grandes reduções de pontos por estar envolvidas nas diversas actividades da conspiração de Merlin. Somente a confusão da vassoura tinha custado aos Ravenclaw e Gryffindor cinquenta pontos cada uma.

Na manhã do último dia lectivo, James estava a colocar os seus livros e mantos escolares extra no malão quando Noah subiu como um tufão pelas escadas a chamar.

— Ron Weasley está na chaminé. Quer falar contigo.

James sorriu.

— Excelente! Diz-lhe que vou já!

— James, cuidado! — gritou tio Ron um minuto mais tarde quando James tropeçou enquanto descia as escadas, ainda a dar um nó numa gravata. — Muito respeitável tudo isso. Passaste um ano em grande, não foi?

James assentiu.

— Eu suponho que sim. Devo passar, no fim de contas. Passei toda a noite de segunda-feira a preparar-me para o teste prático de Defesa Contra as Artes das Trevas de Franklyn, depois tive a mais horrível sensação de que tinha esquecido tudo cinco minutos antes do teste.

— Não me refiro às tuas obrigações escolares, oh brincalhão — disse o rosto na fogueira, com um sorriso ladeado. — O teu pai contou-mo tudo sobre a conspiração Merlin que descobriste.

— Sim, bom... — disse James timidamente — Foi tudo muito emocionante por um tempo, mas foi estranho. Cinco semanas de trabalhos e, de repente, parece como se tudo tivesse acontecido a outra pessoa.

— É assim que funciona — assentiu Ron. — As partes chatas da vida cobrem as tuas memórias e deslocam as partes emocionantes até que delas só restem pequenos flashes. É assim que o cérebro se comporta com as coisas, suponho. E por falar nisso, como está o professor Jackson?

James revirou os olhos.

— Nada pode manter o velho Cara de Pedra em baixo por muito tempo. Na verdade não ficou ferido no duelo com a Delacroix, ainda que a sua varinha de reposição não fosse tão poderosa quanto a que ela partiu. Aparentemente perseguiu-a pela floresta durante horas e finalmente encurralou-a numa clareira. Disse que a tinha atingido, mas que ela lhe tinha armado uma cilada, chamou náíades e dríades para que lutassem junto com ela. As árvores atacaram-no por trás, deixando-o inconsciente. Foi assim que conseguiu a grande ferida na testa. Mesmo assim, voltou de novo às aulas um dia depois que do Prescott ter ido embora, e desde então tem lançado fogo no Zane e em mim.

Ron arqueou uma sobrancelha.

— Na realidade não o podes culpar, suponho.

— Devolvemos a mala e pedimos desculpas e isso tudo. Quero dizer, sei que arruinamos a sua luta de toda uma vida para proteger o manto relíquia e impedir o regresso do mago mais perigoso de todos os tempos e tudo isso, mas vamos lá! Merlin provou ser bom. A Delacroix foi enviada para os Estados Unidos para ser submetida a um julgamento nos tribunais mágicos da América. No final tudo correu bem, não é?

— Tudo o que posso dizer é que se eu fosse a ele, desejar-te-ia aranhas nas tuas gavetas durante o resto da tua vida — resmungou Ron. — Mas isso seria ,mau para mim... A minha mente tende a ir por esses caminhos.

— Oh vá lá, tio Ron. Eu queria corrigir as coisas. Gostava do professor Jackson no princípio.

— Com o risco de soar como um adulto responsável, James, as acções têm consequências. Pedir perdão é óptimo, mas “desculpa” não é uma palavra mágica. Não só estragaste os planos de Jackson, deste uma facada no seu orgulho. Foste capaz de o

enganar. Na mente dele, fizeste-o passar por um fraco. É difícil que um tipo como ele supere algo assim. Francamente, não o podes culpar, não é?

— Acho que não — concordou James mal-humorado. — Pelo menos, ele não nos reprovou em Tecnomância. Embora por pouco.

— Bom rapaz. No entanto, não te empenhes demasiados nas aulas. Tens uma reputação a manter.

— Ou destroçar — zombou a voz de Noah próxima.

— Ouvi isso, Metzker — disse Ron severamente. É uma orgulhosa tradição Potter passar à rasquinha de ano. Iniciada pelo primeiro James Potter. Também, olha quem fala, senhor Gremlin.

— Tive boas notas este ano, em geral — disse Noah melindrosamente.

Ron sorriu novamente.

— Graças à tua amiga Petra, sem dúvida. Ela é para vocês Gremlins o que a Hermione foi para o Harry e para mim. Espera. A tua tia quer falar contigo, James.

O rosto entre as brasas perdeu-se de vista. Um momento depois, o sorriso agradável e o cabelo perpetuamente encrespado de Hermione tomaram forma.

— James, estás muito bonito — disse com orgulho. — Não liguês ao teu tio. Ele estudava muitíssimo e preocupava-se tanto com as suas notas como o resto das pessoas.

— Isso não é verdade! — gritou uma voz amortecida desde as profundidades da lareira.

Hermione fez uma careta.

— Bom, *quase* tanto como as outras pessoase — reconheceu. — Em qualquer caso, os teus pais ficarão muito orgulhosos de ti, assim como o teu tio e eu. Oh, mal posso acreditar como o tempo passa depressa. Parece que ainda ontem estivemos aí — suspirou, olhando à volta da sala comum. — Parece quase exactamente igual. Teremos que ter tempo para uma visita no próximo ano. Vai ser agradável ver de novo esse velho lugar. — Mesmo entre as brasas, os olhos de tia Hermione brilhavam um pouco. Piscou, e depois voltou a olhar para James. — A propósito, James. O Ron tem falado com o teu pai, sabes, e os dois queriam perguntar-te uma coisa. Eu acreditei, contudo, que seria melhor que alguém que não fosse um deles começasse o assunto, francamente, os dois ficaram tão estúpidos sobre isso que poderiam influenciar a tua resposta.

— O que foi? — perguntou James ajoelhando-se em frente à chaminé.

— Não te ajoelhes — repreendeu Hermione automaticamente. — Vais sujar as calças de cinzas. É sobre a directora. Está a planear aposentar-se, sabias?

James não sabia.

— Sério? Mas... o que fará então?

Hermione dirigiu-lhe um olhar que dizia que acabava de se lembrar quantos anos ele tinha.

— Minerva McGonagall tem toda uma vida fora das paredes de Hogwarts, James, por mais que te custe acreditar. Inclusive, fiquei a saber, ela aceitou a proposta do senhor Finney para jantar em Londres.

— Sério? — uivou James.

— Sério? — interveio Noah quase simultaneamente do sofá, levantando o olhar do seu livro. Hermione revirou os olhos.

— Foi um encontro estritamente profissional, posso assegurar-lhe. Efectuou algumas pequenas alterações na memória do senhor Finney, na realidade não o fez esquecer da sua visita, mas a alterou. Tudo foi parte da agenda do senhor Dolohov para “limpar”, como ele diz, o registo de segurança da escola ...Contudo — acrescentou Hermione, baixando um pouco a voz, — falou muito bem do Mr. Finney. Seria muito agradável pensar que ela possa encontrar um, *er, companheiro*. Afinal...

— Hermione! — A voz de Ron surgiu de novo das profundidades da chaminé.

— Em todo o caso — disse Hermione, ficando séria. — Sim, a directora planeia aposentar-se, talvez até mesmo neste verão, considerando que encontre um substituto adequado. O mais provável é que continue a ensinar Transfiguração e a ajudar o novo director, quem quer que seja ele ou ela. Alguns tinham sugerido Neville Longbottom, mas o Ministro considera que é muito jovem para ocupar o cargo, o que é singelamente estúpido, mas os políticos ainda são tão...

— Merlin! — exclamou James — Vocês estão a pensar pedir-lhe que seja o novo director!

Um grito de alegre triunfo emanou das profundidades da chaminé. Hermione franziu a testa.

— Podem deixar-me fora disto, muito obrigada. Foi tudo ideia do teu pai e do teu tio. Mas posso ver que estás tão louco quanto eles.

— Mas, como é que ele pode ser o director? — perguntou Noah, saltando para fora do sofá e agachando-se na frente da lareira. — Desculpe — acrescentou rapidamente. — Não pude evitar ouvir tudo!

— A sério? — replicou Hermione um pouco ironicamente. — Credo, e eu que tinha acreditado que estavas devidamente concentrado no livro de Aritmância. Que tonta que eu sou. No entanto, mantenham isto em segredo, os dois. Oh!, mas o que estou aqui a dizer? Ron, é melhor explicares isto. — Suspirou e soprou uma mexa de cabelo afastando-o do seu rosto num gesto que em James evocou as suas primeiras recordações da tia Hermione. Dirigi-lhe um sorriso confuso. — James, faz uma boa viagem. Vemo-nos numa semana.

A Rose e o Hugo enviram saudações e pedem que lhes compre alguns doces de caldeirão no comboio. Bom dia, Noah.

Hermione desapareceu das brasas e o rosto do tio Ron apareceu novamente.

— Excelente ideia, hein? — declarou, olhando de Noah a James entusiasticamente.

— Mas, como? — perguntou Noah de novo. — Quero dizer, este tipo era o mago mais potencialmente perigoso da história do planeta há umas semanas, não é? E agora vocês acham que o Ministério vai colocá-lo à frente dum bando de crianças?

— Não sem um monte de supervisão — disse Ron rapidamente. Obviamente pensamos muito nisso. — É aí que entram a McGonagall e o Neville. Eles o vigiarão e ajudarão, como uma espécie de conselho de directores. A McGonagall concorda, apesar de que nós tivemos que forçá-la um pouco. Basicamente tinha medo de acabar por fazer o trabalho todo, e Merlin ter o crédito. Pode acontecer, também, suponho, mas eu e o teu pai não pensamos assim. Merlin parece ser o tipo de homem nascido para mandar, sabem?

— Sim — concordou James. — Mas, mesmo assim, provém duma época em que mandar significava dizer às pessoas qual guilhotina tinha a cauda mais curta. Não posso imaginar que o Ministério iria concordar em colocá-lo a cargo de Hogwarts.

— Merlin é surpreendentemente rápido a aprender, James — disse Ron com seriedade. — Tem rondado por todo o Ministério, conhecendo pessoas e tendo grandes e longas discussões sobre a forma como as coisas funcionam actualmente. Ele está a aquecer o panorama, tenho que admitir isso!

— Então por que não o colocam lá fora, em algum lugar? — perguntou Noah. — Quero dizer, o feiticeiro mais famoso em todo mundo e tudo isso. Qualquer pessoa pensaria que estaria na fila para Ministro da Magia, para dizer o mínimo.

Ron riu algo maliciosamente.

— Eu suponho que vocês são jovens demais para compreender as consequências das palavras “sobre qualificado e inexperiente”. Basicamente, nenhum departamento quer isso. Um tipo como o Merlin não trabalha bem atrás duma secretária, para começar. E é provável que qualquer chefe de departamento que o contracte não fosse chefe do departamento por muito tempo depois de o fazer.

— Queres dizer que ele assumiria o controlo, certo? — confirmou James.

— Assumiria o controlo, para dizer o mínimo. Ele é tipo uma bala perdida. Claro, provavelmente é o feiticeiro mais poderoso vivo hoje em dia, mas com uma falha de mil anos na sua experiência de trabalho. Não importa o quão rápido ele se actualiza e garanto-vos que ficaria mal no tapete vermelho no mundo do Ministério. O teu pai mal o pode suportar, James. Pensa no que seria enfrentar um tipo que pode banir os seus inimigos ao mundo das trevas com um único olhar. A questão é que o Ministério está à procura dum lugar “adequado” para colocar o velho. Algum lugar o suficientemente proeminente para um feiticeiro do seu nível, mas o suficientemente longe para que não seja uma ameaça para ninguém, metaforicamente falando. Ou, talvez *nem* tão metaforicamente falando. Nunca se sabe.

— E vai daí que Hogwarts está a precisar dum novo director — disse Noah, sorrindo.

— Bom? — disse Ron respondendo ao sorriso de Noah. — Parece um pouco perfeito demais, não é?

— Mesmo que o Ministério esteja de acordo com isto, achas que ele aceita? — perguntou James.

Na lareira, Ron pareceu encolher os ombros.

— Quem pode dizer? Ninguém lhe perguntou ainda. Mas vamos lá por ordem — Ron ficou sério e estudou James. — Conhece-lo melhor que ninguém, sobrinho. Estavas lá quando ele retornou do passado. Foste tu quem falou com ele para que voltasse e ajudasse Hogwarts e o mundo mágico. O que achas? Achas que poderia ser um bom director? Achas que deveríamos perguntar-lhe?

Noah recostou-se contra a base do sofá, estudando James e aguardando a sua resposta. James sabia que devia pensar nisso, mas já sabia a sua resposta. Merlin era um homem complicado, e não exactamente o que qualquer um chamaria “bom”, não no sentido em que tinha sido Albus Dumbledore, ou mesmo Minerva McGonagall. Mas James sabia algo: Merlin *queria* ser bom. Era difícil dizer se era melhor ter um director que fosse bom por natureza, ou um que fosse bom porque tinha que tentar ser assim todos os dias, mas James tinha idade suficiente para saber que se tratava de um risco que valia a pena correr. Além disso, a parte *Gremlin* de James sussurrou, “*poderia ser divertido ter um director que exilasse alguém como Tabitha Corsica às trevas com apenas um piscar de olhos*”.

— Peçam-lhe! — disse James, assentindo uma vez, enfaticamente. — Se o Ministério aceitar, peçam-lhe. E espero que aceite.

— Uhu! — uivou Noah, lançando suas mãos no ar.

— Mantenham isto em segredo por enquanto — disse Ron severamente. — Se se souber uma palavra disto antes que o teu pai e a Hermione arranjem as coisas no Ministério, poderia estragar tudo. Captaram?

Noah assentiu.

James sorriu em acordo.

— O teu pai recuperou o manto e o mapa, não? — perguntou Ron para James mudando de assunto.

— Sim. E aparentemente vou ser castigado quando regressar. Duas semanas sem a minha vassoura.

Ron estalou a língua.

— Logo quando estavas a começar a melhorar muito, pelo que ouvi. Ah, bom. Sabes que o teu pai tem que manter as aparências castigandondo-te e tudo isso, mas está orgulhoso de ti. Estou-te a dizer.

O sorriso de James cresceu e as bochechas coraram.

— Não que eu tentasse de novo, se fosse a ti — disse Ron, enquanto o sorriso se desvanecia. — Uma vez tem o seu charme. Se fizeres algo assim de novo,

provavelmente a Ginny decidirá ensinar-te na cave de casa. Estou-te a dizer, a tua mãe não é alguém com quem se possa brincar, James.



Mais tarde naquela tarde, James encontro-se com Zane e Ralph do lado de fora da escola enquanto os Alma Alerons se reuniam para embarcarem. Enquanto observavam, os três veículos voadores foram conduzidos para fora da Garagem e depois, a Garagem foi desarmada e colocada dentro da mala do Dodge Hornet.

— Há algo profundo e místico em tudo isto, mas não posso estar a forçar — disse Zane com ponderação.

— O quê? Numa Garagem do tamanho duma casa a ser embalada em poucos minutos?

— Não. Na forma em que o professor Franklyn parece ser mais e mais popular entre as raparigas quanto mais se aproxima a sua partida.

Era verdade. Franklyn era muito popular entre as mulheres, desde as senhoras mais velhas até às meninas mais jovens, que riam estupidamente quando ele passava ao seu lado, tocando gentilmente cada uma na cabeça. As únicas mulheres sobre as que não parecia ter efeito eram a directora e Victoire, que afirmava achar que era um velho charlatão presunçoso. Ted tinha explicado que uma das vantagens de ser velho era ser livre para fazer charme com qualquer rapariga, porque nenhuma delas o levava o suficientemente a sério para se sentir ofendida.

Zane achou isto extremamente instrutivo.

— Quando for velho, vou lançar charme assim — disse melancolicamente.

— Ele nem sequer faz isso — disse James, entrecerrando os olhos. — Mal lhes sorri e age de forma tímida, como sempre.

— Isso só demonstra que *sabe* como é.

Ralph pôs os olhos em branco.

— Estou surpreendido que não estejas a tomar notas.

— Deveria oferecer-se para dar uma aula — disse Zane seriamente, observando Franklyn a inclinar-se e a beijar a mão de Petra Morganstern como despedida. Petra sorriu e olhou para ele de soslaio, corando um pouco. Quando Franklyn se endireitou, ela inclinou-se para frente e deu-lhe um beijo recatado na bochecha.

— Senhoras e Senhores de Hogwarts — disse Franklyn, virando-se para se dirigir à multidão. — Foi um grande prazer para nós servir-los este ano. Foi, como eu sabia que seria, um ano notavelmente instrutivo para todos nós. Consolidamos a nossa disposição

de trabalhar com a comunidade mágica europeia para manter a justiça e igualdade em todo o mundo, não só no mundo mágico, mas para toda a humanidade — Analisou a multidão, sorrindo e, em seguida, tirou os óculos e suspirou. — Estamos, eu suspeito, no início de tempos desafiadores. Sopram ventos de mudança. Em ambos os lados do oceano enfrentamos forças que sacudirão os alicerces da nossa cultura. Mas nós tornamos-nos amigos, nós e vós, e permaneceremos unidos, não importa o que possa vir. Eu estive por aqui muito tempo, e posso dizer com algum grau de confiança que essa mudança *sempre* esteve no ar. O desafio para os homens bons não está em impedir a mudança, mas em moldar o futuro, para que nos possa beneficiar, em vez de nos destruir. Após este ano, estou indubitavelmente confiante de que poderemos ter êxito neste embate.

Houve uma ronda de aplausos, apesar de James a ter sentido um pouco superficial. Nem todos naquela multidão concordavam com Franklyn, e nem todos pelos mesmos motivos. Ainda assim, foi um bom discurso, e James alegrava-se de que Franklyn o tivesse feito. Enquanto a multidão ainda estava a ovacionar, Franklyn subiu na Carocha Volkswagen, saudando uma vez mais da porta aberta.

Alguém deu um golpe em James no ombro. James virou-se e depois teve que olhar para cima. O professor Jackson estava de pé por trás dele. Alto e vestido de preto Jackson parecia mais imponente que nunca. Olhava para baixo com o nariz erguido e as densas sobrancelhas baixas.

— Pensei que poderias querer conservar isto — disse Jackson. James percebeu que o homem sustentava uma pequena caixa de madeira. Jackson observou-a, sustentada entre as suas mãos e depois entregou-a a James. — Foi encontrada nas salas de Madame Delacroix. Acho que te pertence mais do que a ninguém. Dispõe dela de acordo com as tuas necessidades.

James segurou a caixa, que era surpreendentemente leve. Era de uma estranha cor verdosa, coberta de profundas talhas decorativas. Lembrou-se das trepadeiras da porta da Fortaleza da Gruta. Levantou o olhar para perguntar ao professor Jackson o que era, mas o homem já cruzava a passo largo o pátio para o Stutz Dragonfly. Parou quando chegou ao veículo e depois virou-se, levantando uma mão para a assembleia, com o seu rosto de pedra, como dizia a sua alcunha. A multidão aclamou, uma ovação muito mais longa e duradoura do que a que Franklyn tinha recebido. Surpreendentemente, Jackson tinha-se tornado o favorito de Hogwarts, não tanto pela sua fama de carrancudo mas por causa da sua conduta.

Uma vez que Jackson estava a bordo do veículo, o resto do grupo embarcou rapidamente. Os delegados de capas cinzentas do Departamento Americano de Administração Mágica tinham chegado de Londres um dia antes para se reunirem com seus colegas para a viagem de volta aos Estados Unidos. Meteram-se nos veículos, fazendo gestos de despedida com a cabeça para o grupo. Os últimos foram os

motoristas, que acomodaram o enorme monte de malas nas malas dos carros, aparentemente sem fundo, e depois subiram nos assentos dianteiros para conduzir.

As asas despregaram-se dos veículos suavemente, com delicadeza, e começaram a açoitar o ar. O Dodge Hornet descolou. Com um rangido de molas e um chiar de metal, levantou-se no ar, girando lentamente. O Stutz Dragonfly e o Carocha Volkswagen seguiram-no, o baixo zumbido das suas asas sacudiu o ar, fazendo ondular a relva do pátio. Depois, com graça e velocidade súbitas, flutuaram, levantando-se, com a frente inclinada para o chão. Em menos de um minuto o ruído da sua partida tinha-se perdido entre as últimas rajadas de vento que sopravam ao longo das colinas.

Ralph, Zane, e James espalmaram-se sobre um banco perto da entrada do pátio.

— O que está na caixa que Jackson te deu? — perguntou Ralph, estudando-a curiosamente.

— Se eu fosse a ti, nem sequer a abria — advertiu Zane — Lembra-te do que disse sobre fazer as nossas vidas “interessantes”? É o tipo de pessoa que espera até ao momento de partir para obter vingança sobre ti. Assim, não está por perto quando começar o problema — Zane golpeou com um dedo o lado da sua cabeça, sabiamente.

James franziu a testa e sacudiu a cabeça lentamente. Estudou a caixa que repousava no seu colo. Tinha um trinco metálico na parte da frente que mantinha a tampa fechada. Sem dizer nada, girou o trinco e levantou a tampa. Zane e Ralph inclinaram-se para frente, esticando seus pescoços para ver. O interior da caixa estava forrado com um veludo roxo. Estava um objecto lá dentro, situado sobre um pedaço de pergaminho dobrado.

— Não toco nisso — disse Ralph, voltando a recostar-se para trás. — É um boneco.

James pegou e sustentou-o no alto. Certamente, era uma pequena figura, toscamente fabricada de tecido e barbante, com botões desiguais como olhos.

Zane deu uma olhada com rosto sério.

— És... és tu, James.

Efectivamente. A figura tinha uma notável semelhança. O fio preto da cabeça fazia uma boa representação do cabelo revoltado de James. Inclusive a forma da cabeça, a linha da boca costurada, e a colocação dos olhos de botão formavam um pavoroso retrato.

James estremeceu.

— É um boneco voodoo — disse. Lembrou do bilhete dentro da caixa. Os três rapazes inclinaram-se para o ler quando James o desenrolou.

Caro Mr. Potter,

Certamente reconhecerá este objecto. Não houve tempo neste ano no plano de estudos de Tecnomância para discutir a antiga arte das Representações Harmónicas (Arte Figurativa Harmónica), mas suspeito que compreende o que significa. Isto foi encontrado nos aposentos de

Madame Delacroix. Após uma breve discussão entre a directora e os retratos de Severus Snape e Albus Dumbledore. – Os quais, deveria saber, estão muito interessados em si – Foi decidido que poderia beneficiar-te saber como Madame Delacroix utilizou este objecto contra si. Na realidade, a elegância da sua manipulação é bastante impressionante. Este boneco estava colocado ao lado da figura, muito maior, do seu pai, Harry Potter; Do outro lado estava uma vela. Parece evidente que mantinha a vela acesa o tempo todo. Fica claro que, o resultado, senhor Potter, era que o seu boneco estava sempre na sombra da figura do seu pai.

Há sempre um grão de verdade nas manipulações da arte voodoo. Delacroix sabia que lutaria legitimamente com as expectativas do seu lendário pai. A lição que deve aprender disto, senhor Potter, é que as emoções não são más, mas devem ser examinadas. Conheça-se a si mesmo. Os sentimentos sempre parecem válidos, mas podem-nos confundir. E podem, como viu, ser utilizados contra nós próprios. Repito, como seu professor e homem mais velho que si, conheça os seus sentimentos. Domine-os ou eles o dominarão.

Theodore Hirshall Jackson

— Opa! — suspirou Ralph. — Não lhe chamávamos “a rainha do voodoo” por nada!

Zane perguntou.

— O que vais fazer com ele, James? Quero dizer, se o destruires, serás destruído de alguma forma?

James encarou a pequena e pouco atraente caricatura de si próprio.

— Creio que não — respondeu pensativamente. Não me parece que o Jackson mo tivesse dado isto nesse caso. Acho que ele só quis que me lembrasse do que aconteceu. E tentar assegurar-se de que nunca aconteça novamente.

— E? — repetiu Zane — O que vais fazer com isso? — James levantou-se, metendo o boneco no bolso das suas calças.

— Não sei. Acho que o guardarei. Pelo menos durante um tempo.

Com isso, os três rapazes vagaram sem rumo para a escola, decididos a fazer o mínimo possível no seu último dia de aulas.



Mais tarde naquela noite, incapaz de dormir pela emoção da partida do dia seguinte, James saiu da cama. Deslizou escadas abaixo para a sala comum, com a esperança de que mais alguém pudesse estar acordado para um jogo de xadrez de feiticeiro ou até mesmo de Winkles e Augers. Pelo brilho das brasas, a sala parecia estar

vazia. Enquanto dava a volta para sair, algo atrapalhou a visão de James e ele observou de novo. O fantasma de Cedric Diggory estava sentado perto do fogo. A sua forma prateada ainda era transparente, mas notavelmente mais sólida do que da última vez que ele a tinha visto.

— Eu estava a tentar pensar num nome para mim — disse Cedric, sorrindo quando James lançou-se sobre um sofá próximo.

Você já tem um nome, né? — respondeu James.

— Bom, não um nome de fantasma apropriado. Não como “Nick Quase Sem Cabeça” ou “Barão Sangrento”. Preciso de algo com estilo.

James considerou-o.

— Que tal “O Caçador de Muggles Chatos”?

— É um pouco longo.

— Bom, podes melhorá-lo?!

— Eu estava a pensar... é melhor não te rires — disse o fantasma, lançando à James um olhar severo. — Estava a pensar em algo como “O Espectro do Silêncio”.

— Hum — respondeu James cuidadosamente. — Mas não és silencioso. De facto, soas muito melhor agora. A tua voz já não soa como se vinda do Grande Além.

— Sim — concordou Cedric, — estou um pouco mais... aqui, de certa forma. Agora, sou tão fantasmagórico quanto o resto dos fantasmas da escola. Ainda que eu estive em silêncio durante muito tempo, não?

— Suponho que sim. Mas mesmo assim, com um nome como “O Espectro do Silêncio” — disse James sem convicção — será difícil de pegar se vais andar por aí a conversar com as pessoas o tempo todo.

— Talvez eu me pudesse mostrar a meditar e calado um bom tempo — reflectiu Cedric. — Simplesmente flutuaria por aí parecendo mal-humorado e outras coisas assim. E então, quando passarem ao meu lado, as pessoas sussurram entre elas, “Ei, lá vai ele! O Espectro do Silêncio!”.

James encolheu os ombros.

— Vale a pena tentar. Suponho que tens todo o verão para praticar a melancolia silenciosa.

— Suponho que sim.

James endireitou-se repentinamente.

— Então, achas que vais ser o novo fantasma dos Gryffindor? — perguntou. — Quero dizer, como o Nick Quase Sem Cabeça foi para... onde quer que vão os fantasmas, a nossa Equipa já não tem fantasma.

Cedric pensou um momento.

— Na realidade, não me parece. Sinto muito. Eu era um Hufflepuff, lembraste?

James entortou-se novamente.

— Pois. Esqueci-me.

Passaram uns minutos e então, Cedric falou de novo.

— Foi algo óptimo o que fizeste, sair e chamar Merlin para que regressasse e nos ajudasse quando ele parecia ter ido para sempre.

James levantou a cabeça e olhou o fantasma. Franziu a testa um pouco.

— Isso? Bom, na realidade foi só um golpe de sorte. Foi por minha culpa que Merlin foi trazido para este tempo. Eu achava que estava a fazer um grande favor ao mundo, interpondo-me no caminho do malvado plano da Delacroix e Jackson. E resultou que ela me usou o tempo todo e que o Jackson era na realidade um bom homem.

— E... bem?! — argumentou Cedric. Aprendeste algo então, certo?

— Eu não sei — disse James automaticamente. Pensou durante um momento e depois acrescentou: — Sim, acho que sim.

— Em alguns aspectos tu e o teu pai são iguais, James — disse Cedric.

James riu um pouco sem humor.

— Não vejo como. Tudo o que eu aprendi é que a minha maneira de fazer as coisas não é como a do pai. Se tento fazer à maneira dele, tudo dá errado. Se tento fazer à minha maneira, poderia até ajudar, se as coisas se solucionarem por pura sorte. O caminho do meu pai foi ser um herói. O meu caminho é o caminho do gerente. O meu melhor talento é pedir ajuda.

— Não, James — disse Cedric, inclinando-se para frente para olhar James directamente nos olhos, — o teu melhor talento é inspirar as pessoas que *queiram* ajudar. Achas que isso não é importante? O mundo precisa de pessoas como tu, porque a maioria das pessoas lá fora, não têm a coragem ou a paixão ou a direcção para serem heróis. *Querem* ser, mas precisam de alguém para lhes dizer *porquê*, e mostrar-lhes *como* o fazer. Tens um dom, James. O teu pai foi um herói porque ele era o Rapaz que Sobreviveu. Ele tinha um destino. Não foi um caminho fácil para ele, mas era um caminho *óbvio*. Havia o Harry e havia Voldemort. Ele sabia onde estava e o que tinha que fazer, mesmo que isso o matasse. Tu, no entanto... és um herói porque escolheste ser isso, todos os dias. E tens talento para encorajar outros para que o escolham também.

James encarou os carvões enegrecidos do fogo.

— Eu não sou um herói.

Cedric sorriu e recostou-se para trás de novo.

— Pensa isso só porque acha que os heróis ganham sempre. Confia em mim desta vez, James. Um herói não é definido por ganhar. Muitos heróis morrem no esforço. A maioria deles nunca obtêm nenhum reconhecimento. Não, um herói é só alguém que faz o correcto quando seria muito, muito mais fácil não fazer nada.

James virou-se para olhar o fantasma, com um sorriso torto.

— Talvez te devêssemos te chamar “O Espectro da Tolice”.

— Ha, ha — riu-se o fantasma.

James levantou-se de novo.

— Obrigado, Cedric. Isso... ajuda.

Cedric assentiu. James voltou para as escadas, mas deteve-se com o pé no degrau inferior.

— No entanto, existe algo que ainda me incomoda, Cedric. Talvez saibas algo sobre isso, sendo um fantasma e tudo isso.

— Talvez. Diz.

— A dríade da floresta disse que existe um herdeiro de Voldemort. Ela disse que esta pessoa estava viva e muito perto, aqui nos terrenos da escola.

Cedric assentiu lentamente.

— Eu estava lá quando contaste ao Snape.

— Bom, quem quer que seja, acho que foi quem tirou o GameDeck do Ralph e usou o nome de Austramaddux. Se não fosse por isso, nada disto teria acontecido. Quem quer que seja tem que ter trabalhado com a Miss Sacarhina desde o princípio.

Cedric relaxou o olhar, olhando através de uma janela próxima.

— Acreditas saber quem é?

— Tabitha Corsica — disse James redondamente. — Eu pensei que poderia ser ela depois de falar com Snape e *ainda* continuo pensando que pode ser ela. Tudo bem, a sua vassoura não era o bastão de Merlin. No entanto há algo horripilante na vassoura dela. E *nela*, em geral.

Cedric levantou-se e caminhou através da cadeira, aparentemente sem perceber que o fazia.

— Tenho sentido algo, James. Admito. Sinto a sensação que Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado está aqui ainda. Que perdura dentro destas paredes. É como um cheiro, como algo rançoso e fétido... e roxo, de alguma forma. Talvez seja mais sensível para isso que os outros fantasmas. Afinal, ele foi o responsável pela minha morte.

— Sim — disse James tranquilamente. — Nunca esqueci.

— Mas James, as coisas raramente são tão óbvias como gostaríamos de pensar que são. No mundo real, pelo menos nos nossos tempos se não no de Merlin, o mal tem muitas formas, é confuso. Tens que ter muito cuidado. Às vezes, até mesmo as boas pessoas podem parecer más. Muitos de nós, incluindo o teu pai, cometemos esse erro com o professor Snape.

— Como eu — admitiu James, — com o professor Jackson.

Cedric assentiu.

— Mas podia jurar que a Tabitha estava envolvida em toda a história da conspiração de Merlin. Acha que seja verdadeira a história da Tabitha e da vassoura?

Cedric observou James durante um longo momento, estudando-o.

— Nunca imaginaste que a vassoura poderia ser exactamente aquilo que ela diz que é?

— O quê? — ofegou James — Um “artefacto muggle”? Isso é só uma artimanha que tirou da cartola, não é?

Cedric encolheu os ombros, mas pareceu mais o encolhimento de ombros de alguém que sabe mais do que tem intenção de dizer.

— As pessoas mais tenebrosas nem sempre são as que se inclinam para o mal, James. Às vezes, a pessoa mais tenebrosa é a que confunde as suas próprias mentiras com a verdade.

James piscou.

— Queres dizer que... a Tabitha Corsica *acredita* em todas as coisas que disse no debate? Que Voldemort realmente era um bom rapaz? Que foi espezinhado pelo Ministério e a classe mágica dirigente porque não podiam deixar que desafiasse o estado deles? Ela não pode acreditar *realmente* nisso, não?

Cedric voltou a olhar James, e depois suspirou.

— Honestamente, eu não sei. Mas sei que muitas pessoas acreditam. E ela parece ser muito sincera a esse respeito. Essa vassoura pode ter alguma magia tenebrosa no seu interior, mas isso não é nada comparado com a magia negra que alguém pode convocar se o seu coração é desonesto o suficiente para contorcer uma mentira até torná-la em algo que acreditam que é verdade.

Enquanto James se metia silenciosamente na sua cama, a sua mente voava. Nem sequer tinha considerado que Tabitha Corsica pudesse acreditar nas coisas que dizia. Ele tinha decidido que ela apoiava a propaganda do Elemento Progressivo porque aceitava e aprovava plenamente o seu objectivo final obscuro. Por um momento ele sentiu vagamente pena dela. Era terrível pensar que alguém como ela pudesse pensar que estava moralmente certa, e que ele, James Potter, e o seu pai, eram os malvados. Era quase impensável, mas não totalmente. Lá fora, a Lua estava cheia e brilhante. James adormeceu com os seus raios sobre o rosto, pálidos e frios, e a testa ainda ligeiramente franzida.



No dia seguinte, James, Zane, e Ralph avançavam com o Expresso de Hogwarts para a plataforma nove e três quartos. Os pais de Zane estavam ali, junto com a sua irmã mais nova, Greer, que olhava a gigante locomotiva carmesim com enorme assombro. Em pé, perto deles, James avistou a sua mãe e seu pai encorajando Albus e Lilian para que fossem com eles. Ele sorriu e saudou. Parecia como se tivesse passado apenas uma semana desde que os tinha visto do comboio enquanto este se afastava da estação, levando-o junto com a incerteza do seu primeiro ano em Hogwarts. Agora estava em casa de novo. Hogwarts era maravilhosa, pensou consigo mesmo, mas estava feliz de

voltar para casa depois de tudo. No próximo ano estaria acompanhado de Albus no comboio que levaria o seu irmão para o *seu* primeiro ano. Ele importunaria Albus interminavelmente sobre qual Equipa pertenceria. De facto, esse seria o seu projecto de Verão. Mas não se preocupava com isso. Mesmo que Albus não fosse um Gryffindor iria gostar dele. James sabia que se Albus fosse enviado para outra Equipa que não fosse a sua se sentiria inclusive um pouco ciumento. Mas só um pouco.

Quando se uniu à fila para sair do comboio, James acabou atrás de Ted. Percebeu que Ted estava a segurar a mão de Victoire.

— Vais causar um montão de problemas, sabes? — disse James, a sorrir.

— É uma tarefa difícil, ser tão controverso — disse Ted humildemente, — mas todos temos os nossos problemas para suportar.

— Osss meus paiss não deverriam verrr-nos juntoss — ordenou Victoire. — Ted Lupin, não estragueê tudo. Sabeê que não aprovarriam. Mantenha sua boca fechada. Você tambéem, Jamess.

— O sotaque dela é muito mais proeminente quando fica mandona, né? — perguntou Ted para James.

James sorriu. Era verdade.

Ele parou na porta aberta do comboio, olhando para a plataforma. Através da multidão de estudantes que regressavam, os barulhentos porteiros e os gritos dos familiares, viu Zane atolado no mútuo abraço da sua formosa mãe loira e alta, e do seu orgulhoso pai. A sua irmã foi absorvida para o abraço, aparentemente contra a sua vontade, feliz de ver de novo seu irmão, mas ainda fascinada pelo comboio carmesim. Ralph encontrou-se com o seu pai na plataforma com um abraço um tanto sóbrio, ambos sorriam um pouco timidamente. Ralph lançou um olhar para trás e James saudou-o.

— O pai diz que passaremos o Verão em Londres! Poderei visitar-te!

— Excelente! — gritou James felizmente em resposta.

E então, enquanto descia, James viu a sua própria família procurando-o. Naquele momento antes que o tivessem avistado, James saboreou a sua própria felicidade. Estava, sem dúvida, em casa. Correu para eles, apalpando o bolso das suas calças para ter certeza de que o pequeno boneco de Madame Delacroix ainda ali estava. Provavelmente não significava nada, mas não custava ser precavido. Não fazia nenhum mal de certeza.

— James! — gritou Albus, que o viu primeiro — Trouxeste-nos algo? Prometeste!

— E eu sou o quê? O Pai Natal? — respondeu James, a rir enquanto Albus e Lily quase o derrubavam.

— Prometeste! Prometeste-nos varinhas de alcaçuz do carrinho!

— E bolos de caldeirão para a Rose e o Hugo — acrescentou Harry, sorrindo.

— Opa, as notícias voam. Tá tudo bem! Eu trouxe coisas para todos! — admitiu James. Esvaziou os bolsos, enchendo as mãos de Albus e Lilian de guloseimas. Pegou no boneco de voodoo no fim e todos olharam um pouco intrigados.

— Mas que raio é isso, James? — disse Ginny, abraçando-o e depois estudando o objecto nas mãos do seu filho. — Parece... bom, tu!

O rosto de James rompeu-se num sorriso.

— É para ti, mãe. Pensei que gostarias de o guardar para quando eu for para a escola no próximo ano. Sabes, para te lembrares de mim.

Ginny olhou-o com curiosidade, e depois lançou um olhar para Harry. Ele encolheu os ombros e sorriu.

— Bom, é um pouco estranho, mas bem — disse ela, pegando o boneco. — Se eu o abraçar, tu sentes?

James encolheu os ombros, demonstrando desinteresse enquanto a família começava a abrir caminho para o terminal principal.

— Eu não sei. Nada. É... tu sabes, suponho que vale a pena tentar.

Ginny assentiu, sorrindo e lançando um olhar para Harry. Ela teria que testar.

FIM



Prezado Leitor,

Muitíssimo obrigado por ter cedido algum tempo para ler este conto. Para mim é infinitamente surpreendente que o que começou como um pequeno exercício de escrita para eu mesmo, para a minha família e alguns amigos, já se tenha tornado quase um fenómeno mundial.

A última vez que verifiquei, mais de um quarto de milhão de pessoas tinham lido James Potter e a Encruzilhada dos Anciões, e esse número está a aumentar a cada dia. Na última recontagem, seis traduções estavam em andamento, feitas espontaneamente pelos leitores. Disseram-me que essa quantidade de leitores é bastante incomum no mundo das *fan fictions* (um termo de que eu nem sequer tinha conhecimento quando comecei esta história), sendo assim sinto-me honrado pela sua generosa atenção.

Dizem que a pessoa mais criativa é a que melhor esconde as suas fontes. No entanto, no caso desta história, a fonte de inspiração é tão descaradamente evidente que pensei em citar algumas outras que contribuíram para esta história. Primeiro e acima de tudo, supostamente, esta história não existiria sem os mundos e personagens extraordinariamente elaboradas pela senhora J.K. Rowling. Conheço alguns leitores deste livro que, de facto, não leram nenhum dos relatos originais de Harry Potter (pelo menos, os meus pais) e encorajo-os fervorosamente a ler esses livros em primeiro lugar. Enfim, além da senhora Rowling, esta história está profundamente influenciada por outros dois autores ingleses.

Os leitores de C.S. Lewis reconhecerão grande parte do personagem e a história geral de Merlinus Ambrosius. Em muitos sentidos, o Merlin da minha história é uma revisão do fascinante livro do Mr. Lewis, *Aquela Força Medonha*, que é o terceiro livro de sua *Trilogia Espacial*. Eu li que a senhora Rowling encontrou inspiração para as suas histórias no clássico do Mr. Lewis, *As Crónicas de Nárnia*, de maneira que pensei ser procedente incluir em JPEA elementos de outra das suas maravilhosas histórias.

Como tem sido apontado por membros do fórum oficial de JPEA, também encontrei fonte de inspiração nas agradáveis histórias da série *Discworld*, do senhor Terry Pratchett. A ele particularmente, temos que agradecer o conceito geral da Tecnomância (mesmo que ele o faça muito melhor). Também “levei emprestado”, com o devido respeito, alguns dos nomes dos seus personagens. Para os amantes da fantasia e do humor inteligente, faltam-me as palavras para recomendar o sublime trabalho do Mr. Pratchett como merece.

Sinto-me bastante indulgente, mesmo só por o citar, mas tenho recebido milhares de mensagens de correio electrónico e comentários no fórum, fazendo todas elas a mesma pergunta: **Haverá uma continuação?** Como qualquer leitor pode ver, o final desta história deixa algumas questões importantes para responder: Merlin concorda em ser o novo director? Como ficam James, Harry, Ted e os outros, e a nefasta história familiar de Ralph? O que acontece com o Elemento Progressivo e o seu plano para ressuscitar a memória e os objectivos de “Lord Tom Riddle”? E o mais importante, quem é o misterioso descendente de Voldemort, e como é que esta pessoa se tornou tal?

Reflecti profundamente sobre esta questão e escrevi um blog bastante longo a respeito disso no fórum de JPEA, mas a resposta curta é sim, pretendo escrever uma sequela, ainda que não uma série completa de sete livros de James Potter. Há muitos argumentos na contramão de escrever uma sequela, um dos mais importantes é que é muito difícil encontrar tempo para escrever um romance que não pode, pela sua concepção, obter qualquer compensação económica. Por esse motivo, decidi que o meu próximo livro será totalmente uma criação original, que publicarei, — se for possível e digno disso —, com fins lucrativos. Depois disso, concentrar-me-ei de novo no mundo de James, Zane, Ralph, Tabitha e os outros para um segundo livro de James Potter.

Finalmente, alguns agradecimentos:

Agradeço à senhora Rowling por entreter tão intensamente a todos, que a muitos inspirou a pôr a caneta no papel por nossa conta.

Agradeço à minha esposa e filhos, que foram o primeiro público desta história e que me animaram para que o pusesse à disposição de todos vocês.

Agradeço ao Mugglenet.com por rejeitar esta história três vezes. Se não tivesse acontecido assim, muito provavelmente eu não teria criado o site que conquistou tanta atenção para este conto.

Agradeço a todos os meus novos amigos do Fórum “Grotto Keep”. O seu estímulo e constante crítica construtiva fizeram esta história muito mais poderosa no fim do que o foi no princípio.

Agradeço à Kaldi's Coffeehouse, Kirkwood, MO, onde escrevi a maior parte deste relato. Cada vez que Zane desfrutava de uma fumegante bebida matinal, sei que estava pensar em vós.

G. Norman Lippert

St. Louis, Missouri

27 — Dezembro — 2007



George Norman Lippert começou a desenhar e a escrever histórias por diversão aos três anos (ou, pelo menos, assim diz a sua mãe) e só recentemente descobriu que algumas pessoas realmente lhe pagariam para fazer essas coisas. A sua esposa gostaria muito que algum dia pagassem a George também por escrever, assim pelo menos poderiam arrumar a sua desmoronada casa e evitariam que o escritório de George caísse num gigantesco escoadouro do Missouri.

De qualquer forma, George tem a intenção de continuar a escrever histórias por diversão. Enquanto o seu escritório continuar sobre terra firme.

George vive com a sua esposa e dois filhos em St. Louis. Missouri.

Considerações dos Editores

James Potter e a Encruzilhada dos Anciões, foi escrito sem fins lucrativos, e é uma história maravilhosamente criada com a intenção de continuar um mundo que sabemos que tem mais a contar. Este é um estupendo exemplar literário que ilustrou o primeiro ano do filho do nosso bem conhecido feiticeiro.

Sinceramente, esta história, ainda que sendo o termo correcto, desmarca-se completamente de ser um fanfiction, já que graças à imaginação do autor, tem tão boa qualidade que poderia ser um livro com uma digna publicação e que indubitavelmente estaria à altura da saga de J.K. Rowling.

Os nossos mais sinceros agradecimentos a George Norman Lippert, por nos ter dado a oportunidade de conhecer o seu talento como escritor, e desta maneira, podermos compartilhar a sua obra com o resto da comunidade portuguesa. Ele soube continuar a tradição dos livros de HP, deixando-nos pistas ao longo do livro que se entrelaçaram num final surpreendente, com intriga e emoção. Claro que não foi uma aventura do tipo “vida ou morte”, mas, sem dúvida, a narrativa atingiu um nível muito profundo que não nos decepcionou.

E como foi possível que esta história chegasse a Portugal? Bem, aqui é onde se faz oportuna a ocasião para agradecer especialmente à nossa amiga lusitana: Ana Lurdes Campos, que concordou a ser a editora desta versão, com o seu tempo, esforço e dedicação. Sentimos-nos muito honrados pelo seu excelente trabalho.

Desejamos estender os nossos agradecimentos a Luana Tomé, que graças à sua boa vontade, foi a nossa insuperável correctora e leitora final.

Muitíssimo obrigado a todos por terem lido o nosso trabalho.

Ronald Bautista,
Colaborador da equipa de LLL